

ANNAES ^{ACEPVO}
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO
DO DIRECTOR GERAL
DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

*Litterarum seu. librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*
(PHILIBLION. CAP. XVI)



1913

VOLUME XXXV

SUMMARIO:

I.—Introdução	v
II.—Conferencias promovidas pela Bibliotheca Nacional e realizadas em 1912	1
III.—Idem em 1913	75
IV.—Historisch-Geographischer Katalog für Brasilien (1500-1908) von Joseph Scherrer	313
V.—A Bibliotheca Nacional em 1912. Relatório	419

RIO DE JANEIRO
Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1916

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR GERAL

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse ritam.*

(PHILOBIBLION. CAP. XVI)



1913

VOLUME XXXV

SUMMARIO:	I.—Introdução.	v
	II.—Conferencias promovidas pela Bibliotheca Nacional e realisadas em 1912	1
	III.—Idem em 1913.	75
	IV.—Historisch-Geographischer Katalog fur Brasilien (1500-1908) von Joseph Scherrer	313
	V.—A Bibliotheca Nacional em 1912. Relatorio	419

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1916

INTRODUÇÃO

Começam a ser publicadas no presente volume as conferencias promovidas pela Bibliotheca Nacional de conformidade com a disposição do art. 138 do seu Regulamento, expedido a 11 de Julho de 1911.

Iniciadas em 1912, são agora reunidas as que se realisaram nesse anno e no subsecente, á excepção de algumas cujos originaes deixaram de ser fornecidos.

Seis conferencias sobre o Brasil, considerado sob os pontos de vista litterario, artistico, scientifico, economico, social e internacional, formaram o programma organizado para o primeiro anno, alem da que, como abertura, teve por thema a remodelação por que acabava de passar a Bibliotheca e as vantagens d'ahi resultantes.

Mais numerosas foram as de 1913, tendo constado o respectivo programma de nove conferencias sobre assumptos brasileiros e vinte outras que constituiram duas series especiaes ou cursos, de que a Bibliotheca teve a iniciativa. Um desses cursos teve por objecto a historia da civilização, sua origem, sua marcha e seu desenvolvimento no mundo antigo e o outro versou sobre *folk-lore*.

Segue-se o *Historisch-Geographischer Katalog für Brasilien* organizado por Joseph Scherrer, de Zürich, contribuição de certo proveitosa para o repertorio bibliographico brasileiro, comprehendidas neste as obras estrangeiras referentes ao nosso paiz.

Abrange esse catalogo até agora inedito os trabalhos relativos á historia e á geographia do Brasil, dos quaes teve noticia o auctor, publicados até 1908, escriptos em lingua allemã ou para ella traduzidos, bem como outros cujos auctores pertencem a paizes de lingua allemã, não tendo sido incluidos os dictionarios, as encyclopedias e as cartas geographicas.

Completa o volume o Relatorio do movimento occorrido no estabelecimento durante o anno de 1912.

M. C.

CONFERENCIAS
PROMOVIDAS PELA
BIBLIOTHECA NACIONAL
E
REALISADAS EM 1912

ABERTURA DAS CONFERENCIAS, A 12 DE SETEMBRO DE 1912,
PELO DR. MANOEL CICERO

DA REMODELAÇÃO POR QUE PASSOU A BIBLIOTHECA NACIONAL
E VANTAGENS D'ALII RESULTANTES

Abrindo as conferencias a que se destina o recinto em que nos achamos, faço-o no desempenho de um encargo que se me afigura caber-me e a que me não poderia furtar.

Sirva-me de excusa perante vós, que ides ouvir-me e a quem de boamente o pouparia, a convicção de que me não seria licito eximir-me deste quasi dever.

O amor dos livros creou as bibliothecas.

Houve-as na antiguidade, ricas, ordenadas, installadas nos palacios e nos templos. Formavam-n'as placas e cylindros de argilla, taboas enceradas (*tabellae ceratae*), rolos de papyro (*volumina*), codices de pergaminho (*libri quadrati*).

A' entrada da bibliotheca sagrada de Osymandias, rei do Egypto, as palavras "Remedios d'alma", demonstavam eloquentemente que allí se cultivava o amor do livro e da leitura.

Não era menor o interesse que ao rei assyrio Assurbanipal inspirava a bibliotheca do palacio de Ninive, confiada aos cuidados de um funcionario especial, disposta por materias, devidamente catalogada.

Bibliothecas publicas houve em Athenas e houve em Roma. Quando Constantino transferiu para Byzancio a capital do Imperio, contavam-se em Roma nada menos de 28 bibliothecas abertas ao publico.

As mais notaveis, as mais ricas bibliothecas dos tempos antigos foram certamente as duas de Alexandria que juntas chegaram a comprehender 700.000 volumes.

Na idade media foram os livros encontrar abrigo nos conventos, onde trabalhavam os copistas (*librarii*) e dos quaes não foi proscripta a litteratura profana. Mosteiro sem livros, praça de guerra sem viveres (*castrum sine armario, quasi castrum sine armamentario*).

Nas bibliothecas dos mosteiros e nas das abbasdias é que a Renascença foi encontrar quanto restava dos autores latinos, ao passo que a tomada de Constantinopla dava logar a que emigrassem para o Occidente os manuscriptos gregos.

Ao mesmo tempo a invenção da imprensa, multiplicando os livros, veio facilitar o desenvolvimento das bibliothecas.

Ao livro xylographico da primeira metade do seculo XV succedeu sem demora o livro impresso sobre caracteres moveis, que é o livro moderno. Gutenberg tinha assegurado a diffusão da sciencia, o progresso das lettras, a liberdade do pensamento.

Reconstituíram-se e fundaram-se bibliothecas. Fortaleceu-se o amor dos livros. A bibliographia adquiriu novos elementos de vida. As bibliothecas abriram espaço ao livro impresso, adaptando-se á forma definitiva que o livro devia assumir, aperfeiçoando-se, procurando ser uteis e melhor desempenhar o seu papel.

Armazenar e classificar thesouros bibliographicos, acautelar o que é precioso é, por certo, uma das funcções das grandes bibliothecas, nem poderiam os cimelios ser confiados a outros institutos. Mas não é menos elevada a missão de prestar ao publico a maior somma de serviços, proporcionando-lhe a consulta de livros que, não sendo raros, sejam uteis, acompanhando com esse escopo a producção do espirito humano em todas as ordens de conhecimentos. Cabe-lhes ainda contribuir pelos meios a seu alcance para a elevação do nivel intellectual e moral do paiz, funcção civilisadora que lhes é imposta pela sua propria natureza, como centros de cultura que devem ser.

As grandes bibliothecas modernas são, pois, ao mesmo tempo museus de raridades, de preciosidades bibliographicas e estabelecimentos de utilidade pratica, bibliothecas de conservação e ao mesmo tempo de facil utilização por parte do publico, reservatorios do pensamento e fautores do progresso.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro vem, desde muito, accumulando riquezas, fazendo sempre convergir as suas vistas para o que diz respeito ao nosso paiz, sua historia, sua geographia, sua litteratura. Possui raridades innumeradas e dellas se ufana, mas não esquece que lhe cumpre preparar-se para occorrer ás justas exigencias do publico leitor.

Fundada em 1810 pelo Príncipe Regente D. João, que fez transportar de Lisboa os livros, numerosos e escolhidos, que formavam a bibliotheca real, foi, em 1814, franqueada ao publico em geral.

O terremoto de 1755 destruiu a Bibliotheca Régia. Forçoso era restabelece-la. Frei Manoel do Cenaculo induzio o douto colleccionador e bibliographo Diogo Barbosa Machado a offerter a D. José I a sua livraria, de inestimavel valor, da qual se não separou sem grande magua.

Essa admiravel collecção fez parte do precioso conjunto que foi transferido para o Brasil e serviu de nucleo a esta Bibliotheca. Foram-se-lhe aggregando, no decorrer dos annos, valiosas contribuições e a Real Bibliotheca de 1810 tornou-se, um seculo depois, o opulento repositorio que neste edificio veio encontrar accommodação condigna.

Como complemento da installação magnifica que lhe foi dado alcançar, impunha-se a necessidade, que aliás desde muito tempo se fazia sentir, de se lhe imprimir uma nova organisação. Reconheceu-a o Governo da Republica, expedindo, a 11 de Julho de 1911, o regulamento que está em vigor.

Consultando as necessidades que a experiencia tinha revelado e consagrando providencias na altura de as satisfazer, a nova organisação veio collocar a Bibliotheca em condições de bem preencher os seus fins.

Vejamos quaes foram as principaes innovações introduzidas.

Merecem destaque as seguintes: modificação na maneira de constituir as secções, sendo annexadas as cartas geographicas á secção de estampas, da qual se desmembrou o gabinete de numismatica; separação das publicações periodicas, como um ensaio de homerotheca; prolongamento da consulta até ás 10 horas da noite; funcionamento aos domingos; substituição do processo de provimento dos cargos; curso de biblioteconomia; conselho consultivo; emprestimo domiciliar mediante caução; investigações e estudos em outras bibliothecas, archivos e museus; serviço de bibliographia e documentação; concursos bibliographicos; serviço de informações; consulta, por meio de correspondencia; patrimonio; conferencias.

Continuaram a cargo da Bibliotheca os serviços que já lhe estavam affectos, entre os quaes o de registro facultativo para a protecção dos direitos autoraes e o das permutações internacionaes, com a amplitude que, na pratica, já lhe tinha sido dada nos ultimos annos.

Não nos deteremos a examinar senão algumas daquellas innovações e em primeiro lugar nos referiremos á recomposição das secções.

— Não deviam as cartas geographicas continuar a pertencer a duas secções, a de impressos e a de manuscritos, a nenhuma das quaes poderia ser entregue o conjuncto. Os pontos de semelhança que ellas offerecem, relativamente ás estampas, como desenhos ou gravuras que são, e as condições identicas que exigem a conservação e a consulta de umas e outras, estavam a indicar que de preferencia lhes fossem annexadas, constituindo a seu lado um ramo distincto, emquanto o desenvolvimento da collecção não venha a reclamar que se destaque.

As moedas e medalhas formam uma especialidade a ser estudada á parte, se não num estabelecimento independente, ao menos numa secção, que exclusivamente lhe seja destinada. E' como sciencia auxiliar da historia, — historia politica e economica, historia das artes e das sciencias, que cabe á numismatica um logar nas bibliothecas, não se podendo fazer o seu estudo senão em presença das collecções de moedas e medalhas.

O gabinete numismatico desta Bibliotheca, ao qual se reuniu ha alguns annos a collecção do Museu Nacional, merecia, pela sua importancia crescente, fosse elevado á categoria de secção.

A natureza dos objectos que ahí se guardam, o seu acondicionamento, a sua conservação, as cautelas que reclamam, os conhecimentos especiaes que suppõem, a necessidade de não distrahir com outros misteres aquelles a quem incumbir a sua difficil classificação, estavam a exigir a medida que foi adoptada.

— A hemeroteca ou bibliotheca de publicações periodicas, conservadas em separado, é uma das creações a que nos devemos referir. Funda-se na conveniencia de não deslocar os livros para acudir ao consideravel crescimento das collecções de jornaes e revistas, na de attender ás condições em que se deve fazer a consulta dos grandes volumes, na necessidade do registro de entrada por meio de fichas e na de uma constante verificação das lacunas a preencher.

O extraordinario desenvolvimento das numerosas e interminaveis collecções de jornaes causa apprehensões aos bibliothecarios, obrigados a destinar-lhes todo o espaço disponível. Na época actual, na *idade do papel*, a questão do espaço onde collocar, não só os periodicos, mas tambem os livros, cujo numero augmenta de dia para dia, é, por certo, das que mais devem preoccupar aos que têm a seu cargo a administração das bibliothecas.

Poucas bibliothecas farão como esta: colleccionar todos os jornaes e revistas que recebe, encadernal-os e procurar, tanto quanto possivel, completar as collecções de todos quantos se têm publicado ou se publicam em toda a extensão do paiz.

O jornal e a revista vieram substituir o pamphleto e o avulso. Nas collecções de jornaes vão encontrar-se copiosos subsidios para a historia contemporanea. Como deixar de conservar as revistas e magazines, se ahí está consignado todo o movimento litterario, scientifico e artistico, se o maior numero dos trabalhos ahí insertos, das monographias que ahí vêm á luz, não é tirado em separado, nem reunido em volume?

Não nos arreecemos da falta de espaço. Quando ella se fizer sentir, cumprirá enfrentar o problema e resolvel-o, proporcionando á hemeroteca, como á bibliotheca, a accommodação que se tiver tornado necessaria.

As bibliothecas do futuro terão de se dividir em ramos diversos ou occupar varios edificios, entre os quaes se estabeleça rapida communicação.

A hemeroteca constituirá necessariamente um daquelles ramos ou ainda se desdobrará por especialidades.

— Vejamos em que consistiu a alteração no modo de provimento dos cargos.

Foi substituído o concurso de provas pelo de títulos de habilitação, considerada, durante um anno, a primeira nomeação como interina, dependente de confirmação, conforme os serviços prestados, seguida de promoção por merecimento ou por antiguidade, não podendo esta dar logar á promoção ás duas categorias mais elevadas.

O concurso de provas não é sufficiente para dar a medida da aptidão e da capacidade de trabalho do candidato a exercer a sua actividade numa bibliotheca. Não basta escolher as pessoas que demonstrem dispôr de maior somma de habilitações. E' preciso indagar quaes as que, dispondo desses requisitos, se mostram mais capazes de se dedicar ao genero de trabalho que serão chamadas a executar e quaes as que maior inclinação revelam para o officio.

Alterando o modo de preencher os cargos, creou ao mesmo tempo o regulamento um curso de bibliothconomia e fez constituir um motivo de preferencia para a primeira nomeação e uma condição para a promoção a bibliothecario a apresentação do certificado de habilitação nas materias do curso.

As qualidades a exigir dos que pretendem servir nas bibliothecas só podem ser verificadas no decurso de um certo estagio. Muito recommendam o funcionario uma intelligencia superior e uma variada cultura; mas, se a tão invejaveis qualidades elle não allia o amor á ordem, a honestidade, a comprehensão do dever, a assiduidade e uma grande capacidade de trabalho, não está em condições de ser admittido, porque se tornará inutil, se não prejudicial.

Sem ordem não ha bibliotheca, mas um montão de livros. "Quem não ama a ordem até o escrupulo, diz Ebert, não tem uma das principaes qualidades que constituem o bibliothecario, não está apto para esse officio, que reclama ordem e precisão nas menores cousas e nas que aparentemente são de menor importancia."

A honestidade é condição essencial a ser exigida daquelles a cuja guarda são confiados os livros, que de outra sorte estariam expostos a serios perigos. Não é sufficiente, porém, ser honesto: é indispensavel estar verdadeiramente penetrado da noção do dever, sem a qual os cargos são sinecuras e as bibliothecas logares de ocio.

A ausencia dessa noção clara e precisa causa os maiores desastres. Ha quem pretenda ser admittido numa bibliotheca com o unico intento de dispôr de muitos livros, romances talvez, talvez livros de sciencia, para os ler *nas horas de trabalho*. E' tão inaceitavel essa classe de candidatos, como a dos que têm aversão ao livro e se vão entreter com os jornaes noticiosos e as illustrações ou passar o tempo em palestra, a impedir o trabalho alheio.

Sem a convicção de que lhe corre o dever de produzir uma somma apreciavel de trabalho, de que para outro fim não foi admittido e não é mantido, de que de outro modo se transforma em pensionista e se reduz a verdadeiro parasita, sem essa nitida comprehensão, o empregado de bibliotheca é, não só uma perfeita inutilidade, mas um estorvo ao engrandecimento, ao progresso da instituição.

Assiduidade proveitosa e constancia no trabalho são igualmente condições essenciaes.

As frequentes interrupções, a falta de continuidade prejudicam a uniformidade e protelam indefinidamente os trabalhos bibliographicos.

Sem funcionarios dedicados á Bibliotheca, que façam do seu officio um verdadeiro sacerdocio, applicando em beneficio della toda a sua actividade, é excusado pensar em a ter em ordem, em dia, em condições de ser verdadeiramente util.

E' claro que a taes requisitos se deve juntar uma cultura geral, bem como um preparo especial, technico, profissional, que a pratica irá aperfeçoar.

O curso de bibliothconomia, no qual só são admittidos os que tiverem seguido um curso de humanidades ou se submeterem a um exame de admissão, foi estabelecido para ministrar os conhecimentos technicos indispensaveis aos neophytos. Summario, theorico-pratico, não é mais do que uma base e um ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos. Bibliographia, paleographia e diplomatica, iconographia e numismatica constituem as quatro cadeiras de que consta o curso, estando incluídas na ultima a sigillographia e a philatelia e na penultima a cartographia, cadeiras que correspondem ás quatro secções: impressos, manuscritos, estampas e cartas geographicas, moedas e medalhas, comprehendidos assim na bibliothconomia todos os conhecimentos necessarios á organisação e á administração das bibliothecas.

Aquelles que reunirem os requisitos enumerados virão a ser a um tempo bibliographos e bibliophilos. A descripção e o cuidado dos livros fazem o amator e o cumprimento dos deveres de todos os dias resulta um agradável entretenimento em que elle se delicia, trabalhando infatigavelmente.

E' preciso, porém, fugir dos extremos. Nem o desamor, a indifferença, o abandono, nem a mania, a paixão excessiva. Saiba o bibliophilo evitar a avareza doentia, a inveja e o fanatismo do bibliomano, que o levam muitas vezes a perigosos excessos.

Refere Julio Janin que um certo frade hespanhol montou um pequeno commercio de livros raros para se entregar melhor á sua paixão por elles. O colleccionador sobrepujava o livreiro e a paixão empolgava-o de todo, se se lhe deparava um exemplar unico. Preso por ter morto um competidor para se apoderar de um livro precioso, do qual suppunha só existisse aquelle exemplar, teve uma dolorosa surpresa ao saber que um segundo havia sido descoberto. E condemnado á pena ultima, não se preoccupava com o seu fim proximo, mas lamentava profundamente que não fosse unico o exemplar de que se apossara por meio tão violento, que o ia levar ao patibulo. Tinha commettido um erro grosseiro: o seu exemplar não era unico. Outra de suas muitas victimas foi um padre que lhe comprara um livro raro e não assentira em desfazer a compra. Apunhalou-o o bibliomano, deu-lhe a absolvição *in-extremis* para em seguida lhe desferir o golpe decisivo. E proced'a assim porque os homens eram mortaes, mas, quanto aos bons livros, era preciso conserval-os.

Fugindo dos exaggeros do bibliomano, o bibliophilo, como diz Rouveyre, não procura, pelo livro, senão um meio mais directo e mais rapido, não só para si, mas para os outros tambem, de aperfeiçoamento intellectual e moral, sendo necessario que o conhecimento dos livros e o culto das lettras se dêem as mãos.

"Vivez dans la paix sereine des laboratoires et des bibliothèques", dizia Pasteur a seus discipulos, entre os quaes Emilio Duclaux, que accrescentava: "Vous n'y trouverez pas toujours la gloire; vous n'y trouverez jamais la fortune; mais vous y sentirez cette douceur d'être chaque jour quelque chose de plus que la veille et d'avoir apporté dans le monde votre part de vérité."

— Instituiu tambem o regulamento um conselho consultivo, cujo parecer deve ser solicitado pela Directoria sempre que tenha de informar a respeito dos candidatos á primeira investidura e acerca do merecimento para a promoção, devendo ter-se em vista num e noutra caso as habilitações, a assiduidade, o procedimento, a dedicacão ao trabalho e a importancia dos serviços prestados.

Problema capital como é para a Bibliotheca o da constituicão do seu pessoal, o systema estabelecido tem por fim acautelal-a o mais possivel contra a admissãõ de elementos inadaptaes e assegurar aos capazes, operosos e dedicados uma justa recompensa.

— O empréstimo domiciliar mediante depósito em dinheiro é uma das providencias agora admittidas.

A consulta é a vida das bibliothecas. De que valeria organisal-as para as conservar como necropoles ou como simples objectos de curiosidade, se ao publico não fosse dado utilizar-se amplamente dos elementos accumulados ?

Uma bibliotheca publica não preenche os seus fins de utilidade se lhe é vedado facultar a consulta em domicilio. Está claro que se devem tomar precauções contra o damno e contra o extravio e que se têm de exceptuar certas classes de livros. Sem taes cautelas, ser'ia de bom aviso supprimir o empréstimo. Em vez de o supprimir, o novo regulamento cercou-o de garantias, tornando-o effectivo mediante caução.

Não é aliás uma novidade semelhante medida. Já na idade media a caução era exigida nas bibliothecas dos conventos, como condição inevitavel. O systema foi adoptado no regulamento de 1321 da Bibliotheca da Sorbonna.

Conta-se que Luiz XI teve de se sujeitar á regra geral e depositar uma caução de 12 marcos de prata (cerca de 20 libras esterlinas) para obter por empréstimo um manuscripto arabico que desejava fazer copiar, cautela que não foi julgada sufficiente, pois a reforçou a fiança de um burguez, que se responsabilizou pela quantia de 100 escudos de ouro. Tratava-se de um caso extraordinario, do empréstimo de um documento precioso que exigia as maiores precauções.

Os livros que só podiam ser consultados "in loco" costumavam ficar encadeados (*libri catenati*), presos ás estantes por meio de correntes. Assim acontecia nas bibliothecas dos mosteiros, das cathedraes e das universidades.

Não é mais preciso acorrentar os livros, mas conserval-os em segurança, quando valiosos, e excluil-os do empréstimo.

Famosos colleccionadores de livros houve que não recebavam emprestal-os aos amigos. De um delles, João Grolier, é conhecida a divisa: *Io. Grolierii et amicorum*. Os seus livros eram tambem de seus amigos. Thomaz Maiolo fazia uso de divisa equivalente, mas accrescentava que não podia servir aos ingratos: *ingratis servire nefas*.

E' maior, porém, o numero dos amadores que se têm declarado adversarios do empréstimo, que não acreditam na sinceridade dos que adoptaram aquellas divisas e para os quaes o livro emprestado é desde logo considerado como meio perdido.

O bibliophilo que empresta um livro, na opinião de Octavio Uzanne, faz injuria a si mesmo, trabalha para o seu soffrimento, para as suas insomnias e para o castigo da sua generosidade. Arrepende-se sempre.

A exigencia do deposito de quantia superior ao valor do livro garante a restituição deste. A exclusão dos livros preciosos, dos periodicos, das obras de assidua consulta, etc., livra-os do risco de se extraviarem, de se truncarem as collecções ou de serem prejudicados muitos consultantes em beneficio de um só. Além dos livros impressos, permittiu-se fossem emprestados os manuscriptos existentes em duplicata, excepção feita dos originaes, cópias antigas e variantes.

O empréstimo de livros raros e manuscriptos preciosos, de uma bibliotheca a outra, de modo a serem examinados na propria bibliotheca que os requisita para satisfazer a determinados frequentadores, não é aqui permittido, nem seria prudente fazel-o, dadas as grandes distancias a percorrer e os perigos a que se exporiam os objectos enviados.

— O serviço de bibliographia e documentação, em correspondencia com o do Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas, representa uma das mais uteis providencias que o regulamento consigna. Comprehende a organização do

repertorio bibliographico brasileiro, a aquisição das fichas dos repertorios estrangeiros, a cooperação brasileira no preparo do repertorio encyclopedico, a organização do catalogo colectivo das bibliothecas do paiz e o uso publico desse catalogo e daquelles repertorios.

Começa modestamente esse serviço, annexado á Bibliotheca. Incumbidos de missão identica, têm sido fundados em outros paizes da America institutos independentes.

Como contribuição para o repertorio bibliographico universal, de que se encarregou o Instituto de Bruxellas, o repertorio brasileiro deverá obedecer ao systema de classificação decimal.

O repertorio universal é o registro por meio de fichas ou cartões de toda a produção intellectual manifestada pela escripta ou reduzida a escripto. Preparar esse inventario classificado, detalhado e tão completo quanto possivel constitue o objecto principal daquelle Instituto. Para o conseguir era, porém, indispensavel organizar a cooperação bibliographica internacional e adoptar um methodo uniforme. Cumpre a cada paiz, cioso da sua litteratura, ir ao encontro dessa nobre tentativa de universalisação bibliographica e contribuir para a realisação de tão grande obra de divulgação, instituindo um serviço bibliographico official que comprehenda toda a sua produção litteraria e scientifica e adquirindo em proveito dos estudiosos e investigadores uma duplicata dos repertorios estrangeiros. Sem a collaboração de todos os paizes, a inventariação será deficiente, será lacunosa. Sem um serviço brasileiro que organise a nossa contribuição, não se poderá esperar que a nossa bibliographia allí figure, se não completa, ao menos numerosa.

E' incontestavel a utilidade dos repertorios bibliographicos nas pesquisas a que se entregam os trabalhadores intellectuaes. Nenhum daquelles, porém, se aproxima das proporções que o Instituto de Bruxellas impoz ao que tomou a si organizar. Um catalogo de uma bibliotheca ideal, que não está reunida senão no proprio catalogo, uma bibliographia em fichas, que está sempre em dia e em ordem e comprehende toda especie de trabalhos escriptos, mesmo os artigos principaes de jornaes e revistas, é de incalculavel vantagem como instrumento de informação. Quem se quizer inteirar do que se tem escripto a respeito de determinado assumpto, por especial que este seja, quem desejar conhecer de prompto a bibliographia da materia a estudar, poupando assim tempo e trabalho, encontrará no repertorio uma copiosa documentação, um auxiliar poderoso.

O systema bibliographico de notação decimal veio facilitar a inventariação, porque permite a mais detalhada das classificações, e facilita as pesquisas mesmo aos que com elle não estiverem familiarisados, porque é minucioso o seu indice alphabetico de assumptos.

Feita a collaboração brasileira e adquirida, como já vae sendo, uma collecção das fichas dos repertorios estrangeiros que se forem organisando, teremos á disposição do publico um abundante reservatorio de informações bibliographicas.

Será de grande vantagem o catalogo colectivo das nossas bibliothecas, que resulte da fusão dos catalogos de todas e que indique ao estudioso em quaes desses estabelecimentos se encontra o livro que lhe é necessar'io, o jornal de que precisa. E' principalmente pelos catalogos das bibliothecas situadas nas diversas circumscripções do paiz que se poderá fazer o inventario geral da produção bibliographica nacional.

Se ás nossas bibliothecas faltam catalogos completos, não devemos por tal motivo descrêr do resultado dos nossos esforços dirigidos nesse sentido, mas appellar-nos com os elementos necessarios para tentar a realisação de uma obra

proveitosa, que é a elaboração de semelhante inventario, e ao mesmo tempo fomentar a organização dos catalogos das demais bibliothecas, encarecer a necessidade do trabalho de catalogação onde quer que haja uma bibliotheca, nome de que não são dignos taes estabelecimentos se o catalogo lhes falta.

E como a uniformidade de classificação concorrerá para se reunirem num mesmo corpo todos os catalogos, será para recommendar seja adoptado um systema commum, que não poderá ser outro senão o decimal, dadas as suas vantagens por ser pratico, mnemonico, susceptivel de extensão indefinida e por se achar adoptado pelo Instituto de Bruxellas, centro da inventariação bibliographica universal.

Combinadamente com o serviço a que nos estamos referindo, cumpre a esta Bibliotheca, no tocante ao impulso a dar aos trabalhos de bibliographia nacional, organisar catalogos especiaes das colleções referentes ao Brasil, publicar, além dos "Annaes", um boletim bibliographico e promover a realisação de concursos em que premiará o melhor trabalho inedito de bibliographia brasileira.

— Formar um patrimonio deve ser d'ora em diante a maior aspiração da Bibliotheca, para que lhe possa ser facultada uma situação semelhante á dos estabelecimentos de instrucção, a cujo numero inquestionavelmente pertence. O regulamento reconheceu essa necessidade e instituiu o patrimonio, ao qual destinou recursos provenientes de diversas fontes.

Bibliotheca e serviço official são cousas difficeis de conciliar. Ao Estado cabe por certo fundar bibliothecas onde a iniciativa particular as não tiver creado e cabe fazel-o como um dos beneficios a promover para facilitar a realisação do seu fim, mas deve retrahir-se logo que possam gosar de autonomia as que houver fundado, não indo além essa acção coadjuvante, essa intervenção na cultura.

A criação de um patrimonio para a Bibliotheca é o primeiro passo no sentido de tornar possível a solução.

Avolumando-se, poderá elle, ainda que num futuro remoto, assegurar a esta instituição uma situação de pleno florescimento. Por mais difficil que pareça fazel-o avultar a ponto de poder dispensar por completo o auxilio do erario publico, não ha razão para deixar de confiar no exito da tentativa. Concentrar esforços com o fim de a tornar uma realidade seja a preocupação daquelles que se interessarem pela prosperidade da Bibliotheca. Da continuidade desses esforços dependerá o resultado final.

— Chegamos ao capitulo relativo ás conferencias.

Promove-as a Bibliotheca e tambem as permite. Promovendo-as, indica os assumptos e convida as pessoas que sobre elles dissertem. E' uma funcção de ordem cultural que não destoa dos seus fins capitaes, pois as conferencias, as preleções, as leituras em publico devem encontrar acolhimento e animação nos logares consagrados á leitura, nos institutos dedicados ao culto da intelligencia e da actividade humana.

Estão prudentemente excluidas dentre as materias que poderão ser objecto de dissertação a politica e a religião, tomadas no sentido de partidatismo e sectarismo, por incompativeis com a calma e a serenidade que aqui devem reinar.

As conferencias que vão constituir a primeira serie e terão logar até o fim do corrente anno versarão sobre:

- 1.ª A nossa evolução litteraria;
- 2.ª Arte e gosto artistico no Brasil;
- 3.ª O progresso das sciencias no Brasil;
- 4.ª O Brasil e seu desenvolvimento economico;
- 5.ª O meio social brasileiro;
- 6.ª O Brasil no concerto das nações.

Como se vê, o programma considera a nacionalidade brasileira sob diversos aspectos: litterario, artistico, scientifico, economico, social e internacional.

A escolha das pessoas encarregadas de explanar e desenvolver esses themas merecerá, certamente, o applauso dos que se dignarem de honrar com a sua presença as conferencias que a Bibliotheca promove. São nomes feitos no nosso meio intellectual, que virão dar brilho e realce ás recepções desta casa.

— Temos passado em rapida revista as mais importantes creações do novo regulamento.

A Bibliotheca está, como acabamos de ver, dotada de uma organização que lhe permittirá desempenhar galhardamente a sua missão patriótica e civilisadora. Está *theoricamente* habilitada a corresponder aos seus alevantados fins.

Para que, porém, o consiga, para que essa remodelação produza *praticamente* os resultados salutaes que della ha a esperar, é imprescindível que lhe não falte um numero sufficiente de dedicações, sem as quaes se dissiparão todas as esperanças, irão por terra todos os bons desejos, ficando apenas de pé, a contrastar com o desprestigio da instituição, o magnifico edificio que ella conquistou.

Seja-nos permittido agradecer de publico ao Sr. Presidente da Republica e ao Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores o relevante serviço que prestaram á Bibliotheca Nacional, imprimindo-lhe uma nova orientação e assim completando a obra grandiosa dos que fizeram levantar o edificio.

Credores que são do nosso reconhecimento, é justo que se lhes preste homenagem, incorporando-se os seus retratos á galeria dos Presidentes e Ministros considerados benemeritos deste estabelecimento.

Agradecendo o comparecimento do Sr. Presidente da Republica, do Sr. Ministro da Justiça, Exmas. senhoras e illustres cavalheiros, convido a distincta assembléa a assistir á inauguração a que em seguida se vae proceder dos retratos dos Exmos. Srs. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca e Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa.

A NOSSA EVOLUÇÃO LITTERARIA

CONFERENCIA REALISADA A 26 DE SETEMBRO DE 1912 PELO PROF. JOSÉ VERISSIMO

Não foi sem relutar que cedi ás amaveis instancias do muito digno Director deste estabelecimento para inaugurar a série de conferencias que, no desempenho da sua alta missão de fomentadora da cultura brasileira, a Bibliotheca Nacional inicia hoje. Por mais familiar que eu me pudesse julgar com o assumpto que se me propunha, amedrontava-me a certeza de carecer completamente de dotes com que realçasse alguma cousa que sei delle e, sobretudo, para vol-o tornar mais aprazível. Venceu a minha relutancia a declaração do illustre Sr. Dr. Peregrino da Silva de que, no seu pensamento, as conferencias desta Bibliotheca não deviam ser mostras de oratoria e eloquência, mas simples divulgação de conhecimentos uteis áquella cultura. Os anglo-saxonios que, se não as inventaram, são os que mais extensamente as praticam, têm este mesmo criterio e chamam-lhes *lectures*, que podemos traduzir por lições, no sentido um pouco antiquado, mas vernaculo, da palavra lição.

E, como sou professor, não me levarei a mal haver aceitado fazer esta; não certamente no presupposto, que seria de todo impertinente, de ensinar-vos o que quer que seja, mas pelo gosto, muito natural em quem ama um assumpto, de recordal-o em tão preclara companhia.

Não ha verdadeira nação sem litteratura. Assenta a justeza deste conceito de Ferrero no postulado de que a litteratura é a expressão da sociedade, a manifestação escripta do pensamento e do sentimento de um povo. Um povo que não os tivesse, dignos de serem exprimidos, e que não achasse em si os estímulos necessarios á sua expressão, não seria uma nação.

Ao Brasil não falta nenhuma das condições geographicas, historicas ou sociologicas para o ser. Tambem não carece das condições moraes que determinam a existencia desses grupos humanos. Não lhe falta ao menos uma das mais importantes, uma litteratura, ou a expressão mediante a palavra escripta de si mesmo, como sociedade distincta, isto é, como nação.

Esta expressão começou aqui ainda no seculo do descobrimento. Não foram, nem podiam ser naturaes do paiz, os que primeiro a escreveram, e o que aqui então se escreveu não foi, nem podia ainda ser, a sua emoção traduzida numa forma geral, com a preocupação de tocar pela belleza ou por artificios litterarios o que constitue propriamente a arte litteraria, ou a litteratura, segundo o conceito com que, muito de corrida, procurarei rever convosco a evolução da nossa.

Os que aqui, até mais de meio seculo após o descobrimento, seriam capazes de escrever, eram portuguezes. Só para o fim do seculo começaram a sahir das escolas dos jesuitas, as unicas aqui existentes, brasileiros aptos para o fazerem.

Aos portuguezes, donos da terra, o que exclusivamente interessava eram os

seus aspectos materiaes e o que della podia aproveitar-lhes. Por isso essa primeira litteratura é unicamente de informação, ou no mais lato sentido dado a esta expressão hoje, uma litteratura geographica. Os seus principaes autores foram os jesuitas, em papeis destinados a ministrar aos seus superiores ou confrades europeus noticias do paiz, que desde logo se lhes antolhou optimo para a sua conquista espirital. Fizeram-n'a tambem, já official, já officiosamente, sujeitos interessados em informar á metropole da nova terra. O mais eminente documento desta litteratura de informação, ainda no seculo XVI, é o *Tratado descriptivo do Brasil*, escripto em 1587 pelo colono portuguez Gabriel Soares de Souza, cujo conhecimento devemos, como o de tantos iguaes documentos, ao prestantissimo Varnhagen, o creador da nossa historia litteraria.

Antes, porém, de acabado o primeiro seculo, o do descobrimento, um Brasileiro, natural da Capitania de Duarte Coelho, compunha, em honra do filho deste, Governador da mesma Capitania, Jorge de Albuquerque Coelho, um poema que é a primeira obra litteraria de um patricio nosso. Della se não conheciam mais que tres exemplares escusos em bibliothecas publicas europeas quando, ha perto de trinta annos, a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a reproduzio em *fac-simile*.

Oh! Não é nenhuma obra prima; antes, pelo contrario. Tem, porém, para nós a singular valia do ser a primeira manifestação do nosso engenho litterario e mais a de inaugurar na nossa expressão litteraria, ainda em antes de acabado o primeiro seculo da nossa existencia, aquillo por que ella, pouco a pouco, lentamente, com interrupções e hiatos, mas sem cessar, se viria a distinguir da portugueza, o assumpto brasileiro. Bento Teixeira, assim se chamava este nosso primeiro poeta, não tem ainda da sua terra senão a impressão por assim dizer physica, material; não experimenta já nenhuma emoção particular, não lh'a sentimos ao menos nos endecassylabos com que tão canhestramente presumio arremedar o Camões. As cousas de sua terra, em que muito ao de leve tocou, não o commoveram a ponto de lhe influir o éstro mais vantajosamente do que lhe consentia a intrinseca mesquinhez.

Mas é elle quem começa a poesia brasileira, se não de sentimento — e não o havia ainda — de assumpto brasileiro, como era tambem brasileiro de nascimento e lettrado o heróe que cantava.

A nós homens de hoje o Brasil do seculo XVI nos parecerá terra de todo bronca e inhospita, sem nada que nol-o podesse tornar aprazivel. Os europeus daquelle seculo que a viram, desde Caminha, o seu primeiro e amoravel noticiador, a acharam, ao contrario, deliciosa e magnifica e muito capaz para um grande imperio. Raras vezes terá um augurio de puro palpito sentimental tido tão exacto cumprimento. Esta impressão da excellencia do Brasil foi commum a reinões e masombos, como se entrou a chamar aos brasileiros daquelles nascidos e achou a sua principal expressão nos curiosos *Dialogos das grandezas do Brasil*, escriptos por um portuguez, ainda hoje incognito, por 1618. A mesma impressão teve parte consideravel no desenvolvimento desta primeira, favoravel e auspiciosa sensação da terra na mente brasileira e por via della parte consideravel no apêgo e affeição de seus filhos. Será este sentimento lisonjeiro da terra que, evolvendo, dará á nossa evolução litteraria o seu rasgo caracteristico ou pelo menos o seu principal estimulo.

Ainda no primeiro quartel do seculo XVII, não passados cem annos do inicio da sua colonização regular, achou-se aquí um brasileiro para lhe escrever a historia, Frei Vicente do Salvador. A sua *Historia do Brasil*, cuja publicação é um

dos muitos serviços que as nossas letras devem a esta Bibliotheca (1), não é mais a árida chronica, o secco arrolamento de noticias que vinha sendo. Como judiciosamente observa o Sr. Capistrano de Abreu, seu principal editor, o Brasil "significa para elle mais que expressão geographica, expressão historica e social."

Aliás só o facto de um natural do Brasil, apenas no principio do seculo XVII, lhe escrever a historia está revelando a consciencia que aqui se entrava a formar — e que a guerra hollandeza desenvolveria — de um paiz differente. O livro de Frei Vicente é o primeiro da nossa litteratura em prosa e eu não sei de outro no periodo colonial que se lhe avanteja.

Com seculo e meio de descoberta crescera a colonia, estendendo-se desde o sul de Cananéa até ao Cabo do Norte. No seu littoral, que era tambem todo o paiz aproveitadão, levantavam-se cidades, villas, povoações, engenhos, fortalezas. Estabelecera-se um governo e uma administração. Regularizara-se a conquista e a catequese. O gentio amansado augmentava o numero da população colonial. Negros da Africa e indios da terra reduzidos á escravidão ajudavam o conquistador a desbravar e arrotear o terreno bravo e o isentavam dos mais duros labores ruraes ou domesticos. Boatos de fabulosas riquezas interiores, em prata, em ouro, em esmeraldas, corriam desde a segunda metade do seculo XVI, e ainda na primeira, atraindo novos colonos e excitando a cubiça dos que já aqui estavam. Faziam-se entradas sertões a dentro em procura dessas riquezas ou de outra, mais immediata e mais certa, o indio para o serviço dos colonos. No ingenuo sentir dos chronistas coévos, Salvador era uma grande cidade. Não passava aliás de uma aldeia maior, agglomeração disparatada de elementos diversos, de vida bastante solta e costumes pouco edificantes. Como diversão ás agruras da conquista e estabelecimento, alli se misturavam a vistosa devoção do catholicismo semi-pagão dos meritionaes europeus com os divertimentos populares caros á Peninsula, touros, cavalhadas, cannas e os bailados e momos africanos e tupis. Aggravavam ainda a incoherencia dos seus diversos aspectos a mestiçagem luso-americana ou luso-africana e a indisciplina e o desregramento, tão ralhados pelos jesuitas, dos colonos portuguezes e seus filhos.

Mal lhe souberam da existencia, entraram outros povos a cubiçar a terra. Quer em expedições regulares, quer em entrepezas de pirataria tentaram francezes, inglezes e flamengos disputal-a aos portuguezes.

Em 1624 sobrevem o ataque hollandez á Bahia, o qual inicia a porfiosa luta em que, por trinta annos, os flamengos teimaram em assenhorear-se da nossa terra e dos seus naturaes. Nella coube aos brasileiros o maior esforço e a gloria da victoria final. Desse longo e penosissimo conflicto, em que verdadeiramente os brasileiros se bateram pela sua terra, pelo seu lar, pela sua propriedade e ainda pela sua fé e liberdade e com a perfeita consciencia de que o faziam, gerou-se-lhes a certeza de que os irmanavam os mesmos sentimentos e os mesmos interesses. Era o germen do nosso sentimento nacional. A copiosa litteratura historica a que deu logar a guerra hollandeza veio fortificar esse germen. Escripta embora por portuguezes resultava na glorificação dos brasileiros. Recontando-lhes no estylo hyperbolico do tempo as façanhas gloriosas, enaltecendo-lhes o esforço, exaltava-lhes o amor proprio, confirmando-os na consciencia que começavam a ter na sua importancia.

(1) Foi editada tão completamente quanto lhes foi possivel pelos Srs. Valle Cabral, já fallecido, e Capistrano de Abreu, então funcionario da Bibliotheca Nacional, nos respectivos *Annaes*, tomo XIII, com tiragem á parte. Sahira antes, parcialmente, nos *Materiaes e achegas para a Historia e Geographia do Brasil*, dos mesmos editores, em 1887, sabiamente annotada pelo segundo.

A historia não pôde formalmente verificar a influencia directa da guerra hollandeza e do nosso bom successo na litteratura que se lhe seguio. Mas, livre o Brasil dos hollandezes e mal feito do desastre soffrido, manifesta-se na Bahia uma actividade litteraria na qual não será porventura descabido enxergar um effeito na mente dos naturaes dessa genesis do sentimento nacional. Pela primeira vez, em seculo e meio de existencia, mas precocemente em relação ao nosso desenvolvimento e cultura, manifesta-se aqui uma actividade mental a que não é impertinente chamar de movimento litterario. Inicia-se na segunda metade do seculo XVII e vae até aos primeiros annos do seculo XVIII. Além de cerca de uma duzia de poetas ou melhor versejadores, conta então a Bahia oradores sagrados, formados na escola do famoso Padre Antonio Vieira, historiadores e até o que nas nossas nomenclatura hodiernas chamaríamos economistas e publicistas. Citar-lhes os nomes não nos adiantaria. O importante é verificar que naquella época existio na Bahia, principal centro da civilização brasileira, um grupo litterario que mantinha e continuava no Brasil a actividade mental portugueza e plantava aqui a semente européa de uma litteratura que se iria pouco a pouco desenvolvendo até desabrochar como uma flor indigena. Tanto este primeiro movimento litterario, como as primeiras manifestações singulares que o precederam, como as que haviam de segui-lo, era tudo de substancia e fôrma portugueza.

Ja já então bastante adiantada em Portugal a decadencia litteraria que, consoante com a decadencia politica, se seguira ao breve momento de esplendor politico e mental da nação. E' a época da servil imitação hespanhola e do gongorismo. A litteratura perde na pratica desorientada de uma fôrma extravagante, na estimação exagerada de mãos modelos peregrinos, na idolatria de uma apparencia de cultura, nos habitos de cortezania, todo o contacto com a realidade, o sentimento da verdade das representações e da sinceridade das emoções e mais que tudo a naturalidade da expressão, que fizeram a gloria litteraria do seculo antecedente. A imitação litteraria — e sobejam na historia da nossa litteratura as comprovações deste asserto —, por via de regra, se faz dos peiores modelos. Por vergonha da intelligencia humana, são justamente os peiores modelos os que mais impressionam o vulgo dos leitores, e por elle influem nos que se lhe presumem superiores.

A mesma situação do Brasil respectivamente a Portugal indefectivelmente o obrigava a seguir-lhe de perto as manifestações do seu engenho litterario. Seria milagre que colonia segregada de todo o convívio, que não o da metropole, pensasse e se exprimissem differentemente della. Não o fez, nem o podia fazer. Não ha por isso no desenvolvimento litterario do Brasil, eu pelo menos jamais logrei descobrir, senão dous periodos realmente distinctos, o colonial, em que a litteratura aqui feita por naturaes do paiz reproduz, aliás inferiormente, a portugueza, e o nacional, em que, conforme com os sentimentos promotores e factores da nossa independencia politica, a nossa litteratura busca em outras fontes que a portugueza e em novos estímulos a inspiração e a expressão.

O grupo bahiano é, pois, sob o aspecto litterario, portuguez. Um dos seus poetas, porém, Manoel Botelho de Oliveira, o unico delles que logrou ver-se publicado (1) deixou um poema, accidente feliz não mais repetido na sua produção, que pela sua inspiração e motivo tem uma importancia particular no desenvolvimento da nossa litteratura. E' a *Illa de Maré*.

O amor deste seu pittoresco torrão natal, a realidade do seu objecto e o intimo

(1) Em Lisboa, 1705. *Musica do Parnaso* é o titulo do seu livro, do qual possui um exemplar a Bibliotheca Nacional.

e grato conhecimento que delle tinha, inspiraram o poeta e determinaram o realismo, então insolito, do seu sentimento e expressão. Esta sensação real e sincera vedou-lhe o recurso de praxe á mythologia e seus afeites. Viva e fresca e presente na mente do poeta, a sua ilha, com as feições de que se embellezava, fallou-lhe á imaginação mais eloquentemente que as costumeiras reminiscencias classicas. Não vos quero dar a *Ilha de Maré* por um primor, do que está bem longe. Mas do ponto de vista da historia da nossa litteratura é o melhor poema do periodo colonial, antes dos poetas mineiros, porque é o mais caracteristico e significativo. E' o unico de inspiração exclusivamente brasileira, sem nenhum resaiço da musa classica, espontaneo, sentido. E, o que é mais, celebrando a sua ilha natal o poeta intencionalmente resume nella o Brasil. E já o faz com emoção que excede a simples impressão apenas material do poeta da *Prosopopía*:

Esta ilha de Maré, ou de alegria
Que é termo da Bahía
Tem quasi tudo quanto o Brasil todo
Que de todo o Brasil é breve apodo.

Já ha nelle o desvanecimento, tão nosso, da sua terra, que será um dos rasgos mais communs da nossa poesia:

Tenho explicado as frutas e legumes
Que dão a Portugal muitos ciumes,
Tenho recopilado
O que o Brasil contem para invejado
E para preferir a toda a terra.

Ha nelle tambem o sentimento, já nacional, dos oppugnadores da conquista hollandeza, qual se lhe revê no verso em que apoda a Hollanda de "perfida e nociva".

Este poema, e é esta toda a sua importancia, inicia na nossa poesia o sentimento nativista, que será o principal estímulo de differenciação da nossa litteratura. A emoção e não a mera impressão da terra de que é elle o precursor, será repetida por outros poetas, desde Frei Itaparica e Santa Rita Durão, no mesmo seculo da edição da *Ilha de Maré*, até Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e os romanticos e mesmo os modernos, entre os quaes ainda outro dia o Sr. Luiz Guimarães Filho. Sob este aspecto, mas infelizmente por este unico poema, é Botelho de Oliveira o primeiro poeta brasileiro. A emoção nativista, quasi estou em dizer patriótica, por elle creada na poesia brasileira, iniciara-a na prosa, como vimos, algumas decadas antes Frei Vicente do Salvador, ainda contemporaneo do poeta e o pai da nossa litteratura.

Cumprê destacar tambem do grupo bahiano outro poeta, Gregorio de Mattos, aliás o unico delles que sobrevive na nossa memoria. Não que elle tenha as qualidades excepçionaes que lhe tem attribuido uma critica mal informada. O conjunto da sua obra satyrica e não satyrica, a maior parte ainda inedita, mas que pode ser estudada nos manuscritos desta Bibliotheca, demonstra que em nenhuma das suas feições se não distinguio elle notavelmente dos seus contemporaneos e que nenhuma superioridade tem na poetica portugueza do tempo. O que o sobreleva aos seus patricios é a sua veia satyrica, que o levou a pôr-se, embora parcialmente, em dissidencia do seu meio e em revolta metrica contra elle. Nisto ficou só no periodo colonial, mas como por outro lado lisonjeava esse meio e bajulava-lhe os magnatas e poderosos e o seu exemplo de discolo não teve imitadores e não

se lhe descobre qualquer influencia litteraria, é diminuta, se não de todo nulla, a sua importancia na evolução da nossa litteratura. Como quer que seja distingue-se dos seus contemporaneos e successores pela sua indole irrequieta e veia satyrica, que o fizeram o unico do periodo colonial a maldizer do regimen, o unico insubordinado contra os portuguezes:

Que os Brasileiros são bestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida por manterem
Maganos de Portugal,

é a primeira voz e essa é de Gregorio de Mattos, do sentimento que porventura viria a ser o fundamental das nossas reivindicações de independencia, livrarmos do parasitismo portuguez.

Cumprê assignalar que a litteratura brasileira, mormente a do periodo colonial, compõe-se principalmente de poetas. Com muito acerto e espirito observou um critico do principio do seculo passado, que o Brasil fôra um parnaso antes de ser uma nação.

Aquelle periodo foi simultaneamente a nossa antiguidade e a nossa idade media, os nossos tempos de formação, em que a emoção, o sentimento, donde procede a poesia, é mais forte que a ideação e a reflexão, mãis da prosa.

Aos naturaes effeitos moraes e politicos da guerra hollandeza, juntou-se, dando alento ao sentimento nacional, o importantissimo facto economico do descobrimento das minas e da conseqente ou simultanea conquista do sertão. Até então a civilização portugueza estanciera pelo litoral, com uma ou outra entrada de pouco alcance pratico, interior a dentro. No principio do seculo XVII, Frei Vicente do Salvador observa finamente que os Portuguezes se limitavam a arranhar as costas como caranguejos. Agora elles ultrapassam a cordilheira maritima e pelo S. Francisco, pelo Parahyba, pelo Tieté, invadem o sertão até as cabeceiras do Paraná e além. Não tardará que pelo Amazonas atinjam os Andes.

Contemporaneamente com o grupo bahiano, uma voz eloquentissima e uma penna não menos fecunda exerciam no Brasil e mais demoradamente na mesma Bahía a sua maravilhosa actividade.

Voz e penna eram do Padre Antonio Vieira. Alma e espirito essencialmente portuguezes, sem de modo algum acamaradar-se com esses, aos seus olhos de reinol soberbo, mofinos cultores das letras aqui, entre os quaes havia um irmão seu, elle lhes seria um exemplo e um estímulo. Apenas uma ou duas vezes e muito de passagem e até ironicamente se referio a elles. Preoccupado inteiramente com as suas emprezas religiosas e politicas e sobretudo consigo mesmo, não lhes prestou attenção alguma. De que elles o prezavam e admiravam, ha testemunhos em versos de Botelho de Oliveira e Gregorio de Mattos e os nossos oradores sagrados do seculo XVII e ainda do seculo XVIII, embora mofinos, foram seus discipulos.

Um dos factos mais patentes da nossa evolução litteraria são as suas repetidas soluções de continuidade. Ellas são frequentes no periodo colonial e ainda as verificamos no actual ou nacional. Explicam-se facilmente, a meu vêr, por não assentar ainda a nossa actividade litteraria numa solida cultura e não se endereçar a um publico bastantemente numero e esclarecido, para lhe estimular as energias e premiar os esforços. Ha, indubitavelmente, em sociedades como a nossa, descorrelações entre o escriptor e o meio, das quaes resultam enfraquecimentos daquella actividade. Allás factos identicos se notam ainda nas velhas sociedades de alta cultura.

O grupo bahiano não teve successores immediatos. Quando desapareceram os seus derradeiros representantes, começaram a crear-se na Bahia e nesta cidade do Rio de Janeiro, que ia substituir aquella como centro politico e mental do paiz, as Academias litterarias, que constituem o facto mais interessante da nossa evolução litteraria na primeira e no começo da segunda metade do seculo XVIII. Já desde o anterior, se faziam aqui, em Pernambuco e na Bahia, e acaso alhures, "Academias" ou reuniões de letrados para se lerem as suas produções e discreatearem de letras. Esta pratica teria certamente servido o progresso da nossa cultura litteraria como servio a existencia, embora ephemera, das Academias do seculo XVIII. Sem embargo da ridiculz das suas lucubrações, da insignificancia da maioria de seus membros, na maior parte prócurados entre ministros, altas dignidades ecclesiasticas e personagens officiaes, representaram essas corporações um papel não de todo sem importancia na evolução, ou pelo menos no augmento, da nossa litteratura. Primeiramente obraram como laço de união entre actividades litterarias dispersas por todo o paiz, assim concorrendo para fomentar a sua unificação mental. Depois influiram como estimulo de trabalho litterario e ensejo de sua publicação, ao menos oral, quando não havia ainda aqui imprensa. Além disso, fundaram-se com o proposito declarado de estudar o Brasil e a sua historia e, de facto, empregaram-se nesses estudos e não de todo sem effeito. Ao seu influxo devemos certamente a "Historia da America Portugueza", de Rocha Pitta (1730), e a "Historia Militar do Brasil", de José de Mirales (1), e porventura ainda o "Novo Orbe Serafico", de Jaboatão, e a litteratura historica de Pedro Tacques, Borges da Fonseca, de Frei Gaspar, todos estes, excepto o segundo, membros dessas Academias. O proposito de estudo do paiz e a sua historia revê já um reflexivo sentimento de apêgo á terra, um elevado interesse de seu conhecimento e estimação. Tudo isto apparecerá, é o caso de dizer, com esplendor justamente na obra directamente sahida do escopo dessas Academias, a citada "Historia da America Portugueza", de Rocha Pitta, que mais que uma historia, é um tratado de louvores do Brasil. Será elle o systematizador do sentimento nativista que balbuciara aqui desde acaso o nosso primeiro verzejador e viera paulatinamente crescendo. E' tambem o creador systematico do nosso desvanecimento patriotico. Tudo o que depois se disse, em prosa ou verso, das excellencias reaes ou suppostas da nossa patria e das suas maravilhas, inclusive os dislates de montanhas que topetam com o céu e cobras que engolem bois, está em Rocha Pitta. E' elle tambem um dos mestres do estylo com que muito se escreveu a nossa historia e a maior parte da nossa prosa, rhetorico e inchado. Mas, não obstante a inspiração e o proposito patriotico de sua obra, Rocha Pitta é de raiz e convicção portuguez e o seu livro um documento de lealdade portugueza. Pregão tambem do "ninho seu paterno", a obra de Rocha Pitta fornecia aos seus patricios um forte apoio e um poderoso estimulo ao amor e ufania de sua terra.

A descoberta de ricas minas, primeiro de ouro, depois de diamantes, fizeram da capitania que dellas tomou o nome a principal do Brasil pela opulencia, pela população e pela cultura. Na segunda metade do seculo, Minas supplantara a Bahia na importancia social e é ahí que se vae fazer o segundo movimento litterario do periodo colonial. Desde que aqui houve uma sociedade com bastante ordem e abastança para se preoccupar de outros interesses que o immediato de viver, estabeleceu-se a pratica de mandarem os pais abastados os filhos estudar

(1) Pela primeira vez impressa pela Bibliotheca Nacional, nos seus *Annaes*, XX, em 1900, com separata.

a Portugal. Naquella época se revelaram allí, onde com esse fim se achavam, alguns poetas brasileiros, quasi todos filhos de Minas. Mais tarde se lhes ajuntaram no Brasil outros que a moradia em Minas e outras circumstancias naturalizaram mineiros. Esses poetas constituem o que se tem, impropriamente, a meu ver, chamado a Escola Mineira e que eu prefiro chamar a pleiade ou grupo mineiro. E' o mais brilhante do periodo colonial e um dos mais brilhantes da nossa litteratura. Intellectualmente eram todos de formação portugueza. Tal era, porém, já o poder da influencia do seu paiz de nascimento, a que todos já tambem chamam carinhosamente de sua patria, que são elles, na evolução da nossa litteratura e antes da sua constituição com o romantismo, os que mais expressamente estabelecem, por um brasileiroismo mais consciente e sobretudo por talentos e obras mais consideraveis, a transição do feitiço puramente portuguez da litteratura colonial para a feição nacional que os românticos lhe imprimiram. São elles os primeiros, de facto, a mostrar mais que boas intenções real talento litterario e obras dignas de estimação com que enriqueceram a mesma depauperada litteratura portugueza. Basílio da Gama e Durão, Claudio Manoel da Costa, o portuguez Gonzaga, a quem a sua dolorosa paixão brasileira nacionalizou nosso, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga são os maiores, quasi estou em dizer os unicos poetas ainda hoje estimaveis do periodo colonial, numericamente allás rico em poetas, e prenunciam já a florescencia poetica do romantismo, de que o primeiro delles, Basílio da Gama, foi um precursor.

E' de todo desyaliosa e quasi sem significação no nosso progresso litterario a phase intermedia entre os mineiros e os primeiros românticos. Os seus numerosos e mediocres poetas são apenas arcades retardatarios. Dentre elles só porventura poderiamos destacar Souza Caldas, o por vezes vigoroso lyrico, e a José Bonifácio, o patriarcha da independencia, a quem as suas fortes paixões politicas e soberba indignação fizeram, em alguns lances admiraveis, poeta.

Chegamos — já um pouco demorados, mau grado o meu empenho de ser breve — ao periodo decisivo da constituição da nossa litteratura, que é tambem o periodo decisivo da constituição da nossa nacionalidade. A transferencia do governo portuguez para aqui, em 1808, puzera de facto termo ao regimen colonial. Eramos nós agora, e os portuguezes da Europa o comprehenderam e lastimaram, ao contrario, a metropole. Ganharamos novos orgãos, novas funções e alentos novos. Tivemos a imprensa, os primeiros jornaes e revistas, escolas e outras instituições fomentadoras de cultura, entre as quaes esta Bibliotheca.

O nosso desgosto, muito legitimo, de Portugal, precedente e consequente á independencia, desviara do caduco reino a nossa attenção, a nossa consideração e o nosso interesse. Não só em Coimbra, mas em melhores centros de cultura, iam agora estudar os nossos rapazes. Alargou-se-nos a Europa para além do Guadiana e do Tejo. Desse contacto com os principaes focos da sua civilização, onde justamente por esse tempo o advento de uma nova formula litteraria alvorotava o pensamento europeu, resultou o movimento, cuja primeira manifestação aqui foram os *Suspiros poeticos* e *Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836. Simultaneamente ou logo após elle acompanharam-n'o e seguiram-n'o, reconhecendo-o confessadamente por chefe, Porto Alegre, Varnhagen, Norberto Silva, Macedo, Teixeira e Souza, Pereira da Silva e outros, que constituem uma inteira geração litteraria, ardorosa e laboriosa, a primeira geração romantica, que domina a nossa litteratura desde aquella data até depois de 1850.

Um dos rasgos mais singulares da nossa mentalidade nacional, symptoma pouco lisongeiro ao nosso mesmo character, é a nossa desattenção, o nosso menosprezo, a nossa desconsideração pelo nosso passado, só iguaes á nossa ignorancia

delle. Na ordem intellectual ou, mais propriamente litteraria, mais avulta este defeito da nossa mentalidade.

A regra aqui é desconhecer e negar o que fizeram os nossos antepassados e o que por acaso lhes devemos. Não ha mofino rabiscador litterario, futil versejador de estafados temas de amor, escrivinhador mediocre de contos e novellas arre-medados do francez que não se persuade candidamente que a litteratura brasileira começou com elle e que tudo o que ficou atraz é miseravel e indigno de leitura ou como se não existisse. Não é preciso insistir nas funestas consequenc'as, para a constituição definitiva de uma caracteristica litteraria nacional, desta falha, que é ao mesmo tempo mental e moral.

Pois aquella geração criou fórmas novas na nossa litteratura, alargou-lhe a actividade além da poesia, da historia rethoricamente feita e dos escriptos de informação e recommendação do paiz, sempre copiosos em todo o periodo colonial. Magalhães, pouco depois continuado e excedido por Gonçalves Dias, cria ou naturaliza aqui um lyrismo novo. O mesmo Magalhães e Martins Penna fundam o theatro nacional que, desenvolvido mais tarde por Macedo e Alencar, terá na segunda phase romantica o seu apogeu. Teixeira e Souza e Macedo iniciam o romance. Varnhagen introduz nos nossos estudos historicos os methodos de investigação e de critica que tinham andado delles sempre ausentes e funda definitivamente a nossa historiographia erudita, não só com a sua *Historia Geral*, o livro mais consideravel até então feito por brasileiro, mas com innumerous estudos, monographias, memorias de pesquisa e trabalho original. O mesmo Varnhagen, com Pereira da Silva e Norberto Silva, fundam a nossa historia litteraria e a critica. Monte Alverne e Magalhães introduzem a philosophia nas nossas preoccupações intellectuaes. Quando, emfim, essa illustre geração litterariamente desaparece lega á que lhe succede uma litteratura completa em que, além de todos os generos de poesia, ha o romance, a novella, a philosophia, os estudos sociaes, os ensaios de todo o genero, a historia geral, a historia litteraria, a critica, a eloquencia sagrada e civil.

E essa litteratura era de vontade, de proposito, de sentimento e ainda de expressão, brasileira, o orgão, emfim, no seu dominio proprio, da nação que aqui nascia e cujo nascimento ella seguia de perto e magnificava, justificando-lhe as aspirações ao convivio dos povos civilizados.

O movimento fluminense foi secundado por um grupo de distinctos poetas e prosadores que quasi simultaneamente appareceu no Maranhão. Desse grupo destaca-se notavelmente Gonçalves Dias, acaso o unico poeta brasileiro que pelo volume, inspiração e quilates de sua obra possamos sem impropriedade chamar de grande poeta. A sua justa fama ganhou logo todo o Brasil. Gonçalves Dias servio de elo necessario ás duas correntes iguaes do norte e do sul, dando do mesmo passo ao movimento de nossa emancipação litteraria o prestigio de um nome celebrado pelos proprios mais eminentes portuguezes. E' principalmente elle quem instaura na poesia brasileira um elemento novo, o indio, creando ao nosso romantismo a sua feição particular, o indianismo.

O indio já havia figurado na nossa poesia, nos poemas de Basilio da Gama e Durão, como um recurso poetico, á imitação do que fizeram os epicos portuguezes com typos exóticos de Africa e Asia.

Gonçalves Dias e Magalhães, aquelle com talento muito superior, tomam-n'ó como objecto principal dos seus poemas. A natural reacção que aqui se fazia nos espiritos e mais ainda no sentimento populár, contra o dominio portuguez e em geral contra tudo que era portuguez, influindo no conceito errado, mas em summa fecundo, do indio como nosso antepassado, da nossa solidariedade com elle e do nosso dever de o rehabilitar. Esse conceito foi a origem e a razão de ser do

indianismo e não se revelou apenas na ficção em prosa ou em verso, mas ainda nas lucubrações historicas e outras manifestações da nossa mentalidade. Ninguém lhe deu mais relevo e melhor o justificou pela excellencia da obra d'elle inspirada do que Gonçalves Dias.

Desde então com mais ou menos talento, com maior ou menor assiduidade, com melhor ou peor successo, o trabalho litterario entra a fazer-se por quasi todo o Brasil e não mais sómente nas suas principaes cidades ou mormente na sua capital. A nação achava uma litteratura propositadamente inspirada nos seus proprios aspectos naturaes e moraes, no seu mais intimo sentimento, que era o da sua personalidade politica independente, o seu orgão de expressão.

A segunda geração romantica, que se inicia ao começar a segunda metade do seculo, desenvolverá e completará a obra da primeira. Os seus poetas, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Laurindo Rabello e ainda Gonçalves Dias, que continúa com estes o seu cantar, são por ventura os de mais fundo e sincero sentimento que já tivemos. Elles sobrelevarão aos da primeira pela maior generalidade da sua inspiração e emoção, mais humana que brasileira. Mas José de Alencar, o maximo representante dessa geração, retomará na prosa, com talento não menor, o indianismo da poesia de Gonçalves Dias e Magalhães e, em reacção contra aquelles poetas despreoccupados do pittoresco brasileiro, será o segundo creador do brasileiroismo intencional nas nossas letras.

Quando morreu Alencar, em 1877, estas haviam chegado á sua plena constituição. Embora com os já verificados desfallecimentos, avanços e recuos, phenomenos aliás observados em toda a evolução litteraria, havia já uma abundante e valiosa massa de obras bastantes para constituir uma litteratura.

Desde os annos de 70, novas correntes do pensamento scientifico, philosophico, politico e esthetico, acontecimentos mundiaes e nacionaes, nortearam o nosso pensamento e o nosso sentimento para outros horizontes. E ao passo que nos sentiamos menos caboclos, mais civilisados, mais dignos coparticipantes do pensamento e da actividade mental do mundo políciado, menos exóticos, tambem a nossa litteratura foi tomando uma feição mais geral e humana e ao cabo mais digna de uma grande nação civilisada.

O que principalmente caracteriza essa última phase da nossa evolução litteraria, eu pudera dizer mental, é o abandono não só em philosophia e litteratura, mas ainda em politica, das nossas idéas e opiniões tradicionaes, por amor das que na Europa entraram tambem a renovar o pensamento contemporaneo. Ao seu conjuncto denominamos aqui idéas modernas. Como foram ellas que sobretudo influíram no nosso pensamento litterario deste ultimo momento, proponho que lhe chamemos modernissimo, quaesquer que sejam as fluctuações ou variações do mesmo pensamento.

A mais eminente figura desta phase, autor de uma obra a todos os respeitos insigne na nossa litteratura, e ainda proeminente na da nossa lingua, foi Machado de Assis, glorioso remate de uma actividade litteraria de tres seculos.

Apezar de rapidissimo e forçosamente falho este bosquejo, terá mostrado, espero, que somos, de facto, uma verdadeira nação com uma litteratura. Esta não é e não podia ser nem rica, nem original, nem distincta. Com a mesma sociedade e civilização, cuja expressão é, apenas reflecte uma vida sem character muito accentuado e um pensamento para o qual ainda não nos foi dado concorrer. Esperemos confiantes que virá o dia de tambem contribuirmos para elle. Como quer que seja, a nossa litteratura correspondeu sempre, desde seus principios, ao momento historico das suas manifestações e exprimiu sempre, com mais ou menos vigor, com

mais ou menos belleza, os sentimentos de nossa alma de brasileiro, nosso primeiro apêgo á terra, nosso ingenuo embevecimento della, nossa ambição de vel-a engrandecida e estimada, nossos anhelos de independencia, nosso contentamento e orgulho de povo livre e, sem discrepancia, nossos sentimentos liberaes. Do ponto de vista, acaso estreito, da pura arte litteraria, póde a sua importancia desmerecer aos nossos olhos, mas sob o aspecto sociologico e como relevante factor da cultura nacional e simultaneamente sua mais clara expressão, é, para nós ao menos, consideravel.

Cumpre-nos fazer que o seja tambem para os outros.

ARTE E GOSTO ARTISTICO NO BRASIL

CONFERENCIA REALISADA A 10 DE OUTUBRO DE 1912 PELO DR. ROBERTO GOMES

Relata-nos o grande historiador Anatole France, no seu profundo e magistral estudo sobre a vida social e politica dos "Pinguins", que aquelles insulares viviam, a principio, miseraveis e nus, vagando nas praias arenosas, cuidando apenas de se alimentar, para não morrer á fome, e de se reproduzir, afim de perpetuar a especie. Commettiam, porém, esses actos grosseiramente e sem graça.

Permaneciam insensíveis á belleza relativa das suas companheiras, que, seja dito de passagem, mais se assemelhavam a símios do que a creaturas... "pinguinas". Mas o Demonio, offendido pela singeleza desses costumes, apossou-se um dia de uma joven "pinguina". Atou-lhe sandalias aos rudes pés, poz-lhe sobre a cabelleira ingreme uma corôa de flores e envolveu-lhe os membros agrestes e musculosos numa tunica ondeante, que lhe occultava as fórmas grosseiras. Soltou-a em seguida na praia, que ficou em breve atulhada de "pinguins". Contemplavam, hirtos, a creatura a que uma hora antes não prestavam a menor attenção. A onda avolumava-se. Todos acompanhavam a creatura, que sorria e seguia o caminho, baloiçando-se com indolencia... Na terra dos "pinguins" havia pela primeira vez apparecido a Arte e com ella o seu eterno cortejo de illusões, de esperanza e de dôr.

Terá do mesmo modo nascido entre os indigenas do Brasil o sentimento artistico? Grave problema, cujas multiplas soluções só podem permanecer no dominio da hypothese. Grave problema, que me não encarregarei de elucidar, este problema de arte, da questão mais controvertida, mais negada, mais discutida e a cujo respeito tantas cousas categoricas se têm successivamente affirmado com identico ardor, pois ha certas pessoas que possuem, a respeito de tudo, idéas absolutas, insolentes e inabalaveis.

Parece-me que esta incapacidade de encarar as cousas sob os seus multiplos aspectos fugidios, esta ingenua convicção de que se possui nas mãos a Verdade Universal e que bastaria abri-las e espalmar-las para deslumbrar o mundo e antes uma prova de estreiteza de espirito e tímidez de sentimentos e que, em uma materia tão subjectiva como a Arte, talvez não seja inutil seguir o conselho de Renan e mudar o maior numero de vezes possivel de opinião, afim de, pelo menos uma vez, ter estado com a Verdade. O desejo de enfeitar-se parece-me ter sido, tanto entre os "pinguins" como entre os indigenas do nosso paiz, — e dos outros, a primeira e obscura manifestação da Arte.

Sendo, segundo declara Letourneau na sua "Physiologia das Paixões", a vista e o ouvido os dois unicos sentidos artisticos e intellectuaes que pôdem ser evocados pela imaginação, é natural que o primeiro modo empregado pelos homens para attrahir a attenção dos seus companheiros e das suas companheiras tivesse sido o enfeite do seu proprio corpo, pela pintura e pela tatuagem ou mesmo por certas

mutilações e é facto que, em alguns povos que ainda não conhecem as artes plasticas, já existem as artes da pintura e da esculptura applicadas *in anima vili*, affirmando Humboldt que, ás margens do Orenoque, o modo mais usual de exprimir-se a pobreza de um homem consiste em dizer-se que elle não tem meios para pintar nem metade do corpo.

Tornaram-se celebres os botocudos pelo modo singular por que se mutilavam os labios. Hoje somos mais civilizados. Mutilam-se apenas as orelhas e os enfeites dos botocudos passaram dos labios ás orelhas, aos braços e aos dedos das mãos.

Mas nos indios encontrados no Brasil pelos portuguezes a unica arte verdadeira parece ter sido a que se conveio denominar: arte plumaria, isto é, arte dos ornamentos fabricados com as pennas dos passaros maravilhosos que povoam suas florestas.

Vivendo os indigenas em estado de completa nudez, essas pennas serviam de adorno, faixas na cintura — *enduape*, para os homens, *arasoyá*, para as mulheres, além de cocares de pennas amarellas e vermelhas e de mantos cujas pennas se achavam ligadas pela fibra do tucum e mantidas por materias agglutinantes fornecidas pelas resinas das florestas.

Os homens modernos, abandonando o apanagio de belleza que se nota em todos os machos do reino animal, deixaram ás suas companheiras este ramo de arte e, enquanto as roupas femininas procuram sempre attrahir e seduzir pelo brilho das côres ou a originalidade dos côrtes, o homem cuida apenas de ter roupas commodas que lhe não tolham os movimentos, de côres escuras e tristonhas, e, num feliz requinte de delicadeza, deixaram ás mulheres, para trajas de cerimonia, as plumas brilhantes e as sedas achamalotadas, reservando para si os dois objectos mais ridiculos e monstruosos que se possa imaginar: a cartola e a casaca.

Voltando, porém, ao nosso primitivo indigena, deixei-o ornado afim de produzir nos seus semelhantes uma viva impressão de belleza ou de terror.

O prazer que sentia em ver-se admirado teve de manifestar-se. Foi preciso que transbordasse este excesso de alegria: as contracções musculares, os movimentos do rosto, dos membros, os gestos serão sem dvida a manifestação mais espontanea que lhe ha de occorrer. O grito, que é o gesto da larynge, acompanhará essas manifestações. Dahi ha de surgir, diz com apparente razão Letourneau, toda a esthetica. O grito dará mais tarde o canto e a musica. Do gesto nascerá a dança e, como o homem tentará mais tarde reproduzir estes gestos, estas dansas, para dellas conservar uma lembrança perenne, inventará o desenho, a pintura, a esculptura, emfim, as artes graphicas e plasticas.

A dança parece, pois, ter sido a mais inferior das artes. Affirmaria com mais ardor esta proposição, se me não lembrasse em tempo que não ha muito tive ensejo de ler um artigo proclamando que a dança era, pelo contrario, a arte mais complexa e intellectual, porque reunia em si os multiplos característicos da poesia, da musica, da pintura e da esculptura. Era até philosophica.

Não discutirei essa opinião, embora me pareça um tanto paradoxal (chamo, como todos nós, "paradoxo" á opinião dos outros, quando não concorda com a minha). Reconhecerei, em todo caso, que sem duvida existe um respeitavel abismo entre as dansas de certos animaes ou as dos nossos indios, evocadas por Carlos Gomes, que precediam o festim realizado á custa dos prisioneiros de guerra, e as realizações plasticas de Isadora Duncan, que tem por fim, segundo affirma, exprimir os sentimentos mais nobres e mais profundos da alma humana.

Quem sabe, entretanto, se as dansas selvagens não possuíam tambem uma particular e relativa belleza? Jean de Léry, na sua "Histoire d'un voyage fait en

la terre du Brésil”, fala numa dança religiosa a que denominava “Sabbath”, durante a qual os índios saíam “os seus antepassados que foram outr’ora tão valentes”. E essas danças duravam duas horas. Quantos gestos harmoniosos, quantas bellas e nobres attitudes desappareceram para sempre, faltando-lhes apenas para alcançar a immortalidade que um artista surgisse e fixasse no marmore um dos seus gestos fugidios e eternos!

Porque parece ter sido desde o começo a eterna presumpção dos seres humanos: deixar da sua rapida passagem pela terra um signal que se não mais apagasse ou esculpir, para disfarçar a sua solidão, as figuras dos deuses que inventaram para protegel-os.

Existe no meio do Grande Oceano, escreve Loti, numa região onde nunca se passa, uma ilha mysteriosa e isolada: nenhuma outra terra ha na sua visinhança e, a mais de 800 leguas em redor, cercam-na immensidades desertas e movediças. Nellas estão plantadas altas estatuas monstruosas, obras de não se sabe que raça hoje degenerada ou desapparecida, e o seu passado permanece um enigma: “Tü-Oné” e “Tu-Papa”, o espirito das arelas, o espirito dos rochedos, desses mortos que eram os guardas das ilhas contra a invasão possivel dos mares. Era para elles que se voltavam os indigenas perdidos na solidão dos mares.

Eram elles que se amavam, porque se não amam abstracções; só de perto é que se pôde querer bem e os homens só começaram a amar, a sentir a presença dos seus deuses depois de lhes terem dado uma fôrma humana que pudessem contemplar e adorar com respeito e confiança. Talvez que a esculptura tivesse assim prestado ás religiões um auxilio, cuja força ellas não chegam a avaliar.

Será essa inaptidão para esculpir os deuses que torna tão indecisa a theogonia dos indigenas brasileiros e o culto vacillante que prestavam á lua *Iacy*, ao sol *Guaracy* ou ao Trovão *Tupan*?

Nada, pois, encontramos entre os nossos índios que se possa considerar como o embryão da esculptura. E’ preciso que cheguemos a Simão da Cunha e Domingos da Conceição, autores das esculpturas de São Bento, e, mais tarde, a Valentim da Fonseca e Silva, ao mestre Valentim, muito superior aos dois nomes citados e que é mesmo, por assim dizer, o nosso primeiro esculptor. São numerosas as obras deste, não só na esculptura, como na architectura e na ourivesaria. Nas igrejas é que podemos principalmente contemplal-as: em S. Francisco, na Cruz dos Militares, no altar-mór do Hospício, no Carmo e Santa Rita. Morreu pobre, nesta cidade. Seu ultimo leito consistio em duas taboas em cima de um cavallete.

Passarei ligeiramente por Silva Guimarães e Chaves Pinheiro, que pouco produziram, para chegar aos nomes gloriosos de Almeida Reis e Rodolpho Bernardelli, os primeiros artistas entre nós que encheram o marmore de idéa e pensamento.

Não foi Miguel Angelo que escreveu: “O artista, mesmo o maior, nada pôde conceber que o marmore já não contenha em si e que a mão, obedecendo ao pensamento, saberá extrahir...”? Considere-se aquelle admiravel grupo do Christo e a adúltera. Já não se trata apenas de perfeição physica da estatuaria grega. Nos olhos ocos das estatuas de outr’ora, fez o artista brilhar uma chamma. A materia cedeu lugar ao espirito; a belleza das proporções foi substituída pela intensidade do pensamento e a serenidade que illumina o rosto de Jesus é muito diversa da serenidade olympica e impassivel dos deuses da antiguidade. Os modernos ainda foram mais longe. Procuram antes da belleza o character e é outra estatua de Bernardelli que justifica as minhas palavras: quero referir-me á *Faceira*, tão caracteristica e suggestiva, onde se sente palpar tanta vida e cuja problematica

belleza se afasta, porém, bastante da Venus de Medicis ou da Venus Callipygia, ambas reproduzidas pelo artista. A Venus deslumbra-nos, a Faceira seduz-nos. São ambas características de uma raça e de um momento.

Tanto, porém, como a escultura, ou mais ainda, a architectura é o espelho fiel onde se reflectem as almas dos povos e das raças. A sombria imponencia das ruínas de Karnac, a luminosa e pura singeleza dos templos gregos, a grandeza triste das igrejas medievas, a pompa faustosa de Versailles são seguros testemunhos das idéas e dos caracteres dos povos que os ergueram.

Não somos muito ricos neste ramo da arte. Fallaram no seculo XVII nas ruínas imponentes de uma supposta cidade indigena, na capitania da Parahyba. Parece, porém, que essas ruínas se evaporaram e que dellas não resta nem sequer uma lenda! As construcções dos primeiros colonos portuguezes eram fortalezas em miniatura: precisavam elles antes de tudo precaver-se contra os ataques dos indios. Da passagem dos hollandezes pelo Brasil nada resta e as gravuras do artista Pest só nos exhibem barracões acaçapados, casarões tão pouco artisticos como aquelles que construíram mais tarde os portuguezes. A unica tentativa de arte encontra-se nas igrejas, sendo que a maior parte dellas foram construídas no seculo XVIII. Quasi todas são de estylo baroco, com madeiras douradas e ornamentadas de gosto duvidoso. Até fins do seculo passado, o estado permanecia mais ou menos o mesmo, os edificios mais notaveis eram na sua quasi totalidade rectangulos de maior ou menor extensão, perforados de orificios por onde penetrassem o ar e a luz. O nosso Congresso ainda subsiste como uma reminiscencia desta singeleza patriarchal. Foi preciso que, graças ao restabelecimento das nossas finanças, devido á sabia politica do Dr. Joaquim Murinho, se pudesse demolir o velho Rio, rasgar avenidas por onde se engolfasse o grande vento da Europa, derrubar os casebres, elevando no seu lugar palacios e monumentos, nem sempre de apurado gosto, devo reconhecê-lo, mas que attestam o esforço e o desejo de acertar. Não devemos ser muito exigentes para com os nossos edificios, quando na propria Europa a architectura atravessa actualmente a crise que presenciámos. Procuram-se estylos novos, misturam-se estylos antigos. A vacillação é evidente. Não ha directriz definida. Parece ser ella o reflexo da alma moderna, irrequieta, indecisa, como que vergando, acabrunhada, sob o peso do seu immenso passado.

Admiremos, pois, sem restricções — ou pelo menos fazendo as restricções baixinho — os edificios publicos, as casas particulares que vão surgindo aos poucos e dando ao nosso Rio os seus foros de grande cidade moderna. Seria impossivel não citar o nosso grande Theatro Municipal, onde a munificencia do Sr. Francisco Passos profusamente espalhou os mármoreos e as luzes, a Escola de Bellas Artes, a Bibliotheca Nacional, onde, a par do conforto que podeis, tanto como eu, avallar, se notam, na sala de leitura, os interessantes paineis de Brocos, Amoedo, Visconti e Bernardelli. Confessemos, aliás, que na pintura temos felizmente um passado mais glorioso que na arte de construcções. Podemos evocar os precursores do seculo XVII, aquelle magro e illuminado Frei Ricardo do Pilar, allemão ou flamengo, cujo Christo ergue vagarosamente os braços no mosteiro de S. Bento; João de Souza e seu discipulo Manoel da Cunha, filho de um branco e de uma escrava, o qual, abandonado pelo pai, soube libertar-se e tornar-se um homem pelo seu talento; Leandro Joaquim e José Leandro, um dos mais individuaes e tambem dos mais infelizes, e todos os outros que se dedicavam quasi exclusivamente á pintura religiosa, pois della tinham que lançar mão para viver. Virgens, Christos, Anjos, Nossas Senhoras do Carmo, do Parto, da Boa Morte, multiplicavam-se com vertiginosa rapidez. Nem sempre a qualidade correspondia á quantidade. Foi preciso que Napoleão resolvesse ajustar contas com Portugal para que D. João VI,

estabelecendo-se no Brasil, viesse dar ao nosso paiz um impulso formidavel, só comparavel talvez ao que se notou nestes ultimos dez annos, e que teria sido ainda mais effizaz se a indole dos brasleiros de então — neste ponto ha ainda entre nós muitos brasileiros do tempo de D. João VI — se tivesse manifestado mais affeita ás cousas de arte do que a agitações de uma oca e esteril politicagem. A França, a grande fornecedora mundial de arte, mandara-nos uma serie de artistas que muito fizeram em prol do nosso gosto e Nicolas Taunay enviava annualmente aos "Salons" de Pariz paizagens caracteristicas do Rio de Janeiro. Corrêa Lima, Araujo Porto Alegre, mais tarde Director da Escola de Bellas-Artes, e S'mplicio Rodrigues de Sá, alumnos de Debret, revelaram temperamentos diversos e interessantes. A pintura religiosa deixou de ter predominio, atiraram-se os artistas á pintura historica e ás paizagens. Pedro Americo, além de idealizar varias batalhas, pinta quadros religiosos e uma Joanna d'Arc que mereceu, não sei porque, as censuras do Sr. Gonzaga Duque-Estado.

Accusou-o o illustre critico de ter "idealizado a historia", porque representou Joanna d'Arc ouvindo um anjo fallar-lhe.

O reparo afigura-se-me um tanto inconsistente. E' possivel que, segundo affirma o Sr. Duque-Estrada, "a heroína franceza, um dos typos que mais elevam e dignificam a humanidade, não tivesse sido senão "uma pobre rapariga allucinada, victima de uma erecção cerebral", mas não é pelo menos a idéa que se fórma geralmente de Joanna d'Arc. E caso mesmo, o que não creio, a verdadeira Joanna d'Arc tivesse sido a do Sr. Duque-Estrada e não aquella que nos apresentam a historia e a lenda, escolho a Joanna da lenda, porque entre uma bella lenda ou uma triste realidade, devemos sempre, sem hesitar, escolher a bella lenda.

Victor Meirelles conseguiu com o seu quadro "A primeira missa", um successo que não pôde mais obter com suas successivas batalhas. E, á medida que chegamos aos mais modernos artistas nossos e aos contemporaneos, despidos daquelle romantismo, tão oco e barulhento por vezes, sentimos, na diversidade das escolas, na complexidade dos temperamentos, palpitar uma alma que nos interessa e seduz. O dramatismo das composições allia-se á audacia das nuanças. E só posso citar de passagem os nomes illustres de Almeida Junior, um dos maiores, Decio Villares, Aurelio de Figueiredo, Rodolpho Amoedo, cujo talento tão variado vai da fluidez matutina da "Partida de Jacob", ao naturalismo poderoso do "Estudo de Mulher", Bernardelli, Belmiro de Almeida, Baptista da Costa, todo impregnado do perfume forte e penetrante da nossa natureza virgem, Helios Seelinger, com suas orgias de luz, Visconti, emfim, cujo admiravel e suggestivo retrato de Gonzaga-Duque, tem causado sensação no actual "Salon" da Escola de Bellas-Artes. E é impossivel não parar um instante diante daquella Escola, verdadeiro repositório de arte, com suas riquissimas collecções de quadros e objectos artisticos, e que tão relevantes serviços nos vai prestando, mórmente após a reforma de Benjamin Constant, que creou em 1890 a *Escola* em substituição á Academia e cujos estudos foram feitos pelos Srs. Amoedo, Bernardelli, Rodrigues Barbosa e Moreira Maia.

Como védes, manifestam-se hoje livremente e fraternizam as tendencias mais diversas. Restos de romantismo, surtos de naturalismo, reflexos de preraphaelismo, audacias de impressionistas, que têm a faculdade de ver todas as cousas verdes, escarlates ou roxas, e de que nos não devemos rir porque todo excesso contém sem duvida uma parcella de verdade. Só não tivemos ainda nem futuristas, nem cubistas, cujas telas são realmente um pouco difficeis de se entender e que vêm a ser, diz um delles, "a synthese daquillo que vemos e de que nos lembramos". Cada objecto pintado exprime seu rythmo particular, seu movimento, sua força

interna. Cada objecto exerce influencia no seu visinho. Quantas vezes, no rosto da mulher que fallava ccmnosco, distinguimos o cavallo, o cavallo que passava ao longe, na rua... Os nossos corpos entram nos sofás onde nos sentamos e os sofás entram em nós. E' o transcendentalismo physico".

Os senhores futuristas affirmam que estão no seu perfeito bom senso e eu o creio. Talvez vejamos no nosso proximo "Salon" alguns quadros de cubistas. O que parece é que os senhores futuristas confundem uma arte com outra e querem obrigar a pintura a exprimir o que só pertenc'a á musica. Um grupo de litteratos já tentou, é verdade, em uma occasião, estabelecer laços estreitos entre a poesia, a pintura e a musica. Todas as vogaes tinham uma côr: *A* era branco, *E* era verde, *O* vermelho; *O* era a trompa, *E* era a flauta, etc., etc. Mas a orchestra parece que deu um resultado um tanto cacophonico e acho preferivel tratar da musica isoladamente.

A musica! Só me occupi com as tres artes que se desenvolvem no espaço. Resta-me considerar as que se desenvolvem no tempo e agem sobre nós por impressões successivas: a litteratura, que já foi em parte estudada numa conferencia anterior, e a musica, a musica, alma do mundo, a mais individual das artes e ao mesmo tempo a mais social. Ella eleva diante de nós, como a architectura, palacios immensos e deslumbrantes. Mas são castellos mysteriosos que, apenas erguidos, se fundem e se diluem em neblina transparente, palacios de lenda que nos fazem sonhar mais do que os palacios de marmore. A musica não se explica — sente-se. A ella é que cabe exprimir os sentimentos confusos que borbulham nas trévas mais fundas de nós mesmos, os presentimentos mysteriosos, os vagos anceios, tudo quanto nasce e morre em nós silenciosamente e que não conseguiriam expressar nem o gesto, nem a palavra. Onde acabam a pintura, a esculptura, a litteratura, no limiar mysterioso onde morre a palavra humana, eis onde começa o mundo infinito da musica.

Que será a musica entre nós?

Nada mais difficil do que definil-a, a ella que se transforma como um Protheu, de povo a povo, de seculo em seculo, que é como o perfume de cada povo, perfume que ainda paira sobre as ruínas das raças mortas e dos seculos extinctos. Uns vêem nella uma architectura movediça, outros um psychologia poetica; querem uns que seja uma arte toda plastica; outros uma arte de pura expressão. Para uns a melodia é a essencia da musica; para outros é a harmonia.

E elles têm todos razão, escreve o Sr. Rolland, que attribue tambem á musica o papel de grande conciliadora: "E' a architectura de sons em certos seculos de architectura e em certos povos de architectos, como os franco-flamengos dos seculos XV e XVI. E' desenho, linha, melodia, belleza plastica nos povos que têm o senso e o culto da fôrma, nos povos pintores e esculptores, como os italianos. E' poesia intima, effusões lyricas, meditação philosophica nos povos poetas e philosophos, como os allemães. E' o canto dos seculos e a flôr da historia; ella brota na dôr como na alegria da humanidade." Adapta-se a todas as condições da sociedade. E' uma arte de côrte galante e poetica, no tempo de Francisco I e Carlos IX; uma arte de fé e combate, com a Reforma; uma arte de apparatus e orgulho principesco, no reinado de Luiz XIV; uma arte de salão, no seculo XVIII; torna-se, nas proximidades da Revolução, a expressão lyrica de personalidades revolucionarias; será a voz das sociedades democraticas do futuro, como foi a voz das sociedades aristocraticas do passado. Nenhuma fórmula a encerra.

E' o canto dos seculos, — um canto que começou bem modestamente por um grito, "o grito animal da paixão", segundo Diderot, e que nossos indios soltavam

de modo bastante harmonioso, pois já no seculo XVI Jean de Léry annotava as suas melodias.

Evidentemente ha uma differença bastante sensivel entre as musicas festivas dos indios Coroados e os tríos do Sr. Glauco Velasquez, mas é notavel a tendencia natural para a musica, que se observa no Brasil, mesmo nas épocas em que as outras artes jaziam no mais completo abandono. Já extranhavam os missionarios a facilidade com que os indios aprendim os canticos e, no começo do seculo, Spix e Martius escreviam que "uma prova do talento musical dos brasileiros se patenteava no facto de ter o Principe Real Dom Pedro organizado uma banda de musica vocal e instrumental composta de mulatos e negros."

A musica popular brasileira é essencialmente triste. Como poderia deixar de sel-o? Nella se fundem os tres elementos: o indigena, o portuguez, o africano. O indigena é de natureza grave e triste. Parece que os que vivem em contacto directo com a natureza possuem uma serenidade melancolica, que desconhecem os homens das cidades. O portuguez é triste e concentrado. O africano, nas condições em que veio ter ao Brasil, não podia manifestar muita alegria. Como não havia de ser triste a musica popular brasileira? Hoje ainda, quando, ao passar por uma campina deserta, no crepusculo cinzento ou numa noite enluarada, se ouve ao longe um lundú singelo ou uma plangente modinha com seu acompanhamento chromatico, por mais alegres que sejam as palavras do canto, ninguem pôde deixar de sentir-se invadido por uma extranha e dolorosa emoção.

Triste ou não, facto é que sempre revelamos uma sensivel aptidão para a musica. Mesmo nas épocas em que menos se prezavam as outras artes, nunca deixou a musica de brilhar entre nós, nunca deixou de ser essencialmente representativa da nossa alma e da nossa raça, essa musica que nos acompanha a vida inteira embalando os nossos primeiros gemidos e o nosso ultimo suspiro, resistindo victoriosamente aos assaltos que lhe dão as invasões annuaes das companhias lyricas Italianas com seu desacreditado repertorio das operas mais baixas e triviaes da actualidade. Emquanto scmos, em cada inverno, obrigados a folhear com um bocejo novas e identicas edições de *Tosca* e *Palhaços*, o *Abul* do Sr. Nepomuceno ainda não conseguiu vêr a luz da ribalta!

A nossa superioridade musical, já a reconhecera D. João VI, oppondo ao compositor portuguez Marcos Portugal o mestiço brasileiro Padre José Mauricio.

Foi um discípulo de José Mauricio, Francisco Manuel, quem fundou mais tarde a Sociedade Beneficente Musical e creou um Conservatorio onde o ensino era gratuito. Delle sahiram alguns artistas de talento, entre os quaes está Carlos Gomes, o nosso Verdi nacional, cuja admiravel inspiração infelizmente não encontrou na opera italiana um molde digno do seu talento. E depois? Depois, é aquella admiravel florescencia de artistas de que se orgulharia qualquer paiz e em que domina a figura altiva de Leopoldo Miguez. Vêm a ser, entre os nossos contemporaneos, Francisco Braga, Araujo Vianna, Henrique Oswald, cuja extraordinaria modestia se equipara ao extraordinario valor, Glauco Velasquez, o artista solitario e original que, sem nunca ter sabido do Brasil, teve, num rasgo genial, a intuição das mais modernas fórmulas musicas, o que lhe valeu, aliás, ser insultado numa folha que lhe negou até o uso perfeito das faculdades mentaes, Alberto Nepomuceno, emfim, o mais brasileiro de todos, que reúne a uma inspiração profundamente pessoal uma arte suprema e a sciencia consummada dos rythmos e dos timbres. Um facto bastará para mostrar exuberantemente a popularidade de que gosa no momento actual o Sr. Nepomuceno. Abriu-se ha poucas dias o Theatro Nacional. Na primeira peça representada, cantava-se num dos actos uma melodia do Sr. Nepomuceno.

Hoje, nova peça substitue a primeira no cartaz. Uma das personagens cantarola no primeiro acto uma melodia do Sr. Nepomuceno. Já está em ensaios a terceira peça a representar-se. Nella se canta tambem uma melodia, tambem do Sr. Nepomuceno. E' um pequeno facto, realmente, mas que me parece bem significativo.

E já que o acaso me levou para os lados do theatro, desejava tambem dizer duas palavras — ou um pouco mais até — sobre este ramo da arte, um dos mais importantes, e que tem sido entre nós tão infeliz, desde o autor do *Labyrintho de Creta*, o desgraçado Antonio José da Silva, perseguido pelo Santo-Officio.

De 1830 a 1850, as tres figuras de Domingos Magalhães, Macedo e Martins Penna encarnavam o theatro da época.

Falta-me tempo para citar a longa lista de autores que encontramos até chegar a França Junior e Arthur Azevedo.

Porque — o facto é bastante singular — se o theatro não teve até hoje vida gloriosa, não foi por falta de autores, nem de actores. O povo tem, innato, o gosto pelo theatro. Basta ver o numero infinito de sociedades, clubs e theatrinhos particulares! A' medida, porém, que os annos passavam, sent'a o publico que faltavam áquelle theatro profundeza e sinceridade. Todas as artes caminhavam, progrediam, dignificavam-se. Era preciso que o mesmo se dêsse com a arte dramatica, rebaixada até a miseria dos espectaculos por sessão, que vem a ser para a arte o que é um chromo luzidio para um quadro de Amocedo ou Bernardelli. Realizou-se, ha tres annos, uma tentativa que não foi muito feliz. Mas actores não faltavam, nem tão pouco autores. D. Julia Lopes, Coelho Netto, Oscar Lopes, Affonso Arinos, Paulo Barreto, Carlos Góes, Lima Campos, Silva Nunes e Goulart de Andrade, no theatro em verso, ahí estão para provar que pôde existir, que existe entre nós uma arte theatral moderna, mais observadora e, apezar de inevitaveis hesitações, mais humana que a antiga. Provou a noite de 1 de Outubro que tinhamos autores, actores e scenographos. E como já possuimos tambem um edificio condigno, o exito só pôde depender agora dos poderes publicos e da critica fluminense. Essa, com o *Jornal do Commercio* á sua frente, tem-se mostrado sempre sollicita em animar os moços, em auxiliar todos os nobres movimentos de arte. São os criticos dignos deste nome que se incumbem de guiar os estreatantes, apontar-lhes os defeitos e impell'los corajosamente para novas tentativas.

Não me referirei aqui aos outros — porque não existem sem divida em nossa terra — aos demolidores systematicos que, incapazes de crear e produzir, se consolam cuspiendo nas obras que já não podem morder. São essas almas virtuosas e podres que córam pudicamente diante de um nú e substituem a critica pela ironia, não essa doce e leve ironia que torna a vida amavel, mas a chacota baixa e injuriosa. Insultam em vez de analysar, tratam de dementes os artistas cujas obras não pôdem comprehender e procuram occultar sob a capa illusoria da moral ultrajada a sua ignorancia e a sua incompetencia.

Estes são os piratas da critica. Felizmente raros, mesmo que existam entre nós, por mais que se esforcem, não conseguirão abafar o grande movimento ascencional que se nota em todos os ramos da arte. O actual salão exhibe-nos uma serie de obras curiosas de *novos*. Adalberto e Antonino de Mattos, Carlos Oswaldo, Navarro da Costa. Multiplicam-se as expcsições: ao lado do salão official tivemos, ha pouco, a *Juventas*, expondo as obras de artistas juvenis, entre as quaes se destacavam os bellos e fortes trabalhos do Sr. Ybarra de Almeida.

Não procuremos suffocar essas tentativas, por ora isoladas, mas que, multiplicando-se, congregando-se, virão a ser um dia uma força compacta e poderosa. Auxiliemos esta arte para a qual temos instinctivamente tanto gosto e que só a nossa natural indolencia não deixou até hoje livremente expandir-se! Hoje,

os próprios poderes publicos já parecem interessar-se mais sériamente por ella. Estendamos-lhe, pois, a mão, as duas mãos, a esta arte sem a qual um povo não merece este bello nome, a esta arte que devemos amar, que é para nós uma segunda vida, mais bella do que a primeira. Deixemos rastejar os que a desconhecem, que a negam, que passam ao seu lado sem saber, sem querer vê-la. Assemelham-se áquelles caminheiros que percorrem o mundo fitando tristemente a poeira das estradas e que não sabem vêr, por sobre as suas cabeças, o esplendor do sol e das auroras! E não se pretenda que a arte nos faz esquecer e desprezar a vida, que é deprimente e irreal. E' com os materiaes extrahidos da human'dade que se pôde crear o sonho. E' com as lagrimas, o sangue, a lama humana que se constroem monumentos solennes de imperecível belleza. Todas as obras d'arte nascem do soffrimento. Representam uns momentos da eterna dor humana, transfigurados e immortalizados no papel, no bronze ou no marmore. Amemol-a, esta arte que se faz sentir no mais humilde canto do pastor, como na mais possante symphonia de Miguez ou Nepomuceno, e que approxima os homens, supprimindo victoriosamente o espaço e o tempo. Sabemos que milhares de creaturas viveram, soffreram, morreram antes de nós nesta terra que pisamos. Sabemos que milhares de brasileiros vivem e soffrem como nós, do Amazonas ao Rio Grande. Mas, só quando, no "atelier" de Moreira Junior, contemplamos o expressivo busto do Mestre Valentim, ou, no convento de Santo Antonio, o retrato de D. João VI, aquelle retrato que José Leandro, seu autor, foi mais tarde obrigado pelo povo impiedoso a inutilizar sob uma espessa camada de colla; só quando pensamos que em seculos passados, homens como nós, neste mesmo pedaço de terra, vibraram diante da mesma belleza, choraram diante das mesmas desgraças, só então é que, invadidos pelo respeito do passado, nos sentimos realmente unidos e temos a consciencia de que formamos realmente um povo.

E este milagre de solidariedade que faz a arte no tempo, ella o realiza tambem no espaço.

E' pela arte que se approximam e se sentem irmãos os brasileiros dos Estados mais afastados e é no terreno de uma admiração commum que se podem encontrar e comprehender os espiritos mais avessos e mais contrarios. Uma pagina escripta por um desconhecido perdido no longinquo isolamento de um sertão, a milhares de leguas de nós, e que atravessasse o paiz inteiro para chegar até as nossas mãos, essa fragil pagina, assignada por um irmão que nunca havemos de encontrar, estabelecerá entre elle e nós um laço mysterioso e profundo, que nada conseguirá romper.

Graças a elle, graças a esse sopro bemfazejo que correu do norte ao sul, desfez-se um pouco do grande isolamento humano. E essa união espiritual, nada mais poderá desfazer-a, pois não conheceremos nunca o ser amado senão atravez do nosso espirito, transfigurado, dignificado pela arte, sem soffrermos as inevitaveis desillusões que provocaria a sua presença.

E' o sentimento que tão bem expressou um dos mais profundos, um dos mais graves poetas modernos, quando dirigia seus versos "aos amigos desconhecidos que não desejava encontrar":

"Vous qui m'aurez donné le pardon sans le blâme
N'ayant connu mes torts que par mon repentir,
Mes terrestres amours que par leur pure flamme.

Chers passants, ne prenez de moi-même qu'un peu,
Le peu qui vous a plu parce qu'il vous ressemble,
Mais de nous rencontrer ne formons point le vœu:
Le vrai de l'amitié, c'est de sentir ensemble:
Le reste en est fragile, épargnons-nous l'adieu."

E é por este facho sagrado que vai correndo os seculos e illuminando as nossas almas, é pela arte e só por ella que sentimos por vezes, apesar da nossa indifferença apparente, durante alguns segundos os nossos corações, supprimindo victoriosamente as noções do tempo e do espaço, baterem contra os corações que viveram na terra que hoje pisamos.

Que seria de nós, se já não tivéssemos um passado, fixado e immortalizado pelos artistas de outr'ora, e se os de hoje não tratassem de dar aos nossos descendentes, quando todos nós já não formos senão poeira, uma idéa da graça, da belleza e da dôr que appareceram alguns instantes neste solo, para se desfazerem em seguida para sempre ?

E esta arte, que alguns querem proclamar inutil e desnecessaria, vive uma vida tão forte e tão possante que está condemnado a perecer no olvido tudo quanto ella não tiver acariciado com a sua aza maravilhosa.

Quantos heroísmos desconhecidos, quantas bellezas mortas, quantas lagrimas ignoradas, que nunca chegaram até nós. Quem hoje saberia da belleza de Laura, da pureza de Beatriz, se Petrarcha e Dante as não tivessem cantado ? Tão forte e poderoso é o cunho da arte, que chega, muitas vezes, a substituir a verdade, e as personagens imaginárias, Romeu e Julieta, Manon, a Moreninha, vivem no nosso espirito com mais intensidade do que muitos conhecidos nossos e indifferentes, com a mesma força que se as tivéssemos conhecido e vivido na sua intimidade.

Nem todos serão capazes de creal-as, estas immortaes figuras de lenda — o espirito sopra onde pôde. Nem todos poderão esculpir o Christo de Bernardelli. Mas todos, e eis o ponto em que a Arte, que nada tem que ver com a Moral, se approxima e se confunde com ella, todos podem esculpir a sua estatua, fazer da sua vida uma obra de arte, nobre e digna, um poema harmonioso e puro, que lhes seja dado contemplar no derradeiro instante. E, talvez seja essa a mais bella obra de arte que se possa crear.

Sim, tudo quanto é terreste é fragil e duvidoso; os mais profundos amores esmorecem, as religiões desmoronam, as mais solidas philosophias passam e mostram um dia quão vã era a sua loucura de pretender explicar o mundo. A verdade, essa verdade que os homens tão ardentemente procuram, parece zombar dos nossos esforços para attingil-a e reveste cada dia novos aspectos ondeantes e multiformes. Sim, tudo é vaidade, conforme a amarga palavra de Salomão. Mas nesta fragilidade humana, no meio das ruinas de tudo quanto os homens vão pesadamente amontoando durante centenas de seculos, no meio do esquecimento de tudo, da illusão e do engano universaes, uma cousa unica subsiste, segura, inabalavel, forte como a morte: o pensamento humano, que dignificou a vida e a tornou digna de ser vivida.

As gerações humanas passam como sombras. Dellas só nos resta o que nos legaram os artistas mortos, os artistas que se encarregaram de imprimir um sentido á existencia, que, sem elles, nada significaria, pois conseguem o que só a pouco é dado: fazer, nesta terra, onde tudo passa, alguma cousa que não passe.

O PROGRESSO DAS SCIENCIAS NO BRASIL

CONFERENCIA REALISADA A 24 DE OUTUBRO DE 1912 PELO DR. JULIANO MOREIRA

Ao convite honroso do illustre Sr. Director Geral desta casa para vir fallar, paredes a dentro deste grandioso thesouro do saber humano, sobre os progressos da sciencia no Brasil, respondi immediatamente pela negativa, porque vi em rapido exame de consciencia a inferioridade do escolhido ao lado da amplitude do assumpto.

Eu sabia que, para estudar, como convem, a evolução dos conhecimentos humanos em qualquer parte do mundo, se faz preciso: sciencia vasta e profunda, culto intemerato da verdade, amplo conhecimento dos homens, cousa que o saber não dá, e ainda em cima grande respeito pelas illusões consoladoras até mesmo para os erros e fraquezas dos simples.

Insistiu, porém o erudito director e eu, muito a contragosto, annui, não só por attenuar a aspereza desattenciosa do primeiro não, como ainda porque logo vislumbrei o seu louvavel intuito de reservar a outros de mais vasto saber emprezas de maior peso.

Perdoai, pois, a elle o desacerto da escolha e a mim a inadvertencia de aceit-a.

Relanceando a vista sobre os progressos das sciencias entre nós, verifica-se com prazer que muitas dentre ellas merceiam uma conferencia á parte.

Não me proporei o esforço pseudo-patriótico de fazer apenas a bibliographia dos trabalhos comprehendidos pelos nossos compatriotas nos diversos ramos das sciencias. Não só porque a internacionalização crescente do saber humano nol-o impede, como ainda porque no Brasil, como de resto em todos os paizes, as sciencias nunca progrediram sem o concurso de gente vinda de povos mais antigos.

Como não ser assim? O que se deveria dizer daquelle que procurando estudar de um bom ponto de vista um phenomeno qualquer encontrasse o terreno occupado pelas estatuas dos que anteriormente o perscrutaram e não tentasse subir aos hombros dessas estatuas para ao menos verificar se algo escapara a quem vio de menos alto?

Por outro lado, os mestres se devem lembrar dessas palavras admiraveis do extraordinario philosopho francez: "O mais orgulhoso e o mais estreito dos sabios não poderia por muito tempo desconhecer quanto suas proprias descobertas dependem do conjuncto dos trabalhos humanos, tanto anteriores quanto actuaes. Quanto aos verdadeiros philosophos, esses não esquecem jámais que a participação pessoal dos mais potentes innovadores é muito inferior a essa preparação collectiva, cuja preponderancia é aliás crescente. Os grandes successos praticos exigindo um concurso mais vasto e menos contestavel inspiram mais esta salutar convicção. Assim, o orgulho pessoal tende a se apagar sob uma justa altivez collectiva, sempre temperada pela imperfeição constante. Los nossos triumphos, mesmo diante das menores difficuldades especulativas."

Esforçar-me-ei, pois, por demonstrar: 1º que não têm razão os que nos supõem inaptos para estudos e pesquisas scientificas; 2º que apesar das difficuldades todas que o colonizador portuguez oppoz a nossas tendencias para a cultura do espirito, nós temos procurado transplantar para aqui os ramos da grande arvore do saber; 3º que em homenagem ás sciencias do velho mundo aqui temos acolhido com entranhado carinho quantos sabios nos têm vindo trazer as energias de seu saber.

Revelada a existencia do Brasil aos povos da Europa, era natural que no espirito dos sabios da epocha surgisse logo o desejo de vir estudar os habitantes e as riquezas naturacs.

Portugal a esse tempo possuia raros homens de vastos conhecimentos, como Amatus e Zacutus Lusitanus. Não cogitou, porém, de os enviar ás plagas descobertas. Aos sabios dos outros povos é claro não iria Portugal permittir o exame do valor de sua descoberta. E' facto que entre os jesuitas que vieram evangelizar as novas terras havia homens de tão solida instrucção que bem se poderiam dedicar a estudos de maior valia sobre as cousas do paiz. Alguns raros subsidios foram escriptos, nem sempre por gente lettrada, o que não é aliás para admirar porque em Portugal, além da medicina galenica e das letras theologicas e juridicas, se não professavam outras humanas disciplinas e as sciencias phisicas e naturaes como as mathematicas eram quasi inteiramente desconhecidas.

Transcorrido um seculo após o começo do povoamento do paiz, foi que a Hollanda, tendo enviado ao Brasil o Conde João Mauricio de Nassau, mandou a essas plagas um grupo de homens de sciencia. Assim veio, em 1637, para Pernambuco, Guilherme Piso, o fundador, com Bontius, da medicina colonial no dizer de Stokvis. Devemos acrescentar que foi elle o creador da nosographia brasileira. Em companhia de Piso vieram os allemães J. Marckgraff e Henri Craltitz. O ultimo infelizmente logo falleceu, *in immatura morte suffocatus*, como diz Piso. Ao outro, Jorge Marckgraff, muito deve a Historia Natural brasileira, da qual foi, por certo, o verdadeiro fundador. Prodigiosamente activo, percorreu o territorio em varias direcções, indo até ás capitancias limitrophes para determinar longitudes e latitudes das differentes localidades e traçar os respectivos mappas; colleccionou, desenhou e descreveu todas as plantas e animaes que encontrou ou lhe remettera o Conde; estudou habitos, costumes e linguas dos indigenas; aprendeu o portuguez, como se infere de varias de suas cartas e, quando Nassau estabeleceu em seu palacio um observatorio, o primeiro do hemispherio sul, ahi realizou observações astronomicas e meteorologicas de valor. Lamentavel é que dos seus trabalhos astronomicos apenas chegassem até nós os calculos relativos ao eclipse solar de 12 de Novembro de 1640, salvos por Barlaeus.

O contingente para o estudo de historia natural por elle colhido foi tamanho que constituiu a mais opulenta colleção dentre as que chegaram á Europa. Diz a proposito muito bem Alfredo de Carvalho:

“Era tão avultada sua cópia que o gabinete do Conde, os museus de duas Universidades e varias colleções particulares (entre estas a depois tão famosa de Sebasch) foram com ella enriquecidos e por mais de um seculo a sciencia se nutriu desta provizão”. De seu enorme espolio scientifico (elle falleceu em 1644) foi colhido o material constitutivo de oito livros dentre os 12 de que se compõe a *Historia Naturalis Brasiliae*, de Guilherme Piso, da qual foi publicada a primeira edição em 1648.

Em 1658, Piso, que accusava Laet de precipitação e desleixo no preparo da 1ª edição, deu á estampa uma segunda, que no conteúdo e na fórma é differente da outra e tem por titulo: *Guiljelmi Pisonis medici Amstelædamensis de Indiae utriusque re naturali et medica libri quatuordecim*. Appenso vem o *Tractatus topographicus*

et meteorologicus Brasiliae, da lavra de J. Marckgraff, terminando com os livros de J. Bontius: *Historia Naturalis et medicalis Indiae orientalis*.

Piso observou no Brasil a bouba, o tetano, paralyrias varias, a dysenteria, a hemeralopia, o maculo, o bicho do pé. Descreveu as propriedades emeto-catharticas da ipeca e a utilidade que della tiravam os indigenas: mostrou a acção therapeutica do coco andá, da copahyba, do pipi, da japecanga, da capeba, do jahorandi; presentiu a acção peptica da *carica papaya*, etc. Indicou pela primeira vez que pelos dentes da cobra vinha ao logar mordido o veneno ophidico e descreveu com exactidão os efeitos toxicos do *Bufo viridis*, *vulgaris* ou *musicus*, no qual descobriram mais tarde os chimicos a bufotalina (de efeitos um tanto analogos á digitalina), a bufotenina e a frinolisisina. Piso foi, por certo, o primeiro medico que fez necropses no Brasil, por isso que em tres capitulos de seu livro a isto se refere.

Demorei-me em fallar desses dous homens porque, sendo os fundadores da historia natural e da nosologia brasileiras, ainda não lhes prestamos, nós os brasileiros, nem a homenagem simples do retrato em qualquer das instituições scientificas do paiz. A propria engenharia nacional não poderá esquecer que a Marckgraff devemos o primeiro *Tractatus topographicus et meteorologicus Brasiliae*, sem contarmos as primeiras observações astronomicas aqui effectuadas. Se a esses primeiros lampejos scientificos outros se seguissem, quão mais cedo teriamos entrado no cortejo triumphal dos povos em via de cultura!

Da retirada dos holandezes até o inicio do seculo 18, não ha noticia de estudos scientificos por estas plagas sul-americanas.

Portugal procurou sempre impedir o contacto de estrangeiros com as gentes do Brasil. Bem vos lembraes daquelle aviso de 2 de Julho de 1800, apenas 7 annos antes da chegada do Principe Real ao Brasil, em que se prohibia a vinda do grande Humboldt ás terras brasileiras.

O Governo da metropole mandava avisar ao seu delegado no Pará que "um tal Barão de Humboldt" talvez viesse procurar aqui espalhar nos animos dos povos suas novas idéas de falsos e capciosos principios e lembrava que pelas leis existentes de Sua Alteza Real era prohibida a entrada nos seus dominios a todo e qualquer estrangeiro não autorizado com especiaes ordens de Sua Magestade. O Governador devia verificar com effeito se Humboldt ou outro tinha viajado ou estava então viajando pelo interior, o que seria summamente prejudicial aos interesses politicos da Corôa de Portugal e, se fosse exacto que estivesse viajando, o Governador deveria atalhar a "continuação de taes indagações..." etc.

Não era de admirar, pois, que no Brasil não penetrassem idéas que eram correntes no mundo civilizado. Affirmou Armitage, historiador inglez, que aqui viveu durante duas decadas: "pela politica de Portugal, uma das mais bellas e fertes regiões do globo havia sido privada de toda a communicação e commercio com as outras nações da Europa, a ponto de que a admissão e residencia dos estrangeiros eram allí prohibidas. Se aos navios das nações alliadas á metropole se consentia que de vez em quando ancorassem nos seus portos, prohibia-se-lhes que seus passageiros e tripulantes descessem á terra, excepto quando acompanhados por escoltas de soldados". O resultado disto era "vasta ignorancia geral do que se passava pelo mundo, excepto o que Portugal queria que se soubesse". "Não havia em todo o Brasil uma só typographia... A condição dos Brasileiros era, na verdade, digna de compaixão, comparada com a dos Europeus", conclue o mesmo historiador.

Explicavel é, pois, que em taes condições não tenham medrado neste paiz homens de sciencia até a vinda da Côrte de D. João VI. Mais admiravel, porém, pelos largos ensinamentos que encerra, é que nas ultimas decadas do seculo XVIII

tivessem sido enviados a estudar na Europa varios brasileiros que deram de sua capacidade intellectual e larga aptidão para o trabalho scientifico as provas mais inconcussas.

Disse-o Latino Coelho: "A natureza americana como que se correra e affrontara de que só lhe attribuissem por unica vantagem a fecundia inexaurivel dos seus seios metalliferos e de suas florestas millenarias. Não se diria que a Europa tinha por graciosa concessão da Providencia o privilegio do talento. A America, para justificar a sua pretensão á independencia, carecia de mostrar ao velho mundo que as sementes intellectuaes, trasladadas á sua gleba, filhavam e produziam messes tão copiosas e sazoadas como nas ribas orientaes do Atlantico". E mais adiante acrescenta: "Nos fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX, — digamol-o sem vaidade nacional — a maioria dos nossos talentos mais formosos havia tido seu berço no Brasil".

De facto, ao lado de Hippolyto da Costa, "o patriarcha dos jornalistas de Portugal e do Brasil", de Antonio de Moraes e Silva, o lexicographo, de D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, Bispo de Elvas, o primeiro economista portuguez, merecem menção os nomes de Francisco Villela Barbosa, eminente geometra, de Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois Marquez de Baependy, que tão bem ensinara hydraulica em Portugal e primeiro lá applicara a chimica a importantes problemas da industria, o de Vicente Coelho de Seabra, que tambem ensinara a chimica, de Fr. José Mariano da Conceição Velloso, o autor da "Flora Fluminense", de Alexandre Rodrigues Ferreira, o grande naturalista, de João da Silva Feijó, o mineralogista de reconhecido merito, de Manoel Ferreira de Araujo Camara, de Mello Franco e de Elias da Silveira, que illustraram a litteratura medica portugueza com livros e memorias de comprovado valor. Esses homens, que presentemente ennobrecem a historia intellectual do Brasil, deram brilho ás letras portuguezas. Em Portugal ensinaram e honraram sobremodo as suas academias. Entre elles, porém, foi primeiro pela sua muita sciencia e pelo seu maior engenho, o grande José Bonifacio de Andrada e Silva.

Taes e tantas vezes se tem affirmado a nossa incapacidade para trabalhos de maior folego, que eu vos peço licença para aproveitar esta oportunidade de em resumo reeditar a valia desse nosso pro-homem cujos quilates bastariam, se mais vulgarizados, para annullar quanto juizo erroneo têm sobre nós formulado viajantes apressados. Bem sabeis que José Bonifacio, nascido em Santos em 1767, lá mesmo aprendeu as primeiras letras e as humanidades. Veio ao Rio de Janeiro e daqui partiu para Lisboa. Por satisfazer ordens paternas foi a Coimbra cursar a Faculdade de Leis, mas, inclinado a estudos de sciencias naturaes, frequentou ao mesmo tempo a Faculdade de Philosophia. Recebeu o grão de bacharel em ambas as escolas. Mesmo em Portugal eram mal vistas as sciencias naturaes, "eram como que bastardas, a quem a generosidade e a clemencia de Pombal tinham dado morada e agasalho naquelle arrogante morgado litterario, que assentara em Coimbra o seu solar. Eram sciencias de plebeus e quasi desconhecidas por advenições e carecentes de costado genalogico". Passava quasi desconhecido ainda por lá o assombroso movimento de transição do seculo XVIII.

Felizmente, a pleiade de brasileiros, que por lá estudava, antecipando-se á cultura do paiz, começou a comprehender a funcção que a sciencia ia exercer no seculo seguinte como principal cooperadora na transformação dos agrupamentos humanos.

Vindo a Lisboa, logo entrou José Bonifacio para a Academia das Sciencias. Em Junho de 1790 eillo a partir com outro brasileiro, Manoel Ferreira da Camara,

e o portuguez Joaquim Pedro Fragoso para uma viagem scientifica pelos paizes da Europa, onde já havia fôcos de sciencia em institutos melhor apercebidos de gabinetes, muscus e laboratorios.

Frequentou assim Chaptal e Fourcroy, continuadores de Lavoisier, aprendeu com Jussieu, o botanico, e com Haüy, o verdadeiro fundador da mineralogia em França. O naturalista Sage, director da escola de Minas, incitou-o a ir a Freiberg, onde pontificava Abraham Werner, o eminente fundador da mineralogia systematica por elle separada da chimica geral como d'sciplina digna de estudos especiaes. Lá na afamada academia, aonde iam ter de toda a parte da Europa alumnos avidos de ouvirem a lição oracular de Werner, José Bonifacio ouviu ainda Lempe, que ensinava mathematicas puras e applicadas, especialmente a theoria das machinas, ouviu Klotzsch, que leccionava analyse chimica dos mineraes, Freiesleben, que regia a cadeira de chimica pratica, e Lampadius, que doutrinava em metallurgia.

Alli, na famosa escola saxonica, foi elle condiscipulo de Humboldt, como o affirma o astronomo Karl Bruhns na sua esplendida biographia do grande autor do Cosmos. Diz Bruhns, textualmente: "Os companheiros de Humboldt em seus estudos eram, entre outros, estes que haviam de ser depois os mestres da sciencia (*die spactern Meister der Wissenschaft*): L. von Buch, o dinamarquez Esmark, o portuguez Andrada e o hespanhol Del Rio."

Esse titulo de mestre da sciencia dado a José Bonifacio, ao lado de sabios de reputação universal como Humboldt por um homem do valor de Bruhns (professor em Lipsia), mostra o conceito em que é tido na Allemanha o nome do grande brasileiro.

De Freiberg foi visitar as minas do Tyrol, da Styria e da Corinthia. Depois desceu a Pavia a ouvir as lições de Volta, que, inventando a pilha electrica, mostrava á humanidade rumos novos. Em Turim, examinando a estructura geologica dos montes Euganeos, contradisse as affirmações de Ferber, Fontis e Spallanzani, que antes delle haviam estudado a geologia da Italia superior. Foi á Gran-Bretanha ouvir a lição fecunda de Priestley, o emulo de Lavoisier. Em Copenhague privou com o notavel naturalista e medico Pater Christian Abildgaard, um dos fundadores da Sociedade Dinamarqueza de Historia Natural e primeiro director da Escola de Veterinaria daquela cidade. Foi a Upsala ouvir Torbern Bergmann, o famoso descobridor do acido carbonico, do acido oxalico, do hydrogenio sulfurado e um dos reformadores da mineralogia. Por elle instigado, aproveitou José Bonifacio sua estadia na Scandinavia para estudar-lhe os jazigos metalliferos. Foi então que descobriu especies e variedades mineraes que lhe perpetuaram o nome nos tratados de mineralogia.

Em suas investigações, realizadas em Arendal, em Sahla, em Krageroc, em Longbanshytta, descobriu elle quatro especies novas: o Petalito, o Espoduménio, o Kryolitho e o Escapolitho, além de oito mineraes que podiam incluir-se como variedades em especies já descriptas por seus antecessores ou contemporaneos, se bem que a Ichthyophthalma se possa, no dizer de alguns mineralogistas, de certo ponto considerar como especie nova, por ter sido melhor determinada por José Bonifacio do que por aquelle que primeiro a observou, o mineralogista Rinmann. Não comportam os limites de uma conferencia minucias de tratado, por isso não vos fatigarei a attenção com pormenores relativos ás descobertas de José Bonifacio; dir-vos-hei apenas que nas obras de Quenstedt, Haüy, Naumann, Dufrenoy, Gustavo Leonhard, Carl Justus Andrae, Axel Erdmann, etc., vem sempre citado o nome de Andrada como descobridor das quatro especies mineraes acima referidas.

Foi no *Allgemeines Journal der Chemie*, então publicado em Lipsia, e no

Journal des Mines, de Paris, que o nosso sabio compatriota publicou o resultado de suas pesquisas. Já um pouco antes havia elle enviado á Sociedade de Historia Natural de Paris a sua memoria sobre os diamantes do Brasil.

De regresso a Portugal, José Bonifacio, que durante sua peregrinação se havia consagrado a pesquisas de valor cosmopolita, começou a preocupar-se com as applicações das sciencias ao desenvolvimento do paiz que tão bem o acolhera. Publicou então memorias sobre as minas em Portugal, sobre a nova mina da outra banda do Tejo, sobre os veielos e jazigos metallíferos de Traz-os-Montes. Leu na Academia das Sciencias sua viagem mineralogica pela provincia da Extremadura até Coimbra e a memoria sobre a minerographia da serra que decorre do monte de S. Justa até Coimbra.

Para que não o supprizessem esquecido da terra em que nascera levou á Academia as instrucções praticas e economicas para os mestres e feitores das minas de ouro de desmonte e lavagem no Brasil.

Não tendo olvidado olhar as condições em que as mattas cresciam na Scandinavia, comparando-as em sua exuberancia, devida á pertinacia humana, com a desnudez do solo portuguez, apesar de seus climas doces, resolveu estimular a desidia dos governos de lá, escrevendo sua notavel memoria sobre o *Plantio dos novos bosques em Portugal*. A carta régia de 18 de Maio de 1801 nomeou-o intendente geral das minas e metaes do reino com o dever de inspecionar mattas e sementieras florestaes. Além disso, creada a cadeira de metallurgia na Universidade, foi elle encarregado de a reger.

Lembrando-se, porém, o Governo portuguez de que José Bonifacio era tambem bacharelado em leis, veste-lhe a beca de Desembargador. Não sei como era possivel a esse homem desempenhar taes e tantos encargos, porque além dos referidos foi director das obras de Mondego, cabendo-lhe ainda a honra de ter fundado na capital o ensino das sciencias chemicas e mineraes, professando na Casa da Moeda um curso de docimasia, do qual foram ajudantes Manoel J. Nogueira da Gama, mais tarde nosso Marquez de Baependy, e João Antonio Monteiro, mais tarde mineralogista eminente. Infelizmente a invasão franceza veio retiral-o durante algum tempo da sua actividade util em prol das sciencias no mesmo momento em que começava a pensar em estender ao Brasil seus planos de reforma.

Desgraçadamente, terminada a campanha, o meio portuguez foi se lhe tornando tão hostil que da propria efficacia em adiantar e promover a melhoria em Portugal, no tocante ás emprezas e commissões de que havia sido encarregado, nenhuma esperanza lhe affagava as já desvanecidas illusões. Dahi o seu requerimento de aposentadoria de 2 de Agosto de 1816, cuja minuta aqui tenho, graças a um de seus descendentes, o erudito jurisconsulto Dr. Martim Francisco, deputado por S. Paulo.

Não fosse o receio de alongar demasiado a presente palestra, eu vos daria o deleite de ouvir tão formoso documento.

Aliás um anno antes, em 1815, em seu discurso na sessão anniversaria da Academia, lá está clara a exprobração "contra a ignorancia timida ou desleixada, contra o obscurantismo de algumas toupeiras que temem ou não podem supportar a luz". E' que attingira tambem o maximo o seu desanimo de chegar a obter a melhora das condições do ensino em Portugal. Disso ha documento authentico naquella carta por elle dirigida ao Ministro Antonio A. de Araujo de Azevedo, da qual Latino Coelho publicou expressivos trechos. São essas queixas muito anteriores á invasão. Aborrecido de não poder exercer o magisterio como elle o vira exercido nos centros scientificos por onde peregrinara, por isso outros encargos aceitara em que pudesse ser mais efficaz sua energia. Provido aliás no

cargo de intendente geral das minas, começou, no seu dizer, a vandálica perseguição que cabeças acanhadas e paixões particulares suscitaram contra elle e contra as minas e estabelecimentos que começava a criar. Reedito o trecho, senhores, para que se veja não ter sido sempre alcatifado de rosas o caminho percorrido em Portugal por José Bonifacio.

De volta ao Brasil, por certo trazia amplas esperanças de poder applicar ao torrão natal aquelles planos que o fecundo decennio de suas viagens lhe accumulara na mente sonhadora. Graças ao seu erudito descendente Dr. Martim Francisco tive a fortuna de ver notas esparsas escriptas pelo nosso grande patriarcha: não houve assumpto de que não cogitasse; os sociaes, porém, lá estão insistentes a demonstrar a elevação de seu engenho e a grandeza de seu coração. De tudo que depois de seu regresso occorreu nos meandros da politica nacional somos todos amplamente sabedores. Foi, pois, impossivel em taes condições vulcanicas fazer algo de muito valioso pelo progresso das sciencias no Brasil. A malevolencia das facções cedo o afastou do governo.

Perdoai-me as minucias com que vos fallei de José Bonifacio; mas é que eu precisava com o exemplo daquella vida demonstrar que não tem o direito de se julgar incapaz de grandes commettimentos scientificos o povo que produziu um tal homem.

Vejamos se nos varios ramos da sciencia temos dado provas de não se ter esgotado no paiz a seiva que produziu tão poderosa mentalidade.

Comecemos pelas mathematicas porque não é possivel contestar o papel do pensamento mathematico na evolução das idéas. Se ha na terra obra perfeita e se ao homem é licito orgulhar-se de alguma de suas criações, é por certo a machina algebrica. A quem quer que se dedique á pesquisa da verdade é imprescindivel começar estudando a construcção e o funcionamento desse maravilhoso motor que tem posto em marcha todos os outros motores. E nem se diga que por vezes não se sabe qual a utilidade immediata de uns tantos problemas mathematicos. Disse-o com justeza Condorcet: "O marinheiro a quem uma exacta observação de longitude preserva do naufragio deve a vida a uma theoria concebida dous mil annos antes por homens de genio que apenas tinham em vista simples especulações geometricas."

Deixai-me, pois, começar pelos progressos dos conhecimentos mathematicos entre nós. Com a vinda de D. João VI para o Brasil entre outras cousas lucrámos a fundação da Academia Militar, da qual provieram as escolas de engenharia do paiz. Em suas phases successivas até a criação da Escola Central, sempre obedeceu aquella Academia ao intuito de fazer progredir as sciencias fundamentaes e complementares para preparação de engenheiros militares que aliás accumulavam funcções de engenheiros civis.

Creada em 1858 a Escola Central, sempre subordinada ao Ministerio da Guerra, nella continuaram a completar estudos os alumnos provenientes da Escola Militar e de applicação, fundada pelo mesmo decreto. Só em 1874 passou a Escola Central a denominar-se Escola Polytechnica.

Dessas escolas tem sahido a legião de mathematicos que tem tido o paiz. Na impossibilidade de analysar o esforço util de todos, deixai-me fallar dos mais representativos entre elles. Foi Joaquim Gomes de Sousa, nascido a 15 de Fevereiro de 1829, no Maranhão, o maior cultor das mathematicas entre nós.

Em 1844 veio para o Rio de Janeiro onde se matriculou na velha Academia Militar. Não se julgando com aptidões para a carreira das armas deu baixa logo ao fim do 1.º anno e foi matricular-se na Escola de Medicina. Não abandonou, porém, as mathematicas, tanto assim que logrou fazer exames vagos e successivos

de todas as materias do curso da antiga Academia Militar, sustentou theses a 14 de Outubro de 1848, recebeu o gráu de doutor em sciencias physicas e mathematicas e foi nomeado lente substituto da mesma Academia, depois Escola Central. Sua these versou sobre "*Methodo analytico para determinar novos planetas sem o auxilio de observações directas.*"

Em 1854 foi á Europa, dedicando-se não só a ver de perto o ensino das mathematicas, como ainda ao estudo das sciencias medicas, chegando a doutorar-se em medicina na Faculdade de Paris. Ainda encontrava lazeres para versar as litteraturas dos varios paizes visitados, donde lhe veio a idéa de fazer a Anthologia universal por elle publicada em Lipsia, em 1859.

A 12 de Junho de 1856 o Professor Stokes apresentou á Sociedade Real de Londres, em nome do nosso compatriota, uma nota sobre methodos geraes de integração. Era, aliás, um resumo de uma memoria que a 18 de Junho de 1855 havia elle enviado á Academia de Sciencias de Paris. A 16 de Julho do mesmo anno enviou elle uma nova memoria sobre analyse mathematica e um opusculo sobre a theoria do som. A 9 de Junho do anno seguinte foi admittido perante aquella sociedade sabia para ler um addendo á sua 1ª memoria.

Em 1858 empreendeu reunir em volume publicado em francez as seguintes memorias: 1.º Methodos geraes de integração. 2. Adição ao problema dos methodos geraes de integração. 3.º Determinação das constantes, que nos problemas de physica mathematica entram nas integraes das equações differenciaes parciaes em facção do estado inicial do systema. 4.º Demonstração de alguns theoremas geraes mediante comparação de novas funções transcendentés.

E ainda outras memorias sobre a analogia entre equações differenciaes lineares e as equações algebraicas ordinarias, sobre a theoria do som, sobre a propagação do movimento nos meios elasticos, comprehendendo o movimento nos meios crystalloides e theorias da luz, sobre vibrações nos meios elasticos, sobre as resoluções algebraicas ou transcendentés por integraes definidas, sobre duas especies de calculos novos, comprehendendo toda a theoria das caracteristicas e sobre os principios fundamentaes da analyse geral, sobre o calculo dos residuos, etc., etc.

Quasi todo este largo cabedal de esforços no dominio da alta mathematica reapareceu em edição posthuma em 1882 sob o titulo de *Mélanges de calcul intégral*, com prefacio de Charles Henry, da Sorbonne. Se a morte prematura (a 1 de Junho de 1864) não nos tivesse roubado esse homem de aptidões omnimodas, estou certo não teria cabido a Volterra (1896) e Fredholm (1900) a honra de terem revolucionado a theoria das equações integraes. Além disso, o desaparecimento de Gomes de Sousa veio privar-nos da publicação da grande obra em 7 ou 8 volumes, sob o titulo *Leis da natureza*, em que elle pretendia expôr as leis fixas geraes e invariaveis que presidiam a organização do universo.

Lamento não poder com pormenores mostrar ainda uma vez quão vasta era a aptidão mathematica de Gomes de Sousa. A meditação de sua obra mostra, porém, á evidencia que talvez apenas uma certa falta de coragem para investir contra incognitas transcendentés nos tem privado de possuir um maior numero de mathematicos de renome universal.

Foi extraordinario, mas não foi o unico no Brasil, Joaquim Gomes de Sousa, em seu pendor pelas sciencias mathematicas. Muitos cultores de merito têm ellás tido. A vasta bibliographia didactica que as vulgariza entre nós não dá aliás a nota exacta do profundo preparo de alguns dos nossos mestres destes ramos dos conhecimentos humanos. Delles, porém, citarei apenas um, fallecido ha poucos mezes e do qual poderiamos esperar surtos analogos aos do notavel maranhense, se

o dever de ganhar a vida a principio e a morte prematura afinal, não nol-o tivessem roubado ao cultivo carinhoso das altas mathematicas. Refiro-me a Otto de Alencar. Joven ainda, o ensino na Escola Polytechnica de varias disciplinas, além da publicação de valiosas memorias, deu-lhe direito á nomeação, sem concurso, para preenchimento de uma das mais importantes cadeiras daquella escola. Entre suas memorias merecem especial menção: a publicada no *Jornal de Sciencias Mathematicas*, sob o titulo "*De l'action d'une force accélératrice dans la propagation du son;*" depois a publicada no *Bulletin des Sciences Mathématiques* sobre a equação de Riccati e que tão boas referencias mereceu de notaveis mathematicos, e ainda aquella outra sobre a *Theoria das covariantes e as curvas de dupla curvatura*. E outros e outros trabalhos. Citarei apenas esses dous typos representativos dos progressos da cultura das mathematicas puras e applicadas no Brasil.

A lista dos outros que a ellas se dedicaram com particular carinho, desde o velho geometra Francisco Villela Barboza, depois Visconde de Paranaguá, até Pereira Reis, Morize, Licínio Cardoso, etc., daria para uma boa metade de conferencia.

Do cultivo das mathematicas puras e applicadas se originaram, é claro, os progressos da engenharia em suas multiplas modalidades. Nesses dominios já de ha muito proclamamos nossa maioridade. Não ha empreza que não possamos projectar ou projecto que tenhamos medo de executar. O ensino de engenharia nas escolas especiaes do paiz muito tem concorrido para isso. Em verdade muito nos falta fazer, mas o que está feito, examinado calmamente, medidas as difficuldades vencidas, tudo isto dentro das nove decadas de nossa vida autonoma, deve dar-nos maior confiança em nós mesmos, porque não sei se ha outro povo que tendo contra si tão mãos antecedentes tenha feito tanto, em tão vasta área e em tão pouco tempo.

O estudo geologico do solo do Brasil foi iniciado na segunda decada do seculo passado por um grupo de sabios allemães; uns, funcionarios do governo portuguez, outros, viajantes, auxiliados pelo mesmo governo. Aquelles foram os tenentes-coroneis G. L. von Eschwege e von Feldner e o sargento-mór Frederico L. G. Varnhagen, do Real Corpo de Engenheiros, sendo os segundos: o mineralogista João Pohl, o zoologo João Bapt. Spix, o botanico C. F. von Martius, o diplomata J. F. M. von Olfers e o colleccionador Francisco Sellow.

Antes delles alguns estudos haviam sido feitos, porém mais do dominio da mineralogia do que da geologia. Executaram-n'os José Vieira Couto, medico portuguez, M. Ferreira da Camara de Bittencourt e Sá, José Bonifacio de Andrada e Silva e seu irmão Martim Francisco e o mineralogista inglez João Mawe.

Em geral, porém, esses estudos só foram publicados em época posterior aos daquelles pesquisadores allemães.

Eschwege, depois de onze annos de permanencia no paiz, publicou entre 1822 e 1833 tres obras sobre geologia e mineração do Brasil. Nosso notavel geologo Orville Derby chama-as de importantes e affirma que ellas merecem ser referidas á frente da bibliographia geologica das duas Americas.

Depois da Independencia até meados do segundo Imperio (1857) as poucas contribuições á geologia brasileira publicadas são devidas a viajantes estrangeiros que percorreram diversas regiões do paiz. D'Orbigny (1823-1833, na parte superior de Matto Grosso); Pissis (1841, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas) e Castelnau (1843-1847, Minas, Goyaz e Matto Grosso) entre os francezes; Gardner (1836-1841, Ceará, Piauhy, Goyaz e Minas), Allport (1850, Bahia), e Plant (1869,

Rio Grande do Sul) entre os inglezes; Helmreichen (1846, Minas), Henssér r Clarraz (1859, Minas) e Rath (1856, S. Paulo) entre os allemães; o dinamarquez Claussen (1841, Minas), o belga Parigot (1841, Santa Catharina) e os brasileiros Manoel de Sousa (1849-1850, Amazonas) e Pereira Cabral (1850, Rio Grande do Sul).

Só em 1857 se manifestou de novo o interesse governamental pela investigação scientifica das cousas do paiz. Foi a vez da commissão incumbida do estudo dos diversos ramos da historia natural, incluindo a geologia, nas provincias do Norte. De pouca duração foi aquelle interesse, porque foi extincta a commissão antes que tivesse dado quantos fructos della era licito esperar. Demais as collecções e notas reunidas para a secção geologica de que era chefe o depois Barão de Capanema perderam-se quasi por completo em um naufragio. Só em 1865 auxiliou o Governo a expedição Agassiz e dahi talvez a criação por alguns Governos provinciaes de commissões geologicas, além da incorporação de naturalistas a diversas expedições para explorar o planeamento de ferro-carris, melhoramentos de rios, etc.

A expedição Agassiz, que de 1865 a 1866 percorreu grande parte do Brasil, iniciou uma nova época no estudo da geologia entre nós. Na comitiva vinha Carlos Frederico Hart, que em 1867 regressou por conta propria, completando então o reconhecimento geologico do littoral desde Rio até Pernambuco, publicando em 1870 sua *Geology and physical geography of Brazil*, na qual ao lado de suas proprias observações, resumiu e discutiu tudo que havia esparso nos escriptos dos diversos viajantes que haviam percorrido o paiz.

Em 1870-1871 visitou Hart a região amazonica e em 1873 foi encarregado pelo Governo brasileiro da organização de um serviço geologico geral, em cujo posto falleceu tres annos depois.

O impulso dado por aquelle sabio aos estudos geologicos do Brasil tem sido mantido graças a dous de seus discipulos e companheiros no serviço que organizara em 1873: Orville Derby, cuja bibliographia já é vastissima, e o Professor John C. Branner, hoje lente de Geologia no *Leland Stanford jun. Col.*, na California.

Em 1878 interrompeu o Governo o serviço geologico geral, mas reformou a secção de geologia e mineralogia do Museu Nacional; em varias occasiões commissiouou geologos para investigar regiões de especial interesse economico e em Janeiro de 1907 um ministro joven, mas de grande preparo mental, organizou de novo um serviço geologico e mineralogico do Brasil sob a direcção altamente competente de Orville Derby e com um pessoal de intestavel valor, bastando-nos citar Francisco de Paula e Oliveira e Gonzaga de Campos, a quem devemos tantos trabalhos, como se verifica da magnifica *Bibliographia mineral e geologica do Brasil*, publicada por Miguel Arrojado Lisboa, nos Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto.

Se não houver nova interrupção nesse serviço, dentro em alguns annos estaremos de posse de vastissimo cabedal de conhecimentos sobre a estrutura geologica de nosso territorio. E se continuar nos Estados um bom movimento, então mais rapidamente chegaremos ao fim. S. Paulo á frente desse movimento bem podia restabelecer seu serviço, mesmo deixando predominante a orientação que mandava dar importancia primordial ao levantamento de mappas topographicos.

O que se tem feito nos dominios da mineralogia nacional representa tambem um grande cabedal, como o demonstram as bibliographias de Branner e de Arrojado Lisboa. Apesar da contribuição estrangeira ser ainda avultada, a excellente Escola de Minas augmentou muito o contingente nacional.

Allás entre os chamados estrangeiros ha sabios, que de tal modo haviam dedicado seu esforço á pesquisa de nossos problemas e de tal maneira se haviam

identificado comnosco, que não temos o direito de continuar a tel-os por extranhos. Baste-nos citar aquelle grande trabalhador Eugenio Hussak, reputado petrographo e mineralogista, fallecido não ha muitos mezes.

Tendo descripto varios mineraes até então desconhecidos, a alguns designou de modo a lembrar nomes dos estudiosos da mineralogia no Brasil.

No começo desta palestra, rememorando o vulto do grande José Bonifacio, vimos que ha mais de um seculo a mineralogia já preocupava o cerebro de homens de alto valor intellectual como eram os Andradas. Ambos, além das viagens que emprehenderam em S. Paulo, com o fim de estudar-lhe os minerios, pensaram no ensino da mineralogia. E' assim que Martim Francisco publicou uma traducção da mineralogia de Bergmann (1799-1800, 2 vols. in 4º) e José Bonifacio deixou inedito um tratado de mineralogia. O primeiro ainda hoje fornece subsidios para o vocabulario portuguez daquella sciencia.

O nosso Museu Nacional, de cuja sala José Bonifacio faz parte a collecção mineralogica do mesmo José Bonifacio, o da Escola de Minas e o de S. Paulo possuem ricos mostruarios das sciencias de que nos vamos occupando. Lamentavel é que tendo nós cultores dedicados deste ramo dos conhecimentos, apenas em Minas (e um tanto na Escola do Rio) se faça o ensino verdadeiramente pratico do mesmo. Alli continuam, Costa Senna á frente, as tradições deixadas por Gorceix, isto é, além de formar engenheiros de minas, estudar as riquezas do paiz fazendo conhecido seu solo e propagar os methodos de estudos e pesquisas como elles são applicados nos centros de mais alta cultura. Os annaes daquella Escola estão cheios de valiosas contribuições.

Reaberto o Museu Nacional, após a ultima reforma por que passou, certamente vai elle reentrar no movimento em prol dos progressos da mineralogia e da geologia no Brasil, como aliás do de outras sciencias, pondo assim por obra os conselhos que o sabio Luiz Couty, em 1879, tão bem esboçara no seu artigo sobre *Estudos experimentaes no Brasil*, publicado na *Revista Brasileira*.

Antes de passar ao outro grupo de conhecimentos humanos seja-me permittido lembrar que nos dominios da paleontologia, depois dos bellissimos trabalhos de Pedro Guil, Lund, que viveu no Brasil de 1833 até 5 de Maio de 1880, quando falleceu, é pequeno o contingente nacional publicado. Orville Derby, aliás, occupando-se do *Psaronius brasiliensis*, existente em nosso Museu Nacional, affirma ser este muitissimo mais rico em preciosidades paleontologicas do que geralmente se suppõe.

Como era de prever, diante da vastidão dos recursos naturaes do paiz, a historia natural teve desde cedo dedicados cultores entre nós. Não ha, porém, vestigio escripto do que fizeram, como vimos ha pouco. Fundou-a em bases scientificas o companheiro de Piso, J. Marekgraff.

Depois, só em 1771 foi fundada no Rio de Janeiro a Academia de Sciencias e de Historia Natural, á qual enviou Linneu diploma de fraternização com a Sociedade Real de Sciencias de Upsala. Não durou infelizmente muito.

Em 1783 desembarcou em Belém o naturalista Alex. Rod. Ferreira, natural da Bahia e diplomado em Coimbra, onde fôra demonstrador de historia natural.

Viera encarregado por indicação do Professor Vandelli, de arrolar scientificamente as riquezas naturaes do Brasil. De sua laboriosidade dão provas não só a grande cópia de collecções de zoologia, botanica, mineralogia e ethnographia, remettidas ao Museu da Ajuda, em Lisboa, como ainda o opulento legado de

memorias diarias e notas sobre historia natural, geographia, agricultura, etc., concernentes ás regiões que percorreu e cuja quasi totalidade guarda esta nossa Bibliotheca Nacional.

Depois vem Manoel de Arruda Camara, autor da "Flora de Pernambuco"; Frei José Mariano da Conceição Velloso, autor da "Flora Fluminense"; o Dr. Joaquim Velloso de Miranda, Antonio Corrêa de Lacerda, Francisco Freire Allemão e Frei Leandro do Sacramento, cujos nomes são conhecidos de todos porque muito têm sido biographados.

Mal se abriram os portos do Brasil, de todas as partes do mundo culto começaram a vir sabios a contemplar as bellezas naturaes do paiz. Vieram Bompland, G. de Langdorf, Prinz Maximilianus zu Neu Wied, Thadeus Haenke, Auguste de Saint-Hilaire, Pohl, Riedel e Martius, o notavel iniciador da monumental "Flora Brasiliensis"; Spix, que tanto avançou a zoologia nacional, etc.

Seguindo o fecundo exemplo dos citados estrangeiros, tivemos uma pleiade de botanicos nacionaes que prestaram grandes serviços ao estudo da nossa flora.

Antes de todos merece especial menção o Barão de Capanema, não só pelo que fez em botanica, como ainda por ter imaginado o primeiro microtomo usado em histologia vegetal e cuja descripção vem no primeiro fasciculo da *Flora*, revista especial, fundada por Martius para incrementar o estudo da botanica.

Armado deste aparelho, Capanema obteve que o sabio naturalista reformasse a concepção que tinha dos tecidos vegetaes até então só estudados por dissociação. Tive occasião de ver este microtomo, por certo mais engenhoso que muitos outros construidos depois d'elle. Corrêa de Mello, Saldanha da Gama, Caminhoá, Pizarro, Barbosa Rodrigues, Ladisláo Netto, entre os nacionaes; E. Warming, Hjalmar Mosen, C. Lindman, Glasiou, W. Schwacke, Theodoro Peckolt, Loefgren, Huber, Ihering, Uhle, etc., entre os de ordem estrangeira, completam a serie dos que tanto têm contribuido para o conhecimento de nossa flora e alguns tambem de nossa fauna.

Os nossos museus, o Nacional, o de S. Paulo, o Goeldi, do Pará, os de nossas escolas superiores, assim como o Jardim Botânico, têm mostruarios que mostram nosso progresso no que diz respeito ao conhecimento de nossa Historia Natural. O nosso Museu Nacional, depois de sua ultima reforma, concluidas suas installações, vai reassumir o logar que lhe cabe de centro de aperfeiçoamento e fôco de pesquisas.

Em Manguinhos se têm effectuado estudos de alto merito sobre nossa fauna deleteria: anophelinos, tabanidios, conorhinos, etc., têm alli sido pacientemente estudados por Adolpho Lutz e Neiva.

Os archivos e memorias desses diversos institutos attestam-lhes os progressos.

Não ha gente que tenha sido mais calumniada que nós outros os habitantes do Brasil!

Durante algum tempo colleccionei os mais divertidos disparates escriptos a nosso respeito. Dariam uma bella conferencia humoristica. Certo tão cedo não cessarão elles de todo, por maiores dispendios que façamos para nos mostrarmos dignos de melhores referencias. Não ha muito II, transcripto como verdade actual, o trecho de Buckle, em que tanto mal se diz de nós. Escreveu aquelle historiador da civilização, depois de enumerar os esplendores de nossa natureza: "Taes são a effusão e a abundancia vitaes que distinguem o Brasil entre todos os paizes do mundo. Mas em meio desta pompa, deste esplendor da natureza, não ha logar para o homem. Este é reduzido á insignificancia pela majestade que o cerca... O Brasil todo, apesar das grandes vantagens que parece ter, sempre ficou sem

a menor civilização. Seus habitantes são selvagens errantes incapazes de combater os obstáculos que a riqueza mesma da natureza lançou em seu caminho.”!! Mais adiante acrescenta: “Ao longo da costa do Brasil os europeus introduziram um pouco desta civilização que os indígenas nunca teriam podido atingir por seus próprios esforços. Mas esta civilização, muito imperfeita em si mesmo, nunca penetrou pelo interior do país, onde se acha ainda um estado de cousas semelhante ao que existiu sempre. O povo ignorante e or consequente brutal, não reconhecendo nem freio nem lei, continúa a viver no seio de uma barbaria inveterada. E por ali além escrev’ a Bukle no começo da segunda metade do século XIX. Em outro momento e com maior vagar voltarei a mostrar as causas de tão inverídicas referencias. Por agora apenas direi que a existencia no país de povos aborígenes, aos quaes não procuraram os civilizados attrair como convinha ao convívio de uma cultura mais adiantada, explica talvez disparatadas affirmativas como essas que acabo de reproduzir.

Aliás nunca houve entre nós um plano systematico de estudar convenientemente os povos que por aqui já viviam antes da descoberta e, o que é mais, não é raro que mui sisadamente se escrevam dislates sobre os grupos ethnicos que se vão formando através do territorio nacional. Se já tivéssemos adoptado o conselho que nos dava Martius em 1845, certo muito teriamos lucrado. Sobre a ethnographia indígena mui grande é o contingente escripto, infelizmente nem sempre com o melhor criterio. Viajantes e naturalistas, como lhes consentiam os recursos proprios, foram narrando o que acharam mais interessante em meio do que viram. Os que primeiro observaram com preocupações scientificas propuzeram grupar os elementos ethnicos por meio dos seus idiomas. Os caracteres chamados somaticos não servem para base de classificação. O criterio que vai tendendo a reunir maior numero de adeptos é o geo-linguistico, o qual, além de tomar em consideração os dados ha pouco referidos, se apoia na distribuição geographica do gentio.

Vencendo innumeradas difficuldades, devotados ethnographos têm dedicado grande esforço á pesquisa dos aborígenes brasileiros. Desde os primeiros narradores, Gabriel Soares de Souza, Jean de Lery, Hans Staden e o Padre Ivo d’Evreux até o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, de Martius até Couto de Magalhães, Rodrigues Peixoto, Lacerda, Capistrano de Abreu, Ehrenreich, von den Steinen, Koch-Grunberg, Schmidt, etc., muito material se tem accumulado para um estudo de conjuncto que virá a seu tempo. Agora mesmo um joven ethnologo brasileiro acompanha a commissão Rondon, d’sposto a estudar com plano scientificamente orientado uma das tribus mais interessantes do Brasil. Refiro-me ao Dr. Roquette Pinto, a cujo devotamento á secção anthropologica do Museu Nacional, muito vai dever a ethnographia brasileira.

Ao estudo das linguas brasílicas tambem é vasto o contingente publicado, sendo muito rica esta bibliotheca em autographos referentes ao assumpto. Ultimamente quem se tem dedicado entre nós a esses estudos com maior afinco e não menor autoridade é Capistrano de Abreu. Dentro em breve enriquecerá elle a nossa litteratura com um novo vocabulario de uma das nossas tribus aborígenes.

Será muito para desejar que o nosso Governo incremente a formação de ethnologos conhecedores dos idiomas dos indígenas, como o estão fazendo a Inglaterra e a Allemanha em suas colonias. “Em caso de difficuldades com os indígenas o parecer e a intervenção do ethnologista valem mais e custam menos caro que uma expedição armada: ao menos não despertam odios”, diz Arnold von Gennep. Ao lado dos estudos sobre os nossos aborígenes mereciam maior desenvolvimento pesquisas comparadas sobre as nossas populações mestiças. Poucos trabalhos têm sido feitos nesse dominio, sobretudo faltam pesquisas de ordem biologica. As

contribuições ao estudo do *folk-lore* (*fama*, como o propôz o orientalista Husing para completar a serie "Flora e Fauna"), têm tido o carinho de varios de nossos letrados: Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Sylvio Romero, têm sido os mais fecundos.

Das sciencias applicadas aquellas em que no Brasil mais rapidamente temos progredido são incontestavelmente as chamadas sciencias medicas. A medicina entre nós entronca, é escusado repetir, com a medicina européa. A principio, nos tempo coloniaes sobretudo, quasi ninguem procurou pesquisar o que porventura havia de novo nas doencas aqui observadas. Depois de Piso, que fez o que já referi, ha um grande hiato em que quasi nada de valioso se escreveu sobre doencas no Brasil. Ferreira da Rosa, Manoel dos Santos, João Rodrigues de Abreu, Luiz Gomes Ferreira, João Cardoso de Miranda e José Antonio Mendes são nomes que enchem a historia da medicina entre nós até o inicio do seculo XIX.

Além delles só havia barbeiros sangradores, enfermeiros com practica nos hospitaes e ás vezes moços inexperientes, sem estudos prévios, que iam por ahi exercendo a arte de curar.

Não convinha ao medico estabelecer-se no interior do paiz por causa de sua escassa população, disseminada por extenso territorio, com transporte difficil e poucos recursos.

Já havia então cirurgiões ambulantes com practica em raios de mais de 300 leguas, visitando em épocas determinadas districtos de capitánias vizinhas; mas o fazendeiro nos intervallos ia sangrando afoitamente, prescrevendo á farta drogas e mezinhas afamadas entre os hervanarios do tempo. Escusado é dizer que em certos casos intervinham, como hoje, rezas e benzeduras. E esta especie de cura, que hoje se chamaria suggestiva, no dizer de Teixeira de Souza, foi reconhecida officialmente por D. João VI, que concedeu ao soldado A. Rodrigues 40\$000 por anno pelas curas que tem feito com palavras, etc.

Nem admira fossem poucos os medicos letrados no Brasil, quando na propria metropole não eram mui frequentes, mesmo porque com facilidade incorriam na pecha de atheus. Assim foi queimado vivo em Lisboa o fluminense Dr. João Thomaz de Castro. Preço tal não valia um sacerdocio. Os de maior valor emigravam.

Com a reforma da Universidade de Coimbra o Marquez de Pombal incluiu no corpo docente da Faculdade Medica a dous brasileiros: os Drs. José Francisco Leal, cathedratico, e José Corrêa Picango, demonstrador de anatomia. O primeiro que havia ido a Montpellier e Padua, onde frequentou Morgagni, a Vienna d'Austria, onde durante cinco annos seguiu cursos de chimica, botanica e clinica medica, foi professor notavel em Coimbra. O outro, Corrêa Picango, fundou o ensino medico no Brasil.

Da reforma Pombalina o maior lucro para o Brasil, além dos Andradas, foi o ter produzido o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, de quem já fallei a proposito de Historia Natural. Refiro-me de novo ao seu nome porque foi elle o primeiro que reconheceu o beriberi no Brasil, além de ter estudado as febres da Capitania de Matto-Grosso, etc.

Dos clinicos brasileiros do fim do seculo XVIII e começo do XIX, o de maior valia foi sem duvida Francisco de Mello Franco. Do que elle fez já me occupi com minucias em um escripto publicado em 1908.

Fundado o ensino medico na Bahía e no Rio melhorou o exercicio da arte de curar no Brasil. Reformas successivas procuraram melhorar as condições do mesmo ensino. De quando em quando ia á Europa em commissão um professor:

trazia impressões salutaras e propunha a adopção de boas idéas; desses citarei dous pelo seu alto valor: Domingos Marinho de Azevedo Americano, do Rio, com a sua "Memoria sobre o estado actual das instituições medicas de França, Prussia e Grã-Bretanha", 1845, e Virgilio Damasio, da Bahia, com o seu "Relatorio sobre o ensino da medicina legal".

Ao mesmo tempo que ia melhorando o ensino medico entre nós, de quando em quando iam brasileiros estudar na França, na Inglaterra e depois na Austria e na Allemanha.

Por meados do seculo XIX floresceu na Bahia uma triade memoravel de medicos aos quaes muito deve a medicina nacional: foram Wuckerer, Paterson e Silva Lima. Provaram elles em 1849 que era de febre amarella a epidemia então reinante na cidade do Salvador. Em 1855 demonstrou um delles que era de cholera-morbus uma outra epidemia. A Wuckerer deve-se incontestavelmente a divulgação do uso do microscopio no Brasil. Descreveu e classificou as nossas cobras venenosas; em 1865 descreveu o ankylostomo duodenal como elle o vira pela primeira vez entre nós nos opilados. Logo no anno seguinte descobriu em urinas chylosas embriões de filaria dita de Bankroft, por ter este sabio helmintologo descoberto o parasita adulto. Silva Lima descreveu pela primeira vez o ainhum além de ter estudado com desusado esmero o beriberi e outras doenças aqui reinantes. Essa triade fundou a *Gazeta Medica da Bahia*, o mais antigo repositorio americano de subsidios para o estudo das doenças nos tropicos. Seguiram as pegadas dos tres investigadores citados varios medicos; alguns, porém, merecem especial menção: Pedro Severiano de Magalhães, Silva Araujo, Manoel Victorino, Pacifico Pereira, etc. e aqui no Rio o insigne Julio de Moura.

Do pontificado scientifico de Torres Homem tendes larga noticia porque ainda se não extinguiu o echo de seus triumphos, assás rememorados pelos seus discipulos Martins Costa e Francisco de Castro e successivamente pelos discipulos destes.

Nossos cirurgiões, tanto quanto os medicos, sempre se procuraram manter a par das mais modernas conquistas na arte de curar: De Picanço a Manoel Feliciano, de Borges Monteiro e Gama Lobo a Oscar Bulhões e Saboia, para não citar senão os mortos, não ha intervenção operatoria que por difficil se não tenha executado no paiz.

Em medicina publica tres homens symbolisam os progressos constantes de nossos conhecimentos no que diz respeito á hygiene e á medicina legal até o começo do presente seculo: o Barão de Lavradio, o de Theresopolis e Nina Rodrigues, para só fallar nos extinctos. Nem se lhes faça carga nos enganos, porque, se a propria physica progride por approximações successivas, como no caso de nossos conhecimentos da compressibilidade dos gazes, que diremos de outras sciencias menos puras?

Não terminarei sem assignalar o resurgimento entre nós da medicina scientifica moderna. Ha quinze annos apenas pugnava eu nas paginas da *Gazeta Medica da Bahia* pela necessidade da fundação de laboratorios de pesquisas nos varios centros do paiz. Lamentava então que ainda se não tivessem tentado estudos systematicos sobre o metabolismo não só nos diversos grupos ethnicos que habitam nosso vasto territorio como ainda nos seus varios climas. Depois insistia pela urgencia de pesquisas originaes para esclarecimento das muitas incognitas da nosologia nacional.

Decada e meia transcorreu.

Laboratorios surgiram por toda parte. O maior templo, porém, erguido á sciencia em toda a America latina nestes ultimos lustros foi incontestavelmente

o nosso Instituto de Pathologia Experimental. Maior não sómente pela magnificência de sua construcção, mas ainda pela somma de trabalho util que de lá tem sahido. Na historia da civilização humana nesta parte da America, já tem seu logar definitivo aquelle glorioso viveiro de investigadores de grandes problemas biologicos. Nem se veja em Manguinhos somente o lado scientifico: o lado social daquelle cenobio de pesquisadores probos tem facetas brilhantíssimas: lá ficou evidente que ao brasileiro não falta enthusiasmo pelas pesquisas de laboratorio, nem abnegação pelos idéaes scientificos, nem vasta capacidade de trabalho.

Esse joven Carlos Chagas, para só citar um exemplo, alta synthese desse enthusiasmo, dessa abnegação, dessa capacidade de trabalho, com descrever a schirottrypanose que lhe levará o nome á posteridade, com descobrir-lhe o parasita, achou a causa magna da propalada indolencia do habitante de nossos sertões.

Em Manguinhos quem quer que tenha aprendido a fruir as alegrias da boa observação scientifica, sentirá que ha fogo sagrado naquelle ambiente propicio. E' que ha lá, para o não deixar extinguir-se, um verdadeiro mestre. Digo verdadeiro, pois realmente digno desse nome só é aquelle que se tornou autoridade por ter sabido arremetter contra o desconhecido e ter quebrado lanças na conquista da verdade. Helmholtz ao ser empossado no reitorado da Universidade de Berlim, disse: "Quem pretender inspirar aos seus ouvintes uma convicção completa da verdade que avança deve ter sabido por experiencia pessoal onde se adquirem convicções e militado nas fronteiras da sciencia onde novos dominios se conquistam".

Aquelle que em Manguinhos conserva vivaz a colmeia de pesquizadores, á alma creadora de tudo aquillo, Oswaldo Cruz, almejamos uma longa existencia para real'zar ainda tudo que sua imaginação de bom patriota sonha para maior gloria scientifica de nosso paiz.

Como expoente de nosso progresso nos dominios das sciencias medicas temos ainda o seguinte: excellentes associações que animam a producção scientifica; publicam-se no paiz revistas que rivalizam com as da Europa e Norte America não sómente pelo lado typographico como ainda pelo valor das monographias nellas contidas; em terceiro logar, os trabalhos nacionaes já são largamente citados nos trabalhos e revistas europeás, e, o que é mais, os grandes chefes do movimento scientifico no velho mundo já se dignam honrar aos trabalhadores brasileiros, soliditando-lhes a collaboração remunerada em seus livros e revistas.

Muito longa vai esta palestra, agora que me parecia opportuno, para concluir, entrar a disretear sobre aquillo que a sociologia, cupula dos conhecimentos humanos, tem lucrado com os progressos de outras sciencias entre nós. A outrem ma'is competente caberá por certo o estudo imparcial de umas tantas leis sociologicas até hoje formuladas em frente dos factos sociaes desenrolados neste surpreendente campo de experiencias que é o Brasil. Talvez não sejam poucas as surpresas!

Demonstrado parece-me, pois, que se não esgotou com José Bonifacio a seiva productora de pro-homens neste paiz; que nada impede nestas plagas e nestes malsinados climas o progresso do homem e das sciencias que elle cultivava; que aqui nem os indigenas são inacessiveis á penetração pacifica das verdades scientificas. No que diz respeito a nossa cultura em sciencias podemos repetir a phrase de um dos nossos grandes espiritos: "Bem menores ainda somos do que nos presume o patriotismo fatuo; mas somos já muito maiores do que nos figura o patriotismo sceptico, pessimista ou negligente."

Não deixemos, porém, parar o movimento de nosso progresso. Muito sabemos de tudo que diz respeito a nossas cousas; muito mais nos falta saber! Trabalhemos.

O BRASIL E SEU DESENVOLVIMENTO ECONOMICO

CONFERENCIA REALISADA A 7 DE NOVEMBRO DE 1912, PELO DR. JOÃO PANDIÁ CALOGERAS

A actividade economica brasileira fôra incomprehensivel si se não procurassem seus estímulos originarios em remoto passado, nas possibilidades do meio, no esforço humano nacional, no impulso vindo do mundo inteiro.

A propria configuração politica da nossa Patria é, em parte, sua criação, por menos que se queira aceitar do materialismo historico: o ouro, no seculo XVIII, lindou Matto Grosso das possessões hespanholas; a borracha, em nossos dias, trouxe a divisa com o Perú e a Bolívia.

Os cabedaes levados pelos conquistadores do Mexico e do Imperio dos Incas correspondiam estreitamente ás noções contemporaneas sobre riquezas: pedrarias, metaes preciosos, aromas, especiarias, essencias raras. O Oriente mais valia do que o Poente, nas idéas da época. Não seria o Brasil, a Lés-te dos paizes do ouro, da prata e das esmeraldas, mais rico do que esses ?

Organisada a dominação lusa, por 1530-35, vinha esse preconceito fixo da existencia de riquezas firmado nos proprios foraes das Capitánias. Procuravam-n'as expedições varias, inconscientemente transviadas pelos indios que desconheciam os metaes, falavam em pedras brilhantes de côres varias, onde os portuguezes comprehendiam ouro ou prata. O cyclo de pesquisas desta ultima durou duzentos annos e provou infructifero. O ouro só dous seculos após Cabral tomou vulto. No seculo XVIII fazem-se os descobertos que fundaram Minas Geraes, Matto Grosso e Goyaz. Das esmeraldas, alvo de pesquisas nos primeiros tempos da conquista, principalmente, restavam apenas as turmalinas, as aguas marinhas e os berillos da zona do Arassuahy.

Assim, antes do *rush* do ouro em Minas Geraes, de 1698 em diante, largo prazo houve, mais de seculo e meio, durante o qual tiveram de ser considerados elementos basilares da vida colonial os que derivam de sua flora, dos animaes que lhe povoavam as terras e os mares.

Das numerosas plantas sociaes nossas, raras seriam aproveitadas desde logo: o páo-brasil, a carnauba, as castanhas, o algodão e o tabaco.

O primeiro, grupado em duas zonas principaes — Rio de Janeiro e de S. Francisco até a Parahyba — era monopolio, que lhe encarecia o preço nas vendas. Incitamento franco ao contrabando, dentro em breve iniciado por Francezes auxiliados por populações locaes do littoral.

A lucta pelo monopolio commercial revestiu o caracter de expulsão do forasteiro. A guerra do páo-brasil tornou-se, em ultima analyse, a primeira campanha pela integridade nacional.

A carnauba, tão prestimosa, era puro elemento regional sem valia nas trocas.

As castanhas, encontradas a partir do Maranhão, eram base de escambo de certo vulto.

O algodão cedo se aproveitou e o tabaco, meado o século XVI, já seguia para Lisboa.

Do reino animal, a maior renda provinha da pesca de baleia, favoreada oficialmente.

Era, pois, com o elemento importado que se valorizaria a terra de Santa Cruz e com o aperfeiçoamento e a systematisação das culturas indígenas.

A canna de assucar foi o grande fornecedor de recursos para a colonia. Quatro zonas se discriminaram: o littoral, o sertão, a região das aguas perennes, o dominio das seccas. O producto purificado caracteriza a primeira; a rapadura a segunda; a roda d'agua e o monjolo a terceira; o engenho de bois e o pilão a ultima. Este mais barato do que osapparehos hydraulicos, existia tambem na terceira zona.

O gado, vindo nas caravellas dos donatarios, multiplicou-se a esmo na catanga, substituida a salga costumeira pelos "barreiros" naturaes. Ao norte, Pastos Bons, ao sul, as chapadas recortadas pelo S. Francisco e seus affluentes; taes seriam os limites grosseiros da disseminação bovina. A' corrente principal, já em fins do século XVII, chamavam os roteiros — o rio dos curraes.

Nas capitánias do sul, a origem talvez se encontre tambem nas importações dos fundadores de Buenos Aires, na primeira metade do século do descobrimento.

O pastoreio presuppõe tranquillidade do trecho onde se exerce. Foi obra mais demorada dilatar-lhe as fronteiras até ao Alto Parnahyba.

O consumo littoraneo não exigia grandes levas de gado do interior. Para lhe conservar o valor alimenticio, surgiu a "carne de vento" ou de "sol", ulteriormente vencida pela importação de outro genero, feito, a exemplo das colonias hespanholas, o "xarque". Hoje a victoria deste é definitiva e só no sertão se encontram os preparadores do primeiro, mais antigo. A grande difficuldade para o desenvolvimento da industria era o monopolio do sal. Nem se podia, sinão ás occultas e transitoriamente, utilizar os elementos locaes: vinha severamente reprimida a faina salineira da colonia, pela carta régia de 28 de Janeiro de 1690.

O cavallo, no sul, tinha por troncos ancestraes os 92 animaes mencionados pelos chronistas da expedição do Adelantado D. Pedro de Mendoza, em 1536. Só mais tarde foram utilizados pelos habitantes da Colonia do Sacramento. Elemento de união entre os homens, factor dispersivo quanto ás povoações, o viver a cavallo explica numerosas características da existencia no pampa: a impetuosidade, a segurança do viver sobre si, a audacia, o entrevero, a rapidez nas concepções, a habitação isolada, a gravidade, o espirito concentrado.

A mestiçagem indigena aggravava os traços, em vez de lhes suavisar os contornos.

O porco, vindo de Portugal, tinha a criação facilitada no sul pela existencia do monjolo, accessorio da cultura do milho. Foi, dentro em pouco, elemento predominante da alimentação nesse trecho do territorio.

Esses não foram, comtudo, os factores que congregaram as populações. A base para esse estadió superior, forneceram-n'a as roças, segundo a lição indigena: a derrubada, a queima, a coivára, o plantio. Os vegetaes utilizados eram o algodão, o milho, rhizomas e tuberculos feculentos, a canna, as leguminosas comestiveis.

Gente escolhida pelos donatarios entre seus vassallos e clientes, imbuída, porém, do *ultra aequinoctialem non peccavi*, constituíam as levas sociedade de pouca valia moral, grande audacia, propensa a todos os excessos, por saber que era impossivel a repressão. A mestiçagem, fatal, pouco elevaria seu nivel.

O desenvolvimento das plantações; a necessidade de braços para as roças; o mandonismo do invasor; a indolencia do senhor de escravos, e, como consequencia

da ociosidade e de seus vícios — o jogo e a valdade —, o anseio por possuir numeros crescentes de servidores: todas estas causas arrojavam os brancos para o sertão á conquista de “peças”.

Foram as entradas para descimento dos indios, as bandeiras de resgate.

Mau grado os esforços ingentes e nobilissimos da Companhia de Jesus, despo-voava-se o interior, reduzidas as tribus ao captivo.

Ao lado do portuguez, o mamaluco redobrava de crueldade e de sanha. Abaixo de ambos, a turba-mulda de cafusos, curibocas e negros.

Desvalorisou-se o genero, que chegou a ser vendido por 4\$000.

A população colonial, de alto a baixo, estratificava-se pela fórmula seguinte:

Uma minoria de familias, oriundas de troncos lusitanos, ciosas de suas prerogativas, zelando fóros de nobreza, tendo em dia suas habilitações *de genere*, dobradamente sensiveis a remoques, porquanto em seus brasões, por vezes, se encontrava a barra de bastardia.

Em gráo inferior, a massa de operarios, mecanicos, homens de officios, vindos da metropole ou provenientes de descendencia legitima dessa origem. Classe numerosa, resguardando sua pureza de sangue nos casamentos, e só, aos poucos, sofrendo a contaminação da classe inferior por seus exemplares mais apurados.

Os mamalucos, em dosagem de sangue muito variavel, tinham certo relevo quando a ascendencia materna rematava em chefes de tabas. Não se considerava tara o parentesco autochtone: allianças legitimas deram-se com fidalgos autenticos.

No penultimo degrau, os mestiços de deslinde racial quasi impossivel, taes os cruzamentos das tres linhagens.

E, no ultimo nivel, os escravos negros vindos da Africa.

Elementos ethnicos não fundidos, instaveis, desequilibrados e fracos como todo typo de transição, tudo lhes difficultava a acção valorisadora do acervo de riquezas locais.

A serra do Mar havia sido transposta em ponto unico, S. Paulo. Daqui, seguindo a directriz dos rios, se iniciava a conquista do sertão. Na Bahia, não havia cadeia littoranea e a internação se fizera com menores empecilhos. Na ausencia de industrias, na existencia do gado, na falta do sal, teve sua origem o largo emprego do couro cru, espichado em varas e secco ao sol, utilizado em todos os mistéres da vida. Propoz Capistrano de Abreu adoptar a “idade do couro” como característica desse genero de actividade, ainda vigente em vastas zonas do Brasil actual.

Obices eguaes encontravam os transportes. Caravellas, caravellões e sumacas, ao longo da costa; montarias, de origem indigena, nos rios; cavallos, em geral para as funções de apparato; tropas de muares, mais tarde; carros de bois, de eixo e rodas solidarios, em certas zonas; taes foram os meios utilizados para a navegação e nas estradas que eram os antigos trilhos dos indios, mais batidos e cortados por trafego mais intenso.

Unidade economica era a fazenda, produzindo o essencial para vestir e alimentar seus moradores. O superfluo vinha do Reino. Nas trocas os saldos compen-savam-se em gado. As economias empregavam-se em escravos e joias, quando não devoradas pelo jogo. Moeda, escassa e de pequena circulação, não abundava no interior: refluia para as praças da costa. Enthesourava-se, mais do que se utilisava no giro commercial.

Continuavam em escala crescente os descimentos de indios, alongadas de mais a mais as zonas percorridas pelos caçadores de homens. Methodisou-as Fernam

- Dias Paes, solvendo, pelo plantio de roças, de distancia em distancia, o problema da fome, unico verdadeiro e grande perigo arrostado nessas entradas.

Capitulos successivos da obra do grande bandeirante, cujo nome domina a época, prolongados além de sua morte por seus successores, foram: a reabertura dos socavões do Mucury, onde, dous seculos antes, Fernandes Tourinho achara as pseudo-esmeraldas; o descobrimento do ouro, á margem do rio das Velhas; os cyclos de viagens devassadoras, filiadas a esse movimento de expansão paulista por membros das primitivas expedições, ao tempo de Arthur de Sá e Menezes e que se desdobraram por Matto-Grosso, Goyaz e Bahia.

Era uma revolução nas relações entre a colonia e a metropole. Surgiam valores novos. Modificavam-se conceitos. Faziam-se mister soluções outras que as vigentes. Accentuou essa superioridade das capitánias mineiras o invento dos diamantes em 1729.

Não ha exagero em affirmar que todo o esforço metropolitano, a partir de 1700, foi subordinado ao predominio da extracção das riquezas mineraes. Dahi a prohibição de qualquer desvio de actividade para faina diversa do meneio das jazidas. Fechavam-se os engenhos. Um alvo unico — ouro e diamante —, e nesse rumo a tensão maxima do aparelho governativo portuguez.

Abrem-se estradas. Povoam-se, de gente e de gado, os sertões goyanos e matto-grossenses. As cidades, fundadas pelos lavradores de minas, têm população por vezes dúcupla da actual. O latim, o francez são ensinados; desenvolve-se a cultura musical. A historia desse periodo é a lucta do faisgador, do garimpeiro, das sociedades de mineração contra o fisco. A guerra entre o esforço e o exactor. Historia politica. Historia economica e geographica tambem.

Exgottada a mina, vinha o declínio de actividade, a morte das zonas despojadas do metal que lhes alimentava o labor e a energia. Ir a esses logares é visitar cidades mortas. Ambiente de lendas, tradições e phantasias, restos longinuos do sonho do ouro do faisgador, das fulgurações do brilhante na mente do garimpeiro, nas quaes, amortalhadas, acabam as velhas capitaes resplandecentes seus lentos e ultimos e tristes dias de decadencia e de agonia. Em certos pontos, vingou-se a floresta, derrubada para se abrir a lavra: hoje, o matagal tudo invadio, cobrindo os engenhos, derruindo aos poucos as construcções, sepultando destroços, *Etiam periere ruinae*.

Florescia o contrabando, em razão da ganancia fiscal. Melhorava o conhecimento do territorio; augmentava a povoação da terra inculta, sem amanho mesmo: consequencias beneficas do descaminho.

Por 1780, começou o enfraquecimento das minas, exgottadas progressivamente por um labor que mal reservava o futuro. Salientava-o, na sua *Instrucção para o governo da Capitania de Minas Geraes*, de 1787, o Desembargador Teixeira Coelho. Formulou plano, para combater sua decadencia, o Governador D. Rodrigo José de Menezes, propondo remedios que valeriam por uma revolução nos methodos de governo: desenvolver a lavoura; crear industrias novas; fundar uma caixa de auxilio para as pesquisas; provocar a cooperação; simplificar litigios sobre as posses lavradas; reformar a circulação metallica regional; crear a circulação fiduciaria, resgatavel nas condições da emissão da moeda local. Detalhe curioso, que se poderia ligar á proposta "edade do couro": as notas emittidas viriam pregadas em um pedaço de couro de tamanho equal.

A escravatura, importada da Africa, viveiro de metallurgistas natos, havia iniciado o preparo do ferro, extrahido de seus minerios, em Ypanema e em varios pontos de Minas Geraes.

O tabaco incrementava sua exportação. Fabricas rudimentares de tecidos de algodão iam sendo fundadas.

Veio a ordem de 1785, mandando fechar as fabricas nas capitánias mineradoras. Citemos alguns numeros para dar idéa da situação.

Antonil, em 1711, conta 528 engenhos de assucar na Bahia, Pernambuco e Rio, produzindo 35.020 caixas de 35 arrobas, valendo 2.535:142\$800; 27.500 rolos de fumo, no valor de 334:650\$000; 110.000 meios de sola, sommando 201:800\$000. O ouro, dada a margem do contrabando, representava umas trezentas arrobas, cerca de 1.500 contos, na moeda da época. Seriam ao todo uns 4.600 contos, aos quaes se devem juntar a parte da produção destinada ao consumo local e a que servia ao pagamento dos impostos e monopolios. Esta ultima valeria talvez uns 800 contos.

Nessa mesma época, ensaiava-se a aclimação do anil e do café. A primeira, base de um commercio florescente, decahiu por fraudes na preparação do producto. A segunda veio do Pará e do Maranhão para o sul uns cincoenta annos mais tarde. O que ella se tornou, dil-o o que hoje somos.

Taes factores do desenvolvimento, é que a ordem de 1785 vinha ferir. O ouro tinha iniciado seu declínio. O diamante, quinze annos depois, seguiria igual rumo.

Em turbilhão pela America e pela Europa, ia desencadeado o movimento revolucionario, de que haviam de resultar a emancipação das colonias, a queda da Monarchia franceza, a primeira Republica e o surto do imperialismo napoleónico.

O Brasil experimentava as consequencias desse movimento de idéas, em circumstancias de aperto economico causado pela errada politica metropolitana: a ferocidade fiscal quanto aos quintos; sua cegueira, quanto a fontes outras de produção e de riqueza.

Dahi a Inconfidencia, ponto onde convergiam dous impulsos diversos: o cerebral, de estudiosos de cousas historicas e das doutrinas politico-sociaes da Encyclopedia, talvez o exemplo norte-americano; o popular, sentimental, filho do soffrimento, decorrente do exagero tributario sobre a mineração. Não n'o suffocaria a devassa, nem o patibulo. Revivescencia de germens historicos, exerceria seu influxo pelo exemplo e pela lenda, mais do que pela realidade dos episodios de 1789-93.

Pesar dos obices e das erroneas praticas administrativas, a força de desenvolvimento da Colonia fazia estalar os estreitos moldes em que estavam vasados os conceitos de Portugal sobre seu dominio sul-americano.

Cresciam as trocas. Em 1796, avaliaram-se as exportações em cerca de 11.500 contos, moeda forte; as importações em 7.000 contos. Em 1800, os algarismos haviam crescido a 12.600 e a 15.800 contos respectivamente. Em 1806, em vespéras da transferencia para o Brasil da séde do Governo portuguez, remetiam-se mercadorias no valor de 14.200 contos e recebiam-se em troca 8.500 contos de importações.

Vestimenta por demais acanhada para um corpo de crescimento franco e evidente, a legislação metropolitana tinha de ser mudada.

Havia de triumphar o conselho do Conde de Cavalheiros. Soube reconhecer o D. João, Principe Regente, ao abrir, em 1808, os portos coloniaes ao commercio do mundo e ao abolir, tambem, a restricção odiosa da liberdade de estabelecer fabricas.

Uma serie de factores novos complicava o desaparecimento de taes peias.

Os habitos brasileiros, parcos, rudes, com pouco se satisfiziam. O estalão médio da vida era baixo. Rio de Janeiro, a nova Capital, acanhada e incommoda, tinha de receber a invasão da Côte de Lisboa, famelica, exigente, com costumes inteiramente extranhos ao meio colonial. De Portugal vinha gente nova; cresciam despesas; avultavam encargos, inexistentes até então. Receitas, entretanto, ficariam

no continente europeu, ás ordens do conquistador francez. E a esse elemento accrescido de disequilíbrio financeiro havia de fazer face um paiz novo, desaperecebido para isso, mal liberto da constricção anterior.

As minas, de todo genero, estavam em franco declinio. Breve haviam de ruir os antigos apparatus que lhes presidiam á actividade: a Real Extracção, na demarcação diamantina; as medidas vexatorias sobre a circulação do ouro nas capitánias mineradoras. Nem assim, viria intensificada a lavrança.

Industrias novas estabeleciam-se, favoreadas pelo Governo de D. João VI; um pouco a esmo, ao Deus-dará, com desejos superiores ás possibilidades do meio. Tornava-se, entretanto, mais facil a vida nas regiões dantes sujeitas ás regras draconianas do *Livro da Capa Verde* ou ás exigencias severas do regimen das zonas auríferas.

Nas demais comarcas do paiz, menos mineralizadas, prosperava o trabalho agricola, em ascensão continua para niveis mais altos de produção, desenvolvendo os elementos preexistentes: o café, já então acclimado no sul, base de uma organização cultural cujo crescimento nada mais impediria até hoje; a canna, admiravel repositório de energias economicas, incompletamente aproveitadas e desenvolvidas, mesmo em nossos dias; o gado, que só recentemente entrou em phase de progresso, que a industria ascendente dos lacticinios revela; o milho e sua tradução animal — o porco, com as industrias que delle vivem —; cereaes outros, como o arroz, definitivamente entrado nos usos agricolas correntes, e o trigo, mais fraco e mais sujeito a contratempos; as feculas; o algodão; o cacáo; o fumo; os couros; o xarque.

Provara eficiencia pratica quasi nulla a liberdade de estabelecimento de fabricas.

A politica de submissão portugueza á Inglaterra a esta assegurara taxas preferenciaes nas alfandegas, contra o proprio productor nacional, mais onerado.

O dominio dos mares, incontestavelmente britannico, tinha varrido do trafego maritimo qualquer outro pavilhão. Inundavam, pois, o Brasil as mercadorias inglezas. Como produzil-as aqui? Os favores consentidos mais tarde, por occasião da Independência e do reconhecimento do Imperio, a varias nações estrangeiras, eliminavam a possibilidade de se fundar industria sob o regimen da carta régia de 28 de Janeiro e do decreto de 1º de Abril de 1808, promulgados para esse fim e com esse intuito. Só com a acção de estadista de Bernardo de Vasconcellos, na lei de 24 de Setembro de 1828, cessou essa anomalia, uniformisando em 15 % os direitos alfandegarios, sem distincção de procedencia. Assim mesmo, não agiu desde logo e levou dezeseis annos para produzir resultados praticos.

Comprehende-se que, em taes condições, baixassem as trocas internacionaes, transferido para o Brasil seu principal consumidor — o Governo portuguez —, ligado ainda esse phenomeno ao fechamento do mercado europeu em consequencia do systema do bloqueio continental. De facto, em 1812, as exportações eram de 4.000 contos apenas e de 2.500 as importações. Cresciam as despesas administrativas. E igualmente reclamava a Côte maiores verbas.

A solução, má, porém unica, foi o emprestimo por meio da emissão de notas concedida ao primeiro Banco do Brasil. Politica de expedientes, dirão censores. Que outra seria possivel a um paiz peado pela convenção com a Inglaterra, sem reservas economicas locaes, impossibilitado de recorrer ao credito no exterior, dentro em pouco cercado em suas rendas e nas possibilidades restantes de surto industrial pelos tratados de reconhecimento do Imperio?

O trabalho reparador da natureza iria aos poucos cicatrizando essas feridas.

Já em 1817, as duas correntes do intercambio se equilibravam em torno de 8.500 contos.

Mas a traducção da má gestão financeira e dos erros economicos se encontrava na moeda fiduciaria inconvertivel, na queda dos cambios. De 67 $\frac{1}{2}$ *pence*, paridade legal, vinham as cotações cahindo a 47 em 1822; a 22 *pence* em 1829, para subir a 37, e 41 $\frac{1}{2}$ em 1835. Essa a origem da lei monetaria de 1833, degrau de transição para a de 1846, vigente até hoje, com as modificações provenientes das tentativas fixadoras do valor da moeda, lei pela qual a nova equivalencia se fixava em 27 *pence*...

Já nessa ultima data exportações e importações conjunctas orçavam, por parcelas quasi eguaes, em 105.000 contos de réis.

Estava pacificado o Brasil. Haviam desaparecido as tendencias separatistas. A unidade nacional era um facto. Pouco depois, em 1850, extinguia-se o trafico, golpe certo contra a escravidão, medida favoravel á purificação pigmentar da raça que se esboçava como nacional no cadinho onde se achavam tantos elementos ethnicos dispares.

Iniciava-se a livre expansão das forças productoras do paiz, em ambiente mais calmo, atravessada a crise da Maioridade, ainda sensivel o influxo dos governos da Regencia.

A feição economica era diversa da da Colonia. Haviam minguido, notavelmente, as exportações de origem mineral. Ostentavam-se nas listas generos derivados do trabalho rural. Nas mercadorias estrangeiras consumidas verificava-se a elevação do *standard of life*, pela natureza das importações: tecidos finos, objecto de consumo voluptuario, metaes. Alargava-se a producção local. De anno para anno cresciam as transacções, desenvolvia-se o mercado interior.

A organização do credito mantinha-se retardada e não era de molde a auxiliar essa corrente progressiva.

O primeiro Banco do Brasil, ferido pelos emprestimos forçados ao Thesouro, fôra obrigado a liquidar em 1829; pagos todos os compromissos, restituira 90 % a seus accionistas. Prova dos serviços prestados e da necessidade de sua existencia.

Coincidira o seu desaparecimento com a crise monetaria do *Xem-xem*, moeda divisionaria de cobre, com circulação regional, fraudulentamente posta em giro por particulares, em concurrencia com a moeda official. Só por 1837 cessaram as perturbações, que affectavam tambem o papel fiduciario, emittido por vezes, illegalmente, até por governos provinciaes.

Solvido esse problema, saneada a circulação do cobre, o papel-moeda, os cambios reclamavam as atenções, evidente a acção depressiva das anomalias monetarias no vulto do movimento commercial. As notas do Thesouro, substitutivas das do Banco, haviam continuado, como suas predecessoras, a expellir do mercado os metaes. A inconvertibilidade era um facto indiscutido. Para lhe pôr termo vieram as duas leis de 1833 e de 1846. A primeira, sem base, sem estudo, limitava-se a tomar a média entre a paridade de 67 $\frac{1}{2}$ e a taxa corrente, cerca de metade. Era um absurdo. A segunda quebrava o padrão na taxa média vigente, 27 *pence*. Durou, porque o desenvolvimento do paiz a firmou. Até 1889, no dominio da lei, a cotação média foi de quasi 25 *pence*, apesar das crises atravessadas, das guerras e da abolição.

Restava a grave questão do meio circulante. O publico estava acostumado ás notas do Thesouro, sempre em giro, em todas as phases da evolução monetaria. As difficuldades de communicação, porém, creavam crises de numerario localizadas, germen do movimento, iniciado por 1836 no Ceará, seguido depois no Rio, Maranhão, Pará e Pernambuco, para se crearem instrumentos de permuta não

officiaes, fóra das normas constitucionaes, que reservavam ao Parlamento a competência privativa de legislar sobre moeda. A chicana, concessões de auctoridades provinciaes, a fraqueza do Governo geral, permittiram que, sob o nome de *vales*, se estabelecesse uma série de emissões particulares, fundamente perturbadoras do mercado.

Reagiu, em nome da Constituição e da economia politica, esse grande financeiro, o maior talvez do Imperio, que foi Rodrigues Torres, o futuro Visconde de Itaborahy. A lei de 1853 reivindicou o principio constitucional e firmou a unidade emissora. Não cessaram, entretanto, os esforços particularistas e, mediante concessões illegaes, insustentaveis, de 1857 a 1866 novamente vigorou a pluralidade de circulações fiduciarias, concorrentes entre si e da official.

As duas grandes crises de 1857 — repercussão das difficuldades vigentes na Europa e nos Estados Unidos, trazidas ao Brasil pela insufficiencia profissional dos financeiros da praça do Rio, — e de 1864 — devida ao abuso do credito, favorecido pela casa Souto, — haviam mostrado os vícios da situação monetaria.

A Itaborahy, contra as vistas incertas e hesitantes do gabinete Olinda, coube ainda uma vez solver o problema. Foi a lei de 1866, prescrevendo a volta á unidade emissora, attribuida exclusivamente ao Thesouro.

Durou o systema até os ultimos dias da Monarchia, que só mezes antes de cahir iniciaria uma reacção pluralista. Cessou em 1892 esta nova phase, ao concentrar-se no Banco da Republica o direito emissor. Quatro annos depois, garantido o principio unitario, passava a circulação a ser feita por notas do Thesouro, retirado ao Banco o seu privilegio. Essa a situação vigente.

Assim, desde 1808, ha 104 annos, só durante 29 havia dominado a doutrina pluralista. Durante 75, quer sob a fórmula de notas bancarias, quer sob a de cédulas do Thesouro, se tinha mantido a unidade circulatoria.

Iam paulatinamente crescendo as necessidades de vehiculação dos productos, com o augmento da quantidade destes. Em toda a rêde fluvial do Amazonas, exutorio tambem de paizes visinhos, a navegação de alto bordo se fazia como no Oceano e tinha para alimental-a um elemento novo — a borracha — além dos generos communs de troca. Tanto se desenvolveu o trafego, que influíu poderosamente para os actos de 1866 e 1867 abrindo á franca navegação de todos os pavilhões varios caudaes nossos. Menos intenso, no Paraguay e no Uruguay tomava alento o movimento de embarcações. Era a utilização de correntes naturaes, sem que se cogitasse ainda em melhora-l-os ou em crear vias artificiaes de comunicação por agua.

Ao longo da costa, os transportes se faziam sem difficuldades. Desde cedo, 1829, appareceram pequenos barcos a vapor. Data de 1851 a chegada ao Rio do *Teviot*, o primeiro navio nessas condições de um linha transatlantica regular, para a Inglaterra. Nunca mais cessou o impulso ascencional, que culminaria com a lei republicana nacionalisando a cabotagem.

Em terra, o desenvolvimento fazia-se paralelo. A' Regencia cabe a honra de ter cogitado das vias ferreas desde 1835. Dezesete annos durou a gestação da idéa. 1852 presenciou a primeira realisacão: o trecho de Mauá a Raiz da Serra, terminado quatro annos depois. E, de então para cá, nunca se paralysou o progressivo augmento de extensão das linhas, até os 23.000 kilometros actuaes.

Um phenomeno curioso revela-se neste ponto: o crescimento das vias-ferreas, antes de existirem no paiz verdadeiras estradas de rodagem, impediu se cuidasse nestas. A não ser em trechos que não sommam quinhentos kilometros — a União e Industria, abandonada, e a Graciosa — continuam os productos a affluir ás estações por meio de caminhos feitos á pata de animal, de uma ou outra extensão,

abertos por fazendeiros, colonos ou commissões officiaes, fóra de condições de solidez e meios de conservação. Dahi curioso contraste nas regiões mais bem servidas pelos trilhos, junto aos quaes começa immediatamente a zona invia. A inexistencia de verdadeiras estradas de rodagem limita assim a utilização da malha intermedia na rêde ferro-viaria.

A maior parte do Brasil, entretanto, é o sertão, sem meios de comunicação outros que as trilhas creadas pelo transito de peões e de vehiculos.

A partir de 1858 a rêde telegraphica, exigindo caminhos de acesso para a conservação dos conductores, foi creando linhas de trafego menos impedidas. Os transportes effectuavam-se, como até hoje, pelas tropas, em lotes de muaras, de numero variavel conforme as regiões, carregando cada um de dez a doze arrobas (sobrevivencia de unidades antigas, pesar da adopção do systema metrico), caminhando de 2 ½ a 3 leguas por dia. Os avanços da civilização, ahí, medem-se pela internação progressiva das estações ferro-viarias fornecedoras de cargas ao tropeiro. Dahi por deante, porém, habitos, modos de viver, quasi mentalidade, uniformes e analogos aos costumes correspondentes no periodo colonial.

A produção ia crescendo tambem.

Do reino mineral, escasseava o contingente.

Henwood, para os quarenta annos de 1820 a 1860, dá cerca de 1.600 kilogrammas para a produção aurifera annual. Dessa data até 1896 as estatisticas não vão além de 2.000 kilogrammas por anno.

O d'amante, pela facilidade do contrabando, não offerece base segura de avaliação: sua extracção nunca cessou; pelo livre meneio das lavras, orçou em 180 a 200.000 quilates por anno até 1866; baixou a 100, a 50 e até a 30.000 por 1889, com a concurrencia crescente do Cabo.

Salitre, ferro e outros productos mineraes eram a base da pequena industria local, sem alcance para a communhão nacional.

A agricultura fornecia as maiores parcelas da exportação.

O café, em desenvolvimento franco, conquistava mercados novos, augmentava seu consumo nos paizes que já o compravam. Baseado no trabalho servil, embora, resistira ao baque da abolição abrupta de 1888.

Fizera-se o ajustamento ás novas condições do trabalho livre. As colheitas de 1888-89 e 1889-90 elevaram-se a 6.700.000 e a 4.200.000 saccas.

O assucar, a aguardente e o alcool tinham sahida crescente.

O algodão mostrava evolução analoga: em 1800, era de 11.000 toneladas, apenas, sua exportação; de 1860 a 1865 dobrava esse algarismo, chegando a 45.000 em 1870 e a 78.000 em 1874. Baixou em seguida, cessada a repercussão da guerra civil dos Estados Unidos.

A piassava conquistou mercado no estrangeiro.

O cacáo, até 1835, era exportado a razão de 1.000 toneladas por anno. Quasi triplicou a produção no decennio de 1839-49. De 1883-87, attingiu a perto de 4.200 toneladas annualmente.

O tabaco progredia assombrosamente. Em 1818, Lisboa tinha recebido 181.000 arrobas desse genero. Já em 1860-61 a exportação foi de 4.609 toneladas; de 13.276 em 1870-71 e de quasi 17.000 em 1872-73. Só a Bahia, em 1886-87, exportou 22.540 toneladas e mesmo 30.000 no anno seguinte.

A borracha, conhecida dos indios, desaproveitada pelos europeus durante largo prazo, mesmo após o preconicio de suas vantagens por La Condamine, em 1735, a borracha figurava nas exportações em 1827 com 31 toneladas apenas. Quarenta annos depois, o peso remetido para o estrangeiro era de 5.827 toneladas e de 13.390 em 1887.

A actividade pastoril obedecia ao mesmo impulso: valor alimentar pelo gado em pé, pelo xarque; valor de exportação pelos despojos — couros, ossos, chifres.

Crescia igualmente a população e, correlatas, as exigencias do agrupamento humano impunham desenvolvimentos industriaes importantes.

O Imperio, com o fito de não contrariar nem provocar crises na evolução economica, sempre havia timbrado em manter baixo o custo da existencia e em deixar que a espontaneidade das fontes de producção organisasse e propellisse as industrias correspondentes. Que os dous requisitos podiam ser satisfeitos, são provas: as numerosas industrias de pequeno porte para necessidades diarias do vestuario, da habitação, da alimentação, que então se crearam; o largo impulso experimentado pela fição e pela tecelagem do algodão.

Fechadas as fabricas por acto da Metropole, reabertas mais tarde, em 1808, a politica dos tratados commerciaes dos primeiros annos do Reino e, depois, do Imperio impediu a fundação de uma grande industria de tecidos, permanente e progressiva. Só por 1842, quando expirasse o prazo de vigencia dessas convenções, produziria a lei de Bernardo de Vasconcellos, de 1828, seus efeitos beneficos. A ella obedecer a tarifa Alves Branco de 1844. Somente então começou para o Brasil a possibilidade pratica de possuir labor industrial.

Era o regimen novo extreme de preconceitos de escola. Fiscal, principalmente, não peava o desenvolvimento de germens fortes. Não creava, por outro lado, ambiente economico artificial em que prosperassem productos de estufa. Essa norma foi, a bem dizer, a do Imperio até 1887, quando despontou o protecçionismo com a tarifa Belisario.

Foi a manufactura dos tecidos de algodão que mais lucrou com taes preceitos liberaes. Nove, apenas, eram as fabricas em 1865. Vinte e quatro annos mais tarde, na Bolsa do Rio de Janeiro cotavam-se acções de vinte fabricas (e mais haveria no paiz), representando um capital de 25.600 contos e uma divida por *debentures* de 7.517:900\$000, além de £ 450.000 em ouro.

As fabricas de cerveja, as de calçado, as de roupa feita, de movels, de papel, de sabão e tantas outras estavam em franco progresso. Os capitaes eram escassos e exigiam constante appello ao credito, no exterior. A, custa desse, em parte, se desenvolveu o aparelhamento economico nacional. Em 1889, a divida geral montava a libras 27.833.000 no exterior e a 431.291 contos no interior.

O problema da mão de obra preocupava a todos os pensadores. Fizera-se o Brasil á custa da collaboraçã servil, india e negra. Nos engenhos de assucar, nas fazendas de café, outro não era o braço. A partir da guerra da Triplice-Alliança, haviam avultado as libertações. O manifesto liberal de 1868 fazia vibrar a nota que resumia o sentir geral: as antigas formulas tinham preenchido sua missão; urgia substitui-las. Em 1870, o manifesto republicano insistia sobre o assumpto e propunha a soluçã: a Republica.

No anno seguinte, o primeiro Rio-Branco libertava os nascituros. Dezesete annos depois, João Alfredo, antigo membro do Gabinete 7 de Março, um predestinado, referendava a lei de 13 de Maio de 1888, a abolição sem phrases.

O norte, no dizer de alguns, tinha vendido seus escravos ás provincias cafeeiras; algumas circumscripções, já livres do elemento servil, reforçavam a campanha abolicionista. No proprio sul, S. Paulo era séde de um grande enthusiasmo libertador e os fazendeiros mais clarividentes emancipavam seus negros. A immigração, iniciada pouco antes por fórma systematica, começava a produzir seus fructos. De 1881 a 1888, 250.000 trabalhadores estrangeiros haviam entrado.

O golpe da abolição, ainda assim, foi fundo. Desorganizou-se o regimen do trabalho; as primeiras colheitas só parcialmente foram aproveitadas; a divida

hypothecaria, garantida pelos escravos, viu quasi annullado seu valor. Ruinas individuais houve e numerosas. Salvou o paiz a alta do preço do café. E a producção, impessoal, não cessou.

Estava transposto o passo mais difficil. Avisinhava-se a queda da Monarchia, annunciada desde a Regencia, posta em destaque pelos proceres de 1870, dos quaes alguns iam presidir e organizar a fundação da Republica em 1889.

Fôra esta proclamada em momento singular de nossa historia.

Saneada a circulação; restabelecida a ordem nas finanças; iniciados grandes melhoramentos; despertadas vastas aspirações; o Gabinete de 7 de Junho, presidido pelo grande Brasileiro que foi o Visconde de Ouro Preto, voltara ás tradições de Souza Franco e batia-se pela pluralidade de emissão. Não foram de grande vulto as sommas postas em giro pelos tres bancos que se valeram da lei de 24 de Novembro de 1888 e do decreto de 6 de Julho seguinte, fructo, a primeira, da collaboração dos liberaes e de uma dissidencia conservadora chefiada pelo Visconde do Cruzeiro e pelo Conselheiro Pereira da Silva. Influuiu no ambiente de especulação, mais que os valores emittidos, o desconto antecipado de novas emissões. Quando, depois de 15 de Novembro, cessou a facultade de emittir para esses tres institutos, continuou, mais amplo e desenvolvido, esse elemento de perturbação monetaria nas leis citadas e nos decretos do Provisorio, de 17 de Janeiro e de 8 de Março de 1890.

E' desnecessario insistir sobre a crise tremenda de 1890 a 1900. Seus effeitos perduram na lembrança da geração que assistiu á proclamação da Republica. Sua medida está na queda do cambio, até 5 5/8 *pence* em Abril de 1898.

Obvio o encarecimento da vida que resultava dahi, pelo consumo de mercadorias importadas. Crise generalisada da producção; instabilidade de valor da moeda; perdas de capitaes, collocados sem reflexão; fabricas creadas para determinado regimen e forçadas a trabalhar em condições anormaes, quantitativa e qualitativamente; tudo se conjugava para elevar enormemente o custo da existencia. Provocava a elevação geral dos salarios e dos vencimentos, além daquillo que a politica triumphante tinha imposto. Cada vez mais, portanto, vinham aggravados os preços do custo.

E, para luctarem contra a concurrencia estrangeira, todas as fabricas exigiam maior protecção aduaneira do que a da tarifa Belisario. Essa a genesis da reforma Ruy Barbosa, das sobretaxas orçamentarias, até o momento de relativa parada que foi a tarifa Bernardino de Campos. Não cessaram, porém, os reclamos industriaes. Veio o decreto de 1900, expedido por Joaquim Murinho, com direitos mais onerosos. Continuaram as leis do orçamento a modificar no mesmo rumo os impostos aduaneiros.

Cumpré notar que as necessidades do Thesouro vinham invocadas a par das exigencias da incipiente manufactura nacional, como justificativa das elevações tarifarias. Verdadeira sorites economica: a producção nacional exigia, para luctar, a barreira aduaneira; esta, elevando o custo de certos elementos, materia prima de industria, encarecia o preço de custo; a concurrencia já não podia ser victoriosa, o que impunha nova elevação da defesa alfandegaria.

Os salarios, entretanto, não acompanhavam esse augmento de protecção, nem as margens crescentes concedidas aos industriaes. Dahi, consequencia fatal do proteccionismo: o auxillo ao dono do capital; o relativo abandono da mão de obra. Reivindicações socialistas, normalmente enfraquecidas no Brasil, viriam creadas ou fortalecidas pela malfadada politica proteccionista.

Com tal muralha nas Alfandegas, não sorprehende que algumas industrias se desenvolvessem no paiz. Tempo seria, entretanto, de, diminuidos os impostos,

provarem ellas a verdade de suas primitivas allegações de que só transitóriamente, na phase da fundação, precisariam do resguardo.

Avaliavam-se, incompletamente, em 1907, os estabelecimentos industriaes do Brasil em 3.528, dispondo do capital de 665.576 contos, produzindo 741.536 contos, com uma população operaria de 152.000 individuos.

A grande politica financeira em torno do accordo do *funding*, do desenvolvimento dos impostos de consumo, veio solver o problema terrivel que ameaçava tragar as finanças nacionaes em 1897-98. Começou o renascimento, baseado nessas medidas, e no desenvolvimento, que nunca cessara, da producção brasileira.

Expressas em ouro, para permittir estudo comparativo, as exportações oscillam de 28 milhões esterlinos, em 1889, a 36 milhões, em 1895; caem a 29 em 1889, após a crise do anno anterior, e dahi por diante crescem gradativamente até 67 milhões em 1911. Grande restricção se nota nas importações, sacrificios impostos e consentidos pelos consumidores. Os algarismos traduzem-n'os. O Brasil, que, com população menor, importava, de 1890 a 1896, de 30 a 34 milhões esterlinos, reduziu suas compras, de 1897 a 1904, a 27 e mesmo a 21 milhões apenas; este ultimo algarismo refere-se a 1901, após a crise bancaria de 1900. No commercio geral, entretanto, sommam-se as parcellas e ahi o crescimento, com variações mínimas, é continuo, de 52 milhões esterlinos, em 1889, a 120 milhões, em 1911, com tendencia a nivel mais alto no actual exercicio.

No Banco da Republica haviam encalhado titulos e destroços do Encilhamento. Era fatal que chegasse o dia da eliminacão de taes detrictos, já que a direcção superior do instituto lhe não soubera fazer a depuração progressiva. Esse restabelecimento violento do equilibrio foi a crise dos bancos de 1900. Produziu abalo fundo, mas saneou o ambiente, e restabeleceu o nivel real das transações.

Echo alongado do Encilhamento, pôz termo ao periodo de liquidacão dos desvarios da jogatina. Após duas provações, surgia, mais forte e saneado, o quarto Banco do Brasil, na reorganisação, levada a effeito, em 1905. A efficacia de sua acção vem attestada nos sete annos de vida que já tem. Seu papel, já revelado em varias occasiões e cuja amplitude previsivel não parece ter calado no espirito publico quanto devêra, notadamente em assumptos cambiaes, permite assegurar a estabilidade monetaria sem intervenção de artificios fixadores. Com acerto procedeu a lei, commettendo-lhe a emissão privilegiada, caso o Brasil cesse de possuir circulação fiduciaria do Thesouro.

Taes meios de acção teve o Banco de pôr em jogo por varias vezes e, especialmente, quando se fez, em 1906, a grande tentativa regularisadora do mercado de café, conhecida sob o nome de Valorisação.

Em sua essencia, consistiu em normalisar o supprimento annual pela acquisição e pela guarda fóra do mercado dos excessos das colheitas de 1905-06, afim de novamente pô-los em giro para preencher lacunas de colheitas futuras, que se previam deficitarias. Uma serie de elementos, com os quaes ninguem podia contar, favoreceram essa especulaçáo, impropria do Estado, e limitaram os prejuizos.

A' liquidacão definitiva das contas, ainda não feita, caberá apurar, de fórma irretorquível, si houve, ou não, prejuizos materiaes, si o contribuinte ficará alliviado da sobretaxa.

Prejuizos moraes, esses houve e não se negam. Quando se não quizesse citar outro, bastaria a especulaçáo official, com todo o seu sequito de irregularidades. Baixou a noção do dever e das funcções do Estado. Trouxe como consequencia a Caixa de Conversão.

Para impedir a alta do cambio, nociva aos interesses dos capitaes movimentados pela Valorisação, esqueceram que o Banco do Brasil poderia agir, com prudencia e tino, no mesmo sentido e sem perturbar relações monetarias tão delicadas, tão graves no mecanismo integral da economia do paiz. Por uma deploravel falta de perspectiva, instituiram um aparelho que, constringindo o surto nacional, eliminando possibilidades de melhoria no custo da existencia, na elevação do *standard of life*, nas despesas publicas, vale pelo mais audacioso assalto de ganancia capitalista contra todos os salarizados, do operario ao magistrado, do professor ao soldado.

Já o proteccionismo, encarecendo a produção e a vida, havia creado numerosas causas de queixa pelos soffrimentos impostos á maioria da Nação, em beneficio de insignificante minoria, de detentores de capital. A desvalorisação forçada da moeda, contra todas as indicações do meio economico brasileiro, robusteceu os males vindos do preconceito proteccionista. A essas duas erroneas concepções, principalmente, são attribuiveis mal-estar, reivindicações socialistas, relações tensas entre patrões e empregados, que ora atribulam a vida nacional. Creações artificiaes, em excesso do que normalmente decorreria do evoluir social em busca de niveis mais alto e mais generosos de cultura e de civilisação.

A obra dos estadistas terá de exercer-se no rumo do desaparecimento desses dous factores anti-sociaes, deshumanos, que impedem o progresso do Brasil: a lamentavel concepção vigente em politica alfandegaria; o criminoso abandono da politica monetaria tradicional de nossa terra. Para isso, a restituição á moeda de seu valor pleno. Essa, a propria tendencia da organização economica de nossa Patria.

Além do mercado interno, que cresce dia a dia pelo augmento da população e pelo desenvolvimento de suas exigencias, nossas remessas para o exterior mostram uma escala ascendente. Para citarmos alguns algarismos que definam a marcha dos phenomenos, por juxtaposição aos dados correspondentes em épocas passadas, lembremos que, em 1911, exportamos: café, 11.257.000 saccas; borracha, 36.547 toneladas; couros, 31.832 toneladas; assucar, 36.208 toneladas; pelles, 2.798 toneladas; cacão, 34.994 toneladas; fumo, 18.489 toneladas; herva-matte, 61.834 toneladas; ouro, 4.290 kilogrammas; manganez, 174.000 toneladas; algodão, 14.606 toneladas.

Além de reparos sobre certas diminuições puramente accidentaes, ha, de modo geral, pontos fracos a notar.

O Brasil tem industrias para as quaes lhe seria facil encontrar materia prima local e, entretanto, importa esta: assim para as fibras, para a alimentação. Queremos ter raças animaes apuradas e não lhes preparamos o *habitat*, soltando-as em campos mal beneficiados, quando não inteiramente agrestes. Estamos convencidos da necessidade de desenvolver-se a agricultura e ainda symbolisam nosso esforço actual o machado e a foice, para a derrubada, a enxada, para o preparo da terra.

Ser paiz forte e independente importa em cousa mais alta do que produzir generos coloniaes — cacão, café, assucar, borracha, fumo, — que alimentam o consumo voluptuario e não necessidades essenciaes da vida.

Na agricultura, como na industria, preparamos a sobremesa de um banquete, ao qual faltam os pratos de resistencia.

Nesse rumo é illimitado o campo a lavrar e urge fazel-o.

Estará solvido o problema, quando, ao envez da enxada, o arado for o symbolo representativo da nossa faina agricola.

Mas um outro caminho, de importancia maxima, se abre deante de nós: o reino mineral.

Ouro e diamante, que não convém abandonar, entretanto, são uma phase menos interessante do menelo das lavras; mais intensa do que no seculo XIX, sua exploração tem recrudescido um pouco, sem attingir o nivel dos aureos tempos da Colonia. Mais valia tem o aproveitamento de outras jazidas, de metaes mais modestos, de utilidade incomparavelmente mais ampla: o ferro e o maganez. E nossa posição, na siderurgia, pode ser de primeira ordem, quasi inegalavel no mundo. Para a conquistar, deverão ser banidas as estreitas idéas de monopolios e de ambientes artificiaes. Só se conseguem largos resultados, perduradouros, beneficos, em atmospheria livre, cuidadosamente resguardada pela acção dos verdadeiros homens de Estado.

Não ha desanimar, porém. A longa historia do paiz revela admiravel elasticidade, assombrosa capacidade de reacção contra as crises. Nos periodos de maior depressão, nunca esmoreceu o esforço brasileiro, filho de forças immanantes e fiado nos recursos proprios do sólo patrio.

Onde o homem errava, a Natureza, bemfazeja e material, corrigia.

Esforcemo-nos por melhorar o elemento humano. Auxillemos, em vez de contrariar, o influxo do meio. Dessa conjugação incessante, calma, synergica, pujante, com possibilidades infinitas surgirá o Brasil de amanhã.

O MEIO SOCIAL BRASILEIRO

CONFERENCIA REALISADA EM 21 DE NOVEMERO DE 1912 PELO CONDE DE AFFONSO CELSO

(Resumo)

Um dos mais abalisados criticos nacionaes, o Sr Sylvio Romero, já teve occasião de dizer que, para se tratar do meio social brasileiro se faziam mistér uns quatro alentados volumes firmados em 300 ou 400 monographias; seria preciso estudar acuradamente, um por um, os povos que contribuíram para a formação da nacionalidade; analysar os factores da população, seu modo de existencia, educação, tendencias; analysar as populações do sertão, das povoações do interior, das capitães; o operariado e suas relações com os patrões; as facções politicas e tantos e tantos outros elementos.

Tem até certo ponto razão o illustre critico, bastando lembrar o quanto é diverso o meio social no extremo norte, nos engenhos de assucar do centro, nas fazendas de café de S. Paulo, das estancias do Sul do paiz; o quanto são diferentes os typos do caucheiro, do jagunço, do garimpeiro, do vaqueano, para citar sómente os mais caracteristicos.

Isto é sufficiente para mostrar quão complexa é a these de que o orador tem de tratar.

Será possível, ainda que a traços largos, apresentar um quadro, uma synthese do meio social brasileiro no intuito de lhe fortificar as qualidades e corrigir os defeitos?

Para estudar as questões sociaes a escola mais adequada é a de Le Play, que depois foi continuada por Edmond Desmoulins, Paul Rousier e Henri Tourville, segundo a qual as sociedades se classificam em duas categorias essencialmente diversas: as deformações communarias, em que os individuos procuram resolver os problemas da existencia com o auxilio da communhão a que pertencem; as de formação particularista, em que se procura resolver o problema com o apoio da iniciativa individual.

No primeiro grupo se comprehendem as nações latinas do Occidente da Europa e as da America latina.

As sociedades desta formação atravessam ultimamente phase bastante critica, parecendo demonstrar que ha qualquer cousa de falseado na sua organização. phenomeno que no Brasil é aggravado pelo analphabetismo, pela distancia e pelo deserto.

Poderá a vontade humana, illuminada pela sciencia, fazer com que uma sociedade nessas condições adquira as qualidades inherentes á formação particularista, propicia ao apparecimento dos pioneiros da civilisação, das individualidades que não recuam ante as novidades quando as reconhecem salutaes?

Poderá o Brasil conquistar essas qualidades que lhe darão o logar a que tem direito no concerto das nações ?

Responde o orador confiada e affoitamente pela affirmativa.

O meio social brasileiro é superior em geral ao de outros paizes.

Fazendo a comparação com as nações sul-americanas em condições mais ou menos identicas, cita o orador o livro recente do principe D. Luiz de Orleans Bragança, que demonstra que as nações latinas da America, pela sua situação politica, como pela geographica, estão mais ou menos na mesma linha. Pois bem, estudado o meio argentino, verifica-se, embora se reconheça o extraordinario progresso do paiz, que elle se assemelha — e esta comparação é corroborada pelo seu aspecto physico — a um immenso tapete verde onde vêm jogar os aventureiros de todo o mundo.

Sua capital tem população estrangeira mais avultada que a nacional. Demais as questões sociaes começam a agitar-se naquella nação com extranha intensidade.

Convergindo para a capital, que se pôde considerar o unico escoadouro da producção nacional, a maior parte da riqueza do paiz, dá-se sensível disequilibrio nas condições da vida nacional.

Ha, além de tudo, uma paixão dominante: enriquecer, ostentar luxo e pompa.

O Chile, theoreticamente republicano, constitue uma oligarchia em que dominam umas 300 ou 400 familias, descendentes dos companheiros de Valdivia e de inglezes que se estabeleceram no paiz logo depois da independencia, oligarchia, aliás, digna, intelligente, esclarecida.

Ao lado dessa oligarchia, porém, ha na propria Santiago, a grande massa dos miseraveis, dos rotos, indolentes e apenas inclinados ás lutas e á pilhagem; ha de outra parte o *purgatorio* da região do Salitre, região que tem dado origem á questão de Tacna e Arica, que oxalá esteja de facto a ponto de se resolver satisfactoriamente, região onde dominam o alcoolismo e o jogo, região que, entretanto, fornece ao paiz os mais quantiosos de seus recursos, os quaes ficam na dependencia da solução de um problema chimico, o da synthese do nitrato de sodio.

Examinada outra civilisação, a dos Estados Unidos, cujo assombroso desenvolvimento ninguem contesta, reconhece, entretanto, que alli se considera litteralmente a vida como uma batalha, em que não ha a minima piedade para com os fracos.

Autores insuspeitos, entusiastas dos Estados Unidos, são os primeiros a reconhecer os males causados pela corrupção administrativa, não raro observada, e pelo argentarismo.

Na grande nação da America do Norte problemas sociaes dos mais temerosos se apresentam — a *questão negra*, considerada alli frequentemente como insolúvel, a *questão vermelha*, a cujo respeito ainda não ha muito um eminente americano publicava o livro relativo aos indios, provando a verdade do conceito de Washington, quanto a terem sido empregados para com estes todos os processos, menos o de brandura e de humanidade; a *questão amarella*, que bem recentemente esteve prestes a arrastar a nação a uma luta armada com o Japão.

Attingem ao auge as explorações do trabalho do homem, da mulher e das proprias creanças.

O meio social do Brasil não é tão incaracteristico pelo excesso de cosmopolitismo, não é dominado pela febre de riqueza, de luxo, de ostentação; não é essencialmente olygarchico, não apresenta extremos de miseria; não existem no paiz regiões em que a vida tenha a aspereza da existencia na região salitreira de que o orador ha pouco tratou; não ha os *trusts*, os lynchamentos, os preconceitos de côr

e a corrupção administrativa, o argentarismo, a impiedade para com os fracos, a exploração das mulheres e das creanças.

O meio social brasileiro não conhece a fome macilenta, implacável: no dizer de um viajante, mesmo sem fazer cousa alguma ninguém aqui morre á mingua, encontrando sempre recursos de subsistencia, fornecidos pela propria natureza ou pela bondade dos habitantes.

Se as grandes fortunas não existem é signal de equitativa distribuição das riquezas.

Não tem sequer razão de ser a apregoada indolencia dos brasileiros, que pelas condições actuaes do paiz ainda são obrigados, para a realização de determinado trabalho, a esforço muito maior do que o necessario para o levar a cabo em outros paizes.

São tradicionaes o espirito de independencia levado alguma vez á indisciplina, a hospitalidade, a ausencia absoluta de xenophobismo; a longanimidade, a inexistencia de preconceitos de raça, de côr, de religião; a honestidade, que se ostenta desde o tropeiro a quem se entregava ouro em pó, sem documento, e que era portador fiel da preciosa substancia, até os homens publicos tão calumniados e que na Republica, como tambem succedia no Imper'io, deixam o poder mais pobres do que para elle entraram.

A mesma exacção no cumprimento do dever nivella, por exemplo, a magistratura e não raro um modesto juiz do interior sustenta, na defesa da justiça, heroicas lutas contra este ou aquelle potentado local.

Do patriotismo brasileiro dá prova cabal o procedimento do paiz inteiro, quando a Inglaterra se apoderou do rochedo esteril mas que pertencia ao Brasil e que é a ilha da Trindade.

Admitta-se, porém, para argumentar, que o meio social brasileiro apresente multiplas lacunas e deficiencias: a educação sanará estes males.

Grande parte dos immigrants que chegam aos Estados Unidos vem de sociedades communarias, mas promptamente adquirem alli as qualidades de formação particularista.

Mais do que isso: A Allemanha, nação cuja formação era classicamente communaria, povo que Mme. Stael, aliás sua admiradora, aponta como rotineiro e gostando de achar todo o caminho traçado, a Allemanha transformou-se, porque o quiz uma *elite* intelligente, a bem do interesse e da gloria nacional, e essa transformação se operou pela educação da mocidade e, sobretudo, porque, varonilmente, alegremente, foi emprehendida a grande obra da reforma nacional.

Resumindo: o meio social brasileiro, comparado a outros, em nada lhes é somenos e em muito lhes é superior; possui invejaveis qualidades, é susceptivel dos maiores aperfeiçoamentos e progressos, de se transformar mediante a educação do povo, a qual deve constituir o programma de todos os partidos, de todos os homens de boa vontade neste paiz.

O meio social que deu outr'ora os bandeirantes suscitou modernamente os desbravadores do Acre, conquistando para a patria uma região admiravel.

Nesse meio social se têm revelado altos predicados de coragem, de energia, de resistencia, nas lutas externas de civis; terminadas estas, os odios jámais perduram.

Nesse meio se libertaram em 17 annos dois milhões de escravos; realizaram-se trabalhos como a construcção de Bello Horizonte, a remodelação da capital da Republica, a extinção da febre amarella; esse meio social tem atravessado galhardamente crises como a da abolição, a da revolta de 1893 e a do encilhamento, a da

queda do preço da borracha e do café; esse meio social, que possui, como os anteriores conferencistas o têm demonstrado, a sua litteratura, a sua arte, as suas sciencias, os seus estudos economicos em alto grau de adiantamento, autorisa por sem duvida todas as esperanças, é ambiente propício a todas as vitalidades, terreno fecundo para todas as arvores, para todos os beneficos fructos.

Não extranhe o auditorio o optimismo do orador: o optimismo é uma prova de confiança e a confiança uma das mais altas expressões do amor !

O BRASIL NO CONCERTO DAS NAÇÕES

CONFERENCIA REALISADA A 12 DE DEZEMBRO DE 1912 PELO DR. HELIO LOBO

Brasil, "terra chara..."

"E se ha, no mundo, algum paraizo terrestre, elle não deve estar muito distante destes sitios..."

Assim surgiram para a civilização, na carta do navegante Vespucio, quatro annos após o seu descobrimento official, estas formosas terras brasileiras. Nada existia, então, que se lhes comparasse na harmonia da sua belleza quasi divina. Tudo era grande, o solo, a montanha, as aguas, o céu infinito. No aprumo dos seus serros, a desafiarem a colera das tempestades; no recorte das suas enseadas, a abrirem regaços de paz á extensão dos oceanos; no arrojo dos seus penhascos, a se intro-metterem pelas aguas azues; no anil dos seus céos, na fecundez selvagem da sua gleba, parecia estar uma porção privilegiada do mundo do Senhor, nunca dantes contemplada, — a terra da promissão. Chanaan! Chanaan! teriam dito num arrebatamento aquelles primeiros viajantes extasiados, pais de nossos avós.

E, assim, o Brasil nasceu.

A infancia foi a principio, molesta e dura. Era a lucta face a face com as selvas, a subordinação da terra ao braço disciplinador, a conquista gradual do sertão. Naquelle embate prolongado, a creatura aprendia já a querer, habituando-se, no contacto com o desconhecido, a ser temperante e audaz. Competição de gigantes, ella era, na voz eloquente que certo dia falou aos paulistas maravilhados, "a ambição em lucta com o perigo arca por arca, em antagonismo fronte a fronte com as potencias da natureza, em desafio peito a peito com os mysterios, as ciladas, os assaltos do ermo, as trevas da materia, a fereza das alimarias, a barbaria dos canibaes. Era a ambição cruel, mas hercica, a ambição do mais rijo aço da vontade humana, digna de se medir com o heroismo dos deveres sagrados, naquelle theatro sem auditorio, entre o céu e a terra, como os titães com os seus deuses."

Tinha, então, começo a formação da nacionalidade, trabalho secular de paciência e lida, com os seus avanços e retornos, as suas difficuldades e antitheses, a vastidão do territorio, a pedir capacidade de deuses para a conservação de sua integridade, e a capacidade dos homens operando prodigios em bem da unidade do territorio.

E, assim, o Brasil cresceu.

Sujeição á metropole, nos moldes da herolca raça conquistadora, ou autonomia plena, no exercicio dos direitos de povo livre, elle resumia bem a imagem da fala lusitana quando disséra da *terra chara*...

queda do preço da borracha e do café; esse meio social, que possui, como os anteriores conferencistas o têm demonstrado, a sua litteratura, a sua arte, as suas sciencias, os seus estudos economicos em alto grau de adiantamento, autorisa por sem duvida todas as esperanças, *é ambiente propicio a todas as vitalidades, terreno fecundo para todas as arvores, para todos os beneficos fructos.*

Não extranhe o auditorio o optimismo do orador: o optimismo é uma prova de confiança e a confiança uma das mais altas expressões do amor !

COLONIA

Colônia, vivia a vida de além mar, despachada para ella na letra de concessões aos capitães-móres.

Dois traços já lhe assignalavam então a existencia, no convívio das nações. Um, na orla do oceano, reagia contra a conquista forasteira; outro, na linha limitrophe interior, repellia para além das fronteiras o lindeiro ambicioso.

O oitro, a pedraria, o grangeio do sólo eram assim os pontos de mira da cobiça universal. Apparecera então, com todo o seu encantamento, a lenda do *El Dorado*. E prôas ousadas, de todas as nacionalidades, sulcaram o oceano, coalhando a immensidade da costa desguarnecida.

Nenhuma das colonias plantadas, aqui e allí, logrou, porém, vingar. O solo pertencia bem ao occupante portuguez. No seu desamparo apparente, elle reagia em prol da grandeza unida do Brasil.

Do outro lado, nas fraldas da cordilheira e nos rios do oeste, perpetuava-se tambem a rixa. Eram os hespanhões do novo mundo, testilhando commosco no senhoreio da America. Nasceram nessa epoca remota as pendencias reiteradas de fronteiras, que desafiariam por seculos adiante a indifferença dos tempos. Em vão tentaria resolvel-a, num traço summario, a Roma de Alexandre VI.

Já se reivindicou para a gente brasileira em formação a tarefa da consolidação territorial. "Dianteiros da expansão portugueza na America do Sul (diz dos bandeirantes essa lição austera), fundaram nos seculos XVI e XVII os primeiros estabelecimentos de Minas, de Goyaz, de Matto-Grosso, de Santa Catharina, do Rio Grande, conquistaram a provincia castelhana de Guahira, obrigaram os hespanhões a evacuar a bacia do Jacuhy, do Piratinim, a do Ibicuhy, toda a região a léste do Uruguay, levando por fim as suas destemidas excursões até ao norte do Paraguay e á cordilheira do Perú. Não fôra o valor e o arrojo desses caçadores de homens, "gente mais ardida que os primeiros conquistadores", e a costa do Brasil ao sul do Paranaguá seria hoje hespanhola, hespanhões veriamos os sertões de Matto-Grosso e Goyaz e outro povo occuparia as melhores zonas, respiraria os nossos ares mais benignos, cultivaria as nossas mais desejadas terras."

REINO

Eis senão quando a Colonia se fez Reino.

Invadida pelas tropas de França, a metropole emigrou. D. João VI trazia para esta margem do Atlantico a semente do novo Estado americano.

Estava fadado o Brasil a novos destinos.

Na Bahia, logo aportaram as caravellas reaes, desopprimiu-se o nosso futuro. Abrindo os portos brasileiros ao trafico universal, plantou Cayrú o primeiro marco para a independencia.

E o Rio de Janeiro avultou, e o Reino cresceu em importancia e letras.

Governava-o um bom rei, na sua apathia extranha de atilado e burguez. Atilado, que na verdade o era, pelo muito que fez e a gente sábia de que se cercou. Burguez, que para o mundo simulava ser com o seu physico tranquillo e bom. A rehabilitação integral já se fez num livro de folego, que transpoz ha pouco os prélos brasileiros.

E' então que se localisa na historia de nossa terra esse período de expansão consciente, tão de gosto na linguagem de nossos limitrophes. Não era mais o duello com a fera bruta, nem a defesa do terreno ganho á vida selvagem, de que falou ha pouco. Era a conquista sobre o vizinho, bem concertada e mantida.

Occupámos assim Cayenna e assim annexámos a Cisplatina.

Mas não pudemos guardar nem uma nem outra. Eram demasiado amplos os horizontes nataes, para que se sonhasse com o despojo alheio. Sobrava-nos territorio. Repellidos pelo espirito da nacionalidade, desinteressado e probo, aquelles assaitos exprimiam mais, de parte do rei, um desforço em terras americanas de agravos europeus, do que, de parte do paiz, o animo frio de conquista. "No primeiro reinado (dirá mais tarde, em periodo critico para a historia brasileira, a penna de um competente), o Brasil obedecia ainda ás tendencias da velha politica da metropole, mas com o tempo modificou-se essa politica, identificando-se completamente o governo com a opinião nacional. Vivemos á larga em nossas fronteiras e sabemos bem que o que nos cumpre fazer é conquistar para a c'vilização as nossas vastas e fertilissimas florestas."

IMPERIO

Eramos então o Imperio, com todos os attributos de povo soberano. Teve o Brasil, com a autonomia, ingresso na assembléa das nações.

Lingua e tradições próprias; territorio amplo; regimen governativo estavel; habitos de trabalho; dirigentes capazes: e acaso poderia haver duvida sobre a linha do futuro?

Iamos crescer, labutar, progredir. A vida das nações se toma pelos cimos, numa resenha alta de miradoiro. A do Brasil não passaria obscura. Olhando de face para a Europa, dominando na America meridional a zona mais formosa das suas terras, elle tinha que ver, numa e noutra, a fonte do seu progresso e a garantia do seu futuro.

A LIÇÃO DA EUROPA

A Europa mandava ao Imperio, com a lição do seu passado, o exemplo da sua cultura e o brilho da sua civilização. Era o emigrante a povoar a bacia dos rios brasileiros, trabalhando connosco no progresso do paiz e bemdizendo com os nossos maiores as maravilhas desta terra prodigiosa. Era a sciencia, eram as artes, a esmaltarem de graças e de proveitos as nossas cogitações e os nossos labores o povo moço. "Nações ainda novas (disse-se aqui um dia), não podemos esquecer o que devemos aos formadores do capital com que entramos na concurrencia social. A propria vastidão dos nossos territorios, em grande parte desertos, inexplorados alguns, e a certeza de que temos recursos para que neste continente viva com largueza uma população dez, vinte vezes maior, nos aconselhariam a estreitar cada vez mais as relações de bôa amizade e procurar desenvolver as de commercio com esse inexaurivel viveiro de homens e fonte prodigiosa de energias fecundas que é a Europa. Ella nos creou, ella nos ensinou, della recebemos incessantemente apoio e exemplo, a claridade da sciencia e da arte, as commodidades de sua industria e a lição mais proveitosa do progresso. O que em troca desse inapreciavel contingente moral e material lhe podemos dar, crescendo e prosperando, será certamente um campo mais importante para o emprego da sua actividade commercial e industrial."

Perante essa linha de proceder, que foi invariavelmente a nossa com relação ao velho mundo, desaparecem por certo os lances occasionaes de diplomacia, com que se serviu de surpreender-nos, em varios trechos de nossa vida independente. Avulta, nesta referencia breve, o caso da Inglaterra, com o cruzeiro negro e o ministro Christie, e o de outros paizes, com as chamadas convenções consulares.

Recanto scmbrio do passado, ha que consideral-o como um desses eventos fataes, sobre que nada pôde o contingente humano. Dos homens, como das nações, é o capricho passageiro, que não pesa na linha geral do destino. Não culpemos a ninguém. Mas não se esqueça, numa homenagem devida, um nome sobre todos querido, que jamais faltou em nosso amparo. E' Paulino José Soares de Sousa. Cada um dos seu protestos, contra a iniquidade da força bruta, foi uma vindicação.

A Europa não podia ser esse conflicto passageiro comnosco, como o provou depois nas attentões e gabos com que nos cumulou, ora nos chamando para o seio de suas deliberações, ora nos solicitando a companhia para dizermos de graves questões suas. Já não se diga do Congresso de Paris, em que foi plena e cabal a adhesão brasileira. Vale a pena, sim, recordar como procedeu com relação ao Brasil, na mais formosa das creações de justiça entre homens, a do arbitramento. Haverá acaso quem ainda o ignore? No mais relevante de quantos occuparam os annaes internacionaes, no caso do Alabama dado entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha em 1871, o Brasil foi convidado, na pessoa de Itajubá, a compôr o tribunal dirimidor. Mais tarde, aberto o tribunal franco-americano de 1880, demos tambem arbitro; e tão alta foi a nossa acção allí que ao Imperio se requestou a continuação da presidencia Arinos, quando prorogados os trabalhos. E nos tribunaes arbitraes de Santiago do Chile, chamados a julgar, de 1884 a 1888, as mais serias pendencias de direito internacional com a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Suissa, a Italia, foi a nomes brasileiros, os conselheiros Lopes Netto e Lafayette Rodrigues Pereira e o Barão Aguiar de Andrada, que coube, por escolha das nações contendentes, a direcção dos trabalhos. E' de hontem o resôo internacional deste caso. Deixa-se a quem quizer a apreciação do encargo, que então nos tocou.

Certo, o conceito do Brasil na Europa devia-se em parte á maneira como nos constituimos em povo soberano. Aqui se continuou a tradição monarchica de Portugal. Mas isso seria nada se não nos quinhoasse o destino, na pessoa de dois rege-dores summos, com um principio capaz de forrar o Brasil ás convulsões conterraneas. A Pedro I coube tornar unido o paiz, que o cuidado de Pedro II poz peito em conservar grande e prospero. Aquelle, no arrojo galhardo da sua pessoa; este, na bondade que o caracterizava, no animo sereno de que deu sempre provas, no excelso amor que votou a esta grande terra e sobretudo na qualidade de homens que teve sempre junto ao throno, assaz mereceram do paiz.

Pedro II era o Brasil, e o Brasil foi a escola dos grandes do primeiro e, principalmente, do segundo reinado. Não sei onde ouvi que certo forasteiro eminente, passando outr'ora por este Rio de Janeiro, que então não floria nos alindamentos que hoje o tornam tão formoso, maravilhara de nossas instituições, um de cujos exemplos, o do Senado brasileiro, apontou como igual ao do parlamento britannico. Não citarei nomes, que elles estão diariamente em nossos corações, para o culto da veneração. Quem conheceu de perto aquelles anciãos, quem teve a honra da sua convivencia, o gosto do seu trato diario, o prazer da sua lição quotidiana, aprendendo com elles o amor do Brasil, pôde dizer ainda hoje aos moços, nos serões da vida caseira, a força inquebrantavel de tantas dedicacões viris. Em cada um de nós, por mais arrogante que nos serpele nas veias o sangue juvenil, ha um espirito de meditação, igual ao que nos deu o genio de Anatole France, amando o presente mas voltando para o passado os olhos da saudade; e assim conjugando "la morne gravité du présent et les grâces familières du passé". Numa pagina melancolica de Machado de Assis se recompõe, com aquella doce linguagem que era a sua, o velho senado imperial como foi e como sempre pensámos ser.

Vistas destas alturas, não ha que distinguir, dentre as parcialidades que lidaram na arena politica interior ou externa, a liberal ou a conservadora, a adiantada ou a retrograda. A todos coube reger o paiz, na medida do seu gosto e das suas dedicações; e tudo a todos serviu de thema para o engrandecimento nacional. "A minha terra amei e a minha gente", ambicionou que de si dissessem o filho de um daquelles varões, que até bem pouco conviveu connosco para brilho nosso. Ambição egual não sei que não n'a tivessem todos os outros daquelle rosario de capacidades imperiaes. Sómente elles, com a sua pratica de governo, o seu conhecimento dos homens, a sua grande serenidade, poderiam ter levantado o Brasil tão alto no trato das nações, tornando-o requestado nas terras da Europa, como querido e estimado nestas da America.

A SITUAÇÃO NA AMERICA

Bem certo é que na America nos cercou a principio a desconfiança latina.

Motivos de ordem varia concorreram para isso, de modo permanente. Primava entre todos o da singularidade da nossa constituição politica, em contraste com a vivacidade tumultuaria das nações circumstantes. Das colonias hespanholas nem uma só trasladou para o novo mundo as tradições reaes de Castella.

"Ao examinarmos o futuro que nos está reservado (escrevia-se já em 1824, além dos Andes), não devemos olhar com as seguranças da confiança o novo Imperio do Brasil". A propaganda dizia-nos representantes, na America, das theorias oppressivas da Santa Alliança. Aqui reprimiriamos tambem, segundo era voz corrente, e obedecendo ás ordens de São Petersburgo e Vienna, qualquer velleidade popular ou espirito de revolta.

E cresceu, dia a dia, a suspeita.

Aggravava-a, por maior, a questão de limites, ligada á outra, com ella gemea, da navegação fluvial. Junte-se ao quadro, nodoando-nos de alto a baixo, a instituição do escravismo, e ter-se-á conta de como andámos durante annos na bocca da vizinhança.

O alarma inicial deu-o Bolivar quando ideou trazer ao coração do Brasil suas hostes victoriosas, para delle extirpar a "planta exotica". A "planta exotica" estava no grito dos gazeteiros, na voz da praça publica, no livro de propaganda sul-americana. "De quem é o pensamento de que o Imperio do Brasil constitue um perigo permanente para a revolução americana, como instrumento e base natural de toda a reacção adversa, procedente da Europa?" perguntava em um delles Juan Batista Alberti, o mais inveterado dos nossos oppositores platinos. "De Bolivar, que, depois de vencer a Hespanha em Ayacucho, julgou que a revolução carecia ainda, para seu inteiro complemento, da regeneração politica do Brasil no sentido republicano".

Não houve pamphleto em lingua castelhana, que nos poupasse; nem voz desconfiada que escondesse razões de disputa connosco.

Bem singela seria, no emtanto, a palavra defendente. Não a pronunciou o Imperio, porque descansava na justiça dos homens. Não vale o ataranto, quando o traçado do destino se encarrega de dictar a lição á terra.

E o destino falou, afinal.

Disse, por começar, como do principio monarchico não tirou o Brasil motivo de aggressão a quem quer que fosse. Não seria com o amparo da democracia brasileira, que se subverteriam os principios da moral internacional. Quando James Monroe promulgou, a 2 de Dezembro de 1823, a sua famosa mensagem, paiz americano não

houve que a ella adherisse de feição tão expressa como o Brasil; e era uma declaração de anti-colonisação e despotismo. Mais tarde, pelos lados do sul, ao ameaçar a tyrannia de um homem, com a nossa, a paz dos vizinhos, foi a soldados brasileiros que se pediu o enthronamento da liberdade. E como procedemos em troco? A re-entrada em nossos lares, o recolhimento ás linhas de fronteiras, sem orgulho maior do que esse de haveremos lidado pela libertação de nossos irmãos.

Na verdade, a questão secular de limites, complicada com a da navegação dos rios communs, aggravava a situação. Se houve, porém, quem advogasse o livre transito no sul, concedendo-o ao norte a quem de direito, esse não foi senão o Brasil. É ainda foi o Brasil que conseguiu fechar pouco a pouco a linha extrema, negociando-a sempre na paz, em discussões francas, e cedendo sempre de suas pretensões em bem da harmonia commum. "Foi transigindo com os nossos vizinhos, que conseguimos pôr termo a todas as nossas questões de limites", escreveu não ha muito tempo entre nós o maior sabedor e pratico desses assumptos. Era a synthese, em dois traços, da politica imperial, lhana e cordata. Deixai que a entronque no passado, nesta confissão de fé feita em 1867 á Colombia, pelo nosso representante alli, o Conselheiro José Maria Nascentes de Azambuja:

"Ao Imperio repugna e repugnará sempre deslindar suas diferenças com os Estados vizinhos, por outros meios que não sejam os da amizade e persuasão. Elle não carece estender suas fronteiras além dos limites actuaes, determinados pelas suas posses e jurisdicção tacita ou expressamente reconhecidas. Immenso para os seus destinos no futuro e para a sua actividade no presente, não alonga olhos de cubiça pelo territorio das republicas limitrophes. Amigo desinteressado e constante de todas as nacionalidades sul-americanas, sua unica aspiração é regular sobre aquella base e pelo mais amigavel accordo com os Estados confinantes, as raias que os devem extremar."

A GUERRA

E eis que a guerra estalou.

Vinha de longe, preparando-se na voz da desconfiança, na confluencia de inimizades antigas, na rixa de palzes confinantes, tudo summariado, num golpe final, na psychose de um homem que estaria hoje a pedir, em vez de tratalos triplices, o cuidado dos sanatorios.

Na figura extranha de Solano Lopez está a synthese de annos de desconfiança e lida a rebentarem sobre a bôa fé do Imperio tranquillo. Lêde a agua forte que delle nos deu a penna de Martin Garcia Mérou e vereis que, por mais sombria que lhe fosse a personalidade, jamais poderia provocar por si só o furacão que soprou, durante cinco longos annos, sobre o Rio da Prata. "Tempestades não se forjam (disse de outro uma penna luminosa), nascem espontaneas do céu, do ar, das vagas, da lueta entre as realidades supremas da natureza, entre os elementos agitados, quando a atmosphera se electriza, o oceano não cabe nas praias, quando os horizontes se carregam de negrumes e os ventos varrem desatinados o globo. Não as desencadeia o sopro de um homem, por mais que se elle supponha os pulmões e as bochechas de Eolo."

O Rio da Prata era nosso posto de cuidado internacional. Raças dispares, vizinhança tumultuaria, agravos fronteiriços, tudo indicava, sobre uma attenção acurada, uma previsão segura. Tão grande era a saliencia daquella posição que um de nossos maiores, Cotegipe, disse não deveriamos manter alli senão homens que, por sua estatura moral e politica, se considerassem como oitavos ministros.

Apezar disso, pouco viram o perigo a crescer.

Já não se limitava a desconfiança a protestos particulares, sem cunho official; ella augmentava sempre, chegando a afeição a palavra dos Governos do Pacifico. "A rara situação do Brasil na America (exprimiu-se assim um delles, antes do protesto solenne que nos mandou), a causa do contraste de suas instituições com as de outros paizes do continente, e sua politica exterior, aparentemente passiva mas em realidade laboriosa e audaz, exigem uma attenção mais detida que a commum..."

E armamos o Paraguay, para levarmos cinco longos annos a desarmal-o. Não discutamos a guerra. O espirito letrado e fino que, para bem vosso, devera, se não fôra o imprevisto de uma viagem, occupar esta tribuna, João Cabral, escolheu como palavras inspiradoras do seu solido livro aquellas ouvidas um dia, em discurso memoravel, pela America reunida em assembléa diplomatica. "A opinião popular transvia-se muitas vezes. Não raro um vento de insanía, despertando instinctos barbaros, agoita e abala os povos, mesmo os mais cultos e cordatos. O dever do estadista e de todos os homens de verdadeiro senso politico é combater as propagandas de odios e rivalidades internacionaes."

Transviou-se o Uruguay, primeiro; o Brasil, depois; mais tarde, o Paraguay e a Argentina; por ultimo, o Pacifico. Povos e governantes ficaram á mercê do destino, que não souberam prever.

Para honra do Brasil, a surpresa, com que o saltou a guerra, fala bem alto da sua infinita boa fé internacional.

REPUBLICA

Passado o temporal, a America tornou ao que era, a mansão da paz e do trabalho. Ao terminar do conflicto, cada qual buscou refazer energias perdidas, re-entrando nas suas raízas naturaes e proprias. Por nossa parte, não pedimos uma pollegada sequer de territorio e se alguma coisa se nos deveu agradecer foi o espirito de cordura com que cedemos de linhas já reconhecidas em nosso favor, anteriormente, pelo vizinho. "O Governo do Brasil (disse na Camara dos Deputados, a 26 de Maio de 1868, Zacharias de Góes e Vasconcellos, presidente do conselho), não quer da Republica do Paraguay um só palmo de terra. A idéa de conquista está longe do seu pensamento."

Assim devera ser e assim foi com effeito.

Para bem da civilização americana é mister lembrar que ninguem, aliás, se locupletou á custa do pobre vencido. Continente da paz, vivendo sem os sobresaltos que no velho mundo atormentam a vida internacional, esta terra de Colombo desconhece as agruras da guerra, a oppressão dos armamentos, a angustia dos equilibrios formidaveis. "Aqui (falava na Europa, então reunida para a Segunda Conferencia da Paz, o nosso Embaixador, e pela derradeira vez permitti que me assista sua altissima autoridade), aqui tudo se desenvolve lentamente. Já está senhoreada a terra toda. A carga da lueta pela vida é esmagadora. Mas, para lá do Atlantico, nessas regiões de crescimento apressado, a seiva humana é como a das nossas florestas, ella improvisa povos. Nós não definhamos sob o peso do serviço militar. Não temos castas sociaes. Não aguentamos com a herança oppressiva de um passado tenaz de guerras. Só conhecemos as dividas reproductivas da paz e do trabalho. Nessas vastas bacias de emigração, onde a familia se expande livre e numerosa

como aquellas grandes flores da America, pompeantes á superficie das nossas bellas aguas tropicaes, bastam ás vezes uma ou duas gerações para duplicar a população a um paiz tranquillo e prospero. O Brasil, por exemplo, não continha, ha cincoenta annos, mais de doze milhões de almas. Hoje o habitam vinte e cinco milhões. Quantas não serão ellas daqui a vinte e cinco annos, se mettermos em conta que os meios de povoamento do seu territorio têm crescido incomparavelmente, que dia a dia mais engrossa para alli a affluencia das correntes estrangeiras e que a nossa existencia longinqua, mal entrevista daqui até hoje, agora é que entra a se revelar ao mundo em plena luz?"

Foi sob esse aspecto de engrandecimento e trabalho, que a Republica veio encontrar o Brasil. Ella estava nos sonhos da mocidade, nos arrojos da palavra propagandista, na recta do destino que a todos nos aguarda, homens e povos, aqui na terra. Estudando a evolução dos nossos maiores, ver-se-á que entra nella, como elemento seguro, esse plano inclinado que veio ter á democracia republicana.

Restava do passado a lição austera, bebida na pratica de largos annos de governo, atravez uma sequencia de nomes e eventos que faziam o seu maior orgulho na politica externa. Eram elles, aqui dentro, Uruguay, Paraná, Abaeté, Abrantes, Wanderley, Saraiva e o maior de todos, Rio-Branco, o pai; fóra daqui, Penedo, Carvalho Borges, Souza Corrêa, Amaral, casta de homens que no palco do mundo nunca esqueceram accrescentar o renome brasileiro.

Todos porfiaram por nós, tendo alguns chegado até nossos dias, prestando á Republica, ao lado das suas entidades mais primazes, a valia de sua cooperação. Quantos são? Muitos. Mas dentre todos seja-me permittido revelar um, egregio pelo nome e os serviços, trabalhador tenaz, animo sereno, tino incomparavel.

Bem vêdes que quero dizer de Rio-Branco, o filho. São de hontem os seus notorios feitos, porque hontem mesmo conviveu conosco e hontem mesmo se foi com grande magua para todos nós.

Pela paz da America fez como ninguem: nos pleitos arbitraes, em que venceu, e nos tratados de arbitramento que firmou, e foram trinta, alçando assim ao mais alto ponto a belleza do principio; na politica de harmonia pan-americana, que instituiu, pelo intermedio dos congressos de paz e consolidação juridica internacional; na acção proficua, que levou a termo em Washington e na Haya, com o auxilio desses dois nomes culminantes, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa; no fechamento de nossas linhas extremas, nas concessões da lagõa Mirim, nos votos de paz, nos beneficios da ordem, nos proveitos da tranquillidade exterior, prolongada e fecunda.

Não se pôde dizer desse nome tão grande, sem pensar, com commovida admiração, no que significou de vigilia aturada, esforço intelligente e zelo extremo em bem do Brasil. A casa do Itamaraty, retiro silencioso onde se vela noite e dia pela nossa grandeza externa, guarda hoje com carinho, ouvida do seu successor, uma palavra que ficou: "Bemdicto seja esse nome de Rio-Branco, raça de homens que augmentaram, por lei e por sentenças arbitraes, com o pai, o numero de cidadãos para o territorio, e com o filho a extensão do territorio para os seus concidadãos."

"Nem população densa (falou o ministro um dia, encerrando a 3.ª Conferencia Internacional Americana), nem dureza de vida material podem tornar o Brasil suspeito aos povos que occupam este nosso continente da America. Republicas limitrophes, a todas as nações americanas só desejamos paz, iniciativas intelligentes e trabalhos fecundos para que, prosperando e engrandecendo-se, nos sirvam de exemplo e estímulo á nossa actividade pacifica, como a nossa grande e gloriosa irmã do norte, promotora destas uteis conferencias. Aos paizes da Europa, a que sempre

nos ligaram e não de ligar tantos laços moraes e tantos interesses economicos, só desejamos continuar a offerecer as mesmas garantias que lhes tem dado até hoje o nosso constante amor á ordem e ao progresso.”

Ao mais obscuro de quantos trataram de perto a Rio-Branco, seja permittido resumir, perante este auditorio que o conheceu e naquelle periodo lapidar que já admirou, a politica exterior do Brasil na sua expressão mais real, duradoira e fecunda.

CONFERENCIAS

PROMOVIDAS PELA

BIBLIOTHECA NACIONAL

E

REALISADAS EM 1913

OS NOSSOS DIPLOMATAS

CONFERENCIA REALISADA A 10 DE ABRIL DE 1913 PELO DR. OLIVEIRA LIMA

Occupei-me, ha poucos dias, em S. Paulo, da nossa diplomacia. Hoje tratarei, com a delicadeza que o assumpto requer, dos nossos diplomatas. Se é espinhoso o thema, de mim me devo queixar. Foi-me amavelmente dada livre a escolha pelo Sr. Dr. Manoel Cicero, o incomparavel Director desta Bibliotheca, que não se contenta com ser o funcionario modelo que todos conhecemos e a cuja guarda zelosa os bibliophilos folgam de ver confiadas as riquezas bibliographicas desta casa já possuidora de tradições, onde fraternizam as opulentas collecções de Barbosa Machado, o mais illustre dos amadores portuguezes, e do Dr. José Carlos Rodrigues, o mais illustre dos amadores brasileiros.

O Dr. Manoel Cicero nutre a nobre ambição de dotar a sua, a nossa Bibliotheca, de um maior alcance social, convertendo esse repositório passivo de edições raras, de obras monumentaes e de manuscriptos preciosos, num centro activo de educação do gosto litterario e artistico da nossa população. Sinto corresponder mal á generosidade do seu convite. O tempo era escasso para preparar qualquer trabalho com sombra de erudição: tive litterariamente que me servir e muito ás pressas da "prata de casa", nome que muitas vezes tambem se dá ao *electro-plate*.

Assim, depois de fallar na minha profissão, suas agruras e doçuras, é natural referir-me aos que a têm exercido entre nós. Não me dissimulo todavia a difficuldade que sempre existe em materia pessoal. Póde um descrente da medicina affirmar sem descortezia que ella não cura, que só a natureza salva ou mata; mas é outra cousa taxar os medicos de empiricos ou charlatães. A diplomacia póde ser definida, como já o tem sido, a arte de enganar governos com bellas palavras, de fazer contos do vigario internacionaes: não é o mesmo que chamar-nos mentirosos e embusteiros.

Accresce que num meio moralmente calido como o nosso, os sentimentos tendem a exteriorizar-se sob fórmias extremas. Os elogios descambam facilmente no panegyrico, os reparos no vituperio. Os mesmos homens publicos são, para uns, gatunos desprezíveis, para outros, genios impollutos. Criticar nestas condições é um navegar entre escolhos, fazendo-se mister o maior cuidado no regular o velame e no guiar o leme. Não nos tornemos contudo nós mesmos culpados de exaggero e entremos na nossa galeria diplomatica.

A' entrada deparamos com o diplomata do Reino-Unido. Era quasi sempre um fidalgo, algumas vezes um doutor, aferrado ás praxes, como o fidalgo era aferrado ás suas prerogativas e preconceitos de casta. Nas missões importantes fóra sempre costume aggregar ao fidalgo o praxista, a quem hoje dariamos o nome de consultor juridico. Por occasião da restauração da Monarchia portugueza, em 1640, a Europa

ficou inundada de calhamaços explicativos dos direitos da Casa de Bragança ao throno da nação, cuja independencia fôra reconquistada por uma conjuração de fidalgos dirigidos por um jurisconsulto, João Pinto Ribeiro. Do mesmo modo estivera outr'ora João das Regras ao lado do Santo Condestavel.

Competencia juridica, podia não a ter o fidalgo embaixador, mas educação diplomatica, elle a recebera geralmente, fosse, como Palmella, nascido numa legação, fosse, como Barca, chamado cedo ao serviço. O nacionalismo emperrado de uma côrte, como a portuguezã daquelles tempos, tornava indispensavel a aquisição de certo cosmopolitismo de idéas, sem o qual o diplomata corre o risco de parecer ridículo. Alguns, de intelligencia viva e impressionavel, voltavam de fóra tão cosmopolitas, que queriam introduzir no paiz quanto lhes parecera util no estrangeiro. Assim, D. Rodrigo de Souza Coutinho, que, aliás, tinha assomos geniaes, ao saber dos nossos sertões adustos, pensou em acclimar nelles o lhama, usado como animal de carga na cordilheira andina.

A idéa pôde parecer extravagante, mas revela pelo menos maior preocupação do interesse publico do que a introdução de um novo passo de dansa, imitativo do urso ou do perú, ou de uma variedade inedita do *bridge* ou do *poker*.

Os diplomatas tinham então, na falta de gazetas, que ser informantes prolixos, de onde o valor da correspondencia politica do tempo. A nossa, de hoje, já não será lida no futuro com a mesma curiosidade.

A parte mais proveitosa será justamente a constituida pelos recortes de jornaes, de que accusam os diplomatas de fazerem uso immoderado, para disfarçar a indigencia das noticias de propria lavra.

D. Rodrigo de Souza Coutinho, quando ministro em Turim, nos fins do seculo XVIII, acompanhava com a attenção o reflexo, naquella Côrte pobretona e sujeita aos choques alternados da França e da Austria, dos acontecimentos que se estavam desenrolando em Pariz e que ameaçavam mudar a face da Europa.

Vou jurar que a respeito conversava amiude e concordava com o illustre Joseph de Maistre, pois ambos eram excellentes catholicos e optimos partidarios da monarchia de direito divino. Não obstava a elevação desses colloquios a que nos seus officios se occupasse do cultivo das batatas e do fabrico da sêda: o que podeis verificar nos papeis desta propria Bibliotheca, provenientes da dispersão da livraria dos Condes de Linhares.

As revistas agricolas e industriaes vieram desde então em auxilio dos diplomatas, para lhes poupar o prosaismo destes contactos com a vulgaridade de certas profissões humanas, que no referido caso são entretanto as que com seu trabalho os alimentam e os vestem.

A funcção diplomatica tinha outr'ora, como é sabido, muito maior importancia do que presentemente, porque as distancias com a falta dos meios de communicação dos nossos dias, a organização social, o character do Governo absoluto, tudo contribuia para dar ao diplomata maior independencia de proceder, maior amplitude de acção e maior somma de responsabilidade. Não seria possivel, sem telegrapho, que, como foi dito para mostrar a incomparavel mestria com que o Barão do Rio Branco presidia ás relações internacionaes do Brasil, os nossos representantes no Prata encontrassem cada dia á mesa do almoço o programma traçado do seu dia diplomatico.

O serviço espelhava assim a competencia do chefe, como no antigo regimen o brilho da Corôa se reflectia na representação exterior, que era a do soberano, mais mesmo do que a da nação: isto em theoria, porque, na pratica, os reis tinham ás

vezes que recorrer a agentes secretos para contrariarem no sentido de suas vistas a politica dos seus Gabinetes.

Existe um livro interessante do duque de Broglie, se me não engano, sobre o segredo do Rei, isto é, a diplomacia clandestina de Luiz XV. O nosso D. João VI empregava e na sua Côrte pullulavam os Presas e os Contucci, aventureiros que faziam mester de alcajotes diplomaticos; mas ahi o caso era diverso. O Rei não costumava occultar aos Ministros a sua orientação, contentando-se com occultal-a á esposa, que era sua inimiga domestica, porque detestavá o *estafermo* — alcuinha carinhosa com que o mimoseava — e sua inimiga politica porque queria assumir o Governo do Vice-Reinado do Prata, o qual o ladino do monarcha queria dividido para abocanhar Montevidéo.

O uso dos agentes secretos explica-se bem, dada a concordancia de intuitos entre o soberano e seus conselheiros, por subsistir o escrupulo de confiar certas tarefas, menos asseadas, aos titulares dos cargos diplomaticos, gente da alta que devia não só ser como parecer respeitavel. Os chefes cozinheiros condimentam os pratos, preparam os molhos e vigiam a arrumação das iguarias: não cortam as cabeças dos frangos, nem esfolam os anhos. Bismarck não fazia diplomacia sem a collaboração anonyma dos que elle chamava os reptis da imprensa, cuja voracidade se cevava nos fundos guelfos. Equivaliam na vida moderna aos agentes secretos do velho tempo.

Foi uma diplomacia operosa e dedicada a que, dirigida do Rio de Janeiro por Linhares, Aguiar, Barca e outros, e sobretudo pelo Rei, trabalhou sem descanso no Rio da Prata para dar-nos o limite natural do estuario e na Europa manobrou para cohonestar a assegurar essa conquista, da qual o monarcha fizera o pensamento maximo do seu reinado.

La plus grande pensée du règne tambem se chamou, sob Napoleão III. a fundação do imperio mexicano, destinado a contrariar a expansão rumo sul dos Norte-Americanos, estribando a separação de raças numa differença de regimens. Ambas as tentativas foram infelizes, porque se não puderam firmar, quer a annexação da Cisplatina, quer o throno de Maximiliano.

O mallogro não é, contudo, razão bastante para condemnação. As contingencias politicas podem ás vezes mais que as fatalidades historicas. O nosso continente contou uma republica a mais, cuja prosperidade e riqueza não se medem pelo seu tamanho, fazendo o effeito de uma Belgica sul-americana, mas ao nosso Brasil ficou faltando o contorno completo da sua costa, a que elle aspirava desde o seculo XVII: era como se aos Estados Unidos tirassem a Florida. Quanto ao Mexico, continuou oscillando entre a dictadura e a revolução, parecendo fadado a só livrar-se dos dous males mediante a intervenção estrangeira.

A transformação do Rio de Janeiro em Capital da Monarchia portugueza, centralizando de facto uma administração esparsa pelas cinco partes do mundo, cedo fez da nossa cidade viveiro de diplomatas. O viveiro tem crescido de então para cá: o clima e outras condições naturaes favorecem o seu desenvolvimento. Sementes e enxertos provieram porém, originariamente, da quinta de S. Christovão, da mesma fôrma que as esbeltas palmeiras, cujos cimos farfalham ás brisas do mar e que foram condecoradas com o nome de imperiaes, descendem da palmeira de Cayenna plantada pelas regias polpudas mãos no horto botanico creado para adaptação de plantas exoticas ao sólo nacional.

Antes da elevação do Brasil a Reino-Unido, melhor dito, antes da residencia fluminense de Dom João VI, os postos diplomaticos eram apanagio exclusivo dos filhos da metropole: os da colonia não podiam aspirar senão a cargos subalternos

na representação exterior. Alexandre de Gusmão, que era santista, apesar da envergadura que tinha para o officio, nunca passou de um vago secretario de Legação: as funcções que exerceu foram junto ao Monarcha e na verdade secundarias.

Sabe-se, de resto, que importancia alcançou essa exclusão injusta dos colonos da alta administração publica — as raras excepções, filhas de circumstancias historicas de momento, servem para confirmar a regra — entre os capitulos de accusação formulados na America, por occasião do rompimento que determinou sua independencia.

O Brasil teve, comtudo, a phase preparatoria de equivalencia, que o resto do Novo Mundo desconheceu e no decorrer da qual os Brasileiros se foram educando praticamente para o Governo de completa autonomia. No convivio dos mestres diplomatas, como Palmella, se formaram, nesse periodo, discipulos como Gameiro Pessoa, que em 1815 vemos portador de despachos, especie de addido-correio, correndo a posta entre Pariz e Vienna, e em 1823 alcançamos em Londres a negociar com a casa Rothschild o primeiro emprestimo brasileiro, associando-se de então em diante tão intimamente com a actividade da diplomacia liberal portugueza, que não escapou a sua silhueta azevichada ao lapis de Oliveira Martins.

Os primeiros agentes do Imperio no exterior foram gente como Barbacena e Pedra Branca, fidalgos nossos, da Bahia, terra de tradições folgazãs, onde o Talleyrand se teria tambem deparado a *douceur de vivre*, que elle considerava desapparecida da terra franceza com a Revolução; ou, como Rezende, fidalgo transplantado de Portugal e pessoalmente devotado ao Soberano, cujas travessuras de criança malcriada o tinham enfeitado. Na Secretaria de Estrangeiros já encontrara, todavia, José Bonifacio, ao ser-lhe a Repartição confiada pelo Principe Regente, um pessoal da terra, adestrado e habilitado em annos de intensa actividade e que cada dia augmentava em numero. Deste pessoal se tiraram encarregados de negocios e ministros como José Silvestre Rebello, Moitinho, Barão de Cayrú e outros, que foram mostrar, na America e na Europa, que no Brasil independente não se dera solução de continuidade diplomatica.

Apenas entraram a figurar os burocratas onde tinham avultado os gentis-homens. Os bofes de rendas, que traduziam elegancia, apesar de os terem usado physiocratas como Turgot, passaram a ser substituidos por mantas de duas voltas ao pescoço, que denunciavam severidade, ainda que fossem atavios de bohemios como Musset.

Não penseis aliás que nosso pessoal diplomatico ia por esse mundo a fóra com cara de enterro: divertia-se tanto como os nossos secretarios e ministros de hoje. O Rocher de Cancale e o Vaux-hall o viam então espantar suas tristezas, como hoje vêem seus successores a Abbaye de Thelème e o Rat Mort. A differença está nos processos da folia: toda ella, porém, termina do mesmo módo.

Nem lhe attribuaís, áquelle pessoal, virtudes cuja ausencia quereis deplorar nos diplomatas de hoje. Bisbilhoteiros, ciumentos uns dos outros, maldizentes, trepadores — creio que é assim que se diz agora — tanto eram os de 1830 — quando o eram — como o são os de 1913 — quando o são. Conheci bem a ultima geração dos diplomatas do Imperio e familiarizei-me tanto com a dignidade official que nelles se póde apontar como um traço commum, quanto com a sua susceptibilidade privada, de alfenis, em negocios particulares. As alcunhas, com que uns aos outros se mimoseavam, eram engraçadas quando não crueis; os versinhos satyricos borbulhavam á tona da correspondencia official e ás vezes attingiam proporções de poemas. Arthur Azevedo brindou-me uma vez com um desses poemas, que elle descobrira num alfarrabista, impresso em Pariz em 40 e tantos, ferino e malvado como mal se pode imaginar.

Não é porque fossem vadios os diplomatas de então. A diplomacia tem grandes ocios — ninguem o ignora e até por isso tanta gente a quer cursar — mas o pessoal era diminuto, o Ministerio cá no Rio exigente, não havia ainda machinas de escrever nem verbas para copistas, tornava-se mister cada qual desunhar-se a rabiscar officios.

Depois, havia bastante que fazer. Na Europa, o trafico de escravos, as questões de fronteiras nas Guyanas, a colonização estrangeira com suas primeiras proibições e difficuldades, as relações commerciaes a regular depois de um periodo de tratamentos differenciaes, o alvorecer economico e industrial do paiz, para o qual as estradas de ferro eram uma necessidade vital — não faltavam assumptos para encher o vazio da vida daquelles *déracinés*. Na America eram questões ainda mais serias: limites, incursões, prejuizos a nacionaes, reclamações, exigencias chegando ao *ultimatum*, rompimentos, até guerras. Não me proponho comtudo fazer-vos um curso de historia diplomatica brasileira, que aliás mal se poderia condensar numa conferencia. Só me cabe encaminhar vossa attenção para os que entre nós lidaram com negocios diplomaticos.

A *carreira* estabeleceu-se gradual, mas definitivamente. Os politicos, como Barbacena, Rio Grande e Santo Amaro, que tinham andado na actividade pelas côrtes e chancellarias europeas, foram descansar na Camara Alta — o descanso de Barbacena foi entremeadado das agruras de uma desventurosa campanha estrangeira — das suas missões no intuito de salvaguardar nossos interesses no caso de realizar-se uma projectada intervenção do Velho Mundo na America, ou de regular as nossas fronteiras indecisas; das suas excursões atraz de emprestimos, ou á cata de uma *princesse lointaine* que quizesse ser a noiva imperial do mal reputado amante da marquezza de Santos.

Muita vez, porém, se foi buscar á sua poltrona um Senador como o Marquez de Abrantes, para ir á França e á Allemanha garantir a soberania do Uruguay e do Paraguay, contra as ambições unificadoras e nacionalistas de Rosas, e envolver num tratado de commercio a liberdade de emigração; como o Marquez de São Vicente, para ir a Assumpção reforçar o reconhecimento da independencia do Paraguay e firmar o principio da livre navegação fluvial, indispensavel ás nossas communicações com o interior do paiz; como o Marquez do Paraná, para ir ao Rio da Prata preparar a alliança depois sellada em Monte Caseros e ajudar a consolidar a nova situação creada pela quéda do caudilho federalista; como o Visconde do Uruguay, para ir a Pariz procurar ultimar a questão de limites com a Guyana Franceza, sustentando o nosso direito ao verdadeiro Vicente Pinzon; como o Visconde do Rio Branco, para em successivas e fecundas missões ao Paraná, Buenos Aires, Montevidéo e Assumpção, nos annos de 1857, 1864 e 1869, estabelecer a abertura do Rio Paraguay, fixar limites incertos, pacificar o Uruguay mediante o reconhecimento do General Flores, reorganizar o governo autonomo do Paraguay vencido na guerra; como Saraiva, para ir levar a Montevidéo o annuncio dessa guerra; como Octaviano, para ir assignar o tratado da Triplice Alliança; como o Barão de Cotegipe, para ir em 1871 renovar nossas relações diplomaticas com o Paraguay assignando os tratados de paz e amizade, de limites e de commercio e navegação; como Lafayette, para presidir no Chile a uma côrte arbitral de reclamações ou oppôr ao pan-americanismo egoista e absorvente de Blaine a nossa formula de *entende cordiale*.

Como estaes vendo, o governo imperial associava não só intimamente como frequentemente ás gestões diplomaticas de maior alcance e importancia os homens publicos de maior responsabilidade e prestigio, dando assim ao Senado, que, pela sua natureza especial no antigo regimen, congregava necessariamente todas as

summidades politicas, a participação nas relações exteriores do paiz que lhe anda constitucionalmente attribuida nos Estados Unidos, onde a alta corporação collabora poderosamente na celebração dos accórdos internacionaes.

Com o intellectualismo a diplomacia sempre fez entre nós muito bom consorcio, e como poderia ser de outro modo? No Portugal antigo foram diplomatas escriptores como Antonio de Souza de Macedo, o polygrapho, Francisco Xavier de Oliveira, o autor de memorias historicas, D. Luiz da Cunha, o mordaz correspondente.

No Brasil imperial momentos houve em que as missões no estrangeiro reuniram pleiades notaveis de homens de lettras — o momento, por exemplo, em que Mael Monteiro estava em Lisboa, Varnhagen no Chile, Domingos de Magalhães em Washington.

O namorado que em formosos sonetos fez vibrar o seu entusiasmo amoroso sempre juvenil e que, sexagenario, morreu de paixão como qualquer adolescente receioso das tormentas da vida, succedera a Vasconcellos Drummond, o confidente dos Andradas, quando este cegou e se poz a colligir o seu malfadado archivo.

O autor da *Historia Geral* já por esse tempo tinha devassado os archivos hespanhoes e portuguezes, justificando o que a seu respeito escrevera o mesmo Drummond para o Instituto Historico: “que era um moço que promettia muito”. A's vezes os chefes fazem destes prognosticos felizes. Emquanto se não installava em Vienna a commentar cancioneros e a fixar as origens da Independencia, o Visconde de Porto Seguro prosequia semeando livros sempre documentados e folhetos sempre interessantes, ora discutindo o logar de desembarque de Colombo, ora rehabilitando a memoria de Vespucio, ora, com verdadeira intuição, atacando a basofia de João Fernandes Vieira, ora travando polemica com quem quer que o contrariasse.

Simultaneamente o vate dos *Suspiros Poeticos*, que fôra o primeiro a recolher toda a emoção do romantismo francez de 1830, philosophava sobre os *factos do espirito humano*, transplantando Cousin para onde florescia Montalverne, e reduzia a versos brasileiros o indianismo de Chateaubriand, irmanando Tamoyos e Natchez.

Por esse tempo Joaquim Caetano da Silva regressava da Hollanda ao Rio de Janeiro, tendo consumido a vista em pesquisar nos archivos do paiz onde se achava acreditado documentos sobre a occupação batava do nosso norte e sobretudo sobre o nosso bom direito ao chamado territorio do Amapá, compilando essa obra definitiva e monumental—*L'Oyapoc et l'Amazone*—que nos daria ganho de causa em qualquer tribunal e que o sabio advogado de 1900 junto á côrte arbitral suissa se não des-cuidou de mandar reimprimir como a base da sua argumentação.

O Dr. Escragnolle Doria, num dos seus artigos em que o sentimento das cousas idas é tão intenso e suggestivo, recorda o que disse o Imperador D. Pedro II no seu sempre justo apreço das cousas da intelligencia: “o esforço de Joaquim Caetano valeu por 200.000 homens destacados na fronteira”. Tal esforço permittiu de facto mais uma conquista da paz.

No serviço consular, Porto Alegre, pintor e poeta, dava da cultura nacional, aos nossos irmãos Portuguezes, a impressão que era licito esperar do seu talento, antes que Salvador de Mendonça fosse para os Estados Unidos, igualmente como consul, provar aos Americanos o grau do nosso adiantamento intellectual e que outro consul, Paranhos do Rio Branco, fosse para a Europa armazenar os dados de geographia historica com que se liquidariam nossas mais importantes controversias de limites.

E' digno de observação que os nomes que ficaram, os que a posteridade relembra de entre os muitos que compõem nossas listas diplomaticas, foram os de intellectuaes, o que não quer todavia dizer que só estes agentes prestaram serviços. Outros os prestaram e excellentes, mas é voz corrente que serviços diplomaticos

permanecem de ordinario fechados nas gavetas do Ministerio, quando não ha algum d'abrete que os traga para fóra pelo buraco da fechadura.

O Imperador punha certa vaidade em attribuir postos de representação exterior a homens de letras. Foi esta ainda uma tradição que perdurou. A selecção assim exercida por um criterio constante produziu no antigo corpo diplomatico — não fallo a este proposito do actual, porque é de norma exceptuar os presentes — o mesmo effeito que produziu para o velho Senado, o qual um escriptor britannico da actualidade, o professor Temperley, por occasião de discutir-se a supremacia constitucional dos Communs sobre os Lords, apontou como o modelo das assembléas do seu genero, portanto como uma razão de defesa da collaboração igual das Camaras altas, uma vez correspondendo ás condições do paiz, no governo nacional.

Semelhante elemento de selecção consciente é digno de considerar-se na indagação do bom conceito de que teem gozado nossos diplomatas e de que foram provas as escolhas do Visconde de Itajubá para um dos arbitros do famoso tribunal de Genebra e do Barão de Arinos para presidir uma côrte internacional de reclamações em Washington.

Aquella selecção exercia-se forçosamente num circulo mais restricto. O dinheiro era menos commum e principalmente representado pelas fortunas territoriaes; a instrucção, se bem que mais efficiente, era menos espalhada; menos vulgar o gosto pelas viagens, ainda que talvez mais intelligente, pois que se percorria o mundo tambem para aprender e não só para gozar.

E' de crêr que tampouco faltassem os pretendentes naquelles tempos. A circumstancia de ser monarchica a nossa fórma de governo facilitava a posição social dos nossos diplomatas na Europa, tanto nas côrtes parentes como nas que o não eram. Sua admissão era mais rapida e mais cordial nos circulos aristocraticos, onde sobretudo se comprazem os da carreira e, mais ainda, os que a ella adherem. Em Vienna, em Madrid, em Londres ou em S. Petersburgo, o Ministro do Brasil era o Ministro do Imperador.

Era uma personagem na America do Sul, onde o Imperio foi sempre olhado de soslaio — não é este o ensejo de explicar porque —, visto não haver nação alguma que houbresse com a nossa em poderio. Qualquer das republicas hispano-americanas, sem exceptuar as mais progressivas de hoje, debatia-se ha meio seculo em pavorosas crises politicas quando não financeiras: só o Chile fazia excepção, dando o exemplo da ordem, por desconhecer o sentido da expressão demagogica e ser dominado por um patriciado conservador. No meio daquellas democracias em embryão ou em confusão, o Brasil empunhava o *big stick*, que foi emfim parar ás mãos do Sr. Roosevelt.

A diplomacia nestas condições é mais facil de ser exercitada do que por uma *quantité négligeable*. Eu não admiro o embaixador de uma grande potencia, por exemplo a Grã Bretanha ou a Allemanha, apoiando um seu "ultimatum" em poderosos vasos de guerra ou num esplendido exercito, como admiro o ministro de um paiz insignificante e indefeso, digamos Costa Rica ou Haiti, arrancando pela sua habilidade e perseverança concessões que são outras tantas victorias do tino sobre a arrogancia.

A Bulgaria fornece nos nossos dias um testemunho precioso do quanto póde alcançar uma acção diplomatica persistente, guiada por uma orientação previsora, a qual não descursa, antes sabe educar na perfeição o instrumento militar.

A nossa diplomacia conservou no geral seus principios, amoldando-os ás novas condições nacionaes e internacionaes: os diplomatas é que mudaram de aspecto. E' uma cousa sabida e de todo ponto natural que ha modos de ver, opiniões, sestros, até vícios communs a uma época.

Não se concebe muito bem sir Edward Grey preparando-se para uma oração parlamentar com uma ou duas garrafas de vinho do Porto, como costumava fazer o grande Fox, sem que collega algum se espantasse disso, porque todos faziam ou eram capazes de outro tanto.

Não sei mais que escriptor francez lembra que os retratos de uma dada época se parecem todos, o que não é sómente determinado pelo trajar, mas pela expressão. Ha uma expressão petulante nos retratos do seculo XVIII, antes da Revolução, como ha uma expressão delirante nos do seculo XIX, depois do Imperio. Isto pelo que diz respeito á França. Num caso o philosophismo demolidor, mas logico; noutro, o romantismo reconstructor, mas erratico.

Nós tivemos diplomatas de calção e rabicho e diplomatas de melenas e sobre-casacas de sino. Tivemos com os primeiros a desenvoltura aristocratica e com os segundos a ternura burgueza. Hoje contamos alguns raros sobreviventes da diplomacia do Imperio, a da ultima phase, a que o geral scepticismo das convicções politicas emprestava o seu ar "bon enfant"; uma maioria de representantes, que já fizeram toda a sua carreira no novo regimen e apresentam portanto o ar do tempo, e uma reserva de profissionaes de cara rapada, bem á vontade nas suas casacas, tão hostis ás bigodeiras assassinas de ha um quarto de seculo, quão partidarios não só de requintes mundanos, em toda a época prezados nesse meio, mas de esplendores sociaes.

E' que a diplomacia, tida como synonymo de luxo official, é uma concepção que se tem ido esvaindo na Europa para vir conquistar a nossa America, sendo uma das muitas fórmias pelas quaes o velho mundo se vinga disfarçadamente da superioridade de recursos do Novo Mundo.

Marialva, em Vienna, gastou uma fortuna — sua, convem notar — para celebrar condignamente os esponsaes do Principe Real Dom Pedro com a Archiduqueza Leopoldina. Penedo, em Londres, despendeu o que era delle para dar á representação brasileira o character de largueza que não cabia dentro do orçamento. Mais tarde o Estado chamou a si subsidiar as galas diplomaticas, para que pudessem apparecer mais luzidas. E' um criterio elastico, que aproveita aos diplomatas, sem lucrar com elle o serviço.

E' claro que diplomacia requer representação — peço desculpas do trocadilho, que foi involuntario — mas não estou tão certo de que exija magnificencia. Os interesses norte-americanos na Inglaterra andaram tão bem zelados no tempo em que sem fausto, apenas decentemente, os defendia Lorwell ou Charles Adams — ia quasi dizer no tempo em que pobre e toscamente os defendia Franklin — quanto depois que o fallecido Whitelaw Reid, que era millionario, arrendou Dorchester House por 6.000 libras esterlinas por anno.

Frequentemente a exhibição de luxo é feita com vista aos nacionaes e não aos estrangeiros, isto é, o diplomata busca recommendar-se á vangloria dos seus patricios, a pretexto de que procura dar renome ao seu paiz. O Brasil está atravessando um periodo em que há que fornecer pasto áquella vaidade um tanto ingenua, não direi de adventicio, mas de quem se arreceia de deixar o seu credito em mãos alheias.

Estou felizmente lendo uma conferencia escripta e não ha perigo de que na impressão as cousas saiam differentemente do que foram ditas, um perigo aliás que correm sómente os que são dotados de falla e para obviar o qual os diplomatas, emquanto não forem recrutados entre os mudos, deviam fazer-se sempre acompanhar de um phonographo que lhes registre as palavras.

Não sei se entro demasiado pelo dominio das banalidades, lembrando, a proposito do preconizado apparatus diplomatico, que um Ministro se acha acreditado

junto a um governo estrangeiro e não junto a seus patricios no estrangeiro e que o seu dever essencial é defender os interesses do seu paiz e eventualmente os dos seus nacionaes lesados, não propriamente o de divertir os seus compatriotas, alguns dos quaes são exigentes e imaginativos em materia de divertimento. Os Ministros americanos, do norte e do sul, peccam todos mais ou menos por ahí: a culpa é, pois, delles, se ha de recorrer a logares communs.

Apenas ajuntarei, para mostrar como mesmo assim podem ser difficeis de satisfazer alguns viajantes, que de um Ministro dos Estados Unidos, conhecido por ter casa e mesa francas, se foi queixar uma senhora sua patricia ao Departamento do Estado, por não haver sido apresentada na côrte — o que lhe parecia uma grave affronta á soberania do povo americano.

A tendencia a que me refiro é muito filha de que o diplomata tem vulgarmente como unico campo de acção o official e, sobretudo, ambiciona ter o aristocratico, que nalguns paizes, mesmo monarchicos, mesmo tradicionalistas, não é precisamente identico. A alta sociedade de Bruxellas é toda catholica e, entretanto, pôde acontecer ser liberal, isto é, anti-clerical o Governo.

John Burns senta-se nos conselhos do Rei de Inglaterra e não frequenta os castellos dos *lords*. Até na republicanissima Suissa, (se é grammaticalmente licito o superlativo) os patricios — tão cheios de prosapia da sua fidalguia que um delles fez observar ao Imperador da Austria ser mais nobre a sua linhagem que a dos Habsburgos, ao que Francisco José contestou que nesse caso tinham os Habsburgos mostrado mais intelligencia, chegando á dignidade imperial, — os patricios, digo, dos cantões helveticos, formam classe á parte dos democratas radicaes do Governo.

Longe de ser exclusivo, o diplomata tem que ser fundamentalmente ecletico: sua sociedade deve ser qualquer, com cuja convivencia lucre, pór seu intermedio, o seu paiz; assim, a sociedade dos industriaes, dos banqueiros, dos commerciantes, dos homens de sciencia. Não quer isto dizer que abuse do seu ecletismo e dê com elle no quarto mingunte da mundanidade, fazendo concorrência aos principes russos da lenda, que dizem ferrar de rublos os camarins de Pariz, e aos *rajahs*, agora tão precavidos, que um delles, meu conhecido, traz os brilhantes de familia engastados nos dentes, para não irem parar nalgum collo delicioso.

E' talvez mais agradável conviver com a gente do tom e estroinar com a gente do meio tom, mas é certamente mais util a um representante estrangeiro frequentar as classes, que são as forças vivas da nação. Esta noção, por mais simples e razoavel que pareça, tem custado a ser adoptada, mas ha feito gradualmente o seu caminho, a ponto de poder ser hoje considerada, pelo menos em certos paizes, como um facto julgado.

A Belgica impõe aos seus ministros a visita dos estabelecimentos industriaes e das explorações agricolas dos paizes onde se acham acreditados, visitas com que tanto pôde aproveitar a informação do diplomata e pór meio dos seus relatorios a da nação que trabalha e produz, quanto pôde vir a lucrar a exportação naciona! supprindo as deficiencias da produção estrangeira.

O espectáculo de um embaixador, como o nosso Nabuco, fazendo conferencias puramente academicas em universidades americanas — e nada contribuiu tanto para dar realce á sua missão nos Estados Unidos — é novo para a geração actual. Ha 50 annos um ministro julgar-se-hia deshonrado se fallasse fóra de um banquete official ou de uma cerimonia á qual o seu governo o mandasse fardado como delegado.

Chama-se a esta diplomacia moderna diplomacia economica, porque, em opposição á antiga, que só curava dos interesses politicos, que em algum tempo foram

os dynasticos, trata principalmente dos interesses commerciaes, os quaes vieram a ser em boa parte os politicos. Póde-se-lhe tambem chamar diplomacia intellectual, porque, ao mesmo tempo que se occupa de relações mercantis, ella se volta para a comprehensão mais elevada dos problemas da vida internacional, procurando tornar uniforme a cultura e com ella solidaria a civilização.

Rio Branco, amontoando os argumentos historicos e geographicos com que devia tornar valido o nosso direito a amplos territorios contestados, fazia diplomacia intellectual; fela Ruy Barbosa na Haya, expondo os argumentos sociologicos e juridicos, pelos quaes se devia acatar na sua plenitude a soberania das nações convidadas a collaborar numa obra de paz e levadas irreflectidamente para divergencias irritantes.

A diplomacia antiga resentia-se da atmospheria de estufa em que desabrochava: ao que se asseverava, as nevoas e friagens do ar livre compromettiam-lhe a florescencia. De facto, ella se nutria de intrigas e se rodeava de segredo. Creio que foi Bismarck quem primeiro experimentou seu cultivo a céu descoberto e, mau grado certa ruzed no amanho, a planta não se deu mal com a mudança e ganhou em rizeja e que porventura perdeu em gracilidade.

Era uma diplomacia aquella que podia convir a gerações que sob o pessimismo e o devaneio escondiam indolencia e vacillação, mas que não póde convir a gerações que surjam mais dispostas para o trabalho e para a luta. E seja-me a este proposito permittido repetir a observação que fiz ao chegar á minha terra, depois de cinco annos de ausencia: encontrei bastantes moços que querem ser outra cousa que não secretarios de legação. Ha cinco annos passados não havia quasi um só que não tivesse suas vistas voltadas para o Itamaraty, numa aspiração de dilettantismo esthetic, que se traduz em vulgar pelo *far niente* e pelo luxo.

Em França notam os seus publicistas um phenomeno analogo e igualmente salutar. Nem falta quem diga que existe um abysmo entre a mocidade de hoje e a de ha vinte annos passados.

Alli como aqui, a dosagem alterou-se. Ha convicções onde havia descrença, estimulo onde havia indifferença, vigor onde havia desanimo, senso pratico da vida onde havia um senso frivolo della. Qualidades e defeitos subsistem, é claro; suas proporções respectivas é que parecem ter-se modificado. E se tal variação alcançou nossa mocidade, como deixar de attingir nossos diplomatas de amanhã?

A juventude é de resto essencialmente maleavel e tem em si as grandes virtudes da confiança e do enthusiasmo.

A melancolia da vida, e principalmente da vida diplomatica, está na velhice, se é que a alegria esteve na maturidade. O diplomata acaba não raro por desnacionalizar-se, sem que no emtanto o seu espirito fique pertencendo devéras a qualquer outra nação. Para elle se inventou especialmente o termo vago, pretencioso, um tanto irritante no seu significativo equivoco, de cosmopolita.

Cidadão do mundo, o que quer isto dizer, fóra da rhetorica da philosophia natural? Que não é de paz algum, porque a nenhum quer com amor de filho, embora estime ou odeie a todos como parentes.

Os Francezes, em quem o patriotismo é tão acceso, flagellam esses cosmopolitas com o epitheto de *Sans patrie*, um equivalente europeu do paria hindú, e muitos ha que ainda chegam a reputar suspeito todo individuo que muda frequentemente de terra. A doença, tão dos nossos dias, que Jules Claretie appellidou *la bougeotte* e que consiste na curiosidade insaciavel de novos horizontes e de novas gentes, levando a constantes deslocações e viagens, só modernamente entrou a fazer estragos em França.

Ha uns 20 annos passados, o advogado do senhorio da casa em que Eduardo

Prado vivia na rua Rivoli, por occasião do famoso processo por injurias intentado pela *concierge* contra o nosso espiituoso patricio, o qual procurara para seu defensor um neto de Berryer e muito se desvanecia de tal patrono, exclamava em pleno tribunal: — *Mr. Prado ! mais qu'est ce que Mr. Prado ?... Un nomade !* Era o desprezo do recato domestico pela aventura cosmopolita, o grito de revolta de Sancho Pansa contra Don Quixote. Ora, os diplomatas não são outra cousa senão *des nomades*.

Alguns conservam vivo e até aggressivo o feito nacional. São muito menos frequentes: os collegas tratam-n-os de caipiras, de sujeitos refractarios á cultura fina, de temperamentos avessos á diplomacia, como se esta fosse um leito de Procusto das elegancias e da prosapia, para o qual todos devem offerecer a mesma medida e o mesmo aspecto.

Outros ageitam-se por fórma tal aos meos estrangeiros de sua preferencia, que do primitivo individuo não resta mais, depois de algum tempo, em certos casos, do que a côr. Eduardo Prado, que acabo de recordar incidentalmente e que era, como sabeis, um ironista, dizia-me em Londres, um dia, ao comer em minha casa uma moqueca — pernambucana, ainda que o côco viesse da Jamaica — que o ultimo traço de patriotismo a desaparecer era o paladar. Ai do paiz natal, quando o estomago só se deleitar com acepipes estrangeiros.

A's vezes a transformação é involuntaria, da mesma fórma que outras vezes é calculada a adaptação. A idade, por exemplo, pôde bem explicar aquella. Referiu-me ha bastantes annos, mais de trinta, um compatriota nosso a impressão que lhe causara, o conhecer na Russia, para onde fôra mandado servir como addido de legação, o seu chefe, Barão de Alhandra, e a senhora.

Esta era ingleza; o Barão fôra por longo tempo representante do Brasil em varias côrtes italianas, antes da unidade, e affeigoara-se em extremo áquella existencia suave, sentimental e então meio mysteriosa, de que Stendhal nos deixou descrições magistraes. O *salon* da Baroneza de Alhandra em Turim tivera o seu momento de celebridade. O casal envelhecera numa doce união, mais conchegados ainda depois que o filho unico lhe fôra roubado num duello, e rememorava á lareira meio seculo de mexericos diplomaticos, no meio dos quaes avultava tristemente aquelle episodio tragico. Enrugadinhos ambos como dous antigos pergaminhos, estranhos a toda preocupação restrictamente nacional, deslembrados, ella da sua Inglaterra, elle do seu Pernambuco, sonhavam no meio dos gelos de São Petersburgo com a terra italiana que lhes fôra tão hospitaleira, ainda que nella tivessem soffrido — razão de mais para a não esquecerem.

Ha uma terceira classe de diplomatas, que qualificarei de amphibios, porque tão bem se amoldam ao estrangeiro, como conservam os carecteristicos patrios. São naturalmente os menos communs: é uma especie privilegiada, que merece ser invejada, já se sabe, quando não se perde todo destaque para só se adquirir a tal patina cosmopolita, branda mas desenxabida.

Os diplomatas dessa raça são os que sabem interessar-se pela eleição do Sr. Woodrow Wilson ou pela do Sr. Poincaré, comprehendendo quanto a primeira traduz uma reacção do espirito publico americano contra as demasias da plutocracia, ou quanto a segunda indica uma revivescencia do espirito altivamente patriotico da França, e igualmente pelas cadidaturas presidenciaes no seu paiz, as quaes não devem permanecer alheias ás cogitações dos seus filhos ausentes, mesmo, ia dizer mormente em serviço da nação.

São diplomatas dessa raça os que sabem lamentar qualquer calamidade occorrida no Thibet ou na Zambezia e igualmente as desgraças succedidas no seu paiz.

Chorar os males alheios é louvavel altruismo; esquecer os dos seus é criminosa indiferença.

A cultura européa é vantajosa quando não apaga o sentimento americano, assim como o sentimento americano é conveniente quando não afasta da cultura européa.

Bolívar, lançando a semente generosa da abolição do direito de conquista, do arbitramento obrigatorio seguindo-se á mediação, e da solidariedade continental, applicou aos idéaes do Novo Mundo os principios civilizadores formulados pela jurisprudencia internacional do Velho Mundo. No seu extremado e pittoresco nati-vismo, não passa, entretanto, Facundo Quiroja de um caudilho boçal e sanguinario.

O cerebro e o coração tambem podem e devem trabalhar de parceria. A creatura humana não é sómente perfeita quando a mente sã brilha num corpo são. Ella o é sobretudo quando a bondade clareia a intelligencia.

Eu, por mim, considerar-me-hei summamente feliz quando na velhice — se me fôr dado lá chegar — relembrando apenas as provas de equidade e de generosidade que houver recebido, disser a mim mesmo que busquei que nada de humano me fosse extranho e que, tendo-me vibrado occasionalmente a alma ao influxo das correntes estrangeiras, nunca deixou de palpitar meu coração sob a acção das dôres e dos jubilos da patria estremecida.

ABORIGENES E ETHNOGRAPHOS

CONFERENCIA REALISADA A 27 DE MAIO DE 1913 PELO DR. ROQUETTE PINTO

Sempre foram assumptos de especial predilecção para o espirito occidental o exame da organização dos povos incultos e a analyse de seus costumes e usos; o homem de ha muito comprehendeu que o objecto de estudo mais interessante para elle... é elle mesmo.

"The proper study of mankind, is man"; é o bom senso universal crystallizado em um verso de Pope.

Nos tempos que vão correndo ha, pelo mundo inteiro, um surto ainda mais energico nesta direcção; os paizes em que a grande industria avassala a actividade da maioria são precisamente aquelles em que a preocupação de bem conhecer o homem selvagem, o irmão atrazado, se manifesta com maior vigor.

Quem conhece o que se faz na Allemanha e nos Estados Unidos da America, para ficar nestes dous, sabê que esta observação é perfeitamente exacta.

Longe de ir desprezando as questões de ethnographia, cada vez procuram tratá-las com maior carinho.

Se a attenção dos scientists só se fixasse nas populações primitivas da região, o facto valeria apenas pelo desejo de zelar suas tradições, dilatando a historia de sua patria.

Mas o que se verifica é a preocupação geral do "homem-selvagem", vivendo seja onde fôr, ao lado da preocupação do "homem-primitivo", o que viveu nos tempos geologicos passados, aquelle que se chamava outr'ora o homem "antediluviano".

Mesmo sem o perceber, apesar da irreverencia que domina a sociedade, os povos cultos, assim, vão caminhando para a veneração do passado.

Algumas republicas americanas têm feito gravar a effigie de um indio nas suas moedas de ouro.

Uma das ultimas peças de cinco dollars traz o perfil de um "pelle-vermelha".

O selvagem, afinal, nada mais é que um antepassado sobrevivente.

Toda a sciencia tem hoje cultores no Brasil. Tudo quanto é progresso e pôde, por isso mesmo, melhorar as condições da vida humana, encontra aqui guarida carinhosa; é tratado com desvelo, estudado com afincio.

Surge o facto novo nos meios scientificos mundiaes e logo, aqui, ha quem o apanhe e verifique; por elle todos se interessam.

Mas tudo quanto diz respeito á nossa terra e á nossa gente não tem o mesmo tratamento; preocupados com o futuro humano, hoje que as maravilhas das artes graphicas, o telegrapho e o correio, fazem cada um de nós viver simultaneamente em muitos pontos da terra, nós nos esquecemos do passado proprio.

Isso traduz um signal de evolução para melhores tempos, que serão aquelles nos quaes a suspirada fraternidade internacional fôr effectiva; se não é grave symptoma denunciando mais uma vez o espirito superficial e utilitario destes tempos de luctas extremadas.

Seja como fôr, o sentimento nacional fica sem raizes fundas; vive á flôr da nossa cultura. O mal ainda se agrava porque somos pobres, pauperrimos, de tradições populares, capazes de nos trazer, ao cabo de todos os desvios, á veneração das nossas origens; a historia do Brasil, como tudo que existe aqui de intellectual, é privilegio da immensa minoria dos que sabem ler.

O desenvolvimento dos differentes contingentes secundarios, vindos de povos tão diversos e mesmo antagonicos por suas crenças, por suas linguas, por seus costumes, para o seio de nossa população, trazendo-nos comsigo o progresso material, concorre ainda mais para que as nossas tenues tradições não possam apparecer, ou viver com força, na alma collectiva.

Se não procurarmos desde já reagir, mediante o estudo solícito de nossa terra e do que nella se contém, á custa da contemplação e da analyse de seu passado, daremos aos nossos filhos um triste exemplo de desinteresse culposo; legaremos aos vindouros um paiz de adventícios.

De certo não é por saber em que dia se feriu a primeira batalha dos Guararapes, que a nossa engenharia ha de dar melhor conta de seus caminhos de ferro; nem se torna indispensavel saber quem foi o fundador de Olinda para levantar um par de "antennas" radio-telegraphicas ou praticar uma laparotomia...

Tambem a historia que nos deve interessar não é o rôl das pequeninas coisas que a gente aprende hoje para ter o trabalho de esquecer amanhã; a que serve, a que nos conforta e anima é bem aquella que antes de mais nada cogita da "formação de nossa nacionalidade", tal qual o entendeu o Sr. Oliveira Lima e o expoz nas suas encantadoras conferencias da Sorbonne.

Por sentir desta maneira, atrevi-me a vir fallar-vos hoje dos primitivos habitantes do Brasil, dizendo-vos como elles têm sido considerados nos arraiaes da Ethnographia.

Nesta synthese apertada não é possivel revolver o monte de cousas que se escondem atrás do titulo desta conferencia; todos comprehendem que não cabem aqui senão os que concorreram para o progresso fundamental dos nossos conhecimentos.

Fazendo a historia do edificio, só me refiro aos architectos; os operarios nem por isso se julguem menosprezados.

As questões regionaes, as minudencias technologicas, necessariamente, serão afastadas. Só incidentemente se ha de fallar nos ethnographos-romancistas, gente truculenta e anodyna, que se não dá mal nestas latitudes; porque se fomos escutal-os nos seus devaneios incontidos, certo acabariamos todos no estado da "confusão mental"...

Para ser justo, e para desenrolar o novelo pela ponta do cordel, devemos começar reconhecendo todo o valor das primeiras contribuições devidas aos chronistas que puderam surpreender em plena florescencia a grande massa dos nossos aborigenes.

Esse punhado de gente velha e respeitavel fez ethnographia empirica, é verdade; mas deixou um cabedal inestimavel.

Na piedosa revista surge primeiro o escrivão Vaz Caminha; sua carta celebre,

que tão grandes alegrias devia ter despertado no animo do Rei venturoso, é o primeiro documento que possuímos sobre a gente que senhoreava então estas regiões. Caminha sympathisou com os bugres.

“A feição delles é serem pardos, escreveu, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos...”, e foi muito feliz circumstancia ter explicado que cousa entendia por “bons narizes”.

Assim, já ninguém discute hoje o valor anatomico daquella expressão pittoresca.

Achou as indias “bem gentis, com cabellos mui pretos compridos pelas espaduas...”

Todavia, o escrivão da frota de Cabral não teve tempo para aprofundar as suas noticias; e, pondo de lado tudo quanto se poderia respigar nas cartas e informações dos primeiros colonos, o que avulta, nesse periodo, são os preciosos informes de Fernão Cardim, Gandavo, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador e Simão de Vasconcellos.

Escreveram os tres primeiros nos fins do seculo XVI; os ultimos no começo e no meado do seguinte.

Não devemos esquecer o depoimento do allemão Staden, que viveu prisioneiro algum tempo entre os Tupinambás do Rio de Janeiro. Delle talvez se possa, sem injustiça, affirmar o que escreveu Azara do austriaco Schmidels, que, mais ou menos pela mesma época, tomava parte no descobrimento e na conquista das terras do Rio da Prata.

Além de trocar os nomes das pessoas, dos rios e dos logares, diz Azara, como bom soldado razo elle augmenta sempre o numero dos inimigos que teve de pelear e o dos mortos que deixou nos campos de lucta. Não é crime dos mais feios.

Hans Staden, todavia, é geralmente digno de fé; ás vezes suas informações são mesmo preciosas.

Melhor do que ellas, raramente, são as do francez Jean de Lery, tambem referentes aos Indios do Rio de Janeiro; Baptista Caetano, que honrou por tanto tempo esta mesma Bibliotheca, chamou-o de “ingenuo e leal narrador”. Eu não conheço elogio de origem mais autorizada.

Não são menos interessantes as notas que o Padre Yves d'Evreux colheu no Maranhão em 1613. Valem, sobretudo, pelo cuidado com que elle descreveu a sociedade indigena; é preciso não perder de vista que a ethnographia, sem a occupação sociologica, se torna um intermino “conto da carochinha”...

Mais ou menos pelo mesmo tempo, em Pernambuco, Marcgrave, naturalista que o Brasil ficou devendo a Mauricio de Nassau, tratou dos indios com certa minucia. Accentuou bem os caracteres dos mestiços que já eram abundantes, distinguindo com acerto o “caboclo” do “cafuso”. Todo o livro oitavo da sua “Naturalis Historia Brasiliae” publicada em Amsterdam, em 1648, fornece dados ethnicos interessantes.

Do exame comparado do que nos dizem esses chronistas todos, mormente Fernão Cardim e Gabriel Soares, resulta a primeira noção fundamental que domina até hoje a ethnographia indigena: a divisão dos nossos aborigenes em dous grupos, de linguas differentes e de costumes diversos.

Para Cardim os indios que viviam “na costa do mar” eram “todos de uma só lingua”, com ligeiras variantes. A sua indole era boa e recebiam bem os portuguezes. Formavam o grande grupo dos Tupis.

Na lingua delles o outro grupo era o dos — Tapuias.

Eram contrarios; mas as tribus do mesmo grupo, mesmo entre si, eram contrarias tambem.

O grupo dos Tapuias desde logo foi considerado muito heterogeneo.

Para Cardim, as nações que o compunham tinham "muitas e diferentes linguas difficultosas". Era "gente brava, silvestre e indomita".

Ainda mais frisante é a caracterização destes dous grupos, tal qual se lê no informante maximo daquelles tempos, o arguto Gabriel Soares, cujo livro representa um presente opimo que nos fez Varnhagen, historiador de pouca vista philosophica, mas, innegavelmente, o brasileiro que até hoje mais profundamente esmiuçou e conheceu as nossas cousas e a nossa historia.

Gabriel Soares torna a divisão dos indios mais clara e mais interessante; porque, além das differenças linguisticas, ainda leva em conta os habitos sociaes importantissimos, que o seu talento de observador eximio desde logo distinguiu.

"Não vivem estes barbaros em aldeias, diz elle dos Tapuias, nem casas, como o *outro gentio*, nem ha quem lh'as visse, nem saiba., nem desse com ellas pelos matos até hoje; andam sempre de uma para outra pelos campos e matos, dormem no chão sobre folhas; e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma arvore, onde engenham as folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em cocoras; e não se lhe achou até agora outro rasto de gasalhado. Não costumam estes alarves fazer roças, nem plantar alguns mantimentos; mantêm-se dos frutos silvestres e da caça que matam, a qual comem crúa ou mal assada, quando têm fogo..."

"Estes barbaros não sabem nadar, e qualquer rio que se não passe a vão basta para defensão delles; mas para o passarem vão buscar o vão muitas leguas pelo rio acima..."

"Comem estes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o *outro gentio* que a não come senão por vingança de suas brigas e antiguidade de seus odios..."

Bastam estas linhas admiraveis de clareza e concisão, incisivas e rigorosamente exactas, para que todos possam ver o alto valor do chronista; e se alguém disser que elle foi o fundador da nossa ethnographia indigena, terá feito a Gabriel Soares a perfeita justiça.

Dessa descripção resaltam logo as differenças entre os Tapuias, a que ella se refere, e os Tupis, que não viviam em grupos isolados, senão em nações já esboçadas, tinham casas bem feitas, dormiam em rédes, cultivavam certas plantas, conheciam a navegação, eram nadadores emeritos, e só praticavam a anthropophagia ritual.

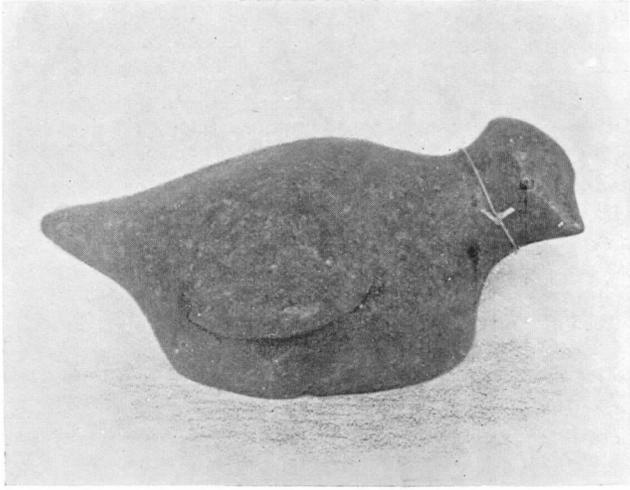
Em Cardim e Soares tambem encontramos algumas referencias que devemos levar em conta para a solução do problema dos Sambaquis.

Todos sabem que estas jazidas palethnographicas representam, no Brasil, o que são, na Europa, os "Kjokkenmoddings"; são montes de conchas encontrados ao longo da costa, nos quaes se acham pedras indiscutivelmente trabalhadas ao lado de ossos de animaes diversos, esqueletos humanos fossilizados, fragmentos de ceramica, carvão, etc.

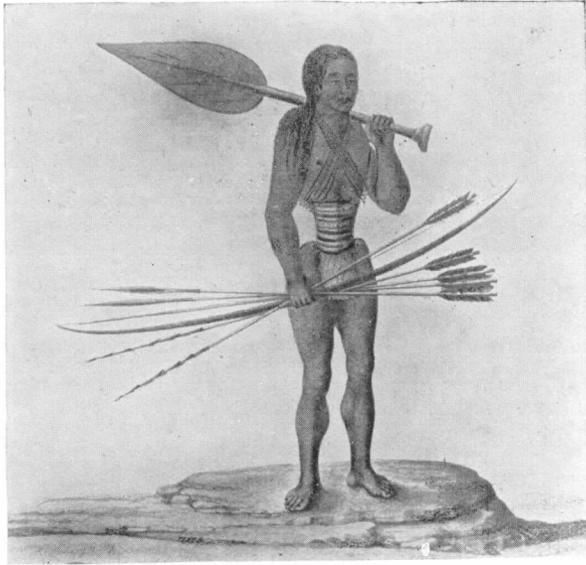
Soares e Cardim, em mais de um ponto, fallam nesses amontoados de conchas que eram aproveitadas para o fabrico da cal, como ainda hoje acontece; porque a bruta ignorancia que ainda enxarca a população do paiz, infelizmente não distingue nesses monumentos senão uma fonte de renda.

Uma lei da Republica, protegendo-os, já teria de certo sido promulgada se os legisladores não tivessem sua attenção sempre ligada a cousas mais sérias.

Na Republica Argentina já se cuidou de proteger oficialmente as jazidas desta natureza.



1. — Zoolitho dos Sambaquis de Sta. Catharina



2. — Indio Mauhá

Os dous chronistas, embora se refiram a um passado remoto, são accordes em attribuir aos indios os amontoados de restos de alimentação que formam os Sambaquis. Não ha exemplo de uma só destas jazidas originada em tempos historicos. Aliás, o exame dos Sambaquis revela certas minucias sorprendentes: porque se em muitos delles é incontestavel que existem restos humanos, em outros, por mais que se procure, nada se encontra senão conchas. São aggregados de restos de lamelibranchios de origem natural. Alguns que visitei na região das lagôas do norte do Rio Grande do Sul, em 1906, me pareceram "dunas" de conchas, se me permitem a expressão, promovidas pela acção dos fortissimos ventos reinantes.

Nesses Sambaquis "eolios" foram achadas conchas marinhas, junto a conchas fluviaes, e outras terrestres. Ao lado de material recente, muito material fossilizado. Ha outros que parecem francamente "bancos" de molluscos postos a secco pela sublevação do solo.

A existencia de conchas fluviaes não surprehende porque as jazidas se acham entre o Oceano e as lagôas de agua doce. O mais interessante, sob esse aspecto, dos que eu visitei, é o do arroio do Sal, entre a grande lagôa de Itapeva, verdadeiro mediterraneo, e o mar.

Os craneos encontrados nos Sambaquis do sul do Brasil e as outras partes do esqueleto humano de lá retirados, offerecem, ás vezes, caracteres especiaes; é, principalmente, a grande robustez dôs ossos, mórmente os maxillares inferiores, a sua grande rugosidade, o seu peso, apesar da fossilização incipiente, ou mesmo por causa de incrustações calcareas, o que chama a attenção. A' simples inspecção apparecem estas características; ellas não autorizam, absolutamente, a pensar que a gente dos Sambaquis era differente dos indios. Quando muito poderia ser tão diversa dos actuaes indios como estes o são entre si.

A craneometria, é certo, andou procurando determinar a "raça dos Sambaquis", como tambem a "raça da Lagôa Santa"; mas quando se examinam os documentos sobre os quaes foram discriminadas estas "raças", verifica-se que, afinal, elles são mui pouco concludentes.

Durante muito tempo acreditou-se que a craneometria fosse capaz, por si só, de distinguir as mais leves variantes anthropologicas.

O impulso de Retzius, cimentado pelo prestigio de Broca e de Virchow, levou esta preocupação aos ultimos extremos.

De modo que os cientistas que estabeleceram estas "raças" primitivas do Brasil, resolveram a questão de accordo com as idéas dominantes na época.

Actualmente os anthropologistas, fóra uma meia duzia de renitentes especialistas, já se convenceram de que os caracteres craneometricos permitem apenas separar os typos fundamentaes da especie humana; o que, aliás, os simples caracteres descriptivos conseguem mais depressa. Isolam os typos puros: o branco, o amarello e o negro; mas os typos secundarios já estão renunciando a separar, ao contrario do que se pretendia consegu'r ha 20 annos passados.

Mesmo no Brasil houve uma tentativa séria nesse sentido feita pelo Prof. Nina Rodrigues, da Bahia; elle procurou isolar as características craneometricas dos "negros bahianos". O seu esforço teve a sorte dos demais.

Pois que o cruzamento é hoje a regra no mundo intelro, contar o numero das raças humanas existentes é tão importante, dizia, ha dous annos, em Londres, o professor von Luschan, da Universidade de Berlim, como avaliar o numero de anjos que podem dansar á vontade na ponta de uma agulha...

Effectivamente, aquella preocupação vai cedendo o passo a questões muito mais importantes, relativas á anatomia comparada, á identificação pessoal, á anatomia das idades, das profissões, etc. A anthropologia não pôde ser responsavel pelos insucessos da craneometria, sua filha desmandada.

De maneira que a "hypothese mais simples" é que o homem dos Sambaquis e o da Lagôa Santa, descoberto pelo sabio Lund, na mesma região em que ainda ha pouco tempo o Sr. Umberto Lanari encontrou mais documentos de sua existencia, pedras trabalhadas e ossos descriptos num dos ultimos volumes dos Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto, foi simples antepassado dos indios, sorprendidos em 1500 pelos navegantes que um vendaval abençoado, ao que se diz, atirou á nossa costa.

Ao contrario do que se acreditou outr'ora, a coexistencia do homem de Lagôa Santa com os animaes extinctos, cujos restos foram retirados por Lund, não é incontestavel; é mesmo hoje muito discutida pelos especialistas.

E assim, até que novas descobertas venham claramente provar o contrario, não andaremos mal acreditando que a especie humana só appareceu no Bras'l em época relativamente recente.

Outro tanto se pôde dizer de toda a America; apezar do apregoado autochtonismo do "Homem Americano", cujo representante puro seria o mesmo "Botocudo" sobrevivente da grande raça Paleamericana, que alguns procuram sustentar. Porque se se têm encontrado restos humanos em jazidas certamente mais antigas que as do Brasil, não se apurou um só caso liquido de presença do homem em camadas terciarias, ao contrario do que desejou provar o professor Ameghino, um dos scientistas de mais nome que a Republica Argentina perdeu ha pouco tempo.

Ameghino, nos seus ultimos dias de vida, andou pelejando para demonstrar que tinha encontrado, afinal, os restos dos primatas precusores do homem, typus que elle denominou *Prothomo*, *Diprothomo*, *Triprothomo* e *Tetraprothomo*...

Sua admiravel paixão patriótica o arrastou ao deploravel devaneio, que fazia da Argentina o berço provado da Humanidade.

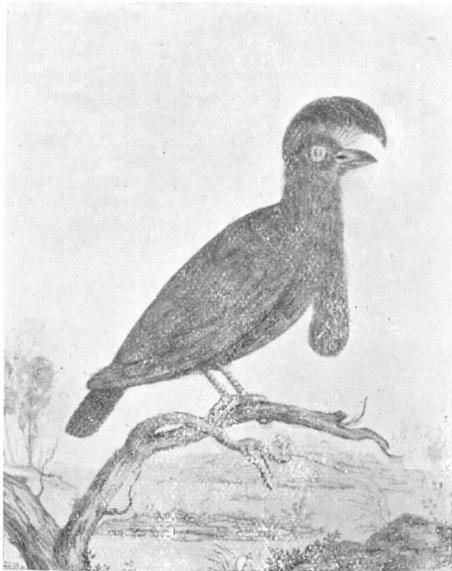
Voltando agora aos primeiros ethnographos, encontramos Frei Vicente do Salvador. O professor Capistrano de Abreu escreveu com muito espirito, e com muita justiça, que a "Historia do Brasil" do padre bahiano são antes — "Historias do Brasil", pelo pittoresco das anedotas de que elle recheou a sua narrativa. E', no entanto, honesto informante; como tambem o são os dedicados jesuitas, cuja conducta, nos primeiros tempos, marcou para a Companhia os dias mais gloriosos de sua existencia inteira.

Nobrega, Navarro e Anchieta são tres nomes que a ethnographia do Brasil tem o dever de prezar muito.

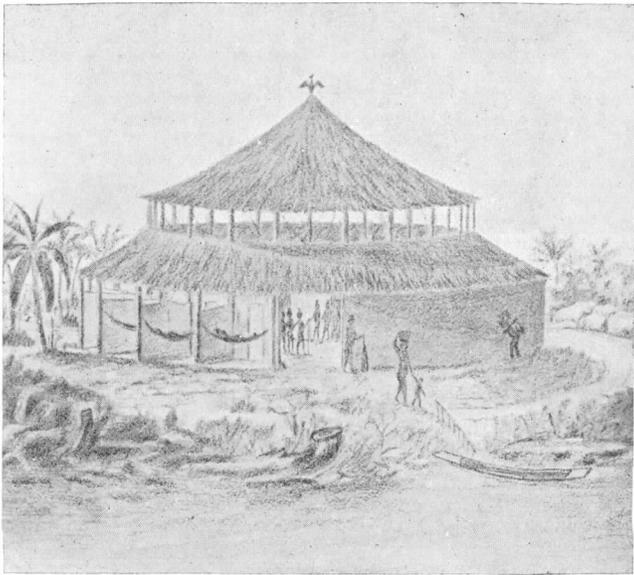
Obrigados pelo ardor que os consumia a conhecer os habitos, os costumes e as linguas dos gentios, seus catechumenos, fizeram os padres ethnographia... por necessidade.

Por outro lado, infelizmente, a intolerancia religiosa, de que andava impregnado o ar daquelles tempos, prejudicou um tanto as observações destes apostolos; porque a primeira cousa que faziam era procurar varrer da alma dos bugres, antes de as reter, aquellas lendas e abusões do mais alto valor para o conhecimento e a apreciação do seu estado social e, quiçá, de sua origem.

Completando o balanço dos grandes nomes com que podemos contar para o estudo dos nossos aborigenes, nos tres primeiros seculos, é preciso incluir na lista,



3. — *Cephalopterus ornatus*



4. — Maloca dos indios Curutús do Rio Negro

que não posso dilatar como desejara, um naturalista official, brasileiro nato, observador profundo e minudente, descriptor fidelissimo das nossas cousas, o "Doutor Naturalista" Alexandre Rodrigues Ferreira.

Ha poucos dias tive uma hora de alegria quando consegui percorrer os manuscritos e os desenhos das viagens do patricio insigne e quasi desconhecido, os quaes se acham, em grande parte, nesta Bibliotheca, que o Sr. Dr. Manoel Cicero comprehendeu com muito acerto deve ser, mais do que um "deposito de livros", um poderoso agente no trabalho em favor do progresso moral e intellectual do paiz.

Portugal não prezou o trabalho do mal afortunado filho da Bahia. Do que elle mandou para o Real Gabinete de Historia Natural de Lisboa, muita cousa já se não sabe onde pára.

Uma boa parte das collecções do Dr. Alexandre, ao que se diz, foi remetida ao Museu de Pariz pelos conquistadores de 1807.

Os maravilhosos desenhos e aquarellas, executados sob suas vistas durante suas excursões, andaram esparsos até agora; suas verificações, suas descobertas mesmo, ignoradas na quasi totalidade. Alguma cousa que veio a publico appareceu na "Revista do Instituto", verdadeira mina preciosa de informações, recurso inestimavel de quem estuda o Brasil, e nos "Archivos" do Museu Nacional.

Durante nove annos, de 1783 a 1792, elle recortou a bacia do Amazonas, com que sacrificios e com que anseio! enviando aos representantes do Rei as detalhadas "Participações" que a gente lê com encanto.

Havia naquelle "doutor naturalista" sahido de Coimbra, um Brasileiro sincero preoccupado em descrever os encantos do Brasil.

Varnhagen escreveu com justiça que *"se os trabalhos desta expedição e principalmente os bellissimos desenhos, minuciosos diarios e varias memorias completas ácerca de differentes tribus de indios, classes de animaes, generos de plantas, etc., tivessem logo sido publicados, a Europa houvera conhecido trinta annos antes, pelos trabalhos de Alexandre e dos seus desenhadores, muitos factos e resultados de que só teve noticia por escriptores estrangeiros, aproveitando delles nos archivos do Lisboa, ao regressarem de suas viagens, que algumas vezes não fizeram mais que transmittir-lhe observações que os nossos haviam feito deixando os seus escriptos sepultados no pó dos archivos"*.

Sic vos non vobis mellificatis apes...

Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia, a 27 de Abril de 1756; recebeu lá mesmo as primeiras "ordens" para obter o sacerdocio ao qual seu pai o tinha destinado, e partiu para Coimbra, já resolvido a não se ordenar mais.

Sahiu da Universidade doutor em philosophia, e, como por sua dedicação aos estudos de historia natural se impoz a seus mestres e companheiros, o celebre botanico Vandelli não achou ninguem melhor do que elle para indicar ao Ministro Martinho de Mello e Castro, afim de dirigir a expedição que o Governo portuguez desejava enviar ao Brasil a estudar e recolher suas riquezas naturaes.

Foi assim que o primeiro naturalista brasileiro realizou sua "Viagem Philosophica", como se denominou, com muita propriedade, sua excursão.

O que deixou escripto sobre a botanica, a zoologia e a ethnographia do Brasil, é crime que ainda hoje não tenhamos feito publicar integralmente, ao menos para honrar sua memoria.

Em 1792, chegando ao Pará o "doutor naturalista", já de volta de sua viagem, fez-lhe ver o Capitão Luiz Pereira da Cunha que, para remetter a Lisboa todo o material recebido da expedição, havia despendido quantia equivalente ao dote de

uma filha, e, como não tivesse o naturalista outro meio de indemnizar o seu correspondente das despesas feitas em beneficio de suas preciosas collecções, promptificou-se a casar com a moça, que tinha involuntariamente prejudicado.

Morreu em 1815 o "doutor naturalista" Alexandre Rodrigues Ferreira.

Afirmam os seus biographos que a Côrte portugueza sempre teve em conta seus arduos e dedicados trabalhos e o encheu de distincções, nomeando-o Administrador das Quintas Reaes, Deputado da Junta do Commercio, etc.

Certo é que elle falleceu "accommettido de fatal melancolia", segundo rezam as informações, talvez devido ao desgosto de ver seus esforços menosprezados, com o archivamento de seus manuscritos.

Archivamento mal feito, porque elles se espalharam entre muitas mãos e se damnificaram pela perda de muita cousa.

Nem se pôde bem comprehender que, recebendo tantas distincções, referidas por Costa e Sá e Silva Pontes, historiadores de sua vida, Rodrigues Ferreira fosse obrigado a solicitar do Governo portuguez o officio de Secretario da Alfandega de Pernambuco. Existe nesta bibliotheca o rascunho do memorial em que elle faz esse pedido; por ahí se vê que a sua situação financeira, no fim da vida, era semelhante á dos "doutores naturalistas" de todas as épocas...

Os manuscritos de Rodrigues Ferreira foram organizados em 1833 por Costa e Sá, segundo determinação da Academia Real das Sciencias de Lisboa; constavam de 22 maços e sete volumes de desenhos. São milheiros de paginas, que ora se acham esparsas.

Ainda assim, por felicidade, a sua maior parte pertence hoje á Bibliotheca Nacional, ao Museu e ao Instituto Historico.

E' innegavel, todavia, que a "Viagem Philosophica" deveu grande parte de seus resultados aos "desenhadores" Joseph Joachim Freire e Joachim Joseph Codina e ao "jardineiro-botanico" Agostinho Joachim do Cabo.

A expedição maior desta "Viagem Philosophica" foi a que subiu o Madeira, em 1788, para chegar á capital de Matto Grosso, que era Villa Bella, antigo centro de mineração mui pujante, e hoje simples logradouro de uma centena de pretos. As ultimas informações que nos foram prestadas, por testemunha insuspeita e segura, sobre esta curiosa cidade, cujos palacetes officiaes já se acham escondidos pela floresta que a vai avassallando, diziam que lá não existe, domiciliado, um só habitante branco.

E' um reducto de antigos escravos; cujos descendentes vivem em sociedade original, em mais de um ponto semelhante a certas cabildas africanas.

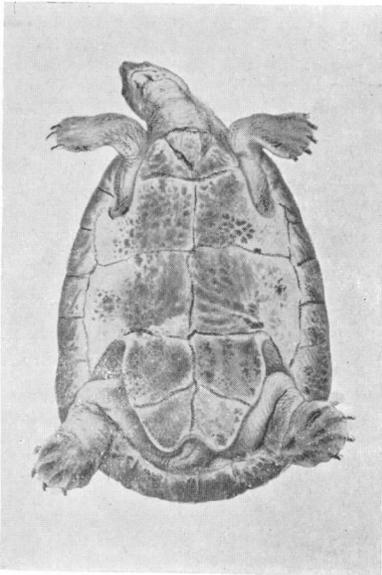
E' um caso interessante de segregação espontanea, promovida pelas condições de insalubridade local a que só os negros, parece, conseguem resistir; mesmo assim a colonia já se vai extinguindo.

A expedição de 1788 contava com varios recursos.

Além de 16 homens de tropa, um sacerdote, com um "altar portatil" e "bem examinadas hostias", vinho e cêra em velas para o exercicio do culto, iam 200 indios remeiros. Ao todo falla-se em 11 embarcações.

Levavam 250 "pederneiras" de um só fogo e outras tantas de dous fogos. Para conter os insubordinados eventuaes do exercito "philosophico" do naturalista, mencionam-se quatro "grilhões" e quatro "algemas", que foram entregues ao chefe com o grande fornecimento que se lhe fez, de accordo com as relações existentes.

A "Real Fazenda" despendeu com a viagem ao rio da Madeira cerca de dous contos e quinhentos mil réis; mas só a "botica" da expedição andou por 563\$660.



5. — Tartaruga Sp.



7. — Cabeça do ultimo indio Cambeba



6. — Indio Cambeba a arremessar uma setta com a balestrina

Dessa "botica", a não serem 32 libras de "quina em casca", uma onça de "ipeca-cuanha", seis ventosas e seis "borrachas de couro com seus pipos", equivalentes a certo aparelho que muitas vezes apparece nas comedias de Molière, pouca cousa mais seria aproveitada por um naturalista contemporaneo.

Não é possível revistar agora as aquisições ethnographicas da "Viagem Philosphica". Não só devemos ao Dr. Rodrigues Ferreira a descripção minuciosa, sempre exacta e colorida, de muitos factos da vida selvagem, de muitos artefactos indigenas, como tambem uma certa systematização dos indios do rio Negro.

Foi elle o primeiro a mostrar decisivamente a importancia das bacias hydrographicas no grupamento das tribus; facto que os antigos chronistas já tinham notado: assim o deixa bem claro no capitulo XVI da "Participação Geral do Rio Negro", em 1786, onde trata dos "Gentios que o habitam pela ordem dos rios que desaguam nelle."

Por elle sabemos importantes noticias dos indios Cambebas, nação das mais notaveis da America do Sul, digna até da veneração da gente "pratica" que se não interessa por estas cousas; porque "dos Cambebas, escreveu Ferreira, aprenderam as mais nações, e igualmente as do Pará, a fabricarem a celebre gomma, ou resina elastica, chamada vulgarmente Leite de Seringa..."

Que seria do nosso conforto se não fosse a descoberta dos Cambebas ?

Como poderia o mundo civilizado dispensar hoje a borracha ?

O naturalista fez desenhar o ultimo dos Cambebas puros existentes ainda naquelle tempo, em que a nação já ia desapparecendo. Foi esse o ultimo indio de cabeça deformada segundo a feição nacional; chamava-se "Dionisio da Cruz" e foi desenhado por Joaquim Freire.

Disse elle ao Dr. Alexandre que a sua gente usava a cabeça deste modo deformada, para se distinguir dos outros indios anthropophagos de em torno; é preciso, porém, não dar muito credito a essa explicação, porque Dionisio já era civilizado e servia de carpinteiro num estabelecimento portuguez. Elles deformavam a cabeça pelo mesmo motivo por que outros deformam o nariz, os labios e as orelhas: para se "enfeitar"...

Com a mesma paciencia segurança Rodrigues Ferreira descreveu os animaes, as plantas e os artefactos indigenas que ia recolhendo e remetendo para Lisboa.

O Dr. Alexandre não era um especialista, no sentido restricto do termo; dos seus manuscriptos não se sabe quaes os que mais admirar: se os que tratam da historia do Pará, se os que se referem á botanica, ou á zoologia. Suas notas ethnographicas são sempre justas e expressas da mais agradável maneira.

Se falla da choreographia dos aborigenes, diz: "é verdade, que entre elles a dança se não deve chamar divertimento. Antes, é uma occupação muito séria, e importante, que se envolve em todas as circumstancias de sua vida publica e privada".

Tratando do exercicio da medicina entre os indios, affirma que "a dança he hum dos mais efficazes medicamentos, que lhes recieitam similhantes medicos".

"E si o doente não pôde sopportar a fadiga do exercicio, o seu medico a sopporta por elle".

Respondendo a todos quantos o importunavam perguntando para que empregava o seu tempo e tanto se sacrificava colhendo armas e artefactos dos bugres, cousas sem valia, Alexandre Rodrigues Ferreira traçou, um dia, estas linhas magistraes: "Quaesquer que sejam as armas de que usam os gentios desta parte da America, eu as tenho remettido, no intuito de completar algum dia a Historia da Industria Americana; sendo certo que para se chegar a adquirir um perfeito conhecimento do seu principio, e progresso, é preciso mostrar o americano em todas as situações

em que a Natureza o tem collocado; seguir seus passos nos differentes grãos da sociabilidade por onde elle tem passado..."

Para esboçar, hoje, mais de um seculo depois, um programma rigorosamente scientifico para a nossa ethnographia, não ha mais que desenvolver essas idéas fundamentaes do nosso primeiro naturalista, cujos trabalhos eu espero ver um dia integralmente publicados.

No seculo XVII a ethnographia indigena do Brasil principiou a ser systematizada e desenvolvida, graças, principalmente, a von Martius, ao Principe de Neuwied, a Castelnau e a von den Steinen.

Dos estrangeiros dignos de nossa veneração pelo esforço que despenderam no estudo da nossa terra, nenhum merece maior apreço do que o sabio K. Fr. Ph. von Martius. O seu nome se vulgarizou entre as pessoas cultas do Brasil, porque elle foi o mais illustre dos botanicos que têm estudado a nossa flora; muita gente, porém, não sabe que os indios mereceram de Martius carinho não menor. Os seus trabalhos ethnographicos, suas observações, marcam o inicio de uma phase nova no estudo dos nossos indios.

A visita de von Martius prende-se ao casamento do primeiro Imperador, então Principe Regente, D. Pedro de Alcantara, com a Archiduqueza Leopoldina d'Austria.

Casada em Vienna, por procuração, partiu D. Leopoldina de Trieste em 1817 em busca do seu novo lar; e a Côrte d'Austria fel-a seguir por muita gente escolhida, entre a qual se destacava uma commissão de naturalistas austriacos, dirigida pelo Dr. Pohl, a quem devemos algumas informações sobre indios de Goyaz.

Além do botanico Mikan, fazia parte da missão o celebre Joannes Natterer, que por pouco não arrebanhou para o Museu de Vienna todos os representantes de nossa fauna. Aproveitando a occasião o Rei da Baviera conseguiu fazer seguir, na mesma companhia, os naturalistas Spix, zoologo, e von Martius.

Foi assim que o Principe herdeiro ganhou uma excellente esposa; e a historia natural do Brasil alguns investigadores de mão chã.

Martius viajou por aqui de 1818 a 1821. Andou por S. Paulo, Minas e pelos Estados costeiros, subindo, finalmente, o Amazonas.

A sua contribuição ao estudo dos nossos aborígenes pôde ser resumida em tres factos fundamentaes. O primeiro diz respeito á organização social das tribus, o segundo á origem dos indios e o terceiro, que foi o decisivo, se refere á classificação delles.

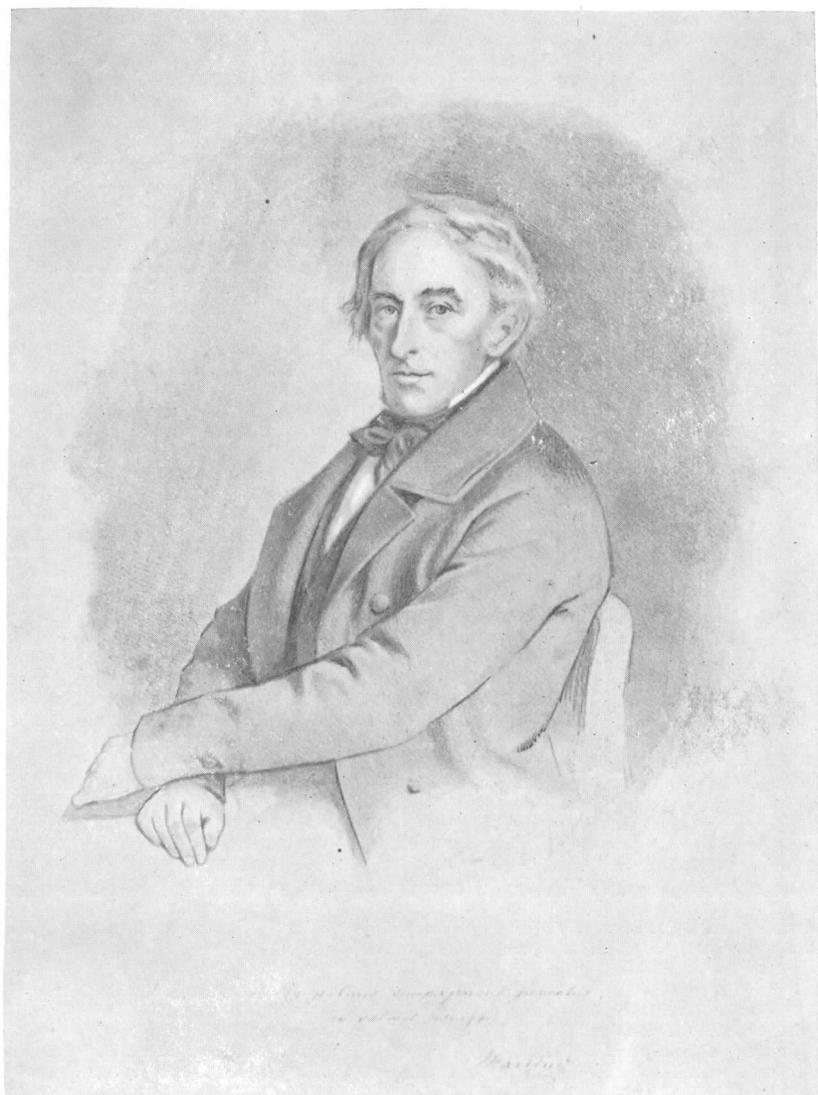
Martius acreditou na formação fortuita dos grupos, pela aggregação accidental de individuos sem ligações anteriores e estaveis.

Pensava que os indios representam restos de um povo antigo decahido, vindos de longes terras, onde haviam attingido certa civilização.

A America, ou antes o Brasil, teria assistido ao processo de involução social dessa gente.

Conseguiu verificar a existencia de certas affinidades entre idiomas de differentes tribus, que elle approximou para formar grupos distinctos. Em vez dos dous grupos antigos, de Tupis e Tapuias, appareceram Kren, Guk, Pareci, Goitacaz, Aruak, Guaicurú, por onde elle andou repartindo as tribus quasi todas, porque sempre ficaram sobrando algumas irreductiveis.

O estudo seguido das nossas tribus mostrou que era insustentavel a primeira das opiniões de Martius; ninguem jamais verificou a existencia de "bandos" de indios accidentalmente aggregados, embora não tivesse ainda havido no Brasil a formação perfeita de verdadeiras nações, conforme accentuou o Dr. Paul Ehrenreich, um dos mais autorizados conhecedores da ethnographia sul-americana.



8. — Dr. C. F. Ph. de Martius

Certos factos parecem, á primeira vista, justificar a segunda das theorias de Martius.

E' assim que, na jazida palethnographica da ilha de Marajó, as camadas onde se encontram as melhores peças ceramicas, as mais trabalhadas, as mais artisticamente ornadas, são situadas muito abaixo das camadas onde só existem restos de ceramica mui grosseira, sem ornamentação e sem morphologia typica. Ou os ceramistas eximios do inicio da jazida foram-se desleixando e cahiram, ao ponto de fabricar os productos inferiores que se acham mais superficialmente collocados; ou foram aniquilados os primitivos artistas emeritos de Marajó, por gente mais grosseira e incapaz de os acompanhar áquelle nivel esthetico, tendo esta gente deixado os seus productos sobrepostos na jazida. E' o dilemma que se tem formulado. Seja como fór, a situação social de tribus puras, que Martius não conheceu, descobertas modernamente no estado perfeitamente pre-colombiano, como são os indios de Xingú e os da Serra do Norte, em Matto Grosso, não permite crer na involução dos aborigenes do Brasil; além disso, *a priori*, esse processo iria de encontro ás leis normaes da evolução humana.

Póde bem ser, todavia, que entre as tribus amazonicas, algumas houvesse possuindo uma cultura melhor, mercê da influencia dos povos civilizados da America Central e da Região Andina, com os quizes o seu contacto, de certo, se effectuou.

De Martius nos resta pois como legado mais apreciavel a classificação.

Para reunir os differentes grupos serviu de base a lingua.

Além de certos radicaes de significação conhecida (Kren-filho, Guk ou Kôkoti) ainda se acham nos idiomas afins palavras que os linguistas acreditam possuem alto valor determinativo. Estão neste caso as denominações das partes do corpo humano, por exemplo.

Os idiomas selvagens, mesmo depois de muito modificados, ainda conservam os radicaes destes vocabulos perfeitamente isolaveis.

E' principalmente sobre a consideração desses radicaes e sobre a doutrina das *palavras-fio* do professor Capistrano de Abreu, *Leitwörte*, dos autores allemães, que se fundam não só a classificação de Martius, como as suas differentes modificações propostas depois.

As falhas desta systematização de ha muito foram apontadas por Baptista Caetano; ha 36 annos elle escreveu uma justa apreciação a respeito.

Mostrou que Martius tinha procurado separar o maior numero possivel de linguas selvagens. O proprio "abânheeng", a "lingua geral", diz Baptista Caetano, Martius procurou dividir em muitos dialectos. "Com semelhante processo, accrescenta, podiam suppor-se muitas linguas francezas, italianas, allemãs..."

Ao lado disso tem-se reconhecido que algumas linguas erigidas em "tronco", tal qual o "Betóla" ou "Mirânia", nada mais são que verdadeiras misturas de termos emprestados de diversos idiomas, como o demonstrou Rivet.

As condições de intercambio intenso em que vivem hoje as tribus amazonicas, na sua quasi totalidade, são factores dessa mescla.

O "Mirânia" não passa de uma especie de "lingua franca", como a que se falla ao longo do littoral africano do Mediterraneo, ou como a "lingua dos baleeiros", mistura de vocabulos polynesios, chins, japonezes, inglezes, que domina no Pacifico.

Todavia não se póde hoje mais contestar que entre certas linguas indigenas do Brasil as differenças sejam tão accentuadas como as que separam, por exemplo, o portuguez do allemão; entre a dos Parecis e a dos Bôrôros, uns e outros habitantes de Matto Grosso, a differença é mais ou menos desse quilate.

Isso não exclue, aliás, um parentesco remoto, como aquelle encontrado entre as linguas indo-européas, as mais afastadas.

Posso citar um facto de observação pessoal mui elucidativo. Um indio pareci que me acompanhou á Serra do Norte, ouvindo fallar pela primeira vez os indios de lá, prestou ouvido alerta durante muito tempo ao que diziam os selvagens, e depois confessou desanimado que não apanhara uma palavra.

Ficou como um de nós que se perdesse, por acaso, numa viela de Lhassa, no coração do Thibet... Eu que ha pouco tempo ainda não acreditava existisse no Brasil uma só tribu segregada, considero, por isso, de maior interesse a descoberta dos indios da Serra do Norte, realizada pela commissão Rondon.

O nome nacional teria valor para a classificação, se no Brasil fosse possível isolal-o em cada caso; mas a confusão aqui é tão grande que embarça a toda hora quem tem de tratar com os bugres.

A mais geral das confusões é a que se origina dos proprios indios, os quaes fornecem, quasi sempre, o nome do grupo secundario e negam, muitas vezes, a designação nacional commum.

E', mais ou menos, o que acontece entre os civilizados das classes populares; porque muitos, se se lhes pergunta se são brasileiros, hão de responder que são bahianos, paulistas ou gaúchos...

Martius finalmente pretendeu também esboçar os caminhos que seguiram em suas migrações os differentes grupos.

A fragilidade destas hypothèses que o Dr. von den Steinen ampliou, em 1884 e 1888, é manifesta ao primeiro exame. Basta dizer que as migrações foram determinadas, principalmente, á custa da apreciação da pureza relativa dos idiomas, facto de verificação quasi impossivel. O recente caso da lingua dos Miránia acaba de o demonstrar mais uma vez.

Hoje os grupos linguísticos têm sido de tal modo revolvidos pelos especialistas, que afinal, desmanchada a chave de Martius, e creadas outras também já desarticuladas, o melhor meio de systematizar o estudo dos nossos aborígenes é recorrer ao processo simples e fundamental de que lançava mão Rodrigues Ferreira, no fim do seculo XVIII: fazer a classificação das tribus mediante o conhecimento de sua zona de distribuição, mesmo levando em conta, como o fez o Dr. Paul Ehrenreich, os dados subsidiários que a lingua pôde fornecer.

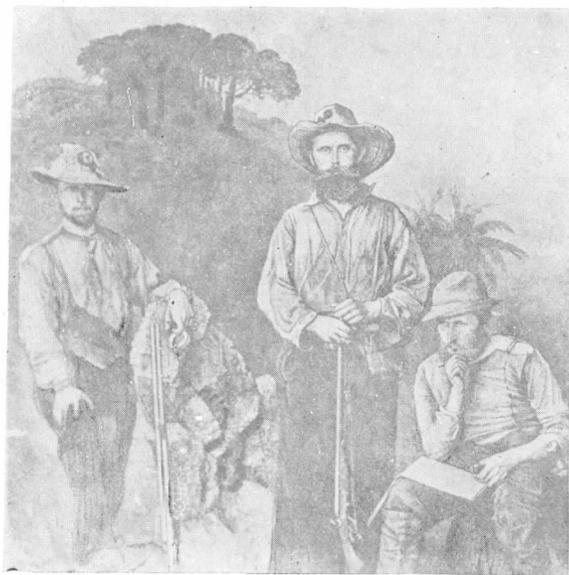
O nome do Dr. Ehrenreich acompanha o de von de Steinen na historia da segunda expedição ao Xingú, que este notavel ethnographo dirigiu em 1888. Foi, porém, a expedição de 1884, em que elle desceu o famoso rio de suas cabeceiras até a sua foz, a viagem mais importante das que realizou, pela somma de material recolhido e de verificações que pôde executar. As primeiras modificações do quadro de Martius surgiram por essa occasião.

Se a preocupação de estridar o indio já vinha apparecendo desde as viagens do Principe de Neuwied e de Castelnau, posteriores á de Martius, foi comtudo com as do Dr. von den Steinen que ella se affirmou claramente no mundo dos scientistas europeus.

Não quer isto dizer que antes dellas os naturalistas que nos visitaram tivessem desprezado os aborígenes. Longe disso. Preciosas são as informações de Crevaux, de Marcoy, de Orton, de Bates, de Wallace, de Oscullati e tantos mais. E' incontestavel porém que, para elles, o indio não representava mais que um incidente, dentro de suas preocupações scientificas; depois da expedição allemã de 1884, já se podem contar muitas outras realizadas com fim puramente ethnographico, das quaes se



9. — Ceramica de Pacoval, Ilha de Marajó



10. — K. von den Steinen e seus companheiros
da Expedição alemã de 1884

destacam as de Krause, Meyer, Coudreau e, principalmente, as de Koch-Grünberg e Max Schmidt.

Desta maneira a descripção das tribus existentes tem ganho extraordinariamente em precisão e minucia.

Schmidt estudou profundamente os arranjos e as combinações dos trançados e tecidos dos indios do Alto Paraguay e do Xingú, isolando typos interessantes e característicos na arte selvagem; Koch-Grünberg, nas regiões do Rio Negro, conseguiu somma consideravel de notas curiosas e importantes sobre a industria, a arte e a organização social das tribus de lá.

Tambem cabem nesta rapida synthese os trabalhos brasileiros de L. Netto, de Couto de Magalhães, de Ferreira Penna e de Barbosa Rodrigues; este, si não foi feliz nas suas generalizações, incontestavelmente nos legou um grande cabedal descriptivo.

Em Couto de Magalhães parece que viveu de novo no seculo XIX o espirito de Gabriel Soares, profundamente bem informado de tudo quanto diz respeito ao grande sertão do Brasil.

Ferreira Penna não foi só o trabalhador acerrimo que encheu de preciosidades o Museu Nacional: os seus relatorios denunciam alto espirito philosophico que uma cultura ma's séria viria aprimorar. Ladislaw Netto agitou em nosso meio as mais interessantes questões da palethnologia americana.

Temos passado assim uma rapida revista, como as circumstancias o permitem, nas principaes fontes de informação de que dispomos para o estudo da ethnographia indigena do Brasil.

Tudo quanto diz respeito aos nossos aborigenes anda esparso; um tratado de conjuncto, compendiando as verificações, como os de Bancrof e de Schoolcraft, para os norte-americanos, não foi sequer esboçado.

Nem por outra razão é tão difficil e tão penoso o estudo da ethnographia do Brasil; é preciso andar catando noticias, descripções, vocabularios.

A maioria das pessoas que lêem, aqui no Brasil, está mesmo privada de saber o que escreveram da nossa terra alguns dos mais notaveis naturalistas que a têm visitado, Martius, v. d. Steinen, Ehrenreich, Koch-Grünberg, Schmidt, etc., porque até hoje seus trabalhos não foram traduzidos do allemão.

Afinal, que sabemos dos nossos aborigenes ?

Das suas origens e de suas pretendidas migrações, eu prefiro não tratar aqui: teria de desenrolar uma longa fieira de factos e theorias, uns favoraveis ao autochtonismo, outros favoraveis á immigração asiatica, ou mesmo oceanica.

No fim de tudo, verificar-se-hia que ninguem póde ainda, razoavelmente, concluir em favor de uma ou de outra hypothese.

Todavia, é indiscutivel que o typo anthropologico mais parecido com o geral dos nossos indios se encontra precisamente entre os "amarellos" cruzados da Malasia, conforme Virchow o demonstrou.

Mas, dentro dos limites da mesma raça, como já se disse, elles apresentam alguns typos bem differentes; ha no Brasil indios de estatura athletica, como são os Bôróros de 1^m,70, e outros de pequena altura, como são os Mauhés, de 1^m,58; ha dolichocephalos como os Karajás e brachicephalos como certos Aruaks; ha indios claros, quasi brancos, como são os Parecis e os Nambikuáras-Tagnanis, e outros escuros, como são os do Rio Juina, na Serra do Norte, em Matto Grosso.

Algumas tribus existentes na época da conquista talvez fossem ainda mais escuras; porque, ao que informa o professor Capistrano de Abreu, até á introdução

dos Padres da Companhia, os quaes começaram a chamar os índios de "Brasis". elles eram "Negros" para os portuguezes.

Esta ultima denominação não lhes ia mal, porque se pintavam geralmente com o summo do genipapo.

"O fructo do genipapo, quando verde, expremido dá o summo claro como agua, porém, quem se lava com elle fica negro como o carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias. Assim se pintam os índios"; são palavras de Frei Vicente. Outros, mesmo sem pinturas, eram quasi pretos, como os Charruás.

Os que parecem francamente vermelhos são os que se pintam com o urucú; a dominante natural é o amarello-sienna.

No entanto, as características anthropometricas mais geraes mostram que elles são antes mesorrhinos, mesognatas, megasemas; isto quer dizer que o typo indio mais commum tem a saliência do nariz e a projecção da face sem exagero para qualquer das direcções oppostas em que se firmam os typos branco e negro; o tamanho das orbitas francamente approximado das dimensões encontradas no typo amarello.

Os membros superiores são curtos; as pernas rijas, mas delgadas; os pés pequenos. O tronco é antes francamente quadrangular; a depressão lombar existe raramente. E' sobremodo caracteristico o desgasto dos dentes dos Indios, que chega ao quarto gráo da escala de Broca; vai ás vezes até o collo.

Os nossos pintores nem sempre se lembraram de que os "canons" classicos não se ajustam a esse pessoal tão differente; nos "Bandeirantes", de Henrique Bernardelli, as duas figuras de indio dão a impressão exacta do selvagem brasileiro, assim como acontece no "Ultimo Tamoyo", de Amoedo, embora as condições em que se acha este Tamoyo não sejam favoraveis á apreciação de suas fórmas.

Mas na "Elevação da Cruz", de Pedro Peres, em "Nobrega e seus companheiros", de Côte Real, quadros da Escola de Bellas Artes, os indígenas são puramente convencionaes quanto a seu typo physico e ao seu colorido.

Mesmo a "Primeira missa", do immortal Victor Meirelles, embora ouvida por muitos indios legitimos, é tambem assistida por alguns indios... discutíveis.

Felizes foram Eduardo Sá e Rochet com os bugres das estatuas de Floriano e Pedro I.

Emfim, modelando um Bôróro, é preciso que se lhe não dê o talhe de um Pareci.

Mesmo quem aceitar a "raça brasileiro-guarany", de d'Orbigny, admittida quanto á unidade de linguas por Baptista Castano, deve ter conta destas differenciações secundarias.

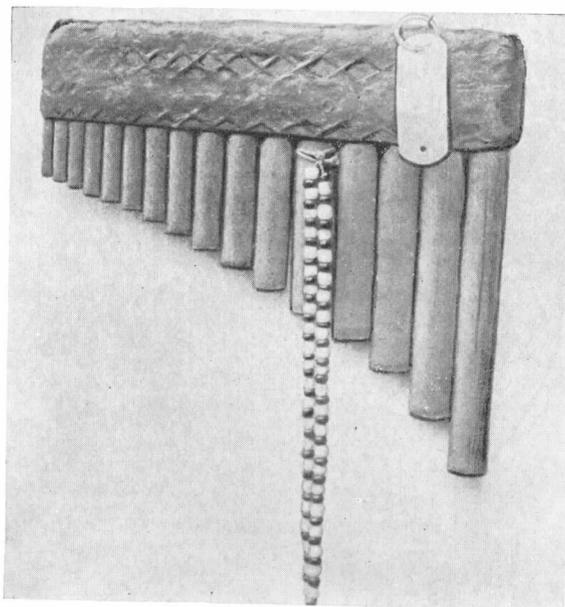
No conceito de Ratzel o papel principal da ethnographia é demonstrar que a humanidade é uma só, dividida em porções differentemente adiantadas.

Descendentes do par primitivo de que falla a tradição mosaica, ou filhos de alguns casaes de simios, é incontestavel que, apparentemente, os homens, pelo seu typo physico, são mui differentes; mas pelos phenomenos psycho-physiologicos que apresentam não podem ser considerados especies diversas.

Quenstedt teve razão em dizer que se os brancos e os negros fossem caracoes todos os zoologos affirmariam que são "especies" differentes; mas... os homens não são molluscos.

As especies zoologicas são hoje determinadas, em geral, por simples descripção anatomica. O conceito physiologico é completamente desprezado.

Onde iriamos parar se applicassemos ao homem o mesmo systema? Aceitando o criterio dominante entre os zoologos, um homem barbado e outro glabro, seriam de



11. — Flauta dos Indios do Alto Rio Negro



12. — Indios Jurupixunas mascarados

especies diferentes... Os homens, porém, não são passivos como as lagostas e os caracoos.

Todos sabem em que consiste o dimorfismo sexual. Ha animacs cujo macho é completamente diferente da femca; como as especies são creadas hoje, em geral, por simples exame anatomico externo, sem que, portanto, se tenha determinado o sexo do individuo, quantas vezes não terão os zoologos tomado macho e femca por especies diferentes ?

Mesmo aceitando as bases fundamentaes da doutrina lamarkista, é preciso confessar que a humanidade inteira é uma só.

A ethnographia prova que o homem, em qualquer parte do mundo em que se encontre, resolve sempre determinadas questões da mesma maneira, seja elle branco, amarello ou preto; mesmo sendo polygenista, é preciso aceitar o que está provado. Nem por outra razão achamos o machado de pedra ainda hoje usado na Serra do Norte, em Matto Grosso, igual aos que se encontram, já abandonados, pela Europa inteira; o arco de que se servem os nossos indios foi durante a "idade média" a arma dos guerreiros europeus; a "flauta de Pan", a "avena" que eu encontrei no começo do meu Virgílio, soprada pela bocca de Tytiro, foi achada tambem entre as nossas tribus, como se prova com um exemplar do Museu Nacional, oriundo dos indios do Alto Rio Negro. Assim é tudo.

Portanto, a principal preocupação da ethnographia é determinar o logar que cabe ao povo em estudo, na série dos povos conhecidos. Para isso, é preciso examinar, uma por uma, as condições de sua sociedade e conhecer a maneira segundo a qual nella se apresentam os phenomenos fundamentaes de todo agrupamento humano: o capital, o governo, a familia, a religião; ou, se quizerem, a sua vida material e a sua vida psychica.

No Brasil, como ficou dito, os aborigenes não se achavam todos no mesmo grau de civilização.

Para não esmiuçar muito o assumpto, o que viria alongar demais esta despretençiosa conferencia, podemos, de um modo geral, separar todas as nossas tribus, em dous grupos, quanto ao seu estádio de cultura. No primeiro, o grupo dos feticistas puros, vamos encontrar os Gê-Botocudos, os Tapuias dos Antigos; e no segundo, o grupo dos astrólatras, todos os outros, representados principalmente pela "nata" dos nossos aborigenes, os Aruaks, os Tupis e os Carabibas, todos os mais adiantados. E' a primitiva divisão que resurge, não mais pela apreciação linguística isolada e falha, mas pela força desse novo criterio sociologico.

O capital, representado pelo conjunto das cousas de que o homem precisa para viver: o abrigo, o alimento, etc., entre os indios do primeiro grupo, é o mais sum-mario.

A caça e a pesca fornecem tudo.

Entre os do segundo grupo, a agricultura já appareceu e é praticada em alto grau. Delles os neo-brasileiros aprenderam até processos de cultura, como a "coi-vara", a maldita queima das mattas, e delles entraram para o nosso uso, processos e substancias alimentares que não é preciso enumerar.

A escassez da caça promoveu o surto da agricultura, todavia, entre alguns indios que se devem filiar ao primeiro grupo, como os da Serra do Norte, em Matto Grosso.

A "criação" não passou entre os indios da domesticação de algumas aves, como os Jacamins (*Psophidæ*); roedores, taes como a cotia e a paca; e alguns macacos. Entre os Nambikuáras as aves amansadas servem de "bonecas" para as crianças.

E, fallando dos macacos, vale a pena citar a pretendida tribu dos indios *Uginas*,

gente caudata referida por Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio nas cabeceiras do rio Juruá, em 1774. Este mesmo individuo, que foi Intendente Geral da Capitania do Rio Negro, para completar o seu romance falla tambem de uma tribu de indios anões, os *Cananas*, da mesma região, cuja altura andava por cinco palmos...

Pelo tamanho e outros signaes parece que os taes indios eram puramente Coatás, talvez *Ateles variegatus*.

A propriedade é collectiva, em regra. Mesmo hoje, em muitas tribus assim acontece, fóra a dos objectos de enfeite, das armas, etc. Uma perdiz que um indio caça é repartida por todos; cada um come o seu fiapo.

Ao que diz o padre d'Evreux havia entre algumas tribus do Maranhão uma cerimonia mui digna de nota relativa á escravização de uns pelos outros. Entre estes selvagens o gesto de "*pôr a mão sobre a espada*" fazia escravo o prisioneiro de guerra, que desde então, docilmente, começava a obedecer; se fugia passava a pertencer a toda a tribu, que, o apanhando, o devorava.

Actualmente, acredito que, no Brasil, não existam mais indios anthropophagos; a não serem algumas hordas da tribu dos Uitotós, referidas pelo Dr. Koch-Grünberg, habitantes do alto Japurá. Os grupos da Serra do Norte tambem se accusam mutuamente de praticar este feio costume; pareceu-me que isso não passa de simples injuria, que uns lançam aos outros.

O governo das sociedades indias mais atrasadas é puramente patriarchal; entre os do segundo grupo já se têm separado os dous poderes.

As funções de conselheiro, sacerdote e medico são cumulativamente exercidas pelo mesmo individuo, ao qual se aggregam, para o tratamento de certas molestias, as mulheres velhas da tribu.

O typo mais completo de familia india foi realizado pelos tupis primitivos; a vida dos homens dividia-se em seis idades bem determinadas. A primeira ia até o momento em que o pequeno começava a andar; a segunda dahi até cerca dos oito annos, quando elle recebia de seu pai as primeiras flechas e um arco; dos oito aos 15 contava a terceira, durante a qual o joven indio acompanhava seus maiores e os ajudava em seus trabalhos de caça e pesca.

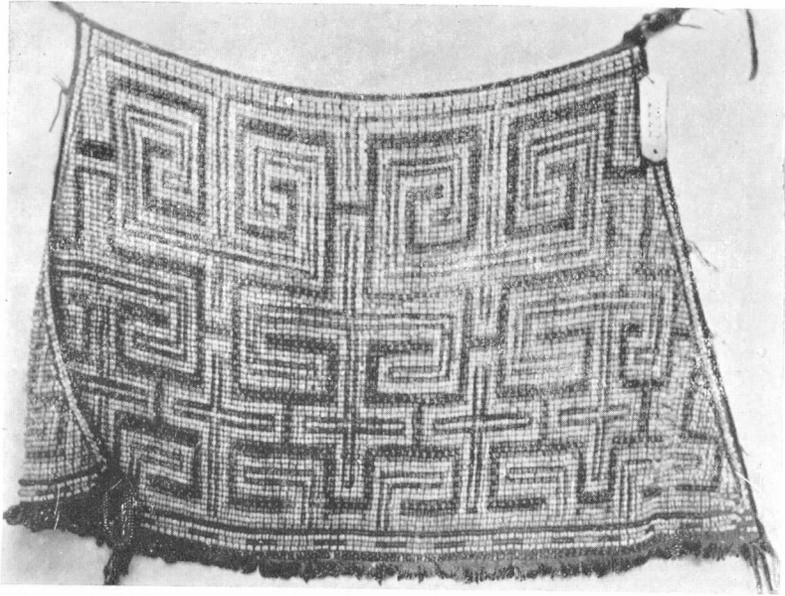
Durante o quarto periodo da vida, dos 15 aos 25, trabalhavam com afinco para a manutenção dos parentes; occupavam-se especialmente no fabrico das armas e dos remos; nos combates navaes eram elles que remavam, enquanto os mais velhos se preocupavam com a lucta.

A quinta, dos 25 aos 40 annos, era a idade dos guerreiros, de onde saham os chefes; no curso desta idade a familia se constituia pela escolha da primeira esposa. Finalmente, a sexta, das idades em que se dividia a vida dos mais adiantados dos nossos aborigenes, ia dos 40 annos á morte; della saham os mais respeitdos varões da tribu, que formavam o conselho director. Os que attingiam esta phase tinham todos os privilegios e as honrarias do "*velho*." O "*velho*" representa uma instituição inicial da humanidade; com elle surge o medico e o sacerdote, conforme Augusto Comte o demonstrou.

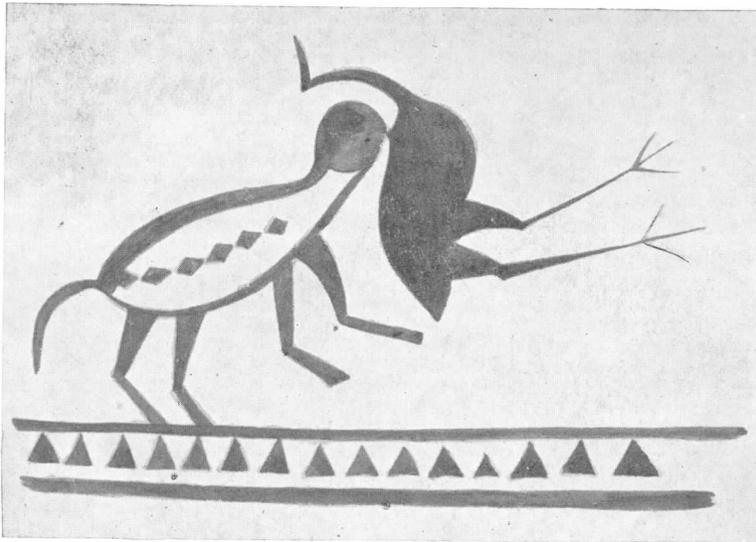
Fica, pois, assim provado que nos grupos mais adiantados o sacerdocio já tinha apparecido, embora as crengas astrolaticas ainda fossem pouco precisas.

Tambem a vida das mulheres entre os Tupis primitivos, segundo as observações do padre d'Evreux, o mais philosopho de todos os primitivos chronistas, o que mais se preocupou com o estudo da sociedade india, era dividida em periodos e idades.

Entre os sete e os 15 annos aprendiam a fiar o algodão, a tecer as rêdes, a trabalhar na roça e a fabricar farinhas.



13. — Tanga com desenhos dos indios Caripunas



14. — Desenhos dos Parecis

Nessa idade, diz o Padre, "Pensam que não devem ser mais puras". No período seguinte, entre os 15 e os 25 annos, em geral, se casavam. Depois dos 40 annos crescia o seu prestigio; fabricavam os vinhos para os sacrificios, ensinavam as mais novas, preparavam o cadaver que ia ser devorado.

Auxiliares do sacerdote, tomavam parte no tratamento dos enfermos, e, quando morria um, ellas davam começo ás lamurias: os indios, como as crianças, não sabem conter as lagrimas.

A polygamia existia e ainda existe francamente entre os nossos indios; não só os chefes, como todos os fortes, os que podem manter familia grande, se casam com muitas mulheres.

Ninguem pense, porém, que estas idades referidas, entre os aborígenes primitivos, eram destinadas ao cumprimento rigoroso das formalidades citadas ha pouco. Mesmo entre os tupís o casamento, a investidura de chefe ou sacerdote muitas vezes não esperavam idade propria. Apesar de tudo, os indios sempre viveram sem fé, sem lei e sem rei, como dizia G. Soares.

A religião dos mais avançados indios depois das pesquisas dos modernos ethnographos, mostrou ser mais complexa do que se suppunha. Além do fetichismo puro da maioria, já se conhecia entre elles uma decisiva preocupação astrolátrica manifesta da veneração pelo sol, creador dos animaes, e da lua, mãe dos vegetaes.

Actualmente, porém, tem-se posto á mostra um "animismo" muito adiantado acompanhando idéas astrolátricas, que até agora andavam pouco definidas, mas que, afinal, já existiam.

No alto rio Negro o Dr. Koch-Grünberg encontrou uma fórma de endocanibalismo religioso mui digno de nota, que se pratica 15 annos depois do enterramento do morto. O esqueleto, então, menos o craneo, é desenterrado, calcinado durante um mez a fio e reduzido a pó. Por occasião da "Festa dos Mortos", reunidos todos os numerosos *Kobéuas*, Indios do rio Caiary-Uaupés, misturam-se as cinzas do morto querido ao "cachiri", preparado para o acto, o qual, depois de temperado desta maneira, é distribuido aos velhos e aos pais de familia que tiverem mais de tres filhos. Cerimonia identica já se conhecia em outras tribus amazonicas.

Por esta occasião usam tambem das mascaras que já Rodrigues Ferreira havia feito desenhar nas suas viagens.

Nos indios do extremo norte, o Dr. Koch-Grünberg poude verificar que as mascaras são verdadeiro "fetiche" com fórma de diversos animaes. "A mascara, diz elle, não representa o mau espirito (der Dämon), ella é para os indios o proprio demonio".

E' tambem interessante saber que os Bôróros, ainda em 1888, quando foram visitados por v. d. Steinen, acreditavam que a "alma" do que morria ia ser uma arara vermelha; os mortos de outras tribus transformavam-se em outras aves: os negros mudavam-se para os Bôróros em urubús... "Die Neger werden schwarze urubús".

E' uma idéa filiada ao "totemismo". Em diversas tribus essa variedade de fetichismo pôde ser verificada. No "totemismo" o "fetiche", ao qual o culto é dirigido, em vez de ser um determinado objecto é a especie á qual esse objecto pertence; assim os Parecis, de Matto Grosso, respeitam como ave sagrada um pequeno gavião (*Falco sparverius*), que denominam *Utiariti*. Qualquer ave desta especie recebe o mesmo culto rudimentar.

O vocabulo *utiariti* significa propriamente o mestre, o padre, o medico.

Em geral a especie totem representa os antepassados do povo.

Da arte dos aborígenes do Brasil se pôde affirmar que é mui pessoal e mui diferenciada.

Se algumas tribus hoje mal sabem confeccionar um vaso tosco de argilla, a cerâmica de Marajó pôde, sem irreverencia, ser posta ao lado até mesmo da que se desenterra do solo da Grecia, pela sua ornamentação e pela originalidade de suas fômas typicas.

A fauna algumas vezes, e muitas vezes o homem, forneceram motivos ornamentaes aos nossos artistas indios.

Já não acontece o mesmo com a flora cujos elementos, desprovidos de funcções de relação, não impressionam tão fundamentalmente o selvagem; na cerâmica admiravel de Marajó não se encontram folhas ou flores desenhadas. Carlos Frederico Hart, estudando a ornamentação da louça de Marajó, mostrou como podem surgir, por evolução espontanea, os ornatos classicos, gregos e sigmoydes, mui communs na arte dos indios.

O desenho delles só se occupa, em geral, de motivos estaticos; o movimento, a acção, raramente apparecem.

O Museu Nacional possui um motivo interessantissimo, desenho de um Pareci executado em uma cabaça. Delle se levanta uma grande impressão de violencia. Figura uma onça atirando-se sobre uma ema.

Parece que o artista assistiu a scena terrivel em que o felino desenvolveu todos os recursos de sua agilidade e de sua astucia.

No extremo norte, dos indios do rio Calari-Uaupés, conseguiu o Dr. Koch-Grünberg, em 1903, os mais curiosos desenhos, entre os quaes uma *carta astronomica* em que se acham muitas constellações com figuras de animaes, ou de pessoas. Os indios *Siustis*, por exemplo, vêem na Constellação das Pleiades um joven pastor.

Os indios *Kobéuas* enxergam na "via lactea" uma fila de pequeninas rãs...

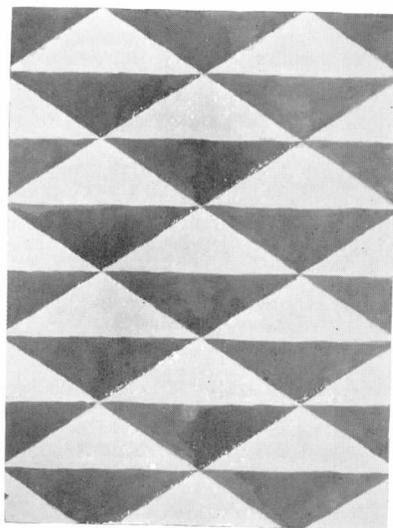
Tambem se acha no Brasil, entre os selvicolas, o desenho symbolico, primeiro esboço do hieroglypho. Nos motivos ornamentaes das armas, dos vasos, das mascaras, dos tecidos e trançados, sabemos agora que existem representações de animaes e objectos. As fômas que são na apparencia puramente geometricas, representam muitas vezes simplificações schematicas de figuras animaes.

A musica dos nossos indios em certas occasiões é um elemento religioso de primeira ordem: em algumas tribus as mulheres não podem ver, e muito menos ouvir, os instrumentos de musica; morrerão, pensam, se o fizerem; e ás vezes, porque não morrem, as trucidam. O rhythmio binario domina sua musica; apanhei no phonographo um canto "syncopado" dos Parecis muito original.

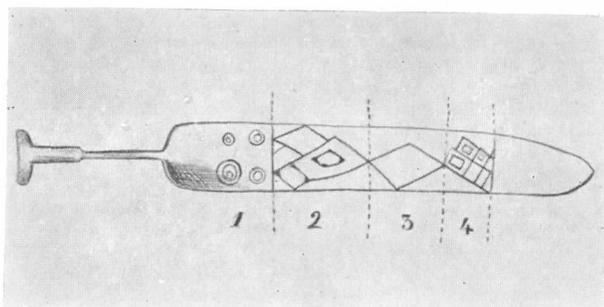
A poesia india affirma-se nas lendas e nos mythos, onde prevalece a preoccupação de collocar em paralelo a esperteza de um animal e a ingenuidade de outro; estas lendas representam verdadeiras fabulas dos nossos La Fontaine das selvas.

As lendas que se referem á mandioca contam sempre que esse vegetal se originou do corpo de uma pessoa enterrada em tempos idos. Parece que nestas narrativas existe uma reminiscencia da antropophagia extincta; comendo a raiz da mandioca elles ainda devoram, afinal, restos de um corpo humano transformado.

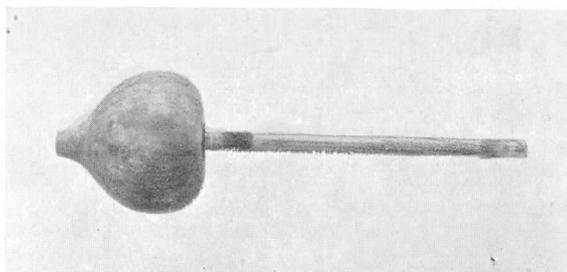
São estas as características sociologicas dos aborígenes do Brasil, que mal tive tempo de enumerar. Ahi estão os principaes resultados da ethnographia indigena. Todavia, hoje, não é só o indio o typo a estudar aqui. Ha pelo sertão a fóra espalhado um povo diverso desse que vemos nas grandes cidades do littoral do paiz; gente rija e atirada, capaz de toda ousadia e de todo soffrimento; homens que vão desbravando modestamente o sólo da patria que outros o aproveitem. Daquí a



15. — Desenhos simbolicos dos indios Auetos



16. — Desenho symbolico dos Bacairis



17. — Iararaca dos Parecis

poucos annos o caboclo, o sertanejo, o jagunço, estarão diluidos na massa branca que se vem deslocando da Europa, para bem do nosso progresso; é preciso, pois, documentar desde já a existencia desse typo transitorio, profundamente nacional.

Clichés photographicos projectados:

- 1 — Zoolitho das Sambaquis de Sta. Catharina. Col. Museu Nacional.
 - 2 — Indios Mauhá — (dos desenhos da "Viagem Philosophica" de Alexandre Rodrigues Ferreira, 1783-1792).
 - 3 — Cephalopterus ornatus — (dos mesmos desenhos).
 - 4 — Maloca dos indios Curutús — do rio Negro — (dos mesmos desenhos).
 - 5 — Tartaruga Sp. — (dos mesmos desenhos).
 - 6 — Indio Cambeba arremessando uma setta com a balestrina — (dos mesmos desenhos).
 - 7 — Cabeça do ultimo indio Cambeba — (Deformação symetrica alongada) (dos mesmos desenhos).
 - 8 — Retrato de Martius.
 - 9 — Ceramica de Pacoval, Ilha de Marajó — (Col. Museu Nacional).
 - 10 — K. von den Steinen e seus companheiros da Expedição allemã de 1884.
 - 11 — Flauta dos indios do alto rio Negro — (Col. Museu Nacional).
 - 12 — Indios Jurupixunas mascarados (dos desenhos da "Viagem Philosophica" de Rodrigues Ferreira).
 - 13 — Tanga com desenhos dos indios Caripunas — (Col. Museu Nacional).
 - 14 — Desenhos dos Parecis — (Col. do Museu Nacional).
 - 15 — Desenhos symbolicos dos indios Auetos (segundo von den Steinen).
 - 16 — Desenho symbolico dos Bacairis — segundo von den Steinen).
 - 17 — Iararaca — dos Parecis — (Col. Rondon. Museu Nacional).
-

OS SERTÕES BRASILEIROS

CONFERENCIA REALISADA A 17 DE JUNHO DE 1913 PELO DR. ALBERTO RANGEL

Trago-vos á memoria um certo livro italiano, edoso de trezentos e cincoenta e sete annos, intitulado *Delli navigationi et viaggi*, etc., e escripto por um dos Secretarios do Conselho dos Dez na Republica de Veneza. Folheando o primeiro tomo, detenhamo-nos na contemplação de uma das rudes gravuras entresachadas no texto. A estampa impressiona logo. E' a terra de Santa Cruz, effectivamente, que se nos apresenta nas grandes l'inhas da configuração geral, cincoenta annos depois de descoberta.

No planispherio de Cantino, o Brasil apparece no indeciso esquisso do germen, em que mal se predefine o sér. Affluem as projecções de rumos, o que não obsta a que tres araras contracunhem o reconhecimento da terra. Na prancha do veneziano, porém, nem um só meridiano ou paralelo ou feixe de azimuths risca o oceano, garantado entretanto, com as suas caravellas, tartarugas e peixes voadores. Mas, qualquer das quatro indicações nella assignaladas, Ponente, Levante, Ostro e Tramontana, as quatro petalas symetricas da rosa dos ventos, não permitem á carta piruetas giratorias em torno das l'inhas orthogonaes que a enquadram.

Trata-se de um esboço precioso porque é dominante. O primeiro aspecto de informe desmancha-se ao sotopolo aos mappas mais modernos. Nos arcos dos mesmos quadrantes inscrevem-se os lados dos mesmos polygonos. O litoral, nas sinuosidades do desenho ignorante, accusa os accidentes primaciaes do recorte com o mar. Lá estão as pontas de mais pronuncia, com os nomes de hoje: — os cabos de Santa Maria, de S. Francisco, de S. Sebastião, Frio, de Santo Agostinho e de S. Roque; as bahias e ancoradouros principaes caracterizam-se nas curvas caprichosas; avizinham-se num acaso mirabolante as bacias do Prata e do Amazonas!

Para o poente dessa linha maravilhosa de precisão relativa, o que se esboça no plano da terra, segundo Ramusio, é uma visão de Apocalypse: — fórmas de cyclopes abraçam-se, entesam arcos, derrubam arvores, transportam aves inclassificaveis e madeiras aparelhadas, ha animaes que pretendem ser macacos ou lhamas, arvores que podem ser fétos ou cyprestes; e, mais para o occidente, a cabelleira phantasmagorica de um vulcão brota no alto do monte adjacente a outros, em projecções de perspectiva infantil. Vê-se bem que a imaginação humana trabalhou no desconhecido, embora lançasse com presumpção o nome de *terra non descoberta*, sómente ao fundo de todas as extravagancias do cosmographo quinhentista.

Não andavam longe, porém, dessas indeterminações as idéas sobre os sertões brasileiros, quando foi do repartimento das Capitánias. Póde-se suspeitar, que Dom João III não sabia o que dava, entregando myriametros quadrados de selva americana, remota e asperrima, a pobres creaturas europeas, cujos elementos de aproveitamento se cifrariam em alguns patacos, um sonho na cabeça e no punho a adaga do fidalgo, quando não o calamo do escriptor.

O Rei portuguez encontrava-se naturalmente nas contingencias do erario abusado, quando se lhe antolhou a malta de amigos e servidores, necessitados de recompensas, conclamantes de mercês largas aos grandes serviços de guerra e de paz, enxotando o infiel, administrando a fazenda ou ingeridos noutros negocios publicos, no Reino ou fóra d'elle.

Por outro lado, o francez "fazia o brasil" nas costas da colonia, concorrendo num exito de assustar com o lusitano e arrendatario, pois o pirata e contrabandista cahia em graça dos indigenas por meio de pactos respeitados e de intelligente derama de missangas, tendo mais tarde chegado a entranqueirar-se no Rio, em Sergipe e no Maranhão. As armadas reaes "punham-se ás bombardas", ao azar dos ventos, contra o normando, que fugia ou se batia, recalcitrando nas operações do trafico á força. A diplomacia portugueza, intervindo com os processos genericos da arte de representar e espionar, insinuara-se em Pariz, procurando moderar a faina commercial dos armadores de Honfleur... Mas, não serviam á inviolabilidade sonhada do territorio as victorias obtidas pelos galeões das frotas de Christovão Jacques, Antonio Ribeiro e Martim Affonso, nem as manhas e artificios de plenipotenciarios junto a Francisco I. Mais efficaz foi metter na terra, requestada pelo estrangeiro, quatro marcos expressivos de posse effectiva, com a fundação das feitorias de Cabo Frio, Rio de Janeiro, Itamaracá e Recife. Agarrava-se realmente a conquista com alguma cousa de mais assentado que as rotas doidas no oceano e as tramoias e visualidades da Côte do Valois...

Os quatro grãos das feitorias deviam germinar nas leivas das donatarias. Confeioava-se o mundo novo aos transplantados. Ao norte e ao sul, dous pares de sitios passavam a carta de habitação aos adventicios e transmigrados. A experiencia em ponto reduzido, lembraria ao Monarcha as quinze grandes fatias de 1534, das quaes doze foram distribuidas em graças fecundas á inanidade de uma duzia de fidalgos, letrados ou matamouros conspicuos. A dadiva seria mais rendosa do que uma cruz de Christo, além de encher os olhos, sendo a propina constituida por matta inacabavel, pradarias interminaveis, r'achões infinitos e montanhas illimitadas, sem fallar no que se esconderia na cascalheira dos rios e na contextura capciosa das rochas.

O presente real custava da parte do doador umas simples pennadas e ficaria tambem encarado o problema capital do povoamento do Brasil, por uma possibilidade racional e resolutoria. A Jazão e aos companheiros distribuam-se os bocados da Colchida, antes que lhes fosse dado matar o dragão e agadanhá o vellocino.

O mappa hollandez de João Blaev, um seculo mais velho do que o de Ramusio, é desolador. Afóra os accidentes da beira-mar, da foz do rio Itanhaen, passando pelos baixios dos Abrolhos e de S. Roque ao archipelago marajoara, com os limites administrativos das doações reaes, imaginariamente fechadas, o interior do Brasil é um campo de fantasia de nascentes e de falsidades de cordilheiras, circo vasio e immenso, expresso no colorido das aguarellas convencionaes o tetrico desertão, palavra que se amputou na primeira syllaba, dando-nos a morphologia usual de sertão.

Não obstante, ao fim do primeiro seculo da colonização do Brasil, este vasio dos cartographos foi objecto maximo das investidas de dominio e labor dos recém-chegados, mesmo antes de ser o presente grego dos nobres da Metropole.

O littoral, tal qual se apresentou a principio, era uma banquetta de miseria com o seu pescado, coqueiraes e pau brasil, principalmente para quem vinha prelibando as riquezas incommensuraveis da fabula... "póde-se dizer que nella não encontramos nada de proveito" diz o navegante, que perlustrara essas ribas... Foi portanto a costa apenas um cães de desembarque. Não se demoraram para a conhecer toda. O

cabo de S. Agostinho limitou ao centro o sentido inverso das explorações litoraneas. João Coelho, ao Norte, e André Gonçalves, ao Sul, iniciaram as pesquisas, delineando desde logo a directriz oriental de nossa terra. Em 1532 Pero Lopes de Sousa contornando-a, descançava o astrolábio e largava a sonda para caçar emas nos campos do Rio da Prata.

Os primeiros estabelecimentos, que do Natal a Cananéa foram os nucleos das villas e cidades marítimas principaes, serviram de recursos na base de operações de avançada para oeste. A attracção do escravo, das especiarias e das minas, mandaria afundar no plano central e brenhoso onde a Esphinge esconderia a garra venenosa e fechada. A piscosidade da costa atlantica, a amenidade dos alizeos, a uberdade dos depositos alluvionarios entre os sopés da serra marítima e as areias lavadas do oceano, nada disto impediu a sahida para os sertões, retendo o povoador insatisfeito.

O milagre e o alvoroço do Oriente no século XV iam renovar-se no seio do Brasil. O colonizador sobresaltou-se com as noticias de Malaga e o cumulo do Potosi, o que lhe refez as aspirações da opulencia desmarcada. A India desdobrou-se quando lhe tocaram na fimbria apocrypha.

Os caminhos que levariam os exploradores estavam indicados previamente. Sulcando-os ou orientando-se por elles, discriminava-se o programma das incursões. Não precisavam estaquear seus passos, dispensavam os pedregulhos do Pequeno Pollegar...

A hydrographia impoz ordem aos invasores, apontou-lhes as rotas que as montanhas ajudavam a distinguir e precisar. Nos dous systemas naturaes da chorographia nacional systematizou-se a marcha dos bandeirantes. A agua sempre foi, em toda parte, o regulador por excellencia do povoamento. A exequibilidade de um poço responde pelo destino de um rancho. Para expulsar o homem do Paraíso não precisaria o anjo com a espada de fogo, bastaria secar as fontes da deveza celestial.

Entre nós a agua não só dessedentava, mas conduzia e enricava; nas areias fluviaes, entre os seixos rolados, retinha-se a palheta do ouro ou a pedra do diamante. Tres proveitos espantosos para o estabelecimento e o movimneto dos aventureiros.

A montanha empolava o achanado da terra, para a variação das côtas dos lenções de agua, necessaria á lavagem dos cascalhos e aos desvios indispensaveis da cama do minerio; servia tambem o monte a aguçar o desejo pelo descortino dos horizontes, augmentando a visão, com o escancaro dos valles e bocainas; além de que nas incrustações dos seus flancos tantas vezes correriam os vieiros preciosos.

Coube ao navegador que deu o seu nome ao nosso continente, a primeira entrada historica no territorio brasileiro. Americo Vespuccio, elle proprio o regista, com modestia, em carta a um gonfaloneiro florentino: "Fui pela terra dentro, acompanhado de trinta homens, algumas quarenta leguas, onde vi muitas cousas, que deixo de contar"... Era em 1504, e as terras desvirginadas vizinhas de Cabo Frio.

Constitue isso, na verdade, os primeiros passos do nauta nas vagas immarcesciveis do matto grosso e do sertão. Haviam de seguir-lhe o exemplo os fantasistas, os bravos, os crueis, os ambiciosos e os santos, que se alistaram com o arcabuz, a batea ou catecismo, para dar mais passos no desconhecido. Das illusões de thesouros ás façanhas de sanguinarismo, da caça ao homem aos sacrificios da catechese, tudo serviu ás diligencias dos bandeirantes.

Nos seculos XVI, XVII e XVIII, enchem os capitulos de nossos annaes todas as empresas lançadas ao designio implicito de dilatar a terra. Pelo Paraná, Tieté,

das Contas, Parahyla, S. Francisco, Paraguassú e Amazonas, descendo ou remontando os "thalwegs" principaes, seguindo pelos affluentes e sub-affluentes, saltando as vertentes, procurando atalhos pelas cabeceiras e restingas, escreveram-se os dramas do reconhecimento da Patria.

O estrepito dos assaltos, o cruzamento das marchas, a intercorrencia das ambições desconchavaram os factos e desfiguraram até os personagens. De Belchior Dias Moribéca e Gabriel Soares, ensombrados na legenda, surgiu o Roberio Dias, que o paciente labor e o tino historico de Capistrano de Abreu arredaram para o mundo inferior das creações de Rocha Pitta.

Nas cartas de doação das Capitanias, lia-se que a mercê era, em geral, de trinta a sessenta leguas pela costa, com as ilhas que se achassem fronteiras, por dez leguas mar em fóra, e "pelos sertões a dentro, com a extensão que se achar". O foral deixava uma porta escancarada sobre a amplidão. Mas o regimen accentuatadamente liberal das franquias economicas, na organização interna das Capitánias, facilitaria os planos colonizadores do filho do rei venturoso, se a applicação dos projectos humanos fosse passivel da previsão contida nas leis geometricas ou mecanicas.

Um incidente de horror veio, porém, modificar a aberração dos latifundios de 1534. Não vos convidaria a assistir a uma festa de cannibaes. Indescriptivel o fetido da carnagem aos fumos do moquem; á humanidade arripiaria a humanidade singular, acororada nesse banquete inacreditavel, em que até christãos, segundo o Padre Manoel da Nobrega, mastigaram o seu bocado. Conhec'ida é a pagina de Poé, quando na jangada dos naufragos, torcidos pela fome, uma ave de'ixa cahir um pedaço de carniça humana. Uma scena horrida e repugnante. E', entretanto, impossivel não ceder á leitura dos paragraphos do jesuita João Daniel, onde o bestial confina com o risivel: "emquanto o moribundo está lutando com a morte, dando os ultimos arrancos da vida, perneando e bofejando a alma, lhe cahem á perna os anatomicos e sem demora entram a fazer a vistoria no cahido, e ainda meio vivo e palpitante se vê jarreteado, esquartejado, e feito em postas, umas nos espetos, outras nas panellas, e outras talvez já nos dentes dos golosos, meio assadas e meio cozidas".

Tal foi a sorte, nos arredores dos cachopos de Itaparica, do Capitão donatario da Bahía, Francisco Pereira Coutinho, cahindo nos bofes dos Aymorés. Mal sabiam estes, ao devorarem o fidalgo, que libertavam o seu torrão do compromisso real, concorrendo á ma's sabia das medidas politicas de Portugal, perante o esphacelamento da colonia e o insuccesso das tentativas doadoras de D. João III.

Nomeados o Governador Geral, o Provedor Mór e o Ouvidor Geral, com assento na Bahía, intimou-se á unidade a dispersão politica, administrativa e judicial do Brasil. Situarom-se para isso Thomé de Sousa, Cardoso de Barros e Borges de Souza a meio ponto na costa, o qual se achou vago, obrigando, pela séde e postos respectivos na hierarchia, ás communicações por cabotagem, emquanto continuava a busca allucinatoria do ouro, das esmeraldas e dos indios no Brasil central.

Seria a scena de anthropophagia, que suscitara a criação da trindade de orgãos differenciaes, no governo propriamente dito, na Fazenda e na Justiça, mas, effectivamente, foi a carta regia de 29 de Agosto de 1617, que mandava entregar as minas de ouro aos vassallos que as descobrissem e as explorassem, o maior dos estímulos á ancía dos bandeirantes. Acenava a Corôa com a liberdade e a legalização das posses, embora lançasse de esguelha o imposto do quinto, sangrando-o do lombo dos garimpeiros.

São os seculos XVII e XVIII, no Brasil, os do sertanismo desabusado. Estão longe dos tim'dos avanças dos quarenta espingardeiros e quarenta besteiros de Pero

Lobo e Francisco Chaves, destroçados pelos Carijós, da duzia de jesuitas e christãos de Porto Seguro, galgando as serranias e manadeiros dos affluentes do S. Francisco, dos apalpamentos de Sebastião Tourinho no Rio Doce e Jequitinhonha, dos achados e guerrilhas de Braz Cubas, de João Ramalho e de Affonso Sardinha em S. Paulo.

Duzentos annos de furia de bandos corridos ao sertão. Chamarizes: o indio, o mineral e a droga. As lendas do Eldorado, das Amazonas, de Manoa e de Sabaraboussú e outras já não se aguentam, desnudas nos véos rasgados ao piso na solidão. Exagera-se apenas, mas não se inventa dos pés á cabeça. As minas são reaes, o seu numero e valor é que soffrem acrescimos de encarecimentos espontaneos. Antunes Maciel saca duas oitavas de ouro com um cano de pederneira. Outros, mal se abaixassem, apanhal-o-hiam ás mãos cheias. . . As faisqueiras da Bahia, Minas, Cuyabá e Goyaz desafiam Golgonda e o Perú, embora se exgottem á pressa dos mineiros e aos rudimentos da sua arte.

A captura do aborigene é a chaga dos empreendimentos sertanistas. Mas a precisão do ouro impunha-se com a urgencia do braço, reclamado tambem pelo serviço extractivo e pelo amanho das lavouras nascentes; e o que não poude alcançar a missão religiosa de sacerdotes, nem as ordenanças prohibitivas do Rei, aconselhou e impoz a condição geral da existencia, na quadra de apertadas contingencias sociaes americanas, em face do incola e vencido.

Tratava-se de uma phase de iniciação activa, a qual tinha de ser fatalmente desenvolvida na guerra. Mas o facto é que se dilator com a pilhagem a área do combate, o raio dos sertões, ganhando a geographia e sobretudo a nossa psyché, com os tratos violentos de faiscadores e recoveiros intrepidos, batedores inestimaveis, na campanha em que a alma de nossos antepassados se afez a esforços sobrehumanos, educada durante centenas de annos na temeridade e nas chammas dos sacrificios. As sementes da mais bella e fertil das heranças de nosso sangue, nasceram nos rastros dos homens que se internaram.

Foram elles verdadeiros cultivadores de heroismo. Semi-nús, como os descreve o Barão de Eschwege, reunidos em grupos mais ou menos numerosos e andrajosos, aos quaes se aggregavam desertores ou fugidos da justiça, effectuavam emprezas contra o escravo vermelho, enfeitçados pelos terrenos da ganga diamantina ou onde "pintasse" o ouro, sob a mais ferrea e absoluta das disciplinas. As terriveis conjuncturas da acção, intentada a despeito de todos os riscos e tormentos, exigiam a legislação de Draco, as penas do talião. Os expedicionarios não tinham outro concurso senão o desassombro espontaneo de indomitos, resolvidos a flagic'os, nos percursos, de par com as antas nos chavascaes e os tigres nos lapedos. Foi-lhes escola a submissão e o soffrimento.

O Governo da Metropole installava os registos onde lhe fosse dado fiscalizar o imposto. Multiplicava agentes para cercear o contrabando. Não havia um pensamento de assistencia ou de progresso que pairasse do alto nas ousadias das bandeiras. Desconhecia-se o processo da amalgamação, que augmentaria a riqueza das lavras, mas pullulavam os esbirros das vigilancias e vistorias.

O padre variava os seus programmas. Cedia aos colonos ou resistia, presidindo aos captiveiros, alliciando o resgate e acompanhando os descimentos, ou descarregando as coleras nos abusos do trafico inhumano, nos costumes do luxo e da libertinagem.

Frades ou jesuitas trouxeram, ao desenrolar de nossa existencia, o seu peculio, de tacto, dedicacão, intelligencia e destemor. Aos missionarios do Evangelho devemos tambem a entrada e as noticias dos sertões. Anchleta, Nobrega, Navarro, Simão de Vasconcellos e Vieira tinham percorrido e averbado transes e aspectos

da vida e da terra; assim Frei Vicente do Salvador lavra uma historia circumspecta, Frei Gaspar da Madre de Deus arrola os feitos da Capitania de São Vicente, Frei João de S. José transcreve o seu regiro da Amazonia.

O povoamento arraigado nos fundões do Brasil é o resultado innegavel da rotagem interesseira de Portuguezes, Indios, mazombos, negros e mamelucos, na allucinação das riquezas do pé para a mão. Os povoados do interior, se não têm por genese a maloca, nasceram de pousos dos caminheiros, a ponto de se equidistarem muitos logarejos pelas distancias forçadas das dormidas. Divagaram as hordas, mas assentou-se o nucleo de habitações nas tabas vasias ou nas paradas indispensaveis no atropelo das marchas sertanejas; e ficou disposto um romancero, sem rival, nas alternativas das luctas emocionantes de poesia e de tragico primevos. Sómente os contos de Ridder Haggard, Foë ou Fenimore Cooper nos darão o saibo das lembranças, guardadas nos velhos memoriaes da invasão bandeirante. Muito ha a escolher na ruma de descripções, diários, relações e roteiros já publicados, sem fallar nos que jazem ineditos nos archivos-cacimbas, nos codices-catacumbas...

Sóbe o rio das Contas um certo Pantaleão Rodrigues. Seguem-n'o trinta e cinco homens. A's primeiras jornadas deparam os viajantes com os signaes de gentio proximo e metade da gente regressa, temendo o contacto dos selvagens. E' a selecção pelo panico. O resto não retrocede, ganha recursos na reflexão, na cautela, nas traças dos matteiros, abandona a caudal e envereda pelas encostas dos espigões e gargantas das morrarias. Na marcha pelo alto attentam elles para os fogos indianos. De vez em quando os viajores retornam ao rio. Ardendo-lhes as guelas, para as refrigerar, não lhes importa o risco das frechadas. Abeberados, o bugre atemoriza-os de novo; e, ell-os de regresso ás escarpas da serra, collimando um alvo estonteado. A fome e o cansaço vão pregando ao sólo os companheiros. E' a selecção pelo vacuo. Ao fim do segundo mez de marcha onze almas penadas caminham sempre sem armas e sem rumos. As sussuaranas e maracajás teriam rilhado os ossos dos expedicionarios defunctos. Sobram cinco homens, que vivem guiados por um sol perplexo, por estrellas desvairadas.

Um peão, uue vaguejava, encontra casualmente os dous unicos sobreviventes da partida, um par de illusos, esqueleticos, atrados ao chão, sem falla por sem forças. Desfigurara-os o palmilho de mais de duzentas leguas, durante oito mezes de inferno!

Sebastião Raposo entranha-se no sertão da Bahia com o seu harem e a sua quadrilha. E' o barbaro rei do ouro e da volupia, a coberto do Santo Officio, por embrenhado na mineração. A sua tyrannia agglutina o rebotalho minaz, que o segue, num bloco de cegos e empedernidos. Elle at'ra as mulheres e as creanças ao serviço do batear e do cavouco. Com o almocrafe o paulista despedaça a rocha e com a malvadez sustenta o seu prestigio. Não admite collaboradores, isola a sua gente, que lavra os saibros, rodeada de sentinellas. Anda-lhe ao encaço o proprio sobrinho, que faz de Ruth nas searas de Booz, catando, nos restos que o tio abandonava, os derradeiros grãos, as ultimas pepitas. Raposo recoltara quarenta arrobas. Quando elle falla na colheita portentosa, usa o farçante de um diminutivo modesto: "Eu tenho ahí umas arrobinhas..." E acaba por forçar a proeza inacreditavel de arrastar-se pelos mattagaes, em caminho do Maranhão, Sysipho de um thesouro, rolando-o pelos barrocaes e despenhadeiros do sertão...

O romance das esmeraldas é um capitulo da historia semi-lendaria dos Paes Lemcs. A tribu paulistana é maior que a de Abrahão. Oriunda de S. Vicente, enche a nobiliarchia de Pedro Taques, entrançando-se pelas familias de cinco capitánias. Reparte-se na conquista das terras centraes, emigrando dois irmãos de Itú para:

Minas e Cuyabá. Fernão Dias Paes Leme, que partira á pillagem das pedras verdes, sob a egide de um posto official, tenta uma diversão ás minas de prata, que não encontra. As esmeraldas, porém, attrahem-n'o sempre. Envereda por mil perigos e soffrimentos inominaveis. E' a magia verde que o obceca. Dir-se-hia que, no desconhecido e no cerrado das mattas são os tons dessa côr symbolica que o alentam e engolpham. Daservas do descampado á ramagem dos ipês na floresta tudo lembra o sonho que o fustiga. A diligencia de Fernão alcança o premio, topando os calhaus valiosissimos. Recolhendo algumas amostras, retorna a S. Paulo. O filho, o genro Borbá Gato e a escolta de indios acompanharam-n'o. Dizima-os a peste. O rio das Velhas engole o cadaver de Paes Leme e a bagagem dos crystaes. Pescam o homem e as pedras desaparecidas. Mas, sete annos são perdidos e os cabedaes da familia tragados na voragem em que se lhes tornaram o enlevo e a prosecução da idéa fixa e escaudante das esmeraldas...

No principio do seculo XIX chegou a vez de ir remittindo a febre do sertanismo aventureiro. D. Francisco de Assis Mascarenhas, dando posse ao novo Capitão-mór de Goyaz, traçou o epitaphio dos negocios das minas. As de Jaraguá eram já então apenas recordativas, nas do Tijuco e Capatará a negralhada procurava ainda alguns diamantes de dezeseite quilates, para o achador obter a liberdade, ser coroado de flores e carregado em procissão...

Os gozos pacificos, sedentarios e corruptores do debrum marítimo, dispendo do vapor, mais que o desanimo e a pobreza dos grandes ensaios extractivos, acompanhados da eliminação do tapuyo recalçado para os chapadões ignotos, concorreram ao fechamento do cyclo historico do sertão centripeto. Seria como se parasse a introdução das seivas e o sangue se limitasse a circular na periphéria do organismo nacional. O infeliz africano foi o responsavel pela transmutação. A "peça da India" aguentava mais na labuta continua da lavoura que a vasqueira e mo'engá "peça do sertão". Multiplicaram-se então os engenhos, as estancias e as fazendas, cuidou-se do gado, produziram-se o algodão, o café, a canna e o tabaco, de olho nas facilidades compensativas da exportação pelo mar.

Mas, com esses estabelecimentos e a vadiação meridional e costeira, dir-se-hia ter-se quebrado a vontade do brasileiro nas expansões de seu arrojo e vigor, espreguiçado no embalo de uma raça que o degradava e descansaava.

O movimento, que fez durante tres seculos chamar o homem ao Brasil central, tomaria outras feições em novos eixos. Substituiram tambem a fortuna occasional transacta as averiguações mais calmas e ponderativas da sciencia. A busca violentadora da cobiga adormecendo, acordariam as perscrutações do saber humano. Alexandre Rodrigues Ferreira annota na sua "Viagem Philosophica" a variegação da fauna e flora nacionaes. Arruda Camera, um frade egresso, herborisa nas cercanias de Goyanna. Martim Francisco estuda a geologia estructural de S. Paulo. Accorrem do Velho Mundo o Principe Maximiliano e o burguez Saint-Hilaire para caçar borboletas e desenhar vegetaes. Martius esculpe o monumento da Flora Brasiliensis. Architectam-se as grandes hypotheses das formações millenares, estudando-se os fosseis e o facies da terra. Antecipou-se a Chandless o negro Manoel Urbano. Um caboclo riu da classificação de Agassiz, que tomava por especies novas peixes anteriormente classificados e que differiam pela idade... O proprio von den Steinen, descendo o rio Xingú, serviu-se de brasileiros tapijaras. O Dr. Lund, decifrando o enigma do terciario, media os craneos da Lagoa Santa, ageitado á calma e simpleza do viver caipira...

Extincta, por assim dizer, a faina historica das pesquisas no sertão, do logro das turmalinas de Adorno aos fornos de Varnhagen no Ipanema, vencerá a exploração mineralogica, que só o amianto e o manganez, por exemplo, poderão alimentar,

industria servida por methodos mais rigorosos, casada á dos transportes, á da agricultura e á da creação pastoril, canalizando-se pelos instrumentos dos syndicatos, poderosos e capazes, os capitães que hão de avassallar os paramos deshabitados, onde se despenham as cachoeiras, para as traduzir em potencial trabalho, onde se rematam as essencias florestaes e nascem as manadas semi-bravias, assentados os ultimos dormentes da estrada do Rio Grande e do Noroeste, emquanto se projectam, em coordenadas maximas de nossa evolução, o transbrasiliano Belém-Pirapora e o transcontinental Chile-Pernambuco.

São semelhantes a pontos medullares as cidades do littoral, porém, o musculo pôde ser considerado o sertão. Aquellas representarão centros sensitivos e motores, recebendo as impressões primeiras da cultura universal e dos interesses de alta ou de baixa extracção de politica nacional; o seu reflexo será equilibrado e medido nas fibras resistentes das entranhas de nossas terras.

A alta funcção moral do sertão é a de ser um isolador ás trepidações da faixa, que se achando mais proxima ao espumejo do oceano, por isto é mais sujeita aos espasmos e vícios transmittidos nas trocas do commercio e pensamentos internacionaes. O seu papel preeminente é o de conservador de nossos traços ethnicos mais fundos, como povo vencedor de uma adaptação estupenda. Se os sertões não fossem algo de estorvo passivo ás facéis desnaturalizações da beira-mar, seriamos uns descaracterizados; na salsugem do contacto marinho dar-nos-hia um uniforme total a civilização dos paquetes e couraçados.

Sentimos todos a responsabilidade de zelar por esse bem de familia, porque o sertão, grande e ubertoso, tem sido o formidavel cadinho onde se apurou, com a coragem das bandeiras, o segredo das populações centraes resignadas, taes como por exemplo a dos caboclos paraenses na enchente e a dos sertanejos cearenses na secca.

Felizmente o sertão, em fundos proporçionaes á desmedida linha de face ao oceano, tendo sido a isca e a miragem dos povoadores iniciaes, é o grande excitador da energia nacional. Toda a campanha em derrubadas, em sementeiras, em trilhos, em fios, em trianguladas ou observações celestes, para o aproveitar, o encurtar, o devassar e o fixar, incide no mesmo esforço de treinamento das raças em fusão, nas aquisições do sólo inquirido e aproveitado. E' o estímulo da nação, que nada tem de conquistar lá fóra. E' o problema nacional por excellencia, o que se achava inscripto no frontão de Delphos: — conhece-te a ti mesmo.

Absorvidos os sertanejos nos instinctos da conservação, bastam-lhes muitas vezes ao regalo do estomago: o palmito, o punhado de farinha, a banha de peixe, a canjica, o beijú, o gole de congonha, umas tucumans, a carne de um mocó, de um guariba ou de um lagarto... E' a cruzada dos abstemios na fartura da Chanaan biblica.

Mestres no tiro o alvo, não lhes custa escorvar o bacamarte ou apeírar o rifle das vinganças. O banditismo é uma molestia do sertão, mas é a hypertrophia da coragem, provocada e aproveitada pela conflagração permanente e depravante do littoral. O que é certo é que a terra vasou o homem, o homem bater-se-ha pela terra. Soldados sem soldo, chamou-lhes Affonso Arinos. Não o esqueçamos nunca,— a troca de favores e de estímulos, que o tempo cimentou nos tres seculos do investimento bandeirante, fará surgir as legiões da terra.

As resistencias accumuladas para a defesa nacional não devem contar sómente com a distancia ou o inacessivel. No bronze do guia Joaquim Francisco Lopes, no do jagunço Antonio Beatinho coou-se o molde da fidelidade e da bravura, da resignação e da independencia, posto em prova na tomada tactica da Laguna e na diligencia policial de Canudos, as quaes devoraram exercitos e tiveram respectivamente por

Xenophonte e por Tacito os genios de um descendente de cruzados e de um caboclo mameluco, ambos inspirados para a narrativa e a critica, em cuidados de Arte e em fremitos de patriotismo: — Alfredo de Taunay e Euclides da Cunha.

Os sertões crearam-nos a possibilidade de uma litteratura suggestiva de observação e de nervos, ao desvendar paizagens e dramas propriamente nossos. Deram-nos a amostra a "Innocencia", o "Missionario", "Os Brilhantes" e "Os Sertões".

Dos garimpeiros do Arassuahy, dos apanhadores de salsa ou de poaia de Corumbá, de piassava ou de castanha do rio-Negro, dos boiadeiros do Jalcó, dos remadores dos "vasos" do Araguaya, dos caipiras do Paranapanema, dos posteiros do Itaquy, dos camboieiros de Pajchú, dos mariscadores do Nhamundá, dos extractores de herveas em Jaguaryahiva e da borracha no Tarauacá, dos tabaréos do Xanxeê, dos fura-moitas piauhseyiros, dos tangerinos da Parahyba, e de quantos outros se marcheta a estatistica da população esparsa no hinterland brasileiro.

Não houve ainda congregação possivel a esses elementos, fracos na sua falta de cohesão social, a não ser a conformidade travada pelas tradições que não morrem, pelos descantes que se renovam, pelas tristezas que os abatem, e pelas festas em que folgam. Têm elles a sensibilidade mal coordenada das creanças, a intelligencia percuciente dos primitivos que descobriram o fogo e a domesticação do boi, do cavallo e do cão. Seus genios são anonymos. A graça de suas respostas, a vivacidade das observações e descachidas sentimentaes contrastam com os silencias do macambuzio, as reservas do desconfiado. Verseja e canta, nos seus aboiados enlanguesce de saudade, nas trovas D. Quichote dá a rima, gargalha Pantagruel e Pierrot suspira... Creadores insignes de lendas. A sucurijú desenrosca-se, surde a lontra na agua, a chamma de um gaz azulado erra na podridão do marnel, range o galho batido pelo vento e pia tresnoitado um passaro, as figuras surgem funambulescas, no segredo e no estarrecimento, accordadas nessa bulha, modeladas nesses contornos e despertadas nessa luz, pela credence e fecundez dos solitarios, imaginosos e videntes.

Na jacuman ou na prôa da montaria, na sella do campeão, na espera do veado, na ferra dos novillos, entre os fueiros de um carro de bois, no côrte de um pau, na planta da semente, são os proprios guardas de sua liberdade e integridade, longe dos artificialismos urbanos, mas perto das nobres e singelas desaffecções da Natureza. Sem serem avessos ao progresso, desconfiam comtudo, e razoavelmente, de suas imitações e embustices. O officio é a caça, o garimpo, a pesca e as operações do plantador, do revendão, do pastor, do almocreve, do lenhador e do occupado em outras extracções.

A preguiça do sertanejo em casos individuaes dá o sal ás anedotas. Um, por exemplo, a quem se lançara em rosto o descuido e miseria de não possuir uma plantação, retorquirá que as saúvas lhe inutilizariam o esforço. Sendo-lhe, porém, objectado que essa praga não operava nos tabacaes, responderá promptamente: — mas é que podem lembrar-se de querer cortar! O facto, entretanto, é que a inacção e mandríce, podendo encontrar dirimenes no escaldar do clima, na praga das formigas, dos gafanhotos, dos curuquerês, na aridez, ou nas fatalidades invenciveis meteoricas ou astronomicas, so! de mais, invernia longa e descompasso da ventilação, é uma apparencia repetida sem mais exame. Fisgar o peixe, laçar a rez no campo ou perseguila na catinga, cortar a estrada de seringa, apeiar o bagual, lavar o roçado, varar a canôa, brocar ou derrubar a capoeira, campear a malhada, carrear ou comboiar, qualquer destes serviços corriqueiros no sertão demanda uma actividade potente.

A vida do compatricio decorre entre as variações climatericas, das salubres terras altas goyanas e campinas riograndenses á cratera abrazada e palustre de

Cucuby. Habita com a mesma persistencia os pantanaes da baixada e as grotas de altitude mais accentuada. Tirta nas maleitas do forte de Macapá, bate o queixo, no enregelado de Junho, nos poteiros de Santa Victoria do Palmar. E' salamandra nos fogos do equador, é o esquimau nas geadas e minuanos do Sul.

A face physica do sertão exprime as differenças de meio a que foi preciso amoldar-se o homem. A topographia é um chaos, a geologia palimpsesto de muitas escripturas, de quando o macisso mineiro era o unico continente no mundo, até ás formações amazonicas de sedimento phytogeneo e argillo-silicoso de agora. As faixas de floresta entremeiam-se ás manchas dos campos e carrascaes. E os rios, ribeirões e correjos enredam-se muitas vezes, sem a definição do *divortium aquarum*, inundando as baixas ou estancando-se nas quebradas.

Tres typos de mestiços simultaneamente se tornaram aptos ao infinito dessas variedades. Quando o maculo, o paludismo, a lepra, as tripanosomiasas e o beri-beri, por infecção ou contagio, endemica ou epidemicamente os destroem, o assahy, a bacaba e o patauí dão-lhe o vinho, a andiroba, a carnaúba e o jabotá a luz, a acoaricoara, a braúna e a arceira a armação da casa, o umbú, o sassafráz e a quixabeira a sombra, e toda a matta uma pharmacia inteira...

Valente o sertanejo; para que se liquide ou aprisione um cangaceiro, exigem-se muitas vezes, annos a fio, escoltas e petrechos de guerra; tendo-se visto o "cabra", em face do adversario, atirar fóra o trabuco e a faca, para se medir no mais insensato dos programmas de duello: — "Vamos! Eu quero te matar de arrocho!"

Hospitaleiro, reparte o fumo, o peixe, o xerém, o bode assado, a passoca ou o chimarrão fervente com o agasalhado. A phrase sacramental: "Apeie-se, amigo!" dos rincões dos guascas, consona no "mecê se abanque" dos tejupares no extremo Norte.

Religioso, ama o bulício das romarias, a exteriorização do culto, que lhe sobra a vontade de divertir, da adoração de Deus e do medo do outro mundo, nas ramadas oas "missões". S. Bom Jesus do Iguape ou da Lapa, S. Severino de Ramos, Nossa Senhora da Aparecida, de Nazareth, da Penha, dos Navegantes, Nosso Senhor do Bomfim do Icó, são imagens veneradas e motivos de jogo e pagodeiras. O aspecto grave e bisonho do sertanejo disfarça ao observador superficial as tendencias do ladino e brincalhão. O ajuri, o nascimento, a farinhaada, o rodeio, o casamento, a queimada, o baptismo, a feira e a moagem passam-se entre festas. O dia de finados provoca, ás vezes, um *rendez-vous* para sambas.

Da sua apathia á convulsão é um instante. A escora prepara a distensão do salto. E' capaz das immobilidades do fakir, na rêde, e de caminhar da Bahia ao Crato atraz de um thaumaturgo e fanatico, de romper por terra pelos sertões de Cuyabá a Maués, para buscar uns kilos de guaraná, da campanha do Rio Grande á feira de Sorocaba, comboiando tropas de muares, dos curraes de Camaquan, em Matto Grosso, ao matadouro de Santa Cruz, no Districto Federal, acompanhando a marcha das boiadas...

A musica e a dansa constituem os divertimentos de sua predilecção. Attrae-os um desafio entre cantadores, o repentismo de um cego violeiro, o gemer de uma sanfona; espanta-os, porém, a injustiça ou a tyrannia em cortejo de auctoridades arbitrarías, ignorantes e perversas, que não os instruem, mas os exploram, não os ajudam, mas os opprimem, não os amam, mas os corrompem, assentando o alto poder publico, nos campanarios das villas, cabides de galões da guarda-nacionalização dos matutos, quando mais util lhes seria o estabelecimento de um açude, a organização de um correio, a fundação de uma escola...

Mas, o dia vem perto, em que uns passarões, fabricados e pilotados pelos homens,

e correntes imperceptíveis, despedidas com a rapidez do pensamento e a serviço deste, hão de encurtar as distancias alarmantes, geradoras da impunidade, do abandono e do esquecimento. A vastidão do Brasil será scindida em horas e minutos. A comunicação solidarizará os habitantes, tocando-os com a passagem de umas azas e congregando-os com uma scintilha. A aviação e o telegrapho sem fio operarão o milagre, para que mais efficientes se tornem ao conjuncto de nossas aspirações, á resultante de nossas forças, a fortaleza, a lealdade, a abnegação e a constancia, que são os traços geraes da gente perdida nos brechões e taboleiros do interior do paiz, a bagagem de nossa moralidade culminante, o acervo precioso das nossas qualidades conservadas no retiro da brenha e depuradas na solidão.

No estádio dos exercicios da energia brasileira, ainda hontem, Couto de Magalhães, o caçador e indianista, varando dos brejos paraguayos ás lamas da Amazonia, o visionario de Pindorama, o interprete das lendas tupys, patriota e soldado voluntario, erudito amigo de sua terra, projecta a navegação interior e edifica a systematização da lingua do selvagem, o Coronel Paula Castro enlouquece em busca dos celebrados "Martyrios", Placido força a diplomacia á reconquista do Acre, e, hoje, aos nossos olhos descredos, Candido Mariano Rondon, entre os menosprezos da pilheria nacional, implicada com as formulas inoffensivas do sectarismo philosophico, reproduz o Anhanguera, completa Almeida Serra, corrige Candido Mendes e desmente Savage Landor.

Com os sertões está bem ao alcance a nossa escola de actividade chronica. Esgaravatando-os nas catas e grupiaras ou no plantio das roças, "pondo-os em pique", medindo-os, balizando-os e colhendo nelles com a nicociana, a rub'acea, a gomma clastica, a herva matte, os dados para as bibliothecas e os museus, sommos esforços aos de gerações abençoadas, que, dentro do circulo de nossas fronteiras mais remotas, educaram a sua capacidade para o combate formidavel, que é, ha quatro seculos, o nosso peso, o nosso dever, o nosso romance, a nossa historia e a nossa esperança.

Os sertões são o cerne, a polpa, a carne, as reservas substanciaes da nacionalidade. Plainos opimos, mas indomados ainda a tanto sangue, a tanta vida, inscrevem elles na fronte do Brasil os caracteristicos de sua grandeza providencial e organica, representados em alguma cousa que ha de sobrar aos erros dos governos, ás traições e confusões dos partidos e á fallencia dos programmas religiosos ou economicos, sendo o soberbo dote e o patrimonio inalienavel da Patria, a abundancia e a immensidade do seu coração territorial, — os sertões brasileiros.

O CULTO DA FÓRMA NA POESIA BRASILEIRA

CONFERENCIA REALISADA A 28 DE JULHO DE 1913 PELO SR. ALBERTO DE OLIVEIRA

I

Ha mais de tres seculos, em sitio apartado, onde o levara o seu genio, lá nas antigas terras d'Entre-Homem-e-Cávado, região do Minho, um homem, desilludido dos homens, da vida do paço e dos cortezãos, Sá de Miranda, — o innovador da metrica portugueza, o mestre de Ferreira e Diogo Bernardes, longe de todo o bulcício, ou tendo apenas o dos carvalhos e nogueiras de sua *Tapada*, consagrava o lazer dêsse como exílio em aperfeiçoar, sobre outros poemas, uma ecloga, ou dialogo pastoril nomeada *Basto*, que lhe occupou toda a vida.

Polia-a, como bom horaciano daquelles preludios da Renascença em Portugal, achando sempre que melhorar e sempre mal contente de si com as emendas feitas. Dahi — informa Carolina Michaelis — as numerosissimas variantes que o trabalho apresenta e as quatorze redacções, todas differentes, que lhe conhece a mesma illustre escriptora.

Tambem, mais ou menos por esse tempo, outro grande poeta, o italiano Sannazaro, consumia vinte e cinco annos de sua existencia a corrigir um poema, antes poemeto, de pouco mais de mil versos, o *De Partu Virginis*.

Sobre estes dois casos de escriptura da obra escripta — e innumerous outros podia aqui recensear — vêde aquelle não menos característico do maior poeta da prosa franceza no seculo passado, de Chateaubriand com a sua *Atala*: Onze vezes, em successivas edições, seu auctor a esmondou, refundindo-a e só na duodecima lhe pôz a declaração: esta é a unica *Atala*, por que me responsabilizo.

Estes exemplos são bastantes a evidenciar que desde que o escrever passou a ser arte, e o homem, inclinado sobre uma folha de papel, procurou confiar-lhe suas idéas e sentimentos, a correcção do estylo, o apuro da dicção ou, por assim dizer, os retoques da photographia do pensamento representada pela palavra, se constituíram para o verdadeiro escriptor tarefa a que elle se não fórra, cuidado que o impacienta e desvêia e do qual são poucos os que sahem desoppressos e satisfeitos. Só uma longa vaciência, alliada ao gosto e comprehensão clara destas cousas, consegue expurgar um a um os senões que da penna ainda a mais destra e exercitada passam á obra literaria.

Só espiritos alumiados da perfeição a que se voltam e obstinados rastream, os descobrem repetidos e incommodos, os acozzam, os expungem e somem. Não se diga que este estremado zêlo da fôrma prejudica o surto da inspiração, ou o encadeamento natural das idéas.

Certo, se eu me ponho a escrever e para logo me absorvo em afuroar na lembrança as palavras mais convinhaveis ao de que trato, em não as repetir viciosamente, em marchetar os meus versos das rimas mais peregrinas, das modulações mais surprehendedentes, em evitar monophonias, hiatos, echos e collisões, — toda

esta sarnagem da escripta, — certo, se assim procedo, a inspiração que me levou até á mesa de trabalho, para guiar-me a penna, como instrumento tangido por mãos invisíveis — arranca o vô e desaparece, e o que fica sobre o papel, poderá ser o verso machinalmente polido e limpo, mas vazio, sem sentimento, sem vida.

Só quem não conhece ou mal conhece a arte de escrever, ou o escrever com arte, procederá deste modo, acepilhando o que apenas delinêa, vestindo, alfaiando com adeantados zelos, imagem ainda confusa e vaga, sombra ou esboço de pensamento.

O esculptor, desbastada a pedra, moldado a estatua, então a trata de escodear e brunir; o pintor, dispostas as figuras, distribuidas as côres, feito o seu quadro, então lhe dá a ultima demão, o retoca e aprimora.

Não pôde ser outro o processo do escriptor: poesia ou prosa, o poema ou o romance, a ode, a elegia ou o soneto, ou a novella e o conto, qualquer que seja a composição, não ha desde logo vê-la surgir perfeita, como na trilhada citação mythologica, a deusa da sabedoria da cabeça do deus pae dos deuses.

Ahi está a concepção, viva, mas ainda irregular como fórma, — criança que accordou ao mundo, vagindo no berço, e á qual sollicitos aconchegam faixas e roupas leves. Agora que avulta e tem de viver, não viverá bem, se bem não se mostrar, se em vez de acieadas vestes — pôdem não ser luxuosas — lhe derem trapos, se em vez de elegantes borzeguins — podem não ser os de Cendrillon — trazer aos pés grosseiros sóccos brutaes. E' preciso, é indispensavel, é dever de consciencia do escriptor, é dever moral para com as letras não apresentar ao publico obra eivada de senões de toda a especie, onde a lingua é uma algaravia, a musica ou rythmo da phrase um tutucar de atabaque africano, os vicios de palavra e de construcção — uma ignominia. Na expressão — já houve quem o dissesse — está a originalidade, e só as obras bem escriptas logram ser eternas. Menos custa imanigar um bello poema do que pô-lo por obra, outro tanto podendo affirmar-se de uma opera, de um quadro, de uma estatua, de um edificio. Idéas — á parte certos casos de enfermidades mentaes — todos têm; arte poucos alcançam. Vale muito serem as idéas grandiosas; não vale menos terem representação condigna pela palavra.

Idéas de valor mal expressas, lembram senhoras ricas que trajam mal. A phrase é a veste do pensamento. Ha periodos de Antonio Vieira, como os ha de Ruy Barbosa, que valem por mantos de reis. O que por lei de contraste resvala a ridiculo, são louçanias de estylo, pompa e esplendor de elocução a revestirem idéas tenues ou apagadas. Cumpre haver correspondencia exacta ou justo equilibrio entre idéa e fórma, ou entre o estylo e o assumpto. "Se este fôr ledó, — já sentenceava o bom senso antigo — o estylo não deve ser tragico. Não quadra á séva mesa de Thyestes o verso rasteiro e comico." O que, ampliado e em formosos decassyllabos, fórma aquelle conceito de Elmano:

"Com a idéa convem casar o estylo,
Levante-se a expressão, se a idéa é nobre,
Se a idéa é torpe, a locução negreje,
E tenue sendo, se attene a phrase.

II

Occorrem-me estas normas classicas do bom gosto de escrever, com observar como ao seu encontro vieram alguns espiritos em modificação, por que passaram as letras, meiado o ultimo seculo.

Taes princípios houveram, como é sabido, brilhante consagração de poetas francezes, aos quaes, por serem collaboradores do *Parnasse Contemporain*, chamaram *parnasianos*. Em França e depois aqui vingou a doutrina de uma Arte perfeita, ou a approximação dêste ideal, aquillo que recebeu o nome de "Culto da Fôrma".

Que motivou entre nós este culto senão, como entre os francezes, a lassidão do romantismo ou a repetição enfadonha de seus themas e descurada execução dêstes?

Ha de tempos a tempos nas escolas poeticas uma toada ou diapasão por que todos se afinam e cantam como em côro. Dentre os varios metros alguns ficam sendo preferentemente empregados e não só determinadas fôrmas de composição, e imagens e metaphoras se tornam communs, como até succede que estes ou aquelles vocabulos, novos ou redivivos, passam a ser geralmente acceitos e cunham todas as producções. Resulta dahi, volvido o tempo, um como canção ou enfaro de ouvidos e olhos pela repetição do mesmo som e vista das mesmas cousas.

Foi o que nos ultimos annos occorreu com a escola romantica.

Já não eram mais as lyras gloriosas de um Azevedo ou Gonçalves Dias, ou, para falar com Machado de Assis: "A poesia subjectiva chegara effectivamente aos derradeiros limites da convenção, descêra ao brinco pueril, a uma enfiada de cousas piegas e vulgares; os grandes dias de outr'ora tinham positivamente acabado, e se de longe em longe algum raio de luz vinha aquecer a poesia transida e debilitada, era, talvez, uma estrella, — não era o sol".

Exceptos dois ou tres nomes nossos e dous ou tres portuguezes, os mais poetas da nossa lingua reeditavam-se na mesma affectada plangencia sentimental, usando e peiorando de mais em mais a elocução já servida e gasta. A imitação, na qual, conforme nota Guyct, se dá, como no mundo inorganico, um caso de ondulação, havia chegado ás ultimas vibrações.

Constituida no Brasil a escola romantica, os chefes que imitaram a outros chefes, — e nenhum transcendeu o original — são por sua vez imitados. Veio-se assim a operar a imitação da imitação, em que a fôrma sendo a mesma, a emoção vae pouco a pouco diminuindo de intensidade, processo semelhante ao da gotta homœopathica, cuja virtude se attenúa nas successivas dynamisações, ao da volatilisação das essencias, ou ao do desmaio das côres captivas com a acção continuada do sol.

III

Era inevitavel a reacção.

Ella veio com os dissidentes de Coimbra, em 1865. O "bom-senso e o bom gosto". nesta questão estavam com o velho Castilho quanto ao seu nobre modo de escrever, aos primores de sua elocução, — cuja opulencia, e variedade não foi excedida por nenhuma outra em nossa lingua — não quanto ás idéas.

Cumpria dar entrada ao espirito novo. Triumpharam as idéas e irrompeu com ellas uma nova poesia, bella ás vezes, e ás vezes se não antipathica, incomprehensivel por demais abstracta e sábia. Era a poesia doutrinaria, a poesia scientifica, a poesia socialista, a poesia sem poesia. Entretanto, remontando-se alto, em arrancadas de genio, *A Morte de D. João* é um grande livro, como tambem não devem ser deslembrados estes, que avincam de um forte traço luminoso essa epocha: as *Odes modernas*, de Anthero, as *Heras e violetas* (a que deve ajuntar-se *O Bispo*) de Guilherme Braga, e as *Scenas Contemporaneas*, de Claudio José Nunes.

IV

A reacção estendeu-se ao Brasil.

Em 1878, á imitação do que passara em Coimbra, planeou-se pelas columnas do *Diário do Rio de Janeiro*, uma "Guerra do Parnaso", sem a importância, aliás, e também sem a irreverencia do protesto coimbrão para com os chefes romanticos.

Eram moços como Quental, Theophilo Braga e Vieira de Castro, os que sahiam a campo contra os da velha guarda então vivos; Norberto, Macedo, Joaquim Serra, Mello Moraes, Machado de Assis, e outros.

A "Guerra" nem á escaramuça chegou. Os echos da bifida montanha, habitação das musas, onde se devia ferir o prelio, accordou-os apenas o rumor de uma revogada de versos, como tiros de polvora sêcca. Occorre-me lembrar datarem de então os primordios da escola naturalista, entre nós, sob a fórmula de contos, publicados por *Hop-Frogg* (Thomaz Alves Filho) do mesmo *Diário do Rio de Janeiro e Gazeta de Noticias*. Aluizio Azevedo apparece pouco mais tarde.

Aquelle espaço que vae da lucta coimbrã á "Guerra do Parnaso" (13 annos) como o da publicação do *Parnasse Contemporain* ás *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo, *Telas sonantes*, de Affonso Celso, *Sonetos e rimas* de L. Guimarães Junior e *Symphonias* de Raymundo Corrêa, mostra o que bem observa José Verissimo: "Com apparencia do contrario — diz o eminente critico — os movimentos literarios demoram muito em penetrar entre nós, e considerado o exemplo do romantismo, do parnasianismo e do naturalismo, pôde-se determinar o prazo de vinte annos para a incubação e desenvolvimento aqui de uma qualquer fórmula nova nas letras ou artes".

Mas ás letras, que traziam de novo e melhor os novos poetas ?

V

A reacção, pôde-se grammaticalmente dizer, começou por uma simples substituição de pronomes pessoas: em vez dos da 1.^a pessoa, os da 2.^a e 3.^a, em vez de — eu —, — vós e elles, ou a poesia objectiva em logar da subjectiva — o contrario exactamente da poesia romantica respeito á classica.

A distincção de classicos e romanticos, entende Brunetiêre, está em que estes procuraram fazer tudo ao avêso daquellês. De algum modo foi o que passou entre parnasianos e romanticos, — de algum modo, porque do nosso romantismo o que havia melhor, — a emoção mais ou menos sincera dos primeiros tempos e o sentimento da natureza manifestado em alguns cantos e descripções de scenas de nossa terra — reverteu em parte, como herança, aos novos poetas e revive, animando seus versos.

Sem embargo de rastrear o modelo francez e da opposição a uma escola enraizada fundo na alma nacional, não deixou a poesia parnasiana de ser essencialmente nossa por peculiaridades de sentimento, dando razão áquillo do philospho "que o genio da nação se reflecte na lingua e o genio desta, por sua vez, no estylo do escriptor". Certamente, por opposição aos romanticos, houve a principio na musa parnasiana retrahimento de expansões intimas, mas breve como o das folhas da "mimosa pudica" dos nossos campos. Tal retrahimento — diga-se em abono dos nossos poetas, não chegou nunca á *impassibilidade* ou ao observado por Sully-Prudhomme: "o apuro de certos metrificadores, cuja obra, por sua algidez e com-

pleta exclusão do sentimento, representa verdadeiros casos de teratologia psychica, inuteis até á sciencia porque a sinceridade do monstro é suspeita”.

Sem que se proscressem de todo as lagrimas, consoante o protesto do alexandrino revolucionario:

Pas de sanglots humains dans le chant des poètes !

conveio-se em que o tom elegiaco — chamavam-lhe então piegas ou de choramigas — estava exausto e exausta a paciencia de ouvil-o. Pediram-se á Vida exemplos de força e belleza, em contraste com os ideaes morbidos e de profundos desalentos.

Um dos reaccionarios, Carvalho Junior, de existencia cortada em flor, quando em flores se lhe desatava a imaginação tropical, punha como profissão de fé á colleção de suas *Hesperides*, que o não tentavam as “virgens chloroticas” de tez pallida e fundas olheiras, as “bellezas de missal” lyricas e vaporosas. Seu ideal era a mulher bem nutrida e forte,

A materia, a saude, a vida enfim.

Raymundo Corrêa, num magistral soneto, voltava-se com uma volupia hellenica para a belleza pagã de fórmis inteiramente nuas:

Eu amo os gregos typos de escultura,
Pagans nuas no marmore entalhadas,
Não essas producções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nus; as linhas onduladas
Livres; da Carne exuberante e pura
Todas as sciencias destacadas...

Não quero a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes fórmis, entrevel-a
Da transparente tunica através;

Quero vel-a sem pejos, sem receios,
Os braços nus, o dorso nú, os seios
Nus... toda nua, da cabeça aos pés !

Bastam estes exemplos. São eloquentes. Um ar novo, mais fresco e oxygenado respirou a Poesia, e seu canto sôu differente, sem mais as cançadas notas de cançada e não raro fingida tristeza.

Os homens habituados a uma certa toada no verso e em tudo, difficilmente accéitam outra que a contraste, como as crianças manhosas que só adormecem ao cantarolar da velha ama que primeiro as embala. Outra que venha, cante embora melhor, lhes desapraz.

Observa-se isso na transição de periodos literarios, como em habitos de vida regularmente pausados. Talvez venha dahi não haverem logo a principio toado bem a uns tantos ouvidos os versos da musa nova. Mas a estranheza passou, embora com um resmungo de desapprovação abafado.

VI

No culto da fôrma em geral, versificação e elocução, está por ventura o melhor serviço feito pelos parnasianos ás nossas letras, e delles a maior gloria. Não se manifesta desde logo fervoroso e intenso esse culto — conservo-lhe o nome adoptado aqui e vindo de França. Os poetas estavam no primeiro viço da idade, e nessa quadra da vida é difficil sopitar as emoções fortes, perturbadoras do trabalho de arte, raros sendo os que conseguem então conhecer e praticar a linguagem do verso em todas as suas modalidades. Demais, do afastamento da musa antiga soavam na alma dos moços — e havia-os “cheirando ainda ao puro leite romantico”, uns echos dos derradeiros adeuses, e o phenomeno dessas transições só a pouco e pouco se opera. Entre os versos dêste começo de poesia nova, despresados mais tarde por seus auctores — (estou aqui a lembrar-me dos *Primeiros Sonhos*, de R. Corrêa) lucilam verdadeiras jóias esquecidas. E' o caso do dizer de D. Francisco Manuel: “Na mina do ouro, como na casa do ourives até as varreduras são de vinte e quatro quillates.”

Só do anno de 1880 em deante se estabelece e accentúa definitivamente o culto da fôrma. Se os parnasianos houvessem traçado um manifesto, dizendo o a que vinham em nossa literatura, o exame e correcção da linguagem poetica formaria o principal do programma. Sem este embora, e sem quebra de respeito para com os seus immediatos antecessores, antes, reverenciando-os e amando-os em seus mais notaveis representantes, accordaram-se tacitamente para luctar em prol das letras, como o entendiam.

Ainda em 1881 pequeno era o numero dos chamados “cultores da fôrma” — “Essa religião — escrevia nesse anno Valentim Magalhães — não tem entre nós mais que meia duzia de sacerdotes. E esses mesmos celebram as ceremonias do seu culto, praticam os divinos mysterios de sua seita no meio de uma multidão de ignorantes, que lhes não entende o *latim*, e que só applaude os versejadores pesadões, aquelles que apenas conhecem da Poesia este principio: escrever em linhas curtas. Felizmente ainda temos alguns descendentes da raça divina dos hellenos, ainda temos alguns *poetas*... que se dão á ardua e deliciosa tarefa de procurar a *fôrma perfeita*. Pésam as palavras em balanças microscopicas, medem-n'as, estudam-n'as, combinam-n'as, como um alchimista phantastico *fazendo ouro*; estudam Lecomte, Gautier e Banville, como se foram tratados de botanica e de mineralogia, e fazem o que tanto aconselhava o poeta da *Comedia da morte* e tanto recommenda o Arthur de Oliveira — lêem os dictionarios.”

As *Fanfarras*, de Theophilo Dias, onde se define o seu character parnasiano, são de 1882; *Symphonias e Versos e versões* de Raymundo Corrêa de 83 e 87; deste mesmo anno as *Contemporâneas* de Augusto de Lima, e do seguinte as *Poesias* de Olavo Bilac.

Alguns annos anteriores, na *Gazetinha*, e depois em outros jornaes e revistas publicava Lulz Delfino muitos dos seus soberbos sonetos.

Tenho foram estes livros e producções esparsas os em que no decennio de 80 a 90 mais se evidenciou a feição da nova fôrma poetica.

VII

A nossa metrica, até o advento do parnasianismo, achava-se quanto a pausas e rythmo onde a haviam deixado os primeiros romanticos. O tom da melopéa, além

dos recitativos de salão, em que era obrigatorio, edulcorava sentimentalmente poesias inteiras. Em muitas paginas atendavam promiscuos echos e collisões, consonancias, cacophatons e dyssynclises intoleraveis.

Numa composição regular uma syllaba accrescida ou diminuida no verso, tanto vale como alterar-lhe a unidade rythmica ou violenta-a. Se esses descuidos se repetem, a emoção suscitada pela obra de arte terá de ser interrompida, como o goso de um bello passeio pelos accidentes da viagem.

Taes descuidos, e não escassos, em nossa producção romantica podem facilmente ser verificados. São incontaveis os versos de varia medida, desmedidos para mais ou para menos, ainda entre bons poetas. De tudo isso eu podia documentadamente adduzir orpvas, se não fôra limitado o prazo da conferencia e o receio de cançar a vossa attenção.

Na melhoria da fórma poetica, no que prende com a versificação e generos de composição, devo assignalar de parte dos parnasianos a correcção do alexandrino, restituído ao modelo classico francez, correcção desde 1858 e 64 iniciada por Teixeira de Mello e Machado de Assis,—o aperfeiçoamento da rima e a restauração do soneto.

O alexandrino, planta exotica, já no romantismo de Portugal tão bem cuidado das mãos de Castilho, a custo entre nós se aprumava, bamboando-se desacolchetado nos hemistichios, não parecendo um verso unico, senão parelha mal jungida e rebelde.

Não vos direi a historia do verso do *Roman d'Alexandre*, desde a sua rude feição primitiva, nas gestas medievaes, ás transformações por que veio passando, de Ronsard e Malherbe, deste a Racine e a La-Fontaine e destes a Chenier, Hugo, parnasianos e symbolistas. Lembrarei apenas que em nossa lingua foi talvez Bocage o primeiro a escandil-o classicamente correcto, e ao mesmo tempo deste e demais arcades, o erravam ou o faziam desgraciosamente ao modo archaico os nossos Basilio da Gama e Silva Alvarenga.

Ainda depois de Bocage e Castilho, e aqui dos poetas das *Sombras e sonhos* e *Chrysalidas* darem ao dodecasyllabo fórma e medida classicas, tornando-o mais numerozo e acceito aos nossos ouvidos, exercitavam-n'o mal os romanticos, não ligando devidamente os dois hemistichios ou meios versos, e só accidentalmente acertavam com elle.

Eis para exemplifical-o dois excerptos tomados a dois dos nossos maiores poetas:

E tu me perguntaste com essa voz divina (*archaico*)
 Que ao seu suave mando trazit-me captivo: (*archaico*)
 — Porque todo o poeta é triste e pensativo? (*classico*)
 Porque dos outros homens não segue a mesma sina? (*archaico*)

Fagundes Varella.

E' nisto que tu scismas, ó torre abandonada, (*archaico*)
 Vendo deserto o parque e solitaria a estrada, (*classico*)
 No emtanto, eu, estrangeiro, que tu já não conheces (*archaico*)
 No limiar de joelhos, só tenho pranto e preces (*archaico*)

Castro Alves.

No alexandrino archaico, mais do que no classico, sentem-se, porque mais se destacam, os dois hemistichios que o formam. Foi isso talvez causa de alguém ponderar de uma feita a Castilho que em vez de um só verso, se tratava de dois, e melhor era, escrevendo, extremal-os. O auctor do *Tratado de metrificacão* respondeu haver no dito uma illusão que um *simile* facilmente faria reconhecer: dois meios cópos de agua são sem duvida o mesmo que um cópo de agua, mas beber um copo de agua de uma assentada não é o mesmo para quem tem sede que bebel-o por duas vezes.

Intuitivamente comprehendendo o principio depois estabelecido: que todo o rythmo, pela repetição constante tornando-se um habito dos nossos ouvidos, acaba por perder sua originalidade e propriedade primitivas, os parnasianos variaram os agrupamentos das unidades rythmicas deste verso, deslocando-lhe as pausas e dando-lhe nova e mais bella harmonia.

VIII

Os que versejam em portuguez sabem como é difficil fugir á grossa récuca dos consoantes vulgares em *ão, ar, oso, ado*, etc. que nos accommettem a cada passo e são de desagradavel effeito, mormente se se incluem os respectivos vocabulos na mesma categoria grammatical.

Não digo evital-os de todo, mas discreta e convenientemente empregal-os é signal de louvavel escrupulo e atilamento artistico. Não sei de romantico que entre nós houvesse dado ás rimas o devido valor; em seus versos poucas deixam, como aquellas, de ser vulgarissimas e até viciosas ou falsas.

Confundem não raro consoantes com toantes, cuidando que rimam bem, quando fazem corresponder-se *orchestra* e *floresta*, *vertigem* e *virgem*, *Arabia* e *Tartaria*, enganando o ouvido com uma supposta identidade de som. Do desamor da rima fala tambem a preferéncia dada por alguns aos versos brancos — contrariamente á opposição movida ao classicismo que tanto abusou destes versos, — allás tão bellos, corredios, naturaes e capazes de todo o fogo e altiveza do pensamento, quando manejados por um Basilio da Gama, Porto Alegre, Gonçalves Dias ou Varella, e em certas mãos, tão decahidos de sua eloquencia, tão aprosados e lassos.

Castigado o verso, apurada sua dicção e sonoridade, entenderam os parnasianos ser preciso dar-lhe rima correspondente, como entre as rebarbas da guarnição de ouro se põe a pedra estimada e fina. Foi difficultar o trabalho da expressão poetica, mas tambem foi dar-lhe distincção que não tinha. Arte em que tudo é facil ou nada custa, é arte imperfeita, ou nem lhe cabe o nome de arte. A da palavra escripta, mais do que, qualquer outra, exige os maiores sacrificios. Dirão — e foi dito — que a rima rebuscada, tornando-se preocupação dominante, pèa a inspiração ou lhe empece a espontaneidade. E' justo o reparo, e de como é justo sobejam provas em muitos poetas. Ha-os ahi que fazem o soneto só por florestal-o de consoantes surprehendentes, como os ha cujos versos miram apenas alcançar o maximo de paraphonias rythmicas ou de combinações de vogaes. Vae, porém, differença deste rimar ao dos verdadeiros poetas. Este rimar é só e exclusivamente rimar. O do poeta e artista póde ser perfeito sem ser rebuscado.

Como se aprimora o verso depois de feito, conforme a emoção e foi ditando, aprimora-se a rima. Demais, o costume de tratar com rimas distinctas se estabeleceu naturalmente, como fica em muita gente o de lidar com as triviaes.

Se as perolas são falsas, quem póde, as substitue no engaste por verdadeiras; se póde e o não faz, mostra ignorar o que seja gosto ou... o que valem perolas.

IX

O soneto, não sei com que fundamento, a não ser aquelle do reparo de Brunetièrre, fôra quasi inteiramente banido do parnaso romantico. O *claro auditorio* ao qual Elmano os recitava ás centurias, cêdo os esquecêra, como cêdo haviam de ficar sem echo os da Musa serrana e melancholica do nosso Claudio. De tarde em tarde sómente o heis de ver, como luzido donzel da Córte de Apollo, retomar paramentos com que na Italia da Renascença o aformosentara Petrarca, e sahir a mostrar-se em seu donaire e esplendor. Absolutamente não havia razão para o destêrro de fôrma tão graciosa e onde, como em pequeno escriptorio, cabem todas as joias do sentimento.

Ao gentil desterrado, ao proscripto elegante do convivio das musas foram buscado em seu exilio os parnasianos, e á fé que se não tem mostrado mal de então para cá; restauraram-no, e luzidamente, accrescenta Machado de Assis, enamorado delle na ultima phase de seu pocta sóbrio e distincto. Houve necessidade, porque o exigia a moda, e é forçoso ir com ella, de alguns retoques nas alfaias do éxul bem-vindo. Assim, determinou-se de se lhe substituir o adreço de rimas, escurecido do tempo, por outro de ouro mais vivo e mais brilhante pedraria, e deram-se-lhe, sobre as galanterias de amor, quasi exclusivo objecto a que se voltava, maiores larguezas á inspiração. O novo e garrido aspecto, de então a esta parte, fêl-o tão acceto aos nossos poetas, que despresadas, e sem razão para isso, vão sendo outras e nobres fôrmas do trabalho poetico.

Ha tambem — como em certas damas formosas que, envelhecendo, se segregam ou morrem ao mundo — uma como vexada tristeza no afastamento dos generos poeticos que se vêem antiquados ou despresados. Onde lá vão e se escondem agora, lembrando seus dias de triumpho, os motes e glosas, que ainda chegaram até aos nossos Muniz Barreto e Laurindo? E as odes com que os seus vãos arrebatados? os madriguaes com a sua cortezania? os idyllios campestres ou maritimos, com as falas namoradas de namorados pastores ou os amores e ciumes de suas nereydes e tritões?

O soneto é redivivo; campeou outrora, triumphante; eclipsou-se depois. Reappareceu, mas não lhe dou muito pelo que ainda tem de viver. Desta vez é de suppôr elle mesmo se exulará, ou offendido de se ver de alguns tão maltratado ou descontente de sua incommoda vulgaridade...

X

“Entre quantas expressões podem occorrer para traduzir uma idéa, só uma existe cabal e perfeita. Nem sempre a encontramos, escrevendo ou falando, todavia ella existe e qualquer outra, a não ser ella, é díficil e não pôde satisfazer aos homens de intelligência que se presam e desejam fazer-se entender.”

A observação é de La Bruyère, e está de accordo com o que acima vinhamos relatando do cuidado e paciência dos grandes escriptores quanto á fôrma dos seus trabalhos.

Salvo alguns nomes gloriosos do periodo romantico, raramente na obra dos mais se nos depara aquella expressão — goso ou delicia, quando achada, inexprimivel e rara, pela saborearem tão poucos.

E, entretanto, visinhos no tempo e na lingua, sobejavam neste particular preciosissimos exemplares, para que não se olhava — um Corrêa Gargão, um Barbosa du Bocage, um Felinto — em bôa cópia de seus versos — e um Tolentino.

Faltou á geração parnasiana, talvez sobre maior descortino de idéas, um estudo seguro de outras literaturas ou ainda da portugueza e da sua lingua. O que lhe não faltou foi acêrto de mão na escolha dos exemplares, cujos se serviu para educar o gosto, e, além disso, o amor voluptuoso de sua arte delicada e difficil.

Esse amor, e a febre delle nascida, e os sacrificios de que elle se torna capaz, em busca do verso perfeito, da expressão perfeita, da fôrma perfeita, ninguem o poderia melhor traduzir do que Olavo Bilac em sua *Profissão de fé*:

Invejo o ourives, quando escrevo;
 Inuito o amor
 Com que elle em ouro o alto relêvo
 Paz de uma flor.

.....
 Quero que a estrophe crystalina,
 Dobrada ao geito
 Do ourives, saia da officina
 Sem um defeito.

E que o lavor do verso, acaso,
 Por tão subtil,
 Possa o lavor lembrar de um vaso
 De Becerril.

E horas sem conto passo, mudo,
 O olhar attento,
 A trabalhar, longe de tudo
 O pensamento.

Porque o escrever — tanta pericia,
 Tanta requer,
 Que officio tal... nem ha noticia
 De outro qualquer.

Assim procedo. Minha penna
 Segue esta norma,
 Por te servir, Deusa serena,
 Serena Fôrma !

Aquella "expressão perfeita", a sciencia e o respeito da lingua, a repugnancia ao emprego de epithetos gastos e não precisos, de imagens que por serem de todos, ficam sem auctoria responsavel, de termos vagos, sem outro prestimo se não o de enchimento, de cunhas ou rípios, e por sua vez e por assim dizer, o matiz vocal ou musica variada da phrase, com exclusão das monophonias viciosas no verso e na rima; as rimas ricas, de palavras de diversas categorias grammaticaes, acostadas ás irmãs vulgares ou de uma só classe, como a soccorrel-as piedosas, amparando-as e enlaçando-as em sua pobreza, a elevação, a pureza; a distincção da linguagem poetica, taes foram e continuam de ser as aspirações, o sonho, o ideal da fôrma parnasiana. Esta fôrma dia a dia se apura. Surgem e a praticam, applaudindo-a com entusiasmo, outros poetas, e ainda entre os da ultima geração os ha e não poucos e illustres, cheios da mesma fé e ardor dos primeiros.

Pódem combatel-a ou dissentir della, mas ninguem, excepto os avêssos á toda comprehensão, deixará de reconhecer nessa fôrma um grande, um perverante, um nobilissimo esforço em prol de alevantado ideal.

O PROBLEMA DAS SECCAS

CONFERENCIA REALISADA A 28 DE AGOSTO DE 1913, PELO DR. ARROJADO LISBOA

Em um de seus discursos Renan relata a inquietação de uma sociedade que aguardava a falla de um engenheiro recipiendario. Estavam todos receosos de que o profissional se julgasse na obrigação de produzir uma arenga litteraria. Eu não sei se nutris agora igual temor. O meu é o da possibilidade de exhibir aqui, ante vós, uma impertinente composição technica.

O homem é um producto da terra, dizem os sabios. E' ella que lhe dá o alimento, que lhe dirige as idéas e a acção, que lhe provê as necessidades ou as suscita, que o auxilia na remoção dos obstaculos oppostos á sua existencia. E', portanto, a terra que moldura e afeição o homem. Elle é a sua alma, disseram os poetas pelo verbo de Victor Hugo.

Quando Montesquieu enunciou, no seu *Espirito das Leis*, que os costumes dos povos, a sua legislação e até a fórma das nações emanavam dos climas e tambem da natureza das terras, dava de facto o primeiro rebate para a consideração naturalistica do Estado. A idéa progrediu, principalmente quando Humboldt fundou a geographia comparada, que depois de evoluir atravez de Bukle, Ritter, Peschel e de muitos outros, se condensou em Ratzel, no mesmo genio allemão, constituindo-se então em bases sciéntificas a moderna anthropo-geographia.

Ha, pois, hoje, uma sciencia que estuda a influencia combinada do meio e do homem no desenvolvimento das nações. Essa sciencia estabeleceu principios e descobriu leis. Os factores geographicos agem forte e persistentemente. Não importa que a natureza opere em silencio escondendo-se á nossa perspicacia. "*O elemento geographico é uma força estavel. Jamais ella dorme.*" Nisso está a sua grande importancia na historia do desenvolvimento humano, disse Mrs. Sample. "*Cambiante, plastico, progressivo, regressivo*" é o factor humano.

Estabeleçamos bem claramente: os factores geographicos são o elemento constante da formação do Estado, o homem retarda ou accelera a sua adaptação, isto é, a sua marcha.

O conhecimento geographico de um paiz é, pois, uma das maiores necessidades politicas. Felizes seremos nós se penetrarmos toda a extensão desta verdade. Muito frequentemente gastamos em garrula contemplação o tempo que deveramos despende em analyse aturada.

E' com essas predisposições de espirito que vamos iniciar o estudo do problema das seccas, certos de que da ignorancia dos factos anthropo-geographicos decorrerá o mal-estar economico e social que ellas enfeixam.

A ordem social fica profundamente affectada. A caminho da cidade já os famintos vinham derrocando as leis. O retirante na estrada não respeita a propriedade. O proprietario não a pôde defender com efficacia e, afinal, desesperado, tambem avoluma o exodo.

Nas cidades do littoral esta perturbação da ordem social é temporaria, porque, depois de passada a fome, com o refluxo dos retirantes para o sertão, tudo volta ao seu estado normal. Nas serras, escapas ao flagello, porém, a alteração é principalmente de ordem economica, porque o retirante, ahi, procura fixar-se. Foram as seccas que determinaram o povoamento das serras do Norte, para as quaes os primeiros habitantes não se sentiram attrahidos. No Sul, as serras foram povoadas pela mineração e lavoura de café.

Qual a causa immediata dos exodos? A falha das colheitas, o desaparecimento das pastagens, a morrinha do gado. As minguadas reservas alimentares e a rama pouco valem para a economia. Apenas retardam um pouco a retirada. O sertanejo não tem "stock" de generos. Não os pôde ter. "Stocks" só tem o commercio que dispõe de capital. Chegamos então a um grande problema, o da incapacidade do sólo para a permanencia das culturas, já impressa em uma vegetação de feijão característica, produzindo uma flóra typica. A flora sendo assim original, haverá sem duvida tambem forças especiaes que regularão o desenvolvimento das culturas. Ha, pois, uma face botanica e agricola a considerar.

A agua no sob-solo indispensavel ás plantas silvestres e domesticas depende de dois factores principaes. A capacidade das rochas de reterem o liquido, capacidade decorrente da inclinação e da porosidade, é um delles. O outro factor, exterior ao solo, é o clima que determina a chuva e o vento e que tão directamente influe no desenvolvimento da vida animal. Mas o clima resulta da situação geographica da região e do seu relevo. Chegamos assim finalmente a um problema geographico ou melhor, astronomico.

Assim, temos esboçado, em toda a sua complexidade, o phenomeno das seccas. Se nos propemos procurar a solução ou as soluções do problema, devemos forçosamente considerar todos os factores determinantes do flagello, já apontados no processo do seu desdobramento. Certamente, elles variam de intensidade, de importancia no tempo e no espaço, mas é do seu conjuncto, das suas variadas combinações que resulta a secca.

Da importancia desses factores sabemos por estimativas. Estas dependem essencialmente do nosso poder de observação e da nossa cultura na ordem scientifica a que pertencem os varios factores que determinam o phenomeno. Por isso, a avaliação da importancia a dar ás diferentes feições do problema, a geographica ou geologica, a climatologica, a botanica, a da engenharia technica, a hygienica, a economica, a social, e a outras ainda, depende de um coefficiente muito pessoal. São estimativas para ser interpretadas antes de ser discutidas. Ellas são tambem assimilaveis na proporção da cultura de cada um. Por isso as mais das vezes escapam á critica. Mas, é innegavel, o problema não terá solução antes de considerado, no conjuncto e devidamente, sob todos os seus aspectos.

Demos agora um balanço nos conhecimentos que possuimos de todos elles.

Como região semi-arida ou das seccas devemos considerar a dos rios não perennes, a que vai da corrente do Parnahyba, o rio lindeiro do Piahy, aos mais septentrionaes dos afluentes mineiros das duas margens do grande S. Francisco.

E' uma vasta região, talvez a decima parte da superficie do paiz. Mal alcança o oceano, porque no littoral cae bastante chuva em uma faixa estreita, que se expande para o sul. Verdaderamente a região semiarida é interior. As capitaes dos Estados flagellados foram localizadas no littoral, nessa faixa pluviosa, ou em ilhas de chuva, fóra della. Por essa razão, nós, do sul, aportando quasi sempre de passagem a esses pontos dos Estados flagellados, só podemos apanhar o phenomeno das seccas por indução e deducção, portanto, sem a consciencia immediata do facto. Mal comprehendemos o homem da Parahyba, por assim dizer atolado no brejo, entretanto atemorizado com a secca. Toda a sua vida gira, de facto, sob a pressão do interior secco. Os phenomenos vibram no sertão e propagam-se para o littoral. Mas são terras muito differentes. O sertanejo achincalha o brejeiro, attribuindo-lhe culturas de *Pulex penetrans*. O brejeiro desforra-se nas seccas, vendendo ao sertanejo bem caro o seu gerimum. Não é futil observação. E' um traço psychologico de homens de terras differentes. O motejo entre povos é o echo remoto da inimidade mal comprimida gerada pelo contraste das terras.

Mas essa faixa littoranea tem uma feição geologica especial. E' de planicies apenas elevadas sobre o mar, onde finda em barreiras, ora cortadas de brejos, ora semeadas de dunas. Região pouco ondulosa, formada de sedimentos horizontaes, pouco profundos, repousando no granito impermeavel.

Para dentro, no interior, a terra é immensamente variada. O Piahy é região de chapadas e taboleiros. Os sedimentos são particularmente arenosos, portanto bons para reter agua. São pouco ou nada inclinados, tornando assim facil a pesquisa do liquido. Os rios em geral cortam profundamente os estratos e correm interminaveis apertados ou vãos. Podemos imaginar portanto que o interior do Piahy se apresenta como uma terra formada de grandes blocos elevados e aplainados, com os rios correndo pelos desvãos. Mas para o sul, o sertão é de sólo granítico, apenas ondulado. Póde-se desde já estabelecer que, tanto o norte como o centro não se prestam á açudagem. O Piahy é principalmente terra para poços.

Do Ceará á Parahyba a terra é inteiramente outra. Resumindo a sua feição topographica diremos que é semeada de montanhas caprichosas, separadas por vastas e frequentes planuras. Está quasi completamente isolada por alta barreira de montanhas, que lhe voltam as suas faces abruptas, apertando a região em circulo. E' a terra idéal para a açudagem. Sólo por via de regra impermeavel á agua e semeado de gargantas que se inserem nas planicies, vastas superficies irrigaveis, immensas bacias de captação d'agua, permittindo o minimo esforço de construcção, em apertados boquefrões.

Nesta região occorrem algumas das feições geographicas mais caracteristicas do Brasil. Não fallaremos do planalto da Borborema, que são os restos crystallinos de um antigo terrapleno que descamba da Parahyba para sudoeste, a perder-se entre as chapadas desfeitas, que da Bahía e do Ceará avançam para o sertão pernambucano. Apenas diremos algo da chapada do Araripe. Sob muitos aspectos ella é um singularissimo accidente geographico. Já é caracteristica a sua fôrma topographica. Sobreveniência de um antigo planalto erodido com a sua continua borda abrupta, o seu topo chato, é um pedaço de terra que ficou suspensa na gemma do sertão, para condensar os vapores humidos que os ventos transportam nas alturas e para acolher nas suas collinas as ondas humanas que affluem da catinga. E' coroada de camadas porosas, que sorvem a agua da chuva cahida no alto, para vertel-a em fontes, a um mesmo nivel da encosta, ao contacto dos sedimentos impermeaveis. Estes guardam peixes petrificados, que forneceram a chave da geologia adjacente. A antiga matta virgem das nascentes, já destruida, pluviosa e tropical, e os campos de

agreste de cima da chapada, faziam contraste com o matto secco, com a catinga, indefinidamente estendida pela planície baixa circundante. Allí, onde a borda aprumada se transformou em collina humida, o homem destruiu a floresta, estabeleceu-se e amoldou-se á terra. Adquiriu costumes originaes, creou individualidade, inventou uma irrigação parca para o sólo inclinado, estabeleceu uma operosa vida agrícola, até fez leis, impondo o seu direito costumeiro, que regula o uso agrícola da agua. Precisaré dizer que elle é mais respeitado que as nossas leis custosamente elaboradas aqui?

Quando o viajante chega extenuado á borda da catinga e do fim da planície baixa repousa a vista na encosta dos Carirys, marchetada de apertados campos cultivados, resfolga o espirito abatido na vida intensa que resuda da paizagem. Aquellas cercas ennegrecidas, que dividem os quadrados das infimas propriedades, traduzem o protesto da terra ante a exigencia do maximo esforço de produção que lhe impõe o homem. Tal é a Chapada do Araripe. Assim são, no nordeste, todas as montanhas de topo chuvoso e encostas humidas.

Ibiapaba, Maranguape, Baturité, Martins e ainda outras serras e chapadas são ilhas de actividade, espalhadas pela catinga arida.

Do interior de Pernambuco para a Bahia a feição da terra é diversa. O sertão é um vasto planalto, com 300 a 600 metros de altitude, de estructura muito complicada, com uma serraria de camadas bastante dobradas, principalmente no sertão bahiano. Terra quasi sem boqueirões ou apertados na proximidade de planicies irrigaveis, não é terra para açudagem, mas camadas permeaveis abundantes permitirão a perfuração de poços para agua por varios systemas. Certos estratos porosos, contorcendo-se das serras para as planuras, levam agua sob pressão e devem originar verdadeiros poços artesianos. Pela sua estructura complicada e accidentado relevo, é lá que os problemas geologicos assumirão a sua maior importancia, sob o ponto de vista hydrologico. Talvez ahí encontraremos as mais avantajadas soluções para o problema dos poços.

O S. Francisco é um dos traços physionomicos mais notaveis da região semi-arida. Porque recebe na sua alta bacia chuvas abundantes, tem curso perenne. Sem duvida essa circumstancia traz uma inapreciavel repercussão na economia da região. Sabemos o factor consideravel que elle foi no curso da nossa historia colonial. Geologicamente pouco sabemos da sua vida: um grande rio, dos maiores do mundo, muito velho, mas ainda correndo tranquillamente, em quasi todo o seu curso no planalto.

A chuva caracteriza perfeitamente um clima. Por isso, com bastante razão, Penck basêa a sua classificação dos climas continentaes na quantidade de chuva cahida.

Habitualmente se differencam no nordeste tres climas: o do littoral, o das serras e o do sertão. No littoral e nas serras, por via de regra, ha chuvas sufficientes. O clima caracteristico das seccas é o do sertão. Esta noção, elemental hoje, da distribuição da chuva do nordeste, levou muito tempo a ser comprehendida. Até muito recentemente calculava-se a quêda da chuva no sertão do Ceará pela da Fortaleza.

A chuva na região semi-arida cae com a maior regularidade: cae irregularmente no correr dos annos, irregularmente no correr de uma mesma estação, ainda irregularmente sobre a propria superficie. A isto accresce que o periodo annuo das chuvas é restricto. Chuvas escassas e muito irregulares, eis outra noção

que só modernamente ficou firmada, depois dos quinze annos de observação em Quixeramobim.

Verdadeiramente não ha falta de chuvas nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, justamente os mais flagellados. Ella é mu'tissimo maior na Bahia e no sertão pernambucano. Em Quixeramobim, no centro do sertão cearense, a média da quèda da chuva é de 591 millimetros annuaes, mais do que em Pariz ou Roma. Em anno escasso aquelles sertões têm 400 millimetros. Em Joazeiro, porém, na Bahia, a quèda é sómente de 265 millimetros, em Caruarú, em Pernambuco, de 106, médias de cinco e tres annos. O districto do baixo S. Francisco, desde as proximidades de Joazeiro até Piranhas não longe da foz, esse sim, é typicamente secco, quasi arido. Nenhum affluente do S. Francisco, ao norte da cidade da Barra, é permanente.

Nos Estados mais flagellados, do Ceará á Parahyba, nunca houve anno sem chuva; ellas são apenas irregulares e sempre escassas. Na Bahia, menos flagellada, ha muito menos chuva.

A razão dessa apparente anomalia está menos no facto meteorologico do que nos efeitos de natureza economica. A intensidade do flagello decorre principalmente da relação da densidade da população. Os sertões do Ceará á Parahyba são bastante fertéis e habitados. Por tal razão a região de população mais assolada não coincide com o centro geographico das seccas. E é por isso tambem que a secca assola a India e não o Sahara ou as grandes planicies desertas da America do Norte.

Vejamos como cae uma chuva em Joazeiro, em Outubro ou Novembro. O vento habitual de este, vento do mar, amaina e pára. Ha um momento de calmaria. E' curta e cessa com um vento violento de oeste, vindo ao que parece, das chapadas que dividem o S. Francisco do Tocantins. E' tão forte que destelha casas. Cae em seguida uma chuva cop'osa. De uma elevação se vê que ella molhou uma legua de extensão sobre meia de largura. Precipitação violenta e restricta, irregular.

Em Quixeramobim, em puro sertão cearense, o phenomeno passa-se semelhantemente. A chuva allí cae depois de acalmado o vento chamado "aracaty", verdadeiro aliseo. Logo depois da calmaria curta caem as chuvas vindas das serras e chapadas limitrophes do Estado.

Ao norte a intensidade das chuvas vae do equinoxio ao solsticio, principalmente de Março a Junho. Nem sempre occorrem as chuvas zenithaes, de cajú, de rama ou de umbú, em Outubro, quando o sol vem para o Sul, ou em Fevereiro, quando volta para o Norte. *Rama* no nordéste é a folhagem das arvores, dada em alimento ao gado depois que seccam os pastos.

Ao Sul, na Bahia, mesmo no sertão, ha duas estações de chuva com intensidades mais fortes em Março e Novembro.

As observações conhecidas e a tradição secular attestam nunca ter havido mais de tres annos successivos de grande secca.

Ao contrario do que se dá com as chuvas, os ventos na região das seccas são notaveis pela irregularidade. Sopram predominantemente no mesmo quadrante de Nordéste-sudoeste, tanto nos annos seccos como nos chuvosos, com velocidades constantes nunca excessivas. O Sr. Weber estabeleceu, muito acertadamente, que se deve procurar a causa da escassez e irregularidade da chuva, não na direcção dos ventos e sim na sua maior ou menor elevação sobre a superficie da terra. Os ventos, passando em plano elevado, não podem condensar os vapores.

Muitos autores têm procurado explicar essa escassez de chuvas pela oscillação da zona das calmarias em redor do Equador. Não vamos entrar na discussão do assumpto. Basta a simples inspecção, em um mappa, das zonas desertas do mundo

para acudirerem duvidas immediatas sobre o acerto da explicação. A zona das calmarias equatoriaes, em virtude do deslocamento do equador thermico para o Norte, conserva-se no hemispherio septentrional tanto no Atlantico como no Pacifico: sómente no oceano Indico ella ultrapassa o Sul do Equador. Taes calmarias poderiam, quando muito, explicar as seccas da India, não as nossas. Devemos suppôr, para a explicação das seccas, causas que as explanem com mais generalidade. A genese da idéa irronea entre nós talvez provenha da explicação dada ao phenomeno indico, pelos proprios sabios indianos, que o nosso caso desmonta. Concluir pelo inverso é duplo erro.

No Nordéste apenas ha calmarias passageiras. Durante muitos annos successivos não se registrou um periodo de calma completa. A percentagem de calmarias em relação aos ventos nos sertões do Ceará é apenas de 6 %.

Tambem não ha cyclos nem periodicidade nas seccas. Normal é o regimen das seccas parciaes. Certamente ha seccas geraes, as grandes seccas, assim como ha chuvas geraes, grandes invernos.

A mais remota secca conhecida no Brasil data dos meados do secu'o XVI e foi observada nos sertões do S. Francisco por uma das entradas em busca das esmeraldas. Ha tradições de seccas em 1614, mas a de 1692, que assolou principalmente Pernambuco, é a primeira reconhecidamente authentica. O seculo XVIII foi principalmente de chuvas excessivas, pelo menos oito annos salteados de pesadas chuvas. O de 1748 trouxe grandes chuvas geraes desde o extremo Norte ao Sul da região semi-árida, do Ceará á Bahia. Tambem oito seccas occorreram nesse mesmo seculo, das quaes tres ficaram memoraveis: a de 1721, do Ceará a Pernambuco; a de 1777, que destruiu sete oitavos do gado do Ceará e do Rio Grande do Norte, e a grande secca de 1793, que passou por todas as então Capitánias do Nordéste.

O seculo XIX viu dez grandes invernos e sete grandes seccas. Destas, a de 1845 teve gravissimas consequencias para o gado e a de 1877, que se prolongou até 1879, tornou-se notavel pela perda de vidas que acarretou ao homem. Em todo o sertão ainda a denominam hoje a "grande secca". Esta determinou a mortandade de 500.000 habitantes do Ceará e vizinhanças, ou cerca de 50 % da população. Nas grandes seccas em geral, porém, a méd'a da mortalidade não costuma exceder 33 %. Des mortos de 1877 a 1879 calcula-se que 150.000 falleceram de inanção indubitavel, 100.000 de febres e outras doenças, 80.000 de vario'la e 180.000 da alimentação venenosa ou nociva, de inanção ou mesmo exclusivamente de sede. Calculou-se em 2.000.000 a perda de vidas, em consequencia das seccas, de 1877 a nossos dias. Apezar de elevado, este numero não é comparavel com os algarismos indianos. Só de 1899 a 1901 pereceram 1.000.000 de habitantes com a ultima grande fome na India. Na grande fome de 1876, nas provincias indianas de Bombaim, Madrasta e Misory, pereceram cinco milhões de pessoas.

Os treze annos deste seculo têm sido de muito boas chuvas, apenas pequenas seccas parciaes. O anno corrente é de forte secca na Bahia. Se nós não contarmos grandes seccas no seculo XX, dellas não escaparão nossos filhos, podereis estar disso seguros. A reproducção do phenomeno physico é inevitavel.

Repitamos: o character das seccas ou dos invernos chuvosos é a irregularidade, sempre a irregularidade. Catalogar as seccas, omitindo as grandes invernadas, concluir sem exame detalhado das circumstancias no tempo e no espaço, é obra de romancista.

Conheceis os demais caracteres primordiaes do clima no Nordeste: temperatura média approximando-se de 25 a 26 grãos com oscillação média bastante fraca para não permittir a differença das estações. No sertão, devido á falta de vegetação verde, em uma grande parte do anno nota-se média de temperatura, pouco mais elevada

que a do proprio valle amazonico, mas, como o ar é secco, ainda os mais fortes calores são perfeitamente supportaveis. A humidade relativa é fraca: em Fortaleza varia de 62 a 80, de Março a Agosto; no interior, em Quixadá, é na média de 58,4 com um maximo de 83,4 e um minimo de 44 %. Devido a esse fraco algarismo e ás pequenas oscillações thermicas não ha sufficiente abaixamento de temperatura para provocar o orvalho, senão muito excepcionalmente. A pressão barometrica é relativamente regular e sem grandes oscillações. A evaporação é elemento importante para ser considerado pela sua influencia nos calculos dos projectos de irrigação e açudagem. Ao contrario do que se poderia presumir, nos annos chuvosos ella quasi se equipara á dos annos seccos. Explica-se isso pela maior evaporação dos mezes de Setembro a Dezembro, nos annos de mais chuva.

Em Quixadá a evaporação e infiltração conjuntamente regulam ser de metro e meio por anno.

O clima de um paiz reflecte-se na flora. A temperatura e as precipitações determinam inquestionavelmente as grandes divisões botanicas. Da combinação infinita desse e de todos os outros factores é que decorre a variedade tambem infinita da vegetação.

Para essa região de clima tão singular devemos esperar uma vegetação toda especial. Martius, o primeiro a defini-la, chamou-a *silva horrida*; latim alarmado, disse Euclides da Cunha.

Ao matto caracteristico os nossos antigos tupys deram um nome proprio — *caatinga*, que transplantamos para a nossa lingua e até se introduziu nas linguas europeas.

A catinga, a matta branca, é a vegetação typica da região das seccas. Caracteriza-a a caducidade das folhas. Ella perde completamente a folhagem na estação secca e assim dá a illusão de uma paizagem invernal do velho mundo illuminada e aquecida ao sol equatorial.

No verão a catinga mostra-se, no chão escarnado, matto baixo, inteiramente secco, de arbustos que lembram moitas de varas, com pequenas arvores esgalhadas, com um ou outro tronco limpo de alta cópa despida, mas tudo isso entremeado na desordem dos cactus variados. Com a chuva tudo reverdece subitamente e uma vegetação nova, herbacea, rasteira, brota exuberante do solo, formando em uma noite tapete voluptuoso de relva. A esse renascer chamam *babugem*; os troncos enfolham-se, é a *rama*.

A flora das catingas é uma das mais originaes e typicas conhecidas, mas ainda é campo quasi virgem para os botanicos.

Ha na catinga duas flores distinctas. A que fica secca, marca o caracter da flora permanente. Os sabios chamam-lhe vegetação xerophila. A outra que nasce todos os annos, por selecção, das sementes resistentes de longa permeabilidade é hydrophila. Como a catinga participa de ambas, chamam-lhe vegetação tropophila.

Mas a flora da catinga é singularissima. E' uma matta fechada, tropophila, de arbustos e subarbustos espinhosos, uniformes, com as qualidades e apparatus necessarios para resistir á falta d'agua ou aos effeitos das seccas. Por essa razão a catinga perde periodicamente a sua folhagem que, além disso, tem um perfeito aparelhamento para evitar o maximo da influencia da luz solar e de transpiração. Tem ainda as qualidades necessarias para resistir ao solo pobre em substancias inorganicas aproveitaveis ou rico de substancias só periodicamente assimilaveis.

As plantas da catinga têm folhas miudas moveis ou coreaceas e leitosas. Sua

superfície verde, assimiladora tanto quanto possível, é grande, mas sempre munida de pêlos protectores ou de uma camada de cêra que impede a perda d'água pela transpiração. As folhas heliotropicas trabalham durante o dia inclinando a epiderme de modo a manterem-se em angulo não nocivo á chlorophylla. Entrando a secca tombam e pulverisam-se no solo e o vento as leva em nuvens, impedindo a formação de humus.

Particularizemos algumas propriedades que representam um notavel exemplo de adaptação da flora ao meio. Além da predominância de plantas de folhas heliotropicas, são principalmente communs as plantas de tuberculos nitrificadores nas raizes, como certas leguminosas. E' uma consequencia do sub-solo em geral pouco profundo e secco do sertão. Com os tuberculos as plantas assimilam no ar o azoto que as raizes profundas costumam ir buscar em baixo do solo. Na catinga em geral, as plantas têm raizes superficiaes, desprovidas commummente de pillulos.

Da cêra protectora contra a transpiração temos um exemplo notavel na carnaubeira — *Copernicia cerifera*. Todos nós conhecemos a importancia economica dessa palmeira, principalmente pela produção da cêra. A carnaubeira tem vasta distribuição na America do Sul, galgando até o sopé dos Andes. Em Matto Grosso é conhecida por carandá, mas nem ahi nem no Chaco boliviano se extrae cêra. A produção da cêra em condições de extracção commercial é o resultado de uma estimulação physiologica resultante da adaptação ao meio. Logo ao brotar, a folha da carnaubeira cobre-se de tenuissimos bastões de cêra. Cortam a folha no fim da estação secca, antes da chuva de cajú, e batem-n'a para ajuntar a poeira de bastões. Fundida ao fogo essa poeira produz a cêra commercial, de valor cada vez mais crescente. Não é a unica palmeira que produz cêra. Nas regiões do Nordeste da Colombia a *Ceroxylon andicola*, conhecida localmente por — *palma de cêra* — e que vegeta até 3.000 metros de altitude, dá um producto semelhante.

Os troncos das arvores na catinga são sempre pequenos e uniformes, multiramificados, de casca de madeira dura. Por isso uma das maiores singularidades da catinga é a barriguda, — (*Cavanillesia arborea*, Mild), K. Shum. — arvore colossal, de madeira molle, de tronco entumecido em fórma de tonel. Tem a propriedade physiologica de armazenar agua no lenho para satisfação das suas funcções na secca, tempo da sua florescencia. E' irmã gêmea, physiologicamente, do Baobah (*Adansonia digitata*) dos campos africanos.

A maniçoba é arbusto da catinga, de raizes tuberosas com aparelhamento para a reserva de amidon, que se transforma em assucar na inflorescencia. Ainda não se estudou o papel do leite na economia dessa planta. A produção do leite da maniçoba, da gomma da barriguda e da agua da imburana diminuem sensivelmente ao começarem as chuvas.

Os espinhos dos cactus e das outras plantas não são sómente armas protectoras contra os animaes, são aparelhos protectores contra o calor e contra as seccas.

Uma ou outra arvore da catinga conserva, na secca, a sua folhagem. O joazeiro é a que mais resiste. Em 1825, na grande secca, esta arvore distillou um liquido abundante que os famintos tomaram por mel. Alteração physiologica determinada pelo excessivo rigor climatico do anno.

A catinga varia com as condições regionaes do clima e do solo. Só muito excepcionalmente se avizinha da altitude de 800 metros. A catinga confunde-se, assim, nos seus limites extremos com a matta invernosa tropical ou torna-se carrasco na sua transição para o deserto, no outro extremo.

O nivel da agua nas ipueiras e lagôas oscilla profundamente na região das

seccas; existe allí tambem uma flora amphibia, na verdadeira significação da palavra, ainda não estudada pela sciencia.

A mata quasi não influe para o augmento da precipitação. Ella não provoca mais de 1 % de chuva. Outr'ora o assumpto foi controverso, mas, os institutos allemães o esclareceram completamente. A floresta influe principalmente sobre o escoamento da agua que cae na superficie da terra e diminue o effeito torrencial.

O florescimento é, pois, util não só como correctivo ao regimen torrencial das correntes mas tambem e principalmente como medida economica em uma região de poucas madeiras. Elle determinará influencias locais beneficas e deve ser um complemento indispensavel da açudagem.

Da influencia combinada, do caracter e modo de occorrença das rochas, do clima e da vegetação, resulta o regimen hydrographico de um paiz.

Salvo o Parnahyba, nos limites do Maranhão, e o grande S. Francisco, os rios do Nordeste não são perennes. Permanecem completamente seccos ou cortam durante a maior parte do anno.

Do regimen hydrographico da região sabia-se, até ha bem pouco tempo, apenas o que ensinava a sabedoria sertaneja. As primeiras noções precisas do regimen dos cursos d'agua da região semi-arida provieram das valiosas observações de Quixeramobim. O serviço de medição directa das correntes installado pela inspectoría das seccas, em toda a região do Nordeste, juntamente com os postos pluviometricos, já permite, sómente com tres annos de observações, o conhecimento seguro das principaes caracteristicas das correntes e a avaliação, com um pequeno erro, do volume escoado diariamente pelos rios.

As descargas dos rios são intermitentes, com enchentes durante os aguaceiros e logo depois delles. Ainda mais, sendo extremamente variavel a relação entre a agua descarregada por um rio e a da chuva que cae a montante, comtudo as suas relações não ultrapassam determinados limites. Nos interessantissimos diagrammas fornecidos pela Inspectoría se poderá delectrear, para cada um dos rios da região semi-arida, o curioso regimen fluvial, uma vez que acompanhemos esse estudo do exame das condições geologica, topographica e botanica de cada bacia. A differença de regimen nas duas bacias do Poty e do Quixeramobim, situadas contiguamente, mostra a extraordinaria irregularidade na propria região. Por isso comparar o regimen dos nossos rios do Nordeste com os de outros paizes, ou mesmo da India, é grande erro. Os diagrammas do Ceará-mirim, no Rio Grande do Norte, comparados aos do Jaguaribe em um golpe de vista mostrarão a differença das correntes entre um pequeno curso perenne e um rio não perenne.

O facto importante a assignalar, resultante da observação, é o seguinte. Os rios não perennes do Nordeste escoariam bastante agua para as necessidades agricolas da região, se com o regimen torrencial, não seccassem muito rapidamente. O problema se reduz, pois, á retenção dessa agua abundante impedindo que se escôe tão velozmente. Esta conclusão é exacta mesmo levando-se em conta o caso de rios, como o Quixeramobim, que em dez annos de observação deixou de correr um anno inteiro. Em compensação outros annos foram de agua abundantissima, e naquelle mesmo anno houve correntes em outras zonas. Irregularidade, sempre a irregularidade, tal é tambem o regimen fluvial.

A solução naturalmente indicada para retenção d'agua é a açudagem. Guardar a agua cahida no inverno para distribuil-a na secca; guardal-a nos annos chuvosos

para distribuil-a nos escassos, que raramente são geraes, raramente são continuos, só excepcionalmente chegam aqui, como nas Indias, a reproduzir-se por tres annos successivos. Mas a açudagem depende das condições locaes e só ellas decidirão pela grande, pela media, ou pequena açudagem.

Mas a agua não se escôa sómente pelo leito dos rios. Ella se infiltra pelas rochas e dá logar ás fontes ou ás reservas subterraneas. Os poços estão naturalmente indicados, sempre que as condições locaes demonstrem a existencia d'agua subterranea.

O conhecimento da agua subterranea presuppõe o da natureza e estructura das rochas. Por isso na perfuração dos poços a obesrvação geologica é tão importante como o trabalho mecanico.

De estudos geologicos emprehendidos na região semi-arida resultaram valiosas observações sobre o regimen d'agua profunda em varios districtos.

Já podemos precisar, para as differentes regiões das seccas, as soluções technicas que comporta o problema da agua, de accordo com as condições especiaes de cada uma.

O Piauhy é terra de chapadas e taboleiros, constituídos quasi que só de rochas arenosas de grande permeabilidade. Apenas no extremo sul ha zona crystallina bastante secca. Na maior parte do Estado as chuvas são mais regulares que no Ceará, e supprem, invariavelmente, todos os annos, os reservatorios subterraneos. Como sabemos que a topographia não apresenta boqueirões ou localidades convenientes para barragens, a solução do problema alli está naturalmente indicada: é a abertura de poços que encontrarão agua profunda, nos limites de 150 metros. Essa solução será sufficiente para as zonas pastoris do Estado e para as que se destinam á cultura intensiva da maniçoba. A irrigação pelo Parnahyba, feita pelo mesmo systema que adoptarmos para o S. Francisco, completará a solução do problema nesse Estado, onde prosperará a cultura do algodão.

Pequenos e mesmo médios açudes serão construídos só em zonas restrictas e prestarão grande auxilio á cultura dos cereaes.

O Piauhy é região principalmente pastoril, fadada a ser talvez o mais prospero centro de criação de gado do Brasil. O seu clima presta-se melhor que o do sul para esse fim. Foram as seccas e o abandono da criação pelo homem a causa da degenerescencia do seu gado. Sabemos que o cavallo conservou no extremo Nordeste as suas perfeitas fórmias arabes primitivas e tambem a sua grande resistencia. E' de lá e não do Sul que faremos futuramente a principal remonta para o nosso exercito. Como os poços no Piauhy não serão muito profundos, o povo, depois de educação e exemplos sufficientes, os fará por si. Eu creio que na maior parte do Piauhy, pelo menos no Norte e no centro, ha muito menos irregularidade de chuvas que nos Estados meridionaes vizinhos. Os poços darão a agua para uso domestico e para o gado. Depois ou conjunctamente virão a cerca e a fenação das magnificas forragens, como as succulentas pastagens de mimoso. Descendo-se do boqueirão do Poty em direcção a Therezina, pela região de terras humidas de Marvão, é possivel ajuizar da excellencia das condições para o desenvolvimento do gado. Mais ao Sul, as Fazendas Nacionaes, outr'ora de Domingos Affonso Sertão e dos antigos jesuitas, são afamadas.

Os sertões do Ceará, da Parahyba e do Rio Grande do Norte, são ao contrario a terra idéal para a açudagem. O solo é principalmente de rochas impermeaveis, crystallinas, graniticas, sem agua profunda, mas a topographia accidentada offerece

numerosos boqueirões e estreitas passagens entre montanhas, na proximidade de extensas varzeas e planícies próprias para a cultura facil. Com agua açudada esses Estados produzirão todas as culturas tropicaes. As sementes ahí têm um poder germinativo desconhecido no resto do Brasil.

Mas a açudagem no Nordeste vale pela irrigação.

E' conveniente lembrar aqui que nós de outros Estados difficilmente comprehendemos as coisas do Nordeste. Independentemente de outras razões, a isso se oppõe, por vezes, a variabilidade da significação dos proprios termos.

Quando, aqui no Sul, pronunciamos a palavra "açude", a imagem que se fórma em nossa mente é a de um lago artificial, cheio d'agua, de nivel constante todo o anno e de onde invariavelmente se desvia o liquido para tocar uma roda ou moinho. Para o homem do Nordeste a palavra tem significação muito differente que sem explicação ninguem, no Sul, será capaz de comprehender. Para o sertanejo a imagem que vem á mente ao enunciar a palavra é muito outra. E' justamente a opposta, a da vasante onde faz a sua cultura. Cultura de vasante é cousa que ninguem entende no Sul.

A lavoura de vasante emprega um processo de rega inteiramente peculiar ao Nordeste e desconhecido em todas as outras partes do mundo. E' a cultura que o sertanejo faz no leito dos rios e nas margens dos açudes, á medida que o nivel d'agua vae baixando, onde se aproveita não só a humidade profunda do terreno, mas ainda o limo fertilizante que fica depositado com o recuo das aguas. Os rios correm de tres a cinco mezes no anno. Feito isto, seccam na superficie, mas conservam por bastante tempo um lençol d'agua subterranea que caminha, que se escôa, renovando até a agua dos poços ou talhados. Tambem no açude, quando a agua se retira da superficie, ainda continúa em profundidade mantendo o nivel do reservatorio. Pois é no proprio leito do rio e no fundo do açude que o sertanejo faz a sua cultura de legumes, a sua plantação annual, que deve estar terminada no inverno, antes da descida da corrente ou da subida d'agua na represa.

Devido á topographia especial da região, as bacias a montante das barragens são vastas e de fraca declividade. Metro e meio de baixa num açude, e tanto é o que elle perde em profundidade só pela evaporação annual, põe a descoberto vastissima extensão de vasante cultivavel. Aqui não existem condições topographicas semelhantes e tambem isso difficulta a comprehensão do assumpto.

Na região das seccas, quando o proprietario não aproveita, directamente, elle proprio arrenda as vasantes e, á medida que a agua recua, vae sendo apanhado aos cestos o peixe, antes que o açude seque de todo. Nos poços profundos, do rio ou do açude, fica o cabedal necessario para a conservação das especies e a proliferação na proxima estação invernosca.

Podemos assim medir o alcance economico do pequeno açude e da sabia disposição administrativa que estabeleceu a sua construcção pelo regimen dos premios.

Compreende-se agora porque o pequeno açude no nordeste não é feito propriamente para tocar munjolos, mas principalmente para permittir a cultura.

Só a grande açudagem permittir a plena irrigação e a cultura intensiva. Só ella dará solução ampla ao problema nesses tres Estados. Nas margens dos rios perennes só a praticarenmos quando as condições economicas o permittirem e só então. Nos vastos sertões da Parahyba ao Ceará devemos pratical-a desde já, onde as condições a justificarem, sempre que ellas a justificarem. Allí ha condições naturaes excepcionaes, sufficiente população em condições de ser concentrada mediante pequeno e espontaneo deslocamento, ainda mais, ha a impossibilidade de outra solução satisfatoria.

A realização da grande açudagem no nordeste depende muito mais do progresso da nossa intuição economica do que de qualquer outra consideração.

Repugna ao bom senso deduzir da má collocação de uma grande barragem, construida nas nascentes de um corrego, a inutilidade de todas as outras. Os prejuizos de ordem moral que advieram desse facto e geraram o preconceito, são incalculavelmente maiores que o dinheiro gasto improductivamente.

Sahindo do sertão, nas encostas das chapadas e das serras, apparecem as fontes. Já vimos o papel que ellas representam na economia dos sertanejos. A certeza das aguas profundas no topo das chapadas do Araripe e Apody, demonstrada pelos reconhecimentos geologicos effectuados recentemente, permite augurar segura prosperidade, em futuro muito proximo, para essas zonas, ainda deshabitadas, principalmente por falta de agua para usos domesticos. Em ambas é possível obter, a pouco mais de 100 metros, agua profunda, abundante para aquelles fins. Da Parahyba ao Ceará se farão, portanto, simultaneamente, a grande e média açudagem e irrigação para a cultura intensiva e permanente, nas planicies extensas, capazes de grandes reservas de agua nas proximidades; a pequena açudagem por toda a parte; o poço nas chapadas e nas zonas sedimentares; a regularização nas encosetas das serras e chapadas, das fontes, que poderão ser augmentadas em numero e em descarga, mediante obras subterraneas convenientes.

Realizado este vasto programma, esses tres Estados concentrarão uma grande população agricola, que se entregará á cultura intensiva do algodão para exportação, á da canna de assucar para o consumo interior, á dos cereaes ou legumes de uso, á da maniçoba e á das plantas de fibra e de applicação ao fabrico do papel, e tambem á criação de gado. Depois virá a industria consequente.

Com isso não se transformará de um modo completo a superficie dos Estados em ininterrupto campo de culturas. Mas tal não se dá em parte alguma. A maior força e riqueza de S. Paulo vem de algumas manchas de terra roxa, perdidas na vasta superficie do Estado. Foi dahi e como consequencia que decorreu a prosperidade das outras zonas. Todas as estradas de ferro paulistas cortam tambem vastas zonas estereis de cerrados, ou largos tractos de terra inculta, antes de ganharem a terra abençoada.

Pelas suas condições naturaes é no sertão bahiano que o problema terá mais difficil solução. Ha grandes extensões niveladas de rochas graniticas, impermeaveis á agua, que se tostam a um sol ardente, em zonas quasi sem chuvas. Ahi teremos sempre o deserto. Mas são ilhas que occorrem em uma vasta região de estrutura muito complicada, onde os poços terão a sua me'hor e mais completa applicação. E' no Estado da Bahia que se formarão os nossos hydrologos. Camadas profundas, porosas á agua, comprimidas entre outras impermeaveis, vão buscar no alto das serras a agua abundante da chuva e inclinando-se em contorsões, vão leva-la, sob pressão, muito longe, no baixo sertão secco. Nessas zonas, como no valle do Salitre e noutros, devemos encontrar a verdadeira agua arteziana, o liquido jorrante.

Não nos deteremos sobre o problema do S. Francisco. Se a imaginação e o sentimento forem factores predominantes quando se ventilar esse grande problema, poderemos talvez assistir a um grande desastre. Em virtude de um principio elementar de irrigação, não se pôde pensar em transportar um rio a distancia para fins agricolas alheios, antes de se satisfazerem necessidades ribeirinhas. Seria absurdo roubar á terra mais secco do paiz a garantia unica do seu futuro, fazendo um rio perenne galgar montanhas para lançar, a mais de 200 kilometros de sertão resequido, em uma região que dellas não precisa, as sobras mingudas que se subtrahissem ás grandes infiltrações e evaporações do trajecto.

Estudos procedidos pela Inspectoria das Seccas demonstraram que para conduzir a agua do S. Francisco ao Ceará, seria necessario transpor 210 kilometros de catingas de sólo pouco decomposto profundamente e faz-la subir 180 metros, que tal é a differença entre Boa Vista, no grande rio, e Belmonte, na supposta garganta dos Porcos. Essa garganta é de pura imaginação, pois a linha divisoria das aguas do São Francisco com as do Jaguaribe, na alta bacia do riacho dos Porcos, é uma simples linha de divisão de aguas, collocada nos restos de uma chapada realmente sem gargantas.

A solução para o problema do S. Francisco está no aproveitamento das suas margens planas, mediante projectos parciaes de pequena irrigação, com bombas, como se faz no rio Colomb'a, no noroeste dos Estados Unidos, onde foi essa a unica solução verdadeiramente economica que decorreu do exame mais detalhado das suas condições. O S. Francisco é um rio de insignificante declividade na região semi-arida, sem logares apropriados á installação de comportas de tomada de correntes, de grande amplitude de nivel de agua, e que clama por facilidade de navegação. São condições que difficultam a realização economica de grandes projectos de irrigação por meio de canaes de gravidade. Mais facil será obter nos tributarios, que descem ou cortam as serras e montanhas proximas ás margens, a força hydraulica necessaria para os serviços das bombas. Assim, paulatinamente, á medida que as condições economicas futuras forem permittindo, por meio de projectos independentes, se grangeará a irrigação completa das cercanias.

Solução semelhante pôde estender-se ao Parnahyba, no Piauhy.

E', portanto, bem evidente que o problema da agua na região semi-arida tem variadas soluções, apontadas pelas condições muito differentes do meio physico. A propria natureza fornecerá variados correctivos que convenientemente aproveitados darão ás diversas paragens as soluções que cada uma reclama, mais que sufficientes para um grande progresso economic'o, capaz de se equilibrar, no decurso do tempo, com o do resto do paiz. Ao homem compete não retardar a marcha desse progresso.

E esse homem como é ?

Não entraremos em controversas questões de raça, mas é facto que duas forças contrarias condicionam o homem atravez dos seculos. A hereditariedade, que trabalha pela conservação dos caracteres adquiridos, e o meio que persistentemente os inicia ou os modifica. Sob essas duas influencias evolue toda a materia viva.

O typo representativo do homem da região das seccas é o sertanejo cearense, como aqui ass'im chamamos indistinctamente, tanto o habitante do Jaguaribe, no Ceará, como o do Piancó, na Parahyba, ou o do Assú, no Rio Grande, ou o do Ccindé, no Piauhy.

O sertanejo é producto dos tempos coloniaes e do cruzamento do europeu com o indigena. Desde Varnhagen muitos têm repetido que no norte do Brasil o indigena não foi exterminado e sim assimilado.

Aqui no sul, os elementos da fusão das raças foram mais heterogeneos e ainda continuam a sel-o. Não podemos po's negar que anthropologicamente a raça do nortista está mais definida e caracterizada que a nossa dos homens do sul. Vamos agora ver como essa differenciação ainda se tornou maior pela influencia do meio.

Sobriedade, perseverança, atilado espirito de observação, engenho ou astucia e actividade, são attributos que o cearense possui em alto grau. Resultam da terra semi-arida e tambem da condição pastoril. Perseverante para aguardar a irregularidade das chuvas, sobrio, economico, por necessidade, observador e analytico,

porque a catinga secca e rala o habituou a perscrutar o gado e os movimentos a distancia.

O sertanejo, como todos os filhos do deserto, é astucioso não só por necessidade de defesa ao meio hostile, como principalmente para prevenir-se contra os regulos que o meio e o regimen colonial implantaram e ainda perduram no nosso interior.

Todas estas qualidades individuaes salientam o sertanejo do nordeste quando elle passa a outras terras. A actividade do cearense fica logo em relevo se o observarmos, no sul ou na Amazonia, entre nacionaes de inferior condição social. Letrados chamaram-n'o de imprevidente. Puro preconceito: a previdencia resulta da educação e da cultura e seria anti-economico produzir o conforto que a ninguem aproveita. "*Das quatro vaccas que tinha lucrei uma que vendi. As outras tres morreram nas seccas*", e's a linguagem sertaneja que exprime a dura experiencia. O homem das catingas é imprevidente, por contingencia, na sua terra, porém não se acobarda diante da fatalidade. Quando passa a outras terras logo se revela economico e pensa no futuro.

O exercicio e a alimentação tambem fazem o homem. O vaqueiro do nordeste é bem diferente do gaúcho do sul, porque se um derruba a rez a pulso e o outro atira a bola, aquelle só come em geral legumes e poucas vezes a carne tostada da rez, como este.

Conforme o sertão, differem os estados da civilização. Os sertanejos do Cachoeiro do Roberto, no rio Canindé, ainda fazem fogo em dous pausinhos de imburana branca. Os habitantes dos sertões do Piauhy, no alto Gurgue'a, são verdadeiros nomades. Muitos não distinguem o dinheiro, outros nunca o viram. A moeda corrente, alli, são as pennas de ema ou as bolas de borracha da maniçoba. Vivem em ranchos de palha que queimam depois de algum tempo para arranjar outra morada improvisada. São brbaros matadores de maniçobas, mas doces escravos do patrão. Pelo direito costumeiro têm os patrões o direito de morte sobre os maniçobeiros, se estes fogem antes de saldar a sua divida. Com esta, sempre insolavel, passam a outros proprietarios, por negocios entre patrões. Este regimen se estende do sul do Piauhy aos confins da Bahia e Goyaz. Sem duvida vai além e aquem.

Esses maniçobeiros são nomades por necessidade. Mais para léste, dos sertões da Parahyba ao Ceará, labutam populações muito mais educadas. Ahi foram as seccas que fizeram o nomadismo. Em consequencia delle e por terem aquellas qualidades excepçionaes de resistencia ao meio hostile, fizeram a conquista economica da Amazonia e com a homologação da diplomacia, já se disse, de facto incorporaram o paiz ao Acre.

O chamado cearense, habitante daquelles tres Estados, é talvez o unico povo do mundo cuja luta pela existencia se desenrola alternadamente em dois scenarios de elementos tão oppostos, como a aridez da catinga e a mata exuberante e inundada da Amazonia. O paroara deve ser um typo acabado de resistencia aos meios hostis.

Não se pôde negar que existe verdadeira tendencia para o espirito de cooperação no homem do Nordeste. Elle se manifesta francamente nas serras, na distribuição d'agua. A região dos Carirys está nas fraldas da Chapada do Araripe, onde brotam, de falhas da rocha, fontes poderosas. Nesse s'ngular altiplano, um uso tradicional, que regula a distribuição d'agua para a irrigação, é rigorosamente mantido sem o prestigio de autoridade alguma. De cada fonte sahem regos e canaes que, subdivididos, se espalham pelas multiplas e pequenas propriedades das encostas. A cada lote de terra cabe, no mez, determinado numero de dias, dous ou tres, para o uso da agua. As terras se transmitem com esse direito que tambem é objecto de commercio,

quando o proprietario, não fazendo a cultura, pôde dispensar a agua em proveito do vizinho. E tede esse complicado mecanismo da distribuição d'agua para as culturas move-se espontanea e methodicamente ao unico impulso do interesse collectivo, sem lei escripta, tradicionalmente. Sem duvida alguma ha nesse facto o espirito de cooperação que se desenvolve em todos os povos sujeitos á luta commum contra os elementos naturaes.

A agua em todos os paizes necessitados de irrigação, tanto no Egypto como na India ou na China, foi um forte factor de politica e civilisação. Aqui tambem será assim.

Na ordem moral, uma notavel consequencia da aridez do clima, a Arabia o comprova, é o nascimento do fanatismo e da intolerancia. A região semi-arida fornece exmplos notabilissimos dessa influencia do meio sobre uma população ainda inculta. Por ignorarmos de facto a sua origem e a sua força, engastamos na nossa historia a memoravel tragedia que foi relatada em um livro immortal. O fanatismo de Canudos explica-se pelo effeito psychologico da aridez do meio. A observação demonstra que o ar puro e secco estimula as faculdades do homem, mas, se o meio arido e monotono não lhes pôde fornecer o trabalho necessario, o espirito torna-se então contemplativo, assegura Mrs. Sample, e a actividade intellectual fica restricta ou improductiva. Só a imaginação se expande livremente.

Essa tendencia contemplativa do espirito é latente na região semi-arida e continuará a sel-o enquanto o povo fôr inculto e de idéas restrictas.

Intelligentemente aproveitada, essa força, que é o fanatismo, pôde transformar-se em trabalho util de progresso, quando se concentra sua direcção nas mãos unicas de um homem bem intencionado, a cujo menor aceno se movem as massas. O grande perigo do fanatismo e da intolerancia nas classes ignorantes está na sua insopitavel tendencia para a propaganda. Elle será sempre uma ameaça ao bem-estar e á tranquillidade dos sertões. Elle já nos deu dolorosos momentos de angustia e só ha um meio de combatel-o: educar o povo.

E' principalmente pela observação das condiçõs sanitarias da população que se poderia mostrar o estado embryonario da sua educação. Não é que o homem do Nordeste não seja limpo. Ao contrario, elle lava-se e banha-se mesmo mais que o de muitas regiões civilisadas, mas elle desconhece completamente as noções mais comensinhas de hygiene. Affirmamos isso todos nós, viajantes e exploradores, que andamos pelo interior. Na estação secca, a cacimba mostra a mais repugnante promiscuidade do homem com o gado. Assim se propagam muitas molestias. A questão sanitaria poderia ser considerada sob muitos aspectos. Limitar-nos-hemos simplesmente a enunciar uma verdade já bastante conhecida, mas que precisa ser diariamente repetida. Os portos do Norte, as cidades littoraneas, os Estados flagellados não podem continuar a manter os seus focos permanentes de febre amarilla. Estes não constituem sómente uma impossibilidade para o progresso da região; são uma constante ameaça ao nosso proprio estado sanitario aqui. A Inspectoria das seccas lamenta perdas irreparaveis no seu pessoal, devidas a essa molestia. Os profissionaes eminentes do Instituto Oswaldo Cruz, no reconhecimento sanitario que fizeram da região semi-arida, por solicitação da Inspectoria, declararam que muito facilmente se extinguirão os dous focos de Fortaleza e Camocim, de onde a molestia se irradia para os sertões pela via-ferrea. Sem duvida o mesmo se poderá dizer dos outros Estados flagellados.

Socialmente ha duas classes no sertão: os proprietarios e os moradores ou aggregados. Estes constituem talvez 80 % da população do interior. Não ha estatisticas, o algarismo á meramente estimativo. O aggregado vive em terra de emprestimo,

onde faz a sua tosca moradia. Os que vêm na pobreza e selvagem rusticidade das habitações sertanejas uma manifestação da indolencia nativa deveriam reflectir que ninguem promove construcção solida em terra alheia. Ora, nos sertões, 80 % das moradias estão nessas condições. O morador sente-se protegido pelo proprietario e retribue o apoio com dedicacão de capataz e até de capanga. Herbert Smith já notara, em 76, que devido ao progresso das idéas democraticas o aspecto do feudalismo nos sertões brasileiros perdera muito de importancia. Nas serras esta organisação economica e social já se vai modificando. A terra alli está dividida em infimas propriedades e o morador vai-se transformando em pequeno proprietario.

A maioria da população é de vaqueiros e de lavradores rudimentares. Estes, mesmo assim, são os unicos que no Brasil inventaram um processo racional e scientifico de lavoura, o de *vasante*. Elles estabeleceram, por si proprios, a irrigação das collinas com os olhos d'agua, tanto nos Caryris, no Ceará, como em Monte Santo, na Bahia. No rio Correntes adoptaram, fóra das serras, nas catingas a roda d'agua para a irrigação dessas varzeas bahianas. Nas planicies do Jaguaribe improvisaram os seus moinhos ou cata-ventos do material exclusivo da carnaubeira.

Assim, po's, essa terra semi-arida, tão craacteristica, de tão grande contraste com a nossa do sul, já está em grande parte povoada. Ella afeiçãoou um homem com qualidades especiaes de resistencia, de engenho e de expansão que constituem hoje uma das mais poderosas forças latentes deste paiz. Mas esse homem não está sufficientemente aparelhado para usufruir os melhoramentos necessarios á manutencão da sua existencia e ao progresso da sua terra.

Chegamos assim ao mais grave de todos os problemas: o da educação. Só ella, unicamente ella, permittirá que o povo goze de sã hygiene, aprenda e aperfeioe a irrigação, promova a industria compativel com a ambiencia, adopte a fenação e use o silo, não abandone o gado, melhore-lhe a raça, facilite-lhe a agua não contaminada, desenvolva as culturas intensivas nas grandes varzeas irrigadas, abra por si poços, faça os pequenos açudes, comprehenda emfim a importancia desse grande esforço que está sendo empregado em pról do seu bem estar.

Temos condições portanto muito differentes das que se apresentam nas terras aridas norte-americanas. Havia lá vastas planicies desertas. O problema consistiu em prover-se a agua para a irrigação permanente e depois derramar sobre a terra o homem já educado e abastado.

O problema brasileiro é muito mais complexo e de muito mais vagarosa solução. Possuimos uma terra apenas semi-arida, habitada por um povo ainda não sufficientemente educado. Temos, pois, de introduzir os melhoramentos necessarios ao progresso economico da região e conjuntamente ministrar ao povo a necessaria educação, para que possa gozar desses beneficios.

O nosso problema, sob muitos aspectos, é mais semelhante ao da India, quer se encare a irregularidade das chuvas e as condições physicas, quer se attenda ás condições economicas e sociaes. Seria muito interessante o estudo retrospectivo da fome na India. Não temos tempo para entrarmos nessa analyse. Diremos apenas que sorprehe a data relativamente recente do estabelecimento da assistencia á fome fome na India. Não temos tempo para entrar nessa analyse. Diremos apenas que flagello. Só em 1869 foi pela primeira vez enunciado o principio humanitario de poupar-se, na medida do possivel, a vida ao faminto. Até 1900 prevalecia o criterio de que as obras de irrigação deviam permittir a remuneracão do capital a juro não

inferior a 4 %. Só em 1901 foi que o Governo da India adoptou o principio de levar a effecto projectos de irrigação que não tragam renda nem beneficios directos e immediatos.

Assim, para esclarecer o nosso problema, tivemos que o abranger sob os seus multiplos e variados aspectos e fomos levados a fazer de facto o rapido exame de um vasto tracto da nossa terra e do seu homem. Mas, em face da moderna concepção dos phenomenos anthropogeographicos, é mistér estendermo-nos a uma mais vasta comprehensão do meio. Somos assim arrastados a enunciar o problema politico que surge afinal, como cupula, nessa complexa edificação a elaborar. E' o mais terrivel de quantos bruxoleiam no horizonte indeciso da nossa nacionalidade.

Consiste no seguinte. O nosso immenso paiz é habitualmente considerado como uma unidade geographica. Porque fundamos a nossa unidade politica muito antes do nosso despertar economico, habituamo-nos a considerar-nos todos iguaes. Vive-mos sob a mesma lei. A mesma fôrma aspera e atrophiante teimamos em ajustar a terras profundamente diversas que laboram homens de varias texturas. Na vida de uma nação as differenciações geógraphicas, com seus contrastes e suas diversidades, se accentuam e se incorporam ao espirito á medida do progresso da evolução economica.

Só agora verdadeiramente começamos a despertar do nosso lethargo, começamos a ter a consciencia de que não habitamos uma terra, mas terras differentes, de difficeis communicações entre si, que estão tambem a afeiçoar-nos differentemente aos seus moldes. Ora, senhores, o sentimento da unidade nacional ainda é bastante forte hoje em dia, para impedir qualquer idéa germinadora de desmembramento; amanhã talvez não o seja. Uma politica se impõe agora, capaz de neutralizar os effectos da differenciação anthropogeographica, no interesse da integridade politica da nação, uma politica sem eiva de preconceitos, politica liberal, que possa evitar o choque dos interesses economicos contrarios. Ella devera ter por objecto ajuntarem-se as nossas grandes divisões phisicas, para promover, pela applicação de criterios varios, resultantes da diversidade do me'io, o consenso, o progresso compativel com cada uma. Só assim, procurando o equilibrio economico, poderemos neutralizar a tendencia permanente das regiões de grandes differenciações geographicas, para se tornarem Estados autonomos, quando retardados ou contrariados pelo homem em sua marcha de progresso.

A Amazonia humida, a catinga secca, a mata amena com os campos temperados do sul, são regiões distinctas que, dentro em breve, se não amoidarão mais, como até aqui, ao inflexivel criterio politico-economico que vimos adoptando.

O problema das seccas é, pois, na sua mais alta expressão, o problema mesmo da nossa integridade nacional.

Os estadistas benemeritos que, observando a evolução da idéa, assignaram o decreto n. 7.619, de 21 de Outubro de 1909, tiveram disso a perfeita comprehensão.

Todos vós, filhos do Nordeste, tendes a consciencia de que todos nós do Sul contribuiremos para a prosperidade da vossa terra, como vós tendes contribuido para a grandeza da nossa.

CONQUISTAS DA MEDICINA BRASILEIRA

CONFERENCIA REALISADA A 29 DE SETEMBRO DE 1913 PELO PROF. DR. DIAS DE BARROS

A solidariedade é, talvez, a manifestação mais precípua dos deveres do homem; pois que a ligação dos homens entre si representa a sua mais elevada conquista moral. E' ella que obriga todos aquelles que estudam a prover ao meio em que vivem dos conhecimentos que adquirem para que sejam uteis a esse meio e aos seus consortes de existencia; é ella que muita vez constitue pesadissima cadeia, que nos arrasta a posições de que se queriam alhear quantos desejam apenas conquistar os ensinamentos que a sciencia proporciona, para delles auferirem resultados após uma secreta e silenciosa germinação, cujo resultado poderá acaso vir á tona sem o intuito das exhibições publicas, jamais procuradas, antes evitadas por aquelles que, como eu, jamais presumem de si...

O meu illustre amigo, o Sr. Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, teve ensejo e artes de me trazer a uma situação dessas, patenteando, mais uma vez, a sua fidalguia de homem educado e tambem o cuidado, que desenvolve diariamente, no sentido de mostrar á sociedade brasileira que o instituto que, em boa hora, dirige começa já a ser o nucleo formador de alguma coisa que ainda entre nós não existe, quer dizer, de uma verdadeira escola de altos estudos, porquanto, na realidade, a Bibliotheca Nacional, nos ultimos tempos, tem sido positivamente isto—instrumento por meio do qual se hão manifestado os conhecimentos de muitos trabalhadores independentes, o que faz com que o seu digno Director seja o fulcro, o eixo mesmo, em redor do qual, ora giram todos aquelles que perlustram estudos desinteressados no nosso paiz.

O titulo que se consigna nos papéis publicos sobre o que vou dizer, — *Conquistas da Medicina Brasileira*—pareceria á primeira vista, demasiado ambicioso; contudo eu me deverei restring'ir, conforme venho de dizer, a tratar, exc'usivamente, das suas "principaes conquistas", mesmo porque, no prazo, dentro do qual occuparei esta tribuna, não me seria possivel desenvolver o que os medicos brasileiros hão feito em prol da sciencia medica em geral, já no dominio da clinica medica (que no da cirurgica não me caberia entrar, por me fallecer competencia para tanto, nem relativamente ao ensino, no qual fulguram tantos e tão illustres nomes), ou no da sciencia pura, que nasce nos laboratorios, vive nos penetraes delles por muitos annos e só lhes transpõe os humbraes, só evidencia as suas grandes vantagens, quando esses mesmos conhecimentos adquiridos podem sair do remanso dos gabinetes para as applicações da vida clinica, afim de confirmar essencialmente aquillo que os estudiosos desinteressadamente procuraram e conseguiram obter.

A medicina brasileira é já agora uma realidade. Ella vem do bruxolear da historia patria, dos tempos remotos em que os nossos pagés, medicos e sacerdotes

tambem, chegavam, de um modo espontaneo, a conquistar fóros de conhecedores da flora e da fauna tropicaes, dos latifundios da raça para serem o que eram no momento da conquista.

Foi a esses pagés que acharam os portuguezes, quando aqui aportaram, já iniciados em praticas exactamente iguaes ás que, ainda hoje, o tradicionalismo do atrazo mantêm firmes, no que respeita á cura de certas molestias e mui especialmente á cura de mordeduras de cobras peçonhentas, em que se suppunham mestres, o que lhes grangeou espantosa fama entre os seus iguaes e contemporancos, fama que se propagou, que ainda perdura na imaginação popular, fazendo crer que os pagés possuíam, de facto, segredos reconditos, desconhecidos de todos e a todos inacessíveis; tornando-os séres mysteriosos, quando o certo é que não passavam de charlatães involuntarios e, talvez, inconscientes.

Os pagés, na verdade, suppõe-se, costumavam curar picadas de cobras; mas era mister que a sciencia avançasse seculo e meio, para se poder saber que nem todas as cobras que mordem são venenosas, ou que o sendo têm a dose de peçonha necessaria para produzir funestos resultados no momento dado. Supposto que o individuo, mordido por uma cobra qualquer, tivesse occasião de sarar, depois daquellas praticas de benzeduras, esgares e outras, proprias aos pagés, sendo assim supposto curar-se de uma inoculação peçonhenta, seria preciso, para verificar-se o facto, saber si a serpe que o picara possuía, realmente, o lethal veneno. Si o não tinha, é claro que a victoria tinha sido facilima, fructo de uma conquista sem lucta...

Foi esta patria virgem, em plena natureza, independente de contacto com o mundo civilisado, que vieram encontrar os homens mais intelligentes e a quem tanto ainda devemos, que primeiro abordaram o nosso paiz — os jesuitas.

Anchieta, em 1582, recebendo os doentes da armada de Baldez, que arribára ao Rio de Janeiro, e agazalhando-os numa casa que veio a ser a nossa primeira *Casa de Misericordia*, teve opportunidade tambem, — de accordo com os seus companheiros de habito, de instaurar e registar a summa dos conhecimentos espontaneamente medicos que achára então, o que ficou estatuido no celebre livro intitulado *Arvore da Vida*, em que se indicava, como extraordinaria medicina para a cura do cancro ou cancer, já se vê que por analogia com o nome do caranguejo, em latim *cancer*, a applicação interna de pós ou "póses", como lá se dizia, de olhos de caranguejo, e a de outras partes, tambem pulverisadas, do mesmo crustaceo, sobre a propria lesão.

Essa medicina primitiva não pôde ser quasi considerada aqui; é necessario, apenas, que eu faça uma rapida citação dos nomes mais proeminentes, daquelles que em nossa patria fizeram avançar os conhecimentos medicos e, sejam brasileiros ou estrangeiros, tiveram occasião de se assignalar no Brasil na época colonial.

Quando o grande Maurício de Nassau, um dos maiores espiritos de que se tem integrado a especie humana, veio a este paiz, governal-o em Pernambuco, por parte dos hollandezes ou antes da Companhia das Indias Occidentaes, e fundou a cidade Mauricia, trouxe consigo um grupo de homens de sciencia e de estudo, no meio dos seus marinheiros e dos seus soldados; e, entre esses homens têm logar preponderante Guilherme Piso e Maregraf.

Piso é, sem contestação, o dos antigos medicos e naturalistas, aos quaes a sciencia, no Brasil, deve os mais relevantes serviços, quanto aos estudos biologicos, durante toda a época colonial. Publicou a *Brasilia Medica et Naturalis*, e o seu col-laborador e amigo Maregraf, a quem ha pouco alludi, não o pode acompanhar nessas conquistas, por haver fallecido prematuramente.

Tinha Piso apenas 26 ou 27 annos, era joven, quasi um rapaz; pois, a despeito

disso, o príncipe de Nassau lhe deu o encargo de verificar o que havia de feito, entre os índios, entre os pagés, na medicina incerta e primitiva do nosso indígena; e tal fez Piso em livros, que foram objecto de grande veneração por parte dos sábios que os receberam na Hollanda.

Em 1648, appareceu a primeira edição da *Historia Naturalis Brasiliae*, que contém, em appendice, a *Historia Rerum Naturalium Brasiliae*, de Marcgraf, já fallecido. Em 1658 deu Piso, de novo, á estampa, reeditando-a, a sua obra, com o titulo de *De Indiae Utriusque Re Naturali et Medica*, annexando-lhe a *Historia Naturalis et Medica Indiae Orientalis*, de Boncio, que então tinha principiado a exercer a arte na India.

Na alludida 2ª edição, alterou elle a ordem dos livros e mesmo o complexo do texto delles. Assim é que o fez quanto ao capítulo em que se occupa das boubas, a que denomina "Lues venerea" e ultimamente "Lues indica", como indicando que as havia por enfermidade commum entre indígenas, apesar de que entre negros e brancos tambem grassava.

Descreveu-a summariamente, mas caracterizou-a sufficientemente, como aliás succedeu a todas as molestias de que se occupou ou catalogou, acreditando, porém, que o *pian* ou *miá* dos indígenas era de natureza syphilitica, crença que foi corrente durante muito tempo em pathologia tropical, sendo que hoje essa maneira de antolhar o assumpto é totalmente contrariada. Ficou isso já demonstrado, entre nós, de modo que se pôde considerar peremptorio, em algumas memorias notaveis que appareceram nos ultimos annos, e, entre outras, uma do eminente cirurgião e medico, Chapot Prévost, meu pranteado mestre e grande amigo, e outras do illustrado professor da nossa Faculdade, Sr. Prof. Austregesio, e do notavel Dr. Silva Araujo, das quaes se infere que o *pian* é molestia *sui generis*, nenhuma relação parecendo ter com a syphilis.

Escreveu ainda Piso sobre o espasmo ou tetano, sobre as paralyrias vulgarmente chamadas "ar" ou "estupor", nome pelo qual são ainda hoje conhecidas essas modalidades morbidas no interior do paiz; distinguiu-as do beri-beri, sem comtudo assignalar a sua existencia entre nós, tal como Boncio fizera quanto á India. Tratou dos fluxos intestinaes, mormente da dysenteria, então vulgarissima no Brasil; descreveu a "inflammatio ani", ou doença do bicho, "corrupção", nome que ainda hoje conserva em Matto Grosso e que é uma infecção terrivel e gangrenosa, frequentemente incuravel ou curavel somente por processos empiricos, taes como a introduccão violenta de toucinho queimado, ou passado pela braza, de mistura com alcool e pó de pimenta.

O sabio a que estou alludindo distinguiu a "corrupção" das hemorrhoides, não só pela constancia da cephalalgia fortissima que as acompanhava, como pela presença da abertura anal e morte frequente, devida á gangrena que produzia aquella intensa affecção rectal, molestia que era um forte calor e podridão do orgam, com ulceras roedoras, com ou sem hemorrhagia e puxos, que costumava grassar no verão.

Descreveu ainda o sabio neerlandez as propriedades de certas plantas medicinaes e foi elle quem indicou a séde da peçonha ophidica que suppunha ser apenas o dente das cobras venenosas. Delle é tambem a relação exacta dos effeitos toxicos do *Bufo viridis*, no qual a sciencia veio a descobrir uma substancia toxica, um verdadeiro alcaloide de acção analogá á digitalina.

Foi ainda sob o dominio de Nassau que veio á luz, em Pernambuco, Jacob de Andrade Vellosino, insigne medico, o qual, após a capitulação de Taborda em 1654, acompanhou seu pai a Amsterdam, jamais regressando ao Brasil, do que talvez

o impedissem, suppõe o erudito Teixeira de Sousa, a sua fé judaica e as perseguições tremendas que então soffriam os seus correligionarios.

Temos a indicar ainda outros nomes, taes como o de Rodrigues de Abreu, de Curvo Semedo, de Fonseca Henriques, chamado o *Mirandella*, nome da localidade de que era natural em Portugal; entre elles, porém, sobresahe Ferreira da Rosa, medico portuguez, que teve ensejo de publicar o seu *Tratado Unico*, título por que é conhecida a sua obra capital, em que disserta sobre a *mortifera pestilencia* ou da *molestia pestilencial* que grassava em Pernambuco.

Essa molestia é nada menos que a febre amarella, que apparecia, então, pela primeira vez naquella Capitania, tendo, ao que parece, vindo o seu contagio pela Bahia e littoral, fazendo estragos iguaes, tal como rastilho incendiario, por além.

O povo pernambucano chamou-lhe "males", como querendo nessa designação conglobar todos aquelles que podesse soffrer a humana especie; os bahianos denominaram-na "bicha", por analogia dos seus com os terriveis symptomas apresentados pelos mordidos por cobra peçonhenta.

Foi esse contagio que deu logar á primeira descripção exacta, feita por profissional, da febre amarella, no *Tratado Unico*, a que alludí, e do qual ha dois exemplares exclusivos conhecidos no Brasil — um em nossa Bibliothca Nacional, e outro na Bibliothca Publica da Bahia, o qual foi computado, quer pelo erudito Teixeira de Sousa, quer pelo Professor Pacifico Pereira, este ultimo meu grande mestre tambem, a cujas excavações me reporto, do que ora passo a dar-vos conta.

A primeira parte do *Tratado Unico* originou-se da ordem que, em 19 de Abril de 1691, dera o Marquez de Montebello ao seu autor e ao Dr. Domingos Pereira da Gama, a quem notificava: "fizessem um papel no qual, com toda a distincção declarassem as causas proximas e activas da pestilencial qualidade e em seguida o remedio preservativo para as pessoas que ainda não padeceram o mal, como para os casos em que actualmente adoecerem e para as covas em que se enterrarem, para as limpezas das ruas, para a queima das roupas e para tudo mais que Vmcê. julgar conveniente, para prevenção e remedio futuro, porque estou prompto a mandar executar e cumprir".

A essa carta, applicada ao *Tratado*, segue-se a resposta de Ferreira da Rosa, em que, apenas no prazo de oito dias, em 27 de Abril de 1691, se desempenhava do encargo da descripção preservativa do contagio pestilencial e recordava que durante seis annos já o padeciam os povos, denunciando assim que o principio da epidemia occorrera em 1685 e não em 1686, como, por engano, escrevera Rocha Pitta, o notavel historiador bahiano.

Annexou, além disso, Ferreira da Rosa ao seu trabalho, o depoimento de Antonio Brebon, flamengo ou francez, pelo nome, cirurgião de uma *charrúa* (as charruas, eram embarcações que viajavam, então, entre Portugal e Brasil) denominada *Sacramento e Almas*, a qual, na travessia de Pernambuco para Lisboa, em Agosto de 1691, perdera varias pessoas atacadas da doença geral que grassava naquella Capitania.

Contém esse escripto o auto de necropsias por elle praticadas, por onde se vê ter sido medico adiantado o flamengo, homem que não primava somente pelos conhecimentos clinicos, mas tambem por conhecer um tanto a anatomo-pathologica.

Fazem ainda amplas referencias a Ferreira da Rosa os já citados Teixeira de Souza, na sua excellente *Memoria*, que venho respigando neste capitulo, e Pacifico Pereira, na sua eruditissima *conferencia* que, sobre a febre amarella, realisou na Bahia, em 1910, na sêde da Associação Commercial desta cidade e por solicitação dos seus membros.

Attribuía, então, Brebon a causa da molestia pestilencial ás lombrigas e se inculcava como havendo descoberto, no vesicatorio applicado á nuca, aos braços e ás coxas, o verdadeiro remedio para cural-a. Contra essa manifestação charlatanesca insurgiu-se Ferreira da Rosa, o qual elaborou a segunda e a terceira parte do seu *Tratado Unico*, com o fim de pulverizar os assertos do flamengo. Além de tudo ficou verificado que, nos doentes incriminados de soffrerem lombrigas, estas não existiam, conforme o resultado das necropsias que praticára o portuguez.

No combate a travar com as febres malignas e podres, era mister, declarava, fossem alvejados os tres principaes elementos: a febre, a podridão e a qualidade maligna, e entre as mais seguras armas para dar-se esse combate, estava a sangria, que elle considerava "o primeiro dos remedios grandes". Aliás só o admittia no começo dos "males", conforme o estado geral do enfermo, e "usava clysteres no decorrer da enfermidade, *alternando as ajudas frescas e confortantes com as laxativas*...

O segundo dos "remedios grandes" era a purga, que Ferreira da Rosa empregava contra a opinião corrente, que a não admittia no começo das pyrexias malignas, "por moverem esses remedios perniciosos cursos, lançando a malignidade ás partes mais profundas do corpo", ao sabor da linguagem escolastica da época, pela qual se verifica a deficiencia completa dos conhecimentos physiologicos dos medicos de então. Principiavam por não conhecer bem anatomia, só vindo a physiologia a ser conhecida depois, mesmo porque somente por esse tempo começavam a proliferar aquelles conhecimentos em biologia, que Bacon bussollára com a sua mirifica *Instauratio Magna*.

Não quero cansar o meu benevolo auditorio, com a citação e referencias longas a trechos de livros dos medicos de então. Apenas uma deve merecer menção especial, pela singularidade do remedio que representa, preconizado este por aquelle singular Curvo Semedo, que Bocage celebrizou.

Era a descoberta de um remedio para cura da molestia pestilencial e de outras; vai ver-se, pois, que deveria ser algo de maravilhoso, algo de extraordinario pelo que se deprehe de das palavras do seu preconizador. Era esse medicamento o celeberrimo "cordeal bezoartico", em que, diz o illustre "physico", "se encerram tres notaveis excellencias. A primeira é ser grande confortativo dos espiritos vitaes. A segunda é ser grande diaphoretico. A terceira é ser contra-veneno e bezoartico de tão presentanea virtude contra todas as febres malignas e doenças venenosas que em sua comparação ficam muito inferiores as pedras de porco espinho, as pedras de cobra de Mombaça, as de Cananor, as linguas de S. Paulo, as triagas, os methridatos, as confeições de alchermes, de jacintho, os côcos das Maldivas, os dentes de Engola" (queria, talvez, dizer Angola?) "as raizes de manica, da contra-herva, de Santa Maria de Sapuche, de aristoloquia, de butua, de Solôr, as razuras da unha da Grã Besta, e mil outros bezoarticos de que o mundo faz grande estimação..."

Era uma coisa complexa a, talvez, soberana panacéa!...

O segredo da formula desse remedio, guardou-o Semedo, transmittindo-o por herança, aos seus descendentes, a qual apenas doze annos após veio a ser perfectamente conhecida.

Ainda se refere, como descobertas notaveis, além de seu cordeal bezoartico, á raiz de "mil home", que é a *Aristolochia cymbifera*, de Martius, á "orelha de onça", a "herva da Cachoeira", da Bahia, cuja raiz é nodosa como a do cipó,—é simplesmente a nossa ipecacuanha—, cuja existencia no Brasil elle fôra o primeiro a assignalar.

Não me refiro á maneira de ver de *Mirandella*, que já citei, porque elle vai nas

mesmas aguas que Semedo, eivado daquelles conhecimentos de origem "arbesca" ou arabica; mas convem ainda falar de Cardoso de Miranda e de outros celebres medicos do Brasil de então.

Um delles, Mello Franco, antepassado de meu illustre collega o notavel deputado Mello Franco, produziu o primeiro compendio de gymnastica de que ha memoria no Brasil, o *Tratado da Educaçao dos Meninos*, livro que pude compulsar graças a benevola gentileza do seu illustre descendente.

Quando Pombal realisou a reforma dos cursos medicos na Universidade de Coimbra, contemplou no corpo docente da Faculdade dois eminentes brasileiros, Drs. José Francisco Corrêa Leal e José Corrêa Picanço. Este ultimo foi depois creado Barão de Goyana, cidade de Pernambuco, donde era natural, e tivera a honra de substituir na Universidade ao sabio Cieli.

Quanto a Leal, era tão notavel que os jesuitas, que açambarcavam todos os conhecimentos da época, tinham em relação a elle esta phrase que sufficientemente caracteriza a sua competencia: "Depois de nós, Francisco Corrêa Leal..." Mas, entenda-se bem, só *depois* delles! Emfim já era uma concessão que faziam á sciencia leiga...

Picanço, conforme o disse, fôra depois creado Barão de Goyana. A instancias suas se deve a fundação da primeira Faculdade medica do Brasil, na Bahia; foi elle quem o solicitou a D. João VI, quando este vinha com a armada, com os seus fugitivos, com a sua côrte de 15.000 pessoas, exilado para o Brasil. Na Bahia determinou o principe portuguez aquella fundação, especificando que o fazia a instancias do Dr. Picanço, como consta do documento remettido a D. Fernando José de Portugal, Conde da Ponte.

Muitos outros medicos illustres podem ser citados, entre elles Manoel d'Arruda Camara, nascido tambem em Goyana, como Picanço, e que frequentou Montpellier e escreveu as *Centurias Pernambucanas*, estudo sobre botanica, cujo valor foi posto em relevo pelo grande professor da Faculdade do Rio de Janeiro, o sabio Freire Allemão, já fallecido.

Alexandre Rodrigues Ferreira veio ao Brasil, indicado por Vandelli, para fazer uma relação das especiarias, do que houvesse util em materia de botanica e tambem de zoologia em nosso paiz; Araujo Braga teve ensejo de falar da existencia da chamada molestia da "corrupção", da "molestia do Bicho da Costa", que é a dracontíase, causada pelo dracunculo, e confirmou tambem a existencia do beri-beri no Brasil.

Dos medicos de mais nota do tempo, devo destacar Antonio Ribeiro Nunes Sanches, homem de tal valor que, tendo-se dirigido a Imperatriz da Russia, Anna Ivanovna, a Boerhaave, de celebre memoria, pedindo-lhe indicasse tres dos mais notaveis medicos, discipulos seus, para determinar a reforma da medicina no mencionado paiz e ao mesmo tempo estudar as molestias que alli e na Siberia grassavam, o primeiro nome apontado pelo grande sabio foi o de Sanches. A este, devo acrescentar, é que devemos ter hoje a formula do licôr ou, melhormente, da solução da van-Switen: Sanches, havendo observado na Siberia e no Sul da Russia a curabilidade, pelo sublimado, de molestia que lhe parecia ser a syphilis, indicara a van-Switen o remedio, com o qual este veio a preparar aquella formûla que ora tem o seu nome.

Quero citar ainda o que de Sanches dizia Vicq d'Azir, nome cuja alta significação bem conhecem quantos estudam medicina:

"Dans sa pratique, comme dans sa manière de philosopher, il s'éloignait toujours des sentiers frayés par la routine".

Era o maior elogio que se podia fazer a um homem daquelle tempo.

Chegamos, portanto, á fundação da Escola Medica no Brasil, no começo do seculo. Não é o assumpto especial á nossa conferencia, porque me não move o intuito de vir hoje aqui estudar o ensino medico, nas suas gradações do inicio remoto aos progressos manifestos de agora. Digo apenas que attingimos á phase mais ou menos scientifica da medicina, tendo atravessado, a largos passos, bem vêdes, o periodo da medicina por assim dizer mythologica, no qual se entendia que as causas das doengas eram os *ares maus*, *as emanações da terra*, *os effluvios*, *os miasmas*, emfim tudo quanto se achava que pudesse alterar a saúde do homem, sem se saber exactamente o "porque", que é, afinal, toda a sciencia; de tal sorte, tinha o medico a triste sina de como que degladiar no escuro; fosse elle o mais habil, o mais arguto dos esgrímistas, fosse um La Chataigneraye ou um Jarnac; tivesse conhecimento pleno e perfeita pratica dos oito modos classicos de aparar os golpes, ainda assim não poderia, com vantagem, luctar contra as molestias, pois ignorava completamente aquillo que é a bussola directriz do medico em abysmos taes, isto é, não tinha exacta noção da pathogenia.

Alcançando este ponto da nossa conferencia, não me vou occupar propriamente dos medicos que vêm do principio do seculo até, mais ou menos, 1880, quando principia para nós o que ha de mais interessante no assumpto, apparecem as conquistas exactas de noções scientificas que são hoje o pabulo com o qual se alimenta a mocidade estudiosa no Brasil, noções que constituem gloria nossa e que representam alguma coisa com que a nossa medicina já concorreu para a sciencia universal, entrando para o activo desta não só com descobertas que vão enriquecer os conhecimentos mundiaes, mas ainda com a applicação, aqui mesmo, dos conhecimentos conseguidos no exterior, mas postos em pratica entre nós, no que concorre-mos de modo principal e, quiçá, vantajoso, com qualquer dos paizes americanos.

Refiro-me, por exemplo, ao que d'z respeito aos estudos do ophidismo brasileiro; á campanha contra a febre amarella; aos trabalhos sobre o impaludismo e a peste; aos notaveis estudos de Carlos Chagas; do sabio Severiano de Magalhães no que tem relação com nematoides, que infeccionam o sangue do homem, e com a blastomycose; ás pesquisas relativas ao beri-beri; porquanto no tocante á sciencia pura, bastaria fazer uma excursão catalogica entre as publicações do Instituto de Manguinhos, afim de verificar-se o quanto já contribue para a medicina universal essa bella casa de estudo, em tão boa hora creada pelo governo da Republica.

Vejam, para começar, o que fizemos quanto ao ophidismo:

E' innegavel que o só aspecto da cobra, a sua maneira de mover-se, a sua prudencia notoria determinaram até que o Nazareno aconselhasse aos seus discipulos fossem prudentes como esse animal, fizeram com que os antigos a temessem, ao ponto de se affirmar aquillo que não passa, quiçá, de uma illusão — a acção irresistivel e fascinante que a serpente exerce até sobre adultos e, ainda mais, sobre creanças, sobre passaros e outros animaes. Era o symbolo da velha medicina; os egypcios adoravam-n'a; os romanos tinham-n'a educada, citando-se até a celebre cobra que Tiberio tinha em seu poder. O tyranno e a serpe deveriam, como é de razão, entender-se muito bem, bastando uma certa pressão sobre a nuca, na parte posterior da cabeça, para que o animal, supposto domestico, se estirasse sobre o solo, como se fosse um bastão, pratica que é hoje conhecida e realisada em muitos dos institutos em que se estudam esses seres.

No Brasil, alguns remedios tinham sido ensaiados contra as picadas das cobras venenosas; conhecia-se um pouco de sua anatomia, muito pouco de sua physiologia, nada de sua classificação, até que um sabio brasileiro, Vital Brasil, seguindo a rota

de Calmette, de Bertrand, de Bonaparte, sobrinho do grande guerreiro, teve ensejo de estudar as cobras brasileiras, e, depois de applicação infructifera do soro vindo da França, mandado por Calmette, na cura das mordeduras de nossas cobras, teve a idéa scientifica e racional de procurar verificar se os soros fabricados aqui, com a peçonha de cobras indigenas, não seriam diversos do que nos vinha da França; se não seriam capazes de emprego efficaz contra as mordeduras de cobras do nosso paiz.

Chegou elle, depois de reiterados estudos, a esta conclusão: a lesão causada por uma certa qualidade de cobras deveria ser atacada por meio de soro especial, fabricado com o seu veneno proprio, por intermedio de animaes de alto porte, especialmente o cavallo ou o burro. Verificou, mais, que, quando a cobra não for conhecida, quando o individuo que della tiver sido victima não houver podido reconhecer qual a sua especie, será util sempre, em casos desses, o emprego de um soro mixto, que tambem preparou.

Assim, trouxe o estudioso recurso curativo mesmo para o caso em que se pudessem ter probabilidades de falhar por qualquer maneira.

Já assignalei que nem todas as cobras são peçonhentas: conhecemos dois grupos principaes dellas — as chamadas amphiodentes e as toxico-ophidicas, das quaes em familias se discriminam logo as lachesis, as crotalideas e os elaps; destes, temos onze especies no Brasil; das crotalideas, um genero só, e das lachesis temos onze ou doze, todos venenosos, de que citarei a *Lachesis Mutus* ou surucucú; a *Lachesis alternata*, ou urutú de S. Paulo; e mais a *Lachesis Newide*, a *Lachesis Castelnau*, nomes dados em honra dos que as estudaram, etc.

sem ter probabilidades de falhar por qualquer maneira.

E' preciso dizer aqui, e desde já, que o jararacussú não é propriamente o que do seu nome pensa o povo: elle não significa "grande jararaca", mas um genero especial, a urutú de S. Paulo e de Minas, que aliás não é analoga á que se denomina assim em o norte do Brasil.

Como quer que seja, esses animaes não podem ser bem conhecidos á primeira vista pelos que não estão bem ao corrente de sua anatomia: é mister o estudo da cabeça, das escamas, da disposição destas sobre o dorso, sobre a parte rostral, a parte anterior da cabeça, ou bico do animal; é preciso um exame, ainda, das escamas que rodeiam as orbitas, da distancia entre estas, entre as narinas, enfim, coizas que somente um especialista pôde bem saber, para conhecer qual a especie da cobra que tiver picado. Os individuos communs não o sabem; não podem fazer esta verificação, mas deverão ter sempre á mão o remedio facil, que é a applicação do soro mixto.

Por meio de pacientes estudos, determinou Vital Brasil que uma dose de vinte centimetros cubicos, injectada immediatamente, o mais proximo possivel da mordedura, bastará para garantir a cura do individuo.

Ora, é preciso não esquecer que, antes da existencia do soro, se o individuo mordido soffrera a instillação de uma quantidade de veneno correspondente á unidade de peso apurada, nos laboratorios, como capaz de produzir a morte, não havia para elle possibilidade de salvção, não haveria benzeduras, substancias applicadas, nem mesmo a sucção, que, para se tornar efficaz, necessitaria ser feita logo em seguida á mordedura, que chegassem para o salvar...

Por ahí se vê qual o immenso serviço prestado por Vital Brasil á nossa patria, serviço que já lhe grangeou um nome mundial, ligado a esta grande descoberta.

Já elle havia, é certo, notabilisado o seu nome por uma outra descoberta, de character zoologico; e é pena que não possaes ver bem, á distancia em que nos

achamos a gravura que, ora, vos trago, como demonstração do que avanço. Esta descoberta lhe fôra suggerida, naturalmente, por alguém do povo, e assim foi accrescentada ás que elle fez em estudos de laboratorio e ficou ao alcance de todos.

E' o conhecimento de uma cobra que temos no Brasil, com o nome de *Mussurana*, e que tem a vantagem inestimavel de destruir as cobras venenosas: lucha com ellas, estrangula-as, engole-as. E' o *Oxyrhopus cloelia*, e que pela semelhança apresentada com a corda tetrica que enlaçará o prisioneiro de guerra no dia do funebre banquete, recebeu dos tupys o nome de *mussurana*, que é a principal especie ophiophaga do nosso paiz.

Essa cobra vive em toda a parte, não ataca os homens, ou os animaes, mesmo provocada. A cobra venenosa pica-a, inocula-lhe a peçonha: debalde, em vão! Não consegue demovel-a de seu intento. Calmamente, senhora de sua força e como que não querendo abusar della, a papa-pintos aborda a cobra peçonhenta, enrola-se-lhe em redor, tacteia-lhe com a lingua bifida a região proxima á cabeça, estrangula-a em dois minutos e-a deglute. Passa, após esta deglutição, dez ou doze dias de repouso, posto que immediatamente fosse capaz de preencher novamente a sua função salvadora. Se se trata de cobras de pequeno porte, engole duas ou tres na mesma occasião.

No serpentario de Butantan, em S. Paulo, o Dr. Vital Brasil fez estudos admiraveis sobre a biologia deste animal; e o governo federal, ou o Congresso, de accordo com o sabio, deveriam determinar leis, em virtude das quaes se pudessem multar, responsabilisar os individuos que matassem animaes desses, o que fazem, comtudo, por não lhes conhecerem a especie, posto que assim estejam a destruir elementos de defesa propria, dos seus campos e das suas cidades.

Esse o concurso extraordinario que prestou Vital Brasil á sciencia.

Vejamos agora em que mais contribuiu a nossa medicina para a sciencia universal.

Em 1899, attingia pela primeira vez o Brasil a peste bubonica. O povo, a principio, como em toda a parte, não ligou importancia á molestia. Achou que era de brando caracter, que matava apenas uma percentagem insignificante, e foi preciso que se dessem manifestações de grande lethalidade para que a população comprehendesse que estava deante da grande Peste, que tinha sido objecto de verificação no tempo de Thucydides, a que se referira Lucrecio, da peste que tinha ido no encalço de todos os grandes exercitos europeus, victimando 40.000, 50.000, 60.000 homens no periodo de dois ou tres annos.

Pois bem: o Brasil achou-se felizmente preparado, pelos estudos de seus sabios, de seus homens de sciencia, para debellar a crise e para jugular-a!

E' nesse momento que surge para a sciencia nacional o nome de Oswaldo Cruz, nome que é para todos nós uma honra, no que se refere á sciencia universal, como é, ao mesmo tempo, uma garantia, no que diz respeito á defesa do paiz, pela pessoa do proprio sabio, de seus discipulos, de seus collaboradores, que são hoje innumerados no Brasil, tendo constituido escola, de tal sorte que nada deveremos recear das infecções exoticas que nos ameçassem attingir, em vista dos apparatus de defesa de que dispomos, taes como o Instituto de Manguinhos, para o fabrico de vaccinas e soros especiaes, destinados a combater todas essas molestias de caracter infectuoso.

O Dr. Oswaldo Cruz, modesto, retrahido, fôra á Europa, em viagem de aperfeiçoamento, depois de seu curso na Faculdade, e, ao regressar, o eminente Barão de Pedro Affonso, que dirigia e ainda hoje dirige, com todo o brilho e competencia, o Instituto Vaccinogenico, o encarregava, por parte do governo federal, de preparar a vaccina anti-pestosa.

Previamente, Oswaldo Cruz se dirigira a Santos, em companhia de outros sábios, em companhia de Chapot Prévost, Fajardo e outros menores, que iam em comissão, como elle, dando conta ulteriormente dos seus estudos sobre a peste, em excellente relatório, no qual falava da vaccina e dos preparados que tivera ensejo de verificar chegando á conclusão de que se tratava realmente da peste e, ao mesmo tempo, indicava os meios de debellar a doença, por meio do soro fabricado, como não será demais repetir a um auditorio que não é de todo composto de medicos, por meio de injecções gradativas.

Basta dizer, aliás, em duas palavras, que se trata de uma especie de habito, ou de costume que se estabelece no organismo do animal, em cujas veias se introduz o veneno proveniente de bacterias, que são a causa da infecção, bacterias mortas ou vivas. O emprego das bacterias mortas é o processo mais usado por alguns dos estabelecimentos que fabricam soros e vaccinas, não em Manguinhos, onde existe um methodo especial. E' pela constituição desse habito que se determina que o animal vá, pouco a pouco, resistindo a doses cada vez maiores do veneno. O soro, no qual se desenvolvem elementos de defesa propria, é colhido e empregado para a cura das molestias, sendo que em pequenas doses, de um ou dois centimetros cubicos, se pôde produzir a cura da molestia e applicar juntamente a vaccina, que immunisa contra a infecção provavel.

Pois bem, concorreremos para esses estudos com os trabalhos de Oswaldo Cruz e, presentemente, de Figueiredo de Vasconcellos, seu discipulo e seu continuador: a vaccina, o soro, proveniente do Instituto de Manguinhos, têm o mesmo valor que os preparados pelos mais conceituados institutos estrangeiros. Os nomes destes nossos compatriotas não poderão, pois, ser mais esquecidos, sempre que se tratar da peste, sempre que se pensar nos progressos feitos pelo homem na defesa da sua saude!

Não bastava isto: era de mister que o hygienista aconselhasse á população o emprego de medidas de defesa.

Sabe-se que a peste é molestia dos ratos; era preciso pois se tratasse da man-tança destes roedores.

Ora, os ratos não podem deixar de ser apanhados e destruidos por seus inimigos naturais: os gatos. Isto que parece como um brinquedo de creanças, uma descoberta analoga ao caso do ovo de Colombo ou, melhor de Bruneschi — e alludo, de passagem, á phrase quasi infantil do sabio Kitasato, quando declara que foi o eminente berlinense Koch quem lhe lembrou que os gatos devem comer os ratos—prova que não ha melhor defesa contra estes... E' singular, não raro, a ingenuidade dos sábios, os quaes ás vezes se esquecem do mundo em que estão, das noções mais comensinhas e conhecidas do povo e que já passaram á categoria dos super-truismos...

Os japonezes, então, postos ao corrente da grave descoberta de que os gatos comem os ratos, trataram logo de encommendar — tudo é pratico alli — 5.000.000 de gatos aos Estados Unidos, 150.000 á Allemanha, os quaes se espalharam pelo territorio e em sua defesa contra a infecção concorrem, pôde dizer-se, com a propria vaccina...

Da necessidade de se estabelecer essa defesa se originaram os Conselhos da Saude Publica, dados por Oswaldo Cruz e pelo Instituto: era preciso que o povo soubesse que os ratos devem ser exterminados, que, quando num logar surgir uma epidemia de ratos, quando estes apparecerem mortos sem que se conheça a causa do phenomeno, será necessario que a saúde publica seja logo informada, para que tome as medidas convenientes; será mister que se incinerem os seus cadaveres, derramando sobre elles kerozene, matando-se assim, ao mesmo tempo, o roedor e a pulga infectante, elemento transmissor da molestia.

Hoje, aliás, é sabido que nem só a pulga transmite a doença: também o faz a barata, talvez o mesmo papel representem outros animaes, especialmente insectos; e devo dizer mesmo que, em materia de mo'estias transm'ssiveis, a defesa principal, nos paizes tropicaes, a condição maxima da sua habitabilidade tem de ser dirigida, especialmente contra os insectos, e dahí o apresentar-se o problema, quasi insuperavel, quasi insolúvel, de ser mister exterminal-os. Se, entretanto, não é possível conseguir isto, ao menos, por meios de defesa conhecidos, podem ser obtidos, gradativamente, resultados razoaveis.

E, a proposito de insectos, vamos dizer, depois de tratar da peste, duas palavras acerca do impaludismo no Brasil.

Quem não conhece os males causados aqui por esse morbo; quem não presenciou já o aspecto desolado dessas populações que existem á margem de certos rios, de lagoas, de grandes depositos de agua do interior de nosso paiz? Pois bem, isso também constitue objecto de uma campanha especial.

Sabe-se que, das 300 especies de culicidios conhecidos no mundo, só o Brasil possui nada menos de 46, percentagem fortissima, extraordinaria! O nosso paiz possui mais culicidios capazes de propagarem o impaludismo do que todo o resto da America do Sul! Era indispensavel que os nossos sabios estudassem este capitulo particular da zoologia e viessem resolver o problema.

Individualidades scientificas de relevo, como Francisco de Castro, cuja figura não posso recordar sem que um véo de melancolia offusque o meu pensamento, evocando aquella personalidade singular que poz no maior destaque a nossa medicina; sabio de caracter proprio, especial, que passou como meteoro em nosso meio, mas cujo valor, cuja influencia no terreno scientifico é de tal ordem que nos parece tel-o, vivo, deante de nós, como se fôra astro que, apagado ha millenios, ainda nos enviasse a sua luz bemfazeja; Francisco de Castro, como outros, pontificava do alto de sua cathedra na Faculdade de Medicina: "No Rio de Janeiro não ha impaludismo"; e por esse tom afinavam seus discipulos todos. Todos não! Um, o ultimo delles, havia que lhe não aceitava o aphorismo, embora, realmente, ante a palavra de tal mestre, não pudesse ver, então, possibilidade de contestação prof.cua...

Por que não haveria impaludismo no Rio de Janeiro? Deveria haver, porque nas circumvizinhanças da cidade existia elle; pois que existia também o mosquito transmissor da infecção. Oswaldo Cruz teve aliás occasião de nos offerecer uma verdadeira primicia de seu talento, provando haver, nas proximidades do Jardim Botânico um anopheles transmissor, que elle denominou *Anopheles Lutzii*, em honra do Dr. Adolpho Lutz.

Que importava não houvesse o impaludismo na area urbana do Rio de Janeiro, uma vez que nos podia elle vir através de organismos infectados, uma vez que o germen podia vir em bagagens, em gigos, em capoeiras de gallinhas ou de qualquer outra maneira, transitando pelas estradas de ferro ou por outras fórmulas, chegando assim á cidade? Pouco importava, repito, o como, uma vez que existia a molestia nos arredores da cidade e havia o insecto capaz de a propagar.

Em 1892, Fajardo levava á Academia de Medicina a primeira notificação do encontro do germen do impaludismo dentro da area urbana do Rio de Janeiro. Remettera elle, em companhia do notavel Prof. Miguel Couto, preparados a Manson e o sabio londrino em resposta lhes assegurava: "Nunca vi tal profusão de amebas no sangue..."

O impaludismo foi assim, um dia, verificado também em uma casa da rua do Rosario, pelo mesmo laborioso e mallogrado Fajardo, impaludismo em um individuo

que não estivera absolutamente em contacto com a area marginal da cidade, o que traz á mente o caso de Mosing, em Paris, de uma senhora que apparecera infectada de impaludismo dentro da zona urbana da capital franceza, facto que durante muito tempo se afigurou mysterioso, até que se verificou ter sido a infecção originaria de um soldado, de volta do Tonkin, que a transmittira por intermedio dos anopheles que lá existem.

Fez-se, portanto, a campanha contra as anophalinas. Convenceu-se á população da conveniencia de destruir as larvas, nos seus focos, de matar os insectos adultos, dentro das casas de os tontear por meio de pós de pirethro; de adoptar a defesa representadas por telas de arame, de meio millimetro de malha, por mosquiteiros, por véos, por charpas no rosto das senhoras, quando tenham de sair á noite. Eram recursos efficazes, para que a nossa população ficasse a coberto do impaludismo; e o certo é que a cidade se pôde considerar hoje livre dessa infecção, posto que ella se apresente na zona marginal da capital da Republica e, sobretudo, nessa terrivel baixada do Rio de Janeiro, para a qual o governo da União teve ensejô de olhar, indo em seu soccorro com as providencias que não pôde deixar de adoptar em prol das populações que necessitam e devem exigir seu apoio em assumptos de tal natureza e gravidade.

Outra campanha, ainda de maior importancia, foi a emprehendida contra a febre amarella.

O Rio de Janeiro e muitos pontos do nosso paiz, em grande parte, foram tidos, por muito tempo, como empestados pelo typho americano. Estão, ainda, em nossa memoria as picuinhas, as manifestações de mau humor de que, por esse motivo, fomos alvo por parte de nossos progressistas visinhos do sul...

Necessaria e justa, cumpre confessar aliás, essa campanha por parte delles; tinham razões decisivas e não lhes ficava mal semelhante procedimento, pois que defendiam a saúde e a vida dos seus habitantes, o seu commercio, emfim os seus mais altos interesses.

O Brasil, como já o disse, fôra invadido pela febre amarella desde o periodo colonial ou antes precolonial; não havia defesa possivel, porque os estudos não estavam feitos, nada se sabia de exacto sobre a febre amarella.

Em 1880, Domingos Freire annuncia ter verificado a existencia de um germen, que elle denominou microbio da febre amarella, ou bacillo icteroide. A campanha de Freire, neste particular, é um dos factos mais singulares no Brasil, onde tudo são contrastes e constantes contradicções... Não convem que eu recorde isso miudamente, porque a memoria dos mortos deve ser sempre sagrada; sobretudo, pela circumstancia de que os homens não são, em regra, passíveis de maior culpa pelos seus erros: por erros taes é passivel antes a época que atravessam no momento em que exercem a sua acção social...

E' certo, entretanto, que já Pasteur revelára a existencia do germen do carbunculo symptomatico e a descoberta da vaccina anti-carbunculosa; que, annos depois, estudara a molestia dos vinhos, a molestia do bicho da seda, a raiva, e ainda Domingos Freire teimava em sustentar a existencia do bacillo icteroide supposto descoberto e estudado sem as regras da arte, o que vale dizer, sem a technica indispensavel, e zangava-se com os collegas que o contestavam, ou, pelo menos, não acreditavam desde logo nessa existencia problematica.

Está presente um sabio brasileiro, que foi um pouco victima da sua inimizade — alludo ao illustrado Sr. Dr. Seidl, que hoje me honra com a sua assistencia — pelo facto de ter proposto á Academia de Medicina, que com isto concordou, que se endereçasse uma nota ao governo, provando-lhe que, no Congresso de Budapest,

onde Freire dissera fôra confirmada a sua descoberta, isso não se dera de modo nenhum...

Foi o caso que, por intermedio do Dr. Miranda Azevedo, Freire endereçára áquelle Congresso uma *memoria* sobre o facto de ter achado e cultivado o germen a que alludia; isto havia sido em começo de Outubro, e já no dia 12 do mesmo mez os jornaes, em notado punho delle, talvez, ou de algum amigo muito dedicado, já se vê, os jornaes traziam a publico que o Congresso acceitára como provada a referida descoberta. O governo naturalmente e por intermedio da Inspectoria de Hygiene e da Academia de Medicina tratou de saber se isso era exacto. Dahi se originou a proposta approvada pela Academia, por se ter verificado que o que se dera fôra apenas um facto muito commum, a saber: poder escrever-se a memoria mais abstrusa para ser apresentada a um Congresso qualquer — ensaiem os senhores, e verificarão que assim é, maxime se o Congresso tiver logar na Allemanha... — e o que se mandar será aceito, recebido, catalogado e referido para grande admiração do publico basbaque, não dá maior valor a quem produziu o trabalho e tão pouco significa manifestação, por parte dos membros desse Congresso, de qualquer apoio á memoria, ou aprego ao seu autor, por ser isso méro trabalho de expediente...

Era o que se passava no momento; mas Freire, ou por equivoco, ou porque o quizesse voluntariamente, pensou de modo diverso: brigou com os collegas, com a Academia, com a Sociedade de Medicina e Cirurgia, e com toda gente enfim brigaria se se dessem mostras de não crêr na sua cathedratice palavra...

Exigiu a nomeação de uma commissão, que se occupasse com a sua descoberta, e tal commissão, composta de amigos seus e de peito, por meio de umas celebres respostas, arranjou as coisas de modo a não o deixar mal.

Ainda conheci o estudioso e notavel chimico, em 1892, quando entrei para a Faculdade de Medicina e ahi me ensaiei como assessor, ou melhor, como acolyto modesto do eminente sacerdote que era Chapot-Prévost; assisti á lucta titanica entre Fajardo e Freire, o qual me olhava sempre de esgueirha e jamais, sequer, me saudou pela circumstancia de ser eu discipulo e dedicado amigo do mallogrado Chapot-Prévost... Era uma feição especial daquelle espirito superior, imbuído dos seus erros, tanto quanto dos acertos que fizera, neutro campo de applicação da sua grande actividade.

Ainda recordo a sua ultima lição, em 1896. Nesse d'a, estava eu assoberbado de trabalho, a ponto de nem poder deixar o laboratorio, para assistir, de longe que fosse, á manifestação de apreço que lhe faziam, então, discipulos seus, mas ouvia os échos daquelle oratoria admiravel — porque orador consumado era elle, e intelligencia de escól,—escutava os applausos da calorosa mocidade, que não podia comprehender, e está nisso muito em causa o nosso patriotismo, que elle não houvesse descoberto o germen annunc'ado: era forçoso que o tivesse feito, simplesmente porque era brasileiro...

Depois, tudo acalmou, tudo passou.

Mais tarde tambem Lacerda se mettu a descobrir um germen amarilligeno. As descobertas do laborioso Dr. Lacerda são singulares... Elle encontrára o seu *fungus febris flavac*, que vinha a ser um cogume'lo, que inçava os individuos atacados da molestia, e, quando Sanarelli, no Congresso de Montevidéo, em 1897, affirmou a descoberta da sua vaccina, para logo Lacerda tratou de adaptar a descoberta de Sanarelli á sua; dahi surgiu um *aspergillus*, um bolor não especificado, como dizia elle, que, de mistura e em symbiose, aos saltos com o germen, dava a manifestação particular do typho americano...

Tudo isso tinha, por força, que desaparecer. E a precariedade de tanto labor fez-me sempre recordar aquella tão arrefecedora e pungente inscripção que se lê na

crypta da Cathedral de Strasburgo: "Era sombra e poeira!" Não era sciencia exacta! Esses homens tinham apenas o designio de ligar o seu nome á sciencia, desejo louvavel, digno delles e de sua patria; não estavam, porém, aparelhados, não por culpa propria talvez, como assignalei relativamente a Freire, mas por deficiência exclusiva da instrucção technica, donde os erros de interpretação. Não havia, entre nós, nenhuma cultura technica, imprescindivel, que apenas começou a apparecer nas Faculdades de Medicina, da Bahia, com Pacifico Pereira e aqui, melhorada ainda, com Chapot-Prévost.

Tinhamos, portanto, installada aqui a febre amarella; mas já em outro ponto se cuidara de a debellar, racional e scientíficamente.

Em 1881, mostrára Finlay a relação existente entre o *stegomia fasciata* e essa molestia; em 1900, o governo americano, tendo, para bem daquelle territorio, tirado Cuba aos hespanhoes, na guerra memoravel que conhecemos, considerou logo como seu primeiro cuidado — é isso integrante do espirito do grande povo, o qual para os fracos constitue um motivo de pavor, é sempre um espectro, mas para as nações fortes deve ser tido antes como um companheiro e um irmão dedicado, e é o nosso caso — o governo americano, digo eu, teve como seu primeiro cuidado nomear uma commissão que estudasse a feição e o desenvolvimento da febre amarella em Havana. De tal commissão fazia parte o sabio Dr. Lazear, que succumbiu logo ao chegar e em homenagem ao qual foi dado o seu nome ao terreno, ao campo, onde se fizeram os estudos relativos á prophylaxia do temeroso morbo.

Os medicos commissionedos verificaram positivamente a intima ligação entre os dois factos: existencia da febre amarella e presença do mosquito rajado e indicaram as providencias a tomar.

Acceptando o governo dos Estados Unidos as suggestões da commissão, pondo em pratica as medidas indicadas, o resultado foi que, iniciada a execução dos trabalhos em começo do anno, em Setembro não se apresentava ma's um caso unico de febre amarella, facto notabilissimo naquella região, na vizinhança do Mar das Antilhas, do Golfo do Mexico, de Nova-Orléans, onde a molestia fóra sempre reputada endemica, estabelecera domicilio, como aqui, e de onde se irradiava para a Sul-America e para a Europa, em que appareceu mais de uma vez, como em Lisboa por exemplo.

Era realmente de assombrar! O mundo ficou ao corrente da serie de experiencias realizadas em Havana e a doutrina havaneza ganhou universalmente foros de cidade. No Brasil, foi desde logo defendida por sabios como Ribas, em S. Paulo, e aqui Adolpho Lutz e Oswaldo Cruz, a quem foi confiado o encargo de Inspector da Hygiene, de Director da Saude Publica, pelo governo federal.

Applicaram-se os dados que vinham de Cuba, fornecidos pela commissão americana, e foram conseguidos os resultados notorios e brilhantes que todos conheceis.

E' a este esforço intelligente que devemos ser o Rio de Janeiro, apesar de tudo, considerado, fóra de questão, como a perola da America do Sul, ao que devemos ainda ver o Brasil, presentemente, caminhar com rapidez para o futuro elevado e digno que lhe cabe, na compartilha da civilisação com as maiores nações!

Oswaldo Cruz, entretanto, incumbido de tão meritoria tarefa foi victima dos apôdos de quasi toda a população desta cidade; do mau humor, prompto em manifestar-se, do jornalismo indigena; folhas caricatas pintavam-n'o como andante cavalleiro, de lança em riste, viseira erguida, mão apoiada no coxóte, firme sobre as estribeiras, calçada a forte manopla de aço, a querer dar combate e vencer tudo e a todo o mundo e a cirrar por processos fantasticos... Fóra promovido e sagrado "Oswaldo, o Crú"... Elle continuava, porém, sereno e calmo como as suas convicções. E' este, talvez, o seu maior titulo de gloria, o que, por assim dizer, lhe conferira

aquella symbolica triplice corôa, de medico, hygienista e sociologo, que adorna a frente do medico, essa convicção profunda, que o levou a resolver o problema da febre amarella e que de justo direito lhe cabe mais que a qualquer outro no Brasil.

Tinha elle por si, aliás, a confiança dos estudiosos, da mocidade e, honra insigne para a nossa classe tambem — excepto uma ou outra opinião, uma ou outra voz, que não contestava, propriamente, mas apenas discutia certos pontos da doutrina havaneza — a de toda a classe medica que o apoiou nessa campanha memoravel!

O resultado foi este que ora vemos: o saneamento absoluto do Rio de Janeiro, a tal ponto que, se aqui um ou dois casos ainda appareceram, no decurso do periodo do mesmo saneamento, em Havana, onde a vigilancia se devia suppor maior, ainda em 1905 ou 1906, houve dezenas de obitos causados pela febre amarella.

Senhores, a hora vai longa, mas por dois minutos ainda solicito a vossa benevolenta attenção.

O desejo de dizer tudo, dentro de limitado prazo, quasi me fazia commetter uma grave injustiça, se esquecesse dar-vos conta de uma descoberta, a que não me poderia de modo nenhum deixar de referir, ainda que fosse ao de leve; descoberta que vem de ser feita por um desses beneditinos de Manguinhos, por um joven sabio, que é daquelles que mais honram á medicina neste momento: deveis suspeitar que me quero referir ao Dr. Carlos Chagas, que teve oportunidade de assignalar, em virtude de estudos a que procedeu e em que teve a collaboração dos maiores luminares da sciencia medica nacional, a existencia de uma nova especie pathogenica.

O Dr. Chagas verificou que, no Estado de Minas, nas casas mal feitas, mal construidas, havia um insecto hematophago, de grandes dimensões, localmente denominado *barbeiro* ou *chupão*, o qual costuma, de preferencia á noite, sugar o sangue dos individuos, o que faz em todas as suas phases, quer de larva, quer de nympha, quer de insecto adulto. Fazendo-o, é susceptivel de transmittir uma doença de tal ordem que, affectando as populações no amago da sua resistencia vital, constitue um dos maiores perigos para as zonas em que se manifesta, como a parte central do Brasil, o que já deu logar a que meu eminente collega Sr. Deputado Freire de Carvalho Filho apresentasse á Camara Federal uma proposta, no sentido de se adoptarem medidas de urgente protecção aos infelizes habitantes de taes paragens.

Pois bem; a descoberta de Carlos Chagas fel-o catalogar a doença como sendo uma thyroidite especial e parasitaria, conforme resalta das suas *memorias* excellentes acerca do assumpto.

O insecto transmissor é da familia *Reduvidae*, do genero *Conorrhinus* e especie *mcgistus*, donde o seu nome scientifico *Conorrhinus mcgistus*.

O germen por elle propagado ataca de preferencia os individuos mais jovens, os recém-nascidos, e parece, pelos estudos de Chagas, que até a transmissão hereditaria se dá, porque creanças, examinadas, necropsiadas, pouco depois de nascidas, manifestaram muitas destas a existencia do mesmo germen, no sangue peripherico, no sangue do coração e no sangue das visceras, mormente do pulmão.

Para essa molestia, de tamanha gravidade, não se conhece até hoje a prophylaxia; o proprio Dr. Chagas, nos seus trabalhos, apenas poudo lembrar que se melhorasse a construcção das casas, verificando que das paredes, em cujas frinchas se esconde, é que o insecto sae para atacar o homem. A doença pôde passar do estado agudo para o chronico e vice-versa e, — conforme discriminação feita, não só por Carlos Chagas como pelos Srs. professores Miguel Couto e Miguel Pereira, que em commissão foram com elle ao interior acompanhar os estudos, — apresentando fórmias varias, cardíaca, nervosa e outras resultantes do ataque a quasi todos os órgãos,

e, facto unico, especial em pathologia brasileira, o germen localiza-se dentro das cellulas do tecido, especialmente do cardiaco, e as destroe, deixa-as reduzidas exclusivamente á sua membrana !

Dahi as desordens graves, principalmente do coração, que se manifestam nos doentes, victimas de um deperecimento organico, de phenomenos de hypohemia, de hyporesistencia, de modo a trazerem ao espirito do sabio a maior tristeza, por ter que defrontar verdadeiros cretinos, pois é de facto o aspecto cretinoide o que apresentam os infectados, alás numerosos nas regiões em que a molestia tem sua séde.

Não ha muito, o meu bom amigo Dr. Pedro de Albuquerque teve occasião de, em missão da saude publica, dirigir-se ao Estado do Pará, onde verificou a presenca do insecto, mas sem o germen infectante estudado por Carlos Chagas, que lhe deu o nome de *Schizotripanum Cruzii*, em homenagem ao Dr. Oswaldo Cruz, germen que não é propriamente uma bacteria, mas um coccidio, um tripanózoa, é o tripanózoa Cruzii, analogo, talvez, pelas suas manifestações, ao que determina a "molestia dos cavallos", no Ceará, ou ao que produz a "molestia do somno", de Manson, e que ataca os africanos.

A cura da molestia, se se trata das manifestações thyroidarias, deve fazer-se pela applicação da thyroidina, com resultado mais ou menos seguro, e, no que se refere aos phenomenos geraes, pelos muitos preparados de arsenico.

A defesa prophylactica, porém, contra a molestia de Chagas, assim denominada em honra ao joven sabio, ainda não é bem conhecida, pois mal se lhe conhece a pathogenia, que vae ser objecto de estudos, com que mais uma vez se ha de engrinaldar a medicina brasileira.

Muitas outras coisas teria eu ainda a dizer-vos sobre os estudos medicos no Brasil e da contribuição de todos nossos compatriotas para o progresso da medicina mundial. Neste particular devo referir-me ainda ligeiramente que seja aos trabalhos do illustre professor Severiano de Magalhães, relativos á Filaria por elle descoberta e á qual Lewis, em homenagem a Manson, chamára *f. mansonii*, ficando por sua vez o nome de Magalhães ligado tambem a um genero especial, a *filaria Magalhãesii*.

Poderia ainda alludir aos estudos especiaes sobre o beri-beri, nos quaes, no ponto de vista exclusivamente clinico, collaboraram admiravelmente Silva Lima, Pacifico Pereira e Pacheco Mendes. Quanto ao germen do beri-beri, entretanto, nada existe de positivo por emquanto e ainda hoje elle é mysterioso ou antes ignorado pois não foi por ora encontrado o seu germen especifico.

Isto no que diz respeito á sciencia pura, que, instituida nos laboratorios, ainda delles não sahiu para exercer acção, por assim dizer, fermentativa sobre a sociedade; ainda não conseguiu emocionar a massa, pela applicação do material obtido no estudo, na pesquisa e na meditação, na pratica usual e corrente da medicina.

Não terá, naturalmente, de parar, pois, em suas conquistas a nossa medicina, conforme deveremos induzir do seu passado. Em poucas palavras, tenho relatado as suas principaes descobertas, aquillo que se sabe de positivo, que é o nosso patrimonio e que constitue, por assim dizer, o gozo interior, que tem o medico, ao pensar que o nome da sua Patria, que o seu proprio nome será repetido e acatado nos centros superiores de estudo, e ao lembrar-se que atravez disso nos sobrevirá tambem a confiança que nos podem dispensar os sabios, que fazem parte desses centros scientificos estrangeiros, para sermos incumbidos das honrosas missões que se costumam incumbir aos capazes, do que redundarão altas vantagens sociaes e moraes para todos e gloria immortal para o nosso paiz !

A gloria, senhores, não é absolutamente aquella imagem fugidia que pareceu ser a Lope da Vega, numa comparação singular que me ficou na memoria, um

espelho pendurado a uma arvore, ao qual os garotos se divertem em atirar pedras. . . A gloria é, ao envez disto, algo de positivo e recompensador de amarguras e dores que alanceiam o animo do sabio em meio as asperezas da pesquisa e do estudo; mas o certo é que essa preocupação lhe não inça o espirito, nem o demove da rota que elle se traçou, e nem sequer tem elle ensejo de se orgulhar disso, porque bem sabe que, alem do que conhece, ha um abysmo insondavel e enorme a se-paral-o do que conhece e, o que bem mais é, daquillo que precisaria conhecer. Vê que deve proseguir, sem treguas, nem desfallecimentos, nos seus estudos, espe-cialmente no que se refere ao meio de applicação delles á pratica da medicina e verifica tambem que, apezar dos louros virentes que já lhe enfloram e circumdam a cabeça de homem de estudo, deverá continuar a trilhar essa *via crucis* das mesmas pesquisas, dos mesmos trabalhos, que já enaltecera os nossos maiores, certo de que assim concorre para a gloria da sua patria, tendo sempre em mente aquella phrase animadora, aquelle apophtegma inesquecivel do Apocalypse, que lhe ha de ser sustento e conforto nas tredas horas de amargura: "Sê fiel até á morte e eu te darei a corôa da vida!". . .

JUSTIÇA E ASSISTENCIA. NOVOS HORIZONTES

CONFERENCIA REALISADA A 30 DE OUTUBRO DE 1913 PELO DES. OR ATAULPHO DE PAIVA

Devo a uma circumstancia verdadeiramente occasional e feliz a insigne honra desta conferencia. Sômente uma generosa distincção explica a destemida ousadia em occupar esta tribuna, já nobilitada com legitimo successo e em curto espaço de tempo pelo que ha de mais puro e elevado na geração contemporanea da intellectualidade brasileira.

O caso é bem singello para que permittida seja a desaffectedada e desambiciosa narrativa. Não pertenco ao numero dos que abandonam o Rio na calida época da sua ardente estação de estio. Tenho uma admiração cultural pela vida da cidade. O calor fluminense, se não desperta deleite appetecivel, tambem nunca me trouxe tormento totalmente abominavel. Nem mesmo sei como aquelle que nasce e vive sob o intenso movimento da zona dos tropicos tão longe leve sua aversão ás altas temperaturas, princ'palmente aqui, onde as brizas marítimas e o brando e aprazivel alento das mattas, tantas vezes, durante o dia e durante a noite, fazem oscillar as columnas thermometricas.

Por isso, nunca comprehendi bem porque e como começou a vida das nossas estações de repouso, fóra da Capital. Uma cousa incompleta e que bem não se define esse desamor pelas nossas formosas e encantadoras serras, onde em cada canto ha um quieto remanso, um doce retiro em que a gente pôde pôr o corpo em folga e o espirito em tranquillidade. Demais, a vida social do Rio obedece ainda a uma veneranda tradição que não desapareceu de todo e onde existem, felizmente, um symbolo, uma memoria, uma recordação, que formam a um tempo a imagem caracteristica da nossa cordialidade contemplativa e sincera. Menos movimentada, embora, a cidade nem por isso perde o seu aspecto habitual na época do verão. No inverno carioca as arvores não se desfolham, nem desfloreceem as plantas dos jardins, da mesma maneira que no estio não seccam as fontes nem desaparecem os regatos. As nossas collinas, já não fallando das praias e das ilhotas da bahia, são um adoravel encanto de socego, de serenidade, de paz e de descanso.

Durante muito tempo tambem me dei ao prazer de fazer estação nas nossas cidades serranas, permanecendo nos sitios onde se alenta o organismo e se faz provisão de forças integrantes. Ha muito, porém, que preferi, á vida fastidiosa e triste das nossas estações de verão, a vida agitada da Capital, harmonizando-a, casando-a com a deliciosa demora nos nossos morros e nos nossos montes.

Durante annos a Tijuca, que as paginas do Alencar desde a minha adolescencia tanto me ensinaram a amar e a querer, alli me teve fazendo estações inteiras, embevecido, nunca farto de admirar-a. Depois foi a Gavea que mais me attrahiu e alentou,—não a Gavea habitada e de facil accesso, a que se distende pouco além do Jardim Botânico, já de si tão cheia de encantos,—mas a grande Gavea marítima,

bem fóra da barra, onde a praia se destaca numa amplidão de inconfundível belleza. Certa vez, ahi permaneci muitos mezes, numa casinha remota e sombria, quando a furia dos automoveis ainda não cobria de poeira as suas estradas e cercanias. Resguardava-a apenas a linda igreja branca, alli plantada no alto do montinho, com a sua torre unica de primitivo estylo, uma dessas torres que *Ferreira Vianna*, em expressiva imagem da sua habitual eloquencia, disséra—que mais pareciam supplicas que subiam da terra ao céu e bençãos que desciam do céu á terra. Dous longos annos habitei Santa Thereza,—Petropolis dos pobres, como insistentemente se comprazia em chamar-lhe o saudoso Arthur Azevedo,—e muito mais daquelle tempo vivi em Jacarépaguá, esse requintado cantinho de natureza que não encontrou ainda uma penna bastante inspirada e forte para descrever todas as suas inestimaveis bellezas.

Este anno inclinei-me pelo Corcovado, cimo grandioso, que mal conhecia em visitas rapidas e ligeiras. Sómente agora, num doce refugio, por occasião das férias forenses, me foi dado gozar essa matta viçosa e fresca que cobre a montanha encantadora, cheia de situações de sonho, de vistas extasiantes. Lá estava, envolto num silencio de ternura, que dava uma impressão para sempre lembrada, quando houve cá por baixo um forte movimento no nosso pequeno mas muito culto circulo litterario. Era o novo livro de poesias do Sr. Alberto de Oliveira, que punha em festa justissima a alma da nossa mocidade, mais uma vez agitando a critica em hymnos de louvor ao majestoso poeta brasileiro. Todos celebravam o triumpho do sublime cantor, que, como lhe diz a propria musa, chegará por uma radiante ascensão ao cimo da montanha, julgando-se elle embora “feliz por não sahir do seu valle risonho”.

Alheio aos secretos encantos da arte litteraria, nunca deixei, entretanto, de lêr, relêr e decorar mesmo muitos dos poemas desse impeccavel e inspirado mestre do verso, intransigente cultor da fórmula, justamente aclamado pela elevação do seu formoso espirito litterario. Agora sentia necessidade de vir ao encontro do poeta para envolvê-lo num amplexo de entusiasmo e reconhecimento pela offerta do seu livro, lido de um só folego no seio da Natureza que elle tanto estima e quer, nella resumindo a rica joia das suas rimas preciosas. Mal exprimia o meu sentir, quando o generoso amigo, no meio de uma affectuosa caricia, annunciava que tinha uma incumbencia a me revelar. Era o honroso convite para esta conferencia, que, pelo seu augusto intermedio, me mandava fazer o dignissimo Director da Bibliotheca Nacional, — o incomparavel Director, como disse, em expressão feliz, o illustre Sr. Oliveira Lima.

Num rapido gesto de franqueza muito sincera, alli amplamente confessada, a minha recusa foi immediata e formal.

Num só relance de consciente intuição avaliei logo a responsabilidade do encargo conferido a quem sempre se mostrara receioso e bisonho para dizer alguma cousa diante de qualquer publico intelligente e culto. Saltando da Academia, até agora sómente a tribuna judiciaria me fóra algum tanto familiar e ainda assim commodamente sentado na soberana e serena poltrona dos tribunaes.

Como essa, uma série de outras razões adduzi para justificar a recusa e a todas o cordial intermediario oppunha motivos generosos. Allegava que o programma annual fóra já combinado com a inclusão do meu nome e até com o thema da conferencia, tambem de antemão escolhido e designado.

Fallou na these — Justiça e Assistencia, — e, quando me limitei a inquirir, sem plano e calculo, porque não adicionar “os novos horizontes”, o Sr. Alberto de Oliveira desprendeu dos meus hombros as bondosas mãos que alli descansavam durante todo o colloquio e, sem mesmo esperar o meu abraço de despedida, partiu rapido, sem dar tempo para a minha ultima resposta negativa. Pouco depois era

publicada a lista das conferencias, fallando-me o animo para resistir a esse espontaneo movimento de franca e benevolente generosidade.

Aqui está como fui induzido e animado a vir fazer hoje umas leves, rapidas e superficiaes referencias ás correntes do pensamento moderno sobre as cousas da Justiça e da Assistencia Social. Certo, não é pequeno o risco de fallar em nova Justiça, em Justiça moderna, em novos horizontes da Justiça, idéas que repugnam em principio e parecem mesmo paradoxaes. Virtude moral que implica o respeito aos direitos de outrem, a Justiça apparece como a fôrma suprema de um soberano poder absoluto. Ella consubstancia e representa a defesa completa, a proterção inteira e illimitada contra o mal, a equidade e a reciprocidade conjugadas, o respeito á dignidade humana, o perfeito consorcio das grandes individualidades collectivas com os altos interesses de toda a humanidade. O que não é justo não é moral, o que não é moral não é justo, affirmou Dollfus. Assim considerada, a Justiça não tem e não pôde ter gradações. Ella não depende de convenção, não está sujeita a contingencias, a incertezas, a eventualidades.

Constituindo a firme e perpetua vontade de traçar as regras attributivas e distributivas do que pertence a cada um, a Justiça é um dos grandes elementos do espirito humano, que maior difficuldade encerra para ser definido e classificado. A lei moral é universal e, por conseguinte, erraria sempre quem pretendesse, com uma unica formula e sob um unico principio abstracto, caracterizar os sentimentos complexos da noção commum, da concepção generica da Justiça.

Nem a idéa mathematica da egualdade, nem a da proporcionalidade, da equivalencia, da reciprocidade, nem a idéa da harmonia e da belleza, nem a de identidade e de accôrdo de pensamento, nem a idéa mais larga da propria solidariedade, entrando de algum modo na ampla noção de Justiça, bastam para exgottar o seu conteúdo, tal a variedade, o calôr, a força que sua evocação desperta no espirito dos homens. Ligada ás concepções ethicas, politicas, philosophicas e religiosas, a noção da Justiça e de sua evolução atravez das idades ainda hoje resta sem precisão nos dominios da consciencia social. Nenhuma sociedade pôde repousar sobre regras de conductas provisórias. Para assegurar a estabilidade torna-se mister a fundação de preceitos e principios que regulem e inspirem a vida commum. São as formulas do illustre Tanon, que numa simples observação pretende justificar o asserto. De um lado, a pobreza da idéa de Justiça nos tempos primitivos reduzida ás reparações grosseiras, ás aggressões violentas; do outro lado, essa mesma idéa entre os povos civilizados, condemnando as minimas offensas, sahindo dos circulos da familia e dos agrupamentos primitivos para se estender amplamente, revestindo um vasto caracter de completa generalidade.

Mas as idéas moracs e de Justiça encontram ainda maiores difficuldades. A escola evolucionista faz decorrer o fundamento dellas do principio geral do progresso. Aqui está o ponto de partida das interminaveis e complicadas dissensões. Ao conjuncto da evolução da vida social deve estar inteiramente ligado o da evolução do direito. O desenvolvimento da vida individual e collectiva fôrma a cooperação social e as fôrmas diversas correspondem aos multiplos modos do exercicio das actividades individuaes, isoladas, combinadas ou associadas. O progresso, que é a grande fôrma da manifestação espontanea, apparece então, pela passagem da cooperação forçada, procedente das fôrmas da autoridade para a cooperação voluntaria, sahida do consenso dos interesses e da vontade geral presumida que ella exprime. O ideal do progresso, conclue Tanon, consiste, nas sociedades civilizadas, no exercicio da cooperação legal livremente consentida ou voluntariamente livre.

Essas proposições fazem resaltar questões novas de não pequeno valor. Importa saber se a civilização presuppõe o progresso, ou, melhor, se a civilização progride

ou se está em decadência. O problema apasiona os espiritos modernos. Claro está que elle é de molde a provocar alarma nos arraiaes do evolucionismo militante. Para os seus entusiastas a evolução é a lei do universo, que é, como consequencia, a do proprio espirito humano. Na controversia, porém, entram igualmente as sciencias da natureza e da historia, a psychologia comparada e a sociologia. Cada uma busca apoio para as suas conclusões. *Emile Faguet* pretende pôr a questão nos seus devidos termos, criticando a obra de *Jules Delvaille* sobre a idéa de Progresso. Comte havia dito que essa idéa é toda moderna, inteiramente recente, sem que a antiguidade tenha tido noção alguma dessa formula. *Delvaille* concebe o elemento progressivo como uma idéa boa, bella, salutar, um prejuizo necessario. E *Faguet* quer que elle seja um prejuizo inutil e mesmo perigoso. Por que considerar util um prejuizo que não conheceram os antigos e sem elle fizeram as maiores cousas, que não foi conhecido na Idade Média, na Renascença, e que data apenas de duzentos annos?

Para o thema proposto, porém, o judicioso academico faz uma concessão de alta monta. Não ha progresso, mas é mister acreditar francamente nos progressos. Ha melhoramentos parcaes, possiveis, melhoramentos a que elle desdenhosamente chama—divertimentos necessarios para o genero humano. A idéa de progresso fica assim transformada, não sómente numa utilidade, mas numa necessidade, numa verdade. E nada mais caracteristico do que o espirito de justiça para demonstrar a escala palpitante das modificações lentas, da successão, da série de sentimentos, de principios e de theorias, que formam uma verdade indiscutivel e incontrastavel.

A concepção da Justiça ainda permanece confusa, mas os efeitos della nas sociedades modernas sempre apparecem positivamente, claramente definidos. Não é necessario remontar ao transformismo na antiguidade. Ahi é bastante conhecido o estado das modificações. A preciosa unidade social era desconhecida. A sciencia social não existia. A doutrina da exterminação reciproca era dominante. A violencia era a regra. Não obstante, a sublime origem do christianismo operou a grande e primordial etapa no terreno da Justiça amenizada, em que pese ao proudhonismo revolucionario, sempre prompto a considerar que o espirito de Justiça não pôde sahir de uma deducção dialectica de noções.

E' difficil definir a civilização actual, medir o estado de cultura do seu espirito scientifico, analysar a preponderancia das suas fórmulas politicas e sociaes. Mas o sentimento fecundo da solidariedade é o caracter proprio dos tempos modernos. Ha uma febre extraordinaria de actividade e de celeridade. E' o caminho franco para o sentimento geral da Justiça. O valor dessa hypothese productiva não implica o exagero do evolucionismo darwiniano. A decadência dos fracos, a persistencia dos fortes constituem uma realidade e ainda ha na vida dos povos e nas classes sociaes um estado de espirito bellicoso e revolucionario. A efflorescência do egoismo individual ainda produz a desordem e a anarchia, mas o ideal de Justiça entre os individuos, o ideal de paz entre as nações, o ideal de equidade entre os sexos já não formam mais uma miragem absurda e perigosa. Tudo está, como referiu Gustavo Bromard, em evitar os desvios do verdadeiro democratismo, do pacifismo e do proprio feminismo.

No supremo esforço para alcançar a paz e para conquistar a justiça ha tres grandes factores das novas instituições sociaes, que se congregam em formulas genericas e que se designam por expressões harmonicas, isto é, o *internacionalismo*, o *mutualismo* e o *solidarismo*.

A psychologia social contemporanea assignala a coexistencia das forças sociaes em conflicto. Os problemas entrechocam-se. A instabilidade economica mundial, o

socialismo, as grandes rivalidades e as concurrencias geraes produzem a convergencia de elementos varios e complexos. O emprego eterno da violencia ainda não desapareceu de todo e a tendencia fundamental ainda se manifesta para a expansão exterior. E' ao que a theologia christã chamou — o *espírito de principado, desejo de poder* na expressão de *Hobbes, vontade de mando* na phrase de *Nietzsche, imperialismo*, isto é, o reinado da força brutal, na significativa definição de *Pelissier*.

Tudo issó implica a psychologia morbida das raças fundida na grande nevrose mental dos dias actuaes. Sem embargo, a idéa e o sentimento da fraternidade abrem brechas, fazem caminho franco e accessivel no seio das sociedades das nações. O internacionalismo é um facto. O phenomeno pôde não ser producto exclusivo de um sentimento de affeição. Uma solida união dos povos, fundada tão sómente sobre a sciencia, a justiça e a arte, não virá tão cedo, talvez, consolidar a harmonia e a confraternização desejadas. Mas as expressões economicas, industriaes e commerciaes e as relações de credito vão accelerando de um modo vertiginoso o movimento. O capitalismo, que representa função superior na vida das sociedades, é de natureza francamente cosmopolita. O internacionalismo patronal capitalista e o internacionalismo scientifico confundem-se, completando-se.

Dessa tangível união, desse visível consorcio transparece e germina a nova era da moral internacional. Como já tive occasião de referir em momento opportuno, da harmoniosa combinação entre a autoridade das leis e a liberdade politica nasce naturalmente em feliz concordancia a fórmula typica do internacionalismo, que é a vida collectiva dos Estados. A ordem juridica cria a justiça internacional e o estado pacifico restringe a esphera da guerra. De um lado a federação corporificada e nun plano mais vasto a ampla idéa da humanidade unificada. As assembléas judicarias e arbitrarías compõem gradualmente a ordem juridica e a justiça passa a ter nova vida, novos elementos, novos horizontes.

Certo é, entretanto, que no momento actual a crise do pacifismo é bem um facto incontestavel. A guerra da Tripolitania e a guerra balkanica, rebentando logo após os congressos pacifistas de Genebra, lançaram por todo o planeta uma infundavel corrente de desdenhosa descrença sobre a actividade e o successo do pacifismo em acção, tão repleto, aliás, das mais gloriosas e soberbas victorias. A sociologia da paz não pôde deixar de ter hoje as suas regras, os seus preceitos, os seus principios. A guerra e a paz só podem ser estudadas no seu ponto de vista objectivo, como quer André de Maday. Partidarios da paz e defensores da guerra abusam do sentimentalismo e esquecem os factos. E' mistér não desprezar os phenomenos naturaes. Os verdadeiros e sinceros pacifistas mostram-se inquietos com a lastimavel confusão dos espiritos. As derrotas, as humilhações e os receios devem ser confessados sem artificios, afim de se conseguir pela essencia consciente das cousas os bons effeitos, desviando-os dos desastres inevitaveis. Nem sempre as declamações contra o desarmamento geral produzem os resultados desejados. A obra pacifica não se deve tornar responsavel por muitas mentiras, fraudes e affectada superioridade.

Dahi a existencia do verdadeiro e do falso pacifismo. A selecção só aproveita á excellencia do incomparavel commettimento. *Casimir Maciejewski*, um grande espirito, francamente amigo da paz, acaba de revelar a classificação das diverss categorias do pacifismo, que é, ao mesmo tempo, instinctivo ou natural, consciente, racional e scientifico. O primeiro quer alcançar a obra da pacificação com o auxilio conjunto da força physica e da força moral. E' a formula do passado, da idade média, da antiguidade, representada presentemente pela revolução contra o militarismo. Sua acção é muito lenta, quasi improficua. O pacifismo consciente, porém que teve a sua origem com o apparecimento das obras de De la Croix e de Grotius, traduz a intervenção consciente do homem na santa obra da paz, precipitando as

forças da natureza, tornando-as, entretanto, menos violentas. Mas o verdadeiro pacifismo é o racional, o scientifico, o que trata de acelerar e melhorar a acção de um modo intelligente. A esta classe pertencem as alianças defensivas, a extinção dos armamentos, a garantia á execução das sentenças dos tribunaes internacionaes, a constante analyse dos erros, das faltas, da má orientação da gloriosa corrente pacifista, o combate á inacção, o estímulo constante á actividade sem desfallecimentos.

A egregia figura da paz universal não é mais um engano dos sentidos, uma illusão, uma simples e artificiosa miragem.

A analyse dos tempos modernos consagra o reino da concordia entre os homens. A religião da paz conta hoje um proselytismo infindavel. O progresso dos sentimentos humanitarios é incontestavel. Dia virá, affirmou Victor Hugo, em que se mostrará um canhão nos museus, como se mostra hoje um instrumento de tortura, admirando-se do que elle possa ter sido.

Pois que ao programma das Conferencias da Bibliotheca Nacional se adiciona a delicada e proficua necessidade de fazer resaltar a parte que o nosso paiz toma em todos os acontecimentos mundiaes, é grato revelar a corrente de cordialidade que invade neste momento o Brasil, fazendo emergir o grande brilho da sua tradicional e nobre politica internacional. Falo justamente na occasião em que está em festas a nossa Justiça e em franco regosijo a nossa nacionalidade. Na historia da diplomacia brasileira está creada uma pagina em que se ha de commemorar a visita toda espontanea e honrosa do Sr. *Theodoro Roosevelt*, o valoroso e genuíno representante da civilização americana, que ora percorre o nosso paiz, recebendo, como em todo o universo civilizado, as aclamações devidas á sua grande popularidade, toda ella creada num immenso ambiente de paz e de heroica dedicacão pela sorte da humanidade.

A missão da Embaixada Bacon espalhou igualmente um sopro de intensa alegria e franco orgulho nos nossos constantes sentimentos de sinceros cooperadores da vasta obra de approximação continental. O visível movimento de sympathia e cordialidade que nestes ultimos tempos as nações continentacs e as do velho mundo manifestam pela nossa patria é um factor que não póde ser desprezado pela clarividencia das nossas classes dirigentes. O facto tem de ser aproveitado com argucia e tacto, com patriotismo e solícitude pelos nossos homens de Estado e pelo proprio povo.

Os espiritos de renome e de influencia universal que procuram o nosso esforço e a nossa cooperacão, sabem que aqui encontram um immenso campo de acção natural, que, sem aventuras exoticas, pode auxiliar effiçazmente, sinceramente, a evoluçao social, politica, commercial e economica das duas Americas e do proprio mundo. Tivemos a fortuna de conservar o valor dos nossos sentimentos pacificos através das vicissitudes politicas e sociaes. A nacionalidade creou-se sob o influxo de uma atmospherá de ordem que sempre inspirou o respeito absoluto á grande obra de confraternização internacional. A diplomacia brasileira tem sido igualmente sentinella avisada de uma constante politica de serenidade, de sabedoria, de moderação e de desinteresse.

O Sr. *Helio Lobo*, que é uma grande esperanca, um bello talento diplomatico que desponta, deixou o facto bem patente nas paginas de um seu precioso livro. Provou como o Imperio exerceu uma verdadeira continuidade na politica externa através da obra dos annos e como o Brasil, graças a isso, pode levar a sua a bom termo, num continente de democracias irrequietas e governos transitorios. A Republica respeitou a tradiçao. O pacto constitucional instituiu o regimen da arbitragem, regimen que tem sido praticado mais de trinta vezes.

Não admira, por conseguinte, que a missão *Roberto Bacon* encontrasse todo o nosso intellectualismo visivelmente disposto a abrir-lhe os braços fraternaes. O "Congresso Pan-Americano" e a "Junta de Jurisconsultos" haviam preparado o terreno em que tinha de assentar a pedra fundamental da inestimavel aspiração. Um grande jornalista, que é ao mesmo tempo um grande e sincero amigo do Brasil, o Sr. *Manuel Bernardes*, vem de mostrar de um modo brilhante todo o valor dessa grandiosa Assembléa, prestando ás nossas lettras um assignalado serviço e á nossa Justiça uma homenagem que ha de repercutir pelo mundo civilizado. O seu livro "Um Continente de Paz" — "O Brasil por dentro" é um soberbo e rico thesouro contendo os aspectos fundamentaes da actualidade brasileira, no que ella tem de mais nobre, mais digno, e mais elevado. No estudo dos nossos homens e no exame das nossas cousas, o eminente Sr. *Bernardes*, com uma carinhosa dedicação, mais uma vez deixa nítida a face da politica de paz e concordia do Brasil, que é a fina substancia, verdadeiro coefficiente da grande Justiça internacional.

Mas a civilização não se contenta em regular a Justiça entre as nações. O problema mais vasto, mais complicado e mais difficil é o da Justiça social, o da Justiça entre os homens. A evolução de ambos é identica, formando mesmo uma idéa concreta, um typo commum. Mas a grande sociedade dos homens é infinitamente mais complexa que a sociedade das nações. A invocação aos direitos do homem é a regra geral, mas a Justiça social não comporta uma só categoria de problemas. Antes de tudo e na hora actual, a Justiça é uma questão economica. A phrase é de *Gabriel Chavet*, aliás, um idealista, para quem o ideal é estimulante da actividade, o reconfortante da alma, a fôrma pensada da evolução.

Apparecem assim as forças convergentes para a acção collectiva. Os tempos modernos consagram o *mutualismo* como o melhor elemento posto ao serviço do progresso individual e social. A mutualidade é a educação por excellencia dos costumes, representando, ao mesmo tempo, o respeito do proximo, o gosto da economia, o sentimento da familia, o senso da previdencia, o espirito de solidariedade. Esse é o pensamento do mundo mutualista que contém "o embryão de uma organização social espontanea, que é o unico a quem o instincto popular dá o fremito da vida e cujo poder vive ao calor do sentimento publico."

Os grandes destinos das nações actuaes estão nas mãos desse poder formidavel que se alarga nas sociedades, dominando os espiritos, estimulando as energias, prosperando livremente, buscando novas fontes para uma justiça reparadora e bem comprehendida. O nosso paiz é um vivo exemplo da palpitante prosperidade desse movimento de cooperação, que importamos recentemente e que em pouco tempo vai assumindo proporções sorprendentes.

E' agradável observar cuidadosamente o phenomeno. Dia a dia augmenta o numero das associações mutuas e o facto já está despertando a attenção do estrangeiro. O Sr. *Leopoldo Mabileau*, devotado apostolo dessa bella campanha mundial, é nosso hospede neste momento e ahí está emprestando ao movimento o alto valor e o grande prestigio da sua robusta mentalidade, da sua actividade sem par. Ha dous annos o Estado de S. Paulo inaugurava o primeiro Congresso de Mutualismo Sul-Americano, lançando o marco fundamental da Federação Nacional das Mutualidades, base da ordem e da disciplina que devem sellar a unidade proveitosa de todas as obras. Uma obscura voz saudou por essa occasião na imprensa fluminense a brilhante iniciativa do Estado paulista, fazendo realçar a franca manifestação dessa virilidade intellectual e desse magnifico gesto.

No dominio da politica social, dizia-se então, o mutualismo, pela sua importancia e pelos seus admiraveis efeitos praticos, veio preencher uma lacuna moral e economica, lacuna tanto mais apreciavel quanto é certo que elle surgiu no meio das

crises permanentes e fundamentaes dos corpos dirigentes da sociedade. Nascidas logicamente da tendencia associativa dos povos, as multiplas fórmas das instituições de previdencia diffundiram-se nas sociedades modernas, offerecendo remedio poderoso contra o proprio phenomeno natural e complexo do pauperismo. E o nome do Sr. *Mabileau* era já aqui consagrado por esse tempo e rememorada a sua judiciosa concepção, tendente a fazer com que o mutualismo, pelo uso consciente e concertado de associação livre, represente um papel reivindicador, em que o mutualista pretende ser um revolucionario á sua boa maneira, revolucionario que quer uma sociedade melhor, mais amiga dos pequenos, mais devotada aos pobres, sociedade fundada sobre a lei soberana que rege tanto o mundo moral como o universo physico, fundada, emfim, sobre a solidariedade consciente de todos os operarios da civilização.

Do mutualismo ao solidarismo não medeia mais de um passo. O solidarismo é uma figura nova, que representa com o seu alto prestigio a consciencia commum das grandes collectividades. A obra da solidariedade social abrange o circulo immenso dos interesses individuaes e communs da sociedade humana. Tudo isso tem sua base principal no patrimonio inestimavel das leis de hygiene social e de assistencia mutua, que abrangem resumidamente toda a criação collectiva, toda a logica consciente do pensamento contemporaneo. A philosophia da solidariedade conduz ao estudo da solidariedade moral, da solidariedade biologica, da solidariedade juridica. O espirito solidarista melhora na sociedade a sorte dos associados, institue a cooperação pelo mutualismo, organiza, emfim, uma associação quasi fraternal. Nesse vasto campo de acção, porém, começam os perigos, os exageros, o debate extremado dos sectaristas. Chega-se a admittir que a doutrina do solidarismo foi instituida para fazer repousar o dever da beneficencia, não mais sobre a caridade e o amor, sobre um sentimento subjectivo e livre, mas sobre uma idéa, sobre um principio scientifico e racional muito proprio para justificar a intervenção da força publica.

Nada de menos verdadeiro, de menos pratico, de menos proficuo do que essa logica absoluta para justificar a ordem dos phenomenos que na actualidade revolucionam os principios, produzindo methodos e systemas em beneficio da harmonia social. Alfredo Croiset explica como o sentimento do amor deve ser o cimento necessario ou, melhor, o principio de vida de todas as obras, principio destinado a fazer reinar na sociedade mais felicidade e mais justiça. Todas as crenças, todas as opiniões philosophicas se podem accommodar na idéa da solidariedade envolvendo os catholicos, protestantes, judeus, livres pensadores, positivistas e espiritualistas. A adhesão commum gera o merito e a honra da solidariedade. A moral não se deve converter, pelo desaccôrdo das doutrinas, num campo de batalha.

Aqui mesmo, no seio da comunidade brasileira, ha facto recente que bem demonstra como as idéas, uma vez encaminhadas sem intuitos exclusivistas, dominam os espiritos intellectuaes, absorvendo as consciencias puras. Ha poucos annos alguem se lembrou de transportar para o nosso paiz o movimento que, em toda a parte do mundo civilizado, então se fazia nos dominios da assistencia publica e da beneficencia privada. Em nome da doutrina e da experiencia contemporaneas reclamava-se para a assistencia pública uma classificação juridica entre os factores de civilização e de saneamento moral no meio social. Convinha-se que sómente assim ella se tornaria o ideal de uma justiça defensiva, preventiva e reparativa, uma vez que outras não eram as condições vitaes da mais pura confraternização humana.

Era um cunho director, superior e scientifico que se queria imprimir ás nossas obras de philantropia, encaminhando-as para a larga estrada indicada pela sciencia e pela caridade, furtando-as á desorganização actual. Era uma transição que se

aconselhava: do regimen da beneficencia espontanea para a philantropia systematizada. Seria fundada, como então foi dito, uma grande associação protectora dos desvalidos, destinada a exercer uma fiscalização carinhosa para impedir a fraude que, muitas vezes, leva a beneficencia publica a favorecer a ella propria, de envolta com os verdadeiros necessitados.

O appello feito, sem exclusão de crenças e doutrinas, para a installação dessa nobre disciplina nos movimentos de generosidade brasileira recebeu os mais francos, os mais completos, os mais significativos applausos e adhesões. Pouco importa que por uma deploravel inercia não se tenha querido até agora aproveitar o successo da propaganda para traduzir em lei aquillo que já está sancionado pelo consenso unanime da opinião. Não me cango de dizer que a causa ha de ser vencedora no dia em que houver neste paiz um homem publico bem compenetrado dos seus sagrados deveres e que queira, em boa hora, immortalizar o seu nome.

Devia terminar aqui a tarefa que me foi confiada, e que mal interpretei neste esboço superficial, incolor e circumscripto. Não quero, porém, concluir sem fazer uma ultima referencia a um interessante phenomeno que nestes ultimos tempos assignala a marcha progressiva da justiça e da assistencia solidaria nos dominios das instituições sociaes. Os principios primordiaes da justiça moderna conquistaram um curioso e novo aparelho que modificou profundamente, radicalmente, a acção reguladora da autoridade publica na crescente complexidade dos crimes e das infracções de toda a sorte. Nunca o evolucionismo nos varios ramos da actividade juridica contou um triumpho maior e mais significativo. Ha uma verdadeira revolução nas regras educativas e correccionaes. A determinação legal das penas soffreu um abalo violento com esse surto do novo, curioso e autonomo organismo judicial.

E' a nova era de justiça que surge, justiça substanciada nos *tribunaes para crianças*, honra da geração actual, sagrado ministerio, especie de apostolado social em que a alta dignidade do juiz passa a receber uma consciencia mais clara, um senso mais preciso, encontrando a preservação moral da infancia afinal solução menos complicada.

Ha doze annos, pouco mais ou menos, a Confederação Americana, que já havia tido a immensa gloria de fundar as verdadeiras leis da assistencia publica, creou as suas *Córtes Juvenis*, multiplicando-as pelo seu vasto territorio, fazendo admiração e successo em todo o universo culto. O Canadá, a Australia e a Nova Zelandia seguiram logo o modelo dessa engenhosa machina judiciaria. Transpondo o oceano, a idéa foi fecundar o solo productivo e tradicional da Inglaterra. *Birmingham* tem o seu tribunal juvenil installado em 1905.

Quasi toda a Europa acolheu jubilosamente essa concepção de justiça, bem comprehendida e melhor equilibrada. A Allemanha fez confeccionar a chamada "legislação progressiva", espalhando-a pelos Estados confederados do Imperio. A Australia, a Belgica, a Hungria, a Suecia, a Suissa, Portugal, a Hespanha e a Russia instituiram a harmonia directriz e a Italia, não contente de recebê-la com effusão, trata já de organizar um código especial para crianças.

Ha dous annos houve em nosso paiz um preponderante movimento em favor desse deslumbrante systema confiado á nova justiça social. Apraz dizer que isso nada mais significava que a sequencia natural e logica das operações productivas sobre a assistencia publica, conjugadas num circulo de devotamento e de aspiração communs. Tratava-se de um simples artigo cheio de idéas já aqui conhecidas e sem originalidade alguma, mas que alcançou uma repercussão com que não havia sonhado o seu autor. Posta em fóco a questão, houve uma atmospheria geral de sympathias pela causa.

O "Jornal do Commercio" e a "Gazeta de Noticias", movidos pela curiosidade do assumpto, abriram inqueritos e indagaram até que ponto e de que modo se poderia adoptar entre nós a admiravel instituição norte-americana.

Tudo que ha de mais illustre na sciencia e nas letras approvou e applaudiu o plano generoso. Uma unica voz, muito abalizada e muito acatada, observou apenas que a França não havia ainda adoptado o novo regimen e isso lhe parecia algum tanto extranhavel. Desde o anno passado, porém, o Parlamento francez, após um longo e brilhante turno em que tomaram parte os seus mais illustres ornamentos, instituiu a lei de 22 de julho, que está em plena execução, apresentando resultados maravilhosos, fazendo assim honra e gloria á conhecida sabedoria e previdencia daquella afortunada nação.

No Brasil, deixae que eu diga com verdadeira lastima, o Congresso Legislativo não se apercebeu ainda da importancia do assumpto, quando facil seria aproveitar a onda unanime da adhesão incondicional para incorporar ás nossas codificações uma das mais preciosas conquistas da jurisprudencia contemporanea. E' o que commumente acontece entre nós. Assimilamos vertiginosamente as idéas alheias, mas em seguida deixamos que ellas fiquem esquecidas e, na maior parte das vezes, sem execução proveitosa. E' o eterno prejuizo que radicamos profundamente e que bem se poderia chamar — o grande vicio indigena da importancia instantanea, a que está ligado o consequente collapso entorpecedor. O douto professor AUSTRECESILLO, num magistral discurso ha pouco proferido, diagnosticou com muita felicidade o processo que elle chamou — o *americanismo intellectual*, méro esforço inutil, muitas vezes sem consequencias praticas.

Quem não tiver, porém, o espirito ainda bastante obliterado pelas desillusões, pelas descrenças e pelo pessimismo dissolvente deve apparellhar uma reacção bem combinada e energica para afastar os tropeços e os embaraços de toda a sorte. E' por isso que, ao concluir, faço um appello ao nobre Ministro da Justiça, Sr. Dr. Herculano de Freitas.

S. Ex. é um professor de Direitõ que ora empresta a um dos departamentos do Estado o alto prestigio do seu nome, da sua capacidade, da sua vasta cultura intellectual, comprovada na cathedra de S. Paulo e nas lutas do jornalismo. Um simples movimento da sua acção, do seu espirito, pôde fazer incorporar ao nosso patrimonio judiciario mais um tribunal que dará esplendor, refulgencia e lustre á nossa nacionalidade e á nossa Justiça.

A sinceridade intellectual exige que cada um empregue armas permanentes para a conquista e solução dos problemas correntes da vida real. A solidariedade das idéas e dos espiritos gera a associação das forças individuaes e a sua harmoniosa coordenação. Devida aos membros da sociedade, ás gerações passadas pelos seus beneficios e trabalhos, a Justiça reveste um character soberano que o tempo não consegue perturbar e modificar. Elevando todas as faculdades, ella traduz uma admiravel força para o patrimonio intellectual, moral e material das sociedades, transformando-se numa utilidade geral, reveladora de todos os interesses da communhão humana. Os circulos de consciencia e os corpos collectivos compõem a harmonia dos grandes grupos onde a coincidencia commum actua como força essencial, soberana, fundamental.

Simple abstracção, simples idéa, simples producto abstractamente concebido á maneira das leis geraes e do espirito, como querem alguns, é preciso ver na Justiça um phenomeno social de perfeita estrutura, representativa de um nobre ideal. As revoluções politicas abalam a vitalidade commum, mas não operam o equilibrio da collectividade.

O sonho ha de caminhar paralelamente á acção. A concepção social exclue a Justiça absoluta, da mesma maneira que não produz a felicidade completa, a liberdade integral, a igualdade sem limites. Mas dessa superior e incomparavel orientação deve naturalmente brotar a excellente coincidência dos interesses, gerando o equilibrio que é a ordem social, a segurança, o direito, o respeito ás posições conquistadas. Servida indistinctamente pelos bens preciosos do *internacionalismo*, do *mutualismo* e da *solidariedade*, essa rara penetração das consciencias produz na actualidade a Justiça mutua, a mais alta Justiça, a regra suprema para attingir o ideal em toda a sua plenitude, Justiça, enfim, que dá á missão repressiva social uma trajectoria mais serena, mais logica, mais luminosa, mais humana.

A FUNÇÃO GOVERNAMENTAL EM MATERIA DE HYGIENE

CONFERENCIA REALISADA A 28 DE NOVEMBRO DE 1913 PELO DR. CARLOS SEIDL

No desempenho de formal compromisso, mais do que na execução de acto espontaneo e desejado, subi a esta tribuna.

Em momento de exaggerada confiança nas proprias forças e de inteiro olvido do valor do tempo, rapido e fugaz, accedi ao gentilissimo convite do meu eminente amigo Dr. Cicero Peregrino, provector Director desta Bibliotheca, e assenti em tomar por thema de uma das conferencias da série deste anno o seguinte ponto — "Função governamental em materia de hygiene".

Pensava poder ir paulatinamente preparando os elementos necessarios para a exposição desta noite. Julgava ser-me possivel attingir a época marcada, sem trabalho de afogadilho e de ultima hora. Tive a desillusão e o desgosto de sentir-me nas proximidades da data estipulada, fóra, porém, dessas previsões sensatas. Sirva tal confissão de excusa para a imperfeição da obra, se já não lhe bastar a desproporção do minguido ou nullo merito do seu autor, perante a grandeza e importancia de estudos desta ordem.

Haverá talvez quem tenha vindo ouvir-me, esperando cousas novas, ineditos conceitos, affirmações originaes. Não sei como evitar-lhe a desillusão formal, quando nada mais certo do que vem sendo dito pela bocca de Salomão, ha tantas centenas de annos. E, se nada é novo debaixo do sol e se novidades não forem ditas na presente conferencia, que ao menos não pareçam, ao selecto e benevolo auditorio, eivadas de desacerto e máo fermento as palavras que ouvir.

Função governamental. Pretendo exprimir nestas duas palavras o conjuncto de attribuições inherentes aos que têm a responsabilidade da vida dos homens reunidos em sociedade. Poderia tambem dizer — função do Estado — sem cogitar de fórmulas de governo, nem das divisões e subdivisões dos poderes que o constituem.

Governar é prever e a previsão é hoje o dever capital em materia de hygiene, cujo programma é: — regular a vida do homem, de modo a assegurar-lhe o livre exercicio de todas as suas funcções e o desenvolvimento de todas as suas facultades.

De taes premissas infere-se que existem, em materia de hygiene, funcções governamentais de grande importancia, deveria até dizer de maxima importancia e, mesmo sem exaggero, affirmar que nenhuma das outras funcções sociaes as exceedem, pois trata-se da vida humana, que representa o valor economico mais apreciavel na riqueza e prosperidade das nações.

Haverá ainda quem pretenda recusar ao Estado a salutar função de intervir em nome da hygiene? Nem Spencer, que foi o protagonista do individualismo, julgou

poder fazel-o e seria longa a lista dos economistas e escriptores que defendem e propugnam o dever que cabe ao Estado em tal assumpto.

Tal foi o thema de bem fundamentado relatorio da lavra do insigne mestre do direito Dr. Pedro Lessa, apresentado ao 4.º Congresso Medico Latino-Americano, reunido nesta Capital, em 1909, onde se lê o seguinte: — “Mesmo entre os publicistas que se distinguem por suas vistas originaes acerca da natureza do Estado, havemos de notar manifesta concordancia com os jurisconsultos indicados no que toca ao assumpto que nos interessa. Duguit, por exemplo, na obra — “L’Etat, le Droit Objectif et la Loi Positive”, que nos apresenta um conceito do Estado completamente diverso das noções correntes sobre a materia, e que, seja dito rapidamente, não nos parece accetavel, escreveu á pag. 239 desse livro: — “A obrigação de garantir a segurança geral por meio de medidas preventivas envolve a obrigação de assegurar a salubridade e, por exemplo, a de vedar todos os estabelecimentos nocivos á saude publica e a locação das habitações insalubres, bem como a obrigação de empregar a força para impôr as medidas tendentes a evitar a propagação das epidemias”. Poucas linhas antes havia escripto: — “O Estado deve proteger a vida de todos os individuos ou, sob outra fórma, garantir a segurança de todos. Por um conceito unanime essa obrigação incumbe ao Estado.”

Assim, na theoria e na pratica se nos depara um geral accôrdo quanto á necessidade de intervir o Estado em materia de hygiene publica.” (Dr. Pedro Lessa, Intervenção do Estado em materia de hygiene publica, pag. 2.)

Assentarão estas idéas em solido alicerce? Nos paizes de integral disciplina social, em os quaes a evolução se faz effectiva nas leis e costumes, não se discute mais. Aceita-se o principio da intervenção do Estado em nome do interesse colectivo e o progresso é a consequencia e o premio.

Entre nós, todavia, ainda ha quem doutrine a sério e tenha opinião adversa. Ainda aqui houve quem, recentemente, protestasse contra uma necropsia que visava simplesmente precisar o mal que victimou um dos membros da collectividade e com tal averiguação orientar a defesa sanitaria collectiva. Ainda ha quem encontre recursos no Poder Judiciario para dilatar, protelar e até annullar a acção da autoridade. E assim se explica, como e porque tem sido infructifero, em muitos casos, o esforço da Directoria de Saude Publica. Não é difficil apresentar casos concretos. Quem ha ahí que não lastime e censure, por exemplo, a situação em que se vê esta cidade, cintada de bellos morros e collinas, aquelles e estas, porém, hediondamente enxertados de barracões toscos e casebres de horrivel aspecto, fetidos, repellentes, abrigando moradores de ambos os sexos, em inteira promiscuidade, sem agua e sem esgotos?! Só o morro da Favella tem 219 habitações desse genero; o de Santo Antonio 450, vivendo em ambos uma população de perto de 5.000 almas. Em 7 districtos sanitarios urbanos contaram os meus auxiliares 2.564 barracões com 13.601 habitantes. E porque não se providencia contra uma tal situação? Não é este o logar para explanar o assumpto, sob todas as suas variadas faces. Basta-nos, todavia, saber que a autoridade sanitaria, bem intencionada, não pode proseguir na limpeza do morro de Santo Antonio porque estacou ante um mandado de manutenção em devida fórma concedido ao explorador do mais hediondo e repellente desses barracões. Repugnou á autoridade impôr a destruição de outros desfavorecidos desse recurso e teve de cruzar armas. Este facto occorreu na vigencia de uma das administrações anteriores á actual, mas o estado de desalento que dahi se originou foi tal, que nada mais fizeram os responsaveis directos pelo caso; e posso

garantir, entretanto, que o delegado de saúde do 6º Districto é trabalhador e o inspector sanitario da circumscripção é activo e, zelosos ambos, os Drs. Barroso do Amaral e Teixeira da Silva têm sabido beneficiar a zona que superintendem.

Em outro districto desta cidade, no 8.º, existem antigas cocheiras de um prado de corridas transformadas em habitações humanas, defendidas tambem por um mandado de manutenção, que veda toda a acção da autoridade sanitaria. Possuimos photographias que documentam não haver exaggero na surpresa que este caso inspira. Ainda outro exemplo. Uma dessas fabricas immundas que infeccionam a atmosphera de todo um quarteirão, causando, quando trabalham, nauseas e sérias perturbações a centenas de pessoas, é intimada pela autoridade sanitaria a mudar-se; defende-se com a licença que pagou á Prefeitura para funcionar; é intimada a introduzir melhoramentos, recusa-se e ameaça valer-se do mandado de manutenção. De sorte que mais uma vez é burlada qualquer tentativa de defesa da saúde da collectividade.

E não são esses os unicos exemplos que poderia citar. Apanhei-os ao acaso para justificar a affirmação de que ainda em nosso meio se faz mister conquistar a opinião publica, não só a do povo, mas a opinião da gente que sabe ler e escrever e tem responsabilidades, no sentido de admittir-se a intervenção benefica da autoridade sanitaria. Entretanto, pensava-se haver sido dado um passo gigantesco, em 1904, com o regulamento Oswaldo Cruz, que mereceu, na sua parte juridica, minucioso parecer favoravel do Instituto da Ordem dos Advogados, em o qual é dito que a consequencia logica desse regulamento era "a extincção dos interdictos possessorios contra os actos das autoridades sanitarias profissionalmente exercidos". Quem se interessar pelo assumpto não se deve eximir de ler esse documento de alto descriptivo, provocado por Joaquim Xavier da Silveira Junior, de collenda e saudosa memoria, subscripto pelos Drs. Augusto Alvares de Azevedo, Fabio Nunes Leal, João Coelho Gonçalves Lisboa e João Marques, relator e principal defensor das idéas ahí contidas, que visam pôr um paradelro ao "regimen dissolvente de des-respeito systematico ás prescripções das autoridades sanitarias", na phrase do eminente relator.

A função governamental em materia de hygiene é, portanto, ainda entre nós, assumpto de controversia, pelo menos no que respita á sua extensão e limites. Não me quero referir aos intolerantes sectarios da doutrina que empareda a humanidade nos marcos assentados por Bichat e Broussais. Com esses, todo esforço de accôrdo e conciliação é impossivel. Todavia, mesmo entre os que aceitam a evolução e as transformações sobrevindas na vida das collectividades, após a era pasteuriana, ainda ha espiritos resistentes á these que vimos demonstrando. Para documentar o erro em que laboram, valerá a pena uma ligeira digressão atravez de escriptos dos mestres de hygiene? O assumpto merece-o. Vejamos, com effeito, e raciocinemos.

Os phenomenos economicos todos podem ser representados por tres termos: — Necessidades, Trabalho e Gozo. A hygiene paira sobre elles e domina-os. Compete-lhe indicar aos homens os meios de corresponder a estas *necessidades*, que são as da sua saúde. Cumpre-lhe traçar os limites a observar e as medidas a tomar para conservar as suas forças e augmentar a productividade do seu *trabalho*. O *gozo* será a resultante do equilibrio de todos estes actos.

A hygiene tem, porém, para tal fim, de intervir sobre o individuo e sobre a collectividade. Outr'ora, nos tempos primitivos, a acção da hygiene chamada privada tinha uma extensão muito maior que a de hoje. Modernamente, porém, as leis sanitarias visam de preferencia a collectividade, constituindo codigos de hygiene publica. As legislações antigas consagravam largos capitulos ás prescripções de hygiene individual, aos cuidados de limpeza corporal. Zoroastro, Moysés, Lycurgo, Solon, Mahomet editaram leis destinadas a livrar os seus respectivos povos de molestias

epidemicas e as decretavam sob a fôrma de preceitos religiosos, para que merecessem aceitação. Lavar-se, tomar banho, medidas de asseio mais intimo, constituam regras de religião, a cujas infracções eram comminadas penas severas e até a morte.

Em nossos dias, o individuo, cioso de seus direitos, não toleraria tal intervenção, reputada abusiva, e já d'isso é prova a resistencia geralmente opposta aos regulamentos de hygiene publica. Que fazer, portanto, e por que meios agir sobre o individuo, afim de conseguir que regule sua vida intima segundo as boas regras, não tanto para que elle, como tal, seja protegido e prolongue sua estadia no planeta, mas para que das infracções não resulte mal para a collectividade, porquanto nada ha na vida dos povos em que mais se precise de solidariedade do que em materia sanitaria? O descuido e a ignorancia de um pôde ser a causa de maleficios que attingirão dezenas, centenas e até milhares de outros.

Foi isso o que bellamente exprimiu, em phrase justa, o Professor Monod, ao inaugurar um dos congressos de hygiene e salubridade de Pariz: — "Quando os cidadãos ficarem esclarecidos sobre esta questão, quando elles tiverem comprehendido que as prescripções da hygiene são a execução de leis scientificas, que estas prescripções e medidas de saneamento lhes interessam directamente, porque visam salvaguardar-lhes a vida e a de seus filhos, elles intervirão energicamente. Dir-se-hia, então, que é de facto absurdo morrer mais cedo e em maior numero do que em outros paizes. Assim esclarecidos, os eleitores, antes de escolher seus intendentos ou conselheiros municipaes, lhes perguntarão: — Se fordes nomeados, que contaes fazer em beneficio da saude publica ?

Os locatarios de um predio ou de um apartamento, antes de alugar-os, conclue Monod, informar-se-hão da sua salubridade e os proprietarios convencer-se-hão de que ha vantagens em obter da repartição de hygiene respectiva um documento semelhante ao que vão buscar nas companhias de seguro.

Os principios religiosos das legislações antigas foram substituidos pela persuasão. Empregal-a, tal é o dever do Estado moderno. Tal é a primeira funcção governamental em materia de hygiene.

As leis permanecem letra morta se a opinião publica não estiver preparada para acolhel-as. A propaganda dos preceitos de hygiene é, portanto, o dever primordial do Estado e esta propaganda deve ser feita intensamente, sendo seus principaes agentes o professor primario e o medico. Os programmas de educação publica constituirão a sua verdadeira legislação.

O esforço individual deve ser provocado pela palavra e pelo exemplo, porquanto, para manter-se, precisa de incessante animação, e, ninguem o ignora, os habitos de hygiene são difficeis de adquirir e conservar. Recordemos um exemplo tirado das legislações antigas. Entre os beduinos do XV seculo o Alcorão fizera da ablução uma obrigação religiosa. A agua era, porém, rara em certas regiões da Arabia. Para salvaguardar o principio, instituiu-se o chamado "taymmon", simulacro de ablução, consistindo em collocar de leve a mão sobre a terra e levantá-la em seguida até o rosto, imitando o gesto de quem procede a uma ablução. Para que a hygiene consiga os triumphos de que é capaz, é mister, portanto, a acção individual, estreitamente ligada á acção publica ou governamental. "*Il n'y a pas d'hygiène efficace sans l'aide de la population à protéger.*" (Marchoux, *Prophylaxie de la fièvre jaune*).

Muitas vezes é preciso que esta acção publica se faça sentir inicialmente, devendo, porém, cessar em dado momento, quando a educação individual parecer ter sido obtida. Exemplifiquemos com factos contemporaneos e nossos.

O regulamento sanitario de 1904 não consigna a obrigatoriedade por parte dos empregados subalternos da Saude Publica de lavar caixas ou depositos de agua das

casas particulares e estabelecimentos publicos, porém a obrigação, sob pena de multa e até prisão, de terem os moradores das casas ou responsaveis pelos predios as suas caixas de agua em constante e perfeito asseio e cobertas a prova de mosquitos. Não é descabido recordar este artigo e outros semelhantes do regulamento sanitario.

Art. 107. — Se o Inspector Sanitario, nas visitas que fizer, no exercicio de suas funcções, *encontrar depositos de agua com larvas*, além de mandar inutilizal-os immediatamente, *imporá ao responsavel a multa de 50\$ a 100\$000*.

Art. 108. — Todos os reservatorios de agua de qualquer especie serão protegidos contra os mosquitos por meios adequados, exercendo-se rigorosa vigilancia sobre as torneiras, ladrões, etc., com o fim de evitar o desperdicio e o empoçamento de aguas.

As infracções a este artigo serão punidas com multa de 50\$ a 500\$000, dobrada na reincidência ou prisão por oito dias ou um mez (art. 300).

Art. 112. — *E' obrigatoria a limpeza das calhas e telhados*, devendo as calhas ter inclinação sufficiente para dar prompto escoamento ás aguas.

Art. 114. — Quando por occasião de obras, escavações e movimentos de terras formarem-se accumulos de agua, *os responsaveis por estes serviços deverão lançar petroleo* semanalmente em taes depositos, ficando passiveis da multa de 100\$000, caso nelles sejam encontradas larvas.

Pois bem, senhores, a não serem as infracções do art. 108, as outras nunca foram punidas e o regulamento existe ha 9 annos. Os empregados da Saude Publica executavam o serviço que cumpria a cada particular fazer. Era assim preciso para educar o povo. Parece, porém, que uma educação de 9 annos é sufficiente e tempo é já de exigir-se o cumprimento integral da lei. Entretanto, não se pensa geralmente assim e ha muita gente que julga ser estricta obrigação do pessoal da Saude Publica lavar caixas d'agua. Estas, como toda apparelhagem de uso individual ou familiar, devem ser objecto da attenção do respectivo morador, a quem incumbe velar pela sua limpeza e, se a todoq isso preoccupasse, não seria difficil a manutenção de um bom estado sanitario. Parece descabido e veramente insolito, portanto, no nosso seculo, contar com os serventuarios publicos para a execução de um serviço de hygiene individual. Assim como não é curial, digamolo de passagem, attribuir-se inteiramente ao Estado a defesa dos individuos contra a acção nefasta dos charlatães e mezinheiros. Emquanto não existirem leis claras, positivas, insophismaveis, que não permittam chicanas, é certo que as tentativas de repressão por parte das autoridades contra os vendedores de Orvietan, que por ahi pullulam sem diploma ou com diploma de avariada precedencia, redundarão em proveito dos mesmos, pelo reclamo que se lhes faz e pela sympathia que toda victima ou pseudo-victima inspira á massa ignara. Neste assumpto, não nos esqueçamos jámais que *stultorum numerus infinitus est* e que o charlatanismo nasceu no dia em que o primeiro tratante encontrou o primeiro imbecil, a phrase certa de Voltaire: — "le charlatanisme est né le jour où le premier fripon a trouvé le premier imbécile"... A propaganda destas idéas é necessaria. E' funcção governamental, e a primeira de todas, espalhar em todos os meios sociaes os sãoos principios que regulam a vida de cada individuo, segundo a boa e moderna hygiene, obtendo que a acção individual complete a acção publica. Para este effeito é que faz parte da enorme somma de deveres do Director de Saude Publica e de seus delegados e auxiliares a organização e distribuição de conselhos ao povo e foi com este intuito que esses funcionarios fizeram recentemente conferencias populares nos meios operarios e escolar, principalmente, sobre a prophylaxia da tuberculose. Cumprem, portanto, um dever, assim procedendo, não sendo justo e equitativo declaral-os, por isso, victimas do prurido de fallar.

Já se apercebeu de certo o esclarecido auditorio que não inclui, até agora, na resenha das modalidades da acção governamental, em materia de propaganda hygienica, a que cumpre executar para reabilitação do nosso caro Brasil, tão desconhecido ainda em seu clima e calumniado em sua nosologia, principalmente. Que motivos a justificam ?

1.º — Em opusculo que foi dado á estampa ha 12 annos, assignalei a opinião de um autor, medico argentino de renome, que, ao escrever em francez sobre climatologia do Rio de Janeiro, disse: — “Le voyageur qui de la mer contemple le panorama de cette belle localité, reste émerveillé de sa magnificence. C’est un véritable rideau, qui cache les germes innombrables de désolation qui pullulent sur ce point”...

2.º — Depois que, por desidia da propria administração nacional, penetrou o tracchoma até os nossos sertões, obrigando o Estado de S. Paulo a organizar uma prophylaxia especial, nas proprias nações exportadoras de tão grave doença, sem que energicamente protestassemos, nos apontam como paiz do tracchoma...

3.º — Parecia que, depois das conquistas sanitarias de Oswaldo Cruz e de seus dedicados auxiliares, de 1904 a esta parte, firmadas e tornadas mundialmente conhecidas, sobretudo nas Exposições de Hygiene de Berlim e Dresden, não mais se escreveriam desairosos conceitos sobre a Capital do Brasil. Entretanto, permittit que vos leia a opinião recentemente externada nas paginas de uma “Geographia medica” pelo Dr. Emile Laurent:

“O Brasil tem uma temperatura muito elevada nas regiões centraes, elevada nas provincias do littoral e temperada nas partes montanhosas. As chuvas são muito abundantes ao norte e tornam-se raras do norte ao sul e á medida que a gente se afasta do equador e das costas. O *paludismo domina toda a pathologia brasileira*. Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro são particularmente devastados pela malaria. A tísica pulmonar se torna de mais em mais frequente. O cretinismo e o bôcio existem em todas as regiões montanhosas. A ophtalmia purulenta foi importada da Africa pelos negros e faz grandes devastações. A syphilis é universalmente espalhada. A lepra, a elephantiasis, o ainhum são frequentes e assim tambem o dracunculo. A *febre amarilla é endemica*. Finalmente, as serpentes venenosas determinam todos os annos a morte em um grande numero de pessoas!”...

4.º — Na Encyclopedia “Nelson”, edição nova, que ha dous ou tres mezes adquiriu a Directoria de Saude Publica, no capitulo sobre o Rio de Janeiro, lê-se o seguinte: — “The climate is unhealthy, yellow fever and phtisis being very prevalent.” — “O clima é insalubre, prevalecendo muito a febre amarilla e a tuberculose”. — Nenhuma palavra sobre as grandes obras de saneamento do Rio de Janeiro empreendidas com feliz exito pelos governos federal e municipal.

Parecem sufficientes as citações que venho fazendo para convencer-vos de que não é licito ao Governo brasileiro descansar na propaganda elevada e efficiente da verdadeira situação nossa em materia sanitaria, propaganda que exige, da parte dos que têm a responsabilidade do futuro deste grande paiz, a coherencia em passar do terreno da palavra para o terreno dos factos. Neste particular os governos republicanos do Brasil vêm demonstrando felizmente somma aprecavel de productiva energia.

No seu activo contam já muitos feitos que ao historiador imparcial cumpre registrar. Para citar apenas o que se passa contemporaneamente, referirei a organização de missões scientificas para o estudo da molestia de Carlos Chagas e sua prophylaxia e a que foi enviada ao Amazonas. Em conferencia publica recente ouvimos o chefe eminente dessa missão relatar quanto observou, para poder affirmar terem sido até hoje os factos que interessam á vida daquella uberrima região “encarados atravez um pessimismo anni-quilador e interpretados sem o criterio

profissional imprescindível, originando-se dahi a tradição de insalubridade que faz da Amazonia uma terra inhabitavel, predominando falsas doutrinas sanitarias que procuram fundamentar em condições telluricas ou atmosphericas especiaes, uma supposta inadaptação do homem áquellas regiões”.

Governos que cogitam desses problemas, embora não os possam logo resolver, ao pol-os simplesmente em equação conquistam de certo a benemerencia publica. E esta, por tal motivo, não poderá a historia recusar ao actual Governo da Republica.

A segunda função do Estado, em materia de hygiene, é promover a democratização social. Pretendo significar que as prescripções e leis sanitarias alcancem ricos e pobres.

Não ha muito tempo, de outra tribuna, fiz alongada referencia a esta parte do problema. Acompanhando raciocínio que lera algures, discuti o ponto ferido pelos que dissentem dessas idéas, vislumbrando, nas exigencias de ordem sanitaria, insupportavel tyrannia. Recordava então o art. 4.º da famosa declaração dos direitos do homem, assim expresso: — “A liberdade civil é o poder de se fazer o que se quer no estado social sem lezar a outrem” — e argumentava: — Emquanto a salubridade pareceu interessar apenas o individuo, ou quando muito a familia, deixou-se aos cidadãos o gozo de liberdades, cujo abuso só parecia então lhes ser pessoalmente nocivo. Veio, porém, a sciencia, e de modo preciso e cada vez com maior segurança, evidenciou as leis da solidariedade sanitaria. Novos deveres surgiram então. O que fôra permittido, quando julgado inoffensivo, não o deve ser mais, desde que tenha sido julgado prejudicial. Sabe-se que a insalubridade de uma casa não ameaça tão sómente os que a habitam, sabe-se que esta casa se tornará na primeira occasião o fóco de uma epidemia que se irradiará; é, portanto, evidente que não deve ser permittido ao cidadão de um paiz civilizado possuir uma casa insalubre. Por motivos de economia contruis uma fossa absorvente, por esse meio espalhaes no sólo substancias nocivas; as aguas, atravessando esse sólo, ficam envenenadas e vão levar á distancia a febre typhoide e a morte: teréis, porventura, feito legitimo emprego de vossa liberdade? E não será justissima a lei que vos interdissar, sob penas bem severas, uma tal contaminação das aguas correntes? Será, por acaso, usar de liberdade confessavel, lançar no commercio, sem precaução alguma, vestimentas e roupas contendo germens de molestias contagiosas? Será, por acaso, ainda uma vez, usar de liberdade vender aos incautos generos alimenticios deteriorados, sobretudo quando tal inconveniente não é denunciado pela manifestação de propriedades organc-lepticas, cuja existencia a ninguem escapa?

Será por acaso, ainda uma vez, usar de liberdade confessavel contribuir pela sua ignavia, para a criação e proliferação de insectos e parasitas inoculadores ou vectores de germens morbidos, conforme é hoje doutrina solidamente firmada em sciencia?

A liberdade de não ser infectado vale bem a de espalhar taes germens, mas a liberdade de viver deve prevalecer sobre a liberdade de matar. Envenenar, matar, não é usar de liberdade, é violal-a e a lei que se oppuzer a semelhante acto não offende a liberdade, pelo contrario, a salvaguarda. A conclusão indiscutivel é que a coerção legal, no limite em que ficou demonstrado ser necessaria á protecção da saude do maior numero, não sómente é legitima, mas ainda se impõe ás sociedades, como um de seus essenciaes deveres.

Um paiz ha em que, mais do que alhures, as prerogativas locaes, a liberdade

individual, a inviolabilidade do domicilio sempre foram defendidas com tenacidade extrema: — a Inglaterra.

E é justamente o paiz modelar, no ponto de vista de sua organização sanitaria, e no qual, com maior rigor e exito, foi levada de vencida a campanha contra a habitação insalubre.

Em 1777, levado por influxo oratorio celebre na historia, William Pitt exclamara no Parlamento do seu paiz:

“A casa do cidadão inglez desafia todas as forças do Estado. Ella pôde não ser senão ruinas; pôde estar cahindo aos pedaços; o tecto pôde já ter abatido; o vento e a chuva poderão ahí entrar á vontade; mas o Rei da Inglaterra não pôde nella penetrar”...

Aquillo que foi defeso ao Rei da Inglaterra, no XVIII seculo, a hygiene publica, em nome do interesse de todos, superior ao poder e á majestade reaes, faz sem difficuldades no XX seculo. E ainda faz mais do que entrar em casa, pois a interdiz e, se julgar necessario, a mandará destruir.

Attingirão, entretanto, as exigencias da defesa sanitaria da collectividade em nossos dias os rigores das praticas de outr’ora, de modo a ferir direitos e susceptibilidades individuaes? Permitti que compendie alguns exemplos que encontrei disseminados. Ha dias lendo um dos relatorios do eminente hygienista brasileiro, de veneranda memoria, o Barão do Lavradio, relativo aos serviços sanitarios em 1870, vi assignalada uma pratica que ora refiro, para documentação historica. Trata-se da lei barbara da repressão da syphilis no XV seculo, mandada executar por Jacques IV em 1497 e pela qual todos os infectados de syphilis tinham de sahir de Edimburgo, sob pena de serem marcados nas bochechas com ferro em braza. Com o mesmo intuito Luiz XIV em 1687 ordenou que todas as mulheres publicas encontradas na cidade de Versailles soffressem o corte das orelhas.

Yvert, em suas “causeries sanitaires”, cita os abusos commettidos sob pretexto de isolamento de pestiferos, nos tempos em que de peste morriam milhões. Esgotados os poucos recursos hygienicos de então, as medidas de defesa attingiam á barbaridade: — “Cada vez que occurria um caso de peste em uma casa, todos os seus moradores eram nella sequestrados, prohibidos de sahir, sob pena de morte. Os viveres lhes eram passados por meio de longas varas. Igual pena soffria quem tentasse entrar em uma cidade empestada ou della sahir.”

Em Vetlianka, no anno de 1879, para circumscrever um fóco de peste incipiente, serviram os cossacos. Immensos cordões sanitarios isolaram o territorio contaminado. Dahi ninguem sahia e para ahí ninguem entrava, sob pena de ser passado a fio de espada ou fuzilado, até que o flagello cessou e ficou circumscripto.

Taes barbaridades não se commettem mais hoje. Entretanto, na recente Republica chineza, a acreditar na narração de jornaes, houve um procedimento radical de supressão da lepra, que nada fica a dever aos de seculos atraz.

Vem de molde aqui lembrar, como termo de comparação com os nossos dias e talvez como explicativa para os actos de éras passadas, a hecatombe formidavel causada pela peste, a qual, só no anno de 1350, matou na Europa 25 milhões de habitantes sobre um total de 150 milhões e no mundo inteiro matou 42.236.426 pessoas, segundo os dados fornecidos pelo Papa Clemente VI.

A idéa da contagiosidade da tuberculose, que é antiquissima, tanto que 436 annos antes de Christo já Isocrates della se servira para defender um cliente, provocou medidas draconianas nos seculos XVI, XVII e XVIII. No reinado de Filippe V havia uma lei obrigando os medicos a declarar os casos de morte por tuberculose, para que os objectos todos e até joias que tivessem pertencido ao fallecido fossem destruidos pelo fogo e defumadas as habitações que elles houvessem occupado.

No anno de 1750, em Nancy, por ordem judicial o mobiliario de um tuberculoso foi todo queimado.

De tão censuravel exaggero cahiu-se, nos fins do seculo XVIII, na mais completa apathia e desleixo, originados dos protestos dos anti-contagionistas, que fizeram proselytos. O resultado ahi está na proclamação feita de que todos fomos, somos ou seremos tuberculosos e dahi a illação de que não é mister applicar a esta doenca os processos de prophylaxia preconizados para todas as outras do mesmo grupo das chamadas evitaveis, em as quaes o resultado tem sido obvio.

Não é este, porém, o assumpto da actual conferencia e para completar a narração que vinha fazendo de algumas medidas de prophylaxia, em que a defesa da collectividade coage francamente o individuo e o fêre em suas naturaes susceptibilidades, referirei o que se lê em o numero 12, de 1911, do Boletim mensal do "Officio Internacional de Hygiene Publica". E' o titulo do artigo bibliographico:—"Diagnostico bacteriologico do cholera no porto de Nova York" (Monthly Bull. New York State. Depart. of Health. Sept 1911). Quando um navio procedente de porto infectado de cholera, chega á quarentena de Nova York, o official informante, subindo a bordo, leva consigo sufficiente numero de cartões numerados; estes cartões são entregues ao commissario de bordo e os nomes de todos os passageiros de convez e dos homens da equipagem nelles são inscriptos. Mais tarde quatro medicos do laboratorio da quarentena sobem a bordo, trazendo consigo numero igual de tampões preparados, esterilizados e contidos em tubos igualmente numerados.

"Os passageiros e a equipagem são postos em linha..."

Segue-se a descripção do modo de fazer a colheita do material em cada passageiro e do exame bacteriologico a que se submete cada um dos tampões, só podendo sahir o passageiro cujo exame duas vezes feito fôr negativo, quanto á presenca do vibrião choleric.

Já imaginou, porventura, alguém a grita que levantaria em nosso meio a execução desta audaciosa pratica norte-americana? Entre nós basta que o Inspector da Saude do Porto demore alguns minutos mais sua visita a bordo, inspecionando detidamente passageiros e documentos, para que surjam protestos vehementes e até ameaças receba o meticuloso funcionario. Mas não é preciso tanto. E' sabido que 80 % dos passageiros nacionaes entendem recusar informações sobre sua futura residencia no porto em que desembarcam, dados esses necessarios para a execução da vigilancia medica, em terra, quando o passageiro procede de logar infeccionado, originando-se tornar-se essa medida uma verdadeira burla, mau grado os esforços dos inspectores sanitarios. Sem pessimismo opino que não nos poderemos incorporar ás nações de civilização integral, emquanto estas idéas preponderarem, influido para a manutenção de males terriveis, como a variola, por exemplo, cujo desaparecimento depende tão sómente da aceitação geral da vaccina e revaccina nos periodos oportunos da vida.

Como elucidativas de quanto venho affirmando em relação á funcção governamental em materia de hygiene, honro-me em incorporar á presente conferencia paginas bem escriptas do Dr. Cassio de Rezende sobre hygiene publica nos Estados Unidos do Norte, por elle recentemente visitados. Pertencem-lhe os periodos que passo a ler:

"Nos Estados Unidos, até 1893, pôde-se dizer que não havia hygiene federal. Nesta época, nem mesmo a hygiene dos portos estava sob a direcção do Governo central. Cada Estado fazia a sua defesa maritima. Mas, lá tambem, começou-se a verificar a incapacidade dos Estados para o desempenho de certas funcções e os inconvenientes que advinham da falta de uniformidade do serviço. Dahi a lei do Congresso, approvada em 15 de Fevereiro de 1893, estabelecendo a norma a seguir

por todos os Estados relativamente á hygiene dos portos. Assim que esta lei foi approvada, alguns Estados entregaram o serviço ao Governo Federal espontaneamente, porque se julgaram desde logo incapazes de cumprir as suas disposições. Outros procuraram retel-o, mas, em pouco tempo, não dando á lei o cumprimento devido, foram d'elle despojados pelo Governo Federal. Actualmente, apenas tres Estados conservam tal serviço, mas sob a fiscalização directa de funcionarios da União. Essa lei de 1893 marca, pois, o inicio da organização da hygiene federal nos Estados Unidos, a qual, entretanto, se vai tornando cada vez mais absorvente. Na America do Norte ha actualmente uma enorme preocupação com a hygiene em geral. Aquelle grande povo já comprehendeu que não ha progresso possivel sem salubridade e que não pôde haver salubridade sem uma boa organização sanitaria. Dahi leis successivas do Congresso, ampliando e tornando mais rigorosa a lei de 1893, que não era sufficiente, porque, afinal de contas, ella apenas dispunha sobre o serviço quarentenario. Era preciso ir mais longe e nacionalizar um pouco mais os serviços de hygiene. Foi o que fez a lei de 1 de Julho de 1902, que reorganizou completamente o serviço mui rudimentar, que, então, existia, aggregando-o ao "Marine Hospital Service", que passou então a denominar-se "United States Public Health and Marine Hospital Service", com as divisões a que me referi mais acima, com um pessoal muito mais numeroso e novas attribuições.

A lei a que alludo, entre outras innovações, conferiu ao cirurgião geral, director da repartição federal, a faculdade de convocar annualmente uma reunião de representantes dos serviços de hygiene estaduaes para com elles trocar idéas e assentar medidas de defesa commum, assim como dispoz que os Estados, por sua vez, podem solicitar do cirurgião geral, sempre que fôr mister, a reunião de tantos quantos Estados assignarem o pedido, desde que não forem menos de cinco, afim de discutirem assumpto que interesse a hygiene de cada um.

"Os resultados dessas conferencias, disse o actual cirurgião geral, são uma troca de informações, um espirito de cooperação e o assentimento de medidas scientificas e administrativas. A repartição federal de saude publica refere os resultados de suas proprias observações e pesquisas e, por sua vez, é beneficiada pela experiencia e conselho, especialmente em questões praticas, dos delegados das repartições estaduaes."

A lei de 1902 assignala, portanto, um grande passo na constituição da hygiene federal americana, e, para quem observou lá a tendencia dos espiritos, não é difficil prever para muito em breve uma nova lei mais ampliativa. Já o anno passado a Camara dos Representantes approvou o "Man bill", que dava ao serviço de saude publica mais autoridade, especialmente no que se refere á investigação da polluição dos lagos e correntes inter-estaduaes, assim como augmentava os vencimentos do pessoal, de modo a poder conservar os seus actuaes funcionarios e servir de atracção para profissionaes competentes.

Quem ouviu o discurso proferido pelo presidente Taft por occasião da abertura do Congresso de Hygiene e Demographia não pode ter duvidas a este respeito. O discurso de Taft foi um hymno de louvor á medicina e particularmente á hygiene que "came into being from nothing and was now achieving the greatest of things". O sympathico e eloquente Presidente, depois de ter mostrado os grandes feitos dessa sciencia, entre os quizes citou especialmente o saneamento da zona do Canal do Panamá, que se não teria executado sem a intervenção da hygiene, concluiu com estas palavras promissoras:—"Precisamos desenvolver debaixo de auspicios governamentais um "Bureau" ou um "Departamento" no qual os fundos do Governo sejam despendidos em pesquisas de toda a especie, uteis na pratica e execução da medicina preventiva. Que alguma cousa nesse sentido advirá do "United Public Health and

Marine Hospital Service”, temos razão para esperar; mas para tal é mister que se lhe dêem verbas muito maiores e se amplie o seu campo de acção. E’ isto, de resto, o que a classe medica dos Estados Unidos tem o direito de esperar do Governo afim de assegurar o progresso da hygiene e demographia. Nos Estados Unidos, como aqui no Brasil, o grande perigo para a salubridade publica está nos portos, por onde podem penetrar os grandes flagellos epidemicos, isto é, a peste, o cholera e a febre amarella, e se entre nós esse perigo é já consideravel, lá elle o é em proporções incomparavelmente maiores. Em primeiro logar, porque o movimento immigratorio na America do Norte é colossal, e, em segundo logar, porque actualmente a travessia maritima entre aquelle paiz e certos pontos do globo contaminados pelas molestias acima referidas é muito rapida, de sorte que se torna relativamente facil o desembarque de individuos em periodo de incubação. Sendo assim, é natural que a parte referente á prophylaxia maritima seja actualmente a mais cuidada pela administração sanitaria do paiz. A este respeito os regulamentos em vigor são muito severos. A visita sanitaria aos navios que chegam aos Estados Unidos é feita com muito rigor, pelo menos em Nova York, conforme tive occasião de ver. Basta dizer que os proprios passageiros de primeira classe são passados em revista pelo medico da saude. Este não se contenta com as informações ministradas pelo commandante e pelo medico de bordo. Elle faz formar no convez todos os passageiros e passa-os attentosamente, inspecionando com especial cuidado aquelles que á primeira vista não parecem gosar de boa saude. Mas, além desta visita, ha ainda a “visita da immigração”, que é feita igualmente em presença de um medico, o qual, no exercicio de suas funções, fica subordinado ao “Bureau of Public Health and Marine Hospital Service”, a cujas instrucções obedece na inspecção medica dos immigrantes. A “visita da immigração” é ainda mais rigorosa do que a da saude propriamente dita, tendo como fim seleccionar os individuos que entram nos Estados Unidos. A este respeito as leis e regulamentos vigentes são extremamente severos. Por elles ficam impedidos de desembarcar não só os individuos acommettidos de molestias contagiosas como ainda os que soffrem de defeitos physicos ou mentaes que os tornem incapazes de ganhar a vida. Na “visita da immigração” cada passageiro é chamado á presença do medico e seu ajudante e ahi presta uma longa série de informações relativas á sua procedencia, ao seu destino, ao seu genero de vida, etc. Quando o passageiro leva familia, todos os membros desta são obrigados a comparecer á inspecção, como pude verificar por occasião da visita do *Voltaire*, vapor em que fiz a viagem.

Tendo este vapor, contra a expectativa geral, chegado a tempo de permittir o desembarque no dia mesmo da chegada, aconteceu que, por occasião da visita da immigração, quasi todas as senhoras e crianças se achavam nos respectivos camarotes mudando de vestuario para descerem. Apezar de allegada a circumstancia, a presença dellas foi exigida pelas autoridades. Por ahi pôde-se calcular o tempo que durou a visita. Para mostrar quanto é exigente a lei actual sobre a immigração, basta referir o seguinte caso: no *Voltaire* viajava para os Estados Unidos, em primeira classe, um moço, de uma familia importante de S. Paulo. Este moço embarcara em Santos, ligeiramente adoentado, isto é, acommettido de uma infecção gonococcica banal. Poucos dias depois, sobreveio-lhe, em consequencia della, uma orchite; mas, com o repouso forçado de bordo e o tratamento medicamentoso empregado, ficou quasi curado, de tal sorte que, ao chegar a Nova York, elle nada sentia de anormal. Esse moço, porém, como muitos dos nossos patricios, era bastante pallido, circumstancia que impressionou o medico da immigração e levou-o a examinal-o com especial cuidado. Pois bem, a só constatação de uns *reliqua* ligeiros da gonococcia foi o sufficiente para determinar a reclusão do nosso patricio num

hospital de isolamento, de onde só sahi, quinze dias depois, para regressar ao Brasil no mesmo vapor em que tinha partido. Creio que esse facto é bastante demonstrativo e justifica bem o que disse ha pouco sobre o rigor das leis relativas á immigração. Em 1909, segundo uns dados estatísticos que pude obter, foram inspecionados nos Estados Unidos um milhão duzentos e oitenta mil immigrants, dos quaes 30.000 não puderam desembarcar em virtude das seguintes condições morbidas:

Trochoma	3.220
Favus	102
Tinha tonsurante.	100
Tuberculose	140
Demencia	150
Imbecilidade e idiotia	176
Deficiencia mental	153
Epilepsia	32
Molestias venereas	213
Molestias ou defeitos que impedem o ganho da vida	15.480
Molestias ou defeitos de menor grau	11.760

A narrativa da lavra do meu prestimoso auxiliar na administração sanitaria Dr. Cassio de Rezende, que acabo de ler, serve de natural transição para assignalar a terceira modalidade da função governamental em materia de hygiene, que é a unificação e centralização dos serviços que lhe incumbem. Se outros motivos não existissem para uma cuidada revisão constitucional da nossa lei fundamental, bastaria, a meu ver, este: a necessidade urgente de estatuir a fórma pela qual fosse permitido ao poder central da federação brasileira intervir *sponte sua*, para bem da saude publica, em toda a parte do nosso vasto territorio.

Seria este o meio unico de fazer cessar a anomalia, que nos infelicitá, de não poder a União defender um Estado de outro, quando molestias epidemicas surgem. Seria dest'arte supprida a falta de acção actual, ou por carencia de recursos ou por desidia governamental dos Estados, que se deixam invadir por doenças evitaveis e nada fazem para impedir a sua diffusão.

Não seria tal intervenção solicitada, mas imposta a todos os Estados, que não soubessem ou não pudessem organizar satisfactoriamente seus serviços de hygiene. Seria assim possivel formular estatísticas demographo-sanitarias em todo o Brasil e cessaria o vexame de não podermos fornecer dados referentes aos Estados, sempre que do estrangeiro nos são elles pedidos. Poderia, finalmente, a Directoria de Saude Publica dispor de recursos e de meios de acção compatíveis com a sua responsabilidade.

E' verdade que a acção governamental em materia sanitaria, em nosso paiz, e, principalmente, nesta Capital, já alcançou melhorias dignas de nota.

Quão longe estamos do tempo em que, na phrase de Capistrano de Abreu: "Da hygiene publica incumbiam-se as aguas da chuva, os raios do sol e os diligentes urubús"!

A tendencia para unificação e centralização dos serviços sanitarios é patente na nossa historia. Data de 1808 com a chegada de D. João VI a primeira organização de serviços de saude publica, com a adaptação ao nosso paiz do systema administrativo usado em Portugal, isto é: A Junta do Proto-Medicato constituída pelo cirurgião-mór dos Exercitos e Physico-mór do Reino e um juiz privativo, desembargador,

Enfeixando em suas mãos attribuições amplas, não havia appellação do julgado. Lá está explicito no 2º *item* do alvará do Príncipe regente, de 23 de Novembro de 1808: "E porque a jurisdicção do Physico-mór e cirurgião-mór é e foi sempre privativa, nos casos de sua competencia, não se deve intrometter nenhuma outra justiça ou autoridade; antes cumprirão todas o que por elles fôr requerido a bem do real serviço nos negocios de sua repartição, etc..."

Pouco depo's, em 1809, foi creado o logar de Provedor-mór da Saude da Côrte e do Estado do Brasil, de que foi encarregado o Physico-Mór, obedecendo a regulamentação feita ao regimen da unificação e centralização.

Naquella época, porém, apesar da meticulosidade das leis e regulamentos e devido á vastidão do paiz e ás limitadas e morosas vias de communicação, não se auferiu na pratica o resultado esperado.

Leis havia e excellentes. Basta lembrar a de desapropriação a bem da "salubridade publica". A physicultura mór existiu até 1828. Abolida, verificou-se que, aos inconvenientes que lhe eram apontados, contrabalançavam vantagens evidentes.

Não pretendo historiar todo o passado das instituições sanitarias do Brasil. Quem lhes quizer conhecer as vicissitudes deverá compulsar relatorios ministeriaes dessa época e acompanhar os actos successivos desde 1832 com o Ministro do Imperio, José Lino Coutinho, e em seguida José Ignacio Boffres, em 1835, e mais tarde, finalmente, no anno de 1850 em que foi creada a Junta Central de Hygiene Publica, de que foi primeiro Presidente o Dr. Francisco de Paula Candido. Essa Junta tinha ramificações administrativas e agia além da Côrte em todas as provincias.

Substituido por José Pereira Rego, 13 annos depois, não poude Paula Candido, como não poude Pereira Rego, Presidente da Junta por 16 annos, alcançar os beneficios que imaginavam.

Destes dous benemeritos da classe medica, dizem bellamente os seguintes conceitos dos Drs. Placido Barbosa e Cassio de Rezende, em sua historia dos serviços sanitarios do Brasil:

"Lutadores de uma época em que a sciencia medica mal sahia daquella penumbra em que a envolviam theorias absurdas e concepções metaphysicas, época em que se não conhecia bem a natureza da infecção e nada se sabia sobre elemento do contagio: assoberbados por uma infinidade de questões que não podiam resolver, porque lhes faltava para isso a base necessaria, e privados, por outro lado, de todos os recursos materiaes de que necessitavam para levar avante muitas das medidas que propuzeram ao Governo e que, executadas, teriam forçosamente melhorado as condições de salubridade do Rio de Janeiro, quasi nada puderam conseguir. Em todo o caso, se não lhes coube a fortuna de exterminar a febre amarella, de extinguir a variola, de evitar, entre nós, as incursões epidemicas do cholera-morbus, de reduzir a mortalidade geral, emfim, de nos collocar nas condições em que hoje nos achamos, coube-lhes em compensação a gloria immorredoura de haverem restaurado, sob novas feições, a hygiene publica no Brasil."

Em 1884 honrou a Administração Superior do Imperio um homem de rara clarividencia, o Barão de Mamoré. Envergadura de estadista e prompto no resolver, muito se lhe deve em questões de saude publica. São delle as palavras propheticas de que se servira para affirmar "depende o futuro do Brasil do saneamento do Rio de Janeiro e que, portanto, urgia ligar a esse assumpto o apreço que lhe era peculiar e emprehender com energia e perseverança a obra difficil, mas certamente meritoria e remuneradora, da extincção dos elementos que prejudicaram a salubridade da primeira cidade da America do Sul."

Em communhão de idéas ora externadas, na presente conferencia, nada, entretanto, encontrei de mais positivo e formal que um significativo trecho do relatório de 1895, escripto pelo então Ministro dos Negocios Interiores, Dr. Gonçalves Ferreira, o qual assim se expressou: — “A pratica da administração tem-me convencido da grande conveniencia que resultaria da unificação e centralização dos serviços de hygiene publica. Em materia de saúde publica o regimen unitario impõe-se; quasi todos os paizes civilizados têm comprehendido essa verdade e procuram unificar e centralizar seus serviços sanitarios. Ainda ultimamente a Republica Argentina, que tinha organização sanitaria mais ou menos igual á nossa, reformou-a, adoptando o typo unitario.” E salientando que uma molestia transmissivel pelo facto de o ser perde o seu character local, desde que era possivel serem invadidos territorios fóra da alçada daquelle em que teve origem, o referido Ministro mostrava que eram justificadas por parte do Governo Federal as providencias necessarias a evitar disseminação de taes molestias, mormente quando nem todos os Estados da União estão em condições de poder montar serviços de hygiene por sua natureza dispendiosissimos, tendentes a impedir que uma molestia contagiosa epidemica transponha os limites e invada outros Estados. “Uma organização sanitaria modelada nestas idéas, insiste, seria a meu ver um dos maiores serviços que o Congresso prestaria á nossa Patria.”

Depois de 1895 já se caminhou mais para a unificação dos serviços de hygiene. Falta muito ainda, porém, porquanto a situação actual tem graves lacunas.

E' possivel que nada se possa efficiëntemente fazer sem prévia revisão constitucional, ao menos na parte concernente aos Estados, mas que ao menos não seja desconcertada de todo a excellente organização de Março de 1904, a qual infelizmente já se não apresenta integra, como fóra de desejar, e carece, portanto, ser adaptada ás novas circumstancias que lhe impuzeram modificações e suppressões feitas.

De tudo quanto referimos, deduz-se, claramente, que nenhuma função governamental excede em importancia a que cumpre executar em materia de hygiene, na triplice modalidade que vamos desdobrando, isto é: — 1º, agindo pela persuasão ao serviço de *propaganda* intensa, ininterrupta, omnimoda e systematica dos principios de hygiene, pela palavra fallada e escripta, e das conquistas realizadas como documentação do progresso patrio; 2º, legislando de modo a abranger em suas leis e regulamentos a *totalidade dos cidadãos*, para que tenha efficacia a execução das medidas; 3º, *unificando* e centralizando esta acção governamental.

O Estado ou o Governo tem o dever de intervir sem exaggeros mas sem fraquezas e deve estar legalmente aparelhado de recursos, sufficientemente fortes, para vencer todas as resistencias, que sempre apparecerão, aconselhadas pela ignorancia, pela avareza, e, peor que tudo, pela simples estupidez!

“A supremacia industrial, disse Spencer, pertencerá ao povo que nutre bem seus operarios. A supremacia mundial caberá ao povo que, consciente da importancia da hygiene e de sua necessidade, souber intervir com intelligencia e se tiver preparado gerações fortes”.

Ninguem mais hoje, portanto, medianamente esclarecido tem o direito de duvidar do valor da hygiene e do seu papel preponderante na vida e evolução dos povos.

Contemporaneamente não ha governo algum de paiz civilizado e progressista que não aceite esta preponderancia e não lhe consagre attenção correspondente.

Se não fôra a necessidade de não abusar da longanimidade do auditorio, seria este o ensejo de organizarmos um balanço de todo o passado dos nossos serviços de saude publica; improductivos quando desprezados, desapparelhados, esquecidos, sem dotação orçamentaria conveniente, vivendo como verdadeiros parias da administração; florescentes e fecundos em resultados, quando attendidos os reclamos e demonstrações de seus responsaveis technicos, não se lhes regateando recursos de pessoal e material. Assim é que nesta segunda feição administrativa foi possível eliminar desta Capital a sua maior ceifadora de victimas — a febre amarella, — que fez desaparecer em 60 annos de seu reinado 59.074 pessoas, avaliando o professor Afranio Peixoto essa perda de vidas para a nação em 560.110 contos de réis, sem tomar em conta os lucros cessantes de ordem moral que as epidemias sempre acarretam. E basta, parece-me, este ponto para documentar a minha asserção, que poderia facilmente enriquecer de dados outros, se o permittisse o tempo ora disponível.

Conviria, talvez, completar a presente conferencia estudando os differentes systemas e modos de agir em tal assumpto nos paizes mais em evidencia no mundo. Ficará essa parte do estudo agora começado para outra oportunidade.

Seja-me licito citar, entretanto, a tal proposito conceitos altamente significativos externados pelo presidente americano Woodrow Wilson, em sua mensagem inaugural de 4 de Março deste anno. Elles valem por um programma: — “Compete aos governos servir a humanidade relativamente á saude da nação, evitando molestias nos seus habitantes, homens, mulheres e crianças.”

Não é tal obrigação de natureza sentimental e sim obra de simples justiça, a qual é a solida base de todo o Governo; não se trata, pois, de misericordia, ou compaixão. Obra de justiça, ella o é, portanto, de igualdade, attingindo a collectividade, por não poder o individuo abrigar-se com os meios de que dispõe de todos os males decorrentes da vida em commum.

A sociedade, pois, tem por dever conhecel-os, estudal-os e evitar que ella mesma enfraqueça, deteriore, ou extermine suas proprias partes constituíntes.

O primeiro dever da lei é manter sã a sociedade para a qual ella existe e a que ella serve.

Leis sanitarias, leis em favor da alimentação pura e sã, leis reguladoras das condições do trabalho devem ser parte integrante do que se chama justiça e efficiencia legal.

O Brasil não tem sido dos mais infelizes neste particular. Paiz novo, em plena pujança, dispondo de riquezas e de vantagens naturaes que a outros faltam, caminhando sempre para diante, apesar das previsões pessimistas e das lamentações dos eternos descontentes, supportará as crises naturaes e periodicas, a que nenhum povo do mundo jámais escapou, e vencerá.

Nos 67 annos de Imperio e neste quarto de seculo de regimen republicano tem havido brasileiros veramente patriotas e convenientemente esclarecidos, cuja orientação governamental tem acarretado para o paiz conquistas deveras surprehendentes em assumpto de saude publica, accentuando-se essa evolução de dez annos a esta parte.

Não ha, portanto, motivos para temer a possibilidade de um lastimavel recuo, quando ha certeza de que a grande maioria dos homens que dirigem o paiz e occupam posições de responsabilidade em qualquer dos ramos dos tres poderes da Republica, conhece perfeitamente a grande importancia da hygiene publica na vida nacional e já hoje lhe consagra attenção outr’ora recusada. E’ justo, pois, supportar não muito afastado o momento em que, attingindo o Brasil a plenitude de seu evoluir e podendo melhor organizar o seu mecanismo administrativo, inspirando-se no sonho do grande Littré, venha a crear o Ministerio do Trabalho e da Saude Publica,

para superintender multiplos serviços já existentes, mas desligados e agora dispersos por varios dos actuaes departamentos da administração; unificando as desconexas organizações sanitarias, federal, estadual e municipal; completando, finalmente, a sua obra pelo aparelhamento de novos serviços, que a evidencia dos factos impõe e exige o progresso, podendo, dest'arte, desassombradamente, comparecer aos comicios internacionaes, em que se trocam idéas e prestam-se contas relativamente aos serviços de saude publica.

Poder-nos-hemos então ufanar de se ter em nosso paiz firmado a boa e sã politica social que deve ter por base a luta incessante contra a morte, na valorização ininterrupta da vida humana.

OS FINANCISTAS DO BRASIL

CONFERENCIA REALISADA A 22 DE DEZEMBRO DE 1913 PELO DR. LEOPOLDO DE BULHÕES

A these é vasta e seu desenvolvimento reclamaria pelo menos uma serie de conferencias, que dariam um grosso livro. Tratada em uma conferencia, que não pôde ser longa, o assumpto será sacrificado, já na apreciação summarissima de cada um dos vultos indicados, já na omissão de muitos que devem figurar na lista dos collaboradores do nosso movimento economico e financeiro.

Neste momento, pois, nada mais poderei fazer do que rememorar de modo synthetico, imperfeito, incompleto, as differentes phases do crescimento do paiz, de sua organização economico-financeira, assignalando os nomes dos que a d'rigiram ou nella mais influiram por sua acção no governo, por sua palavra, seus pareceres e projectos no parlamento, sem me deter nos que, por seus escriptos, enriqueceram as letras patrias.

Para methodizar esta ligeira exposição, classificarei os financistas em tres grupos, correspondentes aos tres periodos em que naturalmente se divide a historia das finanças do paiz.

O primeiro inicia-se com a independencia, em 1822 e termina em 1850; o segundo começa em 1850 e estende-se até 1888-89, datas que assignalam a abolição do captivo e a queda da monarchia; o terceiro vai de 1889 a nossos dias, compreendendo todo o periodo republicano.

Tres gerações succederam-se, dominadas de aspirações diversas, obrigadas a resolver problemas differentes, todas sequiosas de consolidar um regimen livre e solidarias no combate contra os erros financeiros que têm condemnado o Brasil ao curso forçado.

O traço caracteristico do primeiro periodo — é a preocupação da independencia, da integridade do territorio, da formação das instituições e da nacionalidade; do segundo é a expansão economica, a consolidação de nossa influencia na America do Sul; do terceiro é a affirmação do federalismo, são os grandes melhoramentos materiaes.

Ao deixar o velho mundo para refugiar-se no Brasil, o Principe Regente de Portugal trazia o compromisso de abrir um porto da colonia aos navios procedentes da Inglaterra. A sua arribada á Bahia permittiu-lhe cumprir a promessa com uma amplidão inaudita. De consultas e deliberações tomadas na antiga capital do Vice-reinado, em que teve parte José da Silva Lisboa, tão convencido expositor das idéas liberaes de Adam Smith em economia, como apaixonado propagandista dos principios tradicionaes de Edmund Burke em politica, resultou a carta régia de 28 de Janeiro

de 1808, franqueando não um, mas todos os nossos portos, não a uma nação, mas a todas as nações amigas (1).

Com este golpe certo baqueou todo o systema colonial que a propria carta régia define como monopolio activo e passivo de todos os productos reservados á metropole.

Com o tratado de Commercio assignado em 19 de Fevereiro de 1810 as mercadorias inglezas ficaram em condições mais vantajosas que as de Portugal.

Continuou de pé o mesmo systema de governo, o monarcha absoluto com seus direitos reaes, claramente definidos nas ordenações do reino.

Traduzidos para termos de finanças, os direitos reaes significam a identidade da fortuna publica e da fortuna do monarcha; o que hoje chamamos Thesouro Nacional era conhecido então como Erario regio.

Das finanças do Brasil durante os treze annos de residencia da côrte bragantina dão-nos idéa dous trabalhos de Manoel Jacintho Nogueira da Gama, mais tarde, Marquez de Baependy. Por elles se vê que em 1822 o *deficit* ascendia a 10 mil contos.

A situação financeira que o Governo de D. João VI legava ao novo Imperio era pois em extremo embaraçosa. As causas da afflictiva penuria dos cofres publicos e da perturbação profunda da economia geral eram patentes: um regimen tributario vexatorio e pouco productivo; uma organização financeira rudimentar, desarticulada, infiscalizavel; despezas desordenadas sempre crescentes; depreciação da moeda, curso forçado (2).

O Banco do Brasil, fundado em 12 de Outubro de 1808, para desconto, depositos e emissão, tinha-se transformado em caixa subsidiaria do Thesouro, abusando de sua faculdade emissora, e, em 1819, já se via obrigado a suspender o troco de notas, não lhe valendo de amparo perante o credito abalado, o deposito das joias e diamantes da corôa.

Em 1821, quando do Brasil se retirou D. João VI, novas sangrias soffreu com a transferencia da Côrte e comitiva real para Lisboa.

"A maior parte da moeda de ouro e de prata fôra levada para a metropole na frota que conduziu o Rei; pelas circumstancias do paiz, a restante era delle retirada" (3).

As perturbações monetarias vinham de longe, datavam do reinado de Pedro II, que mandou circulasse no Brasil o cobre africano, não admittido em Portugal, e creou as moedas coloniaes e provinciaes, prohibindo com penas severas a exportação das moedas de ouro e prata da metropole.

Não contente com o agio que o cobre portuguez obteve logo sobre o africano, D. João V mandou cunhar para o Brasil moedas de cobre com a metade do peso das

(1) *Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808.*

... Sou Servido Ordenar interina e provisoriamente, enquanto não Consolido um systema geral, que effectivamente regule semelhantes materias, o seguinte. Primo: Que sejam admissiveis nas Alfandegas do Brasil todos, e quaesquer Generos, Fazendas e Mercadorias, transportados ou em Navios Estrangeiros das Potencias, que se conservão em Paz, e Harmonia com a Minha Real Corôa, ou em Navios dos Meus Vassallos... Secundo: Que não só os Meus Vassallos, mas tambem os sobreditos Estrangeiros, possam exportar para os Portos que bem lhes parecer a beneficio do Commercio, e Agricultura, que tanto Desejo promover, todos e quaesquer generos, e Produções Coloniaes, á excepção do Pão Brazil, ou outros notoriamente estancados...

(Pereira Pinto — Apontamentos para o Direito Internacional — vol. I, pag. 21/22. — Rio, 1864).

(2) Antonio Carlos, "O Ministro da Fazenda da Independencia", *Jornal do Commercio* de 24-8-1913.

(3) "Estudos sobre a moeda de cobre", Dr. Candido de Azeredo Coutinho, pag. 26. 1869.

moedas portuguezas, as quaes adquiriram os fóros de padrão monetario, como parecia annunciar a inscripção — "*Pecunia — totum — circumit — orbem*". Foi ainda creada a moeda de ouro de 4\$ com 2 1/2 oitavas e titulo de 0,917 — cujo valor real era 3\$560.

Nos reinados de D. José I e D. Maria I estes abusos continuaram. Finalmente, D. João VI para unificar as moedas de cobre, mandou attribuir ás antigas o valor das novas pelo Alvará de 19 de Abril de 1809, obtendo lucros immediatos e que nas futuras cunhagens se elevariam a 320 %.

A recunhagem dos pesos hespanhões de prata, de 750 réis, com o valor de 960, determinada pelo Alvará de 20 de Novembro de 1809, veio fixar a relação legal de 1:12,5 entre o ouro e a prata, que no mercado em média era de 1:15.

Como os maus não toleram a companhia dos bons, a moeda fraca expelle a forte, sendo esta a unica excepção á regra que os fortes podem mais que os fracos: — a prata poz em fuga o ouro, apossou-se da circulação, mas foi batida pelo cobre, pela macuta, pelo xem-xem, cuja troca pelo metal branco dava o lucro de 157 % e cuja relação com elle era, pela lei, de 12,8:1 e no mercado de 40:1.

Transformada a moeda de cobre em representante de todos os valores, as diversas falsificações vieram inevitaveis e détermineriam, como determinaram, o seu recolhimento, sendo substituidas por conhecimentos, vales, cedulas das Thesourarias de Fazenda, convertidas mais tarde em notas do Thesouro Nacional.

Depois do cobre — o papel moeda, o curso forçado, já preparado e iniciado pelas emissões do Banco do Brasil, o encarecimento da vida, a baixa do cambio, a desordem financeira.

A receita publica até 1811 não attingia a 2.000 contos e com as sobras das capitánias, que em vez de progredir, tendiam a escassear, calculava-se eleva-la a 3.000 contos. Os pagamentos estavam em atraso em 1822; os mais urgentes já sommavam 3.300 contos, como verificou a comissão nomeada por Pedro I para examinar o estado do Thesouro Publico, propôr as reformas que nelle se deviam fazer e apontar os meios para restabelecer o seu credito.

A comissão suggeriu uma concordata com os credores offerecendo-lhes o Thesouro bilhetes ou letras, pagaveis em 15, 18, 21 e 24 mezes, com juros de 6 %.

O cambio que chegara a galgar a taxa de 96 d. por 1\$000 (4) baixou até 48, e durante o primeiro reinado registrou as cotas extremas de 57 e 20.

As emissões do Banco do Brasil ascenderam de 9 a 21.000 contos no periodo de 1822 a 1830.

A população não excedia de 3.800.000 almas na época da independencia. O commercio, peiado pelos tratados. Os productos exportaveis resumiam-se em pau brasil, couros, algodão, diamantes. A importação de escravos fornecia braços á lavoura.

Tal a situação que Pedro I e seus ministros tiveram de enfrentar quando o Brasil se declarou independente.

Ha despesas urgentes a attender, reclamadas pela defesa da independencia nacional. Os recursos são escassos, de arrecadação insufficiente e morosa? E' preciso improvisal-os. O credito não existe? E' preciso creal-o. Os recursos foram obtidos e o credito fundado. Martim Francisco, o dynamico social da independenc'a, na phrase de Porto Alegre, lança para a aquisição de vasos de guerra um emprestimo interno, coberto e excedido (5); melhora as fontes de renda (6); supprime a tarifa

(4) H. Say, "*Rélatons Commerciales entre la France et le Brésil*", 1825.

(5) Decreto de 30 de Julho de 1822.

(6) Decretos de 4 de Fevereiro e de 30 de Dezembro de 1822.

diferencial de que gosava o commercio portuguez; suspende as emissões do Banco do Brasil.

O primeiro imperador, na falla do throno de 3 de Maio de 1823, poude dizer aos constituintes: "as despesas foram reduzidas, a renda augmentada, o credito do Banco e o do Thesouro melhorado dentro e fóra do paiz. Não foi necessario lançar mão dos recursos da caixa dos dons gratuitos e sequestros de propriedades dos emigrados, do producto do emprestimo e da caixa da administração dos diamantes" (7).

Deputado á legislatura de 1830-33 e á de 38-41; novamente Ministro da Fazenda em 1840, no primeiro gabinete após a maioria de Pedro II, Martim poude ser, e sempre foi, "um cultor assiduo e intelligente das questões financeiras, para muitas indicando soluções seguras e ao esclarecimento de todas concorrendo com a relevante contribuição dos seus solidos estudos em tão difficil especialidade" (8).

Nogueira da Gama, como Escrivão da Mesa do Erario regio, em 1812, e como Ministro da Fazenda em 1823, fez duas exposições que projectaram muita luz sobre o estado das finanças e sobre a situação das provincias; elaborou planos para melhoral-as, "sem augmento de tributos, sem o temivel, pessimo e fatal recurso do papel-moeda" (9).

Para liquidação das dividas passivas que em 1821 já sommavam 9.870 contos, em 1822 10.176 contos, em 1823 12.055 contos, suggeriu a emissão de bilhetes do Thesouro e para custear as grandes despesas extraordinarias aconselhava o emprestimo externo.

Elle foi Deputado á Constituinte e um dos collaboradores da Constituição de 1824. Em 1834, como Senador, propoz a criação do Montepio dos servidores do Estado (10).

A gestão de Marianno da Fonseca, Marquez de Maricá, de 10 de Novembro de 1823 a 21 de Novembro de 1825, assignala-se pelas duas primeiras operações de credito realizadas no estrangeiro, de £ 3.000.000 (11), em condições onerosas (12), e pelo compromisso que assumimos de pagar a Portugal £ 2.000.000 (13). Assim a dictadura de Pedro I abriu a nossa conta em Londres com £ 5.868.200.

A administração de Maciel da Costa, Marquez de Queluz (de 15 de Janeiro a 20 de Novembro de 1827) salienta-se pela redução do quinto de ouro a 5 %, pela livre circulação desse metal e pela fundação da divida publica (14).

Installa-se a Caixa de Amortização. Mandam-se liquidar e reconhecer as dividas de qualquer natureza contra a Fazenda. Crêa-se o Grande Livro da divida nacional e nelle se inscreve o capital de 12.000:000\$000, que será emitido em apolices, destinando-se 6.000:000\$000 ao resgate das notas do Banco do Brasil e o restante ao pagamento dos credores publicos e supprimento do *deficit* orçamentario de 1828.

Todas as apolices serão amortizadas annualmente, na razão de 1 % do capital, ficando desde logo applicada á despesa de amortização e juros do capital, uma prestação de 60:000\$000 deduzida dos rendimentos das Alfandegas, do producto das prestações annuaes das corporações de mão morta e da alienação das capellas que houverem caducado ou caducarem.

(7) Historia Financeira, Castro Carreira, pag. 94.

(8) Antonio Carlos — "Financistas do Imperio" — *Jornal do Commercio* de 24-8-1913.

(9) "Biographia do Marquez de Bacpendy. — J. J. da Rocha, pag. 21. 1821.

(10) Castro Carreira — II. Financeira, pag. 96.

(11) Decreto de 5 de Janeiro de 1822.

(12) 1.000.000 a 75, £ 2.000.000 a 85 — juros de 5 %, com hypotheca de rendas aduaneiras.

(13) Convenção de 23 de Agosto de 1825.

(14) Lei de 15 de Novembro de 1827.

O Poder Legislativo em sua primeira sessão de 1826 não pôde votar a lei orçamentaria para 1827, e neste anno votou o orçamento de 1828 sómente na parte relativa á Côrte e Provincia do Rio, determinando que a receita e despesa nas demais provincias continuariam a fazer-se na conformidade das leis e ordens que as regulavam, devendo todas ellas concorrer para as despesas geraes com as sobras de suas rendas.

O Ministro da Fazenda em 1828, Miguel Calmon, Marquez de Abrantes, promove a liquidação das dividas passivas e activas e, se não conseguiu ainda a votação da lei orçamentaria para 1829, obteve do Poder Legislativo a adopção da primeira tarifa das Alfandegas (15), que ainda eram regidas pelo foral de 1587, e a liquidação do Banco do Brasil, encampando o Governo as suas notas, a cujo resgate se procederia annualmente na razão de 5 % (16).

Para acudir aos compromissos oriundos da convenção portugueza de 1825 e serviço de emprestimo de 1824, em Londres, levantou o emprestimo de £ 400.000, a 4 % de juros e a 52, augmentando o passivo nacional de £ 769.200.

Embora tivesse cessado a guerra cisplatina, que consumira milhares de contos, a situação financeira, já de si difficil, era aggravada pela depreciação do meio circulante, composto de notas inconvertiveis e de moeda fraca de cobre.

Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquez de Barbacena, substitue a Calmon na pasta da Fazenda em fins de 1829, isenta de direitos a entrada do ouro e da prata (17), nomela uma commissão para organizar o systema monetario (18).

Indicado por José Bonifacio para substituir a José Clemente Pereira, na direcção dos negocios publicos, o Marquez de Barbacena organizou o seu gabinete a 4 de Dezembro de 1829, não vacillando no desempenho da grande missão de que o incumbiram.

Era preciso e urgente acudir ás finanças e restabelecer o credito, mas, antes de tudo, impunha-se a necessidade de conciliar a corôa com a opinião, pelo afastamento dos secretarios privados, pela obediencia aos preceitos constitucionaes, pela affirmação da responsabilidade ministerial, pela formação de um partido forte, que pudesse resistir aos embates dos reaccionarios do absolutismo e ás exigencias dos exaltados.

Realizada com fino tacto esta segunda parte do seu programma, Barbacena mette mãos á primeira, apresentando o relatorio dos negocios da Fazenda ao Parlamento, indicando as medidas necessarias ao equilibrio orçamentario e saneamento da circulação monetaria.

O illustre financista é partidario do meio circulante baseado em moeda metallica e espera conseguilo com a criação de um banco, a suspensão da cunhagem do cobre e resgate do papel—"o fatal inimigo a quem devemos combater e que uma vez vencido, todos os outros desaparecerão" (19).

A sua proposta é apoiada por Martim Francisco, B. de Vasconcellos, Evaristo, Paula Sousa, Rebouças, Ledo, Hollanda Cavalcanti, isto é, pelos dirigentes da Camara e da politica.

Fervilham as intrigas contra o emerito estadista, que, com surpresa geral, é exonerado a pedido. Protesta energicamente contra o acto traiçoeiro, reclamando a

(15) Lei de 24 de Setembro de 1828.

(16) Lei de 23 de Setembro de 1828.

(17) Decreto de 10 de Dezembro de 1829.

(18) Decreto de 12 de Fevereiro de 1830.

(19) Antonio Augusto de Aguiar. Biographia do Marquez de Barbacena, pag. 765.

demissão a bem do serviço publico, pois não a havia solicitado e não a poderia solicitar, quando pendia a aprovação do seu plano financeiro e no parlamento encontrava apoio e confiança.

Novo decreto é expedido, nos termos reclamados pelo exonerado, que agradece ao primeiro Imperador do Brasil a sua magnanimidade, aconselha-o que não vá a Minas, porque lá pod'a ser recolhido a um hospício de doidos, e lhe annuncia a ruina do seu Governo dentro de seis mezes.

A prophécia se realizou: quatro mezes depois Pedro I abdicava. O 7 de Abril de 1831 foi o resultado de 12 de Novembro de 1823 (20). A revolução punia o crime da dissolução da Constituinte. O absolutismo cedia o passo ao regimen constitucional.

A primeira lei do orçamento votada para 1831-32 avalia a receita em 15 mil contos, a despesa em 12, apresentando o saldo de 3. Nella se discriminam as despesas dos Ministerios em cada provincia, se especializam os titulos de receitas, se determinam a organização da proposta e das tabellas, dos balanços, o prazo para apresentação dos relatorios ministeriaes e a applicação das sobras orçamentarias ao resgate do papel-moeda (21).

A execução desta lei já não incumbe ao Governo de Pedro I, mas ao da Regencia.

Baqueou, assim, o primeiro reinado em 7 de abril de 1831, legando-nos a independencia reconhecida e assegurada, a integridade do territorio, o Codigo Criminal, a incipiente organização de serviços judiciais e administrativos, a divida de 56.000 contos, o papel-moeda, o cobre, o cambio a 23.

José Ignacio Borges, ministro da Fazenda da regencia provisoria, propõe ao parlamento a suspensão do serviço da divida externa por cinco annos e o resgate do cobre. Combatida energicamente por Montezuma, Martim Francisco, Cunha Mattos, Ferreira França e outros, como violação de compromissos de honra, é incontinenti rejeitada.

Eleita a regencia permanente, organisa-se o gabinete de 16 de Julho, do qual faz parte, como Ministro da Fazenda, o Deputado mineiro Bernardo Pereira de Vasconcellos, que, ao cabo de 10 mezes, é substituido por José Joaquim Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraahy.

Foi curta, mas fecunda e brilhante, a administração de Vasconcellos. A' sua alta capacidade e ao seu espirito de ordem devemos a organização do Thesouro, das thesourarias de Fazenda, das Mesas de Rendas e Collectorias, a reforma de todo o apparelho de arrecadação, contabilidade e fiscalização (22). Elle apurou a renda ordinaria e a separou dos recursos de receita, que produzem saldos apparentes, equilibrios ficticios. Liquidou as contas da caixa de Londres e do Banco do Brasil, e, na proposta para 1833-34, discriminou as receitas e despesas geraes das provincias, iniciando, assim, a emancipação financeira das provincias.

Os resultados das reformas realizadas e das medidas tomadas pela administração Vasconcellos fizeram-se sentir desde logo e Candido José de Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy, que occupou a pasta da Fazenda de Dezembro de 1832 a Junho de 1834, os consigna e applaude.

Resolvido o problema fiscal, outro, de ha muito adiado, se impunha aos poderes publicos — o do saneamento da circulação. E' Araujo Vianna quem promove o seu estudo (23) e lhe dá solução, de accordo com as leis de 1, 3 e 8 de Outubro de 1833,

(20) Homem de Mello — *A Constituinte perante a historia* — L. F. Veiga — *O Primeiro Reinado*.

(21) Lei de 15 de Dezembro de 1830, referendada por Hollanda Cavalcanti.

(22) Lei de 4 de Outubro de 1831.

(23) Decreto de 8 de Janeiro de 1833.

mandando resgatar o cobre por meio de vales e cautelas, substituir as notas bancarias por notas do Thesouro e fixando em 2\$500 o valor da oitava de ouro.

A lei de 8 de Outubro cogitava especialmente da restauração do Banco do Brasil, que se incumbiria do resgate do papel-moeda, autorizava o Governo a subscrever 40.000 acções e creava um fundo especial para seu pagamento. Era a quinta tentativa para a fundação de um Banco nacional (24), tal a necessidade desse estabelecimento de credito, irreflectidamente supprímido em 1829.

Manoel do Nascimento Castro e Silva, Ministro da Fazenda, no Ministerio de 16 de Janeiro de 1835, não considerou definitivamente fixado o novo padrão de 43 1/5 d. por 1\$000, reclamando do Parlamento a adopção de um systema monetario, como o tinha feito, em 1830, o Marquez de Barbacena.

Com effeito, tudo faz crer que essa medida fôra determinada por necessidade de occasião e não vinha resolver a questão monetaria.

Nada dispunha sobre a cunhagem e typos de moeda. Não visava a fixação definitiva do padrão e tão sómente estabelecer uma base para a arrecadação da renda, no meio da confusão reinante pela vigencia de tres padrões de 67 1/2, 60 e 54 d. por 1\$000.

Castro e Silva proseguiu na execução da lei de 1º de Outubro de 1833, completada pela lei n. 54, de 6 de Outubro de 1835, mandando substituir os conhecimentos, vales, cedulas emittidas para troco do cobre e bem assim as notas do extincto Banco do Brasil por notas do Thesouro.

A Nação affiançava o pagamento integral dessa nova divida, e, para realizal-o, creava um fundo na Caixa de Amortização, alimentado por varias rendas especiaes e pelas sobras orçamentarias.

Novas providencias tendentes á effectividade do resgate do papel-moeda, em 1838, são autorisadas e postas em execução por Castro e Silva, que confiava nos seus resultados e suggeria alvitres, como o pagamento dos impostos, metade em ouro e metade em papel, para fortaleceel-os.

"E' preciso, dizia elle, que entrem na circulação os metaes preciosos, cunhados conforme um perfeito systema monetario, e que, á proporção de sua massa em giro, se vá recolhendo e extinguindo o papel-moeda, até que seja possível a constituição de um banco de fundo metallico que substitua pelas suas as notas do Thesouro" (25).

Castro e Silva creou a Recebedoria do Thesouro, melhorou outras estações de arrecadação, manteve o serviço da divida interna e externa, vendo os titulos de uma e outra elevar-se a 88 e 87, respectivamente, e o cambio a 40.

O seu successor, Marquez de Abrantes, reforçou o fundo de resgate do papel-moeda, cuja scmma se elevava já a 36.000 contos, obtendo a criação de uma nova renda a elle destinada. Verificando que ficavam onerosas as remessas para Londres, porque o cambio havia baixado a 30, lembrou a conveniencia de converter a divida externa, de £ 5.231.700, em divida interna, que já era de 23.000 contos.

Foi nesta segunda gestão do Marquez de Abrantes que se introduziu na administração financeira o regimen dos creditos addicionaes (26), sendo o Governo autorizado a despender, por conta de taes creditos, 3.700 contos, quasi um terço da despesa orçamentaria, que era de 12.000 contos.

Nos exercicios immediatos os creditos addicionaes montaram a 6.500 e a 12.459

(24) A. Carlos — "Os Financistas do Imperio".

(25) Castro Carreira — "Historia Financeira", pag. 212.

(26) Resolução de 12 de Outubro de 1838.

contos, quando a despesa total votada attingia a 15.800 e 16.500 contos, respectivamente.

Para occorrer ao serviço da divida externa, contrahiu o Governo um emprestimo de £ 312.500 na praça de Londres, a 76, juros de 5 %.

Occupam a pasta da Fazenda nos dous ultimos annos da regencia Candido Baptista de Oliveira e Manoel Alves Branco. O primeiro, annunciando estar quasi concluida a substituição do cobre e das notas do Banco do Brasil, achava urgente a valorização do papel afim de organ'zar-se um banco de emissão de notas conversíveis.

Parecia-lhe que contribuiria para aquelle resultado a provincialização das notas.

Alves Branco pensa na constituição de um fundo de garantia, em ouro, ao lado do de resgate para a valorização do meio circulante, idéa que amadureceu com o correr do tempo e veio a ser realizada em 1899, por Joaquim Murтинho.

Encerra-se em 1840 o cyclo do Governo regencial, que embora atormentado pelas dissensões politicas e sedições militares, poude legar o restabelecimento da ordem civil, a prohibição do trafico dos negros, a carta de alforria das provincias com o Acto Addicional e a eliminação do cobre.

O movimento do commercio internacional, nos primeiros annos da regencia, foi de 69.000 contos, em 1840 elevava-se a 95.000 contos; e as rendas de 10.000 contos tinham subido a 15.000 contos, contribuindo para ellas a importação com cerca de 9.000 contos e a exportação com quasi 4.000 contos.

Alves Branco reconheceu que se não fossem as perturbações da ordem publica, as rendas em breve tempo cobririam todas as despesas.

Mas estas perturbações continuaram ainda no primeiro decennio do reinado de Pedro II, determinando despesas extraordinarias e *deficits*, que obrigaram o parlamento a autorizar continuas operações de credito e até emissões de papel e o desvio do fundo especial de resgate.

O ajuste de contas com Portugal obriga-nos a mais um emprestimo de £ 732.600, na praça de Londres (27).

Appellam os Ministros Martim Francisco, Calmon e Francisco Vianna para a criação de novos impostos e aggravação dos existentes, mas a vigencia dos tratados ainda impede a reforma das tarifas e o alargamento da renda aduaneira.

Alves Branco volta á direcção do paiz, assume a pasta da Fazenda de 44 a 46 e depois a presidencia do conselho do gabinete de 22 de Maio, em 47 (28). Desenvolve-se a renda interna, a receita sobe, o *deficit* baixa e elle lança, em 1845, as bases do nosso systema monetario, indicando os meios de manter o papel ao par do ouro (29).

No anno seguinte, era proposta por B. de Vasconcellos e votada a lei de 11 de

(27) Convenção de 22 de Julho de 1842 — Contracto de 3 de Maio de 1843, emissão a 85, juros a 5 %.

(28) Decreto 523, de 20 de Julho de 1847, crea um presidente de conselho de ministros.

(29) A moeda de ouro, diz elle, "deve continuar a ser de 22 quilates, porém de duas especies: uma, de cinco oitavas e valor de 20\$000; outra, de duas oitavas e meia, com o valor de 10\$000. A moeda de prata deve continuar a ser de onze dinheiros, mas tambem de duas especies: uma de quatro oitavas com o valor de 1\$000, e outra, de duas oitavas, com o valor de 500 réis. Do anno financeiro de 45-46 em diante o pagamento das contribuições publicas será feito da maneira seguinte: no primeiro anno não poderá entrar em cada pagamento menos de $\frac{1}{20}$ em moeda metallica de ouro ou prata; no segundo, $\frac{2}{20}$, e assim por diante, accrescentando-se em cada anno $\frac{1}{20}$ á quota do anno anterior até o vigésimo quinto anno, em que os pagamentos serão feitos metade em papel e metade em ouro ou prata".

"O Governo deve ficar autorizado: 1.º a mandar pagar nos primeiros annos a quota metallica no seu equivalente em papel, enquanto não houver sufficiente moeda de ouro e prata em circulação;

Setembro, referendada pelo Visconde de Albuquerque, fixando o valor da oitava de ouro em 4\$000 e autorizando o Governo a retirar da circulação a somma de papel moeda que fosse necessaria para elevá-lo e mantê-lo ao par de 27 d. por 1\$000. Completaram-na: o Decreto de 28 de Setembro, estabelecendo a relação da moeda nacional com as estrangeiras e fixando o valor da prata; o Decreto de 20 de Setembro de 1847, que autorizou o Governo a cunhar as moedas de ouro de 22 quilates dos valores de 20\$000, 10\$ e de prata de onze dinheiros, dos valores de 2\$, 1\$ e \$500, e, finalmente, o Decreto de 20 de Julho de 1849 que marcou o peso, toque e valores das moedas de ouro e prata.

Resolvida a questão do systema monetario pela adopção definitiva do padrão ouro e par de 27 d. por 1\$000, reduzida a prata a moeda auxiliar, entendia o Visconde de Itaboraay, então Ministro da Fazenda, que o compromisso de manter o papel ao par, exigia satisfação e impunha — o seu resgate gradual, que podia ser de 500 a 1.000 contos por anno; a substituição das notas de 1\$000 e 2\$000 por moedas de prata; a provincialização das notas.

Não concebia a utilidade de bancos de emissão, quando se tratava de diminuir a massa do papel circulante e nem tão pouco a de incumbir a um banco o resgate do papel-moeda.

Só depois da valorização do meio circulante pelo seu continuo resgate se poderia cogitar de bancos de emissão e seria conveniente creal-os.

Aqui termina o primeiro periodo da nossa historia financeira e a primeira série dos nossos financistas. A renda tinha-se elevado de 3 a 11, a 15, — a 28.000 contos; o cambio acima do par; os titulos cotados a 86 e 90; o movimento do commercio externo expressava-se em 114.000 contos e a exportação tinha, afinal, alcançado e já mesmo excedido a importação.

Pacificado o paiz pela extincção da guerra civil no Rio Grande e do movimento praieiro em Pernambuco, os partidos fizeram treguas e a politica de conciliação permittiu que o paiz entrasse em uma phase de prosperidade, cujos primeiros sete annos constituem a sua idade de ouro e a primeira etapa do seu engrandecimento economico.

No largo periodo de 1850 a 1890 o crescimento do Brasil não se interrompe: a linha ascencional do seu desenvolvimento soffre apenas depressões em 58, 68, 78 e 85, determinadas por crises commerciaes e politicas e pela guerra do Paraguay (30).

O primeiro decennio assignalza-se pela cessação effectiva do trafico, completando Eusebio de Queiroz a obra de Feijó, e pelo estabelecimento da navegação a vapor com o mundo civilisado.

(alvitre acceto por J. Murinho); 2.º a provincializar o papel, dividindo-o por todas as provincias na razão da renda arrecadada em cada uma dellas; 3.º a fazer extrahir na Córte todos os annos duas loterias de 1.200 contos cada uma, cujo producto será empregado: parte na compra de ouro e prata para ser cunhado na Casa da Moeda, e parte no resgate do papel-moeda; 4.º a tratar com o Banco Mercantil, fundado em 1838, a creação de uma caixa para realização gradual do meio circulante, entrando o Governo com a moeda que annualmente cunhasse e o Banco com outra quantia na mesma especie, para sustentar-se constantemente o papel ao par do metal em todo o Imperio e o cambio a 27 pence por 1\$000".

Este o plano exposto no relatório de 1845.

(30) Diagrammas do *Jornal de Economia Política*, n. 2.

No segundo declara-se, faz-se e termina-se a guerra paraguaya.

O terceiro registra a l'bertação do ventre.

O quarto, a abolição e a Republica.

Grandes problemas nacionaes foram resolvidos em menos de meio seculo, attestando assim a energia do povo brasileiro e a capacidade de seus estadistas.

Qual foi o concurso dos financistas para o progresso do paiz nesse memoravel periodo da vida nacional? Como conjugaram a sua acção á dos estadistas e politicos para garantir a efficacia das reformas realizadas, a continuidade da evolução que se operava? Como aproveitaram as condições favoraveis para consolidar as situações financeiras e como defenderam, nas circumstancias difficeis, o terreno conquistado?

Só o poderei dizer, em breves palavras, attendendo á angustia do tempo.

Para se avaliar a importancia da obra financeira realizada de 1850 a 1890, bastará lembrar que nella collaboraram, entre outros,* Irineu de Sousa (Visconde de Mauá), Rodrigues Torres (Visconde de Itaborahy), Honorio Hermeto (Marquez de Paraná), Mauricio Wanderley (Barão de Cotegipe), Paranhos (V. do Rio Branco), Torres Homem (Visconde de Inhomirim), Silva Ferraz (Barão de Uruguayana), Zacharias, Silveira Martins, Lafayette, Belisario, Affonso Celso (Visconde de Ouro Preto).

O Visconde de Mauá, na sua amargurada exposição aos credores do Banco Mauá & C.^a, em 1875, enumera as companhias que fundou, as que auxiliou, os serviços prestados ao Thesouro em occasiões criticas, pugnando, como, em geral, os homens de negocios, pelo alargamento da circulação, isto é, pelas emissões de papel, visto as condições economicas, no seu pensar, não permittirem o regimen metallico.

"Fundei, dizia elle, o estabelecimento metallurgico da Ponta da Areia; a companhia de rebocadores para a barra do Rio Grande; a companh'a de illuminação a gaz do Rio de Janeiro; a companhia Fluminense de Transportes; o segundo Banco do Brasil, que se fundiu com o terceiro do mesmo nome creado pelo Visconde de Itaborahy, em 1853; a Companhia de E. F. de Petropolis; a Companhia de Navegação do Amazonas; a Companhia D'ques Fluctuantes; a Companhia de Cortumes; a Companhia Luz Stearica; Montes Aureos Brazilian Gold Mining C.^o; a Companhia E. F. Santos a Jundiahy; Botanical Garden's Rail Road C.^o; Cabo Submarino; Abastecimento d'agua da Capital do Imperio; E. F. do Cabo Verde; E. F. da Bahia; E. F. do Recife a S. Francisco; E. F. Pedro II; E. F. da Tijuca; e o Banco Mauá & C.^a.

Fomentavam estas e outras empresas os capitaes nacionaes, até então empregados no contrabando negreiro, avolumados, agora, pela entrada de capitaes estrangeiros animada pelo intelligente, operoso e ousado industrial.

Em 1853 Itaborahy achou azada a occasião para organizar o credito, fundando um grande banco nacional com a fusão dos bancos Commercial e do Brasil, que, por suas fil'aeas é agencias, pudesse servir a todas as provincias. Adepto da unidade bancaria, concedeu ao novo instituto o privilegio da emissão, que lhe deu o character de regulador da circulação (31).

Embora já se tivesse manifestado contrario ao resgate do papel-moeda por meio de Bancos, contratou com o novo Banco do Brasil a substituição dos bilhetes do Thesouro por notas bancarias conversiveis.

Autorizou a incorporação do Banco Commercial do Pará e do Banco Rural e Hypothecario do Rio de Janeiro.

(31) Lei n. 683, de 5 de Julho de 1853 — Decreto de 31 de Agosto do mesmo anno.

Remodelou o Thesouro e as Thesourarias de Fazenda, as tarifas e os regulamentos aduaneiros; estabeleceu as condições para a abertura de creditos extraordinarios e supplementares e pagamento das dividas de exercicios findos; reduziu o imposto de exportação de 7 para 5 %, ficando autorizado a extingui-lo; reatou as amortizações da divida externa, suspensas desde muitos annos, e, finalmente, contrahiu em Londres um emprestimo de £ 1.040.600, a 95, juros de 4 ½ %, para liquidar o emprestimo portuguez de 1823, cuja responsabilidade assumimos pela convenção de 1825.

Durante esta administração modelar as rendas subiram de 28 a 35.000 contos; os titulos externos cotaram-se, acima do par os de 5 %, os de 4 % a 98; o cambio oscillou entre 27 e 29. O desequilibrio orçamentario pequeno é devido á guerra contra Rosas, ás subvenções aos Governos de Montevidéo e Entre Rios.

O Marquez do Paraná, seu substituto, funda agencias do Banco do Brasil em Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, autorizando-o a elevar ao triplo, do fundo disponivel a sua emissão; apresenta o balanço dos exercicios de 1853-54, graças ao regular funcionamento do Thesouro e Thesourarias. Não podendo liquidar o emprestimo de 1824, vencido, prorroga-o por 10 annos, de accordo com os credores, e entrega a nossa gerencia financeira de Londres a Rothschild & Sons (32).

Fallece Paraná. Pedro de Araujo Lima, Marquez de Olinda, organiza o gabinete de 4 de Maio de 1857, no qual entra como Ministro da Fazenda Bernardo de Sousa Franco.

A situação é risonha; orça-se a receita em 35.000 contos e arrecadam-se 49.000 contos; os titulos e o cambio estão acima do par; ha saldos no Thesouro e nas Thesourarias, não obstante para liquidar o emprestimo de 1829, vencido, recorreremos ainda a um emprestimo, em excellentes condições, é certo, a 95 ½, juros de 4 ½.

Sousa Franco deposita no Banco e suas filiaes as sommas disponiveis, põe em execução a nova tarifa, que reduz as taxas sobre os generos de primeira necessidade.

Filiado á escola da pluralidade bancaria, convencido, além disso, de que a expansão das emissões fomenta a industria e o commercio, reage contra a situação creada pelo Visconde de Itaboraahy, autorizando a incorporação de seis bancos emissores, a despeito da opposição que esta mudança da politica financeira encontra no Parlamento, chefiada por Salles Torres Homem, Visconde de Inhomirim.

"Se a sessão foi qualificada de esteril", observa Joaquim Nabuco, "desde que ella termina, abre-se um periodo que foi na historia do reinado um dos de maior actividade e agitação, porque foi o do ensaio da chamada liberdade bancaria, isto é, da lucta entre os partidarios da pluralidade e os da unidade em'ssora, ou melhor dos que nenhuma somma de papel-moeda podia satisfazer e dos que desejavam restringi-la á elasticidade do cambio ao par. Desde então até 1860, a questão que occupa todos os espiritos é a questão bancaria" (33).

O inflacionismo arregimenta os seus adeptos, dá a sua primeira campanha, triumphando, interrompendo a consolidação do regimen conversivel, enfraquecendo e desarmando o paiz para resistir á crise americana que repercute em nossas praças.

A crise brasileira irromperia mais cedo ou mais tarde, estava já preparada, escreve Pandiá Calogeras (34), pelas condescendencias do Governo, permittindo que

(32) Contracto de 20 de Junho de 1855.

(33) "Um estadista do Imperio", vol. 2, pag. 22.

(34) "La Politique Monétaire du Brésil", pag. 108 e 113.

o Banco do Brasil elevasse ao triplo a sua emissão (35) para alimentar a desenfreada especulação que dominava a praça e pela inepta política da Directoria do mesmo Banco.

Aquella medida imprudente e injustificavel tornou-se permanente (36) e estendeu-se ás caixas filiaes do Banco, que nenhuma attenção prestava aos avisos da aproximação da crise, descuidando-se da defesa de sua reserva metallica.

Baixam os preços de nossos productos no exterior, desequilibra-se o balanço dos pagamentos, o ouro escoá-se, explode a crise.

O Banco pede auxilio em ouro e consegue a elevação da emissão ao quadruplo de seu fundo disponível (37). A intervenção do Governo por meio do Banco do Brasil e do Banco Mauá abafa a crise, que os novos bancos emissores e as abusivas emissões de *vales* farão reaparecer mais intensa e devastadora em 1864.

“A relação da baixa do cambio, que se mantivera alto tanto tempo, do escoamento dos metaes, da subida dos preços, salarios e braços escravos, com a nova politica, era incontestavel”, pondera Nabuco.

“Nenhum beneficio se colheu da transgressão da lei de 1846”, exclama Inhomirim, “porque nos deixa a nova politica financeira um papel depreciado, o cambio baixo, a desconfiança nas relações commerciaes e uma desordem na circulação difficil de reparar.”

Da tarefa ingente das reparações são incumbidos os ministerios que se seguiram, de 12 de Dezembro de 1858 e 10 de Agosto de 1859, nos quaes coube a pasta da Fazenda a Inhomirim e a Silva Ferraz. O primeiro reduziu logo a emissão do Banco do Brasil ao duplo do fundo disponível, liquidou a divida de 1829, por meio de novo emprestimo de 5 % ao par, e fez ainda dous outros emprestimos de £ 1.526.500 a 95 e 4 ½ % de juros e de £ 1.373.000 a 90 e 4 ½ % para a encampação da E. F. Pedro II e da estrada União e Industria.

A reacção contra o inflacionismo culminou com a lei de 22 de Agosto de 1860, proposta por Inhomirim e apoiada pelo Gabinete Ferraz.

A administração de Silva Ferraz foi uma das mais fecundas do segundo reinado. Contrario ao augmento do debito nacional, pugna pela politica das economias, pelo desenvolvimento da renda interna e aduaneira, remodelando as repartições fiscaes, alguns impostos e as tarifas das Alfandegas, pelo combate ao jogo e pela organização de caixas economicas.

O Visconde do Rio Branco mantem a orientação de seu antecessor e vai conduzindo o paiz para a unidade emissora, autorizando o Banco do Brasil a adquirir o direito de emittir, concedido por Sousa Franco ao Banco Agricola e ao Rural e Hypothecario, e a reassumir a função de regulador do meio circulante.

O Banco do Brasil continuava a dar execução ao seu contrato, tendo resgatado 10.000 contos de papel-moeda, reduzindo-o a 34.000 contos; os bancos tinham contrahido as suas emissões de 50 a 43.000 contos. As remessas para Londres são feitas a 26 ¼. O orçamento está equilibrado. Installa-se a Caixa Economica da Côrte. Reduzem-se as tabellas dos credits supplementares e inscreve-se na lei orçamentaria o principio salutar que hoje tenta revigorar o incançavel e benemerito representante de S. Paulo: O Ministro da Fazenda não ordenará pagamento algum, sob pena de responsabilidade, sem que na lei que o houver autorizado estejam consignados os fundos correspondentes á despesa”.

(35) Decreto de 2 de Abril de 1855.

(36) Decreto de 5 de Fevereiro de 1856.

(37) Relatorio da Com. de Inquerito de 1859, pag. 35.

Infelizmente, os successores de Rio Branco — o Marquez de Abrantes e José Pedro Dias de Carvalho — desviando-se da orientação seguida desde 1859, autorizaram o Banco do Brasil a elevar ao triplo a sua emissão.

Rebenta a crise commercial de 1864, que abalou profundamente as nossas praças, determinando violenta corrida sobre os bancos e as casas bancarias; alguns sophismaram e muitos se liquidaram, causando prejuizos avallados em 70.000 contos.

O Governo intervem não só na ordem economica, como na juridica, autorizando a elevação das emissões, decretando o curso forçado das notas bancarias, regulando por actos administrativos as fallencias, concordatas e moratorias (38). O Banco eleva a emissão a quasi o quintuplo.

A somma de papel-moeda em circulação estava reduzida a 28.000 contos; o papel bancario elevava-se a cerca de 85.000.

O Ministro Carlos Carneiro de Campos pensava em reduzi-lo, obrigando o Banco do Brasil a converter em ouro as suas notas, quando as despesas extraordinarias com a guerra do Paraguay, forçando-nos a emissões successivas de papel-moeda e á realização de operações ruinosas, neutralizaram todo o trabalho já feito com o fim de sanear o meio circulante.

O Ministro João da Silva Carrão, o querido mestre de economia e de finanças, vê-se na contingencia de liquidar a carteira emissora do Banco do Brasil, de tomar-lhe o lastro metallico, substituindo as notas bancarias pelas do Thesouro. A despesa elevava-se, então, a 165.000 contos e o *deficit* a 94.000.

Zacharias recorria a novos impostos e á aggravação dos existentes, cobrando 15 % em ouro dos direitos de importação. Itaborahy lançava um emprestimo interno, em ouro, a 90, juros de 6 %, e carregava ainda os impostos aduaneiros. A receita subia a 93.000 contos, mas a despesa era superior a 140.000 contos. O cambio descera a 23, a 22, e em um momento a 14, em 1868, mantendo-se, porém, entre 17 e 19, até o acabamento da guerra, cuja despesa total se avalia em somma superior a 600.000 contos, paga com papel-moeda, apolices e emprestimos externos.

Restabelecida a paz, inicia-se, sem demora, a recuperação das forças perdidas, a obra das reparações necessarias, confiada aos talentos, á experiencia, á energia de Itaborahy, de Rio Branco, de Cotegipe, de Silveira Martins, de Saraiva, Lafayette, Dantas, Francisco Belisario, João Alfredo e Ouro Preto, notaveis estadistas do Imperio, quasi todos abalisados financistas.

Perturbam-nos a convalescença a crise de 1875 e a calamidade das seccas do Norte, que consomem, só estas, 74.000 contos e sacrificam mais de 200.000 vidas, o duplo das victimas da guerra do Paraguay.

Itaborahy expurga a circulação dos "vales", que a inundavam, pela cunhagem e emissão do nickel e da prata; resgata os emprestimos de 1839 e 1860. E' autorizada a amortização do papel-moeda com os saldos orçamentarios e depositos das Caixas Economicas.

Não contente com as glorias da campanha da libertação do ventre, Rio Branco conquista outras, impulsionando a viação ferrea e a navegação fluvial, ao Norte e ao

(38) Decreto de 13 de Setembro de 1864 — Concede ao Banco do Brasil elevar a sua emissão ao triplo do fundo disponível.

Decreto n. 3.307 de 14 de Setembro de 1864 — Dá curso forçado por enquanto aos bilhetes do Banco do Brasil.

Decreto n. 3.308 de 17 de Setembro de 1864 — Manda observar diversas disposições extraordinarias durante a crise commercial em que se acha a praça do Rio de Janeiro.

Decreto n. 3.309 de 20 de Setembro de 1864 — Regula a fallencia dos Bancos e casas bancarias nos termos do art. 3.º do decreto n. 3.308 de 17 do corrente.

Sul, por meio da garantia de juros e subvenções, fomenta a agricultura, pela colonização e organização do credito real.

Convencido da superabundancia do papel e sua influencia sobre o cambio, mantem a lei de 22 de Agosto de 1860.

A receita excede a 100.000 contos, o cambio chega a 27, a exportação vem vendendo, de muitos annos, a importação, os titulos da divida externa sobem a 97 e os internos vão acima do par.

Em 1875 faz nova operação de £ 5.000.000 para os serviços ferro-viarios, a 86 $\frac{1}{2}$, juros de 5 %, crêa caixas economicas em todas as provincias e vem em auxilio dos bancos da praça do Rio, victimas de uma passageira pressão monetaria.

Cotegipe reclama economias, diz que a politica de desaggravação de impostos já tinha desfalcado a renda de 11.000 contos annuaes e que os *deficits* estavam sendo cobertos por meio de operações de credito. Condemna os transportes de sobras, autorizados pela lei de 1862 (39), preferindo o regimen dos creditos supplementares e extraordinarios da lei de 1850.

Silveira Martins, adversario de seu antecessor, concorda com a suspensão dos melhoramentos e emprestimos, receloso de que o serviço da divida absorva a renda ordinaria.

Favoravel ás mais rigorosas economias, começa pela supressão de alguns Arsenaes e redução da força publica, chega á conversão das legações em consulados, emprega o producto da venda do couraçado "Independencia" no resgate do emprestimo de 1859. Estuda o systema tributario, procurando discriminar as fontes de renda geraes das provincias, opinando pela criação do imposto territorial e pela conversão da divida interna. Emite papel-moeda para acudir ás provincias flagelladas pela secca (40).

Affonso Celso, que já havia revelado alta capacidade administrativa na pasta da Marinha, no gabinete de 3 de Agosto de 1866, organizando os elementos e as forças navaes para a guerra, substitue, a 8 de Fevereiro de 1879, a Gaspar Martins, no gabinete de 5 de Janeiro, com que Sinimbu inauguro a situação liberal.

O *deficit* é de 20.000 contos. Para combatel-o, faz economias, lembra impostos sobre fumo, sal, o transito, os vencimentos, apresentando ao Parlamento detalhado estudo sobre estas novas fontes de renda, e consegue vel-as aceitas (41).

Para liquidar as contas de 78-79 e consolidar a divida fluctuante, faz o emprestimo interno de 50.000 contos, ouro, a 96 e juros de 4 $\frac{1}{2}$ %.

José Antonio Saraiva organiza o gabinete de 28 de Março de 1880. Ficando com a pasta da Fazenda, continúa a politica de economias, só permite melhoramentos materiaes que as forças do Thesouro possam comportar, evita o recurso ao credito. Em 1881, annuncia dous importantes acontecimentos: — o equilibrio orçamentario e a adopção da lei do voto directo. Martinho Campos governou poucos mezes e Paranaгуá, pouco mais de um anno; aquelle, ao apresentar ao Parlamento o seu programma, falla no resgate do papel e na conversão da divida interna; este repelle o projecto de uma grande operação para a conversão do papel, apresentado á Camara em 1879 (42), reconhecendo a necessidade do resgate gradual, e realiza um emprestimo em Londres de £ 4.000.000, a 89, juros de 4 $\frac{1}{2}$ %.

(39) Art. 13 da lei de 9 de Setembro de 1862.

(40) Decreto n. 6.882, de 15 de Abril de 1878.

(41) Decreto n. 7.559, decreto n. 7.565, decreto n. 7.554, de 22 de Setembro de 1879.

(42) Projecto n. 115, do A. A. de Bulhões, concebido nestes termos:

"A Assembléa geral resolve:

A questão abolicionista, que vinha sendo agitada, domina a opinião, devora os ministerios organizados por Lafayette, Dantas e Saraiva, agrava o problema financeiro, que continúa a se impôr aos poderes publicos.

Lafayette, o juriconsulto notavel, revela-se um financista de valor, no combate contra o *deficit*, no estudo de suas causas e dos meios de debellal-o, no preparo do terreno para a conversão da divida. Saraiva corrige a pressão monetaria de 1885, auxiliando os bancos desta praça, e, para salvar o projecto Dantas, ou antes o seu, que já não satisfazia a opinião, entrega o poder aos conservadores.

Cotegipe, presidente do Conselho do Gabinete de 26 de Agosto de 1885, confia a pasta da Fazenda ao illustre financista Francisco Belisario Soares de Souza, sobrinho e discipulo de Itaborahy, que realiza a conversão das apolices de 6 % para 5 % e faz adoptar o plano da retirada annual de 5.000 contos de papel-moeda: consolida a divida fluctuante por meio do emprestimo externo de £ 6.000.000, a 95 ½, juros de 5 %; reforma as caixas economicas e reduz o *deficit* de 25.000 a 5.000 contos.

Para Francisco Belisario, a solução do problema do meio circulante está na criação de um banco emissor, que substitua por suas notas conversiveis em ouro as notas do Thesouro.

A lei de 1885, desvalorizando o escravo, libertando os sexagenarios, em vez de acalmar os abolicionistas, excitou-os, e em 1888, João Alfredo teve de referendar a lei de 13 de Maio, que abolia immediatamente a escravidão no Brasil.

A repercussão desta grande conquista da civilização foi enorme no mundo politico, financeiro, economico e social brasileiro.

Sobem os liberaes ao poder. O Visconde de Ouro Preto, para facilitar a organização do regimen do trabalho livre, concede auxillo aos lavradores, levantando um emprestimo interno de 100.000 contos, ouro, alargando o plano do seu antecessor, que havia feito no exterior uma operação de £ 6.000.000, a 97, juros de 4 ½.

A enorme safra de café, a incorporação na massa dos operarios de 700 mil libertos e cerca de 200.000 immigrants, a abundancia de ouro na circulação, a elevação do nosso credito, attestada pela cotação dos nossos titulos e taxa cambial a 28, convenceram ao Visconde de Ouro Preto de que era chegada a occasião de levar a effeito a conversão da divida externa e de resolver o grande problema nacional da consolidação do meio circulante, ha 40 annos esperada.

O eminente estadista expede o regulamento da lei de 24 de Novembro de 1888, que provê sobre os Bancos de emissão (43). Autoriza a incorporação do Banco Nacional do Brasil, que assume o compromisso de substituir por notas suas, conversiveis em ouro, o papel-moeda circulante. O Thesouro já havia iniciado o resgate do papel, na razão de 1.000.000\$000 por mez (44). Uma corrente de capitaes se encaminha para o palz.

Art. 1.º Fica o Governo autorizado a contrahir um emprestimo até 150.000:000\$000, para converter em moeda-papel o papel-moeda do Estado.

Art. 2.º Realizada a conversão, o emprestimo, sobre qualquer fôrma em que se achar, será destinado a cobrir o *deficit* do orçamento vigente, e a resgatar as dividas mais onerosas aos cofres publicos.

Art. 3.º A amodagem e a afinação para moedagem do ouro na Casa da Moeda são gratuitas.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala da Camara dos Deputados, 6 de Março de 1879. — Antonio Augusto de Bulhões.

(43) Decreto n. 10.262, de 6 de Julho de 1889.

(44) Decreto n. 10.336, de 6 de Setembro de 1889.

A conversão da dívida externa de 5 % para 4 % foi um successo triumphal e importou na economia annual de £ 437.985, em quotas de juros e amortização (45).

A revolução de 15 de Novembro veio interromper a evolução que se operava e assim fechar o segundo periodo da nossa historia financeira

O terceiro periodo inicia-se, pois, com a Republica, que já encontrou o paiz livre da escravidão e do papel-moeda, com a população avaliada em 15 milhões, attingindo o seu commercio internacional a 470.000 contos, a sua renda a 147.000 contos e a sua dívida a 760.000 contos.

A alma do movimento revolucionario é Ruy Barbosa e a elle são confiados os postos de sub-chefe do Governo Provisorio, de Ministro da Fazenda e a incumbencia de elaborar o projecto da Constituição republicana.

A tarefa era ingente e, naquelles tempos de agitações e sobresaltos, tornava-se tremenda, exigindo o seu desempenho extraordinarias faculdades, profundo saber e incansavel actividade.

Eu penso, e o disse na Constituinte, que o Governo Provisorio devia ter proseguido na execução do plano Ouro Preto, na parte relativa á conversão da moeda. Teriamos, provavelmente, atravessado o periodo revolucionario sem maiores sacrificios e limitado os effectos da crise naturalmente provocada. Se as perturbações posteriores fizessem naufragar a conversão, não seria difficil voltar a ella, restabelecida a ordem. Seria muito exigir de um Governo dictatorial? Mas o Ministro da Fazenda, por um lado, não confiava na estabilidade do cambio e permanencia do ouro na circulação, e, por outro, confessava a necessidade de transigrir com as exigencias regionalistas.

Aliás, os seus decretos foram inspirados pelos principios da lei de 24 de Novembro de 1888; o seu plano foi logo truncado pela revogação do imposto em ouro e soffreu outros golpes, que o annullaram.

Tem-se injustamente responsabilizado o Governo Provisorio por actos que não foram seus e por abusos posteriormente praticados.

O relatório da Fazenda de 1891 é um repositório de ensinamentos de alto valor, de estudos completos sobre varios impostos, amortização e conversão da dívida, cambio e tarifa, revelando o superior talento, o saber e rara operosidade do primeiro gestor das finanças do novo regimen.

Os seus successores, Araripe, Felisbello, Serzedello, nada puderam fazer por causa da crise moral e financeira synthetizada na palavra "encilhamento", aggravada pela revolta, pela guerra civil, não produzindo resultados as providencias occasionaes de auxilios aos Bancos, as fusões e as emissões de "bonus".

Rodrigues Alves, quando occupou a pasta da Fazenda, consegue um emprestimo externo, propõe o imposto em ouro, e, para reduzir o meio circulante, pede a encampação das emissões bancarias.

Bernardino de Campos effectua esta operação e celebra o "funding-loan".

A somma do papel-moeda sóbe a 788.000 contos e o cambio desce a 5: o *deficit*, a bancarrota, a vida cara, a fome, a miseria.

(45) Telegramma de M. N. Rotschild & Sons:

"Londres, 29 de Outubro de 1889 — Nossas previsões quanto ao resultado favoravel da conversão da dívida brasileira de 5 % foram plenamente justificadas pelo completo successo que teve o novo emprestimo de 4 %."

A obra do inflacionismo estava consumada e, para reparar os seus males, appellou o Governo Campos Salles para os principios classicos, cujo expoente maximo era, então, Joaquim Murтинho.

Terei necessidade de relembrar o que foi a gestão Murтинho? Ella é de hontem e os seus effeitos ainda perduram.

Incinerou 100.000 contos de ré's de papel-moeda, elevou o cambio de 5 a 12, creou os fundos de resgate e de garantia para que a redução da circulação não cessasse mesmo depois do "funding" e a alta cambial fosse mantida; resgatou estradas de ferro; augmentou a receita e diminuiu a divida; transformou os *deficits* orçamentarios em saldos; restabeleceu o credito publico.

Increpam-n'o por ter provocado a crise bancaria de 1900. Nada mais injusto. A sua exposição publicada no *Diario Official* de 17 de Setembro daquelle anno é a sua cabal defesa.

A fallencia do Banco da Republica do Brasil era a ultima phase da grande crise de 1893, determinada pelo inflacionismo, e que vinha morosamente se liquidando. A intervenção do Governo tinha apenas prolongado a agonia do encilhamento, pois outro resultado não lograram o auxilio de 50.000:000\$ aos bancos, as fusões de bancos e a extravagante emissão de 80.000:000\$ de "bonus".

O Banco da Republica devia ao Thesouro 186.000:000\$; sentia difficuldades na liquidação da carteira de "bonus". O Governo, para desembaraçar a acção da directoria, aceitou por saldo de contas 50.000:000\$, e deu-lhe inteira liberdade para aquella liquidação.

Em Fevereiro pediu e obteve o Banco um auxilio de 10.000:000\$, em bilhetes do Thesouro para reforço de sua caixa.

Em Junho a sua situação era ainda mais precaria e o Governo, de accordo com a lei n. 581, de 20 de Julho de 1899, emprestou-lhe £ 600.000.

Em principios de Setembro o Banco solicitou novos auxilios e o Presidente da Republica reuniu no Cattete as Commissions de Finanças da Camara e do Senado para, em presença do Ministro da Fazenda e do Presidente do Banco, discutirem o assumpto.

O Presidente do Banco declarou que a situação era critica e só a emissão até 50.000:000\$ poderia conjurar o perigo de uma suspensão de pagamentos, não se satisfazendo com o auxilio de mais £ 300.000, que lhe foi offerecido e com a promessa de mais £ 400.000 ou 600.000. No dia 12 de Setembro o Banco soffria a corrida e a crise estendia-se a outros institutos da praça.

O Governo entra em accordo com os accionistas para a liquidação do Banco, assumindo a direcção do instituto e a responsabilidade de 121.000:000\$ de inscrições que foram emitidas para pagamento dos credores.

Na presidencia, Rodrigues Alves seguiu a orientação de Campos Salles; incinerou 10.000 contos de papel-moeda, elevou o cambio a 17; recolheu ao fundo de garantia todas as sommas em ouro a elle pertencentes; amortizou a divida; fundou o Banco do Brasil; adquiriu o Acre; firmou o credito e deixou saldos.

A solidariedade entre os governos dos dous venerandos Paulistas foi a mais completa, sob o ponto de vista dos principios financeiros que vinham aliás norteando a administração publica desde 1895.

Todas as questões levantadas no quadriennio Campos Salles, tiveram solução satisfactoria: o Acre, victoria humanitaria de Rio Branco; o porto do Rio; a liquidação da Sorocabana, da Oeste de Minas, do Lloyd Brasileiro, do Banco da Republica, de cujas cinzas surgiu o actual Banco do Brasil, vasado em moldes que o habilitavam a ser o futuro Banco de emissão, regulador da circulação conversivel.

Para apressar o advento desse almejado regimen, foram substituidas por moedas de prata as notas de pequeno valor e proposta a regulamentação do cheque e das camaras de compensação.

O Governo Penna, quebrou a continuidade da politica financeira: baixa o cambio de 17 a 15, impede a sua alta com a chamada Caixa de Conversão, consome o fundo de garantia, alarga a circulação, augmenta vencimentos, eleva a despeza a 500.000 contos, os creditos addicionaes a 118.000 contos e, finalmente, converte os saldos orçamentarios em *deficits*. Entregando-se ao inflacionismo tudo veio natural e fatalmente, como desdobramento logico, irreprimivel.

A Caixa de Conversão é uma nova forma do inflacionismo e do protecçionismo. Obsta a valorização da moeda e, portanto, prolonga os males inherentes ao regimen do curso forçado, complica a solução do problema monetario com a criação de uma moeda fiduciaria, que tem, como o papel-moeda, curso forçado, corre com igual valor, mas só é conversivel em parte. O antagonismo entre o papel do Thesouro e o da Caixa, previsto, aliás, tornou-se alarmante em 1910, quando o primeiro começou a ter agio sobre o segundo, valendo mais o inconvertivel do Thesouro do que a nota que se dizia "convertivel" da Caixa. Ninguém queria receber o papel da Caixa e todos queriam descartar-se delle em pagamentos e depositos. Foi precisa a intervenção governamental para que o Banco do Brasil o recebesse sem resalva, assumindo a responsabilidade de quaesquer prejuizos. Mais tarde teve o Governo de responder pela differença entre a emissão de 15 e a de 16, cerca de 20.000 contos, ainda não pagos. Em 1908 e 1910, a defesa da Caixa impoz sacrificios. E' pois, uma fonte de prejuizos, de responsabilidades illimitadas para os cofres publicos.

O imperio creou a macuta, o cobre falso; a Republica creou o papel da Caixa, que diz valer 1\$ e só vale 16 d., não pôde valer mais e dia virá, se teirmarmos, non poderá valer tanto.

Com relação á Caixa, os inflacionistas se dividem: uns a querem como solução definitiva com a quebra do padrão monetario; outros, como apparelho transitorio para embarcaçar e retardar apenas a valorização da moeda e a circulação metallica. Os primeiros são indifferentes á fallencia do Estado — quando o paiz prospera, e estarram com o art. 84, da Constituição, que diz: "O Governo Federal afiança o pagamento da divida interna e externa da Nação". Quebrar o padrão é abrir fallencia, é o Estado pagar com rebate de 30 a 40 % a sua divida, e se á quebra não se seguir o resgate da divida e apenas determinar-se a substituição do papel ou alteração de inscripção — a quebra será fraudulenta, já não violará só a Constituição, mas tambem incorrerá no Codigo Penal.

A experiencia mostra-nos que as emissões da Caixa não obedecem ás necessidades da circulação, não guardam relação com o movimento das transacções e do commercio interno, ora augmentando o meio circulante e promovendo o jogo da bolsa, a alta dos preços, ora restringindo-o bruscamente e determinando a pressão monetaria. Em um e outro caso perturbam a economia geral do paiz e as finanças do Estado, o que era de esperar de um apparelho artificial, que nada mais é do que o "trust", formado pelo poder publico para comprar ouro a preço fixo, inferior ao padrão, emittindo papel.

A Caixa dá-nos a estabilidade do cambio á custa da instabilidade dos preços, de crises successivas, do adiamento indefinido do regimen metallico, do sacrificio da agricultura real (a agricultura que allimenta e não a que só trata de gosos e acepipes), e beneficia o industrialismo fantasista, que produz seda, perfumarias, drogas, etc., mas importa feijão, milho, arroz, carne e bacalhau.

Mas, exclamam os seus defensores, o que seria do paiz se ella não existisse?

A resposta não é difficil. O paiz viveu e prosperou de 1822 a 1906 sem Caixa de

Conversão. Sem ella teria já resolvido o problema monetario se houvesse sequencia na administração do paiz. As grandes nações não a conheceram. A Inglaterra em 1819, os Estados Unidos em 1879 sahiram do curso forçado sem Caixa de Conversão.

Não careceram deste aparelho a Italia, a Russia, a Austria para corrigir os inconvenientes do curso forçado e manter a estabilidade da sua moeda circulante. Assim como a esse expediente não recorreram mesmo pequenos paizes, como a Grecia, que ainda recentemente entrou no regimen da circulação metallica pela porta larga do resgate do papel inconvertivel e elevação do cambio ao par.

Se a Caixa de Conversão não fosse inventada em 1907, os nossos saldos em ouro, que ella recebeu e converteu em 400.000 contos de papel, teriam valorizado a moeda e elevado o cambio ao par. O Banco do Brasil, mantida a politica financeira Campos Salles-Rodrigues Alves, seria um banco emissor de fundo metallico, regulador da circulação, podendo, como os bancos congeneres, defender a reserva de ouro do paiz. Estariamos no regimen da conversão, no regimen normal, definitivo, aparelhados para attenuar e resistir ás crises commerciaes.

Supponhamos, porém, que não fossemos tão felizes, que tivéssemos apenas obtido a alta do cambio. A nossa situação seria incomparavelmente melhor do que a actual, porque a sahida do ouro não determinaria a contracção da circulação, mas tão sómente maior procura de cambiaes, accumulando o dinheiro nas caixas dos bancos, de onde voltariam á circulação pelos descontos e emprestimos, sem se estagnar na casa forte da Caixa de Conversão, como hoje acontece.

Para evitar a agiotagem no cambio e auxiliar a praça, o Governo disporia de £ 14.000.000 do fundo de garantia.

E' um engano suppor que a Caixa attrahiu o ouro para a circulação e capitaeas para as nossas empresas. A corrente, despertada pela alta cambial, mantida pela politica financeira de 1904-1906, tendia a augmentar, como em 1853-1856; em 88-90, a despeito da fixação da taxa. A Caixa facilita e promove, sim, o exodo do metal, pela deprecação e desvalorização do meio circulante.

Não ha tempo para commentarios. Continuemos.

O Governo Nilo Peçanha foi de 18 mezes, mas resistiu á onda inflacionista; restaurou a lei do fundo de garantia; elevou o cambio a 16; liquidou com antecedencia a moratoria do *fundings-loan*; amortizou o emprestimo de 1879 (£ 2.300.000); converteu £ 14.000.000 da divida externa de 5 % para 4 %.

Finalmente, o Governo actual... Dizia Voltaire: "deve-se respeito aos vivos, não se deve a verdade senão aos mortos".

Estamos na apothose final da terceira victoria inflacionista...

CONCLUSÃO

Do estudo que vimos de fazer se conclue:

1.º — O primeiro reinado lançou com o Marquez de Queluz as bases da fundação da divida publica e da sua amortização.

2.º — A Regencia organizou com Bernardo de Vasconcellos os aparelhos de arrecadação, distribuição, contabilidade e fiscalização das rendas; com Araujo Vianna e Castro e Silva melhorou a circulação monetaria, eliminando o cobre.

3.º — No segundo reinado, Alves Branco, Bernardo de Vasconcellos, Hollanda Cavalcante assentaram o systema monetario; Rodrigues Torres organizou o credito e iniciou a conversão do papel-moeda.

Sousa Franco, em 1857, interrompeu a politica financeira, mas Torres Homem,

Ferraz, Rio Branco, Belisario conseguiram reatá-la, permitindo que Affonso Celso reençetasse a conversão do papel em 1889.

4.º — A revolução republicana e o Governo militar impossibilitaram a consolidação da situação financeira, fizeram desandar todo o caminho penosamente palmilhado, mas os Governos civis que se seguiram, desde 1894 a 1906, reconduziram a administração aos bons princípios.

5.º — Em 1907, não podendo retroceder, tentou o Governo Penna paralyzar a obra de seus antecessores: creou-se a Caixa de Conversão.

6.º — O Governo Nilo Peçanha, em 1910, procurou conciliar a nova politica financeira com a anterior, dando inteira execução á lei da Caixa e restaurando o fundo de garantia.

7.º — O Governo actual reagiu, alterando a lei em um dos seus pontos essenciaes — o dos depositos, que foram augmentados de £ 20 para 60.000.000, elevadas assim as emissões de 300 para 900.000 contos e não reconstituindo o fundo de garantia, cujas quotas continuaram a ter outra applicação, como confessam o ex-Ministro no seu relatório e o actual na Proposta de orçamento para 1914.

8.º — As administrações que se orientaram segundo os principios da escola classica, que condemna o papel-moeda, prescreve a sua redução ás necessidades das transacções, a sua valorisação pelo resgate até que se possam converter os bilhetes em ouro, á vista, á vontade do portador — restabeleceram a ordem nas finanças, firmaram o credito, garantiram o desenvolvimento regular e continuo da riqueza publica e particular, como entre outras as de Itaborahy e Ouro Preto, no Imperio, Campos Salles e Rodrigues Alves, na Republica.

9.º — Os Governos que se deixaram dominar pelas aberrações inflacionistas provocaram crises, prejudicaram o credito publico e particular, desequilibraram os orçamentos, viveram no regimen do *deficit* e impossibilitaram o da conversão.

10.º — A politica economica reinante pretende desenvolver no paiz as mais variadas industrias sem lavouras e sem capitaes, com o auxilio do papel-moeda, das tarifas prohibitivas e do cambio baixo, que, desde 1896, vão tornando a vida insupportavel e preparando a crise social em favor de poucos millionaes, que não fixarão a fortuna aos descendentes, porque é sempre verdadeiro o proverbio: pai banqueiro, filho doutor, neto pescador.

CURSO DE HISTORIA DA CIVILISAÇÃO, SUA ORIGEM, SUA MARCHA
E SEU DESENVOLVIMENTO NO MUNDO ANTIGO

SERIE DE DOZE CONFERENCIAS REALISADAS PELO PADRE DR. F. A. DEIBER
DE 17 DE ABRIL A 3 DE JULHO DE 1913

Não tendo sido recebidos os originaes das conferencias que constituíram a serie, deixam estas de ser aqui insertas e apenas se publica o respectivo programma:

- I. — Les sources; leur critique et leur valeur scientifique.
- II. — Les origines; l'homme préhistorique.
- III. — La Chaldée primitive; première migration des sémites, leur expansion.
L'empire Suméro-Akkadien.
- IV. — La civilisation Chaldéenne. Mœurs et coutumes. Industrie et art, etc.
- V. — L'Egypte pharaonique, ancien et moyen empire. Les Hyksos.
- VI. — L'expansion Egyptienne; sa prépondérance.
- VII. — L'Egypte et le culte des morts.
- VIII. — La religion en Egypte, ses origines, son développement.

- IX. — Les peuples de l'Asie antérieure. Phéniciens, leur extension. Chananéens.
Hébreux, Cosséens. Apparition des Indo-Européens.
- X. — Les débuts de l'Assyrie, son expansion, sa prépondérance.
- XI. — La prépondérance Iranienne.
- XII. — La prépondérance Hellénique. Rome et Carthage. Conclusion.
-

CURSO DE FOLK-LORE

SERIE DE OITO CONFERENCIAS REALISADAS PELO SR. JOÃO RIBEIRO DE 16 DE JULHO

A 3 DE SETEMBRO DE 1913

(APONTAMENTOS)

A convite do sabio e zeloso Director da Bibliotheca Nacional, no correr do anno de 1913, realizei algumas conferencias sobre o *Folk-lore*.

Era meu proposito instituir um ensaio de generalização fundada em numerosos factos até agora recolhidos da tradição popular no Brasil. O habito dos estudos comparativos da linguagem facilitava-me a tarefa. Fiz todo o possivel para corresponder ao honroso convite e á expectativa do pequeno, mas selecto auditorio que me acolhia com attenciosa benevolencia.

Entretanto, as conferencias não foram previamente escriptas, e d'esta arte não posso agora reproduzir o texto fiel das minhas palavras. Reproduzo, porém, em substancia, as notas, apontamentos e a documentação de que me preveni para falar com segurança sobre o assumpto.

Perdem um pouco estas paginas do calor do momento ou da inspiração, embora sobria e desataviada, do discurso. Ganham, porém, em solidez pela escolha mais ponderada dos themas e pelos subsidios que ajuntei ao texto primitivo.

Foram as conferencias annunciadas sob os seguintes titulos:

- O *folk-lore*. Methodos de pesquisa. A lingua e a litteratura popular.
- A novellistica nas suas fórmas litterarias. Os contos populares.
- Fabulas e historias de animaes. Apologos.
- Os mythos.
- O *folk-lore* infantil.
- Crendices, superstições. Idéas praticas e religiosas.
- O romance. A poesia popular e a sua technica.
- Synthese geral do *folk-lore*. Conclusão.

Pelo contexto ver-se-á que não seguimos a ordem das prelecções, o que é de pouca ou nenhuma importancia, pois que a seriação das conferencias não estava subordinada a nenhum plano. Os assumptos são de si mesmos desconexos pela impossibilidade de em tão estreito quadro abranger todos os aspectos do *folk-lore*.

A ordem racional seria a de começar pelos mythos primitivos do animismo.

A *Synthese* da conclusão coordena em algumas paginas os factos mais geraes e, se não é remedio a essa descontinuidade necessaria, pelo menos contribue com a vantagem de tornar o assumpto mais ameno e menos desagradavel á maioria dos leitores.

As theorias e doutrinas, uma ou outra vez, serão tratadas a proposito dos factos, quando pareça opportuno. Não é intenção minha perder-me em idéas geraes, que seriam facéis ou brilhantes na exposição oral, mas inúteis, excessivas e inaproveitaveis n'um trabalho de erudição.

Espero que para os meus compatriotas que se dedicam ao *folk-lore*, sejam estas paginas um modesto ponto de partida para novos methodos de pesquisa.

I

O FOLK-LORE

Idéas geraes sobre o *folk-lore*. A psychologia ethnica ou collectiva.

Ha mais de setenta annos que appareceu pela primeira vez a palavra *folk-lore*, em um artigo do *Athenaeum* de Londres. Propunha-o W. Thoms, como expressão technica apropriada ao estudo das lendas, tradições e da literatura popular.

A palavra teve a boa fortuna de se diffundir igualmente pelos povos latinos cujas linguas não possuem a faculdade plastica de crear neologismos senão em condições raras. Em geral, recorreremos ao grego em taes casos e o termo *demologia* seria o correspondente literal de *folk-lore*. O allemão seguiu a mesma corrente ingleza com os vocabulos *Volkstehre* e *Volkskunde* (1).

Folk-lore ou *Volkstehre* ou *Volkskunde*, significa mais ou menos a sciencia ou o saber popular. O estudo era necessitado pela existencia das historias, contos de fadas, fabulas, apologos, superstições, proverbios, poesia e mythos recolhidos da tradição oral.

(1) Conhecemos a distincção estabelecida por R. Köhler e K. Weinhold que dá ao *folk-lore* uma area mais restricta e limitada que o *Volkskunde* que abrange todo o estado do homem social, sem excluir certas feições physicas, a alimentação, o vestuario, os generos da vida, profissões, o direito, a religião, a linguagem, etc.

A palavra *folk-lore* empregada no *Athenaeum* de 22 de Agosto de 1846 sob a assignatura de Ambrose Merton, pseudonymo de William John Thoms, é usada principalmente no mundo com o sentido e equivalencia de *Traditions populaires*, *Tradizione popolare* e *Volksüberlieferungen*. Estas tradições constituem o material do *Volkskunde* que se preza de sciencia historico-comparativa.

Entre nós, o vocabulo *folk-lore* tanto se applica á collecta de materiaes de estudo como ao proprio estudo methodico, da historia e da comparação.

Uma vez ordenados estes documentos da literatura popular, nenhuma expressão conviria melhor que aquella (2).

Muito antes de achada a denominação commum, era já o *folk-lore* uma sciencia historica com os seus methodos proprios de pesquisa, rica de confronto, parallelismos e de resultados comparativos, colhidos na tradição de todos os paizes.

A existencia d'essa literatura não escripta explica-se pelo encyclopedismo ingenuo de todos os povos e pela sua psychologia collectiva (*Völkerpsychologie*), base e antecedente da psychologia individual.

Todos os povos, desde os mais incapazes, têm sciencia, arte e literatura, como têm direito ou religião. São coisas e funcções humanas, em qualquer gráo.

Os rusticos, os camponios, os elementos humanos de qualquer gregario, tribu ou sociedade possuem em commum certas idéas e doutrinas elementares a cerca das coisas. Selvagens, barbaros, ou civilizados, homens, enfim, possuem uma alma collectiva onde repousam as proprias superstições, credences, as suas fórmulas d'arte ou de sciencia elementares que lhes dão a intuição do mundo, anterior, preliminar e precedente ás creações pessoasas mais tardias da sciencia abstracta ou da arte culta.

Quem do povo inculto não é medico com suas mezinhas, jurista com o seu bom senso leigo, engenheiro com a sua mecanica rudimentar, calculista com as mãos e os dedos, astrologo, pagé, adivinho ou theologo ?

N'esse encyclopedismo inculto, formado de pensamentos elementares, de emoção e de intelligencia, é que consiste a alma popular.

Essa psychologia collectiva ou ethnica, alma do grupo, alma da raça, é o fundo commum e a camada primigenia que explica e define o character especial de cada povo, no seu triplice aspecto psychico, anthropologico e historico.

A differença essencial entre o rustico e o civilizado, entre o letrado e o analphabeta é que as noções de um representam a camada de idéas ethnicas antigas e de repouso; as do outro a camada nova instavel que lhe foi accrescida pela cultura.

A sciencia quantificou o encyclopedismo grosseiro e rustico; a poesia estylisou os versos populares; a medicina originou-se da magia e das superstições; a astronomia da astrologia, etc. Em resumo, o progresso do espirito precisou e quantificou as noções ingenuas do povo.

A differença entre incultos e letrados de hoje faz esquecer que essa distincção é eterna, e já na tribu começa a emergir a personalidade.

O que se chama animismo, fetichismo, barbaria são expressões que definem a alma commum das sociedades incultas, o seu patrimonio de idéas geraes.

O seculo XIX emprehendeu essa vasta disquisição e pesquisa, recolhendo a literatura não escripta, as curiosidades e os costumes, as lendas, os contos e as tradições de todos os povos.

A philosophia apoderou-se por sua vez d'essa suggestão fecunda em resultados. Herbart foi o primeiro a notar que a personalidade individual era insufficiente para explicar a psychologia dos individuos e que era preciso busca-la e estudal-a no conjuncto, na sociedade e no povo.

O individuo representa sempre um cabedal hereditario que se não poderia explicar pelas acquisições pessoasas.

(2) Leia-se a distincção já notada precedentemente. São inevitaveis as confusões de terminologia ainda não fixada.

Kaindl propõe que se diga *Völkerwissenschaft*, pois que é sciencia e não mero conhecimento (*Kunde*). Outros adoptam *ethnographia* e *ethnologia* como aproveitaveis, o que augmenta ainda os disparates e as indistincções.

De Lazarus e Steinthal até Wundt (3) a doutrina foi adquirindo força e intensidade crescentes, e hoje seria impossível prescindir do seu concurso na explicação dos phenomenos e das doutrinas sociaes.

A linguagem, o direito, a moral, a religião, a literatura ou a arte são phenomenos de co-existencia, de inspiração e de limitação reciproca entre os homens. Desde logo, todas estas formações sociaes comegam, como continuam, sendo sempre productos mutuaes da alma collectiva e acabam por criar em todo o curso da cultura um fundamento e um *substratum* antigo tornado inconsciente e instinctivo.

Como, pois, fazer da psychologia um estudo do individuo sem o do povo ou da sociedade? Esse é o *objectiv Geist*. Tudo que é do homem vem do seu lar, da familia, da prole, do bando, — ambiente inesgotavel donde se alimenta, base physica donde se desprende mais tarde a sua energia, sensibilidade subtil e pessoal.

Fazemos a introspecção da consciencia sobre um espelho, como os astrónomos com o telcscopio, e cuidamos tocar directamente a realidade. O que é verdadeiro, porém, é o *Volksgeist*, o espirito social, que nos dá a exegese de todas as coisas do espirito.

O homem médio e commum vale apenas por esse perspirito que o rodeia e que lhe dá o nível da sua energia pessoal. D'ahi a impossibilidade ha muito exemplificada de nascer um Beethoven ou um Darwin n'uma tribu selvagem. O genio é uma virtualidade da cultura respectiva do seu povo e depende do nível commum que ella alcançou pela formação da alma collectiva.

Ora, estudar tradições, contos e superstições populares é exactamente explorar o antigo nível d'alma já sobreexcedido pela civilização.

Os allemães, amigos de toda a erudição, estavam já preparados para essa concepção do *Volksgeist*, não só pelos trabalhos da literatura popular de Herder e da doutrina dos sagas, contos de Grimm, como pela corrente philosophica anterior.

No primeiro numero do *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, Lazarus e Steinthal definiram a doutrina sobre a reflexão de Herbart de que a psychologia até então era imperfeita por unilateral, por considerar a alma do individuo sem a da sociedade: *Bleibt die Psychologie immer einseitig, so lange sie den Menschen als allein stehend betrachtet*.

O homem isolado dos seus circulos compositos e crescentes — a familia, a cidade ou a tribu, e o seu povo enfim — é apenas um thema incompleto, insufficiente e imperfeito (4).

Adolfo Bastian queria que em vez de — *eu penso* — se dissesse — *pensam em nós* — para indicar a alma ethnica que nos domina e governa todos os nossos pensamentos. Era uma excellente illustração á formula cartesiana. A multidão de idéas externas é que constitue o mundo da consciencia.

D'ahi a sua pesquisa do *elementargedanke*, das idéas matrizes e elementares que explicam por desdobramento todas as outras.

Inversamente o *Eu projectivo* de O. Flügel explica a diffusão da personalidade além dos seus limites normaes, tecendo assim a trama e urdidura da vida moral do homem. Os psychologos demonstram a *extensão projectiva* do *eu* por meio de experiencias familiares; a sensação tactil, por exemplo, que nos parece existir na ponta

(3) Para Wundt o objecto da psychologia ethnica (*Völkerpsych.*) é o estudo da linguagem, do mytho e da moral.

(4) Era esta já a concepção de W. Humboldt, n'este passo v. g. em que compara as leis do individuo ao do todo social a que elle pertence: "*Aehnliche Gesetze muss es auch für eine ganze Nation geben. Die Nation ist ein Wesen so wohl, als der Einzelne*".

da bengala ou na penna que encontra asperezas no papel — o que tudo difficilmente poderíamos referir n'aquelles casos ao tacto dos dedos. O homem é assim rodeado por uma zona de projecção da sua propria personalidade.

Não é aqui descabido lembrar a *sensibilidade* do proprietario quando ao longe vê saltar a cerca do seu sitio ou fazenda (é um ex. de von Ihering).

O homem é, pois, um intermundo entre si proprio e o universo.

Ambos os aspectos completam-se, a *psychologia individual* e *ethnica*, por differenciações e integrações successivas; mas só a *psychologia ethnica*, bem se vê, interessa ao *folklorista*.

O *folk-lore* não escolhe nenhum ramo de actividade do espirito, mas o espirito todo nas suas fórmãs mais rudimentares. E seria impossivel systematizal-o sem o reconhecimento da *Volkpsychologie*, isto é, de uma *psychologia ethnica* que explica a uniformidade e a fonte de radiação dos seus aspectos.

Os trabalhos de A. Bastian, o famoso ethnologo, sem embargo do estylo e exposição tão erriçada de uma quasi ridicula pantosophia de pessimo mau gosto, encerram pensamentos profundos e observações de grande alcance (5).

Assim por investigações ethnographicas extensissimas processava elle, em suas innumerães viagens, os pensamentos primevos e mais originaes das tribus e das raças incultas, convencido de que a riqueza mental de cada uma d'ellas era por si só um cabedal superior ao das mais altas individualidades humanas. Em varias de suas obras, manteve Bastian essa preocupação constante (6). A construcção e a posse de uma lingua, por maior inopia de idéas e expressões que apresente, são já um producto e trabalho do espirito collectivo, sem paralelo nas criações do nosso tempo.

Quando, pois, os *folkloristas* inglezes como Andrew Lang, começaram a demolir os excessos das theorias philologicas que viam nas lendas e nos mythos antigos méras amplificações vocabulares e a explicação d'ellas na apreciação dos phenomenos celestes e atmosphericos, ficou evidente que o verdadeiro caminho só se podia encontrar na *psychologia primitiva* e na *anthropologia* estudada em todas as raças selvagens, barbaras ou cultas.

A chamada escola *anthropologica* do *folk-lore* que por sua vez se entregou a excessos novos, explica-se pelo mesmo nivel já attingido pelos estudos sociaes.

Os proprios eruditos allemães que haviam criado a *Völkerpsychologie* praticavam a erronea doutrina dos mythos solares e não percebiam o alcance da reforma e da renovação que haviam provocado.

Hoje a theoria astronomica dos mythos de Max Müller, Gubernatis, Bréal, para só falar nos mais conhecidos entre nós e no occidente europeu, ficou reduzida a raros casos insignificativos.

O *folk-lore* é, pois, uma pesquisa da *psychologia* dos povos, das suas idéas e seus sentimentos communs, do seu inconsciente, feito e refeito secularmente e que constitue a fonte viva donde sahem os genios e as individualidades de escol. E' como a linguagem quotidiana e vulgar em confronto com a expressão altifloqua, dos escriptores e dos poetas.

P. S. — Accrescento em *post-scriptum* o artigo do meu eminente collega, o Professor ERASMO BRAGA, em que noticiou e resumiu a conferencia que realizei em

(5) Veja-se, entre outros, o ensaio de Julius Happel na revista de Lazarus (XVII, 1) *Ueber die Bedeutung der völkerpsych. Arbeiten A. Bastians*.

(6) P. exemplo na — *Die Seele indischer und hellen. Philos. in dem Gespenstern moderner Geistesheerei* — em que estuda a epidemia do espiritismo e da theosophia de hoje como uma expansão e penetração que vem de idéas selvagens primitivas. Igual caracter tem o seu estudo a cerca do *Budhismo*.

Campinas, sobre este e outros themas. A excellencia e clareza do seu estylo ajudam a melhorar esta pagina:

“Ha no Estado de São Paulo uma instituição util e singular — o *Centro de Sciencias, Letras e Artes*, de Campinas. Util, porque constitue um nucleo de trabalho intellectual e seminario de cultura, dispondo de salas apropriadas para conferencias, palestra e leitura, a par de uma installação magnifica, em que figuram na primeira plana os ricos armarios que as companhias ferro-viarias, Mogyana e a Paulista, offereceram ao Instituto. Singular, porque fundada a muitos annos com um programma definido, não se tem afastado d'elle para fazer concessões ao meio, e tem conseguido viver sem “bar” e nem jogos; além disso, nos seus salões ha uma democracia que não exclue nem o estudante imberbe, nem o caixairo intelligente, nem o operario educado, que saibam accomodar-se a bôa sociedade.

Visitando o Centro, ha poucos dias, o philologo João Ribeiro, foi convidado a fazer alli uma conferencia e, accedendo ao convite, o illustre academico fez uma lição bella sobre a especialidade que preoccupa desde muito seu espirito e sobre themas de que tratou na Bibliotheca Nacional, do Rio.

A conferencia de João Ribeiro deve ser divulgada, não só por ser de quem é, como por ser modelo do que devem ser as palestras literarias em nosso meio; em vez da analyse romantica e fertil de um assumpto escolar, um trabalho de cultura e de interesse instructivo.

E' provavel que a generalidade dos leitores ache muito infantil occupar-se um homem de letras com estudar as historias da carochinha e os contos com que se divertem as creanças. Mas, não haviam em um paiz novo como o nosso de estudar semelhante coisa, se não houvera utilidade e necessidade de se conhecerem as componentes do verdadeiro sentimento e pensamento popular, que se nutre princiramente nesses contos e se manifesta mais espontaneamente por elles.

Nas suas linhas geraes, a conferencia de João Ribeiro constou de duas partes — a exposição da theoria do *folk-lore* e illustração das applicações que tem no estudo da philologia bem como na psychologia das massas, da religião comparada e outros aspectos da actividade psychica.

A essencia do *folk-lore* é o encyclopedismo. O *folk-lore* é a sciencia do povo, primitiva, ingenua, omnisciente. Ella abrange a medicina, a physica, a biologia, a jurisprudencia, a theologia, e traz em seu bojo a explicação de todos os phenomenos observaveis pelo homem simples, desarmado dos methodos e dos principios de observação da sciencia positiva. Escapam, naturalmente, ao *folk-lore* nessa encyclopedia rudimentar, os infinitamente pequenos, porque o homem nos estadios primitivos de sua evolução mental, não tem noção da existencia delles. Ha uma sciencia popular, porque o povo pratica a sciencia. Elle tem concepções suas, proprias, da religião. Sua é toda uma literatura de fórmias imperfeitas, essenciaes, porém, mais importantes que as cultas.

Essas concepções populares são necessarias, indispensaveis, existem por toda a parte. Sobre ella alicerçou-se a sciencia positiva, quantitativa. Dahi a importancia do estudo do *folk-lore*. Este é a medida do grau de adiantamento cultural dos povos e é para os educadores um indice importante do espirito sobre que têm de agir.

O *folk-lore* é a resultante das tradições que formam o patrimonio commum das raças e que dão côr ao espirito dos individuos.

Apresentaram-se varias theorias para explicar o *folk-lore*, quanto á sua origem — a theoria astronomica de Max Müller, para quem os contos populares são residuos do culto sabeico dos astros como deuses, e a theoria psychologica de Bastian. A primeira, de Max Müller, é defeituosa pela sua limitação.

Para a escola moderna, o *folk-lore* é a expressão da alma do povo. Estudar o *folk-lore* é fazer a psychologia ethnica. Já nos principios do seculo XIX, disse Herbart que a psychologia do homem deve ser estudada nos povos.

O principio cartesiano — “Penso, logo existo”, — deve ser modificado para — “Penso, porque penso em mim”. Isto é, a psychologia está no povo e não no individuo. O exame introspectivo é incompleto e dá apenas um caso em hypothese — a these está na massa popular a que pertence o individuo. “Não ha um só factio historico que seja pessoal. Os acontecimentos são trabalhos somaticos, mas representam uma elaboração social e são o resultado de esforços proteicos”. O homem isolado seria incapaz de linguagem, de creença e de arte.

A historia da humanidade é a narrativa de esforços communs e da cooperação de grupos. O factio social é a influencia que nós podemos exercer sobre outrem, na familia, na horda e nas nações.

Ha uma alma popular — “volksgeist — a alma individual é o reflexo da alma popular. A cultura geral está diffundida por toda a parte. Ha uma convergencia de raios para cada individuo — estes são séres representativos de uma cultura commum. O individuo é individuo porque tem suas diferenças pessoases que o caracterizam, mas essas diferenças estão para a massa da humanidade como o dorso da onda está para o nivel do oceano.

De accordo com essa concepção, a medida do espirito popular é o sentimento do *clan*, da raça, do grupo social, que tem expressão nos elementos colleccionados, classificados e estudados na sciencia do *folk-lore*.

Fazendo o historico desse novo ramo de conhecimentos, o mestre notou que na Allemanha o espirito philosophico deu a estes estudos esse colorido psychologico, ao passo que na Inglaterra, onde se cultivam as sciencias phisicas e naturaes antes que a philosophia, Andrew Lang, partindo da anthropologia, chegou aos mesmos resultados que os folkloristas allemães.

Os mythos no *folk-lore* quasi sempre representam uma explicação do universo — taes são os contos etiologicos.

Assim, como na colleção recentemente publicada por Daenhardt em que o conto brasileiro do jaboty dá a explicação do mosaico na couraça da tartaruga, a biologia popular enfeixa as suas noções da razão de ser das coisas e dos phenomenos, nas historias de fadas, a que nossos maiores chamavam “conselhas”. Desse vocabulo existe reminiscencia no proloquio — “o lobo e a golpella andam sempre na mesma conselha”.

As “historias” que são a primeira impressão que recebemos de arte, sciencia e mesmo religião, contêm ás vezes apenas fragmentos de lendas, talhos de phrase que só são explicaveis pela restituição das lendas.

Assim é que nas phrases populares — onde Judas perdeu as botas, marca de Judas, nos confins de Judas — ha motivo para todo um estudo da lenda do judeu errante, não na sua fórma moderna como se encontra em Eugenio Sue, mas da lenda originaria do seculo XIII, conforme a chronica de St. Alban. Prende-se ainda a essa lenda o estudo do sapato, symbolo commum até nos berloques modernos. Diz a lenda que o judeu era sapateiro — dahi as botas de Judas. **Attribuem-lhe** o nome de Malco, a que não será extranha uma das phrases citadas. Mas, voltando ao sapato, esse é o symbolo da sujeição humilde. Ha uma literatura inteira sobre o sapato no *folk-lore*, em que se reflectem episodios da antiguidade egypcia, da organização da familia hebraica, da lucta das investiduras na edade média.

A ethica popular é bem exemplificada pelas concepções do character de São Paulo nos contos populares, e delles resaltam não só a concepção biblica da impetuosidade indiscreta do apostolo, mas tambem um esforço de salvar o dogma da omnipotencia e da omnisciencia divina, por contraste com a figura desageitada daquelle a quem o proprio dogma e as crenças populares fizeram quasi um vice-deus.

E’ estimulante, por uma tarde quente de verão, ouvir em assembléa congenial, expor com segurança de mestre o que valem e o que significam essas ingenuas noções que a sabedoria do povo transmite de geração em geração, e a que estamos adstrictos, pela necessidade de nossa descendencia.

De um lado, assim é que se pôde medir o valor approximado de nossa cultura, em termos da herança ancestral, e de outro lado, a genealogia espiritual que por ellas se traça, define melhor a tradição, nervo do sentimento racial.

Se nem todos pôdem acompanhar a theorização desses expoentes da alma popular, muitos pôdem com boa consciencia registrar observações com rigor e honestidade, colleccionando subsidios de valor para os que se dedicam a estudos de maior monta.

Com a onda de immigração, vae-se desfigurando rapidamente a physionomia das populações no sul do Brasil, e vão-se perdendo tambem os documentos da evolução do espirito popular nos primeiros seculos de nossa vida nacional. Nos paizes novos deste continente, é bem de desejar que se salvem as nossas tradições de um desaparecimento irremediavel.

Accusam os yankees de excesso de industrialismo, e elles com tudo isso têm um commissario do governo, Geoffrey O’Hara, incumbido de recolher em phonogrammas as canções e os contos dos indigenas que vão cedendo passo á civilização urbana. E aqui com todo o nosso sentimentalismo ha entre os civilizados quem pergunte — porque será que os grammaticos se preocupam com historias da carochinha ?

Pois bem fariam os que podem colleccionar materiaes para esse trabalho, se, com precisão e absoluta sinceridade, apanhassem de boa fonte as expressões dos credos, das affeições, dos conceitos, da arte popular, prestando reaes serviços a uma sciencia que entré os brasileiros conta pouquissimos collaboradores.”

II

A FABULA POPULAR DA FESTA NO CÉO

Os animaes são como deuses familiares para o homem primitivo. As primeiras historias são naturalmente historias de animaes, ou *fabulas*, como se disse depois.

Que muito! se todos os selvagens, quasi todos, tinham o seu *totem*, se reputavam descendentes de um bicho; se os brasões dos seus avós se confundiam com o bestiario das suas paisagens nativas.

Mas, para o nosso povo já de formação heterogenea, as historias complicam-se n'um tronco nascido de raizes alongadas.

Quando estudamos as origens dos nossos contos ha logo uma primeira difficuldade a resolver e é a de pesquisar as suas fontes provaveis: o conto é europêo, africano ou indigena. E nem sempre é coisa facil acertar com a sua genealogia historica.

A riqueza de materiaes comparativos ou a analogia de processos por toda a parte, sempre os mesmos, do espirito humano, pôde frequentemente embarçar a argucia dos estudiosos do *folk-lore*.

E' comtudo interessante essa pesquisa, e vamos exemplifica-la com uma pequenina historia popular em todo o Brasil: a da *festa no céo*. E's os seus topicos essenciaes, schematicamente:

Ha uma *festa no céo*. E' a festa de Nossa Senhora. A ella naturalmente só podem ir as aves de alto vôo.

O *jaboty* (ou o *sapo*) ousadamente declara que tambem irá á festa. Promette dançar e pede ao compadre *urubú* que leve o violão.

O caso era de espantar que um *sapo* vcasse até o céo. O *sapo*, porém, é de grandes recursos; vae á casa do compadre *urubú*, esconde-se previamente no bojo do violão. E assim, com pasmo de todos, apparece no céo.

O *urubú* descobre a perfidia e, na volta, despeja-o pelos ares abaixo. Durante a quéda, o *jaboty* exclama:

Léo, léo, léo!
Se eu d'esta escapar,
Nunca mais bodas ao céo!

Deus, ou Nossa Senhora, emfim, reconhece a devoção do *jaboty*, ajunta os fragmentos a que ficara reduzido o misero animal e restitue-lhe a vida.

E' por isso que o *jaboty* tem o casco embrechado, feito de remendos.

.....

Ao espirito de mediocre sagacidade logo occorre que a fabula não é indigena. Seria a desmoralização e o descredito do *jaboty*, que é no nosso *folk-lore*, por excellencia, astuto e invencivel e corresponde á *raposa* dos contos aryanos.

E', po's, uma adaptação de origem europêa, e tanto o é que o *jaboty* ou *tararuga* em outras versões muito correntes foi substituido pelo *sapo*; é o *sapo*, inchado e coxo, e bambeante, muito mais tólo, e tambem se prestava á intenção etiologica do conto, que é a de explicar a deformidade do animal pela quéda.

Essa substituição das pessôas do drama não é rara. Vemol-a igualmente em

outras histórias populares, em que a *tartaruga* do velho continente passa a ser a *rã* ou o *sapo* nas adaptações nacionaes (1).

A *festa no céu* é de si mesma por menor que também nos indica a redacção christã, inexplicavel entre índios, para quem o céu, o firmamento, não é morada dos deuses.

Tudo parece, pois, assignalar a origem européa da fabula, aliás conhecida, como vamos ver, em inumeras variantes nos fabulistas classicos, antigos e modernos.

Pesquizando estas origens, methodicamente, poderemos vir desde a India ao extremo occidente, seguindo sempre o thema fundamental, que consiste, despojado dos seus enfeites rhetoricos, no seguinte aphorismo:

Um animal ras-ciro não pôde soberbamente ambicionar o vôo ou a extrema elevação...

Moralidade: *A queda é o castigo de ambiciosos taes.*

Escolheu-se a *tartaruga* ou o *sapo*, porque são animaes rojantes e mais symbolizam o apego prudente ao solo. A outra personagem é a *aguia*, na região onde as ha, ou o *ganso* ou antes *dois gansos* (na India), ou o *urubú* no Brasil, aves possantes capazes de suspender os repteis.

Outra razão ainda mais primitiva e fundamental d'esta escolha foi a intenção *etiologica* (2); porque os folkloristas primitivos intentavam explicar as qualidades physicas e moraes dos seus actores, e era um meio de explanar, pela queda, a apparencia de mosaico da concha da tartaruga ou a deformidade do sapo, ambos esmagados ou reduzidos a pedaços.

A essa teleologia anatomica se segue a historia moral que a completa: o kágado (*jaboty*) ou o vil sapo seriam no céu, ou nos ares, um assombro e um cumulo de pretenção inepta.

Todas as noções de conveniência e de escolha das *dramatis personae* parecem adequadas e intuitivas; o texto da fabula não poderia ser elaborado com melhores elementos.

Seguil-o-emos na sua longa expansão desde o oriente ás nossas plagas. Se veio do oriente ou para lá migrou, é um problema archeologico e linguístico. Limitamo-nos, sem inculcar a veracidade dos rumos, a notar a expansão do conto.

Apparece a fabula no *Pantschatantra*. E' uma mulher que conta a historia:

"Era uma vez n'um charco uma tartaruga chamada Kambugriva.

"Tinha dois compadres, *dois gansos*, que por vezes vinham conversar á beira da lagôa, e diziam historias do céu e das nuvens. Aqui (diz a tartaruga) parece que vae seccar o charco, levae-me a outro mais provido d'agua.

(1) Por exemplo: a fabula africana de Angola *Mutu ni mbara* (o homem e a tartaruga), em que o animal condemnado á morte pede e supplica que o não matem pela agua e sim pelo fogo; os seus inimigos, sem perceberem o artil, resolvem afogar a tartaruga. O mesmo se conta do *sapo* no Brasil. Veja Héli Chatelain, *Folk Tales of Angola*, 153.

Ainda na fabula de que tratamos diz o sapo, caindo dos ares: "Arreda-te, pedra, se não te arrebento". Astucia tardia e sem proveito.

(2) A expressão *conto etiologico* é technica entre os folkloristas; quer dizer, que o conto foi suggerido e inventado para explicar e dar a razão de ser de um aspecto, propriedade, caracter de qualquer ente natural. Assim ha *contos* para explicar o *pescoço longo* da girafa, o porquê da cauda dos *macacos*, etc. Um allemão fez uma collectanea muito curiosa d'esta especie: Dr. O. Dähnardt — *Contos populares da historia natural* (Naturgeschichtliche Volksmärchen). N'essa collecção não ha senão o material despido de qualquer critica ou comparação. Lá encontramos no II vol. n. 54 *Nossa Senhora e o jaboty* (Maria und die Schildkröte) traduzido de uma versão brasileira.

“Foram os dois gansos buscar *um pau* e tomando-o pelos extremos, disseram:

“Agarra-te bem com os dentes, e não abras a boca, não fales.” A tartaruga prometeu silencio; e lá foram elles pelos ares.

“Pelas aldeias, quando as gentes começavam a mostrar espanto por ver a tartaruga, tão alto, Kambugriva não poude conter-se.

— Mas que admiração é esta ! disse ella, e, com dizel-o, despenhou-se los ares e ficou reduzida a postas.” (3)

Na fabula indiana, que é uma narrativa já muito viva de pormenores, vemos em acção *dois gansos* que se servem de um *pau* ou *bastão*. Logo se vê que esta fonte oriental (e não Esopo) foi a que serviu através da collecção persa e arabe de Bildpai (Pil-pai) á fabula conhecida de Lafontaine: *La Tortue et les deux Canards* (Livro X, fabula III), pois que ahí notamos os pormenores da fabulação do *Pantschatantra*, a saber, a presença dos dois gansos (*deux canards*) e a do bastão...

...les oiseaux forgent une machine,
Pour transporter la pèlerine.

Dans la gueule, en travers, on lui passe un bâton.

Os fabularios, esopetes medievaes, de origem arabe e persa, o *Catila* e *Dimna*, que é o mesmo *Pil-pai* que se popularizou na Espanha arabe, foram o filão donde o gen'ral fabulista francez tirou a sua bella narrativa tão cheia de vigor, de movimento e de graça.

Este o rumo oriental, arabe, africano e espanhol que costeou a margem sul do mediterraneo até penetrar no occidente europeu.

Esopo, e aqui passamos a outra fonte dos fabularios modernos n'esta especie, nada trouxe de novo. A sua fabula é concisa e arida, é mais singela nos seus meios de acção.

Em vez de *dois gansos* e *um bastão* a sua alavanca é apenas a *aguia*, sufficiente para o prodigio mecanico de fazer voar uma tartaruga.

Esse exemplo de singeleza de processos parece confirmar a theoria moderna de que as *verdadeiras* fabulas esopicas foram as fontes das indianas, questão difficil de resolver, porque o Esopo que conhecemos é de uma redacção moderna, ao passo que o *Pantschatantra* remonta a alguns seculos alem da era christã.

Como quer que seja, Esopo diz apenas singelamente:

Χελώνη και Ἄετος

“A tartaruga pedia á aguia que lhe ensinasse a voar. Esta lhe mostrava ser contra a natureza o que pedia; mas aquella insistia. Levando-a, pois, pelos ares, bem alto deixou-a cair. A tartaruga caiu sobre um rochedo e ficou despedaçada.

A fabula mostra que os invejosos, não ouvindo os prudentes, a si proprios se prejudicam.”

Nada mais. Os imitadores de Esopo ou os que se abeberaram em outras fontes não se limitam a esse laconismo excessivo.

(3) E' o resumo da narrativa 13ª do *Pantschatantra*, segundo Theodoro Benfey — *Pantschatantra*, 5; *Bücher indischer Fabeln*, II, pags. 90-91.

Ha ainda uma referencia a esta fabula no *Hitopadesa*, que é já um aproveitamento posterior; vem na ed. portugueza de Dalgado (pg. 221), na ingleza de Wilkins (pg. 228), sem o conteúdo da historia.

Mas todos os elementos essenciaes ahi estão: a vontade indebita de voar, a etiologia do casco da tartaruga reduzido a mosaico, isto é, os dois aspectos, o fisico e o moral, que explanam a invenção.

Outro fabulista grego da decadencia, Babrio, tem um texto mais ornado: a tartaruga promette pedras preciosas á aguia por lhe satisfazer a vaidade, e como essas pedras são do mar Erythreo, parece ahi haver uma indicação de qualquer fonte oriental. Nós possuímos um texto approximado de Babrio no fabulista latino Aviano, na sua segunda fabula:

Pennatis avibus quondam testudo loquuta est...

O nosso hellenista Mario de Alencar assim traduziu, a pedido meu, o texto grego:

A TARTARUGA E A AGUIA

(Do texto grego de Babrio)

Vendo-se em companhia
De uns mergulhões, gaivotas e outras mais
Aves de agua, ou rapina, disse um dia
Uma bisonha tartaruga assim:
"Ah! quem me déra que como estas taes (4)
Tambem a mim
Me houvessem feito alada!"
Disse-lhe uma aguia acaso alli pousada:
"O' tartaruga, dize, o que has de dar
A quem leve te faça e eleve ao ar?"
"Todos os bens do mar Vermelho dou."
"Pois eu te ensino", e pondo-a resupina,
Prendeu-a ás garras a ave de rapina
E ás nuvens a elevou;
D'alli, arremessando-a num penhasco,
Fez-lhe em cacos o casco.
E a tartaruga disse ao expirar:
"Morro por culpa minha;
Que precisão de nuvens e azas tinha
Quem como eu era feita para andar
No chão, pesadamente, devagar!" (5)

Aviano quasi sempre copia o grego Babrio, na substancia e pormenores das fabulas.

A fonte greco-latina parece ter ahi estancado, pois os fabulistas modernos que trataram o assumpto nada lhe devem e nem os conheceram.

Ao contrario, vemos que o desenvolvimento da fonte indiana e oriental se encaminha com singular coincidência de parallelismo na mesma direcção que as tradições peninsulares trouxeram ao Brasil.

Effectivamente, como fez notar Th. Benfey (6), a fabula foi mais tarde remodelada sob a acção e influxo do budhismo, com um tom religioso de peregrinação das aves ás moradias celestes.

E esse thema é o que pôde explicar, a meu ver, o nosso remodelamento da *Festa no céu* com a presença de varios animaes. São no conto budhista os *kolika*

Variantes:

(4) Oxalá que como estes animaes.

(5) Sobre o chão, devagar.

(6) Na *op. cit.*, I parte, pag. 241.

(espécie de cucos) que voam com um ramo, numerosos, levando o seu príncipe d'elles, e com um sequito de outros passaros.

A nossa *Festa no céu*, em algumas versões dedicada a Nossa Senhora (7), tem a mesma sumptuosidade e esse parallelismo talvez não seja fortuito.

Como quer que seja, os nossos classicos parece não terem conhecido senão a fonte literaria de Esopo ou a de Phedro ou a anedota de Eliano, que diz ter Eschylo morrido por lhe haver uma aguia despenhado na cabeça uma tartaruga (8).

Dom Francisco Manoel nos *Apologos dialogaes*, no capitulo dos *Relogios fallantes* (pg. 32), recita a fabula esopica quasi textualmente no que tem de essencial. Seria fastidioso e sem fructo repetil-a aqui.

O Padre Manoel Bernardes ao meu ver conhecia a fabula em uma das suas versões populares, pois n'estas occorre a reflexão do cágado:

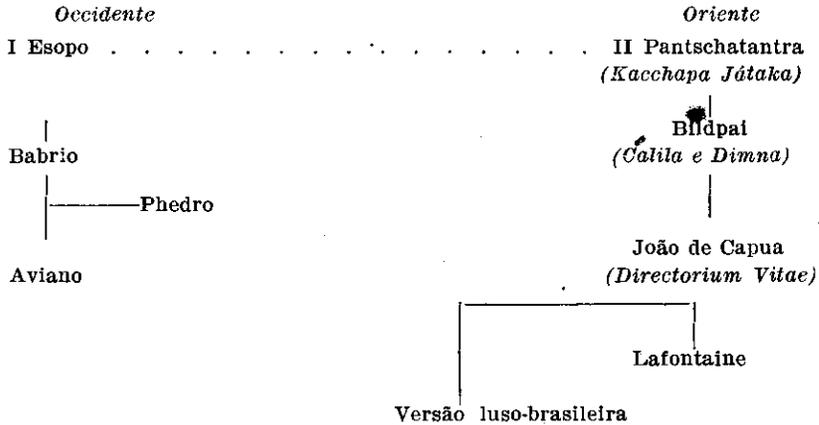
— *Se d'esta escapar, nunca mais bodas ao céu.*

E o dito ficou proverbial. Na *Nova Floresta* depara-se uma reflexão semelhante (tomo V, 137) attribuida a S. Francisco Xavier, em occasião de tormenta:

— *Se d'esta escapar, seja para outra maior.*

E' bem a reflexão de um santo por opposição á dos pusillanimes e dos vaidosos. *

Podemos, pois, ainda que summariamente, levado o inquerito aos seus ultimos termos, desde já estabelecer a filiação do thema esopico e indiano no occidente:



A versão esopica extingue-se ainda na época latina e antiga.

A versão do *Panchatantra* que vem a se vulgarizar na Espanha nos livros de exemplos *Calila* e no *Directorium Vitae* de J. de Capua, por influencia dos arabes, fornece o texto nacional.

Supprimem-se aqui naturalmente as numerosas versões modernas que transmitiram ao occidente o contexto das fabulas por intermedio dos chamados *Isopetes* e fabulistas do medioevo e do renascimento.

Na nossa fabula vimos as alterações e variantes introduzidas pela *adaptação*

(7) Vejam-se as variantes em Sylvio Romero (*Contos*), em Viriato Corrêa (*Era uma vez...*), no *Folklore brésilien* de S. Anna Nery, 192-193, nas *Lendas brasileiras* de Carmen Dolores (59-61) e em Adolfo Coelho.

(8) Na fabula de Phedro (II, n. 6) entra uma nova personagem, *Aquila, Cornix et Testudo*. A gralha é que dá perverso conselho á aguia.

a novo meio (agula — *urubú*; jaboty e *sapo*) e pela influencia do *christianismo* (a maldição do *urubú* por sua perversidade em algumas versões; e o *scenario* da *festa no céu* e a intervenção de *Nossa Senhora*). Essas modificações externas não destroem a substancia da fabula como a conhecemos no *Pantschatantra*; é uma vida nova que lhe grangeou a sua extensissima migração desde a India até ás nossas plagas através da civilisação e da cultura arabe e portugueza.

Eis ahi a historia da nossa popular fabula da *Festa no Céu*, que tanto excita a curiosidade das crianças. A alma collectiva humana, alongada de tantos seculos, ainda alenta as mesmas idéas eternas...

III

O JOGO POPULAR DO VILLÃO DO CABO NO FOLK-LORE INFANTIL

É incomparavel a riqueza do *folk-lore* infantil: os jogos, as rondas, as canções, as adivinhas, as parlendas...

Não ha nada mais curioso e agradável que fazer-lhe a historia, cotejar-lhe os parallelismos na migração d'esses ingenuos entretenimentos através de terras distantes e diversas. As suas variantes são numerosas, pittorescas; e ainda as mais disparatadas e infleis traem e denunciam uma fonte commum e longinqua. São mensagens e recados de raça a raça, de povo a povo, de seculo a seculo, sem sair da perenne onda infantil que os leva a ignorados destinos.

Ha um labyrintho de difficuldades e complicações que é preciso com argucia desdar e simplificar, reduzindo-as ás suas feições primitivas.

Imagine-se que, quasi todas, estas creações infantis se arraigam em tradições remotissimas, ás vezes prehistoricas. As crianças sempre fizeram o que viam fazer as pessoas grandes e os *jogos infantis* são frequentemente a simulação de actos do cultos, ritos e cerimoniaes antigas estylisadas e perpetuadas pelo rythmo.

Alguns são fingimentos de guerra, de apostas, de arremesso de dardos ou da malha, entre rapazes; outros revelam as cerimoniaes de casamentos, ou, como no uso das bonecas, os primeiros surtos do instincto da maternidade, ou ainda os factos da agricultura. Todos esses actos elementares apparecem como incertos debuxos da actividade infantil e reduzidos risonhamente a uma especie de *desporto*.

A archeologia e a historia demonstram aliás a antiguidade d'estes jogos. D'elles fala Homero na Odysséa. O *strombos* dos gregos e o *turbo* dos romanos é o mesmo jogo do *pião* das crianças de hoje, e data pelo menos da prehistoria da civilisação, idade mycenaica ou pelasgica, pois figuram os *piões de argilla* primitivos na collecção de Schliemann. Em tumulos de crianças do IV seculo antes de Christo, na Grecia, foram sempre achadas bonecas sob fórma humana ou de um passaro; tambem as acharam no Perú do tempo dos Incas os anthropologistas Reiss e Stübel. Seria, pois, inutil aqui dissertar sobre este ponto (1).

A approximação dos *jogos infantis*, que nos parecem sem significado, aos actos da vida priméva, longe de ser uma explicação ou hypothese pedantesca, ao contrario é a mais facil e a mais simples de todas e a que mais se adequa ás leis da propria imaginação, que consiste sempre em apropriar os elementos da realidade. Um dos assumptos constantes d'esses brinquedos são de interesse cul'nario, thema principal na imaginação infantil. E, sem duvida, a esta ordem pertencem as parlendas dos

(1) *Uralte Kinderspielzeug*, de El. Lemke em *Z. f. Volkskunde* V, 183.

bolos, do forno de Bento frade, e varias outras (1), entre as quaes o *Vintem queimado* ou o *Villão do Cabo*, de que vamos estudar apenas as pittorescas variantes brasileiras.

Estas variantes são curiosas sob o aspecto das deturpações da linguagem popular e só o estudo comparativo extensivo ás línguas européas pôde restituir as fórmas primitivas.

O jogo do *Villão do Cabo* foi entre nós analysado pela primeira vez por Alberto de Faria. Este *folklorista* não é um mero collecter, como quasi todos os nossos; é um dos rarissimos que, dotado de vasta erudição litteraria e familiarizado com os methodos de moderna investigação, sempre sabe dizer coisas novas e aproveitaveis.

D'elle é a seguinte contribuição, que tomamos como ponto de partida n'este ensaio:

"Um dos nossos mais curiosos entretenimentos infantis é o jogo do *Vintem queimado*, que subsiste no reino portuguez e possessões com differentes nomes: jogo do *queimado* e *Villão do Cabo*, este antigo, porquanto apparece nas *Cartas* de Dom Francisco Manoel (2).

"Não lhe conhecemos a parlenda lusitana (3), ignorando se perdura ou não. Esta é a versão de Campinas, S. Paulo:

— Vintem queimado !
 — Quem queimou ?
 — Pilão do Carmo (Villão do Cabo).
 — Quer que se prenda ?
 — Prendido vá.

Passa, passa cavalleiro,
 Pela porta do carneiro !

— Tem uma corda
 P'ra me emprestar ?
 — Tenho; mas está suja.
 — De que ?
 — De cuspe de gallinha.
 — Vamos experimentar...
 — Vamos !

"Finda a primeira série de perguntas e respostas, effectuadas por dous rapazes que constituem os extremos de uma cadeia delles, de mãos dadas, passam todos sob os braços em arco dos de uma ponta (a porta do carneiro); acabada a segunda, arrebenta-se

(1) Os pãesinhos queimados lembram os do jogo infantil inglez:

Your bannocks are burning and ready for turning, como diz uma das personagens.

Outro dialogo entre uma senhora e salteadores que a insidiam lembra o do V. do Cabo:

Lady:

How many pounds will set me free ?

Robbers:

Twenty pounds will set you free.

A analogia aqui é apenas do rythmo. (Mother Goose's Book of Nursery Rhymes, 168).

(2) Refere-se ao seguinte topico das *Cartas familiares*, 402: "Já me começou a danar este *Villão do Cabo*."

(3) Perdura sim, e ainda sob a forma que é util conservar, pois representa o inicio do dialogo:

— Villão do Cabo !
 — Senhor meu !
 — Quantos pães na arca ?
 — Vinte e um queimados
 etc.

a cadeia (a corda) pela queda geral, a um forte empuxão. Em seguida, aquelles dous rapazes demarcam no solo o *Inferno*, o *Purgatorio* e o *Céu*, e um fica com a mão direita erguida e espalmada, para que os restantes, pulando á vez, batam nella com as respectivas cabeças; os que isto conseguem vão para o céu, os que o não conseguem vão para o purgatorio ou para o inferno, conforme o pulo realizado. Aos que vão para o inferno gritam os companheiros atroadóramente:

Cousa ruim, tem-tem,
P'ra ganhar vintem!

"Supponho que o nome *villão do cabo* proviria do tratamento a um dos rapazes dos extremos da cadeia (na Hespanha, frei João das Cadeínhas). O nome *vintem queimado* é, sem duvida, corruptela de "*veinte y un quemados*", como se vê na parlenda castelhana da tradição quinhentista (Th. Braga. *O Povo portuguez*):

"Ah, frey Juan de las Cadenetas!
— Que mandais, señor?
— Quantos panes hay en la arca?
— *Veinte y un quemados*.
— Quien los quemó?
— Ese ladron que está cabe vós.
— Pues, pase las penas que nunca pasó.

Com os que iam para o inferno travava-se, depois, este curto dialogo:

"En que estás, companero?
— En penas.
— Pues, sácote dellas." (4)

Já no estudo de Alberto de Faria se explica como na versão paulistana *vinte e um* (pães) se transformou em *vintem* e assim gera o disparate do *vintem queimado* que, sem o material comparativo da variante castelhana, seria incomprehensível. Sobre essa especie ainda ha muito que reflectir e estudar. Uma variante alemtejana diz:

— Sór *Fernão Queimado*!
Quantos pães tem na arca?
— *Vinte e um quemados*.
— Quem n'os queimou?
— O diabo que aqui passou (5).

Iremos vêr como as variantes brasileiras, numerosas de norte a sul, todas se explicam por etymologia popular.

(4) Este fragmento de Alberto de Faria data de 1907, publicado na imprensa (*Gazeta de Noticias*, do Rio). Creio que ainda voltou ao assumpto. Também supponho que do mesmo objecto se occupou o Dr. Silvio de Almeida, mas não tenho á mão os seus escriptos avulsos. Vejam-se todavia os dois artigos do mesmo Silvio e de Alberto de Faria no *Almanaque Garnier* de 1909 (pags. 232 e 235), que tratam desta e outras especies, e são ambos interessantes.

Registraram ainda este jogo infantil Alexina de Magalhães e Figueiredo Pimentel em livros que trazem o titulo de *Brinquedos*, expressão preferida a *jogos*, no Brasil. A versão do Villão do Cabo em Figueiredo Pimentel (*Os meus brinquedos*, pag. 52) intitula-se *Padeiro! padeiro!* palavras que iniciam o jogo na variante carioca.

— Padeiro! padeiro!
— Senhor, meu amo!
— Quantos pães queimou por dia?
— Vinte e um quemados, etc.

Os meus brinquedos, pags. 53-54.

(5) Está quasi pelos mesmos termos na nova edição ampliada do *Cancioneiro popular portuguez*

Desde logo assentemos que a expressão *vinte e um pães* nada tem de arbitrariedade como poderá, ao primeiro exame, parecer. *Vinte e um pães* é uma conta precisa e definida, é o que se chama uma *data* de pães, e provavelmente representa uma antiga contribuição, imposto ou taxa já obsoleta. Em qualquer caso, uma *data de pães* são vinte e um d'elles.

Passemos ás versões brasileiras.

Um *folklorista* do Norte, o Dr. Julio C. Monteiro, recolheu a seguinte e curiosa variante d'aquelle jogo infantil nas regiões áridas do nordeste brasileiro.

A sua singularidade começa logo pelo titulo: *Bolotinha de cabra*.

Não faço previamente inteira descripção d'esse brincado infantil, por me parecer escusada, tão conhecido é elle. Os rapazes que o jogam reúnem-se em cadeia, travando-se por mãos e braços; os que occupam os extremos mantêm o dialogo, que principia pelas palavras que denominam essa diversão.

Eil-a, a variante cearense, segundo o texto communicado:

BOLOTINHA DE CABRA

(Dialogo):

— *Bolotinha de cabra?!?*

— Senhor, meu amo!

— Quantos *pausinhos* queimou hoje?

— *Vinte e um contados*.

— Qual foi este? (quem o contou)

— Foi o *barriga de soro azedo* (ou foi *aquella besta* ou qualquer insulto equivalente, e é o que se costuma dizer por apostrophe).

“Em seguida, ao dizerem baixinho as crianças umas ás outras — *Lá vem a morte!* — ouve-se a detonação de um tiro — *puhm!* e após caem todas no chão.

“Ha ainda alguma coisa mais” (diz o communicante com certo lacerismo que nada me deixa subentender (6).

Ajuntarei que esse jogo infantil ainda no Ceará é denominado *Bolão de cabra*, variante digna de registro, porque *Bolão* se avizinha do outro titulo de *Villão* por que é conhecido no sul do paiz.

Do norte para o sul, encontramos, pois, as denominações bem suggestivas — *bolão de cabra* (Ceará), *Pilão do Carmo* (Centro), *Villão do Cabo* (Bahia) — que offerecem grande difficuldade desde que se não tenha horror ás etymologias populares e se não esteja amarrado ás teias de aranha da phonetica.

de Th. Braga (II, 556 — edição de 1913). No *Povo portuguez* (I, 317-319) ha outras versões interessantes; a da Andaluzia:

— Compadre ajo!

— Qué manda mi amo?

— Cuantos panecitos hay en er tejão?

e a versão catalã colhida por Maspons e Labros nos *Jochs infantiles*:

— Mossem Joam de las Abadessas!

— Que mana mi senyo?

— Quantas fullas hi ha al arbe?

— Trinta mil y un...

Esta variante já é uma adaptação; em vez de *pausinhos* inquire-se das *folhas da arvore*. Regis tradas nos *Cantos pop. esp.* I de Rodrigues Marin e em Th. Braga, *op. cit.*

(6) Communicação graciosa que devo ao mesmo illustre folklorista.

Effectivamente *Villão do Cabo* facilmente se alteraria em *Bolão de Cabra* e esta por analogia de sentido em *Bolotinha de Cabra*.

Outra razão a'inda ajudava essa transformação popular, é que este jogo, na península, como já o diziam Bluteau e D. Francisco Manoel nas suas *Cartas*, era e é ainda chamado de *Juan de las Cadenetas*.

Cadeneta é a cadeia de lavôr, e trancelim; e precisamente n'este brinquedo os rapazes se entrecruzam os braços em trança.

Em Portugal, o povo por zombaria transformou aquella expressão em *Jam da caganeta*, como se prova com o modismo colhido pelo autor das *Enfermidades da lingua* de Payva (pg. 132) desde o seculo XVIII.

Ora, *caganeta* ou *caganita* designa particularmente o excremento da cabra.

E ahí está, segundo creio, a razão que faz predominar no extremo norte o titulo de *Bolão* e *bolotinha de cabra* para um jogo que primitivamente se havia de chamar *Villão do Cabo* ou *Jam da Caganeta*, conforme as versões que se teriam de encontrar até que se reduziram a uma unica denominação.

A outra variante do titulo — *Pilão do Carmo* — parece ser a mesma *Villão do Cabo* de origem portugueza. E' possível que *villão* fosse substituído por *peão*, pois que se equivalem quanto ao sentido; e que *peão* ou *pião* julgado corruptela dialectal se recompuzesse em *pilão*.

Como quer que seja, podemos estabelecer a filiação d'esses vocabulos pela seguinte arvore:

VILLÃO DO CABO

Peão do Carmo
Pião do Carmo

Pilão do Carmo

JOÃO DAS CADENETAS
(*Jam da caganeta*)

Bolão de cabra

Bolotinha de cabra

Resta agora explicar a duplicidade e sentido dos dois nomes do mesmo jogo. O primeiro — *Villão do Cabo* — bem se vê nasceu de um recurso commum tanto á literatura popular como á erudita, de denominar qualquer especte pelas primeiras palavras que occorrem. E o jogo começa:

— *Villão do Cabo ? !* —

(ou — *bolotinha de cabra ? !*)

que é uma chamada ou invocação feita ao rapaz que occupa a extrema da cadeia.

Na variante espanhola diz-se — *fray Juan !* — e na portugueza — *Villão !* e diz-se do *cabo*, isto é, do extremo, e tanto se deve assim entender que outra variante portugueza colhida por Adolfo Coelho (nos *Jogos infantis*, pg. 54) consigna a expressão:

— Senhor de *cima* !

— Senhor meu !

— Quantos pães tem na arca ?

e assim inicia o diálogo. O senhor *de cima* é o *do cabo*, evidentemente.

Ao passo, pois, que as nossas variantes começam pelo *primeiro verso* do diálogo,

apenas a espanhola conserva o título *Juan de las Cadenetas*, transparente nos resquícios já alterados da variante cearense (caganetas, ou *bolotinhas de cabra*).

Não me cabe aqui registrar as variantes inúmeras, peninsulares e italianas, d'este jogo infantil, que está analysando apenas sob os seus aspectos linguísticos, que me parecem os mais interessantes e curiosos.

Comtudo algumas versões sicilianas que se deparam em G. Pitré (7) mostram pela engenhosa combinação da *cadeia* de rapazes que aquelle título de *Villão do Cabo* não é fortuito, nem de pura imaginação.

No jogo italiano correspondente e chamado *A tila tila*, o rapaz que inicia o dialogo é o *capo di fila*:

- Tila, tila...
- Mezza cana di tila.
- A quanti mi la pagati?
- A tri tari e mezzu.
- Non vi la pozzu d'ari.
- Chi voliti sonatu:
- Lu violinu o la grancascia?

Cabe, pois, ao rapaz do outro extremo responder *violinu!* ou *grancascia!* (violino, ou bombo) conforme o prefere.

E' certo, pois, que o segundo extremo é o *violinu di capo* ou o *violão* (viola) do cabo, das variantes portuguezas, transformado em *Villão do Cabo*.

A afinidade é meramente verbal, mas quasi todas as variações tradicionaes devem suas fórmãs a verdadeiros equívocos e trocadilhos de palavras.

Só a essencia escapa a essas erosões e metamorphoses da linguagem.

Naturalmente obliterou-se a idéa de *viola* ou *violão*, porque o jogo se fundiu com a outra variante dos *pães*.

- Quantu pani ce'é supra la banca?
- Un pani e mezzu (8).

Quando o *violão do cabo* responde que prefere o bombo (*grancascia*), então o *capo di fila* sae batendo e clamando *buhm! buhm!* Ora, quem não vê aqui a fleção da variante cearense do troar de um tiro *puhm!* que prostra os rapazes foliões? Vê-se até onde vae o *flatus vocis* n'essas ingenuas intrigas.

Nada mais curioso nem mais enredado que esse labyrintho de versões varias entretecidas, umas por dentro de outras, que é tão difficil quanto é agradável desdar e reduzir aos fios que as compõem.

E' esse talvez o único prazer e premio que se tem ao estudal-as.

As palavras em sua migração alteram-se e provocam, como symbolos novos, novas invenções e novas variantes da imaginativa. O epilogo musical *buhm!* do zabumba provoca a historia de tiros, de ladrões e de cordas ou do inferno. A imaginação procede aqui como nos sonhos, por um leve estímulo que se engrandece em historia. E' aliás conhecida a theoria que faz derivar as historias encantadas de antigas suggestões do pesadelo sobre gentes incultas e primitivas (9).

(7) *Giocchi fanciulleschi*, pags. 241-244.

(8) Pitré -- *id.* 243. Todas as versões são sicilianas, de differentes logares.

(9) E' a de LAISTNER na sua obra capital *Raetsel der Sphinx*; o defeito da theoria ou hypothese é ser exclusiva. Veja AD. THIMME -- *Das Maerchen*, pg. 52.

O estado último de qualquer especie *folklorica* é sempre representado por uma versão que prevalece sobre outras varias que ficam esquecidas, mas que se denunciam em uma ou outra sobrevivencia.

A adaptação cearense dos *pausinhos* lembra a das *folhas de arvore* (*Quantas fullas hi ha ai arbe?* conforme se vê da nota 5 n'este capitulo) da versão catalã, quando já obliterada a obrigação da *data de pães*, imposto provavel a que se negavam os contribuintes das abbas e conventos (*fray Juan* e *Abbadessas* em duas versões) talvez para oblatas. *Data* era um beneficio e direito na antiga jurisprudencia.

A cobrança da *data* segue-se a allegação dos *pães queimados*, os vinte e um da conta, ou o roubo e fraude e a pena que se lhe segue. O inferno, como sanção n'uma das variantes, talvez ajude a suppor que andam frades na companhia.

E' provavel que esse antigo costume, caído em desuso, fosse adaptado como um desporto a qualquer entretenimento infantil da península; e só assim é possível uma explicação razoavel das palavras que enfeitam o dialogo.

E' o que me parece.

IV

POST SCRIPTUM AO CAPITULO ANTECEDENTE

Não vae fóra de proposito nem do nosso intento ajuntar aqui uma illustração e variante curiosa, por ventura, desviada de outras fontes e que entretanto completa por algumas analogias externas a serie do *Villão do Cabo*.

E' o brinquedo ou jogo do *Bento Frade*, que é uma aposta de corrida aos meninos mais destros e ligeiros:

- Bento que bento é o frade
 (*Côro*) — frade!
 — Da boca do forno...
 (*Côro*) — forno!
 — Vá tirar um bolo
 (*Côro*) — bolo!

Etc. (1)

Fala neste jogo um *mes're* para a roda dos discipulos que formam *côro*. Em seguida a esse dialogo, o *mestre* manda que lhe tragam algum objecto que nomeia. Os retardatarios recebem todos o castigo de bolos.

Ha neste jogo, que aliás não é uma *ronda*, alguma analogia com o de *Juan de las Cadenetas*, ou do *Villão do Cabo*, na versão italiana de Monferrato:

— O' fornato, é cotto il pane?

Cessa neste ponto a similhança que me parece casual e, sem duvida, deriva do estreito circulo de idéas infantis que sempre se reproduzem: o *bôlo*, o *pão*, o *forneiro* e *quejandas*.

- Luar, luar,
 Quantos peixes ha no mar?
 — Vinte, senhor,
 Que eu não posso mais contar (2).

(1) Veja Figueiredo Pimentel — *Os meus brinquedos*, 53.

(2) E' uma variante do Maranhão. Pôde ler-se no livro *Contos do Sertão* de Viriato Corrêa, ed. Garnier, 1912.

Não acontece o mesmo a outra parlenda, que é uma invocação á *lua*, que é muito generalizada sob diferentes fórmãs, aspectos e sentidos, nos povos latinos.

Dessa extensa penetração no occidente é que alguns autores lhe assigna'lam a origem no antigo *culto da lua*, de que sobrevivem este e outros vestígios.

Sou pessoalmente muito infenso á theoria mythographica das allegorias astro-nómicas, que ainda professa apenas um pequeno numero de retardatarios (3).

Para mim, as formulas de invocação á lua resultam da observação mesma da natureza. A *lua* cresce e é como que o symbolo das coisas que medram, prosperam e devem crescer. E por isso é a *madrinha* das crianças.

Benção, minha *madrinha*,
Dá-me pão com farinha...

Fal-as crescer:

Luar, luar,
Tomae esta criança,
Ajuda-a a crear...

E por isso mesmo, anda companheira da outra formula conhecida com que se augura o crescimento: — *Benza-te Deus* — que se diz a todas as coisas, plantas e criaturas, nos seus primeiros dias.

Entre as rimas infantis de França ha esta muito graciosa:

Bonsoir, madame la Lune,
Que faites-vous donc là ?
— J'fals murir des prunes
Pour tous ces enfants-là.

Uma variante portugueza consiste em mostrar um vintem ou dez réis á lua e pedir que os multiplique:

Lua nova,
Tu bem vês...
(mostrando a moeda)
Dá-me dinheiro
P'ra todo o mês.

(L. de V.)

Subtileza identica mostrou Strepsiade nas *Nuvens* de Aristophanes (act. II, sc. I). quando queria de uma feiticeira que avrisionasse a lua por não pagar os juro de suas dividas.

(3) Tal é o caso do Sr. Leite de Vasconcellos, nas *Tradições* e nos *Ensaio ethnographicos*, aliás livros interessantes em quanto registros de factos. A mesma preocupação da mythologia ce- leste em todos os assumptos (e que vem de Gubernatis e Max Müller) está em varias obras de Theophilo Braga. Comtudo o *Povo portuguez*, de T. B., é de muito superior ás *Tradições*, no que concerne ao material historico e comparativo e é um dos melhores livros do autor.

Ajuntemos ainda uma versão brasileira de Minas Geraes e que completa a variante registrada acima:

Lua, luar,
Toma teu andar
Leva esta criança

E me ajuda a criar,
Depois de criada
Torna a m'a dar (4).

São ainda numerosas as formulas de propiciação á lua, que parece presidir como mãe nutriz a todas as sementes da vida.

Eil-as, algumas, portuguezas e brasileiras:

1.ª *Benza-te Deus*, lua nova
E mais teus quatro crescentes...

2.ª *Lua-Nova*,
Benza-te Deus,
Minha madrinha
Mãe de Deus (5).

3.ª *Abença, minha madrinha*
Me dá pão com farinha
P'ra dar á minha gallinha
Que está presa na cozinha (6).

A bença, madrinha,
Dá-me pão com farinha, etc.

Xô! gallinha,
Vae p'ra tua camarinha (7).

Confirma-se a interpretação que propomos com a verdade, ou superstição opposta de que os *minguantes* da lua mangram e fazem mirrar as sementeiras, o que é crença geral entre camponios e lavradores e talvez entre pessoas doutas. Era

(4) Reg. em *Os nossos Brinquedos* de Icks, pg. 263, com o esclarecimento: "Logo nos primeiros dias de nascida a criança as *comadres* mineiras erguendo-a nos braços offerecem-n'a á lua imprimindo-lhe um movimento de *vai-vem*, ao som da cantilena dos versinhos supra". A autora promette explicar em outro livro o sentido desta cerimonia.

(5) *Trad. pop.*, pag. 21; e outras muitas variantes no mesmo logar.

(6) Alex. Geddes (?) no *Anuario de Minas Geraes*, I, 1906.

(7) E' uma variante do norte, collida por Sylvio Romero e registrada no seus *Cantos populares*.

aliás o que já dizia Plínio quando aconselhava o córte das madeiras alguns dias depois da lua nova.

Seria curioso talvez notar a parte do material comparativo que se depara nos *folkloristas* europeus que mais importa conhecer.

Do *folk-lore* gallego:

Luna, lunera,
 Cascabelera,
 Toma um *ochavo*
 Para canela.

E' um desafio humorístico ou satirico que se repete com numerosas variantes espanholas que me parece enfadonho reproduzir.

N. B. — I. O movimento de vai-vem, tomada a criança pelos braços, conforme descreve a escriptora *Icks*, deve em portuguez dizer-se — a *bólandas* — como também se diz no espanhol; esta expressão, aliás classica, parece já obsoleta tanto em Portugal como no Brasil.

II. Não se ha de esperar que eu venha tratar aqui do influxo da astrologia judiciaria, a proposito da *lua*, conforme ainda attestam as expressões *aluado*, *lunatico*, etc. E' assumpto demasiado banal.

V

HISTORIA DA BARATINHA

"Saber para contar, e contar para saber".

Foi uma vez uma baratinha. Ella amanheceu um dia toda vestida de branco. Enfeitou-se e poz-se á janella, com a idéa de achar um noivo para se casar. Passou um boi. Ella perguntou.

— Boi ! queres casar commigo ?

— Quero, sim; disse o boi.

— Como é que fazes de noite ?

— Faço: *uh ! ú... ú... uh !*

— Não quero, não; disse a baratinha. Tenho muito medo das tuas falas. Em seguida, passou um cão.

— *Cachorro !* queres casar commigo ?

— Quero, sim.

— Como é a tua fala de noite ?

— *Uau ! au-uau !*

— Não quero, não. Tua fala me mette medo.

Passou depois um gato.

— Gato ! queres casar commigo ?

— Quero, sim.

— Como é que fazes de noite ?

— Faço: *miau ! miau !*

— Não quero, não. Tenho muito medo de ti.

Afinal, passou um ratinho:

— Rato ! queres casar commigo ?

— Quero, sim.

— Como é que fazes de noite ?

— Faço: *cui ! cui ! cui !*

— Bom. Não tenho medo de ti, não. Quero casar contigo.

O rato chamava-se João Ratão. Foi logo tratado o casamento. No dia marcado veio o padre e vieram os convidados, que ficaram todos na sala enquanto se preparava lá dentro um banquete.

João Ratão, de luvas, casaca e gravata branca, estava muito contente e recebia muitos cumprimentos.

Mas, sentindo o cheiro do jantar, aproveitou uma distracção da noiva, saiu e correu para a cozinha.

A panella fervia e rescendia a cheiro de toucinho.

João Ratão, que dava a vida por um pedaço de lardo, não pôde resistir. Debruçou-se sobre a panella, mas, tão desastradamente o fez, que caiu dentro d'ella e morreu.

A festa acabou em chôro e o noivado acabou em dia de enterro.

Entrou por uma porta e saiu por outra. El-rei nosso Senhor manda que conte outra.

Esta é a *historia da baratinha*, segundo uma das versões mais simples e ingenuas; foi-me contada por uma criança nos termos em que acabo de a referir.

Todos a conhecem, e é talvez a mais popular das historias infantis, se exceptuarmos a da *Gata borralheira*, ou a de *João e Maria*. Tem, como estas, uma antiguidade enorme e já se diffundiu alongadamente por todas as terras.

Vamos estudar-lhe as origens, e, se o leitor é de paciencia bastante para soffrer torturas archeologicas, não perderá de todo o seu tempo.

O thema que acima expuzemos é uma variante nacional.

Na sua redacção portugueza (*historia da carochinha*) tornou-se um typo exemplar e generico; todos os contos tradicionaes, de fadas, bruxarias e encantamentos são *historias da carocha*, conforme é costume dizer, pelo menos desde o seculo XVII, como o attesta Dom Francisco Manuel de Mello na sua *Feira de Anexins* (1).

O anexista tomou-o da tradição naturalmente já arraigada na linguagem commum.

A *historia da baratinha*, de origem aryana, acha-se espalhada por todo o occidente europeu, sob variantes que mal d'sfarçam o conteúdo primitivo. Não queremos aqui repetir os varios textos do conto, allás, alguns delles, já indicados excellentemente por Theophilo Braga, num dos seus melhores livros (2). Basta agora re-affirmar que o pequenino conto se diffundiu pela Italia, França e Espanha, e veio,

(1) Esta expressão de *contos da carocha* concorre com outra, a das *historias do Trancoso*, por allusão a Gonçalo Fernandes Trancoso, o autor da mais antiga colleção portugueza nesta especie, as *Historias proveitosas* (seculo XVII). A expressão generica é para nós a de *estoria* — termo e graphia obsoleta que merece revivida. Podemos adoptar a forma archaica *estoria* ao lado de *historia* com a distincção que fazem os inglezes entre *story* e *history*.

(2) *O Povo portuguez*, II, 437. As suas considerações, fundadas na antiga escola da mythologia astronomica, são hoje inadmissiveis. A theoria astronomica dos mythos teve já a sua época com Max Müller, Gubernatis e outros. Seria anachronico pensar hoje em reviver o systema, que, aliás, prosperou graças á crudição e influencia dos seus defensores, e representa a phase inicial e brilhante dos estudos *folkloricos*. Insistimos n'essa restricção porque a *archeologia astronomica* ainda tem, entre nós, anachronicos sectarios.

provavelmente, como innumerados, do Oriente asiático. Em algumas versões trata-se de uma *velha casquilha*, que ambiciona casar, enfeitá-se e procura um noivo. Em outras, a velha muda-se para uma rata, *una serece, la petite souris, una rateta*, uma *carocha*, enfim, uma *baratinha*, como no Brasil.

São, pois, méras adaptações locais, reveladas pelo confronto e paralelismo das variantes europeias, ou asiáticas.

Não é tal, porém, o objecto que nos preocupa neste momento, mas sim a história e elaboração dos *motivos* que constituem a fábula, que é essencialmente composita, como se verá, e denuncia na sua contextura varios fragmentos da literatura popular dos povos arianos.

E, visto que o nosso objecto, essencial n'este livro, é assignalar os typos e modelos da literatura tradicional e popular, nenhum melhor do que este se poderia propor ao nosso exame.

Não são raras semelhantes criações miscellaneas, que difficultam a pesquisa; e, seguramente, vamos ver que ha um caso da mesma ordem no conto da *baratinha*.

E's os seus *motivos* essenciaes (3):

a) Uma criatura femea (velha, *carocha*, rata, etc.) enfeitá-se e procura um noivo.

b) A difficil escolha do noivo. *Encadeiamento* de razões, que terminam por uma preferencia. Esse *encadeiamento* caracteriza-se por uma escala ascendente, ou descendente de vantagens até á primazia verificada de uma dellas.

c) A escolha resulta infeliz, porque o character sobreleva a simulação.

Nesta materia de casamentos, a eleição é difficil e talvez insensata. O acaso vale tanto como a prudencia.

O povo entende que quem muito escolhe com o peor fica.

Comtudo, é sempre bom escolher.

Volvamos á historia.

O primeiro *motivo* (a), que desenha a personagem essencial, é commum a todas as versões. Na variante portugueza, a *carocha*, varrendo a casa, acha cinco réis, e é quanto basta para o enxoval.

Na adaptação indigena, omitté-se esse pormenor, porque a *baratinha* apparece ás vezes *descascada* e branca como uma noiva. Não é preciso mais.

Nas versões orientaes, a noiva é preparada pela metempsychose. E' um animal que toma a fórma humana; esse recurso e expediente é proprio da philosophia e metaphysica indiana.

O segundo *motivo* (b), o mais interessante, é a eleição do noivo. Aqui ha o *encadeiamento*, como em varios contos populares e nas *lenga-lengas* infantis. Vem sucessivamente á baila o boi, o burro, o porco, o cão, o gato, etc. Todos esses pretendentes são recusados em escala decrescente, porque elles mettem medo á *baratinha* com as suas falas: *uh ! oh ! on ! uau ! miau !* O mais delicado de todos é o rato, que apenas murmura: *cui ! cui !*, e é por isso o escolhido entre tantos, que foram chamados.

Este *encadeiamento* encontra-se em varios apologos orientaes, que precedem os europeus, no exame das qualidades do noivo.

(3) Emprégo a expressão *motivos* (*motiven*) com o sentido especializado entre *folkloristas* para designar os *episodios* essenciaes á trama de qualquer ficção, ou historia.

Nem sempre é facil distinguir o *motivo* (que é principal e constante) do mais (que é variavel, ou accessorio).

E' o motivo essencial.

Consta do *Pantschatantra* (ed. de Benfey, II, 262) a seguinte historia, abreviadamente:

"Um santo homem hindú tinha uma pequena rata, que caiu do bico de um falcão. Pelas suas virtudes transformou-a em linda rapariga, que criou como filha, não tendo filhos.

A filha, quando moça, pediu ao pae que a casasse.
O pae foi ter com o Sol...

Els começa a *cadeia* da selecção. A rapariga não quer o sol, porque é muito quente. Quer outro melhor. O *sol* indicou a nuvem, mais forte que elle, porque o podia esconder. Nova recusa; a *nuvem* indica o vento, que pôde mais que ella, pois a arrasta. O *vento* indica o monte, capaz de o empecer na corrida. O *monte*, regeitado por duro, indica o rato, que o perfura. O *rato* é o preferido, mas a rapariga pede para voltar á sua primitiva natureza; desencanta-se a ratinha, e casa com o Rei dos ratos (4).

Parece que não valeu a pena a metamorphose. O animal reincarnou-se na sua propria fórma original.

Vê-se que o *encadeciamento* é em escala ascendente no conto hindú, cada coisa é mais forte que a precedente: tolhe-a, ou vence-a; afinal, o *rato* bate o *record*.

Na historia da *varatinha*, porém, a escolha é decrescente, e, todavia, o desfecho é o mesmo. O animal que mette menos medo, ou horror, é, depois de todos, o ratinho.

Um facto curioso é que na literatura semitica vemos a *cadeia do mais forte* que se corôa com a mulher, — mais forte que o rei, que a dor, que o vinho, que a propria morte.

A reflexão do *Ecclesiastes* é ellipticamente o fecho e é ultimo elo d'essa corrente:

"E achei que a mulher é mais amarga que a morte..."

VI, 27.

Esta conclusão implica um serie do *Kohleth* ou *Ecclesiastes*, que nao se acha na Vulgata. Está no *Mihrasch Kohleth* por extenso (5): Jehuda d'isse que havia quatorze coisas, cada qual mais forte ou mais poderosa que outra.

A enumeração de Jehuda começa pelo *fundo do mar*, que só tem maior a *terra*; depois — o monte, o ferro, o fogo, a agua, a nuvem, o vento, o muro, o vinho, o somno, a doença, a morte, e a *mulher*, emfim, ainda *mais forte que a morte* (6).

Afigura-se, pois, Jehuda o primeiro editor da sentença colhida na tradição,

(4) Th. Braga deu este apologo na traducção do *Pantschatantra* de Lancereau, que é, entre nós, a mais vulgar. O de Benfey ainda se acha nos *Kleinere Schriften* de R. Khöler, II, 50-51. A verdadeira fonte é a versão do *Mahabharata*, que daremos adiante, e não propriamente esta, quanto á motivação. Um *encadeciamento* no mesmo sentido ha no *epos* de *Harivansa*, trad. por Langlois; nas *Antiguidades judaicas*, de Josephus, XI, 3; no III livro (apocrypho) de Esdras, quando da disputa de tres judeus. Trata-se de saber qual a coisa mais forte? o Ganges, o Oceano, a Terra; o rei, o vinho, a mulher, a verdade, successivamente; segundo as razões dadas.

(5) Na collecção *Rabbinischen Blumenlese*, publ. por Leop. Dukes.

(6) O texto tirado da anthologia ou Florilegio rabbinico foi publicado por A. L. Stiefel no *Z. f. Volkskunde*, V — 448.

e é impossível dizer que antiguidade mais certa se pôde assignalar, se á literatura rabbinica, ou á narrativa indiana (7).

Em qualquer caso, de procedencia aryana, ou semitica, não cabe duvida alguma a respeito da origem oriental da *cadeia de razões* (motivo b), que constitue o elemento central da historieta e que culmina na mulher, ou no rato, — sêres fortes.

A literatura classica nada nos offerece, nos seus fabulistas, que explique a seriação complicada e o demorado inquerito na eleição dos noivos.

O motivo final (c), a escolha definitiva, encontramol-o sem prévio exame, na fabula esopica. Temos um texto de Romulo, que nos reconta sobriamente, sem episodios novos, a mesma fabula. Jupiter dá fórma humana a uma raposa, que quer casar com elle; mas, nesse momento, vendo um escaravelho, a raposa não se contém, atira-se á presa. Jupiter logo a repudia, dizendo-lhe que siga a sua sorte, e não queira dissimular indignamente a virtude dos deuses.

Eis o texto:

Naturam turpem nulla fortuna obtegit.

Humanam in speciem cum vertisset Iupiter
Vulpem legitimis ut consedit in toris
Scarabæum vidit prorepentem ex angulo
Notamque ad prædam celeri prosiluit gradu.

Superi risere, magnus erubuit pater,
Vulpemque repudiatam thalamis expulit
His proscutus: "vive quo digna es modo
Quia digna nostris meritis esse non potes."

A moralidade da fabula é que é coisa absurda, ou impossível mentir á sua propria natureza. A raposa será sempre uma raposa, ainda mesmo transformada em mulher. Foi sem duvida d'este texto classico que tirou Lafontaine a sua fabula — *La Chatte metamorphosée en Femme*. Em tudo mulher, a gata de Lafontaine espósa o seu senhor, mas os ratinhos

Troublerent le plaisir des nouveaux mariés.

A caça aos ratos destroe a felicidade e a paz conjugal.

E' a mesma razão que dá o fabulista latino: a sorte não muda o natural. O character é indomavel.

Qu'on lui ferme la porte au nez,
Il reviendra par les fenêtres (8).

(7) Esta *flor* rabbinica ainda se vê repetida com identica conclusão entre os antigos proverbios ethiopicos (Jobi Ludolfi *Ad suam Hist. aethiopicam Commentarius*, 1691), citado por R. Köhler, *Kleinere Schriften*, II, 49.

(8) Na traducção de Filinto Elysio:

...Eis que uns ratinhos, que na esteira
Roiam, desmancharam
O prazer dos taes noivos. Eil-a a Esposa

Ou como diz Romulo: *Naturam nulla fortuna obtegit* (9).

O epimythio ou moralidade da fabula contribue para a conclusão (motivo *c*) do conto da baratinha: a simulação impossivel.

A baratinha casa-se com João Ratão, mas enquanto os convidados conversam na sala, João Ratão, de casaca e luvas, aproveita um pretexto, esgueira-se para a cozinha, a farejar o toucinho irresistivel.

E, pobre João Ratão! morre asphyxiado e queimado na panella fumegante.

Na versão asiatica do *Pantschatantra*, a noiva desencanta-se préviamente para casar com o *Rei dos ratos*. Não ha decepção.

Nas versões classicas greco-romanas, os contos da mesma familia terminam pelo desgano doloroso, ou pela viuvez forçada. E' evidente que esta conclusão é identica á da nossa historieta popular da *carochinha*, que d'esta arte resulta ser um mixto entre as duas versões extremas, a oriental e a greco-latina.

A versão indiana, não a que registramos acima, mas a variante do *Mahabharata*, é a que melhor convém ao conto nosso, por conter o traço irresistivel do destino e da natureza e uma analogia psychologica mais geral que a da corrente ethnica aryanica: "a filha do *Rei das rans* toma a fórma humana, casa-se com um principe, mas declara que não poderá passar perto de um tanque ou lagôa. A perfidia de um cortezão leva-a para perto de um lago, onde ella mergulha para sempre, voltando a ser rã como era antes da sua metamorphose (10).

Os gregos tinham em proverbio o caso da raposa, como o demonstra o fragmento do comico Strattis: οὐ πρόπει γὰρ ἡ κροκωτόν — segundo a explicação dos antigos escoliastas (11).

As metamorphoses não alteram o caracter dos individuos; e o caracter, contrafeito, ao primeiro estímulo os atraíção.

O vehiculo desta longa migração, desde o *Mahabharata* indiano, foi a cultura arabe pelo seu famoso repertorio das historias de *Calila e Dimna*, logo vulgarizado na Espanha e conhecido no Occidente por traducções medievaes, sobretudo latinas, mórmente o *Directorium vitae, alias, parabolae antiquorum sapientium*, de João de Capua.

O texto do *Directorium* que aproveita ao nosso conto popular, como uma das suas fontes medievaes, relata a mesma narrativa do brahmene do *Pantschatantra*

Em pé com a orelha á escuta.....
Tornam a vir ratinhos,
Torna a noiva a agachar-se.....
.....Tanta força
Tem sempre a natureza!...
.....
Dá-lhe embora co'as portas nos narizes.
Pelas janellas te entra.

LAFONTAINE, II fab. 18.

(9) O texto é de Romulo e reduzido á versão metrica que corresponde literalmente á prosa com a addição de uma ou outra syllaba (aquí, por exemplo, *consedūt* por *sedūt*). Veja-se a ed. de Burmann e Riese. Crê-se que o texto é de Phedro, ainda que não figure entre as fabulas e os appendices de Perotti e Jannelli, que revelaram fabulas novas, algumas conhecidas através de Romulus. Esta fabula em certas edições do seculo passado, segundo a lição de Gudio, tem sido com outras impressas como *Supplem.* de Phedro, autoria que não está provada. E' verosimil apenas que o fabulista latino não tendo esquecido Ζεύς καὶ Ἀλόπηξ de Esopo, que é a mesma historia. A idéa de uma *gata* foi suggestão ao mesmo tempo de outra fabula de Esopo Γαλῆ καὶ Ἀφροδίτη.

(10) Benfey — *Pantschatantra*, I — 257-260.

(11) V. Er. Rhode (*Ein griech. Maerchen*); nos seus escriptos menores, II, 212. Strattis, o comico, dá a phrase considerada proverbial.

accommodada aos costumes christãos. Um eremita compadece-se de uma ratinha, que acolhe em seu seio, e pede a Deus que a transforme numa menina:

Fertur quod fuit quidam heremita devotus valde...
 Quam (*muriculam*) videns, misertus est ejus... Duxit ipsam ad domum, et oravit ad Deum ut ipsam converteret in puellam...

A historia continúa como na versão já indicada anteriormente. A menina fez-se mulher e procura um marido, um ser que seja o mais forte de todos. *Volo virum non habentem similem in potentiâ et dominio*. Princípiã aqui a cadela dos séres: o sol; a nuvem, que cobre o sol; o vento, que leva a nuvem; o monte, que tolhe os ventos; e, afinal, o rato, que fura os montes.

Et oravit heremita Deum et puella in muriculam est conversa (12).
 Emfim, como na fabula esopica, a ratinha, *rediit ad sui naturam*.

Resumindo: a natureza dos séres conserva intacto o seu imperio, através de todas as metamorphoses. O João Ratão da *carochinha*, a filha do brahmene, ou do eremita, a princeza das rans, a gata de Lafontaine, a raposa de Esopo e Romulo transformam-se, colorem e douram as suas mazellas originarias, mas succumbem á primeira provação.

A versão oriental, através da collecção de Bidpai, forneceu ao genio de Lafontaine uma segunda fabula (a VII do Livro IX), que é sem duvida a mais primorosa das redacções conhecidas desta historieta, pela inimitavel graça do maior dos fabulistas:

Une souris tomba du bec d'un chat-huant:
 Je ne l'eusse pas ramassée;
 Mais un bramin le fit: je le crois aisément;
 Chaque pays a sa pensée.

A pequenina rata é transformada em Hudissima donzella capaz de accender uma nova Troya. Aparece então a serie de pretendentes: o sol, a nuvem, o vento... emfim, um ratinho.

Au mot de rat la damoiselle
 Ouvrit l'oreille...

 Tout débattu, tout bien pesé...
 Vous ne detournerez nul être de sa fin.

E', bem se vê, a mesma versão de *Calila e Dimna* e do *Directorium vitae*.

A redacção da historia da *carochinha* aproveita a igual passo os elementos da fabula greco-latina e das versões indianas, com leve alteração das pessoas do drama.

Vimos que em quasi todas as variantes o rato é o ultimo termo da serie e é o noivo preferido, após um *encadeamento* de recusas. Elle é o mais forte, o que o não livra de succumbir ao imperio dos seus instinctos.

(12) Esse é texto do *Directorium*. Os textos arabes mais antigos não discrepam desta versão. Veja-se a ed. de Derembourg *Bibl. de l'Ecole des Hautes Etudes*, II, que contém o *Directorium*, de J. de Capua. A historia vem á pg. 189.

E para vencer tanta varonia e fortaleza basta o misero engodo do prosaico toicinho.

OBSERVAÇÃO — Um dos grandes *folkloristas* inglezes, chefe de escola, o saudoso Andrew Lang, combateu com exito a theoria das allegorias astronomicas, a que nos temos já referido. Seria hoje ridiculo dizer que a *Carochinha* representa a Noite e João Ratão o Dia que se afoga nas chammas da luz, como o queriam, mais ou menos, M. Müller e seus discipulos em todo o orbe (Couto Magalhães, Fred. Hartt, Barbosa Rodrigues, etc., foram entre nós apologistas da doutrina ao tratarem de lendas indigenas).

Andrew Lang, todavia, excedeu-se pretendendo, com a derrocada dos mythos meteoricos e celestes, levantar a sua theoria da uniformidade entre todos os povos das criações populares em virtude da mesma uniformidade das leis psychologicas da imaginação.

Neste sentido, Lang buscou entre as mais extranhas raças sem affinidades exemplos de criações, tradições e legendas identicas. A proposito d'este mesmo thema descobriu uma historieta corrente entre indios da tribu americana Tdschibwê que se assimilha ao nosso conto (um pouco vagamente). Um caçador indio acha nos bosques uma rapariga, que toma por mulher; por ocasião das enchentes, ella declara ao marido que o contacto da agua em seus pés, della, seria para ambos a causa de grandes males e da separação. O marido esqueceu as precauções que devia tomar, ou não lhe deu credito. A rapariga, por falta de uma ponte num riacho, molhou os pés; e, então, logo tomou a figura de um castor e desapareceu na agua. Foi esta narrativa incluída no seu interessante livro *Custom and Myth*. (pag. 79-80).

O desencantamento da india assignala apenas uma similhança remota, desacompanhada dos *motivos essenciaes* da historieta aryana. Quasi todas as tribus americanas se dão, nas suas sagas e cosmogonias, como descendentes de animaes, e esse parentesco (*totemismo*) facilita a idéa de encantamentos e metamorphoses.

Sem duvida alguma, ha uma identidade *geral* de processos nas leis do espirito; mas seria negar a historia concluir da identidade universal do espirito a originalidade e independencia das criações humanas. A theoria anthropologica de Lang deve ser reduzida aos seus verdadeiros termos, e o seu melhor serviço e influxo foi o de combater o exaggero das comparações e parallelismos dos mythos solares, das historias e lendas populares. Com mais profundeza e exactidão conseguiram os allemães, fundando a *Völkerpsychologie*, resolver o mesmo problema no que respeita aos pensamentos ethnicos fundamentaes.

A theoria anthropologica de Lang deixa perceber claramente as fraquezas que aliás não empanam todo o seu brilho de verdade.

Este mesmo caso o revela. Andrew Lang arrima-se á *metempsychose* da heroina da fabula, mas esquece os *motivos essenciaes* (o encadeiamento das razões) que sob a apparencia de episodicos caracterizam a fabula aryana, hindu-arabe.

A *metempsychose* é um pensamento elementar e commum do homem primitivo. O *totemismo*, a credence entre as tribus que descendem de um animal, de uma arvore ou de qualquer sér e individuo é um principio das suas grosseiras praticas religiosas ou animisticas.

Sob esse aspecto, a *identidade de imaginação* (e conseguintemente um dado geral, anthropologico) póde autorizar a unidade das fabulas, mas nada nos esclarece quanto ao seu conteúdo immediato e á sua physiognomia distinctiva.

VI

INTERMEZZO. UMA BREVE NOTA AS PÉGAS SATYRICAS INFANTIS

Uma péga muito conhecida entre crianças é a de abusar a mais esperta das mais tolas convencionando que esta deve dizer sempre — *Eu tambem!* — no correr do dialogo:

- Eu fui por um caminho
 — *Eu tambem*
 — Encontrei um passarinho
 — *Eu tambem*
 — Com seu bico de latão
 — *Eu tambem*
 — Pinçando um.....
 — *Eu tambem*

As crianças mais espertas logo percebem o estratagema e não dão a ultima resposta.

Este jogo infantil creio que existe por toda a Europa. Conheço a versão do Limosin, registrada por E. Rolland nas *Rimes et jeux de l'enfance*, e que tem o seguinte conteudo com a mesma resposta convencional — *Mai ièou (moi aussi, eu tambem)*:

- M'en vouu dins loous bos (1)
 — *Mai ièou* (2)
 — Copi um aoubré (3)
 — *Mai ièou.*
 — Cagui dedin (4)
 — *Mai ièou.*
 — Mous gagnous loou mindza (5)
 — *Mai ièou.*

Ha outras variantes (6).

Esta colhida por Bladé no Armagnac (7):

- Je vais au bois
 — *Moi aussi.*
 — Je coupe un arbre
 — *Moi aussi.*

(1) Vou ao bosque ou mato.

(2) Eu tambem.

(3) Córto uma arvore.

(4)de cima.

(5) E os meus porcos o comeram.

(6) No Rio são conhecidas as em que se repetem as palavras *seco* ou *sete facadas*, etc. O convite é sempre um, o de surprender os menos avisados.

(7) Cf. F. Bladé — *Poésies pop. rec. dans l'Armagnac et l'Agenais*; Stöber — *Elsäss Volksbüchlein*; Meier — *Deut. Kinderreimen*; as revistas *Mclusine* I, 197; *Z. f. Volkskunde*, VI, 301, etc. etc.

- J'en fais un auge
 — *Moi aussi.*
 — Les cochons y mangent
 — *Moi aussi.*

Os alemães possuem do *Ich auch* variantes curiosas. Esta é da Alzacia:

- Ich bi in Wald gange
 — *Ich o.*
 — Ich bi zu'm e Baum g'ku!
 — *Ich o.*
 — Ich ha' ne umg' hane
 — *Ich o.*
 — Ich ha-n-e Seidrogh drüs gemacht
 — *Ich o.*
 — D' Sei hän drüs gfresse
 — *Ich o.*

Em outra versão dialectal menos arvezada:

- I gang in Wald
 — *I au.*
 — I nehm en Axt mit
 — *I au.*
 — I hau en Eich'um
 — *I au.*
 — I mach en Sautrog draus
 — *I au.*
 — Es fresset siebe Säule draus

Responde-se então *I nit*; mas se contestam *I au*, ha a replica: *Du bist die acht!*
 Outras existem que não menos interessantes que terminam:

- Die Kuh gibt Milch
 — *Ich auch.*

ou se em vez do mercado se vae ao jardim:

- Die Blume schtinkt
 — *Ich auch.*

Os francezes não se limitam a uma unica formula. *Moi aussi* ou *Comme moi*, são as respostas mais frequentes n'esses dialogos satiricos.

-
 Il y avait une grosse bête
 — *Comme moi.*

Excusem-se no que têm de nada limpos estes versículos com serem ditos pelas creanças. Em geral, não ajuntam ellas maldade, ou proposito de offensa do bom gosto.

P. S. — Os espanhces chamam *pégas* a essas armadilhas á boa fé das pessoas, tão communs no *folk-lore*. Neste genero entram as respostas inesperadas, ou falsas:

- a) — Que é isso ?
— *E' chouriço.*
- b) — Que horas são ?
— *Falta 10 réis pr'a meio tostão.*

Adoptamos o termo como significativo e apropriado.

Esta é a especie mais característica do genero; nelle, porém, devem ser incluídas as *pégas* mais complicadas, ou mais prolixas, de que tratei acima.

Não queremos prolongar esses parallelismos apenas indicados com o fim de mostrar a uniformidade ethnica das idéas, em toda a raça e talvez em toda a humanidade.

Essa consideração diminue ou absolva a puerilidade d'esses cotejos.

VII

MYTHOS DE ORIGEM VERBAL

As palavras traduzem idéas, mas da sua fôrma passiva de méra expressão passam a uma actividade fecunda e creadora.

— *Words, words, words!* exclama Shakespeare.

Entretanto, ha muito facto, muita realidade, crenças, opiniões e preconceitos, que se reduzem apenas a phantasmas vocabulares.

D'ahí, os numerosos *mythos verbaes*, que nascem da sonoridade dos nomes, independentes da ideação primitiva.

Os inglezes dizem, quando chove torrencialmente — *chover gatos e cães*, "to rain cats and dogs". Estes pobres animaes (*cats, dogs*) representam apenas a expressão franceza *catadupes*, introduzida pela conquista normanda:

— *Il pleut des catadupes.*

Lemos em Plinio, na *Historia Natural*, XXV, 6, que se encontrava na Espanha uma erva maravilhosa contra a mordedura de cão. Ora, a planta se chamava *cynorhodon*, que significa *rosa de cão*, por ser nome grego. Foi a virtude do vegetal que suggeriu esse nome, ou foi acaso o nome que suggeriu a virtude curatriz? Póde ser que fosse o nome apenas. E não seria absurdo. Ainda hoje na pharmacoepa mais apurada devem existir alguns d'esses vícios.

As lendas das plantas que abrem rochedos, como o *sesamo oriental*, a *saxifraga* classica e o *forget-me-not* germanico, fundam-se todas no valor apparente e verbal d'estes nomes. Seria fastidioso recontal-as agora, pois que, sendo numerosas, são extranhas ás nossas tradições, excepto a *folha de picapau*, de que tratei alhures a proposito de uma frase brasileira (1). Uma d'ellas quero referir, e é a da *erva de andorinha*, cujas virtudes derivam de superstição antiquíssima.

(1) Ter *folha de picapau* no Ceará e outros Estados do norte, é ter o talisman da felicidade. E' um mytho já conhecido de Plinio na antiguidade.

A este proposito escreveu Alberto de Faria, sob o pseudonymo *Marcos Tuim*, em um dos seus estudos de *folk-lore* publicados avulsamente na secção *De voo*, do *Correio de Campinas*:

"Sabemos persistir tambem no Brasil, como nos paizes da Europa geralmente, a crença na *celidonia*, *chelidonia* em grego, ou *chelidonium majus* em latim, que ainda modernamente chegou a influir no espirito dos doutos (os chimicos descobriram-lhe um principio, a *chilidonia*).

"Os pharmaceuticos da Edade Média, menos versados num daquelles idiomas que no outro, não interpretaram a designação da planta como *erva de andorinha*, do mesmo modo que *melissa* se traduz por *erva de abelha*. Para elles, *celidonia* decompunha-se em *coeli donum*: *dom do céu*, considerando-a desde logo milagrosa nos seus efeitos. Aldovandri, *Ornithologia*, XVII.

"Certamente nos veio de Portugal, com os primeiros colonizadores, a noticia das virtudes empiricas da mesma, em ligação intima a uma lenda, alli diffundida até na literatura dos quinhentistas.

"Lembraremos quatro passagens classicas, que bastam a esclarecer o leitor:

"Assim como a andorinha, segundo escrevem os naturaes, vendo cegos os filhos lhe(s) poem nos olhos a herva celidonia, para verem..." Fr. Heitor Pinto, *IMAGEM DA VIDA CHRISTA, dial. das causas*, cap. XXV.

"Uma cousa se me offerce, que não posso dizer sem lagrimas compassivas, dos judeus, que a não vêem, porque lhes falta a celestial celidonia, que desfaça os nevoeiros de seus olhos..." Fr. Amador Arraiz, *Dialogos*, III, cap. XXVI.

"E ledes sem estorvo um dia todo
Sem vos ser necessaria Sellidonia" (*sic*)

Diogo Bernardes, Carta XXVII.

"Se alguem os olhos quizer
ás andorinhas quebrar,
logo a mãe, sem se deter,
uma herva lhes vac buscar,
que lhes faz outros nascer."

LUIZ DE CAMÕES, *Redondilhas*.

"D'ahi, o facto de parentes ou amigos de pessoas sem luz, devido a molestias dos orgams da visão, furarem os olhos dos filhotes de taes aves, para depois ircm procurar a planta dos respectivos ninhos."

Não vem fóra de proposito lembrar tambem um caso, que me parece digno de reflexão.

Quando escrevi as *FRAZES FEITAS*, entre as que se me antolharam de difficil, ou de impossivel explicação, registrei o ditado vulgar: *Mal de oiho cura-se com o cotovello*.

O Dr. Silvio de Almeida, que recebeu aquelle livro com vaidosa arrogancia e uma inexplicavel semrazão de argumentos, fez a observação, aliás feliz, de que o povo o dizia por facecia, visto ser impossivel chegar aos olhos o cotovello.

Sem embargo d'essa explicação, muito aceitavel, é preciso ajuntar que, para os antigos anatomistas, *andorinha* ou *chelidón* era o nome da curva interna do braço, correspondente ao cotovello; essa é completamente accessivel aos olhos, e d'ella é commum servir-se a gente rustica para enxugar as lagrimas ou desannuiar a

vista. E' uma cura pela *andorinha*, e seria talvez uma facecia dos medicos e dos physicos de outro tempo (2).

Assim, trata-se provavelmente de um mytho verbal: a simples palavra suggere o remedio.

Um caso differente, mas identico em seus processos de derivação popular, parece ser, entre nós, o do abacate.

O *abacate*, dizem os entendidos ou os experimentados, possui propriedades aphrodisiacas.

Este fructo quasi insulso, nem acre, nem odorifero, parece não ter, em realidade, as virtudes que lhe inculcam. Todavia, com reclamos e com a auto-suggestão, pôde ser proclamado uma riqueza nacional e entrar nas plataformas politicas.

Acredito que tambem se trata de um caso puramente verbal.

Do Norte, donde veio, da Amazonia, onde é abundante e vulgar como a lingua tupi, trouxe as suas supersticiosas virtudes. A expressão *abacate* entre os indios confundia-se com *aba catu*: homem bom, i. é, forte, viril. E o indio tirou dessa coincidência quicá a propriedade problematica do fructo (3).

Ainda hoje *aba catu*, ou sob a fórma verbal *catu aba*, expressa a mesma cousa. Não é inutil accentuar que nas quartas paginas das gazetas apparece triumphante, *sub fide* de doutores respeitaveis, o famoso *Elixir de catuaba* ou *Elixir do pagé*, que... Pobres pagés, depois de velhos tão desrespeitados!

Não me levem a mal que, enrodilhando o sagrado e o profano, eu passe agora da consideração dos simplices a cousas mais compostas e mais serias.

Estou convencido de que a virtude, attribuida a Santo Antonio, de deparar objectos perdidos resulta igualmente de um mytho verbal.

Santo Antonio, a despeito de portuguez e lisboeta, não deixou na sua patria a tradição daquelle poder maravilhoso. As referencias antigas ao santo, nos escriptores e nos hagiologos archaicos, são inteiramente omissas quanto ao ponto.

Possuimos uma sua chronica muito antiga, e é a que, escripta em latim, se acha reproduzida nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no fasciculo *Scriptores*. Entre as maravilhas e milagres do santo, não figura esse tão singular e interessante.

Nos quinhentistas, a mesma omissão. No longo poema de Simão Lopes — POEMA DE SANTO ANTONIO — obra tardia, pois que foi impresso no seculo XVII, ha a mesma ausencia. Simão Lopes, em quadrinhas soporiferas e detestaveis, faz a relação de cincoenta milagres do santo portuguez. Mas, ainda ahí a lacuna é absoluta: Santo Antonio não se digna deparar objecto algum perdido.

Foi, todavia, nesse mesmo centenario, que penetrou a lenda. Surprende-mol-a, incerta, timida, perplexa, alentada apenas por um bafejo patriotico. A primeira menção do milagre está na MONARCHIA LUSITANA, a grande chronica portugueza engendrada e iniciada por Frei Bernardo de Brito, tão famoso e insigne pelas suas falcatruas literarias. Não foi elle de certo o inventor da *legenda* que corre sob outras

(2) No Lexicon de C. Schwel define-se: "*Xelidôn* — *hirundo*; *cavitas brachii in ipso flexu circa cubitum*."

Tenho ainda a informação de que o termo tambem se applicou á concavidade da pata do cavallo. Segundo Suidas, algumas vezes designavam assim o organo sensual feminino. Plauto denomina *andorinha* a mulher amada.

(3) No seculo XVIII, Alexandre Ferreira em sua *Viagem philosophica*, pelo rio Amazonas, regista como arvore commum na Capitania do Rio Negro a do abacate. Aquella região, inteiramente despovoada, não devia ter abundancia de plantas exoticas. Isto torna duvidosa a opinião de botanicos

responsabilidades. E' lá, porém, na MONARCHIA LUSITANA, que se encontra o primeiro signal e registo literario, que eu saiba, do caso. No livro XIV do tomo IV, pg. 318, extranha-se que a arte de deparar objectos perdidos seja attribuida a um santo de Hollanda. Relata-se no logar a vida de Santo Antonio, portuguez, e, a proposito, diz o historiador:

"Bem sei que a 17 de Agosto se festeja São Jeron de Olanda, de qual se publica o verso:

Rebus in amissis Hieron cœpissimè fuiget

"O que quer dizer que São Jeron faz apparecer as cousas que se tem perdidas; porém, com a protecção de Santo Antonio nos remediaremos nas nossas perdas sem recorrer a culias extranhas."

Vê-se de passo que nessa época já se repartia uma vacillação entre o santo de Hollanda e o de Portugal, que devia supplantal-o definitivamente.

Foi, pois, o inexcedível patriotismo dos portuguezes que decidiu a questão.

As origens, porém, são outras e mais remotas.

Como quer que seja, o milagre veio de França. Os pescadores têm-no, a Santo Antonio, em grande veneração, porque o supõem o santo *des épaves*, restos de naufragio, ou *Saint Anthoine de Pave*, como se dizia outr'ora (4).

Epaves, diz Guí Coquille (5) são *les choses mobilières égarées des quelles on ne scait le maistre*.

Com o mesmo sentido se encontra *épave* em Rabelais.

Nas historias de Pantagruel (I. II, cap. VI) fala-se de *motz épaves*, isto é, segundo um escholiasta do grande humorista: "*motz épaves, mots inusités, perdus, comme les bêtes épaves qui, s'égarant du troupeau, na pouvaient plus retrouver leur étable.*"

A esta luz esclareccm-se todas as duvidas se as houvesse ainda.

Saint Anthoine de Pave ou *des épaves* lentamente migrou para as regiões do sul.

Eis por que os chronistas antigos são omissos, e só tardiamente se faz menção do milagre desconhecido na peninsula iberica.

A lenda franceza do santo das coisas perdidas, *des épaves*, chegou, como se viu, naturalmente pelos fins do seculo XVI. São Jerão foi o primeiro hollandez expulso dos dominios lusitanos.

POST SCRIPTUM

Depois da leitura d'este capitulo é possivel em rapido excursu tocar em assumpto de outra natureza, mas que não deixa de ter alguma cabida n'este logar.

Poder-se-ia suppor que do esbulho do flamengo São Jerão se autorizasse a frase — *Paga o hollandez o mal que não fez*. E' uma explanação improvavel, porquanto não é São Jerão apenas um espoliado, é um desconhecido no hagiologio popular.

A frase explica-se no meu entender (salvo melhor juizo), por outras circumstancias e precedentes que pude apurar. Não que eu considere a questão resolvida, mas apenas alumuada crepuscularmente por uma pallida conjectura.

de que o abacate foi importado do Mexico. Mas, se o seu nome era exotico, melhor se comprehende que fosse traduzido por palavras da *lingua geral* dos indios.

(4) *Revue des trad. populaires*, XXV, 105.

(5) *Institution du droit des françois*, 1612, pg. 33, na mesma revista, onde, aliás, não se trata da etymologia em que se funda o mytho verbal. Mas é evidente que de *expavidus* (sem dono, no lat. barbaro, *épaves* fr.) resultou a methathese *ex-padova* (de Padua; na fórma medieval e actual italiana). No lexico de Karting — *Expavida* traduz-se *herrenlos* (sem dono).

Antes que se encontre a explicação cabal, não é impertinente levantar uma hypothese sem entono e sem vaidade. Entre os quinhentistas o unico exemplo que conheço é o de que — *paga o Judeu o mal que fez*, e assim nol-o depara, proverbialmente usado, Gaspar Corrêa, nas LENDAS DA INDIA, I, 2ª parte, pg. 540. O mal de que foram os judeus responsaveis comprehende-se de todos os christãos fanaticos e intolerantes, e eram assim quasi todos os d'aquelle tempo e lugar. Foram os judeus por aquella época expulso ou perseguidos e tiveram que refugiar-se na Hollanda, asylo da liberdade de consciencia. Desde então, o hollandez passou a sr suspeito dos mesmos falsos crimes que não havia commettido, e como suspeito de judaismo frequentemente *teve que pagar o que não fez*. Accresce que *hollandez* é rima preferivel a *judeu*; e, ó rima, bem exclama o poeta,

... a tanto obligas,
Que haces blancas las hormigas.

Não passa de fragil conjectura, mas pôde servir de caminho ou de estimulo á attenção dos estudiosos. Nada mais.

VIII

INTERMEZZO. FOLK-LORE INFANTIL.

O estudo dos mythos verbaes roubar-nos-ia todo o tempo. A invocação dos santos é um testemunho d'essa superstição: *Saint Ouen* em França cura as doenças do ouvido; *Santo Agostinho* na Allemanha cura as dos olhos (*Augustin; Auge* — olhos); a santa *Veronica*, Beronica, Bernice é a corruptela de *Vera iconica* — a vera imagem ou semelhança (1). A semelhança de *lepus*, a lebre, e *lepos*, a graça, que produziu varios trocadilhos entre os romanos chegou até aos francezes na frase, que sem o antecedente equivoco latino, seria inexplicavel: *Quand on mange du lièvre, on reste beau sept jours de suite* (2). O mesmo existe nas linguas romanas com a palavra *sal* que desde o latim tinha duplo sentido.

Como variedade a essas questões etymologicas de nunca acabar, passemos a um futil intermezzo do *folk-lore infantil*, que nada tem que ver com os mythos verbaes.

O DEDO MINDINHO é um brinquedo, entre crianças, conhecido em todo o Brasil.

Registra-o e explica-o o recente VOCABULARIO POPULAR, de Raymundo Magalhães (Pará, 1911), nos seguintes termos:

“Brinquedo que se faz com as crianças, e que consiste em ir-lhes apalpando os dedos, do *index* (3) para o *pollegar*, ao mesmo tempo que se pronunciam estas palavras:

(1) Fred. Hackwood — *Christ lore*, pg. 111.

(2) Em Marcial:

Si quando leporem mittis mihi, Gellia, dicis:
Formosus septem, Marce, diebus eris...

Citado por Quillard — *Dict. des Proverbes*, 497. Cremos não ser popular aquella frase.

(3) O autor do VOCAB. commetteu aqui um pequeno erro. Devia dizer “do dedo minimo ou mindinho para o pollegar”, e não do index ou indicador. Vê-se que foi um lapso.

- a) Dedo mindinho
 Seu vizinho
 Maior de todos
 Fura-bolos
 Cata-piolhos

— *Cadê* o bolinho que estava aqui ?

(indicando a palma da mão)

— O gato comeu !

(responde a criança) (4)

Em geral, a pessoa grande que faz essa pergunta, ao pôr o dedo na palma da mão da criança e depois de ouvir a resposta, continúa com o dedo a fazer cocegas pelo braço acima até as axillas, dizendo:

— O gato salu por aqui, por aqui, por aqui...

O brinquedo cessa quando a criança, vencida de riso, já não pôde mais suportal-o.

Outro jogo infantil que, na essencia, é uma variante do anterior é mais conhecido no sul (Rio de Janeiro).

A enumeração dos dedos faz-se inversamente, do *pollegar* ao mindinho, dizendo-se:

- b) Este, cafu n'agua;
 Este apanhou;
 Este, levou *em casa*;
 Este, botou na cama;
 Este, *pequenino*, que é falador,
 Contou tudo a mamãe.

Esta versão, pelo desageitado da fórmula metrica, parece estar já muito alterada. Percebe-se essa imperfeição, que todavia eu quiz conservar, como a colhi, flagrante e sem emenda.

E' curioso que nella não figure a idéa commum de qualquer *gulodice*, como nas variantes que conheço de varias procedencias.

Parece que só os tres primeiros versos guardam a fórmula primitiva.

E é o que iremos ver em seguida.

Uma versão ha registrada em Adolpho Coelho, sob o titulo de *Dialogo dos dedos*:

- c) Este menino um ovo achou;
 Este, o assou;
 Este, sal lhe deitou;
 Este o provou;
 Este, o papou (5).

(4) Aquí termina o VOCABULARIO de R. Magalhães.

(5) A. Coelho — JOGOS E RIMAS INFANTIS, pg. 14.

Vê-se que corresponde melhor ao que costumam as crianças.
Da mesma fonte é a seguinte versão também curiosa:

d) Dedo *mendinho* quer pão,
O *vizinho* diz que não,
O *pae* (6) diz que dará,
Este, que furtará,
E este diz: *Alto lá!*

Certas variantes colhidas na Andaluzia por S. Hernandez de Soto, representam elementos varios que nos impressionam como se foram um mixto das variantes — b, c, d, já registradas:

Eil-as:

(Do minimo para o pollegar):

Este, compró um huevo;
Este, lo puso al fuego;
Este, le echó la sal;
Este, lo probó,
Y este picaro gordo
Se lo comió.

Vê-se que é quasi o mesmo da versão (— c) portugueza. Mais proximo da variante (— b) brasileira é est'outra:

Por aqui pasó una palomita (palma),
Este, la cogió (pollegar);
Este, la mató;
etc.

Outra variante muito parecida á (— d) é a seguinte:

Periquito,
Su hermanito,
Pide pan.
Este, dice que no hay,
Y este dice: a costar, a costar.

Uma versão italiana, colhida por Gian-Andrea, de Roma, reproduz a mesma idéa da fome e do pão:

Questo dice che ha fame
Questo dice non c'è 'l pane (7)

(6) O *pae* entende-se o *pae de todos* ou *maior de todos*, das versões brasileiras e portuguezas. No FOLK-LORE da Figueira da Foz, por Cardoso Martha e Aug. Pinto, 1911, ha a mesma enumeração — a.

(7) Uma versão catalã diz:

Aquest fa las *sopas*.

V. BIBL. DE TRADICIONES, de Machado y Alvarez.

A idéa capital é sempre a mesma, e a mais facilmente comprehensivel e agradável á intelligencia infantil: a de alguma gulodice, *pão, ovos, sopas*, etc.

Temos a variante romana de Gian-Andrea, reproduzida no Brasil, na versão colhida por Sylvio Roméro, nos seus CANTOS POPULARES.

Este diz que está com fome,
 Este, que não tem o quê;
 Este diz que vá furtrar,
 Este diz que não vá lá,
 Este diz que Deus dará.

Não penetrou, já se percebe, com a immigração italiana, recentissima; mas foi o resultado da diffusão antiga, medieval pelo menos, das tradições do occidente latino.

Mas não é essa, bem se vê, a formula que mais difficuldade offerece, quando a cotejamos com os seus elementos congeneres.

A idéa e a fôrma perfeitamente se casam com as de proveniencia portugueza.

Não succede o mesmo com a versão (— *b*), colhida no Rio de Janeiro, a qual parece desviar-se das variantes peninsulares mais conhecidas.

A juizo meu, a versão brasileira (— *b*), imperfeita na fôrma, seria inexplicavel sem essa mesma imperfeição.

Deve tratar-se ahí de gulodice como em todos os casos, versões e variantes desta tradição infantil, por onde a encontramos. Rolland (RIMES ET JEUX DE LA FRANCE) registra umas vinte lições de lingua ou de dialectos francezes e todas encerram a mesma idéa fundamental.

A formula brasileira deve ter explicação propria; parece tratar de caça ou pesca, alimento outr'ora mais frequente nos primordios da colonização da terra, e em alguns logares quasi o unico. E' o que parecem indicar os primeiros versos:

Este, *caiu n'agua*,
 Este, *apanhou*,
 Este, *levou em casa...*

Entre as variantes de Rolland, algumas tratam de caça e pesca; e cito aqui estas duas:

1 Celui-ci a été à la pêche,
 Celui-là a attrapé un poisson,
 Celui-là l'a mis dans la casserole...

2 Celui-ci a eu la fièvre,
 Celui-ci l'a tenu...

Creio que são bem semelhantes á versão brasileira e tanto mais quanto o fecho da segunda é analogo ao da nossa variante em que se fala do *menino falador que foi contar tudo a mamã*, naturalmente por despeito:

Este pequeno que é falador
 Contou tudo a mamãe.

Ora a versão franceza diz exactamente:

Celui-là n'a rien eu;
Il a dit a sa mère,
Je n'ai pas eu.

Creio que a variante fluminense, deturpada como está, representa os vestígios e fragmentos de outra que foi tomada de texto que lhe aqui mais convinha, attento o grau de civilização dos primeiros colonos da America.

Precisamos reflectir em que era mais natural falar de *caça* ou de *peixe* do que do *pão* que não existia na colonia.

Os vocabulos que designam os nomes dos dedos da mão são ainda e sempre populares. Ja occorrem na FEIRA DE ANEXINS, seculo XVII, de D. Francisco Manuel (pg. 38) com a mesma nomenclatura: *meminho* (mendinho), *vizinho*, *maior de todos* (ou *pae* de todos), *fura-bolos*, *mata-piolhos* (ou *cata-piolhos*). As denominações eruditas *minimo* ou *auricular*, *annular*, *index* ou *cordial* e *indicador*, *maximo* e *pollegar*, excepto talvez esta ultima, não conseguiram supplantar as mais antigas.

Expressão antiga *dedo do meyogoo* occorre nos — *Foros de Beja* —: “varas de vides longas de meya braça domen ata a iuntura do *dedo do meyogoo* e grossa como *dedo polegar*”.

Este documento é do seculo XV e foi publicado na *Coll. de Inéditos* da Academia, vol. V, pg. 504 (8).

(8) Ao publicarmos essa pequenina bagatela, recebemos a seguinte carta curiosa de *Adef* (Affonso de Freitas):

“Graças á obsequiosidade de um amigo, acabo de travar conhecimento com o vos-o apreciado periodico, em cujo numero de 14 de Abril, ultimo, tive a agradável surpresa de deparar, sob a epigraphe *Folk-lore brasileiro* (materiaes de estudo) com a descripção do jogo infantil — *Dedo mindinho* — muito em voga, ainda que em fórma mais ampla, nesta capital, ha uns 20 annos, mais ou menos.

Como se trata de materiaes de estudo, e por ser a versão paulistana muito mais completa que a do VOCABULARIO POPULAR, reproduzo-a aqui, podendo V. S. reunir-a á bella collecção já encetada, se dessa honra julga-a digna:

Dedo minguinho (mindinho)
 Seu vizinho
 Pae de todos
 Fura-bolos
 Mata-piolhos
Quêde o toucinho daqui?
 (apontando para a palma da mão)
 O gato comeu!
Quêde o gato?
 Está no matto!
Quêde o matto?
 O fogo queimou!
Quêde o fogo?
 A agua apagou!
Quêde a agua?
 O boi bebeu!
Quêde o boi?
 Está amassando o trigo!

IX

SOBRE UM THEMA DA MEDICINA POPULAR

As pessoas que por mera curiosidade estudam as nossas crendices, sortilegios, ensalmos e methodos de cura empregados pelo povo, não podem, se acaso possuem o espirito de generalização, por um facil algebrismo deixar de reduzir a congerie de factos a certos principios essenciaes.

Os processos d'essas superstições populares fundam-se em fraudes ingenuas, em combinações verbaes, como já vimos, ou em attribuição de prestigio e milagres a certas formulas que são logo aceitas pela sua mesma simplicidade de expressão.

Terei occasião possivel de examinar alguns d'esses fundamentos da therapeutica vulgar. Não tratarei agora senão de um d'elles que se liga ao prestigio do *numero decrescente* ou do *sentido inverso*.

Era natural que se formasse nos espiritos incultos, por toda a parte, esse respeito ao *numero*. Os proprios philosophos e sabios como Pythagoras, attribuiam-lhe grandes mysterios, quanto mais o povo. Muitos factos cosmicos e successos humanos, que certos numeros recordam ainda, ficaram na imaginação popular: os *sete* planetas antigos, os *doze* apóstolos, os *treze* commensaes da Sagrada Ceia, dos quaes um havia de em breve morrer, etc., etc.

Mas o prestigio dos numeros, assim como o das formulas da magia e o das orações, ganha virtudes sobrenaturaes quando são invertidos. E' que numeros e nomes designam as cousas syntheticamente; e a subtracção ou inversão d'elles equivale á destruição dos objectos que representam.

O *Credo*, por exemplo, rezado ás avessas é, na tradição popular, uma oração fortissima capaz de domar qualquer das forças da natureza, amansar cobras ou expellir demonios. Os *numeros invertidos*, isto é, em ordem decrescente, constituem um methodo de exorcismos destruidores.

Conheci na minha infancia um curandeiro famoso, o *Antonio das Cobras*, como lhe chamavam nas feiras (pois era um domador de serpentes), o qual sabia rezar *em cruz, atravessado e ás avessas* o Padre Nosso ou a Ave Maria, entremelhando-os de

Quêde o trigo ?
 A gallinha espalhou !
Quêde a gallinha ?
 Está *botando* ovo !
Quêde o ovo ?
 O frade bebeu !
Quêde o frade ?
 Fugiu por aqui... por aqui... por aqui...

E a pessoa que interroga vai provocando cocegas, pelo braço acima do interrogado, até que este, não podendo mais supportal-as, retira o braço.

Outros ainda alongam mais o brinquedo accrescentando as seguintes perguntas e respostas:

Quêde o frade ? Está dizendo missa ! *Quêde* a missa ? Está no altar ! *Quêde* o altar ? Está na igreja ! *Quêde* a igreja ? Está por aqui..., etc.

De V. S.
Att.º Creado Obrg.º

ADEF."

numeros decrescentes *seis, cinco, quatro, tres...* que me pareciam então singulares despropositos de um mentecapto.

Fazia isto parte da sua cabala mystica. Mas governava-o uma tradição popular antiga que lhe dictava as palavras, e como todo homem primitivo, elle tinha mais a consciencia da especie que a de si proprio. O seu povo, que não elle, era quem lhe inspirava os seus methodos.

Ha uma cantiga infantil americana de John Brown que psalmodeia este rito:

*Ten little, nine little, eight little,
Seven little, six little indian boys...*

E na Inglaterra certas formulas e ensalmos contra a mordedura de *vidoras* recitam-se em numeros decrescentes. Põem-se sobre a ferida uns pausinhos de aveleira (*hazel*) em cruz, e reza-se:

*Underneath this hazelin mote
There is a braggoty worm...*
(Debaixo d'estes pausinhos de avellã
Está um bicho fanfarrão...)

E em seguida:

Ninc double is he

Now from *nine* double to *eight* double
And from *eight* double to *seven* double
..... to *six*
..... to *five*...
..... to *one*...

No double hath he (1)

O interesse, porém, d'estes curiosos documentos é a concordancia que revelam com alguns factos congeneres do nosso *folk-lore* brasileiro.

Na alma do Antonio das Cobras vivia subconsciente e esquecida uma outra alma maior e mais antiga a cujo imperio se não podia furtar. Os seus numeros invertidos eram d'aquella especie que outr'ora regia o mundo — *Numerus regit orbem*.

O nosso povo invariavelmente applica-o nos esconjuros, ensalmos e na cura de varias pestilencias.

E mais ou menos degenerada existe essa crendice por toda a parte.

Na cura da *bicheira do gado*, o vaqueiro, de longe, sem ver acaso a rez, concentra-se profundamente, benze-se e lança o seu ensalmo:

Mão que comeis,
A Deus não louvaes,
E n'esta bicheira
Não comereis mais.

(1) Publ. por H. Feilberg, tomo IV, 385; dá mesmo a indicação da cantiga de J. Brown publ. por Ch. Leland no *Journal of American Folk-lore*, II, 113, que não conheciamos.

Has de ir caminho de *dez em dez*,

de *nove em nove*,
de *oito em oito*,
de *sete em sete*,
de *seis em seis*,
de *cinco em cinco*,
de *quatro em quatro*,
de *tres em tres*,
de *dois em dois*,
de *um em um*.

E n'esta bicheira
Não ficará *nenhum*.

CANC. DO NORTE (2)

Procede-se assim, regressivamente, até a extinção dos numeros. As pessoas interessadas rezam tres Padres Nossos e tres Ave Marias; algumas têm conseguido ver durante a operação caírem todos os bichos. O ensalmo é offerecido cabalisticamente ás *cinco chagas de N. Senhor Jesus Christo*.

Este é o tratamento da bicheira nas vaquejadas do Ceará e por onde não ha o mercurio.

No tratamento das *inguas* adopta-se o mesmo systema de cura. Outro dos nossos illustres *folk-loristas* colheu uma versão do Ceará nestes termos:

Para curar *ingua* não ha como o doente deitar-se ao chão e com a perna apontar as ripas da casa (de telha vã), dizendo: *cinco, quatro, tres, duas, uma: ingua nenhuma*.

(BARÃO DE STUDART) (3)

Vê-se que é o mesmo processo da *extirpação verbal*, de que outros povos nos dão numerosos exemplos no tratamento de varias doenças. Os allemães do sul (e na Bosnia) curam a ostealgia (*knochenschmerz*) por identico systema, dizendo:

“Esta doença tem *nove olhos*, tiro-lhe um, ficam *oito*; tiro-lhe outro, ficam *sete*, etc. (e assim até a extinção).

(2) Foi colhida e registrada no *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho, pgs. XXVI-XXVII.

(3) O Barão de Studart — *Usos e superstições cearenses*; na *Revista da Academia Cearense*, XV, 1910, pg. 49. A redacção contém um leve engano na disposição dos numeros, que corrigi no texto. O Barão de Studart infelizmente não concluiu a sua interessante contribuição, de que só existe a *Princípa parte*. A correcção que fizemos está de accordo com a redacção da variante publicada por Afranio Peixoto:

Tres, duas, uma
Ingua nenhuma

na *Revista da Academia Brasileira*, III, 10, pg. 242. Compare-se no mesmo logar (pg. 246) ao ensalmo contra as *verrugos*:

Lá vão *dois* em cima *de um*,
Passa, verruga, ao pé *de um*.

"*Dieses Leiden hat nein Augen, ziehe eins ab, bleiben acht; ziehe eins ab, bleiben sieben u. s. w.*"

Na Prússia oriental assim também se esconjura outra doença:

Du hast den Fusssparr *siebenmal*
 Nein nicht *siebenmal, sechsmal*
 Nein, nicht *sechsmal, fünfmal*
 u. s. w. (4)

Não necessita ter á mão os parallelismos mais proximos, do italiano ou do espanhol, que viriam plenamente confirmar a universalidade d'esta crendice nos povos do occidente. Mas bastam os documentos da tradição nacional, nos usos singelos do povo (5).

De resto, a creença nos povos latinos se evidencia por uma formula de encantação antiga, applicada como curativo na resolução de glandulas e tumores:

Novem glandulæ sorores...
Novem fiunt glandulæ,
Octo fiunt glandulæ,
Septem fiunt...
 ...*Una* fit glandula
Nulla fit glandula

Pater Noster! Ave Maria!

Esta formula de Marcellus Burdigalensis pôde ser considerada como uma das mais antigas na especie, pois data do seculo V da nossa éra e foi publicada por Jacob Grimm.

Damol-a, pois, como o antecedente mais antigo e mais nobre da mézinha popular da *bicheira* dos nossos sertões. E bem se vê, as suas origens devem perder-se na civilização greco-romana, ainda que não tenhamos, por emquanto, documentos mais remotos.

E sempre, n'estas formulas de cura, impera o mesmo sentido, o da extincção verbal pelos numeros.

E' ainda talvez um echo longinquo d'esta superstição a creença de que contar o dinheiro que se tem, empobrece.

Como por vezes succede n'estes ensalmos, ha absoluta inconsciencia de applicação. Transforma-se em *flatus vocis* mero, n'uma cantiga ou n'uma parlenda. Repete-se a formula, sem referir-a ao seu objecto e ás suas virtudes mirificas.

Foi o que succedeu, entre nós, á chamada parlenda do *tangolo-mango*. Ella ainda

(4) *Um Krankheits Beschwörungen* do Dr. Max Bartels, no *Z. f. Volkskunde*, V, 1-40.

(5) Havia ainda a registrar alguns factos relativos ás superstições do norte do paiz, publicados ha poucos annos em um dos numeros da *Revista do Instituto Historico da Parahyba*, que n'este momento não me é accessivel.

é repetida, mas sem ponto e sem materia, como se fôra uma frivola cantiga. Examinando-a, porém, em sua textura intima, o *folk-lorista* de alguma argucia verá que não passa de um *ensalmo* que se decompoz e que se explica restituindo-o ás suas origens.

Examinemol-o.

Diz assim:

Era uma vez *dez* meninas
Mettidas dentro de um pote
Deu o *tangolo-mango* n'ellas
Não ficaram senão *nove*.

D'estas *nove* que ficaram
Deram em comer biscoito,
Deu o *tangolo-mango* n'ellas
Não ficaram senão *oito*.

.....

E assim progressivamente *vae* diminuindo o numero das *meninas*, até que desaparecem:

Mas *uma* só que ficara
Não teve agua nem pão,
Deu o *tangolo-mango* n'ella
E acabou-se a geração.

O *tangolo-mango* será um demonio ou uma obscura força destructiva, que dizima e aniquila os séres até a sua total eversão.

Ninguem sabe se é veneficio, sortilegio, bruxaria ou exorcismo. Mas tem todos os caracteres da *formula regressiva* da oração curatriz com que saram as linguas, as postemas, e as bicheiras.

E' um *ensalmo* que se decompoz e errou e perdeu com a obliteração de seu objecto proprio a categoria e especie a que pertencia.

Os versos citados pertencem a uma variante, entre muitissimas outras, existentes aqui e na Europa. Manoel de Mello (na *Rev. brasileira* e em *separata*) colligiu um grande numero de exemplos. Sobre o *Tangolo-mango* escreveu Theophilo Braga no *Povo portuguez* (II, 175). Ha variantes colhidas por S. Romero nos seus *Cantos*, por Leite de Vasconcellos nas *Trad. populares* e outros. Nas annotações com que glosei o texto da *Arte de Furtar* (ed. Garnier) tratei da expressão *tangomao* e *tangolomango* com o sentido que tem no Brasil e já assaz distanciado das origens provaveis do vocabulo.

Este sentido translato já encontramos em Gregorio de Mattos, o primeiro dos nossos escriptores (seculo XVII) que a meu parecer emprega a expressão, um pouco deturpada sob a fórma *tangarumanga*:

Mas não posso soffrer
Que um *tangarumanga*
Use de pendanga
Com lingua asneirona...

GB. MATTOS.

Está em uma das suas poesias fescenninas sob o título e moto — *Forro minha...*

Parece ser, pois, um vocabulo popular e conhecido no Brasil desde aquelle tempo.

E' muito aproveitavel e vem a proposito a reflexão que em extensa nota do seu *Folk-lore pernambucano* (pags. 527-529) inclue Pereira da Costa, conjecturando que o *Tangolo-mango* deve referir-se a uma "enfermidade, doença ou epidemia".

Julgamol-o antes o remedio, fazendo-o entrar na especie dos ensalmos por numero *decrecente*, applicavel sobretudo a doenças multiparas, erupções, tumores, inguas e quejandas. E' possivel que se refira á *avaria* por certas circumstancias que concentram e agrupam a prole.

Uma mãe pariu dez filhas
Todas dentro de um pote

ou dentro de um folle (versão pernambucana e portugueza) e pela origem equivocada, qual se vê da variante da *Revista do Minho*, pg. 142, *ad evitandam prolem*:

Eu casei-me com uma velha
Por causa da filharada,
Mas a maldita da velha
Deu-me dez de uma ninhada.

Qualquer que seja o sentido occulto ou declarado das quadrinhas populares, ellas inculcam evidentemente os seus caracteres de um sortilegio, como as suas congeneres que acabamos de analysar.

E' possivel que a expressão *tango mangro* ou *mangro* sejam reliquias de uma formula barbara, latina, perdida: *tango*, eu toco; *mangro*, eu *mallógro*, ou destruo.

Fica este caso obscuro para o exame dos etymologistas; mas se são acertadas as nossas reflexões, o *tangolo-mango* não pôde ser mais incluído na classe das cantigas. E' uma oração e ensalmo.

X

EXCURSO A PROPOSITO DA MEDICINA POPULAR

Não está fóra dos nossos propositos o estudo de expressões da medicina popular que envolvem credices e superstições.

O caso interessa por igual ao *folk-lore* e á linguística.

Ha certo numero de vocabulos que na dialectação da lingua portugueza na America não offerecem ou não inculcam origens brasilicas. São e não são indigenas, porque participam de fontes mixtas difficeis por vezes de deslindar.

São vocabulos portuguezes ou espanhoes, deformados por alterações successivas na rapida climatização que soffreram. A respeito de outros casos, parece que sem perderam o character e o aspecto de fórmulas romanicas receberam o contacto e o influxo de fórmulas indigenas ou caminharam seguindo o mesmo parallelismo.

Sem alargar demasiado o exame da questão, proponho-me estudar aqui duas expressões intelligiveis — *empalamar* e *encarangar* — que offerecem alguma curiosidade n'este genero.

De facto — *empalamar* — diz-se no Brasil (mórmente nas regiões do Norte)

do individuo doente de *opilação*, de côr terrena e amarella, de compleição languida, triste e melancolica. E' caracteristico o ar de profunda tristeza e infortunio dos *empalamados*: parecem, antes, victimas de hypochondria ou de não sei que molestia de espirito.

Os portuguezes conhecem a expressão — *empalamado* — de uso outr'ora mais frequente e hoje raro, mas sem este sentido caracteristico. O *empalamado* classico é o que está coberto de *emplastos*, é o *emplastrado*, por assim dizer, e, por extensão, coberto de chagas e ulceras (?), segundo a duvidosa definição de alguns dos seus lexicographos.

Nenhuma d'essas accepções se conforma com o significado normal e corrente no Brasil. Não é, porém, difficil descobrir a apparente contradicção dos dictionaristas.

A verdade é que, depois de Bluteau, que deu a definição propria do vocabulo, veio Moraes, em quem se deu uma hesitação curiosa.

Como brasileiro e pernambucano, conhecia provavelmente Moraes o sentido de *opilado* que tinha a palavra e quiz, pois, deduzir *empalemado* de *empellamado* (posto em cortume) por metathese que nada teria de singular, é certo, mas que vinha á maravilha para explicar o caso.

Assim, *empalamado*, *emplastrado* em portuguez, na sua accepção de *opilado* e *inchado*, devia explicar-se por *empellamado*, que se diz do couro ou pelle *inchada* e posta a curtir. Foi isso o que fez Moraes, aproveitando o registro feito em Bento Pereira (*Empellamar* — in maceratorium demergere) e allegando um texto de Dom Francisco Manoel, que absolutamente não serve ao caso.

O texto é o seguinte: "Tambem eu cá tenho outro *empalemado* que era todo elle muito bom para carão de dama; porque todo o desfarão á unha." *Cartas*, 1ª ed., pg. 467. E' justamente o mesmo texto allegado por Bluteau para o sentido de *emplastrado*, o unico que conhecia e que corresponde á intenção do escriptor, como se vê da propria frase que não comporta a correcção infeliz de Moraes.

O *empalamado* da linguagem dialectal brasileira, tem outro e diverso sentido. Aparece com esta fórma e com outra derivada evolutivamente (*empalamado* — *empañemado*) *empambado*. E' a victima do amarellão. E' o triste, o desditoso, infeliz e quasi alheio ao mundo, como assentamos. Ora esse estado de depressão e infortunio expressa-se por um vocabulo indigena — *panema* — da lingua tupi, ainda usado no extremo norte, na Amazonia.

"*Empañemar*: tornar *panema*, encaiporar.

"*Panema*: infeliz na caça ou na pesca... Etymologia: tupi, *panema*, guarani *paneme*, desventura, desdita, desgraça; (ficar *panema*) desditoso, desventurado" (1).

O individuo, e as proprias cousas ficam *empañemadas* por infracção de qualquer *tabú*. Uma das causas que mais contribuem para *empañemar* é a intervenção ou presença de mulher grávida (2)

(1) V. Chermont de Miranda. *Glossario Paraense*, 37 e 71.

(2) *Ibid.* 71. Moraes (2ª e 4ª ed.) conhecia o vocabulo registrado em Bluteau (*empalamado*) e adiciona o de Bento Pereira (*empellamar*) julgando que o primeiro é corrupção do segundo, sem razão ou justificativa apreciavel. Domingos Vieira nada adianta aos seus predecessores.

O oplado e hydropico de gordura froixa, como diz Moraes, o *empalemado* castiço ou *empanemado* indigena representam um estado de desventura definido pela superstição dos aborígenes.

Deve admittir-se, pelo menos, o influxo simultaneo das duas linguas nas vozes convizinhas, *empalemado* e *empanemado*, que originaram o sentido differencial que entre nós possui essa palavra.

O vocabulo portuguez que se ia archaizando ganhou vida nova, graças á arraigada superstição indigena.

Como é natural, todas as molestias de tristeza e affecções mentaes não podiam ser *sine materia* explicaveis, para o indio, senão por influxos mysteriosos compatíveis com o seu animismo primitivo.

O *empanemado* é sempre uma victima da acção malefica de um demonio.

Na etymologia, pois, d'essa palavra apuramos a convergencia e o contacto bilingue da cultura americana.

Diz-se tambem *empinimado* ou victima de *pinima*.

Caso semelhante de reciproco influxo ou de parallelismo de acção, entre a lingua portugueza e a indigena, é o que se verifica no vocabulo *encarangado*, de uso popular no Brasil.

Encarangar é ficar rigido, de membros tolhidos, ficar entrevado, "sem movimentos os dedos das mãos, não se podendo juntar as extremidades digitaes" (3), encolhidos, engelhados (4).

É um caso frequente nas paralyrias, em affecções rheumaticas, que acabam por tolher ou minguar os movimentos dos que as soffrem:

Ao primeiro exame parece tratar-se de uma derivação românica plausivel: *carango* por *caranco*, *cranco*, metathese vulgar de *cancro*; e foi o que succedeu normalmente a *caranguejo* por *cancrejo* e é nome do conhecido crustaceo e popularmente da doença do *cancro*.

O *cancro* tem as designações plebéas de *caranguejo* e *carango*. O *carango* é especialmente a comichão da pelle produzida por doença ou parasitas e d'ahi a frase — *coçar o carango*.

Encarangado e *encarangar* é, pois, uma derivação perfeitamente regular de *carango*, embora não a vejamos registrada nos dictionarios, sempre falhos, da nossa lingua. Foi registrada, porém, nas *Infirmidades da Lingua* de M. Joseph de Paiva (Lisboa, 1759), á pag. 119.

Entretanto, outros materiaes parallelos originados da lingua indigena vieram robustecer a fórma vernacula. A fórma guarani *caruguá* e a tupi *caruá* e *caruára* usada na Amazonia indicam essa especie de paralyria ou mingua de movimentos, determinada pelos que a definem: "Rheumatismo, dôres pelas articulações, mofoza dolorida por todo o corpo, mau estar por quebrante" (5).

É evidente que as derivações *encarugado*, *encaruado*, do tupi, vieram fundir-se

(3) No R. G. do Sul, Romaguera — *Vocab.*, s. v.

(4) No Ceará, Raym. Magalhães — *Voc. pop.* s. v. E' o mesmo sentido de *entrevado* por *entrevado*.

(5) V. Chermont de Miranda, *Glossario Paraense*, 23.

com o *encarangado* de procedência européa, emprestando a este o sentido de entrevado, ou sem movimentos, que não possuía. A confusão das duas palavras foi tão completa e perfeita que um dos nossos melhores lexicos dialectaes define uma pela outra. Assim diz Chermont de Miranda a proposito da palavra *encarangado* (que por engano julgou brasileira):

“ENCARANGADO: entrevado, tolhido, soffrendo de *caruára*.”

Encarangado, em rigor, seria o que soffre de *carango*. A verdade é porém que o termo tem o sentido exacto das expressões indigenas *caruára* e *caruguá*, paralytico, tolhido. Outras expressões ainda atraçoem a mesma origem: *encruar* por *encruar*, tornar-se rígido e inteiriço.

Parece ainda accusar a mesma origem ou certa afinidade, pelo menos, de processos de derivação, a palavra *cangalhas* com o sentido especial conhecido na região das minas.

Em Minas Geraes os pretos que trabalhavam grande parte do dia dentro d'agua em certos serviços de mineração eram, por isso, victimas frequentes de uma doença conhecida pelo nome de *cangalhas* (alteração de *caruguá*?) a que um medico do seculo XVIII em seu livro curiosissimo, o *Erario Mineral* (pags. 360 e seguintes), consagra um capitulo: — “Da enfermidade a que chamam commummente (no Brasil) *cangalhas* e eu lhe chamo convulsões de nervos”.

Ao doente de *cangalhas* fecham-se-lhe as mãos, tolhem-se outros membros, reteza-se o corpo, que fica sem movimentos.

E' o mesmo caso do estupôr, da *caruára*, *caruguá* e do *encarangado*, *encaruado* e *encruado* de outras regiões.

O autor do *Erario Mineral*, Luis Gomes Ferreira, exerceu a medicina pelos começos do seculo XVIII nas minas de ouro do Brasil. O seu livro foi editado em Lisboa em 1735 e é certamente um dos documentos mais curiosos da nossa cultura de antanho.

Cada um d'estes casos, e não são de certo os unicos, merecia exame mais acurado, mas sinto que me falta a autoridade do tecnico em questões da medicina.

A verdade é que esses vocabulos regionaes pertencem a um typo curioso e mixto, luso-brasileiro, porque é possível explical-os por uma ou outra das fontes da nossa civilização.

XI

INTERMEZZO. UMA FORMULA POPULAR

E' conhecida, entre rapazes, em Sergipe, esta formula com que se pedem ou se *filam* cigarros:

Adão foi feito de barro,
O amigo dá-me um cigarro ?

Aquelle que não satisfaz o pedido em geral costuma dar a seguinte resposta, tambem em verso:

Adão foi feito de barro,
E foi nosso pae primeiro;
Quem quizer fumar cigarro
Vá comprar com o seu dinheiro.

Em Pernambuco, usa-se uma variante tambem muito conhecida em todo o norte do paiz; e foi registrada por Pereira da Costa:

— Ha tres dias que não cómo,
Ha quatro que não escarro;
Adão foi feito de barro,
Amigo dá-me um cigarro ?

— De barro foi feito Adão,
Amigo, não tenho não (1).

Outra formula de resposta é uma evasiva mais sympathica, que se diz da seguinte maneira, em tom de pesar:

Me perdôe o nobre amigo
Se o cigarro não lhe dou,
O petrecho que eu trazia
Caíu n'agua e se molhou

O peor caso, porém, não é a negativa, ou recusa. E' quando o amigo solicitado apresenta a sua carteira de duas vistas, em uma das quaes estão os chamados *mata-ratos* para os filantes (2).

XII

AS SUPERSTIÇÕES DOS SONHOS. ORIGEM DOS LIVROS POPULARES DOS SONHOS

Proponho-me dizer agora da superstição dos *sonhos*, que é uma das regiões phantasticas do *folk-lore*.

Pretendem alguns homens graves que o outro mundo, muito maior que este em que vivemos, é a obra exclusiva do sonho. A's almas primevas e incultas o sonho deu logo a impressão e a noticia de outras realidades distantes e inacessiveis. Pelo menos, é o sonho o maior responsavel da metaphysica.

Se foi o sonho que criou os seres invisiveis, as noções do incognito e do sobrenatural, as fadas, os deuses e os demonios, as religiões e os mythos como projecções absurdas, de nosso proprio pensamento, — é certamente essa uma hypothese que pouco nos adianta ou nos esclarece.

(1) Pereira da Costa — *Folk-lore Pernamb.*, pg. 575.

(2) Não de ter notado talvez que em todas as formulas preceentes vem muito mal a proposito o nosso *pae Adão*. As rimas de *cigarros* são raras; naturalmente a primeira que occorreu foi *barro*, e com este *barro*, que foi materia prima do primeiro homem, veio Adão necessariamente. E' o que me parece.

Não conheço as formulas parallelas que devem existir no *folk-lore* de outros povos.

Para criar tantos phantasmas não fôra preciso dormir. A vigília é também capaz de os engendrar; e ao calor da imaginação qualquer estímulo, por mínimo que seja, perdido nas profundezas do cerebro, pôde desintegrar-se n'um infinito de criações e de espectros. Bem estudada, a vida social e humana repousa sobre poucos dados empíricos e desenvolve-se n'um labirinto de deducções e de idolos mentaes. Infelizmente tudo é pura logica, na pratica. O homem é victima da intelligencia e dos raciocínios.

Mas dos sonhos sonhados tirou o povo lições extravagantes, prenuncios ridiculos e monstruosas tolices.

O povo não vive só de pão nem tão pouco de verdades; cultiva as suas mentiras uteis e os seus candidos embustes.

Quem quizer que o desengane.

O *folk-lorista* pouco se dá das austeridades da philosophia.

Não é, pois, sob esses aspectos de interesse philosophico, mas literario, que vamos examinar o assumpto.

Era natural que sobre os sonhos versasse a questão essencial: que significam ? que sentido escondem ?

A propria sciencia desde Hippocrates até hoje não os desdenha e acha que algo querem dizer essas criações phantasticas que tão incompreensíveis e absurdas nos parecem.

Os antigos acreditavam no sonho como numa mensagem divina: Διὸς δὲ τοι ἄγγελός ἐστι. Tal é o mensageiro que Deus envia a Agamemnon concitando-o á guerra (*Iliada*, II, 25).

E como o sonho toma todas as fórmãs, Ovidio criou o typo de *Morpheus* hoje familiar a todas as linguas cultas. Devia de ser uma divindade esse revelador de mysterios incongruentes como a palavra enigmatica dos oraculos.

A Biblia está cheia de sonhos divinos, os de Jacob, os de Labão e Daniel, etc. Os proprios judeus em Roma exerciam uma especie de industria dessa arte divinatória, disse Juvenal, não sem certo espirito prophético, porque de facto os judeus vendiam já então muitos sonhos á credulidade do mundo.

E' certo que a religião e doutores antigos condemnavam a mentira dos sonhos e a sua vacuidade; mas sempre resalvavam pelo menos os sonhos de inspiração divina.

Seria materia para um tratado percorrer toda a historia classica d'essa superstição. Não é talvez inutil recordar aqui, que a opinião de Aristoteles de que não se devia descrever de todo da advertencia dos sonhos teve enorme repercussão na sciencia antiga e medieval. Cicero combateu, mas frouxamente, a chamada *divinatio naturae* por opposição á dos haruspices.

E se Salomão recusa fé aos sonhos — *Nisi a Domino fuerit visitatio ne des somniis cor tuum* —, a sua propria historia, as de Jacob, Labão, José... collocam-no sob as mesmas reservas de Aristoteles que subtilizava sobre possibilidades aceitaveis.

E' interessante conhecer nesta materia a historia que nos conta Plinio, o naturalista (*H. Nat.* XXV, 6): um soldado da guarda imperial mordido por um cão damnado recebeu na occasião uma carta de sua mãe que em sonho teve a revelação de um remedio contra a mordedura de cães. A mãe do soldado vivia na Espanha e

a indicação do remedio chegou no momento proprio. E' este um sonho da classe dos *divinos* como os tinham os heroes de Homero.

Eis o texto de Plinio:

Nuper cujusdam mili tantis in p[ro]etorio mater vidit in quiete ut radicem *silvestris rosae* quam *cynorrhodon* vocant, blanditam sibi aspectu pridie in fructo, mittit filio bibendam: in Lacetania res gerebatur, Hispaniæ proxima parte; casuque accidit, ut milite a morsu canis incipiente aquas expavescere, super veniret epistola orantis ut parere religioni; servatusque est ex insperato, et postea quisquis auxilium simile tentavit.

E' provavel que tambem aqui se trate de um dos mythos verbaes muito frequentes na farmacopéa antiga, pois que a *rosa silvestre* de que fala Plinio era como elle diz o *cynorrhodon*, isto é, a rosa do cão. Ou o remedio deu o nome á planta, ou o da planta suggeriu o remedio.

Examinamos em outro logar os mythos de formação verbal (1).

Podemos, todavia, ainda hoje considerar *divinos* todos os sonhos que, nascendo do fundo obscuro e inconsciente da nossa alma, nos advertem do nosso proprio dever.

Tal foi o de São Jeronymo que sonhou comparecer diante do tribunal de Deus:

— Quem és tu ?

— Sou um christão.

— Tu mentes ! E's um ciceroniano; onde está a tua curiosidade ahi está o teu coração e a tua alma.

Desde esse dia, São Jeronymo resolveu não abrir nunca mais um livro classico.

O sonho, n'este caso, é um aviso salutar e pôde ser uma reacção contra a abolia dos caracteres fracos ou indecisos. Que maior victoria que a de vencer-se a si mesmo?

E' o exemplo de Galeno de quem se conta que por um sonho se dicitiu a abraçar a carreira da medicina.

Como quer que seja a sciencia de hoje dá um certo valor á interpretação dos sonhos. Segismundo Freud que é considerado o maior sabio que tem estudado esta materia chega a conclusões que seria impossivel recusar. As principaes são de que os sonhos correspondem a processos visceraes internos, do coração, dos pulmões, do estomago e de outros orgãos.

São symptomata morbidos ou normaes, que exprimem a tempera d'alma, extensão e elasticidade dos desejos, e, mau grado as apparencias, são pelo menos mais logicos do que absurdos (2).

Desta sciencia hirsuta e difficil está livre o *folk-lore* que tudo explica suavemente. A imaginação popular contenta-se com a sua alchimia primitiva e nos ensina a prever futuros e a descobrir thesouros com a mais encantadora simplicidade.

(1) Os scepticos, como Petronio, diziam que sempre sonhamos segundo as nossas preoccupações: o soldado com a guerra, o piloto com o naufragio e em summa "pela noite adiante perjuram as nossas feridas".

In noctis spatio miserorum vulnera durant.

Satyricon, CIV

E' esta uma regra muito desmentida.

(2) Os sonhos de *levitação* e de *vôo* correspondem a certo rythmo da respiração, o de *aguas* e *inundações* a movimentos da bexiga, etc. e todos correspondem a um desejo visceral e profundo. Por isso diz Freud "só se sonha o que vale a pena sonhar". Este mesmo Dr. Freud é o innovador de uma theoria ou explicação do Hysterismo. O seu trabalho *Traumdeutung* (Explicação do sonho) é considerado uma obra capital nesta materia; o conteúdo das suas idéas acha-se vulgarizado no interessante livro *Le Monde des Rêves* de Haveloc Ellis (trad. francesa de Lautrec) por onde as conhecemos.

E' claro que nos escapa o aspecto scientifico da questão que excede a competencia do *folk-lorista*. Damos aqui apenas uma indicação bibliographica.

A philosophia da imaginação popular é que os sonhos são por essencia contradictorios. E' uma doutrina facil, *à contrariis*.

Sonhar com a morte é signal de vida, sonhar com dinheiro é pobreza; com roupas, nudez; com risos, lagrimas que se approximam.

Para o povo o sonho é uma eterna antinomia e cada coisa é o symbolo da que lhe é contraria.

Porque ?

Porque, como queria Petronio, o pobre deve sonhar com a sua pobreza. E, como quer Freud, deve sonhar com thesouros, isto é, com o seu desejo hysterico, mas visceral e profundo. Ha lá dentro, um temôr ou uma vontade, que relampela no inconsciente do sér.

Nem todos os sonhos, porém, são contradictorios. Os interpretes são latitudinarios e liberaes na sua exegese, que não é menos complicada que a dos sabios; d'ahi uma literatura enorme e curiosa.

Hoje em dia, correm milhares de folhinhas, almanagues e lunarios que explanam commodamente todos os sonhos. Ha uma freguezia infinita de senhorinhas e até matronas que consultam esses oraculos com a mesma fé dos apóstolos.

E' curioso fazer a historia d'estes livrinhos dos sonhos.

Começaram em Veneza quando o famoso editor Aldo Manucio publicou o primeiro texto de Artemidoro de Epheso (1518). Pouco depois da impressão aldina pulularam as traducções e paraphrases da *onirocritia* ou symbolica dos sonhos, segundo as vistas daquelle grego, contemporaneo de Marco Aurelio.

Os mais notaveis dessa epigonía foram o *Libro dei Sogni*, o *Eco* e o *Albergo della Fortuna* que no seculo XVI constituíram as fontes dos almanagues divinatórios daquelle época da renascença por diante.

A obra de Artemidoro havia sido ainda fortalecida pelo tratado de *oniromancia* do antigo bispo christão e philosopho Synesius.

Os folhetos de cordel, *pliegos sueltos* e livros de cego, tomaram á conta sua, popularizaram e arraigaram a superstição antiga, entre as mil alterações e interpolações viciosas que accresceram ao texto primitivo.

Aplicações novas avolumaram o thesouro dos sonhos propheticos. Os italianos, seguindo á letra o catalogo numerado do *Libro dei Sogni*, adaptaram o criterio divinatório aos proprios numeros, o que ainda hoje dura como uma obsessão incoercível (3).

E' claro que a abundancia dos factos, das edições successivas dos *Livros de sonho* tornam hoje impossivel a organização de um texto *ne varietur* da chave primitiva. A restituição da doutrina primitiva só a poderá fazer a mais paciente erudição.

Aqui e allí, pôde a historia ou a comparação restabelecer hypotheticamente um ou outro principio mais ou menos plausivel.

Vejamos alguns exemplos:

Vão. Sonhar que se vña é indicio de crescimento ou ambição. E' um dos mais antigos; foi sempre verificado que é muito commum nas crianças e rapazes novos,

(3) O governo italiano, é sabido, ganhou quatro milhães de liras quando morreu Pio IX; toda a gente em Roma jogou nos numeros do papa: 7 (dia da morte), 32 (annos de pontificado) e 86 (a idade); e todos quantos jogaram no loto official perderam.

O mesmo tem succedido entre nós com o *jogo do bicho*. Dos *bichos* passamos aos *numeros*, ás terminações, dezenas e centenas da loteria.

Final, é a mesma tolice a desenrolar-se infinitamente...

dahi a explicação tendenciosa de *crescimento*. O vôo, a levitação, a queda sem tocar o solo, sem contusão, eram sonhos já descriptos em Lucrecio.

de montibus altis
se quasi precipitent ad terram corpore toto

Lucrecio, IV, 1014.

Repetido em Cervantes (*Dom Quixote*, I, XVI), contado pela filha da albergueira. Era emfim o *mytho* do ambicioso Icaro.

Ora, o *crescimento* é um dos efeitos observados pela amplificação que o somno ou a dormencia dá ao proprio corpo e membros que parecem avolumar-se e dá a todas as cousas e a todas as impressões, facto já verificado na chloroformização (4).

Ao *crescimento* associou-se a ambição: "*to dream you are flying is not good; it denotes the dreamer is too presumptuous and vainly ambitious and romantic*" (5).

Ovos. Nos sonhos o ovo equivale a dinheiro. Artemidoro dizia que o ovo symbolizava o ganho, o lucro. Talvez porque é um rendimento, praticamente dos maiores, ainda maior que a onzena dos usurarios.

Cicero conhecia este symbolismo e delle é a anedota depois repetida do sujeito que, havendo sonhado com ovos, foi consultar um explicador de sonhos. Este deu a resposta de que a alva queria dizer *prata* e a *gemma ouro*. O sujeito muito se alegrou com a explicação e deu ao exegeta em pagamento uma moeda de prata. O adivinhador não gostando da paga, perguntou-lhe: E da *gemma* não dá nada? (*Nihilne de vitello?*).

PEROLAS. As perolas são sempre lagrimas, pois que a ellas se assemelham. Póde chamar-se o *sonho historico* pela sua fatalidade: attestam-n'o o exemplo do collar de Antonieta, e os brilhantes volvidos em perolas no sonho de Maria de Medicis, nas vespuras do assassinio de Henrique IV.

São factos que mais arraigaram a antiga superstição.

DENTES. Já Artemidoro entre os antigos opinava, como hoje, que a *queda de dentes* em sonho symboliza a perda de pessoas da familia ou de amigos do peito.

Este symbolismo ainda perdura nos folhetos e lunarios modernos.

Artemidoro explicava que a bocca era como um lar cheio de prole (6).

Os italianos têm um proverbio que naturalmente se deve associar a este caso: *Doglia di dente, doglia di parente*; ou porque a dôr é passageira em ambos os casos ou porque o proverbio é uma suggestão do antigo symbolo de Artemidoro (7).

Ainda vive esta superstição de quasi vinte seculos, entre nós, e sob a fórmula que foi registrada por Afranio Peixoto:

(4) Na chloroformização, em seus começos, o paciente attribue uma extensão enorme a pequenos movimentos da lingua ou dos dedos *Haveloc. Ellis, op. cit. 171*. O sonho de vôo é produzido pelo rythmo respiratorio, sobretudo a inspiração profunda que augmenta a leveza do corpo em qualquer meio ambiente menos denso, o ar ou a agua. Freud affirma que é uma sollicitação de ordem genetica.

(5) De um *chap-book*, publicado por J. Brand, *Popular Antiquities*, III, 137. Veja-se na obra de Ellis o que a respeito dizem S. Jeronymo, Synesius, Spencer, Beaunis, Wundt, Mosso, etc. A dormencia da pelle collada ao leito estimula a idéa de levitação.

(6) E' digno de nota registrar a superstição ingleza que ainda perdura. Um escriptor, Lilly, da época de Isabel, diz num dialogo:

Ismena: I dreamed mine eye-tooth was loose...

Mileta: It fortelleth the loss of a friend...

E' como se vê uma superstição ainda mais universal e catholica que o romanismo.

(7) Kleinpaul — *Sprache ohne Worte*, 70.

“Sonhar com dentes que caem é morte; se com os de frente, será de parente proximo”.

Rev. da Acad. Bras. III, 10 pg. 247.

E como se conservou intacta, literal, no seu longo percurso, desde a remota antiguidade até ás nossas plagas!

Como na Italia, tambem no renascimento francez as obras de Artemidoro tiveram enorme repercussão.

O medievo barbaro havia preparado um terreno propicio: os sonhos eram então considerados como a sombra da verdade — *somnium quasi veritatis umbra* — como na obra de Gualterio Mapes; o famoso *Roman de la Rose*, do *trouvère* Gillaume de Lorris, assenta a sua fabulação nos sonhos (8).

Os francezes traduziram Artemidoro, e mais, atravez do grego, os tratados do philosopho arabe Alpomazar, ambos resumidos na primeira chave dos sonhos *Art et jugement de Songes* de Anselme Julien, medico do seculo XVI (9).

Estas duas correntes, a italiana e a franceza, se lhes ajuntarmos o contingente dos arabes, devem constituir a caudal portugueza que passou ao Brasil.

Estão cheios os livros da literatura classica lusitana d'essas abusões desde os seus primordios. Os primeiros chronistas não se esqueceram de os registrar, dando-lhes inteiro credito. Assim o fizeram, o maior d'elles, Fernão Lopes e os que vieram depois. Comprova-o na *Collecção de Inéditos da Historia Portugueza* o sonho de estreilas cadentes em Fernão Lopes, 107, 108, 111; na de outro chronista, o sonho do mouro arabe, II, 251. Mais tarde, sec. XVI e XVII, a literatura do Bandarra e do Encoberto offerece larga messe de exemplos. Cousa insulsa seria repetir aqui aquellas extravagancias.

Durante algum tempo procurou-se explicar a *chave* dos sonhos pelos hieroglyphos egypcios: como na linguagem hieratica, idéas e palavras são representadas por figuras de coizas e animaes, era possivel estabelecer-se a confusão entre os symbolos, quando vistos em sonho, com as idéas que elles representam na escripta.

O sentido dos sonhos seria neste caso um mytho verbal. Um exemplo caracteristico nesta especie é o do sonho do Pharaó (Genesis XLI), sonho durante o qual viu as espigas formosas e as vaccas magras. O hieroglypho da abundancia na lingua egypcia é uma *espiga*, assim como é a *vacca* o symbolo da estiagem e da deusa do deserto *Isis*.

Em qualquer caso, esta duvidosa exegese quando muito seria applicavel á litteratura religiosa semitica e não concorda com a greco-latina de Artemidoro que fórma o fundo das superstições modernas (10).

As historias de sonhos tem por vezes um sentido edificante.

Quero, entre o immenso numero d'ellas, exemplificar com o conto de um sonho largamente vulgarizado em todos os paizes da Europa: o *Sonho do thesouro sobre a*

(8) Aliás, Lorris inspira-se, quanto ás linhas geraes, no *Somnium Scipionis* de Cicero (que naquella época passava por ser de Macrobio). Veja-se Gastão Paris — *Esquisse hist. de la littér. française au moyen âge*, 195.

(9) Nisard — *Histoire des livres populaires*, I, 235.

(10) Os autores christãos combatem naturalmente essas interpretações. Veja o *Dict. de Théologie* de Bergier, vol. VI (s. v. *Songe*) pg. 139 e seq.

ponte. E' o *Rêve du trésor sur le pont* dos francezes, o *Traum von Schatz auf der Brücke* dos allemães, etc. (11).

Damos aqui uma esquecida versão portugueza que achamos no *Divertimento de estudiosos* (12).

"Um fidalgo catalão chamado Marcos que por desgraças dos seus antepassados veio a cair em pobreza, sonhou varias noites successivas que, deixando a patria, passava a França e que em *uma ponte* junto a Narbona, achava um grande thesouro. Deu credito ao sonho, e foi buscar a ponte, em que se poz frequente a considerar aonde poderia estar a ventura, que esperava.

"Passava por alli um Fidalgo francez que lhe perguntou a razão de sua continua assistência. Marcos lh'a contou e o francez havendo-lhe censurado o deixar sua casa por semelhante coisa, lhe disse finalmente: — Tambem eu não estivera em França se dera credito a sonhos; pois ha pouco tive um, que em Barcelona e em casa de um chamado Marcos me promettia achar debaixo de uma escada um grande thesouro.

"Marcos dando por certo achar o que alli buscava, voltou á patria, cavou debaixo da escada da sua propria casa, e achou uma grande caixa de ferro, que encerrava um cabrito e uma grande cabra de ouro maciço, com que ficou rico" (13).

Provavelmente as historias deste typo descendem da que se conta nas *1001 Noites* (IV, 46 na ed. Weil) e affectam varias redacções modernas.

E' curioso notar esse pormenor da *ponte* que se depara nas variantes europeás e falha em outras asiaticas, onde em logar da *ponte* ha uma mesquita, hospedaria ou *caravansarai*.

Parece, pois, indicar apenas um logar, ponto e prazo de estrangeiros ou viajantes. Entre os romanos havia um *genius loci* nas pontes que estavam ligadas aos ritos da religião; dahi o *pontifice*, o *rex sacrificiorum*, constructor das pontes, epitheto aproveitado pelos christãos para o seu summo sacerdote (14).

A *ponte* é o logar de passagem para além, para a aventura.

O sentido moral do conto é pois muito mais profundo e quer dizer que é inutil procurar longe a fortuna, ella está sempre perto, no proprio lar, ou não existe.

Para mim, é a mais verdadeira de todas as historias de sonhos.

XIII

INTERMEZZO. FOLK-LORE INFANTIL. "EX-LIERIS" NAS ESCOLAS

Usa-se ainda hoje, entre rapazes, de uma formula de *Ex-libris* de grande diffusão nos paizes de civilização europeá e provavelmente muito antiga, segundo se pôde deprender da extensa vulgarização por varias terras.

A formula quasi sempre se depara em versos e tem grande numero de variantes. Eis algumas dellas:

(11) *Rêve du Trésor sur le pont* na *Rev. des Trad. Pop.* XIII, 193, XIV, 111; uma versão arabe da Argélia, XXV, 86; *Traum vom Schatz*... em varios tomos da *Z. f. Volkskunde*, mormente no vol. de 1909, pg. 289, artigo de Joh. Bolte. Este conto foi o assumpto escolhido por Grimm para um dos seus discursos academicos. O assumpto parece esgotado, mas nenhum dos que o trataram conheceu a versão portugueza que damos acima.

(12) Por José Marques Soares, Lisboa, MDCCL: é um livrinho em dois tomos, de materias curiosas, anedotas literarias e apotegmas portuguezes.

(13) Esta historia, bem se vê dos pormenores é espanhola (fidalgo catalão, Barcelona) ou de origem provençal (a ponte de Narbona). E' todavia a unica que conhecemos na literatura portugueza.

(14) No *Royal Dream Book* extractado por Brand *op. cit.*, sonhar que se atravessa uma ponte indica a procura de novo e melhor bem estar.

- a) Usadas no Rio de Janeiro e communicadas por alumnos do *Collegio Pedro II*:

Se este livro fôr perdido,
Por acaso fôr achado,
Para ser bem conhecido
Leva o meu nome assignado.

O meu nome é... (F.),
Que me foi na pia dado;
Meu sobrenome é... (X.),
Que de meu pae foi tirado.

Outra:

Quem este livro pégar
Não causa admiração,
Mas quem com elle ficar
Péga, péga, que é ladrão !

- b) Em Sergipe conheci a seguinte variante, muito usada nas escolas:

Livro meu muito amado,
Thesouro do meu saber,
Folgarei de te encontrar
No dia em que te perder.

Se não me souber o nome
Quem te tiver encontrado
Lendo..... (r)
Verá abaixo assignado.

- c) O que me chamou attenção para as formulas anteriores, de que eu já havia tomado nota, foi deparar-se-me outra muito mais antiga, por letra do seculo XVIII, na folha de guarda de um exemplar das OBRAS ESPIRITUAES, de Fr. Antonio das Chagas (Coimbra, 1728). Diz assim, textualmente:

Se este livro fôr achado
Quando venha a ser perdido
P.^a q.^e seja conhecido
Leva seu dono assignado.

E se por acaso for emprestado,
P.^a algum conhecimento
Dece-lhe bom tratamento
Não se deixando esquecer,
P.^a q.^e não venha a ser
Livro de esquecimento.

Copiei literalmente com a metrica e a orthographia do original.

- d) Estes singelos *ex-libris*, creio que são de uso em toda a Europa e ainda nos paizes de origem européa na America.

Eis uma variante que copio da folha de guarda de um livro inglez:

My *boock* is a thing
My fist *ist* an other
If you steal the one
You will feal the other.

(1) Esqueceu-me o verso.

As duas palavras italicas indicam que a formula provém de um teuto-americano, ainda incerto no conhecimento da lingua.

Conheço a este proposito algumas formulas allemãs, que se não distinguem essencialmente das nossas, senão que em geral se endereçam aos ladrões de livros e praguejam as penas que merecem:

Dieses Buch ist mir lieb...

é quasi a nossa formula, pelo introito:

Livro meu muito amado

A versão mais generalizada e mais concisa é a seguinte:

Dieses Buch ist mir lieb
Wer es stiehlt, der ist ein Dieb;
Kommt er an einen Stein,
Bricht er sich ein Bein,
Fällt er an einem Graben,
Fressen ihn die Raben (2).

Esse tom insolito e cruel, quasi não apparece em cantigas nossas, nas quaes se não desejam tamanhos males a bibliokleptas e a malfeteiros. Mas é preciso notar que os dois ultimos versos se reportam a um brinquedo infantil, o que modera a pena.

Uma praga semelhante á allemã é a que se rogava aos pobres pretos, se morriam:

Negro *gêge* quando morre
.....
.....
Urubú tem que comer! (3)

Mas era menos um desejo que um facto, não raro na lugubre historia da escravidão.

Os nossos ladrões de livros são muito mais felizes; e até o susto que prevenia um *ex-libris* antigo com a letra de Horacio — *ossa ab ore canis* — não passou nunca de singella flôr de rhetorica.

(2) Simrock — DAS DEUTSCHE KINDERBUCH, n. 351. A seguinte variante allemã do século XVIII, encontrada na folha de rosto de uma biblia, foi publicada por W. Schwartz:

Dieses Buch ist mir lieb,
Wer es stiehlt, der ist ein Dieb;
Es sei Herr oder Knecht.
Der Galgen ist sein Recht.
Kommt er an ein Haus,
So jagt man ihn hinaus.
Kommt er an einen Graben,
So fressen ihn die Raben.
Kommt er an einen Stein,
So bricht er Hals und Bein.

(3) Cantiga popular da Bahia, que se cantava com a musica do ORPHEO, de Offenbach:

Negro *gêge* quando morre
Vai na tumba de *banguê*;
Os parceiros vão dizendo:
Urubú tem que comê!

A antiguidade d'essa especie de *ex-libris* está bem comprovada por innumerous exemplos desde que a imprensa deu grande circulação ás obras dos grandes auctores. Sem terem o prego dos antigos manuscritos, das copias e illuminuras antigas, eram ainda assaz estimados e guardados contra a furia dos ladrões.

Todas as formulas provém naturalmente de uma unica, e uma das versões mais antigas diz assim (Seculo XVI):

Hic liber est meus
 Qui furatur erit reus
 Certe poena capitis
 Vi petatur lapidis (!)
 Dein discat sinere
 Possessori reddere (4)

Embora deturpada é ainda a formula mais ou menos dos nossos dias.

XIV

POESIA POPULAR

ESTUDO SOBRE O ROMANCE DA BELLA MAL MARIDADA (UMA CANTIGA MEDIEVAL).

La bella mal maridada
De las mas lindas que yo vi.
Cantiga tradicional.

— Casada ?

— E maridada

De las mas lindas que vi.

PRESTES — *Autos*, 304.

E vós *bella maridada*
De las mas lindas que yo vi
 Sae cá fóra, sae.

CHIADO, pg. 65.

Menina, não sei dizer
Vendo-vos tam acabada
 Quam triste estou por vos ter
Formosa e mal empregada.

CAMÕES — *Redondilhas*.

A *bella mal maridada* é o thema de um romance antigo que se espalhou desde o norte da França ás terras latinas do sul.

A *mal maridada* não é todavia o typo subtil, de complicada psychologia, como a vemos asiduamente nos romances e no theatro contemporaneo.

E' apenas a *mal casada* com um marido que a maltrata. Ella deseja a morte do verdugo, mas não viola a fé do matrimonio; a moral medieva não permitiria com tanta frequencia o *facto diverso* que é hoje o adulterio.

(4) Publicada por K. Weinhold, de um exemplar da *Ars bonae mortis* (1602). Ha outros mais antigos.

Ainda assim, e com todas essas restrições éticas, diz Jeanroy, o erudito historiador da *Poesia Lyrica Franceza*, o thema não é de origem popular "il ne se rencontre que dans un cadre de convention", e deriva da poesia cortezã dos *trouvères*.

Jeanroy pertence ao numero dos que sonégam ao povo a auctoria dos seus versos anonymos.

Divulgou-se, todavia, aquella cantiga entre as gentes romanas, por onde correm versões varias da *Mal mariée*.

Na península, as versões mais antigas foram colhidas no *Cancioneiro geral* espanhol e no *Cancioneiro musical* (dos seculos XV e XVI) de Barbieri (1).

Como o romance da *Mal mariada* teve enorme repercussão na literatura, mórmente na poesia quinhentista, é curioso conhecer o texto segundo uma das versões mais conhecidas (2):

a) La bella mal mariada
De las mas lindas que yo vi (*sic*)
Veote triste, enojada,
La verdad dila tu á mi.
Si has de tomar amores,
Vida, no dejes á mi.
Que á tu marido, señora;
Con otras damas le vi
Bezandolas e abrazando;
Mucho mal dice de ti
.....

A conclusão d'esta variante inculca a sua formação relativamente moderna; conserva a fórma *dramatica* que vem da sua origem franceza, mas aqui já a *mal mariada* está disposta a dissolver o vínculo conjugal:

Sácame tu, el caballero,
Sacasesme tu de aquí,
Por las tierras donde fueres
Te sabré muy bien servir;
Yo te haré la cama
En que hayamos de dormir.

Vê-se, pois, que é uma redacção moderna do seculo XVI e não representa o prototypo que ainda apparece, por exemplo, em Luís de Narvaez (1538), que apenas diz:

— Acuerdate cuam amada
Señora, fuiste de mí.

(1) Barbieri, cuja erudição se limita a coisas espanholas, acredita que o thema da *Mal mariada* é de origem nacional e concorda com uma nota apposta ao *Cancioneiro de Burlas*, onde se identifica a *Mal mariada* com uma certa senhora llamada *Peralta*, de gentil belleza e de grande infortunio em sua vida conjugal.

Essa supposta origem hispanica é insustentavel.

(2) Esta versão é a que se deprehe de uma glosa de Quesada, impressa em um *pliego* de letra gothica; d'ella extrahiu Duran o texto, um pouco differente, do seu *Romancero general*.

e tudo se resume n'esse anhelado platonico e inoffensivo mais congruente com as versões arcaicas do romance.

E esse era o thema conhecido de Gil Vicente, e não al, pois que a sua versão da *Mal maridada* "com graça", como já notou um critico, foi introduzida em uma tragi-comedia representada nas bodas d'El-Rei em 1525.

Gil Vicente faz dizer a um negro:

La bella mal maruvada,
De linde que a mi vê,
Vejo tá triste nojada
Dize tu razão puruquê.
A mi cuida que doromia
Quando ma foram cassá;
Se acordaro a mi jazia
Esse nunca a mi lembrá.
La bella mal maruvada
Não sei quem cassa a mi,
Mia marido não vale nada,
Mi sabe razão puruquê.

II, 330-331.

Desaforo de negro, este, de cantar a *mal maridada* no casamento d'el-rei e de dizer que o *marido não valia nada!* Mas esse fingido atrevimento, degenera em panegyrico e exaltação da Rainha nova. E' uma habilidade da lisonja.

O texto de Gil Vicente parece-me viciado, pelo menos em dois logares, e apresso-me a suggerir a lição que me parece mais correcta.

Como as rimas são alternadas em *i*, é claro que a ultima palavra deve ser *puruqui*, variante de *puruquê*

Mi sabe razão *puruqui* (3).

O terceiro verso tambem não pôde começar por *Vejo ta triste*, pois que o esdruxulo é raro ou impossivel quasi na prosodia dos negros. Deve ler-se *Vejo tá triste*:

Vejo tam triste nojada,...

Esta correccão não só é intuitiva e indispensavel, mas é a que está de accordo com uma das conhecidas variantes da *Mal maridada*:

b) *La bella mal maridada*
De las lindas que yo vi
Veo-te TAN triste enojada
La verdad dila tu a mí.
Si has de tomar amores
Por otro, no dejes a mí.

N'esta versão que é da *Primavera* de Wolf, explica-se por *veo-te tan triste* o *vejo-ta triste*, que não pôde deixar de ser um erro do texto de Gil Vicente.

(3) No castelhano todas as rimas são em *i* agudo, caracteristico das versões antigas d'este romance.

Quando o grande comico portuguez tiver a edição definitiva preparada por C. Michaëlis, a correccão que proponho será naturalmente reconhecida.

Temos ainda no *Triumpho do Inverno*, do mesmo poeta, uma parodia da *Mal maridada*. Recita-a uma forneira, pessoa do drama:

— *Marido mal maridado*
Dos móres ladrões que eu vi,
Vejo-te mal empregado
 Mas peor vejo eu a mi,
 Que se fora tecedeira
 Casada com tecelão,
 No inverno e no verão
 Sempre andara a lançadeira...

E diz o *ferreiro* em resposta:

Tu *velha mal maridada*
Das mais bravas que eu vi,
Vejo-te mal castigada
 Porque eu hei medo de ti.

Ter-se-á notado que Gil Vicente repete sempre os tres primeiros versos, o que inculca seguramente que lhe era familiar a variante (b).

Outra e original conheci-a. Em obra posterior no *Auto da Lusitania*, achamos a menção:

Las aves á la desposada
 Sabe que se monta ahí?
 Cantarla han por alvorada
La bella mal maridada
Mal gozo viste de ti.

III, 292.

Ha uma theoria talvez excessiva que vê no fundo e substancia de todas as canções lyricas francezas, o monologo e depois a canção dramatica e dialogada da *Mal mariée*, mais de origem cortezã que popular.

Como quer que seja, nas terras do sul, entre os seculos XV e XVI, aquelle thema ou as suas feições se entrevêem mais ou menos nitidamente nas composições amorosas, talvez pela coincidência com o drama humano dos amores infelizes, coisa vulgar e de todos os tempos. Assim parallelamente podemos vêr nos versos de *Macias*:

Nembrate de mi, Sennora,
 Por cortezia
 E sempre te venna em mente
 E non dexes teu servente
 Perderse por obridança
 Pois que mia nembrança
 E' ta figura...

(ED. RENNERT, 40-41).

Diz o mesmo um dos textos da *Mal casada* do *Cancioneiro* de Barbieri sob n. 158:

Miembresete cuan amada
 Señora fuiste de mi

 Miraras que en tu servicio
 Es ya pasada mi vida

Outra passagem de Maclas em que diz contra os maldizentes:

Deus ençalce a muit'onrada
 E confonda o mal amigo.

(*Ibi.* pg. 50).

não se distancia muito da linguagem de uma das variantes italianas:

Quel cui Cristo confonda

que é um doesto ao marido incapaz ou indigno (4).

Muitas outras referencias á cantiga da *Mal casada* podem ser colhidas nos documentos literarios portuguezes do seculo XVI. Na monumental edição de Sá de Miranda, aponta Carolina Michaëlis um grande numero de allusões que se deparam nos nossos escriptores e se d'elles exceptuarmos a que se refere a um passo da *Eufrozyna* não indicado e que não conheço, e a que concerne ás *Obras metricas* de Dom Francisco Manoel, que me parecem muito remotas ou pouco caracteristicas (a duas *mal casadillas*, tomo I—; III, 134) é indubitavel que pouco haveria a ajuntar aos logares classicos ahi indicados (5).

Parece, pois, que já no seculo XVII começou a esmorecer a tradição e a lembrança d'aquella cantiga, naturalmente por influxo das letras eruditas que fizeram esquecer muitos dos themas populares frequentes na obra dos quinhentistas.

A musica com que se cantava a *Mal casada* no tempo de Gil Vicente devia ser a mesma que se cantava em Espanha. Vamos dal-a segundo o texto de Barbieri, mas sómente a parte de soprano ou tiple, reduzida á *clave de sol*, que é, graças ao piano, uma das mais conhecidas (6).

Em confronto com a espanhola faremos em seguida a transcrição da *Mal mariée* franceza, segundo o modelo reconstituído por Pierre Aubry, e que lhe pareceu "assaz caracteristica" dentre varias melodias do mesmo thema poetico (7).

(4) Texto cit. em Jeanroy — *Poésie lyrique*, 152.

(5) A do trovador Diogo de Mello:

Casada *sem piedade*
 Vosso amor me ha de matar.

E' pouco expressisva.

A indicação *Chiado*, fl. 4 corresponde á pg. 65 da ed. Alb. Pimentel. A indicação sem logar da *Eufrozyna* talvez seja, por engano, a que caberia á fl. 46 (acto II, sc. I) da *Aulegrafia*: "Aquella *mal casada* não se toma com fita vermelha"... E', todavia, tambem possivel que se depare na *Eufrosina*, o que de momento não alcancei verificar.

A cantiga de Nuno Pereyra corresponde a de pg. 295 da edição de Gonçalves Guimarães (Coimbra).

(6) No *Cancioneiro* de Barbieri a cantiga distribue-se por vozes de *tiple*, *contralto*, *tenor*.

Bastaria transcrever a pauta de *tiple* ou *soprano*, transpondo da *clave de dó* em 1ª linha para a *clave de sol* na 2ª e foi o que fizemos.

(7) Aubry — *Trouvères et troubadours*, 44.

Contentemo-nos apenas com haver assentado a antiguidade do famoso romance na literatura portugueza.

TEXTO CASTELHANO

(Barbieri n. 158)

(TIPLÉ)

La bel - ta mal ma - ri - da-da de las mas fin - -
 das que vi miem-bre- se - te cuan a - ma - da
 sen-no- ra fuís-te de mi Mi - ra co - mo
 por que - rer-te tie-nes al ca - bo mi xi - -
 da

TEXTO FRANCEZ

(Aubry, 44)

MODÉRÉ

Por coi me bair mes ma - ris? Lais - set - te! Je ne
 li ai rienz mes - fait Ne riens ne li ai mes - dit Fors c'a-
 col-ter mon a - min, Sou - le- te Por coi me bair mes ma-
 ris? Lais - set - - te

XV

INTERMEZZO DO FOLK-LORE INFANTIL. AMANHÃ É DOMINGO...

Uma das primeiras lições para as creanças é a dos nomes dos *dedos* ou a dos *dias da semana*.

D'esta solicitação nasceu um pequeno genero literario, da especie *dedo min-dinho seu vizinho*.

Além d'essa, ha uma parlenda infantil muito graciosa, que, numa das versões que melhor conheço, diz assim:

a) Amanhã é domingo
 Pé de cachimbo;
 A areia fina
 Deu no sino;
 O sino é de ouro
 Deu na torre;
 A torre é de prata
 Deu na mata;
 A mata é valente
 Deu no tenente;
 O tenente é mofino
 Deu no menino;
 O menino é tolo
 Deu um tapa-olho.

Representa esta variante a corrupção do thema fundamental muito mais perfeito, segundo se depreheende de suas proprias incongruências (dita versão não é unica no Brasil).

O *thema fundamental* presumo ser o da alegria infantil que decorre da perspectiva de um *dia santo*, ou *feriado proximo*, e mais, dia de festa, ou de missa: d'ahi as idéas successivas: *amanhã é domingo*, — *o sino* — *a torre*...

Se assim é, no meio das numerosas variantes de tal parlenda, devemos aceitar como mais fieis e menos alongadas da original as em que melhor se traduzam aquellas idéas elementares.

Assim, uma conheço que diz na altura do terceiro verso:

b) Gallo monteiro
 Pisou na areia,
 A areia é fina
 Que dá no sino...
 O sino é de ouro
 Dá no besouro...
 O besouro é de prata
 Que dá na mata;
 A mata é valente... etc. (1)

(1) Colhida por Sylvio Romero — ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR NO BRASIL, pg. 243. A versão é de Sergipe. Cf. Pereira da Costa — FOLK-LORE PERNAMBUCANO, pg. 503.

Nesta variante o *encadêamento* das idéas é muito mais perfeito; basta notar que na primeira (a) a *torre* dá na *matta*, o que é um absurdo e tira todo o ambiente; na segunda (b) a *torre* dá no *besouro*, e o *besouro* dá na *matta*, o que é mais racional e melhor adequado á associação das idéas.

E não é só este pormenor o mais interessante. a versão *b* introduz um elemento novo, o *gallo monteiro*, que se denuncia em outras variantes conhecidas sob varios appellidos: o *gallo francez*, ou o *gallo montez* (2).

Seria prolixo estampar aqui todas as versões indicadas.

Basta-nos reflectir, pelo que já foi dito, que facilmente se restitue o texto primitivo, nas idéas essenciaes, juntando esse pormenor do *gallo* (versão *b* e congeneres), que é um attributo commum das *torres* de igreja.

Vemos assim associados o *domingo* tão grato aos rapazes e as festas de igreja, a *torre*, o *gallo*, o *sino*...

Não parece ser outra a idéa fundamental deste thema infantil.

Não é menos certo que em muitas versões se allude, de mistura, a outros divertimentos domingueiros — *corridas de toiros* (Ad. Coelho e Vieira de Andrade, nos logares e obras citadas) ou, em certas versões espanholas, a casamentos de burla. Nesta ultima corrente de idéas que produziu inumeras variantes encontramos as seguintes:

a) Mañana es domingo
De pipiripingo
Se casa Respingo
Con un gorrion...

b) Mañana es domingo
Y es día de respingo,
Se casa Benito
Con um pajarito...

(2) *Gallo francez* numa variante colhida por Ad. Coelho — JOGOS E RIMAS, 31; *gallo montez*, nas TRADIÇÕES POP. DO DOURO, de Vieira de Andrade, pg. 44.

E tambem *gato montez*, como na versão açoriana:

O gato *montez*
Pica na *rede*
A *rede* é *miúda*
Toca na tumba...

TH. BRAGA — *Canc. pop.*, 2ª ed., 281.

Verifiquem-se as alterações verbaes:

o gato *montez*
pica na *rez*
A *rez* é de barro
Repica no adro.

Ibid., 281.

- c) Tingo, tilingo
Mañana es domingo
Se casa la gata...
- d) Tilingo, tilingo,
Mañana es domingo.
Se casa la pita
Com um burriquito...
- e) Mañana es domingo
De San-Garabito...
De pico de gallo
De gallo mortero...

As duas primeiras são européas e peninsulares; as tres ultimas são americanas (*c* é de Cuba; *d* é de Venezuela, colhida por H. Schuchardt; *e* foi colhida em Puerto Rico). Todas falam do *dia de respingo* (dia de saltar e brincar), ou em diversões e brinquedos proprios das creanças (3).

Conheço as variantes de um thema francez — *a semana do preguiçoso* — em que não ha dia de trabalho. Eis uma dellas:

Lundi, mardi, fête;
Mercredi, je n'y puis être;
Jeudi, Saint Thomas;
Vendredi, je n'y serai pas;
Samedi, à la ville,
Dimanche à la messe
Et ma semaine sera faite (4).

Enumeram-se aqui todos os dias como se foram feriados, ou inuteis. No Brasil, na região do Norte, accrescentam por vezes á parlenda, de que nos occupamos, a designação do sabbado:

Hoje, é sabbado
Pé de *quiabo*,
Depois é domingo
Pé de *cachimbo*...

Este accrescimo inicial resultou da incomprehensão do texto primitivo. *Quiabo* é uma planta herbacea; mas *pé de cachimbo* não é especie botanica, e allude seguramente á liberdade do individuo, á fuga ou repouso do trabalho. *Abalar os cachimbos* é fugir, dar á perna.

Nas variantes portuguezas continentaes e ilhescas encontramos *pé de cachimbo*, *páo do cachimbo*, e raramente *pé de pingo* (Elvas), *pé do cachimbo* (Madeira).

E pôde não ter sentido algum, basta que seja uma rima para *domingo*.

Como em outras parlendas o essencial para o espirito infantil pode ser a *enumeração* dos dias como em outros casos a dos dedos da mão (5).

(3) Publ. as variantes citadas nos CANTOS POP. ESPAÑOLES, de R. Marin, t. I, pgs. 56, 129.

(4) RIMES ET JEUX DE L'ENFANCE, par E. Rolland, pg. 277-278.

(5) Ha uma hypothese: a de que essas parlendas se originaram dos nomes primitivos dos dias

XVI

OS PROBLEMAS POPULARES

Os problemas mais communs das tradições populares são as adivinhãs tão largamente conhecidas.

Outras especies são talvez mais interessantes.

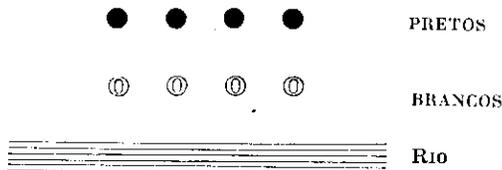
Ha um problema, diversão e entretenimento popular, que é um quebra-cabeças de não pequena difficuldade. Conheci uma pessoa que o propunha e o resolvía, após as baldadas tentativas dos circumstantes.

E' o seguinte, cuja historia, que pretendo referir, remonta a uma certa antiguidade:

Quatro individuos brancos e senhores querem passar um para o outro lado de um rio *quatro escravos negros* e revoltados. Dispõem de uma canôa, que apenas comporta duas pessoas. Na travessia é indispensavel proceder de modo que nem em uma, nem em outra magem os *negros* fiquem em maioria, porque, neste caso, matariam os senhores.

Como agir ?

Eis o problema representado, para maior clareza, neste graphico:



A travessia é realizada por dois, no maximo; um d'elles deve voltar com a canôa, para se continuar a operação até que todos passem á margem fronteira.

E' costume, para facilitar a solução, representar os *pretos* por grãos de feijão e os *brancos* por grãos de milho.

As condições do problema difficultam naturalmente a solução; por exemplo: na

da semana. De que arte, porém, *solis, lunae, martis, mercurii, jovis, veneris dies* se transformaram nos versos da parlenda actual, é coisa difficil de crêr.

Os elementos actuaes já degenerados são os seguintes, absurdamente:

domingo	cachimbo	pingo	caminho	respingo
gallo montez.	gato m.	gaita	vallo francez	
rez.	rede			
areia fina	sino	{ rez de barro		
		{ adro		
sino de ouro.	{ torre			
	{ touro			
mata	padre			
va'ente	tenente	{ touro bravo		
		{ fidalgo		

Ha tantas rimas quantas sem razões n'este quadro. Sem falar em outras variantes. Dois termos são contudo essenciaes, o *domingo* e a *igreja* (sino, torre, gallo) e por isso acredito que se trata apenas de uma vespera alegre do dia santo.

primeira travessia não podem ir *dois brancos*, porque então ficariam em terra *quatro pretos* contra *dois brancos*, que seriam victimados.

E' preciso que o numero de *pretos*, afim de que estes sejam contidos, nunca exceda o de *brancos* numa, ou noutra margem.

A solução exige, portanto, que na primeira travessia sigam *dois pretos*, ou um *preto* e um *branco*, e, nesta segunda hypothese, o *preto* não pôde desembarcar: volta com a canôa. Uma variante franceza é a *traversée de trois ménages* de tres maridos ciumentos.

Este problema é bastante antigo e acha-se sob varias fórmãs, allás menos difficeis, generalizado por differentes povos europeus.

O enunciado mais conhecido na Allemanha, França e Italia é o do *Homem* que tem de atravessar o *Rio* com uma *Cabra*, ou *Ovelha*, um *Lobo* e um *Repólho*. Só dois devem transitar na canôa; mas é preciso attender a que a cabra não pôde ficar com o lobo, que a devoraria, nem o repólho com o herbivoro, cabra, ou ovelha, por motivo analogo.

A solução é a seguinte:

Vae primeiro o *Homem* com a *Ovelha*, deixando com o *Lobo* o *Repólho*, que permanecerá intacto, já se vê; depois o *Homem* leva o *Repólho*, mas na volta traz a *Ovelha*; na terceira viagem leva o *Lobo*; na quarta e ultima, a *Ovelha*.

Já era conhecido este problema desde o seculo XII, segundo um hexametro que indica a solução:

It capra, fertur olus, reddit hæc, lupus it, capra transit (1)

Ainda no seculo XIV é conhecido o disticho por letras que indicam as pessoas da farça:

O natat, L sequitur, redit O, C navigat ultra
Nauta recurrit ad O, bisque natavit ovis.

As letras symbolicas são iniciaes promptamente intelligiveis O-*ovis*, L-*lupus*, C-*caulis*. Suppõe-se nesta solução que os animaes effectuam a travessia a nado, o que não prejudica essencialmente a questão proposta (2).

E verificou-se que realmente o problema tinha raizes mais remotas no medioevo e figura entre as *Propositiones* de Alcuino, o sabio conselheiro e amigo de Carlos Magno (seculo VIII); se foi tomado á tradiçào, seria talvez sabido dos antigos romanos. A proposição de Alcuino é a seguinte:

— *Homo* quidam debebat ultra fluvium tranferre *lupum*, *capram* et fasciculum *cauli*. Et non potuit aliam navem invenire, nisi que duos tantum ex ipsis ferre valebat. Præceptum itaque ei fuerat, ut omnia hæc ultra illæsa omnino transferret. Dicat, qui potest quomodo eis illæsis transire potuit?

Ou, em vulgar:

Certo *homem* devia fazer passar além de um rio um *lobo*, uma cabra e um mólho de *couves*. E não achou barca senão uma que apenas podia levar duas

(1) Publicado por Joh. Bolte, é este documento considerado do seculo XII. *Zeit. für Volkskunde*, VII, pg. 95.

(2) No mesmo logar citado.

destas coisas. Era-lhe tambem condição imposta que as levasse sem damno e intactas. Diga, quem souber, de que modo poude elle transportal-as ?

A solução de Alcuino é a mesma conhecida: primeiramente foi com o homem a cabra, depois o lobo, voltando a cabra, em seguida a couve e por ultimo a cabra, que é a que mais viajou. E conclúe: *Sicque faciendo facta erit remigatio salubris absque voragine lacerationes* (3).

Além do problema dos pretos e dos brancos, que devem fazer a travessia de um rio, e que é popular aqui no Brasil, não sei de vestigio algum na literatura portugueza, antiga, ou moderna.

E' digna de nota essa ausencia, pois que o famoso problema deixou traços profundos na literatura e na linguagem popular de outros povos, como o attestam dois proverbios, o francez — *Ménager la chèvre et le chou* — e o italiano sob as palavras — *salvar capra e cavole*.

O proverbio italiano é explicado por Pico Luri de Vassano de modo um pouco differente (4). Origina-se de um historia popular: um camponio levava, em viagem a pé, um lobo, uma cabra, seguros e presos, e um bello repólho, que sobraçava. Ao chegar a uma *pinguela*, examinou o caso, como no problema acima estudado, e d'ahi o proverbio.

Na pratica, o dito emprega-se com o sentido de fazer o bem sem prejuizo ou damno de outrem, em occasões delicadas e difficeis.

Em castelhano, ha o dito — *salvas barras* — quando se quer resalvar o interesse de terceiros (5); mas não lhe descubro analogia com o de *salvar a cabra*, do antigo proverbio (6).

(3) Ha ainda outra versão latina na Chronica de Albert von Stade, num dialogo entre dois clérigos, que se propõem difficuldades numa disputa. Pergunta um delles: *Lupum, hircum et pondus cãulis ita per aquam ducas in modica navicula solam rem capiente, ne lupus hircum mordeat, nec hircus caules devoret ?*

Pedantescamente o outro sabichão responde: Isto é uma fabula de crianças ! Qualquer menino de cinco annos transportará primeiramente o *bóde*, etc.:

"Haec est fabula puerorum. Quidam puerulus vir quinque annorum, etc.

A chronica de von Stade é dos meados do seculo XIII.

(4) *Modi di dire proverbiali*, n. 696, pg. 321.

(5) Registrado no *Vocabulario* de Corrêas: *Salvas barras*; quando se quiere algo, ó concede sin perjuiçio de otro. Pg. 565.

(6) A variante do problema (*A cabra e o lobo*) é tambem corrente no Rio Grande do Sul, S. Paulo e talvez em outros pontos do Brasil.

Problema entre nós conhecido, mas que não me parece popular, tem certa affinidade com aquelle. E' o da distribuição em partes iguaes do leite que sobrou da venda feita por dois *leiteiros* que levaram ao mercado 3 bilhas de capacidades differentes, de 3, 5 e 8 litros. A bilha que sobra intacta é a de oito litros; trata-se de dividil-os em duas quantidades iguaes, dispondo dos tres vasos, dois dos quaes já vasos (os de 3 e 5 litros). A solução encaminha-se por meio de distribuições successivas, trasfegando o liquido de uns para outros.

Este problema, embora vulgarizado sufficientemente, não tem o caracter tradicional, nem a antiguidade do primeiro. A solução é assim obtida, schematicamente:

8	0	0
3	5	0
3	2	3
6	2	0
6	0	2
1	5	2
1	4	3
4	4	0

Outro problema curioso, mas erudito, é o das pontes de Koenigsberg, estudados por Euler e Leibnitz.

XVII

INTERMEZZO DO FOLK-LORE INFANTIL. QUEM VAI AO VENTO...

De futilidades mais graves podemos passar a outras mais tenues. O *folk-lore* infantil dissipa os grossos tedios da erudição.

Peña é que intervenha pessoa grande para só inutilizar a poesia d'aquelle mundo.

Nada escapa á aridez futil dos analysts. A pobreza de imaginação ou qualquer vicio de espirito insanavel engendra essas occupações morbidas.

Voltemos ás crianças e á sua poesia.

Onde quer que se ajuntem, por vezes as crianças são numerosas e os logares são poucos. Uma ou outra cadeira, um banco, tronco de pau, ou rebarba de muro não bastam á multidão garrula, ou attenta, que se apinhôa para ouvir historias, ou dar á taramela.

Se acaso uma sáe, logo outra se apossa do logar vago, e não ha como reclamar contra a occupação, porque, dizem ellas:

Quem vae ao vento
Perde o assento,

e dizem tambem:

Quem vae ao ar
Perde o logar.

Os italianos dizem, com má rima, a mesma coisa:

Chi va a San Francesco
Perde 'l posto e 'l banchetto.

E' um costume geral e cosmopolita.

Rege-se pelo mesmo codigo a miuçalha franceza:

C'est aujourd'hui la Saint Lambert
Qui quitte sa place la perd.

ou então, mais concisamente:

Qui va à la chasse
Perd sa place.,

onde a rima corre parelhas com a italiana, e são uma e outra méras vozes toantes, como é quasi sempre o estylo nos versos populares e infantis.

Notei acima esses parallelismos da literatura infantil para deixar em relevo alguns traços differenciaes das nossas formulas, a despeito da idéa fundamental.

Nós outros não admittimos a restituição do logar perdido, e o primeiro occupante nada pôde allegar no nosso direito infantil. Não sei de formula alguma que expresse a conveniencia da restituição; entretanto, ella existe, pelo menos como platonica reclamação, no *folk-lore* de outros povos.

Os versos francezes assim se completam em dialogo:

— C'est aujourd'hui la saint Lambert
Qui quitte sa place la perd

com a replica:

— C'est aujourd'hui la saint Laurent
Qui quitte sa place la reprend.

Ainda a mesma contradicta se observa na segunda formula:

— Qui va à la chasse
Perd sa place.,

a que responde o prejudicado contra o usurpador:

— Et qui revient
Chasse le coquin.

Entre os hespanhoes ha o mesmo dialogo:

— Quien fué a Sevilla
Perdió su silla.

— Quien fué y volvió
La recobró.

Parece, pois, se pudessemos tirar conclusões sociologicas de um jogo infantil, que a tradição portugueza se mostrou sempre infensa ás restituções, e pelo *uti possidetis*, que foi um principio das colonias americanas.

Os francezes limitam-se a uma resposta verbal, em certas variantes:

— Quand il revient
Trouve un *gros chien*,
Il le chasse
Et r' prend sa place.

Em outra variante a replica é mais delicada, ou ironica:

— Que revient
Trouve un *chrétien*,
L'y laisse
Avec politesse.

Quando ha altercação de palavras, por vezes uma criança diz com graça pesada e atrevidissima:

— Ta bouche a raison,
Mon c. a tort.
Je leur f'rons faire mignon
Pour qu'ils soient d'accord.

Assim, gemem os vencidos.

E' de um antigo poeta hespanhol, quinhentista, Castillejo, um poemeto liberrimo sobre as ausencias forçadas de um marido, das quaes se aproveitavam a mulher e outra pessoa:

Por guardar
Aquel *proverbio* vulgar
I sentença mui esquiva
Que *el que fuese a lo que iba*
Dice que pierda el lugar...

Este *capitulo sobre el amor* (é assim que se chama) foi publicado no CANCELARIO DE OBRAS DE BURLAS PROVOCANTES A RISA e attesta a antiguidade da facecia infantil.

E' curiosa a migração d'aquella idéa fundamental, que parece commum a povos tão varios e alongados, e provadamente indica uma fonte romana ou latina de antiguidade que não posso determinar.

Para essa philosophia infantil a ausencia é sempre um erro, quando não é um crime, e é agradável pensar que entre crianças a deserção do posto nunca pôde ser justificada.

Fóra do dominio romanico não conheço variantes desse especimen *folk-lorico*. Comtudo, sei que as têm os allemães, quanto ao *logar na mesa*, sempre ao azar das usurpações, e por isso é que uma rima infantil adverte:

Wer nicht kommt zu rechter Zeit,
Muss nehmen, was noch übrig bleibt.,

o que quer dizer — quem não chega á hora marcada só lhe cabem os restos...

Ha tambem neste caso a possibilidade de reclamação, quando uma criança occupa logar que pertence a outra, o que por varias fórmas dialectaes se expressa, dizendo — Levante-se, que o logar tem dono, p. ex.:

Up steit,
Stä geit.
(I. é., Aufstehn! Platz ist vergeben).

Outra consideração ha ainda que podemos referir á variante franceza, já citada:

C'est la saint Lambert,

e é que effectivamente na Allemanha, em Münster, no dia de São Lamberto (17 de setembro), ha o costume de uma procissão de crianças, á bocca da noite. Saem ellas em pompa, enfeitadas, levando cirios, e dançam nas ruas e cantam:

Van Aowend (heute) is Sünt-Lammerts-Aowend,
Köff (kauf) mim Moor (Mutter) en Häring, etc.

Parece, pois, que a diffusão dessas rimas infantis, sobre o direito de occupação, foi muito mais larga do que á primeira vista se poderia imaginar.

Não tiramos outra conclusão psychologica que a da espontaneidade deste sentimento primitivo da propriedade.

Mas, não é com esse intuito que alinhamos esses confrontos e cotejos da poesia infantil, mas para mostrar a unidade da nossa cultura (1).

XVIII

TRANSFORMAÇÃO DE ESPECIES FOLKLORICAS

Uma das curiosidades do *folk-lore* é a sua continua e ininterrupta transformação. Essa instabilidade natural do pensamento é de si mesmo axiomática, e não necessita, em principio, qualquer demonstração.

O phenomeno é entretanto difficil de ser surpreendido, quando falham as pegadas e os tramites da sua evolução. Quando possuímos um resultado nem sempre podemos descobrir os elementos que se encaminharam para o perfazer.

Quando lemos por exemplo na comedia *Eufrosyna*, do quinhentista Jorge Ferreira, o seguinte proverbio: "*Muitas coisas sabe a raposa, e o ouriço-cacheiro uma só* (1), logo entendemos que esta frase se explica por uma historia ou por uma fabula do que é ella o resumo, o epimythio ou a *moralidade*. Mas, que é dos elementos da historia ou do conto? Quando e onde falliu a astucia proverbial da raposa?

Em todo caso temos aqui duas especies: um *proverbio* que devia ter resultado de um conto ou fabula; e um *conto* que pôde espontaneamente gerar-se e desenvolver-se mediante o *proverbio*. Realmente, o adagio é de origem latina: *Ars varia vulpis, ast una echino maxima*, e tambem *multa novit vulpes, sed felix unum magnum*.

Mas ha casos de mutação ainda mais complexos; uma *fabula* contém sempre os elementos de um drama, pôde pois ser representada, e degenera assim em um *jogo popular* ou de sociedade.

D'esta arte, outra especie *folklorista*, como a dos *jogos* ou *brinquedos*, pôde provir de fabulas ou de contos dramatizados.

Poderíamos ainda estender essa possibilidade aos *mythos*, enigmas, adivinhas, orações, ensalmos, fórmulas e outras criações populares.

O difficil é levantar n'essa prole infinita a linhagem que nos conduza ás fontes primitivas. São muitos os cruzamentos e as contaminações que se descobrem em caminho; mas afinal não é impossivel superar esse labyrintho.

Tal nos pareceu o caso de um *jogo popular* assaz conhecido no Brasil, o da *Morte do Gallo*.

E' como o *pau de sebo* (2) um entretenimento e diversão muito frequente nas nossas cidades do Norte.

Ao centro de larga praça onde se ajunta a multidão de curiosos jaz fincada ao solo uma estaca de dois covados encimada por um *losango*, posto sobre um dos seus vertices, e que symboliza o *gallo*.

D'entre os curiosos apparece sempre quem queira ser o *Raposo* que deve matar

(1) Bibl.: TENTOS PARALLELOS, R. Marin, t. 1 e app.; JEUX D'ENFANCE, Rolland; Jogos, Ad. Coelho; CANG. DE BURLAS (ed. de 1872); DEUTSCHES KINDERLIED UND KINDERSPIEL, Böhme.

(1) *Eufrosyna*, acto I, sc. IV. "Ella desvela-se por me acolher e nem leva a paço achar-me tam duro dos fechos, mas muitas cousas sabe a raposa, e o ouriço-cacheiro uma só: por onde nunca me torna descoberto".

(2) O *pau de sebo* ou o mastro de Cucanha, que é preciso grimpar para alcançar a bolsa de dinheiro que está no alto. E' uma diversão tambem conhecida nos paizes europeus.

o gallo, e assim ganhar um premio. O *Raposo* sujeita-se a ser vendado; dão-lhe um cutello, e depois de o obrigarem a dar diferentes voltas, sobre os calcanhares, deve sahir de facção alçado a busca do gallo.

Estabelece-se, então, um rapido dialogo com o fim de facilitar a orientação do *Raposo*.

Diz o *Raposo* para o *Gallo*: Abra a bocca e feche os olhos!

Um sujeito, acocorado atraz da estaca, canta de gallo por tres vezes.

Suppõe-se que é o bastante para que o *Raposo* recupere a orientação, acaso perturbada.

Sae então o *Raposo* e, calculados os passos que deve dar, brande o cutello... no vacuo, porque é mui pouco provavel que acerte.

Uma grande vaia acompanha o mallogro do campeão.

Outros *Raposos* apresentam-se até que termina o jogo.

Ha n'esta diversão popular alguns pormenores dignos de nota: as personagens (*Raposo* e *Gallo*), a venda dos olhos, a recommendação de *os cerrar*, feita ao gallo e o *losango* posto como escudo symbolico sobre a estaca (3).

A nosso vêr, esse jogo é apenas a degeneração de uma *fabula* que tem origens classicas e que o povo reduziu ás formulas theatraes que acabamos de referir. *Fabula* era mesmo, entre os latinos, a denominação propria do *drama*.

E' o que vamos pesquisar, desentranhando-o das suas origens historicas.

Teremos que examinar successivamente para maior clareza a genese da criação popular nas suas tres phases essenciaes:

I. A *fabula classica*, greco-romana. E' a da *Raposa* e do *Corvo*.

II. A *fabula oriental*, arabe. A *raposa e o gallo*, que em certas variantes é uma *anti-fabula*, no sentido especial de que corrige a versão classica.

III. A contaminação de ambas as correntes populares que se fundem no occidente.

Poder-se-á então comprehender a significação que tem o entretenimento que é já uma derivação simultanea d'aquellas fontes

I. A *fabula classica*

A *fabula classica* é a da *Raposa e o Corvo*, a mais vulgar e conhecida e que teve maior divulgação no *folk-lore* e na literatura. E' uma lição aos que se deixam embahir pelo amavio dos aduladores.

Ao ver empoleirado o corvo que traz um queijo no bico diz de baixo a raposa, lisongeira:

— Guardem-te os céos, ave excelsa!

.....

Fôras o assombro da terra

A teres voz... mas és muda!

Logo ao nescio de mostrar-lhe

Que tem voz cresce o desejo,

E um grasno soltar querendo

Abre o bico e cae-lhe o queijo.

(3) Ha variantes: o *losango* é substituido por um gallo de papelão pintado, por uma bo'isa de moedas ou ainda por um gallo de verdade. O dialogo tambem começa: *Manda el-rei de Portugal...* Seria desejavel conhecer as versões d'esse entretenimento. Pereira da Costa no seu *Folk-lore pernambucano* não se refere á *Morte do gallo* nem ao *Pau de sebo*, duas diversões que fazem o desporto dos dias santos grandes em quasi todo o norte do paiz.

Eis a raposa lh'o apanha
 Come-o e diz-lhe: "Reconhece
 Corvo estúpido que a liconja
 Sempre é filha do interesse (4).

Acompanhemos a evolução da fabula descendo ás suas fontes mais remotas. Em Esopo é ella de extrema simplicidade.

Eil-a literalmente:

"Um corvo roubando *um pouco* de carne empoleirou-se n'uma arvore, a raposa vendo-o e querendo apossar-se da carne elogiou-o de bom talhe, bello, e tambem que lhe competia ser o rei dos passaros e seguramnte o seria se tivesse voz.

"Eile (*o corvo*), querendo mostrar-lhe que tinha voz, abandonando a carne, gritava grandemente: e ella (*a raposa*) correndo e apanhando a carne, diz: Corvo! tens tudo, busca sómente espirito.

"A fabula convém á gente insensata."

Na redacção de Esopo não se reprocha ao Corvo mais que a *falta de espirito* (*πτησαι μόνον νοου*). Sabemos que essa redacção conhecida nas classes escolares é moderna, mas é certo que ella existiu pelas referencias dos escriptores antigos á fabula grega. Certos pormenores são sempre repetidos:

...dum vult vocem ostendere
 Emisit ore caseum

diz Phedro (I, XIII). "Querendo mostrar a voz, deixa cair o queijo".

Esta bocca, que se deixa abrir ao incenso da adulação, tem uma referencia na V satira (livro II) de Horacio:

Scriba... *corvum* deludet *hiantem*. v. 56.

Em Apuleio nas suas *Floridas* (cap. 23) ainda a mesma fabula apparece sob fórma ornada e prolixa; o Corvo *toto rictu haviit* (5)

(4) Esta é uma traducção de Curvo Semmedo. Tem mais graça a de Filinto Elysis:

— Bom dia, senhor Corvo!
 Como é guapo! Que lindo me parece!
 Bofé se a voz tem garbo igual ás plumas,
 Não ha hi Pheniz tal nestas devezas—
 Não cabe em si de gaudio, ao lôgro, o Corvo,
 Abre de par em par o bico — e cae o queijo.
 Logo o Raposo o empólga.

(pg. 2 — da ed. de Londres).

Ha innumeradas traducções; nenhuma d'ellas alcança os primores de Lafontaine:

Mâitre Corbeau sur un arbre perché...

(5) Além da citada, ha outra passagem de Horacio (*Epist. XVIII* do livro I, v. 50) que duvidosamente se tem procurado approximar do texto esopico:

*Sed tacitus si posset corvus, haberet
 Plus dapis et rixae multo minus invidiaeque.*

"Porém, o corvo se pudesse comer calado, teria mais comida e menos briga e inveja alheia". O poeta diz *sed* e não *ut*, como seria o caso tratando de comparação e allusão á fabula. Um commentador diz que o corvo crocita de alegria ao achar o alimento e com as suas vozes attrae outros

E' o mesmo motivo no estylo dos Isopetes medievaez:

*Si com son bec ouvri
Pour esclaireir son cri (6).*

até que entra na litteratura vernacula, mais eivada de cultura classica e latina.

A primeira e mais antiga referencia que conheço da fabula na litteratura portugueza é a que consta dos antigos *Inéditos da Historia Portugueza*:

"O Còde como lhe derão o recado e vio o partido, dixé rindo-se que era aquillo *como a raposa que estava ó pé da arvore, cõ o rabo ameaçava o corvo que estava na arvore com o queijo no bico*".

Vol. V, pg. 171.

Mais tarde ella se tornou vulgar entre imitadores ou traductores de Lafontaine e de allusões frequentes nos poetas, como em Couto Guerreiro:

O corvo por falar perdeu o queijo
Satyras, XI, pg. 53.

E assim em Bocage e innumerous outros poetas modernos.

Vê-se d'esse inquerito que as versões portuguezas successivamente procedem de Phedro (*raptum caseum*) e de Lafontaine, onde se fala do queijo, e não, como em Esopo, de um pedaço de carne roubada (..*χρῆς ἀπραγας*).

Repare-se que em toda essa corrente litteraria ha uma tendencia certamente immoral de dar ganho de causa ao adulator; a lisonja, perfida, fica impune e até galardoada. Essa *lacuna moral* já criticada no seculo XVIII, como veremos adiante, foi perfeitamente sanada nas versões populares conhecidas no Brasil.

Eis a primeira d'ellas em que as personagens são a *Raposa* e o *Cancão*:

"Passara a manhã chovendo, e o *cancão* todo molhado, sem poder vôar, estava tristemente pousado á beira de uma estrada.

Veio a raposa e *levou-o na bocca* para os filhinhos.

Mas o caminho era longo e o sol ardente. *Mestre cancão* enxugou, e começou a cuidar do meio de escapar á raposa. Passam perto de um povoado. Uns meninos, que brincavam, começam a dirigir desaforos á astuciosa caçadora.

Vae o *cancão* e fala:

— Comadre *raposa*, isto é um desaforo. Eu, se fosse você, não aguentava! Passava uma descompostura!...

A *raposa* abre a bocca num improprio terrivel contra a criança.

O *cancão* vôa, pouza triumphantemente num galho e *ajuda a vaia-la...*" (7)

II. A anti-fabula

A versão brasileira do *Cancão* e da *Raposa* é já uma anti-fabula, opposta á lição de Esopo.

competidores com que terá de dividir a presa (Hor. ed. de Orellius, 372); é possível que seja esta a forma primitiva da fabula cujo teor seria a palrice funesta do corvo. A ave canta de alegria pelo achado e não movida de lisonja.

(6) Robert — *Fables inédites* (XII à XIV siècles). Paris, 1825, I, 12.

(7) Colhida no Ceará, segundo a redacção de João do Norte, no seu livro a *Terra de Sol*. Veja-se mais abaixo a variante d'essa fabula sertaneja.

O cão é muito menos tolo que o corvo e a raposa é estrondosamente vaiada. Ainda melhor se vê essa tendência na segunda variante do *Cão* (cachorro, como lhe chamamos) e o *Urubú*.

O *urubú* farto descança num galho e um cachorro famélico fareja um bezerro morto, coberto de moscardos.

"O cachorro, humilde e bajulador:

— Boa tarde, seu doutô.
Como vai a senhoria?
Pela sua cortezia,
Deixa-me roer um osso?

"O *urubú* cheio de si, pelo tratamento illustre de doutor:

— Com licença do doutô
Póde comer sem sobroço.

"O cachorro comeu, repletou-se; depois, mofando da prosapia do *urubú*:

Foi coisa que eu nunca vi,
Negro de chapéu de sól!
Para que anda este tição
Se resguardando do sól?

"Com dignidade e altivez, rosnou-lhe o *urubú*:

Vá-se embora, malcriado,
Cabra sem educação.
Bem entendido é o ditado:
— Cachorro não tem razão."

"Aqui termina a fabula, com a moralidade subentendida de que o *urubú*, assim como o corvo da fabula aryana, é victima da bajulação sempre perfida" (8).

O cachorro lisonjeiro é d'esta vez (ao contrário da fabula aryana) zurrado ao menos por palavras cruéis.

Este complemento moralizador da fabula brasileira é assaz curioso; e veio talvez por intuição popular. O povo condemna a vaidade, mas ainda mais despreza a vileza da adulação.

Como observamos acima, o defeito do epimythio havia já despertado a reprovação dos moralistas.

J. J. Rousseau condemna por immoral a fabula que justifica e estimula a lisonja e os lisonjeiros; e não tardou, pois, que Lessing, o fabulista allemão, corrigisse Esopo pondo no bico do corvo um *pedaço de carne, sim, mas envenenada*.

A moralidade assim apparece completa para o tolo e para o lisonjeiro que grangeia o veneno por seu proprio ardil.

Ora, essa corrigenda, que foi uma suggestão do senso moral entre os didactas do seculo XVIII, aqui se acha intuitivamente na versão brasileira na apostrophe do illudido:

(8) Segundo a redacção do mesmo auctor da *Terra de Sol*.

..... malcriado,
 Cabra sem educação,
 Bem entendido é o ditado
 Cachorro não tem razão.

Essa circumstancia que faz coincidir a Lessing com os sertanejos do arido nordeste, pôde acaso confirmar a theoria de Andrew Lang de que a maior parte d'essas criações populares, longe de representarem migrações de idéas atravez dos espaços, frequentemente se fundam na uniformidade da leis psychologicas que regem a alma humana sob os mais oppostos climas.

Essa theoria de uniformidade, ainda que excessiva e pouco aceitavel, tem a seu favor por vezes alguns lampejos de verosimilhança.

A fabula esopica tem na India suas versões parallelas, de cuja antiguidade não podemos duvidar.

As *Jatakas* são lições moraes que remontam aos começos do Buddhismo e em duas d'ellas encontramos o mermo thema da fabula classica. Em uma d'ellas o *chacal* lisonjeia o *corvo* que come um *jambo*. Em outra, é o *corvo* que adula o *chacal* por um pouco de carne. Ambos, no conceito de Buddha, são animaes baixos e desprezíveis (9).

Se a lição indiana é mais antiga que a grega é um problema que parece até agora insolúvel.

Vamos ver a que transformações chegaram essas fabulas, degenerando em outros tipos da tradição popular.

A tradição popular não aproveitou apenas os elementos classicos que acabamos de ver em rapido escorço. Contaminou-se com outras correntes de origem oriental que vieram affluir á caudal primitiva.

Sem duvida, o phenomeno da *contaminação* (segundo o termo consagrado pelos linguistas) é um accidente commum no curso das idéas. Já na idade média o tempo da expansão arabe encontramos misturadas e indivisas as correntes classica e oriental.

Deixando de lado a fonte classica greco-romana que já foi estudada, do oriente é que veio a fabula da *Raposa e do gallo*, tão convizinha da criação esopica (10).

(9) Veja-se o *Æsop* de J. Jacobs (I-History of aesopic fable, 65-66), onde se deparam as versões das *Jatakas* por Fussböhl, segundo o texto pahli — *Javasakuna-Jataka*.

(10) Joseph Jacobs, *op. cit.* 253, tratando d'esta fabula aponta varios confrontos que por brevidade não utilizamos. São dignas de nota uma variante sul-africana colhida por Bleek (*Reinike Fuchs in Africa*, 23); a de Alcuino, *Opera*, II, 233; a de Adolpho Coelho, *Contos*, 15. Deparam-se ainda o Appendice de Phedro, de Burm. 11, 9, e outros logares que nos distrahiriam e alongariam demasiado do nosso proposito.

A attribuida a Alcuino:

Dicta vocatur avis proprio cognomine gallus é talvez a que mais se conforma e condiz com as reflexões que faremos adiante, no texto. E' já, como se vê, da era carolingia sempre consideravel na historia da literatura.

Segundo a versão medieval de Baldo que tenho em mão (11), a *Raposa* exalta a voz admirável do *gallo* e incita-o a cantar. Mas, segundo uma observação do povo, o gallo, quando canta, costuma *cerrar os olhos* e dessa circumstancia vale-se a raposa para abocanhar a victima descuidosa.

Registremos esse pormenor: fechando os olhos, *lumina claudendo*, como diz o fabulista. E' um episodio essencial, que o *folk-lore* guardou com fidelidade. O gallo, vencido das razões insidiosas da raposa, decide-se a cantar:

Gallus adhortantis prece victus et hoc stimulantis
Lumina claudendo, *velut solet ipse canendo,*
Quod vulpes factum cernens...
Sustulit ignarum.

Assim perece a victima, ignara e descuidosa. Dissemos que era de fonte oriental esta fabula. Effectivamente encontramol-a no livro arabe (por sua vez de inspiração indiana) de *Calila e Dimna* donde procederam varios fabularios do occidente, ao tempo em que a civilização mahometana se tinha diffundido entre os povos europeus. Muitas dessas creações da literatura oriental passaram aos escriptores monasticos, aos compiladores de historias, fabulas, exemplos e sermonarios da idade media.

O repertorio arabe de *Calila e Dimna* reproduz-se em livro que teve grande divulgação e autoridade, o *Directorium Vitae* de João de Capua, donde presumivelmente foi tirar Baldo, ou algum desconhecido precursor, a fabula do *Alter Aesopus*.

Varios apologos gravitavam para a mesma doutrina. Num delles, do philosopho Sendeban (Sindabar), funda-se o principio de que não deve dar conselhos quem não sabe applical-os ao seu proprio governo da vida.

"Uma pomba, narra o philosopho, ameaçada de uma raposa que lhe queria devorar os borrachos, aceitou o conselho de um pardal que lhe falara: — Quando vier a raposa dize-lhe de subir até ao ninho. E ouvindo-a, a raposa saiu ao encontro do pardal e perguntou-lhe como era que se livrava da ventania. — Escondo a cabeça sob as azas. — De que maneira? — Assim, disse o pardal encobrimdo a cabeça. A raposa nesta occasião colhe-o de improviso: Soubeste, diz ella, dar conselho á pomba, mas não a ti proprio. (*Scivisti columbae praestare consilium et non tibi ipsi*).

E' esta sciencia para alheio uso que victima todos os ideologos.

O apologo, porém, que mais nos importa é ainda outro do *Directorium Vitae*, tambem tomado ao livro arabico de *Calila*, o da *Raposa e do gallo* que originou as versões fabularias já conhecidas. O gallo *confidens blanditiis vulpis* é a victima do matreiro animal que lhe regouga encomios e gabos perversos. Aqul como nos outros casos repete-se a insidiosa trêta de fechar os olhos, vendar ou esconder a cabeça, ou, num osculo de amizade, approximal-a do algoz:

Inclinavit (gallus) caput vulpi quod arripiens vulpes gallum comedit.

Assim diz o texto (12).

E' claro que outra não podia ser a fonte de Baldo e dos fabulistas medievos que se afastaram da versão de Esopo que dominou o fabulario da antiguidade classica.

(11) O segundo Esopo, *Alter Aesopus* (de Baldo) publicado por Du Méril, fab. XXIII. Wa'd ou Baldo era um monge presumivelmente do seculo XII.

(12) De Capua — *Directorium*, 140 cf. o apologo citado acima, que se encontra na mesma obra, pg. 320.

Esta fonte oriental, uma vez transmigrada para o occidente, engendrou, por natural afinidade e similitude do thema, as versões mixtas que acabamos de analysar.

Estas fabulas como a do *Corvo* reclamavam uma recomposição ethica. Não era edificatorio exemplo o da lisonja e da perfidia triumphante, incompativel com a civilização christã. E dahi as correções mais ou menos felizes, parerga e appendices que faltam ao texto primitivo.

A narrativa e a fabulação de todos esses apologos estão mostrando á toda evidencia as feições de innegavel parentesco com o jogo e entretenimento popular da *Morte do gallo*.

O desfecho é o mesmo. São as mesmas mais ou menos as personagens do drama. O raposo propõe-se á conquista do gallo.

Na diversão popular o que symboliza o gallo é o *losango* plantado numa estaca. E' preciso saber que não deviamos falar de *losango*, expressão erudita e moderna, mas de *lisonja*. Era esta a denominação da figura geometrica, do rhombo, e ao mesmo tempo era synonymo de adulação; porque a palavra *lisonja* só designava (e designa ainda hoje em heraldica) a figura dentro da qual se punha as letras de louvor, as inscrições laudatorias dos brazões. Assim *losenge* e *lisonja* só mais tarde ao seu sentido graphico e heraldico accrescentaram o de louvor, adulação, que têm hoje.

Ora, a *lisonja*, elemento moral da fabula, teve a sua representação graphica no jogo popular (13).

Além d'isto, um episodio essencial é a circumstancia dos olhos vendados, *lumina claudendo, oculis clausis*, que se antolha em numerosas variantes. No jogo popular, a trêta muda-se para o raposo que venda os olhos; o facto, porém, persiste com a constancia de um *leit-motiv* (14).

Não tenho, pois, nenhuma duvida em crêr que o jogo e diversão popular, tão conhecido nas terras do norte brasileiro, trazido por elementos da immigração portugueza, é uma adaptação do apologo oriental e da fabula classica.

(13) Na fabula de Marie de France (sec. XI) é o *false losenge*.

(14) Poderia ainda utilizar outros documentos que illustram o assumpto. Na Inglaterra ha o desporto do *Riding the Goose*, que se faz com o premio de um ganso ou de um gallo. Nas *Popular Antiquities* de J. Brand assim é descripto: "In the northern part of England it is no unusual diversion to tie a rope across a street, and let it swing about the distance of ten yards from the ground. To the middle of this a *living cock* is tied by the legs. As he swings in the air, a set of young people rid one after another, full speed, under the rope, and rising in their stirrup, catch at the *animal's head*, which is close clipped and well soaped in order to elude the grasp..." (II, 420). Não é talvez mera coincidência nesse desporto, tão semelhante ao nosso, a expressão *soap* que tambem equivale a de *lisonja*.

Confirma ainda o mesmo costume Paulinus de Candore: "In Dania... *anserem*, ego vidi, fune alligatum, inque sublimi pendentem, habent, ad quem citatis equis certatim properant, quique caput ei prius abruperit, victor evasit". No mesmo auctor e logar citado.

Lembremos ainda a antiga farça e entremez popular que recorda alguns incidentes do apologo. Numa estalagem alguns estudantes jantam um pato. Na occasião de pagar, simulam uma briga, cada um pretendendo o dever do pagamento por todos. Convencionam vender o *garçon* e aquelle que fór apanhado será o pagante. O *garçon* á cabra cega apanha o patrão que entra nesse momento. E' elle naturalmente quem *paga o pato*, pois que os estudantes já haviam desapparecido.

O *pato* e a personagem *vendida* devem ser outra reminiscencia da fabula.

Reduzido a um drama pelas suas condições intrinsecas de theatralidade, o apologo representa uma transformação curiosa de especies distinctas.

Não sem razão disse um fabulista moderno:

Toute fable est un petit drame,
Et l'auteur à son gré réclame
Le droit d'être décorateur...

Eis-nos emfim chegados ao extremo d'esta fatigante apreciação que buscamos tornar concisa sem damno da clareza.

A *Morte do gallo* é nas suas origens uma antiga fabula de que o povo se apropriou como thema de um dos jogos mais curiosos e divertidos.

Este, como outros casos que tenho estudado no *folk-lore*, vem demonstrar o profundo character aryano da nossa cultura, mão grado o influxo de elementos outros, superficiaes e extranhos.

XIX

EXCURSO. O FOLK-LORE BAIRRISTA

Na Italia é que mais forte se expressam o *bairrismo* e o orgulho patriótico das cidades nos seus epithetos tradicionaes: Florença, *la bella*; Genova, *la superba*; Padua, *la dotta*; e assim Roma, a eterna, Milão, a grande, etc.

Acima de todas, porém, campeia a deleitosa Napoles:

Vedi Napoli, e puoi muori

Quem viu Napoles, não tem mais que vêr no resto da vida. Os lisboetas tambem dizem:

*Quem nunca viu Lisboa,
Nunca viu coisa boa.*

Todos enaltecem as glorias domesticas; *cosi va il mondo*.

Creio que no Brasil o bairrismo, invejavel, das grandes cidades, ainda não conseguiu fixar na tradição um destes ditados lisonjeiros.

Quando muito São Luiz do Maranhão se arroga o titulo de *Athenas* brasileira, disputado pela Bahia, mais conhecida pelo apodo de *mulata velha*.

Faz excepção a estes casos o Pará, que sempre se attribuiu não sei que fascinação sobre o forasteiro:

Quem vai ao Pará, parou.

Os incredulos do tempo em que a grande cidade do Norte era malsa e descurada, interpretavam aquelle *parou* como uma quarentena lugubre no hospital.

Os naturaes attribuiam essa fascinação ao *assahy*:

*Quem vai ao Pará, parou.
Bebeu assahy, ficou.*

As virtudes do *assahy* são, entretanto, muito problematicas. E' uma bebida detestavel, só usada da plebe e que apenas se encontra nas mercearias e tendas menos frequentaveis da cidade (1).

E' uma emulsão enjoativa feita dos fructos do *assahy*, palmeira da região amazonica. Os caboclos bebem-n'a, ou antes comem-n'a com farinha, como é costume entre elles (2).

A despeito disto, o *assahy* será sempre repetido nos versos já proverbias, na bocca dos forasteiros e naturalistas que têm perlustrado a Amazonia.

Nas VIAGENS de Agassiz, traduz-se o proverbio desta arte:

*Who visits Para is glad to stay,
Who drinks ASSAI goes never away* (3).

Assim tambem o traduz nos mesmos termos um consul americano, divertido e namorador, apaixonado da Amazonia e crente nas virtudes de remora do *assahy* (4).

Mais espirito que estes mostrou o francez Verbrugge (5), que effectivamente dá a traducção verdadeira:

*Nul en voyant Para
Passa;
Qui l'assahy gouta
Resta.*

Propõe, porém, logo a seguinte glosa como correcção ao texto tradicional:

*Qui visite Para
S'arrête (au cimetière);
Qui l'assahy gouta
Y reste (dans sa bière).*

Os *patrioteiros*, deve de os haver no Pará como por toda a parte, ficariam furiosos com essa *boutade*. Creio, porém, que de facto fizeram melhor, saneando e embelezando a grande e prospera cidade que é hoje Belem.

P. S. — O *bairrismo* nos logares do Brasil, de terra a terra, manifesta-se por apodos, pulhas e injurias ou nomes de escarneo. No sul é frequente chamar de *bahianos* aos mulatos ou pardos; no Rio Grande do Sul *bahiano* designa em geral o nortista e tambem o individuo boçal, que não entende do gado, nem sabe montar a cavallo; *bahianada* é o fiasco, nestas materias. Na Amazonia, chamam-se de *parouaras* os forasteiros, mórmente os cearenses que para lá emigram. No Rio, durante algum tempo *maranhense* foi synonymo de espertalhão, e entre os proprios maranhenses voga desconfiança profunda contra os do *bréjo*.

Seria curioso pormenorizar estas alcunhas todas, applicadas a nacionaes, ou estrangeiros. Ficará para outra oportunidade.

(1) Nos hotequins baratos — assim no excellente livro NORTE DO BRASIL, dos Drs. Victor Godinho e Ad. Lindenberg, onde contam os autores os passos que deram para encontrar o famoso *assahy*. Pags. 119-121. E que decepção tiveram!

(2) Veja as *Apostillas ao Diccion. de voc. brasíl.*, que está publicando nas *Vozes de Petropolis*, IV, 6-7, o padre C. Teschauer, incansavel investigador das nossas coisas.

(3) A *JOURNEY IN BRASIL*, pag. 140.

(4) J. Orton Kerbey do livro *AN AMERICAN CONSUL IN AMAZONIA*, pg. 321.

(5) *FORÊTS VIERGES*, pg. 13.

um volume se quizessemos reunir as versões vulgares d'este *fabliau*. D'ella tiraram os italianos o aphorismo:

*Chi sta nell'acqua sino alla gola
Ben ostinato, se mercè non grida (2)*

Como se dá no Brasil, tambem na Italia a mulher teimosa traz o appellido de *tagliapidocchi*.

A tradição da historieta na península vinha de longe, desde Poggio o florentino, que nol-a reconta nas suas famosas *Facecias* (3).

Entretanto é essa variante ainda mais antiga e encontra-se nas obras da edificação moral e religiosa *Sermones vulgares, de materiis proedicabilibus* de Jacques de Vitry e E. de Bourbon, dominicano. Eram *exemplos*, como lhes chamavam, aproveitaveis, e incluídos nos sermões do tempo. Estes autores são do seculo XII.

Damos a versão mais concisa:

Audivi quod alia (*mulier*) cum litigaret saepe cum viro, vocabat eum *pediculosum*. Ille autem aliquando commotus, cum nec saepe de hoc correcta et verberata vellet se corrigere, sed coram vicinis eum confunderet, projecit eam in alveo rivi cujusdam, eam conculcans et suffocans. Cum autem non posset loqui verbo, *elevabat manus et quasi atterens pediculos de manibus faciebat* (4).

A outra *variante (b)* foi com igual diffusão conhecida em todo o occidente.

Deu-nos a expressão já um pouco obliterada de *fazer tesourinhas*, registrada apenas nos dictionarios da lingua desde Bluteau. No espanhol, *decir tijeretas*, tem o mesmo sentido: porfiar, teimar e obstinar-se.

Não é de extenso uso ao que supponho no Brasil, salvo em algum ponto do vasto território onde se guardam muitas das antigas riquezas lexicas do portuguez.

Ella, a variante:

Versão (b) — FAZER TESOURINHAS

Um homem que ia com a sua mulher (acostumada a contradizel-o), ao passar por um prado disse que o haviam segado (à foíce); a mulher logo lhe replicou que não, que o prado havia sido *tosado* e aparado á *tesoura*. Foram de palavras a vias de facto, e, afinal, o marido, cansado da teimosia e obstinação da mulher, chegou ao ponto de lhe cortar a lingua. Como já não pudesse falar, a mulher, todavia, levantando a mão fingia com os dedos maiores o gaezar da tesoura.

Está na mesma fonte de Vitry e de outros sermonarios medievaes, do seculo XIII

(2) "quem está metido n'agua até o pescoço é bem teimoso se não pede mercê". Citado por G. Amalfi na analyse do *Galateo napolitano*, de Vottiero, livro de facecias e aneddotas populares.

(3) Sob n. XIX — *de muliere obstinata quae virum pediculosum vocavit*. Poggio começava falando das mulheres teimosas, que preferem morrer a mudar de opinião, *se mori malint quam cedere ex sententia*. A historia é a mesma: o marido que não consegue a retractação da injuria, faz mergulhar a mulher dentro d'agua; ella, porém, com as mãos de fóra e cascando as unhas dos dois pollegares (*ungulis utriusque pollicis conjunctis*) queria dizer que o marido tinha piolhos.

Não differe, portanto, da versão moderna.

(4) E' inutil traduzir a historieta, em latim barbaro, de facilima comprehensão. E' o mesmissimo conto já narrado acima. A mulher, aqui, é mettida *n'um rio*, em vez *do poço*. Os pormenores são identicos, como se poderá ver do confronto.

Registramol-a para indicar a fonte medieval da facecia, ainda hoje, tão *comesinha* e vulgar.

**Assueti litigare, cum transiret cum viro suo per pratum* etc. (5). Parece-nos inútil reproduzir-a pois que não differe do texto vernaculo que acabamos de dar.

Os francezes conhecem bem este conto do *Pré tondu*, infinitas vezes divulgado. Nem é menos conhecido na Italia onde se conserva a expressão *forbici! forbici!* (tesoura!) do conto siciliano *Forfici foru* (6).

A nossa tarefa, aqui facilitada em extremo, só tem o merito de incluir na tradição européa as duas expressões idiomáticas, oriundas d'estas mesmas fontes.

E' sempre alguma coisa descobrir o sentido consciente primitivo de expressões mecanisadas já pelo uso. E ficam assim explicadas dentro das nossas proprias tradições.

Será de todo inútil essa evocação?

Bem o conhecia Nicolau Tolentino quando escreveu na sua satira, a *Função*, os versos:

...estás na mesma fragoa
D'aquella mulher mesquinha
Que alçando a mão fóra d'agua
Fez co'os dedos tesourinha.

Donde proveio essa historieta? Não parece ter vindo do oriente, nem nas literaturas asiaticas se encontram vestígios.

Deve ser pois uma tradição classica, greco-romana.

Está em Marie de France que é do seculo XI e provavelmente foi tomada a Romulus, do IV ou do V seculo e da sua fabula *De Homine et de muliere litigiosa*, cujo conteúdo é o mesmo do conto popular. Esta origem, anterior á conquista arabe, torna problematica a hypothese de uma fonte asiatica.

Não é possível remontar a antiguidade mais alta, nos termos proprios das duas versões conhecidas.

Ha, porém, uma terceira versão que é uma historia distincta, ainda que sobre o mesmo thema da mulher resingueira e que vive engando com o marido, por um eterno espirito de contradicção.

Conhecemol-a desde o *Patrañuelo* de Juan Timoneda (II p. *Sobre mesa y Alivio de Camiñantes*). E' exactamente o *cuento primero* em que se narra o caso de uma

(5) Outra versão barbara-latina foi publicada por Du Méril no seu incomparavel livro — *Poésies inédites du moyen âge*, pag. 154.

*Homo quidem habuit uxorem rebellem,
Garrulam et pertinacem...*

N'esta fabula, cheia de movimento e pittoresco, o marido começa por prender e apertar a lingua da mulher. Esta, que não pôde pronunciar *fórpici* (tesoura) tartamudeia: orrp!...

Emfim, houve que cortar a lingua. Mas a mulher, sem poder falar, soccorre-se do gesto, fingindo com os dedos a fórma e o trabalho da tesoura — *fórcipis formam et officium digitis ostentans*, diz o poeta.

(6) Nos *Contes populaires*, de Bladé, na *op. cit.* de Mistral; nos *Fabliaux*, de Joseph Bédier, um dos maiores conhecedores n'esta especie, e em varias obras antigas, *L'élite des contes*, o *Moyen de parvenir*; já desde o seculo XI, em Marie de France, constitue uma das suas fabulas.

A historia é conhecida de russos, allemães, turcos e varios povos. Tanto J. Bédier como R. Köhler e G. Amalfi, dão extensa bibliographia do assumpto.

mulher que se havia afogado; o marido procura o cadáver rio acima, contra a corrente; e a alguém que o extranhava, o homem respondia:

La busco *rio arriba*. Si, señor, porque mi mujer siempre fué contraria á mis opiniones.

(Seculo XVI — 1569).

Na *Herodiade V* de Ovidio ha o disticho que gravou Páris n'um choupo no tempo dos seus primeiros amores e o juramento:

*Cum Paris Enone poterit spirarit e relicta
Ad fontem Xanthi versa recurret aqua.*

A fatalidade destruiu essas juras vehementes; a fascinação de Helena realizou o impossivel e o absurdo daquellas aguas que retrocedem a caminho de suas fontes (7).

Tem, comtudo, suas origens classicas mais antigas. A esse *espírito de contradição* referia-se Euripedes no côro de Medéa:

Anô potamôn...

Nas fabulas realiza-se esse impossivel, contra a corrente, *ad fontem*, como diz o poeta. Nas fabulas e talvez na realidade. *Ce que femme veut, Dieu le veut*.

Ha ainda uma historia burlesca d'este genero que se depara no *Fabulario* de Sebastian Mey, divulgado por Milton Buchanan (8) sob o titulo — *A porfia dos recém-casados*. Em resumo (que o conto é um tanto largo):

O marido, no dia seguinte ao das nupcias, vae ao mercado e compra *cinco ovos* para o almço. A mulher reclama tres d'elles e d'ahi nasce o desaccordo.

— Hei de comer tres ! gritou ella.

— Não ! não te cabem mais que dois, dizia o marido.

Accende-se a disputa e, sempre renhindo, recalcitra a mulhersinha:

— Hei de comer tres ou então morro.

E estendeu-se no chão e fingiu de morta. Houve grandes lamentações, acudiu a visinhança; enfim, ordenou-se o enterro.

Já no caixão, d'ella se aproxima, chorando, o marido. Mas a defunta murmurou ainda:

— Hei de comer tres !

Afinal sae o acompanhamento. O vigario então o *de profundis*. Pegam do feretro e levam-n'o á cova, já aberta. Neste momento a mulher, que não queria ser enterrada viva, salta furiosamente do caixão, amortalhada e clamando:

— Hei de comer tres !

Toda a gente, suppondo que era alma do outro mundo, e tinha fome menos de ovos que de vivos, todos tomados de temor, dão ás de villa Diogo. Debandada gera!

Creio que fui o unico a ficar aqui.

XXI

RIMAS E FACECIAS INFANTIS

Muitas anedotas ha que se recontam como novas e sempre apparentam irrescor de novidade.

(7) Os commentadores approximam essa contradição de Paris á do amigo de Horacio, que de philosopho se fez soldado, como um rio que refluisse para as montanhas nativas. (Ode XXIV — Livro I, a Iccio).

(8) *Modern Lang. Notes*, nov. 1906.

O *folk-lorista*, que rebusca as fontes, verifica não raro que são antigas e ás vezes antiquíssimas como as fabulas de Esopo, ou as historias indianas.

Outro aspecto que inculca antiguidade é encontrarmos sob trajes diferentes, em literaturas e terras distantes, as mesmas idéas e fórmãs de expressão que só se poderiam generalizar por migração lenta de um povo a outro.

Parece-me ser este o caso de uma rima infantil que, conjecturo, não será desconhecida dos leitores.

A rima pertence ao *genero livre*, como se diz agora. Não fui nunca um vicioso, e pois confesso sem hypocrisia que a ouvi muitas vezes, nos tempos da meninice:

Um velho mais uma velha
Foram lavar-se na bica;
A velha deu um escorrego,
.....

Não é a idéa obscena a que predomina nestes versos para a curiosidade infantil, mas a idéa cômica da quêda de ambos.

Esta *idéa primaria* apparece em varias rimas infantis de diferentes povos, sem o condimento de outra crueza maior que a do *tombo*, que faz sempre rir ás crianças.

Tal é a historia de *Jack and Gill*, que anda entre os NURSERY RHYMES mais populares do povo inglez:

Jack and Gill
Went up the hill
Jo fetch a pail of water;
Jack fell down
And brok his crown,
And Gill came tumbling ofter (1).

Tambe mconservo a lembrança de uma quadrinha popular, que, a julgar pela personagem historica a que allude, não póde ser antiga. E' a seguinte:

Garibaldi foi a missa
Num cavallo rebolião;
O cavallo deu de popa,
Garibaldi foi ao chão.

Ora, essa cantiga parece que foi introduzida pelos italianos que ganhavam dinheiro nas feiras, cantando saudades de além-mar. Eram talvez da Saboia, porque da Saboia são os versos populares que se me afiguram a fonte desta cantiga:

Djallave a la messa
Su un asne à r'culons
.....
Djé te tié a cropendon (2).

(1) Da pequena collecção infantil (*Book for the Bairns*) — NURSERY RHYMES, 24.

(2) Van Genepp, que cita estes versos, tradul-os assim: Je suis allé à la messe — Sur un âne à reculons — Je suis tombé à quatre pattes...

A transcrição phonetica desses versos é muito deféituosa. Mas bem se percebe que é o mesmo:

(*Garibaldi*) foi a missa
N'um cavallo rebolão.

E' provavel que em S. Paulo corram já muitas historias, facecias e rimas de origem italiana. E' cedo talvez para as estudar com inteire fructo, mas quem quer que as pesquizasse teria o merito de haver precedido a futuros investigadores.

Em convizinho dialecto encontramos a variante dos versos que se dizem por matraca ás crianças que têm o nome de *João*:

João galalão
Perna de grillo,
Orelha de cão.

Segundo a versão de Bonneville:

Jan patagan
La cane a la man,
Lou pia d'coté
La mlarve au nez (3).

Familiares a todos os meninos de escola são os versos a proposito da primeira soletração:

B-A—*bá*,
chega p'ra cá;
B-E—*bé*,
Põe-te em pé;
B-I—*bí*,
Passa p'ra qui;
B-O—*bó*,
Dá cá o cipó;
B-U—*bú*,
Para teu...

Em quasi todas as versões estrangeiras que conheço trata-se de castigo ás crianças, imposto naturalmente por desidia no estudo do *abecé*.

Eis uma de varias apontadas por E. Rolland, nas RIMES ET JEUX DE L'ENFANCE (pg. 326-327):

B-A—*bá*,
Mon père me bat;
B-I—*bí*,
A coup de béquilles;
B-O—*bó*,
A coup de sabots;
B-U—*bu*,
I n'me battra plus.

(Var. do Lorient).

(3) Van Genepp — *Mercurio de France*, LXX — 248, e outras variantes em Rolland.

O innumeravel das producções da imaginação não passa afinal da meia dúzia de idéas fundamentaes, que chegam para alimentar e entreter a fantasia dos povos.

XXII

UM THEMA DE LITERATURA COMPARADA

No estudo comparado das literaturas ha, naturalmente, os grandes e os pequenos themas. Aquelles que averigüam os rumos das correntes do espirito, que atravessam e transcendem a propria nacionalidade, não se deixam prender nas malhas da historia anecdotica, do documento e do pormenor.

E, todavia, sem o pormenor as generalizações não passam de uma vaga philosophia, a que se pôde contrapor outra doutrina, com brilhantismo igual. Sem exagerar a importancia dos factos mínimos, é difficil desconhecer a força de expansão que por vezes offerecem. Constituem o lado anecdotico das literaturas; não as dominam, e muito menos as definem, mas acompanham-nas como um signal physionomico, que persiste até a extincção de gerações seculares.

Não escondemos a sympathia e predilecção, que temos por essa nova *bacteriologia* dos infinitesimae, mau grado o sorriso desdenhoso da critica superior. Os factos menores podem representar alguma estreiteza de vista para os habituados a visões telescopicas e mais grandiosas. Quanto a nós, ainda não alcançamos as regiões de alto descortino. Até lá, temos o direito de meditar a nossa inutil *Biblia pauperum*.

Tão arriscado é o sublime, que o menor desequilibrio pôde logo degenerar em ridículo.

Não são raras essas reversões comicas das coisas tragicas. Um leve exagero basta para destruir um effeito longa e carinhosamente preparado.

Vejamos.

As lagrimas e a dor suffocam as palavras; o sentimento quando attinge um alto grau de intensidade não acha expressão e emmudece.

Os poetas sempre buscaram tirar todo o partido das indomaveis reticencias da emoção. Assim fez Camões nos celebres versos:

Mas, morra, emfim, nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes.

LUSIADAS, C. II, est. 41.

Dá uma profunda impressão dramatica esse corte subito do discurso. Ha como soluços que enchem a silenciosa reticencia.

Tal passo não é mais que uma imitação do épico latino, quando traduz a indignada vehemencia de Neptuno:

Tantane vos generis tenuit fiducia vestri?
Jam cœlum terramque, meo sine numine, venti,
Miscere, et tantas audetis tollere moles?
Quos ego... Sed motos præstat componere flutus.

ENEIDA, L. I, V.ºº 136-9.

ou no trabalho do nosso Odorico Méndes:

Herdastes, ventos,
Tal presumpção, que sem meu nome, ousados,
Terra e céu confundis, e equoreas brenhas?
Eu vos... Mas, insta abonançar as vagas.

E não foi este o unico exemplo virgilliano; outro ocorre na terceira Ecloga. Mas a impreciação de Neptuno tornou-se como um *locus memorabilis* em todas as rhetoricas e poeticas de todos os tempos.

E não só o Camões, mas outros poetas modernos, recorrem a eguaes expedientes. Racine, entré elles, e com extraordinaria emphase, empresta á Athalia, que poderia dispor da vida de Joad, as palavras:

Je devrais sur l'autel. où ta main sacrifie,
Te... Mais du prix qu'on m'offre il faut me contenter.

ATHALIE, act. V, sc. 5.

Ora, já esta reticencia, de Racine, é uma exorbitancia. Um recurso dramatico, cheio de realismo, verdadeiro e excellente, nem sempre é applicavel a todas as situações.

O pernicioso excesso foi pela primeira vez, supponho, praticado por Ariosto, no ORLANDO FURIOSO. Estavam naturalmente no cartapacio do italiano todos os ingredientes da epopéa classica. Mas a falta de justa medida fel-o incorrer em demasias irrisorias.

Assim, com mau gosto deploravel, o grande poeta, contando a morte de Brandimarte, mal ferido, põe-lhe como expressão extrema o nome de sua querida *Flór de Lis*, nome que não pôde pronunciar integralmente. A situação tragica torna-se comica.

Diz o moribundo:

Orlando, fa che ti raccordi
Di me nell'orazion tue grate a Dio:
Nè men ti raccomando la mia *Fiordi*...
Ma dir non poté *ligi*; e qui finio.

Op. cit., C. XLII, est.^a 14.

O poeta espanhol H. Urrea assim o verteu:

Haz Roldan que ne discorde
Tu oración con el amor pasado;
No menos te encomiendo aqui mi *Fiordi*...
No pudo decir *lis*, y aqui ha espirado.

O trecho foi imitado por varios poetas Inglezes, francezes, allemães, *tutti quanti*.

E' curioso e interessa-nos, pela affinidade das literaturas, a imitação de Tirso de Molina, na sua comedia famosa de GIL DE LAS CALZAS VERDES:

Digo: Adios Dom *Mar* — en fin
Quedandose con el *tin* —
Murió como un pajarito.

Act. III, sc. I.

Estes dois exemplos, o do ORLANDO e o de TIRSO, tomam-os a R. Kähler, de um seu estudo sobre Ariosto (1). A elles devem juntar-se os versos comicos do CÂNCIONEIRO DE BURLAS, que não podemos publicar senão incompletamente. Trata-se de uma palavra em *ñe*:

La madre entró,
La dama corrida fué,
El galán se retiró
Y no pude decir — ñe.

Canc. cit., 279.

Pelas mesmas razões de decencia, não se reproduz o equívoco de palavras partidas que se encontra na tragicomédia TRIUMPHO DO INVERNO, de Gil Vicente (2), Vê-se como de um expediente classico do estylo sublime se passou á mais acabada ridicularia.

Ouvi de um portuguez, Raymundo Capella, bohemio de talento e dotado de graça natural, uma quadrinha que corria nas rodas literarias de Coimbra, a respeito de um patriota guilhotinado:

Victima de sorte má
A' guilhotina subia
Um heroe que disse: *Pa —*
Mas não pôde dizer — *tria!*

Não estou certo da redacção, que recriei agora. Em substancia, era o que ahí está.

Em qualquer maneira, pertencem ainda a essa especie as rimas ricas e jogralescas como de *hãm de ga* (lardoar); *hãndega* é, já se vê, consoante de *pañdega*, *alfandega*; outra é a rima rara de lâmpada:

P'ra alumiar a *estampa da*
Virgem Nossa Senhora,

onde cumpre ler *estâmpada*, esdruxulamente. Deve-se a *descoberta* ao calemburista luso Duarte de Sá.

Não nos interessam já essas histrionices a que descera o erguido *Quos ego...* de Neptuno.

Na época seiscentista era costume dos gongoricos fabricar versos truncados, sem as ultimas syllabas, que deixavam subentendidas; exemplos numerosos se deparam nos florilegios dos *Anonymos*, dos *Singulares* e das demais academias do tempo:

Mata-me, pois, cruel, tira-me a vi —
Etc.,

como diz um delles. Foram mestres desta usança barbara, em Portugal, Fr. Lucas de Santa Catharina, o poeta cego (Joseph de Sousa) e outros da mesma egualha. E a isso chamavam *versos telestichos*. Os espanhoes, a quem cabe a invenção, appellidaram-nos *versos de cabo roto*. Os primeiros saíram da penna de Alonso Alvarez

(1) Traz varios logares de outras literaturas, que não transcrevemos. KLEINERE SCHRIFTEN, III, I.

(2) Acha-se nas OBRAS, do poeta, ed. de Lisboa, II, pg. 463.

Soria, bohemio sevilhano, em 1603, numa satira contra Lope da Vega. Cervantes diffundi a novidade.

Aqui ha tempos, no Rio, quando o Dr. Castro Lopes apparecia nos jornaes a explicar *ditados* e *proverbios* por meio de historietas, surgiu na imprensa um artiguinho cheio de *humour* do nosso Machado de Assis (3).

Inquiria elle da origem da frase e pergunta *Que horas são?* que fazem as pessoas quando se encontram. Havia uma razão historica e remotissima, proveniente de um costume pio, que era o de dar a ler um livro de HORAS aos doentes e moribundos. A um destes, na agonia, perguntou São Benedicto, que lhe assistia ao ultimo transe, se já rezara as HORAS. E elle, arquejante, e sceptico, contestou:

— Que HORAS, São...

Mas não pôde accrescentar: Benedicto, porque naquelle momento expirava.

Ficou d'ahi por diante perpetuado o costume de dizer: *Que horas são?* entre pessoas, logo que se avistam (4).

XXIII

FOLK-LORE INFANTIL. HISTORIA DO EMBaixADOR

Uma das curiosidades, e tambem uma das pesquisas mais embaraçosas do *folklore* infantil, é a dos fragmentos dispersos da lyrica popular que, deslocados dos seus themas primitivos, fluctuam em todas as direcções ao grado de mysteriosas correntes.

Por vezes, descobrimos n'uma *ronda* infantil os versos esparsos e perdidos de um poema ou romance medievo com as mutilações do itinerario atravez de edades e gentes varias...

Vamos aqui examinar um d'estes casos, deixando a mais extrenuos folkloristas o desejo de completar o estudo de outros que obedecem á mesma homologia.

Trata-se da cantiga e dansa infantil do *Tiro-lá* ou *tero-tero*, que sob fórmias varias e accidentaes occulta o poema trovadoresco do *Embaixador das nupcias*, segundo os costumes medievaes já obsoletos na mesma Europa.

E como folkloristas brasileiros e portuguezes parecem desconhecel-o, não é coisa inutil gastar uma hora descuidada n'esta antigualha.

Trata-se de uma ronda graciosa, conhecida das creanças no Rio de Janeiro e que se canta com singella musica (que lamentamos não poder reproduzir) e com a letra

(3) O artigo, anonymo, era uma das *Balas de estalo*, secção alegre da *Gazeta de Noticias*, em que collaboravam Machado de Assis (*Lelio*), Ferreira de Araujo (*Lulú Senior*), Henrique Chaves (*Riancho*), Manoel da Rocha (*Ly*), etc.

(4) Machado de Assis tinha uma grande cultura das letras francezas e inglezas, classicas e populares. E' possivel que conhecesse a comedia do general Bombastes, onde o rei mortalmente ferido, diz:

(O rei) — Oh ! oh ! my Bom

(O general) — Bastes he would have said,

But ere the word was out, his breath was fled.

Reproduzo de memoria o artiguete de Machado de Assis. Se houver infidelidade, será de pormenores.

seguinte que fôrma um dialogo simulado entre um dos rapazes e outra *pessoa grande* ou já *velha*, representada pelo côro:

(O rapaz) Bom dia, meu senhorio,
Manda o *tiro-tiro-lá* —
Bom dia, meu senhorio,
Manda o *tiro-tiro-lá*.

(Coro) Que é que você quer? (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

(O rapaz) Quero uma de vossas filhas, (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

(Coro) Escolhei a que quizerdes, (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

(O rapaz) Quero dona... (fulana) (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

(Coro) Que officio tem você? (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

(O rapaz) Meu officio é sapateiro, (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

(Coro) Este officio não me agrada (bis.
manda o *tiro-tiro-lá* (bis.

Em resumo, a idéa em que se desdobram estas rimas é um pedido de casamento a que se segue a recusa, por inhabilidade do noivo.

Ha duas questões, a de fôrma e a de substancia, a examinar nesta ronda infantil.

A de substancia ou conteúdo deixaremos, para a conclusão. Por enquanto, faremos notar o estribilho

tiro-tiro-lá

que é uma expressão tradicional e antiga que anda em numerosas cantigas e já apparece nos antigos escriptores, com as fôrmas *tero-lero*, *tiro-tiro*, etc.

E' antes de tudo uma fôrma onomatopaica de qualquer melopéa das que vemos alliteradas sempre com as articulações *t-r* (*tarará*, *tararantará*, p. ex.) que substituem a letra ignorada de varios hymnos e melodias populares.

Não é menos certo que é muito antiga e significou uma dansa e cantiga vulgar desde antigos tempos.

Vemol-a por exemplo em Antonio Prestes no AUTO DOS DOIS IRMÃOS, quando um pae renega ter filhos, noras e netos, diz:

Lá essas noras de rostinhos
D'enfeitados, *tero lero*

Aqui o *tero-lero* é também uma recusa e negativa, e é como se dissesse: *nada disto!* e é o que se depreheende do contexto.

Tero-lero parece exprimir de qualquer maneira o sentimento de desdém ou menospreço. E' ainda o que infere do texto da cantiga:

Tero-lero, tero-lero,
Tenho tudo quanto quero.

O primeiro verso parece realmente dizer — *não preciso de mais* — e é ainda o mesmo sentido de negativa ha pouco expressada.

No Rio de Janeiro, aquella palavra apparece deturpada na variante que se originou talvez da obscuridade da primitiva expressão:

Bello ! Bello ! Bello ! Bello !
Tenho tudo quanto quero...
Pois eu tenho minha damã
Vestidinha de amarello (1)

Este *bello bello!* é seguramente o *tero-lero*, como o confirma o segundo verso que é o do texto tradicional e ainda o sentido de negação e repulsa.

E' digno de nota que ainda aqui se trata de casamento, ou coisa semelhante, como é a *posse de uma dama*.

Nos Açores ao *tero-lero* chamam *tiro-liro*; temos já uma serie de transformações: *tero-lero, bello-bello, tiro-liro, tiro-lá* da cantiga que serve de pretexto a estas linhas.

Em Portugal existe uma graciosa *ronda infantil*, variante d'est'outras, e que é conhecida pelo jogo da *tira-lira* (2). A musica tem uma semelhança com a da *ronda brasileira*, ainda que o passo coreographico seja distincto.

A *tira-lira* compõe-se de duas rodas concentricas, uma pequena e outra grande. Aquella, no correr do jogo e cantiga, vai crescendo á custa da maior.

E o mesmo sentido negativo que notamos acima. A roda pequena mata a grande:

A nossa roda é mais linda,
Mata a *tira-lira*.

A *tira-lira* vai diminuindo até desaparecer.

Os hespanhoes têm o *tira* e a *floja*, os sicilianos o *tiramola*, que apenas indicam a analogia superficial das denominações, mas são jogos infantis inteiramente diversos dos nossos.

A mais antiga das fórmulas vernaculas é *tiro-liro*, que se depara no *Cancioneiro geral*, de Rezende:

Gaiteiro de *tiro-liro*

III, 648.

(1) A musica desta cantiga denuncia a antiguidade do thema, pois é a do chamado *sólo inglez*, que supponho ser a do mesmo *tero lero* dos antigos, ou da *sapateta*, também obsoleta. Todavia, ainda se dança o *sólo inglez* no interior do Brasil. Na minha cidade natal conheci um velho, o Luiz Bentevi, e era unico sobrevivente dos que sabiam aquelle *sólo*, e só o dansava com toda a etiqueta, de calções e cabelleira empoada a seculo XVIII, com sapatinhos de setim, nas occasiões mais sollemnes. Era realmente admiravel pela elegancia, destreza e perfeição de attitudes e movimentos.

(2) Registrada sob o n. 495 no *Cancioneiro de musicas populares*, de Cesar das Neves.

No século XVII falava ainda do *tero-tero*, Dom Francisco Manuel, no *Fidalgo aprendiz*, como de dança popular em opposição ás dansas cortezãs:

— Pois, mestre, o que mais sabeis ?
 — Uma Alta um Pé de xibáo,
 Galharda, Pavana rica;
 e nesta, novas mudanças.
 — Tendes; que isso não são lanças,
 Senão coisas de botica.
 Sabeis o sapateado ?
 O *Terolero*, o Villão,
 O Machadin ?

Auto de F. aprendiz (3).

O *tero-tero* persiste apenas nas rondas e jogos infantis brasileiros.

Em Portugal vemol-o ainda fixado em uma cantiga das ruas, o *Digo dáe, ó tirolé*, bastante vulgar. Ainda ahí notamos aquelle sentido crepuscular que julgamos lobrigar na palavra *tero-tero*. Assim, diz a cantiga:

Tenho um, tenho dois,
 Tenho tres, não quero mais.

Té-té, ó tero-lé !...

Não estará aquí o mesmo sentido de renuncia ou de recusa que notamos a principio ?

Os francezes conhecem a ronda *Ah mon beau chateau*:

Ah mon beau chateau
Ma tant'tire, lire, lire...
 Le nôtre est plus beau
Ma tant'tire, lire, lire...

A etymologia da palavra poderia esclarecer essa questão; mas não lhe conhecemos a origem. Será provavelmente uma onomatopéa, que foi adquirindo e tirando um resquicio vago de significação do contacto das primeiras phrases em que appareceu. Não é raro esse phenomeno do contagio das idéas na historia da linguagem.

Como quer que seja, esta nota, ou glosa, que juntamos á cantiga popular, servirá de estímulo talvez a outros espiritos mais clarividentes.

Para accentuar a capacidade e extensão da furia mutiladora d'essas vozes *sine sensu*, basta notar uma das variantes brasileiras, registrada e colhida por Figueiredo Pimentel, e aquí muito popular:

Meu castello é bello,
Mata tira tirerão...

(3) *Op.*, pg.17, da excellente edição de Mendes dos Remedios.

Trata-se também, na variante brasileira, da escolha de noiva com a obrigação propiciatória de uma dádiva:

Um vestido de seda
Mata tira-tirerão... (4)

Este mesmo estribilho de *mata tira tirerão* aparece com outra forma supposta mais inteligível:

Meu castello é bello,
Batatinha de le-16

Batatinha substitue o *mata tira* da ronda portugueza e da variante fluminense. Juntando-se todos esses versos fragmentarios, vê-se que a substancia da ronda é um *pedido de casamento* pelo noivo ou por um *mensageiro*, e que a acção se passa n'um *castello*; é uma castellã a noiva e a desejada. Ha recusas ou insidias contra o noivo.

Todos estes aspectos comicos se verificam na historia do famoso *Embaixador*, que era indispensavel entre as cerimoniaes jogralescas da cavallaria medieval e que anda nos poemas aulicos do tempo.

Na Italia também em rondas infantis ainda se canta:

E' arrivato l'*Ambasciatore*,
Oili, oili, oilà!

O *embaixador*, segundo o rito de outros tempos, tinha que se apresentar no castello a pedir a mais bella das castellãs.

"*A questo punto* (diz Giulio Bartoni, que descreve essa usança) *si svolgeva una graziosa scenetta...*"

O velho castellão apresentava algumas amigas ou irmãs da escolhida (que n'este momento se occultava). O *embaixador* recusava, e com ditos graciosos ia recusando a todas as damas, dizendo que a mais bella flôr não se achava no ramalhete que lhe offerciam (*il piú bel fiore non era nel mazzo che gli era stato offerto*).

Era essa a comedia castellã, que ficou perpetuada nas rondas infantis *tero-tero*, e do *meu bello castello* da variante brasileira.

Eis aqui uma das variantes fragmentarias italianas, que attestam a origem do romance do *Embaixador* e singularmente se parece á nossa, já pelo estribilho, já pelo contexto:

- Me castel l'é bel ! Lan tan tiro liro lera.
- El me l'é ancor pi bel ! Lan tan tiro liro lá.
- Nui lo guasteruma. — Nui lo difendruma.
- Nui lo pieruma. — Nui lo guarneruma.
- Nui lo bruzeruma. — Nui lo stisseruma.
- Coza vas-tu cercand inturn al me castel ?
- Vado cercand, vado cercand madama Pulizera.
- La truverai pa, la truverai pa, l'é morta suta tera.
- La truveró ben, la truveró ben, l'é custa la pi bella.

(4) F. Pimentel — *Os meus brinquedos*, pg. 19. E' um livro muito conscienciosamente feito, com inteira fidelidade na transcripção das fontes populares. Sobre o mesmo assumpto possuímos ainda um excellent livro de *Icks* (Dona Alexina de Magalhães), que infelizmente não tenho á mão.

Já temos dito que o prazer e o fructo d'estes cotejos de pequena erudição é a evidencia que d'elles resalta da nossa solidariedade com a cultura européa e da unidade intellectual que nos liga aos povos da mais bella estirpe humana.

Assim, formados ethnica e mentalmente, cabe-nos um direito natural a todos as ambições de progresso e civilização.

Esse resultado é aliás accidental, mas aproveitavel. Póde compensar a pequenez do assumpto para a opinião de espiritos mais graves ou utilitarios.

XXIV

OS PROVERBIOS

A *paremiologia* ou o estudo dos proverbios é um assumpto de si mesmo tão vasto que não seria aqui o logar de tratá-lo.

A *sabedoria popular*, como a conhecemos, em seus breves aforismos e sentenças offerece difficuldades serias na investigação de suas origens.

Deixando para outra oportunidade o estudo mais completo do adagiario portuguez, aqui nós limitamos, para exemplificação, ao estudo de uma frase brasileira e popular:

Em tempo de murici
Cada um cuide em si.

E' uma phrase nossa, que anda em todas as boccas.

Simple, clara, e todavia inexplicavel.

Attribuiu-a ao infeliz coronel Tamarindo na terrivel derrocada de Canudos o nosso grande escriptor Euclides da Cunha. Vê-se, pois, que o *tempo de murici* assignala um momento de terror, o — *sauve qui peut* — que desculpa todos os egoismos. “Cada um cuide em si que é tempo de *murici*”, é outra variante.

Entretanto, nada parece justificar essa expressão, a não ser a rima inconsciente e irracional.

O *murici* é uma planta das terras agrestes e fracas, como já a descrevia Gabriel Soares no seculo XVI (1); fructifica, como as outras, na época propria, e não assignala nenhuma calamidade.

Porque, pois, o *murici* ha de symbolizar os maus dias, ou o terror panico ?

A razão creio que a tenho achado.

Nos tempos coloniaes havia perpetuo intercambio de coisas e de gentes entre o Brasil e a India, onde os mesmos fidalgos e os mesmos soldados, cá e lá, a seu turno, serviam á civilização e ao imperio portuguez.

Ora, uma das grandes calamidades da India era o *morexi* ou *murixy*, nome indiano e asiatico do *cholera-morbus*, e tambem das especies parecidas a esta, a colica, o miserere, o volvulo. Terrivel epidemia de *morexi* foi a que houve em Gôa, no inverno de 1543, quando lá governava Martim Affonso, o mesmo fidalgo que com a sua familia e apaniguados tinha aqui no Brasil grandes interesses e propriedades; e lá estavam Thomé de Sousa e outros no momento climaterico.

Ainda então a sciencia medica não tinha definido a doença, nem ainda menos imposto o nome latino hoje vulgar, de *cholera-morbus*.

(1) G. Soares, II, cap. 54. Tambem a descrevem Piso, I, 79, e Marcgrav, 118.

O nome antigo do *cholera* era *murexy*, como assignala Gaspar Corrêa, que foi testemunha da calamidade, nas SUAS LENDAS DA INDIA (IV, pg. 288):

“Neste inverno houve em Gôa uma dor mortal a que os da terra chamam *morixi*...”

Foi a primeira epidemia do cholera, terribilissima qual nol-a descreve o chronista em negras côres, e na qual os enfermos apenas “duravam um só dia” e eram tantos que o panico tomou a cidade.

O terror do *murixi* foi-se, por fim, tornando familiar nas suas medonhas irrupções. Nos differentes dialectos maharatas do Malabar portuguez corriam as variantes *murixi* e *mordexy* ou *mordexim*. Diogo do Couto na sua Quarta Decada (livro IV, cap. X, pg. 109 da ed. in-folio de 1736) diz que *mordexi* é nome corrupto, e se deve dizer *morxi* (2). Cumpre dizer aqui que o *morxi* de Couto (*morixi* em Gaspar Corrêa) é mera corruptela prosodica muito frequentemente praticada pelos portuguezes, quando adoptavam palavras exoticas (assim é que elles fizeram *Pernambuco* (de *Paranambuco*) e *Sergipe* (de *Seregipe*) supprimindo, segundo o seu vezo, a vogal atona. Dest'arte, *morxi* é o mesmo *morixi*.

A epidemia do *murixi*, sempre acompanhada de grande medo, explica a expressão melhor que a fructinha innocua do *murici*, que se não relaciona a nenhuma calamidade.

E, de resto, nas occasiões apertadas, na guerra, nos grandes pavores, é que tambem se revela esta doença do medo, a colica, o *murexi*.

Na mesma epidemia de Gôa, a que nos referimos acima, no logar proposto, o panico foi terrivel. O proprio clero, deu um triste e memoravel exemplo de egoismo.

Foi uma situação analoga á de Canudos. Era tempo de *murexi*, e cada um, pois, cuidava em si.

E' esta, a julzo meu, a origem da frase. A palavra asiatica, sobretudo entre soldados, devia correr no Brasil; a sciencia medica ainda não tinha achado a expressão erudita que modernamente a substituiu.

Foi facil ao povo approximall-a de *murici*, voz indigena mais comprehensivel, com a qual se confundia quasi.

(2) Os francezes tomaram a forma asiatica *mordexi*, e della fizeram *mort-de-chien*, nome primitivo do *cholera-morbus*.

HISTORISCH-GEOGRAPHISCHER KATALOG

FÜR BRASILIEN

(1500-1908)

VON

JOSEPH SCHERRER

VORWORT

Die kleinen Sammelwerke sind oft diejenigen, welche durch gründliche Behandlung gute Dienste leisten können. Dies bewog mich auch, in diesem Katalog mehr deutsche Veröffentlichungen bezüglich Brasilien aufzunehmen. Wiewohl begrenzt, erschien mir dieses Feld bibliographischer Nachforschungen noch weit genug, um eine reiche Ernte zu liefern.

Zur Vereinigung des Stoffes meines vorliegenden Nachschlagebuches benützte ich natürlich die Wissenschaft von Asher, von Clarke, von Garraux, von Harrisse, von Sabin, u. s. w., ferner die Bücherei-Verzeichnisse einiger Privat-Sammlungen. Ebenso unterliess ich nicht, die Sonder-Kataloge über Amerika der Verleger: H. H. Karl W. Hiersemann, E. Steiger & Co, Kegan Paul, Treuch, Trübner & Co, D. Appleton & Co. u. s. w., zu Rate zu ziehen. Die einen, wie die andern, enthielten auf das Sorgfältigste bearbeitete Angaben und Mitteilungen langjähriger Fachkenntnis.

Das hauptsächlichste Material geschichtlichen und geographischen Inhaltes schöpfte ich in Rio in der National Bibliothek. Durch diese Quelle guter Auskunftsmittel vervollständigte ich die Arbeit meiner weisen Vorgänger.

Mein anspruchloses Verzeichnis hat, nach vielen Sammel-Jahren, den Stoff noch nicht erschöpft; der kartographische Teil, die Wörterbücher, die Handbücher für den Unterricht, sowie die encyclopedischen Werke sind hier nicht inbegriffen.

Ich befliss mich einer genauen und zuverlässigen Zusammenstellung und um diesen sehr erwünschten Zweck zu erreichen, habe ich meine Arbeit so sorgfältig als möglich durchgesehen.

Möge dieser Katalog eine gute Aufnahme finden bei Liebhabern, Sammlern, Kaufleuten und Industriellen.

Zürich, 11. Juni 1911.

Joseph Scherrer.

EINLEITUNG

“So nun etwan ein junger gesell were, der mit diesem schreiben und zeugen keinen genügen hette, darmit er nicht im zweiffel lebe, so neme Gott zu hilff, und fahe diese reyse an. Ich habe im hierin kundschaft genug gelassen, der spur volge er nach.”

Hans Staden, Marburg, 1557.

Historisch-Geographischer Katalog

FÜR

BRASILIEN

- ABECKEN, Herm. Amerikanische Negersklaverei u. Emancipation. Nebst Mitteilungen über Colonisation mit besonderer Rücksicht auf Brasilien. Berlin, 1847. 8° Nicolai'sche Buchhdlg.
- ABENDROTH. Bericht vom Rio Pozuzu. Jahresbericht des Vereins für Erdkunde. Dresden. 1873. 1. (& Nachtrag).
- Bericht vom Rio Ucayali. "Globus", Braunschweig. Bd. 19. 1871. Seite 377.
- ACRE-FRAGE, Die. Den Vertrag zwischen Bolivia & Brasilien betreffend. (D. Acre-Gebietes). "Frankfurter Zeitung", N. 324, vom 22. Nov. 1903.
- ADALBERT, Prinz von Preussen. Aus meinem Tagebuche. 1842-43. Berlin. 1847. 8°. Atlas mit 45 Lithogr.
- AGASSIZ, Ludwig Johann Rudolf. Naturforscher; zu Môtier (Kanton Freiburg, Schweiz) am 28. Mai 1807 geboren. Siehe I. B. von Spix: *Selecta genera et species piscinum*.
Die *englischen* Werke des Schweizer Geologen L. Agassiz sind in meiner "Bibliographia Amazonica", Zürich, 1908, enthalten. Seine fünf *französischen* Veröffentlichungen sind in der "Bibliographie Brésilienne" von A. L. Garraux, Paris, 1898, erwähnt.
- AKERMANN, F. X. Das Kaiserreich Brasilien. Beobachtungen u. praktische Bemerkungen für deutsche Auswanderer. Nebst der Ansicht einer Fazenda (Länderei) & 1 Karte vom Stromgebiet des Rio Doce (Espírito Santo). Heidelberg, 1834. 8°.
- ALBUM von Pará. In deutscher, italienischer & portugies. Sprache. Berlin, E. Aders. Photogr. von Fidenza.
- ALDENBURGK, I. G. Westindianische Reise u. Beschreibung der Eroberung von S. Salvador in Brasilien. Coburg, 1627. 4°.
- Johann Georg. Schilderung des Kriegszuges gegen S. Salvador. 1623-1625. Im 13. Teil von De Bry's. Amerika. Frankfurt bei Merian, 1628.
- ALEMANN, M. Am Rio Negro (Argentinien). Dietr. Reimer. (Ernst Vohsen) Berlin, 1907.
- ALLGEMEINE Auswanderungs-Zeitung. Rudolstadt, 1847-1867. Jahrg. 1-21. 4°.
- Deutsche Zeitung für Brasilien. Herausgeber Richard Matthes, Rio de Janeiro, in der deutsch-brasilianischen Buchdruckerei v. Richard Matthes (später von H. A. Gruber). 1874-81. in-fol.

- ALVENSLEBEN, L. von. Die deutsche Kolonie Donna Francisca in Brasilien, der vortheilhafteste Punkt für deutsche Auswanderer. Ein Ratgeber u. Wegweiser für deutsche Auswanderer dahin & nach Brasilien überhaupt. Nach zahlreichen Privatmitteilungen & offiziellen Nachrichten des Hamburg. Kolonisations-Vereins von 1849". Leipzig. 1854.
- ALVES NOGUEIRA, Dr. M. T. Bemerkungen über die letzten Ereignisse in den La Plata-Staaten. Rio de Janeiro, 1865. 4^o. Typ. Lorenz Winter.
- AMERICUS VESPUCCI. (Amerigo Vespucci, italienischer Seefahrer, in Florenz geboren: 9. März 1451). Leben & nachgelassene Briefe, worinnen dessen Entdeckungen in der neuen Welt u. die Merkwürdigkeiten seiner Reisen hist. u. geogr. beschrieben werden. Aus dem Italien. d. Herrn A. M. Bandini übersetzt & mit Anmerkungen erläutert. Hamburg, G. Chr. Grund. 1748. 8^o mit Abbildungen.
- De ora antarctica per Regem Portugalliae pridem inventa. (Argentinae 1505. 4). Deutsche Uebersetzung. (A. von Humboldt, 1836). Neudruck durch Ruge. 1867.
- AMERIKA. Siervers, Prof. Dr. W. von. S. A. Süd & Mittel-Amerika. IV. Brasilien. Bibliograph. Institut. Leipzig & Wien. 1903.
- AMPHITHEATRUM, neueröffnetes. worinnen aus d. ganzen Amerika alle Nationen nach ihrem Habit repräsent. etc. Mit 33 Holzschn. in halber Blattgr. in-fol. Erfurth, 1723. — Enthält die Kostüme der amerik. Eingeborn. Stämme & 3 Porträts von Columbus, Vespucci & Magalhães.
- ———² worinnen die Nationen nach ihrem Habit repräsentiret. Teil I–III, Asia, Afrika, Amerika. Mit 93 Holzschn. Erfurth, 1723–28. — Der Teil Amerika. bringt die Kostüme der einzelnen Indianerstämme, mit Waffen & Geräthen.
- ANDREE, Karl. Ethnographische Parallelen. I. (s. Brasilien).
- ——— Geographie des Welthandels I & II. Stuttgart, 1863–1872.
- ANGSTRÖM, Ioh. Primæ lineæ muscorum cognoscendorum qui ad *Caldas* Brasiliæ sunt collecti. Scripsit Ioh. Angström. Stockholm, 1876. 2 Bd. 8^o Auszug v. Oefversigt af K. Vet. Ak. Förh. 1876.
- ANNALEN des Wiener Museums der Naturgeschichte I. (s. Brasilien) Wien, 1836.
- ANTHROPOS, illustrierte internationale Zeitschrift für Völker & Sprachenkunde. (Heft 1. Januar 1906). Der Verleger: Firma Zaunrith, Salzburg, Bergstrasse 12, Oesterreich. Der Herausgeber: P. W. Schmidt. S. V. D. St. Gabriel, Mödling bei Wien.
- APPUN, Carl Ferdinand. Unter den Tropen. Wanderungen durch Venezuela, am Orinoco, durch Britisch Guyana u. am Amazonenstrom. 1849–68. Iena 1871. 2 Bd. 12 Holzschn. Tafeln & 2 Lithographien. (S. Brasilien. Bd. II, Seite 257 & ff.).
- ARAWAKISCH. Nachrichten von Suriname (holländ Guyana) & seinen Einwohnern, sonderlich den Arawaken, Warauen & Karaiben. Görlitz, 1801, Mit Karte & 2 Kupfer. Seite 294–316. Die Arawak-Sprache.
- ARCHIV, Allgemeines, für Ethnographie & Linguistik. Herausgeg. von Bertuch u. Vater. Weimar, 1808. Bd. I mit 2 farbigen Karten & 9 Tafeln.
- für das Studium deutscher Kolonialsprachen. Herausgeg. v. d. Dir. des Seminars für oriental. Sprachen. Prof. Dr. Ed. Sachan. Bd. 1 & fortsetz. Verlag v. Gg. Reimer. Berlin, W. 35.
- , Amerikanisches. von I. A. Remer. Braunschweig, 1777–78. 3 Bd.
- ARMENTIA, P. Bericht vom Rio Beni & Rio Madre de Dios. Meteorolog., Zeitschr". 1890. (S. 309).

- ARSÈNE, Isabelle. Reise nach Buenos Ayres & Porto Alegre. (Porto Alegre & Håvre, 1835). Deutsch in A. Lewalds "Atlas" III. Leipzig & Stuttgart, 1836.
- ASCHENFELDT, F. Memoiren aus meinem Tagebuch, geführt während meiner Reise & meines Aufenthaltes in Brasilien in den Jahren 1843 bis 1847. Oldenburg in Holstein 1848.
- AUFNAHME und Erforschung des Stromlaufes des Rio São Francisco. (Brasilien). Mit Karten. "Zeitschrift für allgemeine Erdkunde". X. Berlin, 1861.
- AUSSERER, A. (1871-1875). Beiträge zur Kenntniss der Arachniden-Familie der Territelariae (brasil.). Thorel. Mygalidae Autor. Abh. der K. K. Zoolog.-botan. Akad. Wien. Bd. 21 & 25.
- AUSWANDERER, Der deutsche. Von F. Haas, Dr. Künzel in Darmstadt & Dr. H. Malten in Mainz, 1847 herausgegeben. Centralblatt der deutschen Auswanderung & Kolonisirung, mit Beiträgen von Kalkmann, Koeler, Monken, Valentin, u. s. w.
- AUSWANDERUNGEN, über schweizerische. Berichte der schweizer Consular-Agenten in Europa, Nord-Afrika & beiden Amerika. Glarus. 1845.
- AUSWANDERUNGSFRAGE, Die. Bericht des aargauischen Regierungsrates. 1854.
- AVÉ-LALLEMANT, Dr. Robert. Erinnerungen aus Brasilien. Lübeck, 1854. Rohden'sche Buchhdlg.
- — — — — Das gelbe Fieber. Breslau, 1857. in-8°.
- — — — — Am Mucuri. Eine Waldgeschichte aus Brasilien. Hamburg, 1859. 8°.
- — — — — Berichte, betr. die Mucury-Kolonie. I. Heft. Briefe deutscher Ansiedler. Hamburg, 1859.
- — — — — Reise in Süd-Brasilien, im Jahre 1858. 2 Teile. 8°. Leipzig, 1859.
- — — — — Reise durch Nord-Brasilien, in Jahre 1859. I & II. 8°. Brockhaus, Leipzig, 1860.
- — — — — Die Benützung der Palmen am Amazonenstrom in der Oekonomie der Indianer. Ein Vortrag. Hamburg. 1860. 16°.
- — — — — Tabatinga am Amazonenstrom. Ein Vortrag gehalten am 7. März 1863 im wissenschaftlichen Verein zu Berlin. Perthes-Besser & Mauke, Hamburg. 1863. 8°.
- — — — — Die Früchte Brasiliens. Zeitschrift: "Gäa". Köln, 1865. I Bd.
- — — — — Die deutsche Kolonisation in Brasilien, etc. Lübeck, 1872. Druck von H. G. Rahtgens.
- — — — — Bericht vom Rio Negro & Amazonas, aus dem Jahre 1878. Das Ausland, 1880. Seite 131-135.
- — — — — Wanderungen durch die Pflanzen-Welt der Tropen. Breslau, 1881.
- AZEVEDO COUTINHO, I. I. C. Handel Portugal's mit seinen Kolonien. Uebersetzt v. K. Murhardt, Hamburg, 1801. 8°.
- BAASCH. Handelsbeziehungen zwischen Hamburg & Amerika. Hamburg, 1892.
- BAER, H. Brasilien & Uruguay. "Schweiz. Kaufm. Zentralblatt". 1903 n. 4/8 (Zürich, Aschm. & Zeller) 1903.
- BALLOD, Dr. Karl. Brasilien. S. 619-643, in "Amerika", seine Bedeutung für die Weltwirtschaft & seine wirtschaftl. Beziehungen zu Deutschland, insbesondere zu Hamburg. In Einzeldarstellungen; mit zahlreichen Illustrat. & K., herausgegeben von Dr. Ernst von Halle. Verlag der Hamburger Börsenhalle, G. m. b. H. Hamburg, 1905.
- — — — — Santa Catharina. "Ausland" 1892.
- BANCROFT, E. Naturgeschichte von Guyana, in Süd-Amerika. Aus dem Englischen. Frankfurt, 1769. Mit 1 Tafel.

- BARBOZA RODRIGUES. Reduzirte Karte vom Lauf des untern Rio Trombetas, Rio Yamundá, Rio Uatuma, Rio Urubú. "Zeitschrift d. Gesellschaft für Erdkunde". Berlin. 1882. Bd. 17. T. III & VII. Seite 389.
- BARLAEUS, Caspar. Brasilianische Geschichte bei achtjähriger in selbigen Landen geführter Regierung Seiner Fürstlichen Gnaden Herrn Johann Maritz, Fürstens zu Nassau, etc. Erstlich in Latein durch Casparem Barlaeum beschrieben, und jetzo in Teutsche Sprach übersetzt. Cleve, gedruckt bei Tobias Silberling im Jahre 1652. Mit einem Porträt des Fürsten Maritz). Auch Ausgabe: Cleve, 1659.
- BARRETO DE MENEZES, Tobias. Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet. Escada. 1876. 8°.
- Ein offener Brief an die deutsche Presse. Escada, 1878. 8°.
- BARTH, Albert. † aus Rio de Janeiro, 1840-1906. Zur Erinnerung an —. Schrift der Hinterlassenen zum Andenken an den Verstorbenen. Druck: Art. Inst. Orell. Füssli & Co, Zürich. 1906. 26 Seiten, mit 3 Abbildg.
- Ernst, Freiherr von. Der südamerikanische Krieg in den Jahren 1864-1870. "Ausland" 1875 N. 37, S. 729; N. 38, S. 754.
- BASTIAN & Hartmann. Zeitschrift für Ethnologie. Bd. IV, VI & VII. Abhdig. bez. Brasilien.
- BECHER, Joh. Joachim. Gründlicher Bericht des in Amerika zwischen dem Rio Orinoco & Rio de las Amazonas an der westen Küste in Guinea gelegenen Strich Landes, etc. Frankfurt, 1669. 54 Seiten. 4°.
- BECK, Bericht vom Huaina-Potosi. *Petermann's. Mittlg.* 1865. Seite 287.
- BECKER, Max. Der argentinische Weizen im Weltmarkt. Eine volks- & wirtschaftliche Studie. Iena. 1903.
- BEER, A. Geschichte des Welthandels im 19. Jahrhundert. 3 Teile in 1 Band. Wien, 1884. s. Südamerika: Brasilien.
- BEHM, E. & H. Wagner. Die Bevölkerung der Erde. Gotha, 1872-78. s. Bevölkerung Brasiliens.
- BEISSNER. Handbuch der Nadelholzkunde. s. *Araucaria brasiliensis*. Leipzig, 1902.
- BEITRÄGE zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien & Buenos Ayres, in den Jahren 1825, 26, 27 & 28. Von einem (nicht genannten) Augenzeugen. Berlin, 1834.
- zur Kenntniss der Säugetiere Amerikas. s. Brasilien. München, 1847-1848.
- BEITRAG zu Instructionen für die wissenschaftliche Abteilung der Weltumseglungs-Expedition der K. K. Fregatte. "Novara" (s. Abh. Brasilien) "Mittelg". der K. K. Geogr. Gesellschaft. Wien, 1857. Druck von M. Auer, Wien.
- BELGISCHEN Kolonien. Die. in Guatemala & Brasilien. Cöln, 1844.
- BEMERKUNGEN & Anweisungen für die Naturforscher, welche die Expedition S. K. K. Fregatte "Novara", etc. begleiten. s. Südamerika. Aus der K. K. Hof- & Staats-Druckerei. Wien, 1857. 146 Seiten.
- BENEDEN, Ed. van. Verzeichniss der in Brasilien (1872-73) gesammelten Arachniden. Brüssel, beschrieben von Dr. Ph. Bertkau. 1880.
- BERG, Dr. A. Die wichtigste geographische Literatur. Ein praktischer Wegweiser, Halle a/d. S. 1902. Gebauer-Schwetschke.
- BERGHAUS, H.—Grundlinien der Ethnographie. 1849. 404 Seiten. 8°. Deutsche Verlagsanst. Stuttgart & Leipzig.
- Physikalischer Atlas. Abt. 7 & 8: Anthropogr. & Ethnogr. Gotha, 1852. 2^{te} Aufl. 19 Karten.

- BERICHT, warhaffter., welcher massen die Stadt Olinda in Brasilia durch Herrn Cornelis Lönx ist erobert worden. 4. 1630.
- getreuer., über die Kolonie-Verhältn. in Brasilien; z. Warnung vor leichtsinniger Auswanderung. 8. Innsbruck. 1861.
- der Handelskammer in Bremen. Jahrg. 1901/2. Bremen, 1901/1902.
- des Schweizer Konsuls in Bahia (Hr. Julius Meili) aus den Jahren 1875/76, 1877/78, 1879/80. Beilage z. Schw. Bundesblatt. Sammlg. von Jahresber. d. Schweizer-Consulate.
- über Handel & Industrie. Heft 19. Gewebehandel mit Südbrasilien. (1900). Heft 25. Wirtschaftl. Lage Central Brasiliens im Jahre. 1900. Carl Heymann's Verlag. Berlin, 1901.
- BERLERSCH, Hans. von & H. v. Ihering. Die Vogelwelt von Mundo-Novo. Zeitschr. d. ges. Ornithologie. Budapest.
- BERTUCH'S, Dr. F. I. Neue Bibliothek der wichtigsten Reisebeschr.: 1. H. Koster's Reise in Brasilien (Aus d. Engl. Orig.) Weimar, 1817. 2. Leidenfrost's Wiedergabe von I. Luccock's Notes on Rio de Janeiro. Weimar, 1821. 3. Bertuch's Uebersetzung von A. Caldclough Reisen in Südamerika, 1819-1821. Weimar, 1826.
- BESCHOREN, Max. Zur Geographie der Provinz Rio Grande do Sul. "Zeitschr. d. Ges. für Erdkunde". XIII. Seite 417. Berlin, 1864.
- — Das Waldgebiet des oberen Rio Uruguay in der brasil. Provinz S. Pedro do Rio Grande do Sul. "Zeitschr. d. Ges. für Erdkunde". XV. Seite 195. Berlin, 1866.
- — Beiträge zur Kenntniss der brasilian. Provinz S. Pedro do Rio Gr. do Sul. Herausg. v. H. Lange. *Petermann's Mittlg.* Gotha, 1889. Ergänzungsheft 96. Vom gleichen Verfasser M. B. finden sich Artikel bezügl. Brasil. in der "Deutschen Zeitung", Porto Alegre.
- BESCHREIBUNG von Eroberung der Stadt S. Salvador in Brasilia (1624). De Bry: Dreyzehender Teil America. Frankfurt a/M.
- des portugiesischen Amerika v. Cudena. Ein spanisches Manuscript in der Wolfenbüttel'schen Bibliothek, herausgeg. v. H. Hofrat Lessing. Mit Anmerk. & Zusatz. begleitet v. Christian Leiste. Braunschweig, 1780. 160 Seiten. Buchhd. d. Fürstl. Waisenhauses. 8°.
- BETRACHTUNGEN über das Länderei-Verteilungs-Gesetz & die Colonisation in Brasilien. Rio de Janeiro, 1854.
- BEVÖLKERUNG Brasiliens, Die. "Zeitschrift für Allgemeine Erdkunde. N. F. Bd. XIV. 1863.
- BIBRA, E. v. Aus Chili, Perú & Brasilien. 3 Bd. Leipzig, 1862.
- BIENENPFLEGE, brasilianische. 3. Jahrgg. Sept. 1899 — Aug. 1900. 12. Nrn. 8. Curitiba. (Brasil). E. Schuck.
- BILLROTH, A. Ein Evangelist in Brasilien. Aus d. Nachlass des vormaligen Pfarrers in Rio de Janeiro. Von Hermann Billroth. Bremen, 1867. 8°.
- BINZER, I. v. Leid & Freud einer Erzieherin in Brasilien. 8° 152 Seiten. Hamburg, 1887. Verlagsanstalt.
- BIRAGO, I. B. Die grosse Veränderung im Königreich Portugall, etc. Aus d. ital. übers. 16. O. O. 1653.
- BISCHOF. Ueber Sambaquis in Rio Grande do Sul. "Zeitschr. für Ethnographie". 1887.
- BISSELLI, Joh. Argonaut. americ. etc. Gedani, prostant apud Aegidium Ianssonil á

- Waesberge, 1698. 12° 15 fc. 405 Seiten, 7 fc. — Verschied. Erwähnungen bez. Amazonas.
- BLOCH, Naturgeschichte der ausländ. Fische. I–V. s. Brasilien. (Ebenso: Bloch, Ichthyologie I–VI).
- & Schneider. Systema ichthyologicae. s. Brasilianische Fischarten.
- BLUMENAU, Dr. Hermann. Südbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung & Kolonisation. Rudolstadt, 1850. 8°.
- — Die deutsche Kolonie Blumenau in der südbrasilianischen Provinz S. Catharina. E. Rudolstadt, 1851.
- — Die deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz S. Catharina in Südbrasilien. Rudolstadt, 1856.
- — Briefe über Brasilien. Frankfurt a/M., 1857. 8°.
- — Deutsche protestant. Gemeinden in Brasilien. Zeitschr. d. Ges. f. Erdkunde zu Berlin, 1866. I.
- BOECK, von. Bericht von Cachabamba. "Mittlg. der Geogr. Gesellschaft. Wien, Band 19. Seite 455 & 485. Wien. 1886.
- BOEMUS, J.—Mores, leges et ritus, etc. Genevae, apud I. Tornaesium, 1620. 16°. 504 Seiten, 12. fc. *Ist n. 79 v. Katalog Trömel.*
- BOESCHE, E. F. Wechselbilder von Land. & Seereisen, u. s. w. Volks- & Sittenschilderungen während einer Fahrt nach Brasilien, 1825–1834. Mit Berücks. der nach Brasilien ausgew. Deutschen. Hamburg, 1836.
- BOETTGER, Prof. Oscar. Katalog der Batrachier — Sammlung im Museum der Senckenberg. N. Gesellschaft. Frankfurt a/M. 1892. 8°. 73 Seiten.
- — Katalog der Reptilien — Sammlung im Museum der Senckenberg. N. Gesellschaft. Frankfurt a/M. I Teil. 1893. 8°. 140 Seiten (Schilkröten & Krokodile).
- — Katalog der Reptilien — Sammlung im Museum der Senckenberg. N. Gesellschaft. Frankfurt a/M. II Teil. 1893. 8°. 160 Seiten (Schlangen).
- — Auszug aus Dr. I. Hagmann's "Der Zoologische Garten des Museums Goeldi in Pará, Brasilien. Frankfurt a/M. "Zoolog. Garten". Band 43. N. 4. (April 1902). Seite 134–137.
- BOLIVIEN in Wort & Bild. von M. I. von Vacano & Hans Mattis.
- BOUPLAND, Aimé. Französ. Botaniker; Begleiter des deutschen Gelehrten Alex. v. Humboldt, während s. Reisen in Südamerika. s. Humboldt & Boupland.
- BORCHARDT, S. & Stolp, Herm.—Das brasilianische Handelsrecht. Berlin, 1856. 8°.
- BORGHIUS, Dr. Der deutsche Kaufmann in Brasilien. "Deutsche Kolonialzeitg". N. 42, 19. Okt. 1899.
- BRANNER, Prof. I. C. Bericht über die Pororoca oder Piroroca des Amazonenstromes, Aus d. Englischen. "Ausland", 1886, Seite 11.
- BRASILIANISCHE Braunsteinklager. Mit der Ostschweizer. Geogr. Com. Gesellschaft", St. Gallen. 1902. Heft I. Seite 36 & f.
- Eisenbahnen. "Das Echo", Berlin, 9. Sept. 1897. S. 1441. Jahrg. XVI. N. 784. (Red. Hugo Herold.) Berlin.
- Säugetiere. Resultate von Joh. Natterer's Reisen (in Brasilien) 1817–1835. Publiz. v. Prof. Dr. A. Wagner, München, 1845 & 1847. & v. Prof. Dr. August v. Pelzeln. Wien, 1883.
- BRASILILIEN, Das Kaiserreich., auf der Wiener Weltaustellung von 1873. Rio de Janeiro, 1873. 408 Seiten.

- BRASILIEN, Das Kaiserreich., auf der Weltausstellung 1876 in Philadelphia. Rio de Janeiro, 1876. Laemmert.
- das Kaisertum., im Jahre 1873. Kurzgefasster Ueberblick der fortschr. Entwicklung Brasiliens. Mit topogr. Karte. Rio. Druck v. P. Hildebrandt, 1874.
- & Deutschland. Ein offener Brief an die Redact. der deutschen Tagespresse. Von Dr. E. F. Franca. Leipzig, 1858.
- BRASILIENS Aufschwung in deutscher Beleuchtung. 1907.
- BRAUER, Beschreibung neuer exotischer Libellen. Verhdlg. d. Zoolog.-Botan. Ges. Wien, 1867.
- Neue exotische Odonaten. Verh. der Zoolog.-Botan. Gesellschaft. Wien, 1867.
- BRAUNS, Prof. Dr. R. Mineralogie. Mit 130 Abbildungen. (N. 29 von Sammlung Göschen, Leipzig). G. I. Goeschens's Verlag. Leipzig.
- BREHM, Alfred Edmund. Naturforscher, geboren in Reuthendorf: 2. Februar 1829. Illustr. Tierleben. I—X. Hildburghausen, 1863-1869.
- (Brehms Tierleben, 3. neubearb. Aufl. Bibliogr. Institut. Leipzig & Wien, 1907.
- BREITENBACH, Dr. Wilh. Rio Grandenser Schulverhältnisse, Berlin. K. Allg. Deutscher Schulverein.
- — Das deutsche Element in Porto Alegre. D. Kolon.-Ztg. 1884.
- — Die Provinz Rio Gr. do Sul Brasiliens & die deutsche Auswanderung. C. Winter, Heidelberg, 1885.
- — Ueber das Deutschtum in Südbrasilien. 1887. 8° 152 Seiten. Hamburg Verlagsanstalt.
- — Südbrasilien. Schmoller's Jahrbuch. 1887.
- BRIEFE über Brasilien. Sklavenhandel, u. s. w. Frankfurt a/M. 1857.
- über Portugal, nebst Anhang über Brasilien. M. Ch. Sprengel. Leipzig, 1782.
- BRONGIER, Der Kaffee, dessen Kultur & Handel. O. O.
- BROM's Klassen & Ord. d. Tierreiches. Brasilian. Vögel. Bd. VI. Heft 46-49. S. 175-178. 1893.
- BROSSE, de. Vollständige Geschichte der Schifffahrten nach den noch grösstenteils unbekanntem Südländern. I. C. Adelung. Halle, 1767. 4°.
- BRUHNS, Prof. Dr. W. Petrographie. Mit 15 Abbildungen. (N. 173 von Sammlung Göschen. Leipzig). G. I. Goeschens's. Verlag Leipzig.
- BRUNNER, v. Wattenwyl. Verhandlg. d. Zoolog. Botan. Ges. Wien. 1883. Seite 24, bezügl. Brasilien.
- BURCKHARDT, Prof. Dr. Rudolf Basel. E. A. Göldi & das Museum in Pará. Die Schweiz III. Jahrg. 1899. Heft. 26. S. 577-580.
- G. E. & R. Grundemann. Die evangel. Missionen, u. s. w. Lausanne, G. Bridel, 1884. 535 Seiten deutsch & französ.
- BURMEISTER, Dr. Hermann. Geboren 15. Januar 1807 in Stralsund. † 2. Mai 1892 in Buenos Ayres. Reise nach Brasilien. Berlin, 1853. Gg. Reimer.
- — Reise durch die Provinzen Rio de Janeiro & Minas Geraes. Berlin, 1853. Gg. Reimer.
- — Landschaftliche Bilder Brasiliens. Berlin, 1853.
- — Systematische Uebersicht der Tiere Brasiliens, u. s. w. 1854-56. Berlin, G. Reimer. 3 Bände.
- — Geogr. Kompend. z. Petermann. Die südamerik. Republ. Argent. Chili, Paraguay & Uruguay. 1875. N. 39. Ergänzungsheft zu den "Mitteilungen", Gotha. 1875.
- — Erläuterungen der Fauna Brasiliens. Mit 32 Tafeln. Berlin, 1856-57. G. Reimer.

- Bussy, I. H. de. Ueber die gegenwärtige Lage des Kaffeebaus in Brasilien. Vortrag gehalten & gedruckt in Amsterdam, 1898.
- CAEAUS, Jean. in Friedrichshagen bei Berlin, gestorben: 20 Februar, 1906.
 ———— Museum Ornithologicum Heineaum. I, II, III.
 ———— Journal für Ornithologie. I, II, III. s. Abb. bez. Brasilien.
- CADENA, Pedro. (oder Pedro Cudena Villassanti). Beschreibung des portugies. Amerika. (Madrid, 20. Sept. 1634).
 ———— Ein span. Mscrpt. in der Wolfenbüttel'schen Bibliothek, herausgeg. v. Lessing, mit Anmerk. v. Chr. Leiste. Braunschweig. 1780. Nebst Eckart's Zusätze (Specimen linguæ brasiliæ vulgaris). Nürnberg, 1785. 8°.
- CALDOLENGH, Alex.—Reisen in Südamerika, 1819-1821. Aus dem Engl. in Bertuch's Band 41. Weimar, 1826.
- CAMPANELLA, H.—V. d. Span. Monarchy, ausführl. Bedenken; u. s. w. Aus d. Italien. O. O. 1623. 4°. (Seiten 152-159, v. d. andern Hemispherio und der neuen Welt).
- CANNSTATT, Dr. med. R. Südbrasilien u. die Laplata-Staaten. Deutsche Kolonial-Ztg. III. Jahrg. 1886. S. 646.
- Oscar. Nach Brasilien. Ausland. 1874.

N. 24.	N. 28.	N. 32.	N. 35	N. 45.
Seite. 477	537	635	694	888
- Eine Reise in Brasilien. "Schlesische Presse". 1874. N. 759.
- Ueber Brasiliens Gegenwart. "Leipziger Zeitung". 1874. N. 88.
- Die deutsche Kolonie São Leopoldo in Südbrasilien. "Schlesische Presse". 1874. N. 549.
- Brasilianische Kolonisationsbemühungen. "Globus". Fr. Vieweg & Sohn. Braunschweig.
- Aus der brasil. Provinz Rio Grande do Sul. "Globus". Braunschweig. Fr. Vieweg & Sohn.
- Deutsche Zeitung in Südamerika "Ausland". 1874. N. 37. Seite 738.
- Exils-Existenzen in Südamerika. "Schlesische Presse". 1874. N. 354.
- In Brasilien. Ausland. 1875.

N. 26	N. 34	N. 44	N. 52
Seite. 522	669	867	1038
- Aussterben einer Indianerhorde am Amazonas. "Ausland". 1875. N. 36. S. 723.
- Die Pfeilgifte der Wilden. "Ausland". 1875.
- Indianerniederlassungen am Uruguay. "Ausland". 1875.
- Erdbeben in Brasilien. "Ausland". 1875. N. 7. Seite 144.
- Eine Jagdszene in Südbrasilien. "Schlesische Presse". 1875. N. 319.
- Eine deutsche Expedition ins Innere von Brasilien. "Globus". Braunschweig, 1875.
- Das Tierreich am oberen Jacuhy. "Globus". 1876. N. 14.
- Das Pflanzenreich am oberen Jacuhy. "Globus". 1876. N. 3.
- Die brasilianische Achat—Ausbeute & ihre Beziehungen zu Deutschland. "Ausland", 1876.
- Die Muschelberge an der südbrasilianischen Küste. "Ausland". 1876.
- Höhlenfunde in Brasilien. "Ausland". 1876.
- Geologische Beschaffenheit des Kolonialgebietes um Santa Cruz. "Globus". 1876. N. 21.
- Entstehung & Entwicklg. d. deutschen Kolonien um Santa Cruz & Mont'Alverne. "Globus". 1876. N. 13.
- Kulturpflanzen d. deutschen Kolonie S. Cruz & Mont'Alverne. "Globus", 1876. N. 6.

- CANNSTATT, Oscar. Brasilien. Land & Leute. Berlin, 1877. Mittler. & Sohn.
- — — — Ein neuer Staat. "Ausland", 1877.
- — — — Brasilianische Salzgewinnung. "Globus", 1884. N. 11.
- — — — Brasilianische Bäder. "Globus". 1884. N. 24.
- — — — Brasilianische Kirchenfeste. "Globus". 1884. N. 4.
- — — — Das Ende der brasilianischen Sklaverei. "Ausland". 1884. N. 26.
- — — — Kulinarische Studien aus der Fremde. Ueber Land & Meer. 1884/85. 53 Band. N. 3.
- — — — Brasilianisches Münzwesen. "Export". 1884. N. 20.
- — — — { Der Circular—Erlaß d. Handelsministers v/d. Heydt & die deutsche
Kolonisation in Südbrasilien.
"Aus allen Weltteilen", 1896. N. 2.
- — — — Deutschland & Brasilien. "Rheinischer Kurier". 1896. N. 222.
- — — — Südbrasilianische Kolonien. "Aus allen Weltteilen". 1896. N. 4.
- — — — Die Erwerbssaussichten der nach Brasilien Auswandernden. Rheinischer Kurier". 1897. N. 169.
- — — — Graf Moritz von Nassau-Siegen. "Rheinischer Kurier". 1897. N. 288.
- — — — Brasilianische Finanzverhältnisse. "Rheinischer Kurier". 1897. N. 267.
- — — — Das Unternehmen der Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft. "Export". 1898. N. 34.
- — — — Erfahrungen bei mehrjähriger Kolonisationsarbeit in Südbrasilien. Ein Vortrag. "Export", 1898. N. 42.
- — — — Die brasilianische Auswanderungsfrage. "Deutsche Kolonial-Zeitung" 1898. N. 49.
- — — — Das gelbe Fieber & seine Bekämpfung. "Natur", 1898. N. 24.
- — — — Deutsche Flottenstationen. "Deutsche Kolonial-Zeitung", 1898. Seite 153.
- — — — Brasilianische Lohnverhältnisse. "Export", 1898. N. 23.
- — — — Zu welcher Jahreszeit soll der Auswanderer nach Südbrasilien reisen? "Ratschläge für Auswanderer nach Südbrasilien. (Dr. R. Ianasch). Berlin, 1898.
- — — — Nutzpflanzen der brasilianischen Wälder. "Die Natur", 1898. N. 50.
- — — — Das republikanische Brasilien in Vergangenheit & Gegenwart. Leipzig. Ferd. Hirt. & Sohn, 1899.
- — — — Ueber das Deutschtum in Brasilien. Blätter für Unterh. & Belehrung. "Ienaische Zeitung". 1899. N. 4.
- — — — Der deutsche Kolonist in Südbrasilien. "Deutsch-brasil. Korrespondenz". 1899. N. 2.
- — — — Die staatliche Sorge für Auswanderungslustige. "Deutsche Kolonial-Zeitung", 1899. N. 5.
- — — — Von der brasil. Küche. "Deutsche Kolonialzeitung", 1899. N. 1.
- — — — Zum Gedächtnis der brasil. Staatsumwälzung am 15. Nov. 1889. & Kaiser D. Pedro II. Tod. am 5. Dez. 1891. Monatsschrift d. deutsch-brasil. "Vereins" Berlin. N. 11. Nov. 1901.
- — — — Vortrag zu den Sittenbildern d. deutschen Kolonialgesellschaft über Brasilien. Im Auftrage der D. K. G. verfasst. Berlin. 1900. Jul. Sittenfeld.
- — — — Eine 50 jährige Gedenkfeier. Monatsschrift d. Deutsch-Brasil. Vereins, Berlin. N. 8. August, 1901.
- — — — Kritisches Repertorium der deutsch-brasil. Literatur, Berlin. 1902.

- Dietrich Reimer (Ernst Vohsen). 124 Seiten, mit Register. 8°. Vorwort datiert: Wiesbaden, im September 1902.
- * CAPANEMA, Schuch de. Wissenschaftl. Abhdlg. betr. Brasilien. *Pettermann's Mittlg.* Jahrg. 1874.
- * CARVALHO, A. de. Pernambuco 1897. Portugies. Wiedergabe des deutschen Werkes von A. Richshofer: Tagebuch eines Soldaten der Westindischen Compagnie: 1629-1632.
- CASTELNAU. Bericht vom Rio Parapiti. *Pettermann's Mittlg.* 1857. Seite 175.
- * CHAMISSO, Adalbert von. Bericht als Teilnehmer der 'Krusenstern'schen. Expedition: 1815-1818, über Santa Catharina (Brasil), allwo das russische Schiff "Rurik" kurze Zeit landete.
- CHARLEVOIX, F. de. Geschichte von Paraguay. 2 Bände, mit 1 Karte, Wien 1830.
- CLARAZ & Dr. Heusser. Das Tierleben in der brasilian. Provinz Rio de Janeiro. *Pettermann's Mittlg.* 1860.
- CLAUSS, Dr. Bericht der topograph. & hydrograph. Ergebnisse der 1. Xingú-Expedition. 1884. *Pettermann's Geogr. Mitteilungen.* 1886. Gotha.
- ——— Bericht über die Xingú-Expedition im Jahre 1884. *Pettermann's Mittlg.* 1886. S. 129 & 162 Bd. VII & VIII.
- ——— Bericht von Cuyabá. *Pettermann's Mittlg.* 1886. Seite 169.
- ——— Profil des Xingú-Laufes. *Pettermann's Mittlg.* 1886. Seite 170.
- COELHO. Bericht von Manács. Meteorolog. Zeitschrift. 1892. Seite 80.
- COLONIE-ZEITUNG. Anzeiger für D. Francisca & Blumenau. Anno IV. Druck von D. Dörffels Buchdr. Joinville, 1866.
- COLUMBUS. Amerikanische Miscellen. Herausg. v. C. N. Röding. Hamburg, 1825-1830.
- COPIA der Newen Zeytung zuss Presillg Landt (1515). Herausg. v. Ruge. 1867. Ausschn. 14. Seiten. Abdruck d. interessanten Flugschrift nach d. Orig. d. K. Bibliothek zu Dresden.
- COUTO DE MAGALHÃES, Dr. Reise in den Paraguaya, im Januar 1865. *Pettermann's Mittlg.* Gotha. 1875-1876 Bd. XXI & XXII.
- CREDNER. Abhandlg. über die Deltas von Südamerika. *Pettermann's Ergänzungsheft* XII. 1878. Heft 56, Seite 66.
- CROME, Aug. Fr. Wilh. Brasilien, eine neue aufblühende Monarchie in Südamerika. Giessen, 1819.
- CUDENA, Pedro Villasanti. (Siehe Cadena). Beschreibung des portug. Amerika. 1634. Nürnberg, 1785.
- CUNHA, Dr. Bonif. da. Zum 50 jährigen Jubiläum der Kolonie Blumenau. Festschrift mit 47 Autotyp. Schelter & Giesecke, Leipzig, 1898. (In deutscher, portugies. & italien. Sprache).
- DAFERT, Dr. F. W. Der Kaffeebau in Brsilien. Amsterdam, 1898.
- ——— Über die gegenwärtige Lage des Kaffeebaues in Brasilien. 8°. 63 Seiten m. K. Amsterdam, 1898. I. H. de Bussy.
- ——— Erfahrungen über rationellen Kaffeebau. 1899. Berlin. Paul W. Parey. 2. Ausflage 8°. 60 Seiten mit 24 Abbildg. & 2 farb. Tafeln. (Auszug. i. A. Kaffe-Düngungs-Versuche in Brasilien. Tropenpflanzer. 2. Heft. 1892).
- & Draenert. Berichte des agronomischen Institutes São Paulo. Bis 1896 sind 8 Bände erschienen. (Relatorios do Instituto Agronomico de S. Paulo).
- DAHL, Dr. F. Ergebnisse der Plankton-Expedition: 1889. Reisebeschreibung. Band 1. Kiel & Leipzig. 1892.
- ——— (Zoologie der Plankton-Expedition). A Fauna do Pará. Kiel. 1889.

- DAHL, Dr. F. Die Fauna von Pará. Kiel 1892.
- ——— Die Bewegungen der fliegenden Fische durch die Luft. Spengel's "Zoolog. Jahrbücher". V. Giessen, 1892. Iena.
- DANIEL, Dr. H. A. (Halle a/d S.) & Prof. Dr. Berth. Volz. (Breslau)—Handbuch der Geographie. I Teil. Die aussereurop. Erdteile. Abschnitt Brasilien. 2. Aufl. Leipzig, 1866.
- (DAPPER) Dr. O. D. Die unbekante Neue Welt. Amsterdam, Iakob von Meurs. 1673. In-fol., mit Tafeln & Karten. (Deutsche Uebersetzg. des Werkes von Arn. Montanns: "De Niewe en Onbekende Weerld", das 1671 zum erstenmale in holländischer Sprache erschien).
- "DAS ECHO". Wochenschrift für Politik, Literatur, Kunst & Wissenschaft. Vielverbreitete Zeitschrift unter den Deutschen in Brasilien. Fast jede Nummer enthält interessante Nachrichten aus Brasilien. Redaktor: Hugo Herold. Verlag v. I. H. Schorer. G. m. b. H. Berlin. S. W. Jahrg. 1881 bis 1908 & ff. Die 500. Jubiläums-Nummer, XI. Jahrg. erschien am 31. März 1892. Die 1000. Jubiläums-Nummer, XX, Jahrg. erschien, am 31. Okt. 1901.
- DAS "GELBE FIEBER" & seine Behandlung. Das Echo, n. 876, XVIII. Jahrg. v. 15. Juni. 1899. Auszug aus "Germania" in S. Paulo. Der deutsche Schmiedemeister Hr. Heinrich H. Katt in São Carlos de Pinhal. Staat S. Paulo. Brasilien:
- DAS KAISERREICH BRASILIEN auf der Weltausstellung von 1876 in Philadelphia. Rio, 1876.
- DAS KAISERTHUM BRASILIEN bei der Pariser Universal Ausstellung v. 1867. Rio de Janeiro. Laemmert. 1867.
- ——— Brasilien & die Wiener Weltausstellung 1873. "Wiener Weltausst. Zeitung". N. 283. Seite 288-290.
- DAS UEBERSEEISCHE DEUTSCHLAND. Leipzig, 1902. s. Brasilien.
- DAVATZ, Thomas. Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz S. Paulo in Brasilien & deren Erhebung gegen ihre Bedrücker. Dargestellt von den ehemaligen Kolonisten Thomaz Davatz. Chur. Leonh. Hitz. 1858. 8°.
- DE BRY. Amerika, das ist Erfindung und Offenbarung der Newen Welt, deroselbigen Völker, Gestalt, Gebräuche u. s. w. Frankfurt a/M. M. Hoffmann. 1617. (De Bry's Sammlung enthält u. a. auch Hans Stadens Bericht, 1592-93, im III Teil. Amerikabuch; die deutsche Wiedergabe von Jean de Lery's "Histoire d'un voyage"; den Kriegszug der Holländer gegen S. Salvador (Bahia) von Aldenburk, im XIII. Teil. Frankfurt a/M., gedruckt 1628 bei Merian). Die lateinische Ausgabe "Collectiones" umfasst 12 Teile in 4 Bänden & erschien 1590 bis 1624 in Frankfurt a/M.
- DENKSCHRIFT der K. Bayerischen Botanischen Gesellschaft in Regensburg Band III. s. Brasilien.
- DE ORA ANTARCTICA per regem Portugalliae pridem inventa. Impressum Argentine per Mathiam Hupfuff. 1504. in-4°, 6 Blätter. (Erster Brief des Amerigo Vespucci an Laurent de Medicis). Der Titel ist mit einem Holzschnitt geziert, in zwei Teilen; der obere Teil stellt nackte Indianer dar, der untere die Ankunft der Flotte in Amerika. (Katalog Ternaux-Compans. Katalog Brunet. Bd. Y. Seite 1155):
- DERBY, Prof. Orville A. Physikalische Geographie & Geologie Brasiliens. Mittlg. der Geogr. Ges. zu Iena V.
- "DER DEUTSCHE BEOBSACHTER". Redigirt von B. Goldschmidt & G. F. Busch. N. 1-13. Rio de Janeiro. 1853.
- DEB SERTÃO der Provinz Alagôas & die Fälle des Paulo Affonso in Brasilien.

- Vortrag gehalten am 19. Nov. 1879. in der "Germania" in Rio de Janeiro.
 Buchdruckerei Lorenz Winter. 1880. 41 Seiten. Rio de Janeiro.
- DES HERRN JOHANN VON LERY Reise in Brasilien. Mit Anmerk. & Erläuterungen.
 Münster, 1794. Platoetische Buchhdlg. 8°.
- DETMER, Prof. Dr. W. Botanische Wanderung in Brasilien. Leipzig, 1897. Veit & C°.
- * DEUTSCH-BRASILISCHER VEREIN. Berlin. "Das Echo", Berlin. 7. Dez. 1899. (Siehe auch Giesebrecht, Fr. Berlin).
- DEUTSCHE EINWANDERUNG IN BRASILIEN, Die. "Westermann's illustr. Monatsschrift". 1861.
- * — GEFÄHR IN BRASILIEN, Die. Berliner Neueste Nachrichten, 18. Dez. 1901. Siehe auch "Das Echo", 9. Januar 1902. Seite 93/94. Berlin. XXI. Jahrg. N. 1010. Red. Hugo Herold.
- KOLONIAL-ZEITUNG. Jahrgänge 1885-1888. S. Leopoldo.
- POST, von São Leopoldo. São Leopoldo, Rio Grande do Sul. 1888. D. W. Rothermund's Buchhdlg. S. Leopoldo. erhältlich.
- * DEUTSCHER COLONIE-KALENDER für Südbrasilien auf das Jahr 1867. Donna Francisca. I. H. Unter. 4°, mit Bilder.
- DEUTSCHE ZEITUNG. 33. Jahrgang. Porto Alegre. 1872. Typogr. der "Deutschen Zeitung". (In den deutschen Colonien Südbrasilien erscheinen etwa 12 Lokalblätter).
- * DEUTSCHER HANDELSARCHIV. Jahrg. 1901/1903. Siehe Abt. Brasilien. Berlin, 1901/1903.
- DIAMANTEN im Sandstein in Brasilien. Leonhardt & Bronn. N. Jahrbuch für Mineralogie. 1842/43.
- DIE DEUTSCHE Legion im kaiserl. brasil. Dienst von 1851. Marburg, 1853.
- DIE ein und zwanzigste Schiffahrt oder gründliche Beschreibung, u. s. w.; siehe Hulsius, Sammlung von 26 Schiffahrten.
- DIEFFENBACH's Wiedergabe "Naturwissenschaftliche Reisen". Aus dem Englischen. Braunschweig, 1884.
- DIE siebenzehende Schiffahrt. Das ist Eigentliche und warhaftige Beschreibung, u. s. w.; s. Hulsius, Sammlung, P. XVII.
- DIESING, Dr. C. M. Systema Helminthum. S. Abh. Brasilien. 2 Bd. Vindabonae, 1850.
- DIETHELM, Robert. Albert Barth † aus Rio de Janeiro. Zürcher Wochen-Chronik N. 45. 10. Nov. 1906. Zürich.
- DIE Vergangenheit & die Zukunft der amerikanischen Menschheit. D. Vierteljahrschrift. Berlin, 1839. II. S. 235-270.
- DILTHEY, Landrichter. Die deutschen Ansiedlungen in Südbrasilien, Uruguay & Argentinien. Berlin, 1882.
- DIX, Arthur. Deutschland auf den Hochstrassen des Weltwirtschaft-Verkehrs. s. S. A. Brasilien. Iena, 1901.
- DÖRFEL, Ottkar. Siehe "Ratschläge für Auswanderer" nach Südbrasilien.
- — — — — Der südbrasilianische Landwirt. D. Francisca, 1865. 8°. 43 Seiten.
- — — — — Briefliche Mitteilungen aus Joinville in der Kolonie D. Francisca, Leipzig, 1864/65. (Jahresber. Freunde der Erdkunde. IV. VI. Leipzig, 1868).
- — — — — Gemeinde-Ordnung der Colonie D. Francisca, Joinville, 1865.
- — — — — Die Colonie Donna Francisca, 1822. Statistik der Colonie D. Francisca, 1867. D. Francisca.

- * DOLLMEYSCHER, der curioso, oder Zeitungshandbuch, u. s. w. Augsburg, 1748. Mit 3 Karten v. Amerika, s. Brasilien.
- DRÄNERT, Dr. M. F. Bericht von Pará. "Meteorolog. Zeitschr." 1886. S. 183 & S. 381.
 ——— (Leiter der Ackerbauschule in Campinas, Staat S. Paulo), Das Höhenklima des Staates Minas Geraes. Uberaba, Nov. 1897. "Zeitschr. für Meteorologie. III.
- DREYZEHENDER Theil Americae, u. s. w. Frankfurt bey Caspar Rötzel, in Verlegung Matthei Merian, 1628. mit Kart. & Taf.
- DRIESEN, Ludwig. Leben des Fürsten Johann Moritz von Nassau-Siegen. Berlin, 1849. Verlag Decker, Hofbuchdr.
- DUCKE, A. Beobachtungen über Blütenbesuch, Erscheinungszeit, etc. der bei Pará vorkommenden Bienen. "Zeitschrift für systemat. Hymenopterologie & Dypterologie". I. Seite 1-8 & S. 49-67. Teschendorf bei Stargard in Mecklenburg, 1901.
- Ueber Goldwespen von Pará. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1901.
- Zur Kenntniss einiger Sphegiden von Pará. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1901.
- Neue südamerikanische Chrysididen. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1901.
- Eine südamerikan. Cleptes-Art. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1902.
- Ein neues Subgenus von Halictus Latr. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1902.
- Ein wenig bekanntes Chrysididengenus, Amisega Com. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1902.
- Neue Goldwespen von Pará. "Zeitschr. f. system. Hym. & Dypt". 1902.
- DUMONT d'Urville, I. Reise nach dem Südpol & nach Ozeanien. 1837-40. Darmstadt 1846-48, s. Brasil. 3 Bände, mit 6 Tafeln & 10 Karten.
- DUNDAS, M. D. Rob. Ueber Brasilien. Beobachtungen der Gelb-Fieber-Epidemie in d. Jahren 1849-52. Hamburg, 1852.
- DUNKER, Dr. Karl. Kolonie & Kolonisation. Berlin, 1898. Gärtner's Verlag.
- EBEL, Ernst. Rio de Janeiro & seine Umgebung im Jahre 1824. In Briefen eines Rigaers. S. Petersburg, 1828.
- EBELING, A. Bruchstücke der Beschreibung meiner Reise nach Brasilien. Hamburg, 1849.
- EKART, A. Siehe Platzmann, Julius: Specimen linguae Brasiliae vulgaris. Lipsiae, 1890.
- EKART's. Zusätze (Nürnberg. 1785/6) zu Pedro Cudena (oder Cadena) Villasantis (1634) spanischer Beschreibung des portugies. Amerika herausg. v. Lessing, mit Anmerk. v. Chr. Leiste, Braunschweig, 1780.
- Zusätze zu F. K. Veigl's Nachrichten über die Verfassung der Landschaft Maynas (Minas) in Südamerika, bis 1768. Nürnberg, 1798.
- EHLERS (Prof. i. Göttingen). Ueber Lepidosiren paradoxa Fitzinger, etc., aus Paraguay. Nachrichten d. K. Ges. d. Wissenschaften zu Göttingen, 1894. N. 2.
- EHRENBREICH, Dr. Paul. Berlin. Bericht von den Itaboca-Katarakten am untern Tocantins. "Verhandlg. d. Ges. für Erdkunde", Berlin, 1889. S. 439 & "Zeitschr. d. Ges. für Erdkunde", Berlin, 1892. S. 142.
- Bericht vom Rio Purús. "Verhandlg. d. Ges. f. Erdkunde", Berlin. 1890, Seite 168.

- EHRENREICH, Dr. Paul. *Die Einteilung & Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse. Petermann's Geogr. Mittlg.* Gotha. 1891. Heft IV & V. I. Perthes Geogr. Anst. XXXVII. 1891. 19. Seiten, 1 Ethnogr. Karte: Rio Xingú—Rio Tocantins—Rio Araguaya—Rio Purús.
- *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.* Veröffentlichungen a. d. K. Museum für Völkerkunde in Berlin. II. W. Spemann, Berlin, 1892. 80 seiten.
- I. Die Karayastämme am Rio Araguayá. Goyaz.
- II. Ueber einige Völker am Rio Purús. Amazonas. (Paumari-Yamamadi-Ipurina-Kangiti). Mit vielen Bildern im Text & 15 grossen Hellogravuren.
- *Land & Leute am Rio Doce.* Verhandlg. d. Ges. f. Erdk. zu Berlin, Bd. XIII.
- *Der Araguayá & der untere Tocantins.* "Zeitschr. d. Ges. f. Erdkunde Berlin, 1891. Seite 175. & Zeitschr. d. Ges. f. Erdkunde", Berlin, 1892. Seite 121.
- *Ueber einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indianer.* "Globus". Braunschweig, August 1896.
- *Ueber die Botocuden der brasilian. Provinzen Espirito Santo & Minas Geraes.* "Zeitschr. für Ethnologie". XIX.
- *Anthropologische Studien über die Ureinwohner Brasiliens, vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz & Amazonas (Purús-Gebiet).* nach eigenen Aufnahmen & Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889. Braunschweig, F. Vieweg & Sohn, 1897. gr. in-4°; 168 Seiten. Mit 39 Photolit. & vielen Bildern im Text.
- *Südamerikanische Stromfahrten.* "Globus", LXII. Braunschweig.
- *Neue Funde praehistorischer Keramik aus Nord-Brasilien.* "Globus". Bd. 38, n. 9. Sept. 1900. Braunschweig, Fr. Vieweg & Sohn.
- *Die Mythen und Legenden der südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt.* 107 S. M. 3. —
- EHRMANN, T. F. Wiedergabe (deutsche) des engl. Werkes Th. Lindley's Reise nach Brasilien. Weimar, 1806.
- EHNE Partie nach São Leopoldo. (Ohne Verfasserangabe). "Ausland", n. 17. Seite 334. 1874.
- EIN Land der Zukunft. Beitrag zur Kenntniss Argentiniens. Verlag "Südamerika". (I. Greger) München.
- EINWANDERUNG, die deutsche; in Brasilien. "Westermann's illustr. Monatsschrift". N. 61. 1861.
- EISENBAHNEN Brasiliens; Die. "Zeitschrift für allgem. Erdkunde". N. F. XIV. 1863.
- ENDLICHER, Prof. Dr. Genera plantarum & Synopsis coniferarum. s. Abh. bez. Brasilien.
- ENGEL, Dr. Frz. Studien unter den Tropen Amerikas. Iena, 1878. (Venezuela & Neugranada spez.).
- *Natur & Volksleben des tropischen Amerika.* N. A. 8.392 Seiten. Iena, 1879. Manke.
- *In den Urwäldern Brasiliens.* Costenobel, 1880. Iena.
- ENGELENBERG. Bericht von Pará. "Meteorologische Zeitschrift". 1891. Seite 104.

- ENGEL-GÜNTHER, I. Das jetzige Brasilien. "Fernschau", S. 52-68. Band IV. Aaran, 1890.
- Im Süden Brasilien. "Fernschau". S. 69-80. Band IV. Aaran, 1890.
- ENGLER'S botanische Jahrbücher. Berlin. Mit vielen Abhdig. bez. Botanik Brasilien.
- ENGLER & PRANTL. Die natürlichen Pflanzenfamilien. Berlin. S. Abh. Brasilien.
- EPP, F. Rio Grande do Sul oder Neudeutschland. Mannheim, 1864. 8°.
- ERBACH, E., Graf zu. Wandertage eines deutschen Touristen im Strom- & Küstengebiet des Orinoko. Leipzig, 1892.
- ERMANN, G. A. Reise um die Erde. Naturhistorischer Atlas. Berlin, 1833-48. 3 Bände.
- Verzeichniss der Tiere & Pflanzen. Berlin, 1850. s. Ab. Brasilien.
- ERNST. Ergebnisse der Venezuelan.-Brasilian. Grenzkommission. "Zeitschr. d. Ges. für Erdk.". 1886. Bd. 22. Seite 167. T. I.
- Bericht vom Rio Uraricoera-Guyana-Brasil. "Zeitschr. d. Ges. für Erdkunde". Berlin, 1886. Seite 167.
- G. Eine Schweizer-Plantage in Brasilien. Mit 19 Abbildg. "Die Schweiz". N. 5. S. 115-118. VIII Jahrg. & d°. N. 6. Seite 137. Zürich, 1904.
- ESCHL, (Pfarrer in Trier) (T. H. Fulano). Der Sturz des Kaiserthrones in Brasilien & seine Folgen auf polit. & kirchlichem Gebiete. Cöln.^a Rh. 1892. Verlag von I. P. Bachem.
- ESCHE. Aus dem Wunderlande der Palmen. O. O.
- ESCHHOLTZ, Prof. Dr. Zoologischer Atlas (& System der Akalephen). s. Abh. Brasilien.
- ESCHWEGE, W. L. von. *Journal von Brasilien, oder vermischte Nachrichten auf wissenschaftl. Reisen gesammelt*. Weimar, 1818. 2 Th.
- *Physische & bergmännische Nachrichten aus Brasilien*. Gilbert's Anm. 1818.
- *Vorkommen des elastischen Sandsteines in Brasilien*. Gilbert's Anm. 1818.
- *Nachrichten aus Portugal & dessen Kolonien, mineral. & bergmännischen Inhalts*. Braunschweig. 1820 in 8°.
- *Ueber eine merkwürdige brasilianische Gebirgsform*. Gilbert's Anm. 1820.
- *Geognostisches Gemälde von Brasilien & wahrscheinliches Muttergestein des Diamanten*. Weimar, 1822. 8°.
- *Brasilien, Die neue Welt, u. s. w. von 1810-1821 beobachtet*. 2 Bände in-8° mit 2 Tafeln. Braunschweig, 1827 (& 2°. Auflage 1830). Fried. Vieweg, Verlag.
- *Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens*. Berlin, 1832. Mit 4 Karten & Tafeln.
- *Pluto Brasiliensis*. Eine Reihe von Abhandlungen über Brasiliens Gold-Diamanten- & anderen mineralischem Reichthum; u. s. w., Berlin. 1833. 8° G. Reiner. Mit 8 lithogr. Karten & Zeichnungen.
- *ETHNOGRAPHISCHER Verein in Paraná. Notiz siehe "Mittellungen der Ostschweiz. Geograph. Commerziellen Gesellschaft". St. Gallen. I Heft. 1902. Seite 36.
- EUCALYPTUS. Mielke, G.: Anatomische & physiologische Beobachtungen an den Blättern einiger Eucalyptus-Arten. Hamburg, 1892. 8°, 27 Seiten, mit Tafeln Gräfe & Sillem.
- "EXPORT", Der. Organ des Zentralvereins für Handelsgeographie & Förderung deut-

- scher Interessen im Ausland. Berlin, 1894 & Fortsetzg. Jeder Jahrgang enthält zahlreiche handels-geogr. Nachrichten bezüglich Brasilien.
- EYE, A. von. Die Deutschen in Brasilien. Prag, 1884. 8° 22 Seiten. Deutscher Verein.
- ——— Der Auswanderer. Winke, etc. Berlin, 1885. 8° 152 Seiten. Verlags-agentur.
- FABRI, C. Einwanderung in Brasilien. Hamburg, 1894. Verlag v. Lüdke & Wulff.
- FABRICIUS, Prof. Dr. Entomologia systematica, I-IV. (s. Abh. Brasilien).
- FALKEISEN, OSCAR. Consul in Pernambuco. Schweizer. Consularbericht, Pernambuco, 15. Febr. 1889. Beilage z. Schweiz. Bundesblatt Sammlg. von Jahresberichten Schweizer. Consulate. Bern. 1889/1891.
- FAULHABER, Pastor F. Jubiläumskalender. Der Urwaldsbote. Verlag d. christ. Zeitschr. V. Berlin, 1894.
- ——— Ratgeber für Auswanderer. Flugblatt n. 4. Bericht über Blumenau. Verlag d. evang. Hauptvereins für deutsche Ansiedler & Auswanderer. Witzenhausen, a. W., 1895.
- ——— Für Auswanderungslustige. Witzenhausen, a. W., 1896/97.
- ——— Deutschtum in Südbrasilien. Heft XIV. der Beitr. z. K. P. & K. W. 1899/1900, Berlin. W. Süsserott. (Auch im Reichsboten & Hamburger Correspondenten erschienen).
- ——— Denkschrift über Blumenau. 1902.
- ——— Leitfaden für den brasilian. Geschichtsunterricht. Für den Gebrauch i. d. Blumenauer-Schule. 1902.
- FEDERMANN, Nikolaus. (S. Karl Klüppel). Nik. Federmann's & Hans Staden's Reisen in Südamerika. 1529-1555. Stuttgart, 1859. Band 47 der Bibliot. des Litterar. Vereins, Stuttgart. 8°.
- FELDER, Prof. Dr. Verzeichnis v. Makroleptopteren. Verh. d. Zoolog.-botan. Gesellschaft", Wien, XII.
- ——— Lepidopterologische Fragmente. "Wiener Entomolog. Monatsschrift". Bd. IV Wien.
- ——— Specimen faunae lepidopterologicae riparum fluminis Negro, etc. "Wiener Entomolog. Monatsschrift". Bd. VI. Wien.
- FELDMER, W. Chr. G. Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens. Liegnitz. 1828. 2 Bd. 8°.
- FERNANDEZ, I. Erbauliche Geschichten derer Chiquitos, u. s. w. Aus d. Span. & Französ. v. Chr. Erdschläger, Wien, 1729. 784 Seiten.
- FERRERA, Dr. Alex. Rodr. Bericht betr. Atlas & philos. Reisen v. Dr. A. R. Ferreira. V. Dr. E. A. Goeldi in Pará. "Zoolog. Jahrbücher", Iena, 1886. Band II. Seite 175-182.
- FINSCH, Prof. Die Papageien. I & II. S. Abh. Brasilien.
- FISCHER, Chr. A. Neuestes Gemälde von Brasilien. Pesth., 1819. 2 Bände. Hardt-leben's Verlag.
- Treuenfeld, R. v. & L. Rehwinkel. Paraguay in Wort & Bild. Buenos Ayres, 1902.
- Treuenfeld, R. von. Paraguay-Thee. Neger.-Vanino. 1903.
- FITZINGER (& Joh. v. Natterer). Südamerikan. Alligatoren. Annalen des Wiener Mus. d. Naturgesch. II. Bd. A 2 & 3.
- Prof. Dr. Lepidosiren, neue Gattung a. d. Familie der fischähnlichen Reptilien. Annalen des Wiener Mus. d. Naturgesch. II. Bd. A 1.
- FLEISNER, H. & Nowakowski. Brasilien & Dom Pedro II. Wien, 1877. Verlag v. R. Lechner.

- FLORA BRASILIENSIS: s. Dr. C. F. Ph. von Martius. München.
- F. M. B. A. Kurze Darstellung des brasilian. Staatsrechts, um dem Einwanderer eine Einsicht i. d. hiesige Verfassungswesen zu gewähren von *** (F. M. B. A.) 2^{te}. Ausg. Bahia, 1873. 8^o 3 ff. 78 Seiten & 2 ff. Verlag von Oliveira, Mendes & C^o., Bahia.
- FONSECA, Bericht über die Xarayes-Sümpfe des Paraguay. (Aus: Viagem ao redor do Brasil). "Deutsche Geograph. Blätter. Band 9. 1886. Seite 275.
- FOREL, Prof. Dr. A. Bericht für brasilianische Ameisen. (A fauna das formigas do Brasil). Extr. vom Boletim do Museo Paraense. I. fasc. 2. Pará.
- FÜRSTER, Bernhard. Deutsche Kolonien in dem oberen Laplata-Gebiete. Naumburg. *S., 1886.
- FÜTTERLE, FRANZ. Die geologische Uebersichtskarte des mittleren Teiles v. Südamerika. Wien, 1854. A. Benko.
- ——— Die Geologie von Süd-Amerika. Mit Karte. *Petermann's Mittlg.* Gotha, 1857. Bd. III.
- FRANÇA, Dr. E. Ferreira. Brasilien & Deutschland. Leipzig. 1858.
- FRANCISCI, Erasmi. Ginneischer & American. Blumen-Pusch; u. s. w. Nürnberg, 1669.
- FRANK VON WÖRTH, Sebastian. Erst. Theil dieses Weltbuches von neuen erfundenen Landschaften; u. s. w. 2 Telle in 1 Band. Frankfurt. Feierabend. 1567.
- FRANZISKANERKLOSTER. (Das) in Petropolis. Beschreibung im Anhang-Bogen für Brasilien, 1898, des Regensburger-Marienkalendar. Fr. Pustet. 1898.
- FREDRIKSON, A. Th. Die Oxaliden der ersten Regnell'schen Expedition. Mit 2 Abbildg. 1897. Stockholm. "Bit. til. K. Sv. Vet. Ak. Hand". Bd. 22. Afd. III. N. 10. 1897.
- * FREY, Jean. Redaktor & Buchdruckereibesitzer. Dianastr. 5/7. Zürich. Rezension in der "Schweizer Wochenzeitung". N. 26 vom 25. Juni 1904, Seite 15: "Das brasil. Geldwesen, von Julius Meili. Zürich. Bd. III.
- FREYREISS, Georg. Wilhelm. Geb. 12. Juli 1789. Frankfurt a/M.; † 1. April 1825. Beiträge zur näheren Kenntniss des Kaisertums Brasilien, nebst einer Schilderung der neuen Kolonie Leopoldina. Frankfurt a/M., 1824. I (einz.). Teil 8^o.
- FREZIER, Ern. Reise nach der Südsee & d. Cüsten von Chili, Perú & Brasilien. Aus d. Französischen. Hamburg. Th. v. W. Erben, 1749. 8^o mit T. & K.
- FRIAR, Germano. Bericht von Uberaba. (Minas Geraes). "Meteorolog. Zeitschr." 1883. Seite 231.
- FRICTIUS, V. Indianischer Religionsstand der ganzen neuen Welt. Jngolstädt. Eder. 1588.
- FRIEDRICH, Karl. Die La-Plata-Länder. Hamburg, 1884.
- FRIESE, H. Monographie der Bienengattung *Englossa* Latr. (s. Brasil). Budapest. 1899. "Természetráji Füzetek". Bd. XXII. Seite 117-172.
- ——— Bemerkungen zur Bienengattung *Englossa* Latr. (s. Brasil). Budapest 1900. "Természetráji Füzetek". Bd. XXIII. Seite 121-122.
- FRITSCH, Prof. Conspectus generis *Licania*. (s. Brasil). "Annalen" d. K. K. naturhist. Hofmuseums. Wien. 1889. Band IV. Heft 1. Seite 45.
- ——— Reisebilder von den Canarischen Inseln. *Petermann's Mittlg. Ergänzungsband V.* Gotha.
- FRITZ, Samuel. P. Karte vom Amazonas-Gebiete: 1690-1707, nebst wichtigen Notizen (Diese Karte hat bei Alex. v. Humboldt rühmende Erwähnung gefunden). [Der böhmische Pater Samuel Fritz war während fast 40 Jahren in Perú als Missionär tätig & liess diese Karte im Jahre 1707 in Quito veröffentlichen.

- De La Condamine hat auf seinem geogr. Werk diese Fritz'sche Karte mit Punkten eingezeichnet].
- FRÜHBECK, F. I. Skizzen meiner Reise nach Brasilien. Wien. W.^o Stöckholzer-Hirschfeld. 1830. 8°.
- FÜHRER von Hamburg nach Südamerika. Mit Bildern; in deutscher & portugies. Sprache. Hamburg, 1905. 236. Seiten. 8° Verlag von Henschel & Müller, Grosse Bleichen 67. Hamburg.
- FULANO (T. H.). Der Sturz des Kaiserthrones in Brasilien. Köln, 1892. I. P. Bachem.
- FUNKE, Alfred. Die Coroádos-Indianer. Erzählung für die reifere Jugend. Leipzig. 1904. (?).
- — — — — Deutsche Siedlung über See. Ein Abriss ihrer Geschichte & ihr Gedeihen. Rio Grande do Sul. Halle, 1902. Verlag v. Gebauer-Schwetschke.
- — — — — Aus Deutsch-Brasilien. Bilder aus dem Leben der Deutschen im Staate Rio Grande do Sul. Leipzig, 1902. Verlag von G. B. Teubner. (Mit zahlr. Abb. & 1 Karte).
- — — — — Zahl & Stellung der Deutschen in Rio Grande do Sul. 1902. Deutsche Erde., Heft 1.
- FURRER, Dekan Dr. K. † Albert Barth aus Rio de Janeiro. 1840-1906.
Ansprache von Herrn Dekan Dr. K. Furrer in der Kapelle des Zentralfriedhofes, Zürich III, am 27. Oktober 1906.
(Druck: Art. Inst. Orell Füssli, Zürich).
- GABELENTZ, H. C. von. Grammatik der Kiriri-Sprache. Leipzig, F. A. Brockhaus. 1852. gr. 8° 62 Seiten.
- GADE, Dr. Georg. Bericht über die deutschen Kolonien der drei grossen Grundbesitzer am Rio Preto, Prov. Rio de Janeiro, in Brasilien. Kiel, bei C. F. Mohr. 1852. 8°.
- GAELER, Dr. Deutsche Auswanderung & Kolonisation. Berlin, in Com. bei F. L. Schneider & C^o. 1850. 8°.
- GARDNER, Dr. Gg. Reisen im Innern Brasiliens, besonders durch die nördlichen Provinzen & die Gold- & Diamanten-Distrikte. Aus dem Englischen von M. B. Lindau. Dresden & Leipzig. Arnoldische Buchh. 1848. 2 Bd. 8° mit 1 Karte.
- GEER, De. Geschichte der Insekten. VII. s. Abh. Brasilien.
- GELCICH, E. Karte, mit Text, von Teixeira's Fahrt, 1637, den Amazonas hinauf nach dem Rio Napo & nach Quito; Teixeira's Fahrt den Amazonas hinunter, 1639, nach dem Ozean. "Deutsche Rundschau für Geogr. & Statistik". Bd. X. Seite 501. 1888.
- — — — — Zwei Briefe über die Magellan. Weltumseglung. (Im Archiv zu Ragusa). Wien. 1889.
- GEMMINGER & Harold. Catalogus Coleopterorum. I-XII. s. Abh. Brasilien.
- GENERAL-CHRONICEN, d. i. wahrhaftige eigentliche & kurtze Beschreibung, u. s. w. Mit vielen Holzschnitten von Iost Ammann. 3 Theile in-fol. Frankfurt a/M. Siegm. Feilerabend. 1576.
- GENSCH, Dr. Hugo. Jubiläums-Denkschrift. z. 50 jähr. Jubil. der Kolonie Blumenau. 1900. Festnummer der Blumenauer Ztg. 2. Septbr. 1900. Druck v. H. Baumgarten, Blumenau.
- — — — — Zur Kolonisationsfrage in Santa Catharina. Blumenau. 1900.
- — — — — Dem Andenken des Dr. Fritz Müller. Blumenau, 1900.
- GEOGRAPHEN-KALENDER. In Verbindung mit vielen Fachgenossen herausgeg. v. Dr.

- Herm. Haack. 4. Jahrg. 1906/7. XII & 663 Seiten. Gotha, Iustus Perthes, 1906.
- "GERMANIA". Deutsche Zeitung "Germania" in São Paulo. 1899. Abh. Das gelbe Fieber & seine Behandlung; der deutsche Schmiedemeister Hr. Heinrich Katte, in São Carlos de Pinhal, S. Paulo.
- GERMAR, Prof. Dr. Beiträge zu einer Monogr. d. Gattung Pyrophorus. Entomol. Zeitschr. III. [Insectorum specie].
- GERNHARD, Robert. Dona Francisca, Hansa & Blumenau, 3 deutsche Mutersiedlungen im südbrasil. Staat Santa Catharina. Festschrift: Breslau, 1900. Verlag v. S. Schottländer.
- GERSTÄCKER, Friedr. Reisen. Rio de Janeiro. Buenos Ayres. Ritt durch die Pampas. Winter-Reise über die Cordilleren, Chili, Valparaiso, California & die Goldfelder. London, T. Nelson & Son, 1854. 8°.
- — — — — Achtzehn Monate in Südamerika. Bd. 1-3. Iena. 1862. Leipzig, 1863.
- — — — — Die Kolonie. Brasilian. Lebensbild. Leipzig, 1864.
- — — — — Die Deutschen im Auslande. Rio, 1868. Lorenz Winter. 4°.
- — — — — Carcinologische Beiträge. Wiegmann's "Archiv für Naturgesch". Bd XXII.
- * GESCHÄFTSBERICHT des Vorstandes der Deutsch-Ueberseeischen Bank. 1900-1903.
- GESSNER, Conrad. Zürich. Historia Natural, 1658. Zürich.
- GHILLANY & Alex. von Humboldt. Geschichte des Seefahrers Martim Behaim, Nürnberg, 1853. In-fol.
- GIEBEL, Prof. Dr. Thesaurus Ornitholog. Bd. I-III (& die Säugetiere). s. Ab. Brasilien.
- * GIEBERT, C. Offener Brief an H. G. R. Kerst, Leipzig, 1858. 8°.
- * — — — — — Offene Kritik über die deutsche Auswanderungsfrage. Berlin, 1858. 8°.
- GIESEBRECHT, Franz. Das Deutschum in Brasilien. Allg. Verlag für deutsche Litteratur. Berlin, 1899.
- — — — — Im Lande der Terra Rocha, Reise Erinnerungen aus S. Paulo. Berliner Tageblatt, n. 118. Berlin, 1899.
- — — — — Die deutsche Kolonie Hansa in Südbasilien. Berlin, 1899. Verlag v. H. Paetel.
- — — — — Die deutsche Schule in Brasilien. "Zukunft". M. Harden. N. 22. 1899.
- — — — — Deutsch-brasilische Nachrichten. Berlin, 1897/1900. Monatsschrift zur Pflege der wirtschaftl. & kulturellen Interessen des Deutschum's in Brasilien. Mit Abhdlg. v. M. Lamberg, O. Cannstatt, R. Gernhardt, C. Schüler, Dr. Mandowsky, H. Faulhaber, Dr. E. Kapff, u. a. m.
- "GLOBUS". Illustr. Zeitschrift für Länder- & Völkerkunde. Begründet 1862 von Karl André. Herausg. v. Richard André. Vereinigt mit den Zeitschriften "Das Ausland (seit 1894) & "Aus allen Weltteilen" (Seit 1898). Druck & Verlag von Friedr. Vieweg & Sohn, Braunschweig.
- Folgende Bände des "Globus" enthalten Abhandlungen bezüglich Brasilien:
- | | | | |
|---------|-----------------------|---------|----------------------|
| Band 50 | Seite 157. 192. 233. | Band 60 | Seite 124. 177. 194. |
| " 51 | " 111. 128. 303. 336. | " 61 | " 29. |
| " 52 | " 144. | " 64 | " 233. 268. |
| " 53 | " 63. 95. 320. | " 65 | " 17. 152. |
| " 54 | " 63. 221. 272. | " 66 | " 114. |
| " 55 | " 16. 192. 255. | " 67 | " 248. 249. |
| " 56 | " 336. 384. | " 69 | " 338. |
| " 57 | " 13. 32. 192. | " 70 | " 372. |

Band 72 Seite 159.	Band 82 Seite 1. 29/31. 44/46. 347—
" 73 " 73.	349. 358. 360.
" 76 " 78. 116. 294.	" 83 " 179. 324.
" 78 " 136. 364. 395.	" 84 Jahr 1904:
" 79 " 306.	" 85 " 1905:
" 80 " 68. 196.	" 86 " 1906:
" 81 " 36.	" 87 " 1907:
	" 88 " 1908:

GOEGG, A. Ueberseeische Reisen. Zürich. 1888.

GOELDI, Dr. E. A. Geboren 28. August 1859 in Ennetbühl, Kt. St. Gallen. Schweiz.
Director des Staats-Museum in Pará. Nord-Brasilien.

Mitglied des Instituto Historico-Geographico Brasileiro in Rio de Janeiro.
Korresp. Mitglied der Zoological Society in London, Ehren Mitglied der S. Gal-
lischen Naturforsch. Gesellschaft, der British Ornithologist's Union in Lon-
don, der Sociedade Nacional de Agricultura in Rio de Janeiro, der Sociedade
Medico-Pharmaceutica in Pará.

Mitglied der Schweiz. Naturforschenden Gesellschaft, der Schweiz. Zoolog.
Gesellschaft, der Schweiz. Entomolog. Gesellschaft, der Allgem. Entomol.
Gesellschaft (Deutschland), Korresp. Mitglied der Naturforsch. Gesellschaft des
Osterlandes zu Altenburg, der Thüringischen Geograph. Gesellschaft zu
Iena, etc., etc.

Biographie:

Burckhardt, Prof. Dr. Rudolf, Basel:

E. A. Goeldi & das Museum in Pará. (Brasilien). Mit Porträt & 4 Orig. Illustr.
"Die Schweiz." III. Jahrg. 1899. Zürich. Heft 26. Seite 577-580.

Imhof, G. Lehrer in Basel:

Die naturwissenschaftl. Institute in Pará. Sonntagsbeilage der "Allg.
Schweizer-Zeitung". N. 10. Basel, 9. März 1902. Siebenter Jahrg.

1884/85. Ueber eine vermutlich neue Schildkröte der Gattung
Podocnemis vom Rio Negro. Bericht d. S. Gall. Naturw. Gesellschaft;
S. Gallen, 1884/5. Mit kolor. Tafel.

1885. Beiträge zur kleinen & kleinsten Glieder-Tierwelt Brasiliens.
"Mitteilg". d. Schweiz. Entomolog. Ges. Bd. 7. Heft 6. Separat-Ab-
druck. Seite 1-11. (1885).

1886. Epeira Göldii Karsch. Neue Kreuz-Spinne aus Rio de Janeiro.
Abh. Karsch. "Berliner Entomolog. Zeitschrift". Bd. XXX. 1886.
Heft 1. Seite 92.

1887. Critogaster Goeldiana Fritz Müller. Neue Feigen-Wespe a/d.
Staate Rio de Janeiro. "Entomolog. Nachrichten" v. Dr. F. Karsch.
Berlin. Bd. XIII. N. II. Seite 161-163. (1887).

1887. Alurnus marginatus. "Zoolog. Jahrbücher" v. Prof. I. W.
Spengel, Giesen. Verlag von Gustav Fischer, Iena. Band II. S. 584
ff. 1887.

1889. Die amerikanische Ohr-Eule. "Schweizer Blätter f. Ornitho-
logie", Zürich, 1889. Bd. III. S. 331. 346. 363.

1891. Goeldia obscura Keyserling. Neue Spinnengattung vom Rio
Itabapoana. Grenzfluss d. Staaten Espirito Santo & Rio de Janeiro.
Keyserling, Spinnen America's. Band: Brasil. Spinn. Nürnberg. 1891.
Seite 45. Auch Goeldi: Zur Orientirung i/d. Spinnen-Fauna Brasi-
liens. Seite 222.

- GOELDI, Dr. E. A. 1891. *Ero Goeldi* Keyserling. Neue Spinne a. d. Parahyba-Gebiet des Staates Rio de Janeiro. Keyserling, Brasil. Spinnen. 1891. Seite 218 & Göldi: Zur Orientirung in der Spinnen-Fauna Brasiliens. Seite 224.
- ——— 1891. Studien über neue & wenig bekannte Podophthalmen Brasiliens. (Podophthalmen). "Archiv für Natur-Geschichte". Berlin, Bd. 52. I. Heft. Separat-Abdruck. Seite 33.
- ——— 1892. Ein erstes authentisches Exemplar eines echten Wiesels aus Brasilien. "Zoologische Jahrbücher". v. Prof. I. W. Spengel, Giessen. Vol. X. Ab. f. Systematik. Seite 556-562. Mit Tafel.
- ——— 1892. Zur Orientirung in der Spinnen-Fauna Brasiliens. Altenburg. 1892.
- ——— 1892. *Ramularia Goeldi* Saccardo. Epiphytischer Pilz auf dem Kaffeestrauch. B. Frank, Handbuch der Pflanzenkrankheiten. Aus dem port. Bericht über die Kaffeebaum-Krankheit in der Provinz Rio de Janeiro. "Archivo do Museo Nacional". Rio de Janeiro. Bd. VIII. 1892. S. 37-38.
- ——— 1892. Biologische Miscellen aus Brasilien. VII. Der Kaffee-Nematode Brasiliens. (Spengel's "Zoolog. Jahrb." IV).
- ——— 1893. Neue Gattung & Species der Anguilluliden, Wurzelschädling des Kaffeestrauches in Rio de Janeiro & den Nachbar-Staaten. Auch "Relatorio sobre a molestia do cafeeiro na Provincia do Rio de Janeiro". "Archivo do Museu Nacional". Rio. Bd. VIII. 1893. Seite 67.
- ——— 1894. *Ecitopora Göldi* Wasmann. Neuer Käfer der Staphyliniden-Familie aus dem Orgelgebirge. Staat Rio de Janeiro. Kritisches Verzeichnis der Myrmecophilen & Termitophilen Arthropoden. 1894. S. 209.
- ——— 1895. *Myrmecochara Goeldi* Wasmann. Neuer Käfer d. Staphyliniden Familie Aleocharini. Ameisen- & Termitengäste von Brasilien. Verh. d. k. k. Zoolog. botan. Gesellsch. zu Wien, 1895. Septb. Seite 36.
- ——— 1895. *Pheidole Goeldi* Forel. Neue Ameisen a. d. Orgel-Gebirge. Staat Rio. Anhg. zu Wasmann: Ameisengäste, etc., Brasil. "Verh. d. k. k. Zoolog.-botan.-Ges." Wien, 1895. Seite 44. Separat-Abdr.
- ——— 1895. *Solenopsis basalis* Forel (1893). Verh. d. k. k. Zoolog.-botan.-Ges., Wien, 1895. Seite 44. Separat-Abdr.
- ——— 1895/96. *Titus Paraensis* Kraepelin. 1896. Neuer Scorpion aus Pará. Kraepelin, "Mitt." d. Naturhistor. Museums in Hamburg. 1895. XIII: Seite 129.
- ——— 1895. Der schwarze Urubú-Geier *Cathartes*. "Schweiz Blätter f. Ornithologie". Zürich, 1895. Bd. XIX. Seite 40. 50. 62. 72.
- ——— 1896/1897. Eine Naturforscher-Fahrt nach dem Litoral des südlichen Guyana, zwischen Oyapock & Amazonenstrom. Oct.-Nov. 1895. Separat-Abdruck, a. d. "Jahresbericht" d. St. Gall. Naturwissen. Ges. 1896/97. 8°. 93 Seiten. Mit 1 Karte & 1 Porträt. Zollikofer'sche Buchdruckerei. 1898.
- [Es ist Max Tanner's *Porträt*, geb. 2. April 1873 in St. Gallen, gest. 14. Nov. 1895 in Pará, Brasil. Die *Karte*, Seite 32-33, zeigt: Brasilian. Guyana. Littoral zwischen Oyapock & Amazonas. Entworfen nach eigenen Reisen & vertrauenswürdigen neueren Quellen. Massstab

- 1:2,000,000. Del. Dr. E. A. Goeldi, 1897. Geograph. Anstalt v. Körner & Dietrich, Leipzig: 230×390 m/m].
Auch im Auszug erschienen: Pettermann's Geogr. Mitt. Gotha, 1897, Heft 3. Seite 59-68. & Heft 5. Seite 107-112.
- GOELDI, DR. E. A. 1897. Rot. & gelb-köpfige Aasgeier Südamerikas. "Schweiz. Blätter f. Ornithol." Zürich, 1897. Bd. XXI. Seite 138. 152. 167. 180. 196. 210.
- 1897. Phacops Goeldi Katzer. Devon-Trilobit aus der Maecurú-Formation Amazoniens. "Sitzungsbericht" d. k. böhm. Ges. d. Wiss. Prag, 1897.
- 1897. Genuína Doninha Brasil. Bd. X. 1897. "Zoolog. Jahrbücher", Iena.
- 1897. Die Fortpflanzungsweise von 12 brasil. Reptilien. (1884-1897). Zoolog. Jahrbücher". Iena, 1897. Bd. X. Seite 640-676. Mit 2 Tafeln.
- 1899. Merkwürdiger Mimetismus einer brasil. Kreuz-Spinne a. d. Gattung Cyclosa. "Zoolog. Jahrbücher". Iena, 1897. Bd. X. S. 563-568. Mit 1 Abbdg. Auch "Prometheus", Berlin, 1899. N. 517. S. 784.
- 1899. Epeirides bahiensis Keyserling. Eine Dämmerungs-Kreuzspinne Brasiliens. "Zoolog. Jahrbücher", Iena. Bd. XII. 1899. S. 161-170. Mit 1 Bild.
- 1899. Ueber die Entwicklung von Siphonops annulatus. "Zoolog. Jahrbücher", Iena. 1899. Bd. XII. S. 170-174, mit Bild.
- 1899. Verzeichnis der bisher wissenschaftlich beschriebenen neuen Tier- & Pflanzenformen, welche während den Jahren 1884-1899 in Brasilien: Staaten Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, Espirito Santo, Bahia & Pará, gesammelt & entdeckt worden sind. Von Dr. E. A. Göldi. Bern. Ient & C.º. 1899.
- "Auf den Schluss des Jahrhunderts zur Erinnerung an 16 jährige Forschungszeit im tropischen Teile Brasiliens für sich & seine Freunde als Manuscript gedruckt". 8º. 19 Seiten, mit Supplements bis September 1902.
- 1899. Natur-Wunder auf der Insel Marajó. Vortrag gehalten i/d. Schweiz. Naturforsch. Ges. Bern. Winter 1898/99. "Die Schweiz". Bd. IV. 1900. Seite 546-552, 589-593. Mit 9 Abbdg. Zürich. Clausiusstr. 21. Im Auszug: "Globus". Bd. 73. N. 5 bis 7.
- 1900. Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana. "Die Schweiz". Bd. IV. Seite 475. Zürich, 1900.
- 1900. Die Fischwelt des Amazonenstromes. Vortrag. Bern. Winter 1898/99. "Die Schweiz". Bd. IV. S. 473. Fig. 183. S. 505. Fig. 223. Auszüge im "Prometheus", Berlin. 1900. Bd. 9. N. 538, 539, 550, 551, 552, 577, 578.
- 1900. Hufförmige Verbreiterungen an den Krallen von Crocodil-Embryonen. "Zoolog. Anzeiger". Leipzig, 1900. 19. März. Bd. XXIII. N. 610.
- 1901. Neue Saubá-Art. Ameisen a. d. Orgelgebirge, Staat Rio (Colonia Alpina). S. A. Forel: Einige neue Ameisen aus Südamerika: Brasilien. Iava. Natal & Mossamedes. "Mittlg. d. Schweizer. Entomolog. Ges." Bd. X. Heft 8. Juni 1901. Seite 301.
- 1901. Die Eier von Tropicurus Torquatus. "Zoolog. Jahrb." Bd. XV. Iena, 1901. Heft 6. Seite 589.

- GOELDI, Dr. E. A. 1902. Nov. genus et species Tineidarum. Die kleine Motte, deren Raupe als "arrala do matto" in den Wäldern von Pará, an Baumstämmen vorkommt, eine wunderbare Gallerie & Haus aus Moos & Flechten bildend. Brief. British Museum. 4 II. 1902.
- ——— 1902. Zum Klima von Pará. "Meteorolog. Zeitschr." Aug. 1902. Wien. Die Bambusratte od. brasil. Fingerrate. Frankfurt a/M. (1889).
- ——— 1903. Meteorologische Beobachtungen am Museum in Pará. 1897. "Jahrb. d. k. k. Centralanst. für Meteorologie". Wien, 1903.
- ——— Fressen die Phyllostoma-Arten (Vampire) Früchte oder nicht? Der Zoologische Garten". XXVIII. Frkt. a/M.
- ——— Biologische Miscellen aus Brasilien. (Sotalia brasil.) Spengel: "Zoolog. Jahrb." III. Iena.
- ——— Bedeutung, Fang & Verwertung d. Schildkröten am Amazonas. "Der Zoologische Garten". XXVII. Frkf. a/M.
- ——— Der Lehmhaus. "Der Zoologische Garten. XXVII. Frkt. a/M.
- ——— Die Vogelwelt des Amazonentromes. Sammlung von Kunstblättern in 3 Liefg. 24×30 c/m (á 12 Farben) mit erläuternder Bezeichnung. Zürich.
- Siehe auch: Lang, Prof. Dr. Arnold. Zürich: Ueber die äussere Morphologie von Haementeria Ghiliani. Ein Risen-Egel aus dem oberen Amazonas-Gebiet. Prof. Dr. Arnold Lang's "Festschrift" zur Feier des 50 jähr. Doktor-Iubil. von Nägeli & Kölliker. Verlag Albert Müller. Zürich. 1891.
- Siehe auch: Spengel, Prof. I. W. Giessen: Ueber Schizocardium brasil. Grosser Balanoglossus aus der Bai von Rio de Janeiro. Prof. I. W. Spengel's Monographie der Enterop. des Golfes von Neapel. (18. Monogr. d. Fauna & Flora des Golfes v. Neapel). Berlin, 1893. R. Friedländer & Sohn.
- Siehe auch: Graff, Prof. Dr. L. von. 5. Neue Landplanarien, beschrieben in der grossen Monogr. der Turbellarien. 1899.
- Siehe auch: Ehrenreich, Dr. Paul. Berlin: Neue Funde praehistorischer Keramik aus Nord-Brasilien. "Globus". Braunschweig. 1900. Sept. Bd. 38. N. 9.
- Siehe auch: Hagmann, Dr. G., Pará. Der Zoologische Garten des Museu Goeldi in Pará. Brasilien. Mit 6 Abbildg. & 1 Situationsplan. Frankfurt a/M. 1901. 55 Seiten.
- Auch i/d. "Naturwissenschaft. Rundschau. 12. Juni 1902. & "Ibis", London. July, 1902.
- Aus der Feder Dr. E. A. Goeldis in Pará stammen ferner 12 englische & 9 französ. Abhandlungen botanischen & zoologischen Inhalts, sowie zahlreiche Artikel, die im *Jornal do Commercio*, in Rio, von 1884–1904, erschienen sind. Er ist Verfasser der unter dem Sammel-Titel "Monographias Brasileiras" erfolgreich veröffentlichten Arbeiten: "Os mammiferos do Brasil". Rio, Bd. 1. 181 Seiten. Alves & C^o. Rio. 1893.
- "As aves do Brasil". Rio. Bd. I. Seite 1-311. Alves & C^o. Rio. 1894.
- " " " " " " II. Seite 312-664. Alves & C^o. Rio. 1900
- & "Videiras americanas". Rio. Verleger Laemmert & C^o.
- "Biographie Dr. Domingos Soares Ferreira Penna".
- "Memorias do Museo Paraense": 1 "Excavações archeologicas em

1895". Parte 1ª. As cavernas funerarias artificiaes de indios hoje extinctos no Rio Cunany (Gcanany) e sua ceramica". Pará. 1900. "Boletim do Museo Paraense": Band I:

N. 1. Set. 1894	N. 2. Abril 1895	N. 3. Junho 1896	N. 4. Out. 1896
pags. 1-56	57-188	189-329	330-444

"Boletim do Museo Paraense": Band II:

N. 1. Maio 1897	N. 2. Out. 1897	N. 3. Junho 1898	N. 4. Dez. 1898
pags. 1-109	110-255	256-396	397-514

"Boletim do Museo Paraense": Band III:

N. 1. Fev. 1900	N. 2. Ag. 1901	N. 3 & 4. Dez. 1902
pags. 1-98	99-244	245-606

- GOELPEN, A. van. Graph. Darstellung der Preise von Good Average Santos Caffee in Hamburg, in den Jahren 1882-1899, nebst den Zahlen der Vorräte in Europa & Nord-Amerika am 31. Dezember, etc. 3 Blatt, schmal. Fol. Berlin, 1899. H. Walter.
- GOERING, A. Vom tropischen Tiefland zum ewigen Schnee. Malerische Skizzen. (Venezuela). Mit 12 Aquarellen & 54 Illustrat. Leipzig, 1892.
- GOETLING, Director. Abhandlung über die Sprache der Botokuden. Teil II. Anhang zu: Maximilian, Prinz zu Wied-Neuwied's Reise.
- GOTHEIM, Eberhard. Der Jesuitenstaat Paraguay's. Staats & Sozialwissenschaftl. Forschungen. Herausgeg. von Gustav Schmoller. Leipzig.
- GRANT, Andrew. Beschreibung von Brasilien, etc. Weimar, 1814. Verlag d. Landes-Industrie-Comptoirs.
- GRIMM, Th. Heimatkunde des Staates Rio Grande do Sul. Verlag von Stutzer & Hermsdorf. Santa Cruz. 1891. Brasil.
- GRISEBACH, Prof. Dr. Bericht vom Winde am unteren Amazonas. Seite 378. Band 2. Die Vegetation der Erde.
- GROSSE, Ed. Dom Pedro, oder Geschichte der neuesten Revolution (Cabanagem) von Brasilien & Portugal. Leipzig, 1836.
- GROTH, Prof. Tabellarische Uebersicht der Mineralien. (Siehe: Mineralogie Brasiliens).
- GRUBER, H. A. Berichte über die südbrasilianischen Kolonien. I. 8°. 80 Seiten. Berlin, 1886. Verlagsagentur.
- GRÜNDLICHER Bericht des in Amerika zwischen dem Rio Orinoco & Rio de las Amazonas, (an der westen Küste in Gulana gelegenen Strich Landes, welchen die westindische Compagnie der Vereinigten Niederlande, den 18. Juli 1669, an Grafen Friedr. Casimir zu Hanau überlassen hat.), etc., Frankfurt, 1669.
- GRUNDZÜGE einer geregelten Auswanderung der Deutschen, etc. Hamburg, 1842. Verlag v. Perthes. Vesser & Manke.
- * GUARANI, Der. Wiedergabe in deutscher Sprache von José de Alencar's "O Guarany", Leipzig.
- GUARCH. Die Republik Uruguay auf der Ausstellung in Amsterdam. Uebersetzt & mit Anmerkungen versehen. Leipzig & Berlin, 1884.
- GÜNTHER, S. Das Zeitalter der Entdeckungen. Mit einer Weltkarte. Leipzig, 1901.

- (Z. Anlass der Entdeckungsfest Brasiliens: 3. Mai 1500., durch Pedro Alvarés Cabral).
- GÜRICH. *Ditrochosaurus capensis*. "Zeitschr. d. deutsch. Geolog. Ges.", Jahrg. 1839. Berlin.
- GÜSSFELD & Stübel. Bericht vom Illimani. Z. "Verh. d. Ges. für Erdkunde" zu Berlin, 1884, Bd. 11. S. 142.
- GUTS-MUTS, I. Ch. F. Das Kaisertum Brasilien. Weimar, 1827. Band 19 d. v. Handb. d. neuesten Erdbeschreibung".
- * HAACK. Deutsche Ansiedelung in Brasilien. ("Deutsche Auswanderer"). Mainz, 1847.
- * HAAS. Beiträge. s. Deutscher Auswanderer". Mainz, 1847.
- HAECKEL, E. Ueber die Crambessiden Siebold & Kölliker: "Zeitschr. f. wissenschaftl. Zoologie". XIX.
- ——— Plankton-Studien. Jenai'sche Zeitschr. f. Naturwissensch." XXV.
- HÄNSEL, Dr. Emil. Ein Ausflug nach Brasilien & den La Plata-Staaten. Warmbrunn, 1894. Max Leipel.
- HAGEN, Prof. Dr. Monographie der Termiten. "Linnaea Entomol." X, XII, XIV.
- ——— Notizen beim Studium von Brauer's Novara-Exp. Neuropteren. "Verhdg. d. Zoolog.-botan. Ges." Wien, 1867.
- HAGMANN, Dr. Gottfried. Chef der Zoolog. Abt. d. Museum Göldi in Pará. Der Zoologische Garten des Museum Göldi in Pará. Brasilien. Mit 6 Ansichten & 1 Plan. Frankfurt a/M. 1901. 55 Seiten.
- Siehe auch: Böttger, Prof. Dr.: "Zoologischer Garten", Frankfurt a/M. 1902. Bd. 43. N. 4. April. S. 134-137.
- Siehe auch: "Naturwissenschaftl. Rundschau". 12. Juni 1902.
- " " "Ibis", London. July, 1902.
- ——— Kritische Bemerkungen zur Systematik der amazonischen Füchse. Leipzig. "Zoologischer Anzeiger". 1901. Bd. XXIV. N. 651.
- ——— *Acanthicus hystrix* Spix aus dem unteren Amazonas. Leipzig. "Zoologischer Anzeiger". 25. März 1901. Bd. XXIV. N. 639. Seite 173-176.
- ——— Weiterer Beitrag zu *Acanthicus hystrix* Spix aus dem unteren Amazonas. Leipzig. "Zoologischer Anzeiger". 2. Juni 1902. Bd. XXV. N. 672. Seite 414-422.
- ——— Ein ornithologischer Streifzug durch den Campo der Insel Mexiana. Amazonas. Schweizer Blätter für Ornithologie". Zürich, 1902. 15. Aug. N. 33. Seite 409-411.
- HALM, Prof. Dr. Ornithologischer Atlas. s. Ab. Brasilien.
- HAHN, Chr. L. Brasilien wie es ist. Ein Leitfaden für Alle diejenigen, welche sich nähere Kenntniss über dies Land erwerben wollen. 2^{te} Auflage. Frankfurt a/M., 1826.
- Prof. Dr. Die wanzenartigen Insekten. s. Ab. Brasilien.
- Monographie der Spinnen. s. Ab. Brasilien.
- & Koch. Die Arachniden. 16 Bd. Nürnberg, 1832-1848.
- HALFELDT, Ingr. & I. I. von Tschudi. Minas Geraes. *Ergänzungsh.* 9 zu *Petermann's. Geogr. Mitt.*, Gotha, 1862.
- A. G. F. Grosse Karte (30 Blätter) des Rio São Francisco, mit Sondirungs- & Vermessungs-Resultaten. Angabe über geologische Formation & Vegetations-Charakter. Aufnahme der Wasserfälle Sobradinho & Paulo Affonso. Rio de Janeiro, 1860.

- HALLE, I. S. Die Tabaks-Manufactur oder die volk. Oekonomie des Tabak-Baues. Mit 4 Tafeln. Berlin, 1788.
- Dr. Ernst. Amerika. Seine Bedeutung für die Weltwirtschaft & seine wirtschaftlichen Beziehungen zu Deutschland, insbesondere zu Hamburg. In Einzeldarstellungen. Mit zahlreichen Illustrationen & Karten. Seite 619-643: Brasilien. Von Dr. Karl Ballod. 1905. Verlag d. Hamburger Börsenhalle. G. m. b. H. Hamburg. 1905.
- HALLER-BION, Fritz. Bern: 3 Jahre in Südamerika 198. Seiten gr. 8°, in hübscher Ausstattung, brosch. Fr. 5.— Kommissionsverlag der Buchh. A. Francke, Bern.
- HAMBURG. Bericht der Direction des Kolonisations-Vereins von 1849.
- * HAMBURGS Handel im Jahre 1891-1902. Sachverständige Berichte.
- Handel & Schifffahrt 1900-1902. Hamburg, 1903.
- * HAMBURGER Beiträge. Zeitungs-Korresp. für Gewerbe, Handel & Schifffahrt. Hamburg, 1901-1904.
- * HAMMERSDÖRFER & Kosche. Amerika, ein geograph. Lehrbuch. 1788.
- * HANAU-MÜNZENBERG, Graf Friedr. Casimir. Gründlicher Bericht, u. s. w. Frankfurt a/M. 1669, 54 Seiten in in-4°.
- HANDEL, Prof. Abañeéme. Guia practica para aprender el idioma Guarany. (Spanisch, deutsch & englisch). Stuttgart, 1895.
- HANDELMANN, Prof. Dr. Heinrich. Kiel. Geboren: 9. Aug. 1827 in Altona † 26. April 1891. *Geschichte von Brasilien*. Berlin, 1860. Verlag v. Julius Springer. XXIV & 989. Seiten 4°.
- — — — — *Brasilien*. In Bluntschli's deutschen Staatswörterbuch. Bd. II. Seite 216-234.
- HANDELSBERICHTE aus Santa Katharina. Preuss. Handels-Archiv. Band I. Berlin, 1864.
- HANN, Julius. Zur Meteorologie des Aequators nach den Beobachtungen am Museum Goeldi in Pará. Brasilien. S. A. "Sitzungsber". d. Akad. d. Wissensch. Wien. Mathem-naturw. Kl. 101. Wien, 1902.
- HANSA-KOLONIE, Prospect der. (im Staate S. Katharina, Südbrasil.). Von F. Mörsch. Hamburg, Neue Gröningerstr. 10.
- — — — — Klima & Gesundheitsverhält. Rechensch.-Bericht d. Ges. p. 1899. Von Dr. Mandowsky, Hamburg.
- HANSEN, Prof. Dr. Einige Ergebnisse der Plankton-Expedition. Sitzgsber. d. K. Preuss. Ak. d. Wissensch. I. Berlin, 1890.
- HAROLD-GENMINGER. Katalog der Käfer-Arten. (Brasil-Cayennae).
- HASSLER, Prof. Central-südamerikan. Forschungen. "Fernschau". II. Jahrb. d. mitteleltschweiz. geogr. Com. Ges. Aarau, 1888.
- HAUFF, Hermann. Reise in die Aequinoctial-Gegenden des neuen Continents. Bd. 1-4. Stuttgart & Tübingen 1823 & 1859. Cotta. Verlag.
- HASSENSTEIN, Prof. Dr. Bericht über die bis 1879 bekannt gewordenen Ergebnisse der hydrographischen Commission Perú's, die seit 1868 unter Tucker's Leitung tätig war. *Petermann's geogr. Mittlg.* 1879. T. V. Seite 89.
- HECKE, I. V. Uebersicht d. Ereign. a/d. Kriegsschauplatz in Süd-Amerika. (Reise d. d. V. Staaten v. N. A.). Berlin, 1820. 2 Bände.
- HECKEL, Jacob. Johann von Natterer's neue Flussfische Brasiliens. I. Labroiden. Wien, 1840.
- HEEREN, W. Im fremden Lande. Erinnerungen 1 deutschen Ansiedlers in Brasilien. 88 Seiten. Berlin, 1899.

- HEEREN, W. Deutsch-evangelisches Leben in Brasilien. 1902. Berlin. Hauptverein f. Christl. Erb. Schriften.
- HEHL. Von den vegetabilischen Schätzen Brasiliens & seinen Bodenkultur. 60 Seiten. Leipzig, 1886. Engelmann.
- HELLER, Prof. Dr. Beiträge zur näheren Kenntniss der Macrouren. "Sitzgsber." d. K. Akad. d. Wissensch. XLV. 1. Wien.
- HELMREICHEN, Virgil von. Ueber das geognost. Vorkommen der Diamanten & ihre Gewinnungsmethoden auf der Serra do Grão Mogol (auch Grão Mogor) in der Provinz Minas Geraes in Brasilien. Mit Abbildungen. Wien. 1846. 4^o. Braumüller & Seidel. Wien.
- HEMMERSAM, M. West-indianische Reisebeschreibung de An. 1639 bis 1645, etc. Mit 8 Kupfern, 1 Vorrede & Register. Von Ch. L. Diethern. Nürnberg, 1663.
- HENNINGS, G. Fungi paraenses. II. cl. Dr. I. Huber, collecti. "Hedwigia" 41. 1902. Seite 15-18.
- HENSEL, Dr. R. F. Beiträge zur näheren Kenntniss der brasil. Provinz Rio Grande do Sul. Mit Karte. "Zeitschr. d. Ges. f. Erdkunde" zu Berlin, 1867. II.
- Beiträge zur Kenntniss der Säugetiere Südbrasilien. "Abh. d. K. Akad. d. Wissensch." Berlin, 1872.
- Beiträge zur Kenntniss der Wirbeltiere Südbrasilien. "Archiv f. Naturgesch". Band 34 & 36.
- HENSEN, Victor. Ergebnisse der Plankton-Expedition: I. Krümmel. Reisebeschr. d. Plankton-Exped. Iena, 1890.
- Naturwissenschaftl. Studien vom Meere an der brasilian. Küste. Iena, 1890.
- HERBST, Prof. Dr. 1.) Natursystem der Käfer I-X. 2.) Krabben & Krebse I-III. 3.) Schmetterlinge I-XI.
- HERRICH-SCHÄFFER. Sammlung aussereuropäischer Schmetterlinge. S. A. Brasilien.
- HERZOG, C. Aus Amerika. Reisebriefe. Berlin, 1884.
- * HESCHKO, Lothar. Ingénieur i. Blumenau. Wissenschaftl. Abhandlg. über Ameisen Brasiliens.
- HESS, Adolph. Portugiesische Münzen. Sammlg. d. Herrn. F. B., in L. Versteigerung. Frankfurt a/Main, 1881.
- HESSE-WARIEGG, Ernst von. Städtebilder aus den brasilian. Tropen. Feuilleton Serie. "Vohsische Zeitung". 1903.
- Die Iguasú-Fälle im Paradies von Argentinien, mit 6 Illustr. nach fotogr. Original-Aufnahmen. Reclam's Universum. 27 Jahrgg. Heft. 18. pag. 126-129.
- HETTNER, Prof. A. Das südlichste Brasilien. Geogr. Studie über Rio Grande do Sul. "Zeitschr. d. Ges. f. Erdk." zu Berlin, 1891.
- Berichte vom Anden-Gebirge. Zeitschr. d. Ges. f. Erdk. zu Berlin, 1889. Seite 159, 271, 273, 388, 392.
- Das Deutschtum in Brasilien. Die Städte des südlichsten Brasilien. "Unsere Zeit". 1891.
- Die deutsche Kolonie São Lourenço. "Leipziger Zeitung". 15. Juni, 1891. Leipzig.
- Reiseskizzen. 1892. "Deutsche Rundschau f. Geogr. & Statistik", 1892.
- HEUBEL, Prof. Deutsche Uebersetzung der Berichte von Couto de Magalhães betr. d. Rio Araguayá. *Petermann's Geogr. Mittg.* 1875. Seite 376.
- HEUSSER, Dr. I. Chr. Zürich. Die Schweizer auf den Kolonien in São Paulo. Brasil.

- Bericht an die Direction der Polizei des Kantons Zürich. Zürich, 1857. 8°. Druck & Verlag von Fr. Schulthess. Zürich.
- HEUSSER, Dr. I. Chr. & G. Claraz. Physikal. & geolog. Forschungen im Innern Brasiliens. Zürich, 1859. *Petermann's Mitt. Gotha*, 1859.
- — — — Die geologischen Verhältnisse des Itacolomi. *Petermann's Geogr. Mitt.* Heft IX. Gotha, 1859.
- — — — Thierleben in der brasilian. Provinz Rio de Janeiro. *Petermann's Mitt.* Gotha, 1860.
- — — — Beiträge zur Kenntniss des Brasilian. Küstengebirges. Zürich, 1865. "Vierteljahrsschrift d. naturforsch. Gesellsch." in Zürich, Band X. 1865.
- HEY, Dr. med. Der Tropen-Arzt. Offenbach a/Main. Verlag von I. Scherz.
- HEYCK, Prof. Dr. Ed. *Eine Vortragsreise durch Brasilien. I.* "Olha, que céu! que mar! que rios! que floresta!" Velhagen & Klasing. "Monatsheft". XV. Jahrg. Heft 4. Dez. 1900. Seite 459-465, mit 4 Bildern: I. Von Pernambuco bis Petropolis.
- — — — *Eine Vortragsreise in Brasilien II.* Im Staate São Paulo & in Bahia. Velhagen & Klasing "Monatsheft 5": XV. Jahrgang. Januar 1901. Seite 569-576. Bielefeld & Leipzig.
- HIERSEMANN, K. W. Leipzig. 3 Königstr. Katalog. n. 157. Literatur-Verzeichnis bez. Brasilien. Leipzig, 1896.
- — — — Katalog n. 321. Bibliotheca Latino Americana. Brasilien. Leipzig. 1906.
- — — — Katalog n. 327. America, s. Brasilien. Leipzig, 1906.
- HIRT, Dr. I. Lepidosiren paradoxa. Monographie. Prag. 1845.
- HISTORIE, allgem., der Reisen zu Wasser & Land. u. s. w. Bd. 1-17. Leipzig, 1757-1759. Band 16 enthält: Brasilien. Seite 263-268. Brasil. indian. Sprachen.
- HISTORIEN der Königreiche Hispanien, Portugal und Africa, u. s. w. Gedruckt in München, bei Adam Berg. 1589.
- HÖRMEYER, Joseph. Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Südbrasilien. Herausg. Mich. Kröff. Koblenz, 1854. Hildenbrandt'sche Buchdr. Koblenz, 1854.
- — — — Zur Charakteristik d. deutschen Legion von 1851, im kaiserl. brasil. Dienst. Marburg. 1853. 8°.
- — — — Aktenstücke v. brasil. Seite, betr. Kolonis. d. Kaiserreichs. Leipzig. 1858. Rudolstadt, 1859-1863.
- — — — Südbrasilien. Ein Handbuch zur Belehrung für Jedermann. Hamburg. G. Karl Bürger. 1857. Auch Aufl. 1858.
- HOFFMANN, Prof. Dr. Wulffia Stenoglossa. Pflanzenfamilien v. Engler & Prantl. IV-5. Seite 116.
- HOLMES, S. Tagebuch einer Reise nach S. & i/d. T. mit d. brit. Gesandtschaft 1792-1793. Nach dem Französ. Weimar, 1805. (Enthält Nachrichten über Rio de Janeiro).
- HOLTEN, von. Bericht vom Rio Guaporé. "Zeitschr. d. Gesellsch. für Erdkunde" zu Berlin, 1877. Seite 116.
- — — — Erforschungen der Quellflüsse des Mamoré. "Mittlg. d. Geogr. Ges." Hamburg. 1876/77. S. 40. Auch in "Zeitschr. d. Ges für Erdkunde zu Berlin, 1877.
- * HOLTZENDORFF, Dr. F. Handbuch des Gefängniswesens. Hamburg, 1888, Verlag. v. I. F. Richter. (siehe Strafkolonien Brasiliens).

- HUMBOLDT, Alex. von. & Ghillany. Geschichte des Seefahrer's Martin Behaim. Nürnberg, 1853.
- HUNDT, W. von. Die brasilianische Provinz Santa Catharina. 12°. 136 Seiten. Gera, 1887. Genschel.
- IANDA, Irl. (vom zoolog. Institut der Universität Prag, Böhmen). Beiträge zur Systematik der Gordilden. (Würmer-Arten). "Zoolog. Jahrbücher". Bd. VII. H. 4. S. 595. Brasilian. Würmer. Iena, 1893.
- IBAGNEZ, P. Das Reich der Jesuiten in Paraguay. Frankfurt a/M., 1783. 235 Seiten.
- IEBEKEN. Bericht über den südlichen Teil von Rio Grande do Sul, speziell zwischen Cachoeira & Caçapava. "Export", 1881. Berlin.
- IDELER. Kritische Untersuchungen über die histor. Entwicklung. u. s. w. (v. A. v. Humboldt erw.) Berlin, 1836/52. 3 Bd.
- IHERING, Dr. Hermann von. Director do Museo Paulista in São Paulo. Brasilien. Vergleichende Anatomie des Nervensystems & Phylogenie der Mollusken, Leipzig, 1876.
- Vergleichende Anatomie des Peripherischen Nervensystems der Wirbelthiere. Leipzig, 1878.
- Rio Grande do Sul — "Ueber's Meer". Taschenbibl. f. d. Ausw. v. R. Lesser & R. Oberländer, Bd. XI & XII. Verlag v. Paul Genschel. Gera, 1885.
- Die deutsche Auswanderung & ihre Ziele. "Unsere Zeit." 1885.
- Am Guahyba. "Unsere Zeit". 1886.
- Aus der Kolonie-Praxis in Südbrasilien. "Deutsche Kolonial-Zeitung". 1886. Seite 651.
- Deutsche Wiedergabe: Allgemeine Verhältnisse von Matto Grosso. Aus Fonseca's Viagem ao redor do Brasil. (Reise rund um Brasilien.-Die Resultate der bolivian.-brasilian. Grenz-Comission). Deutsch.-Geograph. Blätter. Band IX. 1886. S. 265. Bremen.
- Das südliche Koloniengebiet von Rio Grande do Sul. *Petermann's geogr. Mit.* Gotha, 1887.
- Zur Kenntnis der südbrasilian. subtropischen Region, "Ausland". Bd. 60. 1887.
- Die Lagoa dos Patos (Lagôa dos Patos). "Deutsch-geogr. Blätter". Bremen, III Band.
- Die Vögel der Lagôa dos Patos. "Zeitschr. für die g. Ornithologie". Budapest, 1888. (Auch "Ornis", 1887 erschienen).
- & D. Hans von Berlepsch. Die Vogelwelt von Mundo Novo. (Südbrasilien). "Zeitschr. f. d. g. Ornithologie", Budapest.
- Ueber die Beziehungen der chilenischen & südbrasilian. Süßwasser- Fauna. 8°, 9 Seiten. Santiago, 1892. Berlin, R. Friedländer & Sohn.
- Die Ameisen von Rio Grande do Sul. "Berliner Entomolog. Zeitschr." Band 39. Heft 3. Cap. II. (1894-März 1895).
- Siehe auch: "Revista do Museo Paulista". S. Paulo:
- | | | |
|---------|-------------------|--|
| Band I. | 1895. | } Mit zahlreichen naturwissenschaftl. Abhandlungen bezüglich Brasilien, in portug. Sprache, von Director Dr. Hermann v. Ihering. |
| " II. | 1897. | |
| " III. | 1898. | |
| " IV. | 1900. | |
| " V. | 1902 & Fortsetzg. | |
- ILLIGER. Tabellarische Uebersicht der Verteilung der Vögel über die Erde. "Abh. d. K. Akad. d. Wissensch. Berlin, 1812-13.

- ILLIGER. Monographie der Elateren. "Magazin f. d. neuesten Entdeckungen d. Naturkunde." I.
- INTERNATIONALES Archiv für Ethnographie. s. Abhdlg. bezüglich Brasilian. Indianerstämme.
- IUST'S. "Botanische Jahrbücher", s. Abh. bezügl. Botanik Brasiliens.
- JÄGER. Der Amazonas & seine Confluenten. Hamburg, 1839. 4°.
- JAHN, A. Die Kolonien von S. Leopoldo. Brasilien. Leipzig, 1871. F. A. Brockhaus.
- JAHRESBERICHT an den General der Jesuiten. Augsburg, 1620. Ternaux-Compans, Paris, 1837, führt deren mehrere in deutscher Sprache an).
- 33^{ster}, des Vorstandes der deutsch-evangelischen Gemeinde in Rio de Janeiro, Laemmert, 1879. 4°.
- *—— über die Verwaltung des deutschen Hülfsvereins zu Rio de Janeiro, während des Jahres 1876. Rio de Janeiro, 1877. Lorenz Winter. 4° (Ebenso für 1877 bis 1880/81. 4 Band, 4°.
- *—— der Handelskammer zu Hamburg, über die Jahre 1900-1903.
- * JAHRESBERICHTE der Brasilianischen Bank für Deutschland, Rio de Janeiro, 1887-1902. & ff.
- JANNASCH, R. Ratschläge für Auswanderer nach Südbrasilien. 4. Auflage. Berlin, 1898. 128 Seiten. 8°. Charlottenburg. Allgem. Verlags-Agentur.
- ——— Karte von Südbrasilien. Rio Grande do Sul. Santa Catharina. Paraná, nebst den Grenzländern. Ausg. 1902. 1:2,000,000. 75×79 c/m. Lithogr. Berlin-Willmersdorf. Allgem. Verlagsagentur.
- ——— Berichte über brasilianische Verhältnisse, etc. s. "Export". Berlin, 1902 & ff.
- JANSEN, Carlos. Der deutsche Auswanderer (Rio Grandenser Almanach). Porto Alegre, 1857/58. Verlag v. Otto Stiher.
- JOEST, W. Guayana im Jahre 1890, Berlin, 1891.
- ——— Guayana. Ethnographisches & Verwandtes aus Guayana. Mit 8 Tafeln. 4°. Leiden, 1893.
- JONIN, A. Durch Süd-Amerika. Reise- & Kulturhistor. Bilder. Uebersetzt von M. v. Petzold. Berlin, 1895-96. Band I & II. Pampaländer.
- JOURNAL für die neuesten Land- & Seereisen & das Interessanteste aus der Völker- & Länder-Kunde. Band 1-16, mit vielen Karten, Plänen, Kostümen, etc. Berlin 1808-14. (Beschreibung von Reisen in Süd-Amerika).
- für Ornithologie. (von Cabanis). Abhandlung: Nyctibius grandis (Brasil). Band 1. Seite 169.
- JUNKER VON LANGE, F. A. El Dorado. Geschichte der Entdeckungsreisen nach dem Goldlande El-Dorado, im 16. & 17. Jahrhundert. Leipzig, 1888.
- JVANOVITSCH, J. Der brasilianische Major Schäfer, u. s. w. Schleswig, 1825. 8°.
- KAERGER, Karl. Brasilianische Wirtschaftsbilder. 2. Aufl. 8°. 530 Seiten. Berlin, 1900. Gergonne & C°.
- ——— Landwirtschaft & Kolonisation im spanischen Amerika. Band 1. & 2. Leipzig, 1901.
- KALENDER, histor. genealog. auf das Jahr 1818. Berlin, 1818. 12°. (Enthält Link's: Beschreibung v. Brasilien. 168 Seiten, mit 12 kupfern & 1 color. Karte).
- KALKMANN, L. F. Reisebriefe aus Brasilien. Bremen, 1847. 8°.
- ——— Beiträge zum "Der deutsche Auswanderer". Mainz, 1847.
- KAPFF, E. (Wertheim). Ein deutscher Jesuiten-Pater als Kolonisor. "Grenzboté".

- N. 5. 1899. (Mit Bezug auf "Briefe des Pater Anton Sepp über seine Reisen in den Heiden-Missionen in Paraquaria.") [Ingolstadt, 1710].
- KARSTEN, Prof. Beitrag zur Kenntniss der *Rhyuchopriion penetrans*. (s. Brasilien). "Bulletin de la Société impériale des naturalistes de Moscou". XXXVII 2.
- KATALOG der Hamburger Kommerz-Bibliothek. Hamburg.
- der Bibliothek der Gesellschaft "Germania", in Rio de Janeiro. Lorenz Winter. 1870. 4°. 216 Seiten.
- Nachtrag zum. der Bibliothek der Gesellschaft "Germania" in Rio de Janeiro, Lorenz Winter, 1878. 4°. 40 Seiten.
- KATZER, Dr. Friedrich. Der strittige Gold-Distrikt von Brasilian. Guyana. "Zeitschrift (Oester). für Berg. & Hüttenwesen". XLI. Jahrg. 1897. 18 Seiten.
- Beiträge zur Kenntnis des älteren Palaeozoicums im Amazonas-Gebiet. "Sitzungsbericht" der k. böhm. Gesellschaft der Wissenschaften. N. XXIX. mit 3 Tafeln. 1897.
- Das Wasser des unteren Amazonas. "Sitzungsbericht" der k. böhm. Ges. d. Wissensch. 1897.
- Eine Forschungs-Reise nach der Insel Marajó. Brasilien. "Globus". Bd. 73. Sep. S. 3. 1897. Braunschweig.
- KAYSER, Dr. B. von. Unterm südlichen Kreuz. Zu Wasser & zu Land von Rio de Janeiro bis Feuerland: 1899 bis 1900. Reise-Skizzen. 74 Seiten. Braunschweig. 1902. Ggg. Westermann.
- KELLER-LEUZINGER, Franz. Vcm Amazonas und Madeira. (Prachtwerk mit zahlreichen Illustrationen) Verlag von A. Kröner, Stuttgart, 1874.
- KEMMANN, Kais. Reg. Rat. Abhandlung über südamerikanische (brasilianische). Eisenbahnen. September-Oktober-Heft 1895 d. "Archiv für Eisenbahnwesen". Berlin. Verlag v. Julius Springer.
- — Die argentinischen Eisenbahnen an der Jahrhundertwende. "Archiv für Eisenbahnwesen". Jahrg. 1904. Heft III. Berlin, 1904. Verlag v. Jul. Springer.
- KERNER VON MARILAUN, Prof. Dr. Anton. Pflanzenleben. 2 Bände Bibliograph. Institut. Leipzig & Wien. (S. Wollbäume in den Caatingas Brasiliens etc., nach von Martius).
- KERST, S. Gottfried. Die Länder im Stromgebiet des La Plata. Berlin, 1852. Selbstverlag des Vereins. 8°.
- — Die Kolonien der brasilian. Provinz Rio Grande do Sul. Berlin, 1853. Mit 1 Karte.
- — Ueber brasilianische Zustände der Gegenwart, u. s. w. Berlin. 1853. 8°. Veit & C.°.
- KEYSERLING, Graf Eugen von. Die Spinnen Amerikas:
- a) Brasil Spinnen. 1891. N. 75-194. Edit. Dr. Georg Marx, Nürnberg, 1891.
- b) Epeiriden. 1892. N. 195-214 (Siehe auch Spinnen-Katalog der Sammlungen des British Museum. London).
- KLASSERT, Adam. Der Amazonas. Wanderbilder aus Perú, Bolivien & Nordbrasilien. Von Damian Freiherr von Schütz-Holzhausen. 2te Auflage. Herder's Verlag. Freiburg i/Br. 1895. (Die 1^{te} Auflage erschien: 1883; siehe unter Schütz-Holzhausen, Damian Freiherr von).
- KLENDGEN, Peter. Die deutsche Kolonie Santa Cruz. Prov. Rio Gr. do Sul. Südbras. Hamburg, 1852/53. Druck v. J. J. Nobiling.

- KLETKE, Prof. H. Reise S. K. H. des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien im Jahre 1842/43. Berlin, 1856 & 1857.
- KLÜPFEL, Dr. Karl. Nikolaus Federmann's & Hans Stadens Reisen in Südamerika: 1529 bis 1555. Stuttgart, 1859.
- KLUNZINGER, Karl. Der Anteil der Deutschen an der Entdeckung Südamerikas, Stuttgart, 1857.
- KNER, Prof. Dr. Rudolf. Wien. 1). Die Panzerwelse (Loricarinae). Wien, 1853. 2). Characinen. 3). Ichthyolog. Beiträge. Wien. 1858.
- KOBELL, Prof. Dr. Mineralogie. (Siehe auch Katalog der Mineraliensammlung der Minen-Schule in Ouro Preto).
- KOCH-GRÜNBERG, Dr. Theodor. Berlin. DR. THEODOR KOCH-GRÜNBERG, BERLIN.
Guido Boggiani, ein neues Opfer des Gran Chaco. "Globus", Bd. 82. N. 22. v. 11. XII. 1902. Verlag Vieweg & Sohn, Braunschweig. (Der berühmte italienische Forscher & Maler Guido Boggiani wurde durch die Tobas Indianer des Gran-Chaco (Argentinien) Sept-Nov. 1902-ermordet. Seine reichen ethnographischen Sammlungen zieren die Museen von Stuttgart, Berlin & Rom.)
- — — — — *Der Paradiesgarten als Schnitzmotive der Payagua-Indianer.* "Globus", Bd. 83. Braunschweig, 1903. Vieweg.
- — — — — *Indianertypen aus dem Amazonasgebiet, Nach eigenen Aufnahmen während seiner Reisen in Brasilien.* 48×32 c/m. 100 Tafeln Lichtdruck in 5 Lfg. Berlin, 1906. Prachtwerk aus dem Verlage v. Ernst Wasmuth A.-G. Berlin.
- — — — — *Anfänge der Kunst im Urwald.* Indianerhandzeichnungen auf seinen Reisen in Brasilien gesammelt. Berlin, 1906. 63 Tafeln. 94 Seiten. Text nebst 11. Abbildg. nach Photogr. des Verfassers, einer Spezialkarte in Farbendr. & einer Sternkarte der Aequatorial-Zone.
- — — — — *Kreuz & quer durch Nordwest Brasilien.* (Forts.) Mit Abbildg. & Karte. Bd. 89 "Globus". N. 11. 20. 24 & "Globus" Bd. 90. N. 1 vom 5. Juli 1906. Mit Völkerkarte des Gebietes am oberen Rio Negro & Yapurá. Massstab: 1:3,000,000. Sonderbeilage zu "Globus" XC. N. 1. 1906. Braunschweig, Fr. Vieweg & Sohn.
- — — — — *Die Indianerstämme am oberen Rio Negro & Yapurá & ihre sprachliche Zugehörigkeit.* S.-A. a. der "Zeitschr. für Ethnologie", 1906. Heft 1 bis 2. (38 Jahrg. S. 172).
- — — — — *Die Maskentünze der Indianer des oberen Rio Negro & Yapurá.* S.-A. aus "Archiv f. Anthropologie" N. F. Band IV. Heft 4. 1906.
- — — — — *Bericht über seine Reisen am oberen Rio Negro & Yapurá in den Jahren 1903 bis 1905.* S.-A. aus "Zeitschr. d. Ges. f. Erdk. zu Berlin", 1906.
- C. L. Regensburg. Die Myriapoden. Getreu nach der Natur gezeichnet & beschrieben. Halle a/d. Saale. 1863.
- Prof. 1.) Uebersicht des Arachniden-Systems. 2.) Ordnung der Zecken. (Wiegmann's Archiv f. Naturgesch. X).
- KOELER, Major I. F. Beiträge z. "Der deutsche Auswanderer". Mainz, 1847.
- O. Die deutschen Ackerbau-Kolonien in Santa Catharina. In's deutsche übersetzt nach Couto Ferraz. Hamburg, 1858.
- KÖNIGSWALD, Gustav, in S. Paulo. "Rio Grande do Sul". Mit 50 Abbildg. S. Paulo, 1898. Kl. Ausg. Deutsche Ausgabe.
- — — — — "Ornithologia Paulista", Berlin, 1896.

- KÖNIGSWALD, Gustav. "São Paulo", grosse portugies. Ausgabe, 3^{te} Auflage.
 ——— "Os Sambaquis de São Paulo". 1892. Bolletim. Portug. Ausg.
 ——— "Mappa geral da America do Sul". Mit portug. Text.
 ——— "Mappa geral da Viação Ferrea de Minas, S. Paulo & Rio", mit Text.
- KOHL, Prof. Die Hymenopteren-Gruppe der Sphecinen. "Annalen" d. k. k. naturhistor. Hofmuseums. V. 1890. Wien.
- "KOLONIAL-ZEITUNG, Deutsche". Organ der deutschen Kolonialges. Berlin, 1884. & ff. 1-9. Jahrg. Mit Abbildg.
- KOLONIEN, die deutschen, der Provinz Rio Grande do Sul. "Abh." d. Zentral-Vereins f. Handelsgeogr. Berlin, 1881.
- KOLLMANN, Dr. Hohes Alter der Menschenrassen. "Zeitschr. f. Ethnologie". XVI. (Siehe Brasilien).
- KONSULAR-FAKTOREN für die Waaren-Einfuhr in Brasilien. 22 Seiten. Berlin, 1901. Mittler & Sohn.
- KOSCHE, C. S. & Hammersdörfer. Amerika ein geograph Lehrbuch. (Südamerika). Leipzig, 1788.
- KOSERITZ, Karl von. † 30. Mai 1890.
 1. Zur Hydrographie der brasilian. Provinz Matto Grosso. "Globus", IX. 1866. Braunschweig.
 2. Bilder aus Brasilien. Mit Vorwort von A. W. Sellin. Leipzig. & Berlin. 1885. Verlag W. Friedrich.
 3. Deutscher Volks-Kalender für Brasilien. Verlag v. Gundlach & Schuldt. Porto Alegre.
 4. Beiträge z. Rathschläge für Auswanderer nach Brasilien. (Südbrasilien).
- KOSTBARES Meeres-Sand aus Prado im Staate Bahia. Brasilien.
 "Des Echo". Berlin, 1899. XVIII. N. 860. Seite 322.
- KOSTER, Heinrich. Deutsche Uebersetzung aus d. Engl. von H. Koster's Reise in Brasilien. Weimar, 1817.
- KOTTE, Karl Fr. Brasilien & seine Bedeutung für die deutsche Auswanderung. Mit bes. Rücks. auf die Mucury-Kolonie in der Provinz Minas Geraes. Leipzig, 1855. 8°. Voigt & Günther.
- KOTTENKAMP, F. Der Unabhängigkeits-Kampf der spanisch-amerikan. Colonien Stuttgart, 1838.
- KRAATZ-KOSCHLAU, Dr. K. von & Dr. I. Huber. Zwischen Ocean und Guamá. Beitrag zur Kenntnis des Staates Pará. "Memorias II do Museo Paraense", Pará, 1900. Mit 1 Karte & 10 Tafeln.
- KRAEPELIN, Prof. K. Neue oder wenig bekannte Skorpionen. (Brasil.) "Mittlg. a/d. Naturhistor. Museum in Hamburg. Bd. XIII. 1896. Seite 129.
- KRALL, Dr. W. Aus Pernambuco bis in die Wüste Atacama. Tagebuchblätter. "Das Ausland". 1878. S. 426.
- KRAUFL, Dr. R. Deutsche Interessen in Brasilien. Vortrag gehalten v. d. Abt. Hamburg d. D. Kolon. Gesellschaft. Hamburg, 1900. L. Friedrichsen & C°.
- KREMPELHUBER. Lichenes Brasiliensis. Allgem. botan. Zeitung "Flora". Jahrg. LIX.
- KRING, von. 1825. Beiträge zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien & Buenos Ayres, i/d. Jahren 1825 bis 1828 von einem (nicht mit Namen genannten) Augenzeugen. Berlin, 1834.
- KRÖFF, M. Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Brasilien, Koblenz, 1854. 8°.
- KRONFELD, Dr. Moritz. Bilder-Atlas zur Pflanzengeographie. 217 Abb. mit beschr.

- Text. Bibliogr. Institut Leipzig & Wien. (S. Wollbäume (Bombaceen) in den Caatingas Brasiliens, nach von Martius).
- KRÜMMEL, I. Reisebeschreibung der Plankton-Expedition. Kiel, 1892. (Hensen: Ergebnisse der Plankton-Expedition).
- KÜHL, I. I. Schleswig. Welche Hoffnungen erwarten den Deutschen in Brasilien? Eine Randglosse zu Schäfer's Brasilien. 8°. Schleswig. gedr. im Königl. Taubstummen-Institut. 1825.
- KUHL, Prof. Dr. Conspectus Psittacorum. Verh. d. Kaiserl. Leopold-Carol. Akad. d. Naturforscher". X. 1 Theil.
- KULTUR & Industrie südamerikanischer Völker. 2 Bände. 75 Tafeln. Berlin, 1887.
- KUNDT, Dr. Walter. Brasilien & seine Bedeutung f. Deutschland's Handel & Industrie. Berlin, 1903. Verlag Franz Siemenroth.
- KUNITZ, I. D. Surinam, (Holländisch Guyana) & seine Bewohner. Erfurt. 1805.
- KUNTH. Deutscher Botaniker. Beschreibung der Siphonia brasiliensis. (Gummi-
baum). 1825.
- Enumeratio plantarum. (Siehe: Brasilianische Pflanzen).
- KUPFER. Die Cayapó-Indianer in Matto Grosso. "Zeitschrift d. Ges für Erdkunde" zu Berlin. V. 1870.
- Der brasilianische Urwald & seine Bewohner.
"Westermann's illustr. deutsche Monatshefte". Braunschweig. Band XXXIII.
- KURTZE und warhafftige Beschreibung der Schiffart so Thomas Candish; etc. 1586. Hulsius: Sammlung von sechs und zwanzig Schiffarten.
- — Beschreibung der wunderbaren Schiffart Olivarii von Nort, etc. 1599. Hulsius. Sammlung von s... Schiffarten. P. VI.
- LAICUS, Philipp. Christoph Columbus. Illustr. Prachtausgabe. Einsiedeln, 1884. Gebr. K. & N. Benziger. 4°.
- LAMBERG, Moritz. Brasilien. Land & Leute, in ethischer, polit. & volkswirts. Beziehung & Entwicklung. 10 Tafeln in Heliograv., 32 Tafeln in Autotypie & 1 Karte. Leipzig, Verlag v. Herm. Zieger. 1899.
- — Der Madefrastrom. (Brasilien). Deutsche Rundschau für Geogr. & Stat." XXIII. 1901. Hartleben's Verlag. Wien.
- LAND der Zukunft, Ein. (Argentinien). Von General Arent. 1907.
- LANG, Prof. Arnold. Zürich. Ueber die äussere Morphologie von Haementeria Ghiliani. Zürich, 1891. Ein Riesen-Egel a/d. oberen Amazonasgebiet. Festschrift z. Feier d. 50 j. Dr. Jubil. v. Nägeli & Kölliker. Verlag v. Albert Müller. Zürich, 1891.
- K. Die Haushaltung der Menschen unter allen Himmelsstrichen. 5 Bd. Leipzig, 1805-1811. (Enthält: die amerikan. Naturvölker).
- LANGE, Dr. Henry. Klima der Ostküste von Südamerika. "Natur". 1876.
- — Südbrasilien. Leipzig, 1885. Verlag v. Paul Froberg.
- — Beiträge zur Kenntnis der brasilian. Provinz S. Pedro do Rio Grande do Sul. *Petermann's Mitt. Ergänzungsh.* 9. Gotha, 1886.
- H. Karte von Südbrasilien mit Angabe der Eisenbahnen. 1:5,250,000. Berlin, 1891. Schropp.
- LANGHAUS, P. Die Binnenschiff-Fahrt in Rio Grande do Sul. "Deutsche Rundschau für Geogr. & Stat.". 1886.
- — "Statistisches aus den italienischen Kolonien in Rio Grande do Sul, "Deutsche Rundschau für Geogr. & Stat.". 1886.
- LANGSDORFF, Dr. Georg. Heinrich von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt

- i/d. Jahren 1803-1807. Frankfurt a/M. 1812, 2 Bd. 4° Fr. Wilman's Verlag.
- LANGSDORFF, Dr. Georg. Heinrich von. Beiträge in Dr. I. Bertuch's, Neuer Bibliothek der wichtigsten Reise-Beschreibungen". Weimar, 1818-19. 8°.
- ——— Bemerkungen über Brasilien. Mit gewissenhaften Belehrungen für auswandernde Deutsche. Heidelberg, 1821. 8°. Karl Grohs.
- "LA PLATA MONATSSCHRIFT". Herausgeb. Richard Napp. Buenos Aires, 1873.
- ——— RUNDSCHAU". Halbmonatsschr., herausgeg. von Bachmann & Oswald. 1894-1896.
- LASCH, Dr. R. Ueber Vermehrungstendenz bei den Naturvölkern & ihre Gegenwirkung. "Zeitschrift für Sozial-Wissenschaft". 1901. Helf 2-4. Band 5.
- LEBRECHT, Ed. Geschichte von Brasilien. Gotha, 1827. (Aus d. Französ: Ferdinand Denis "Resumé de l'histoire du Bresil", Paris, 1825). Siehe auch E. Münchs "Geschichte von Brasilien", Dresden, 1829. 2 Bd.
- LEHMANN-NITSCHKE, R. Die Sammlung Boggiani von Indianertypen aus dem Centralen-Südamerika. Buenos Ayres, 1904.
- ——— Abhandlung über die Steinzeit-Indianer Paraguay's. "Globus", Braunschweig. Band 76. Seite 78 & Forts.
- LEIDENFROSCHE, Dr. C. F. Deutsche Wiedergabe von Luccock's Notes on Rio de Janeiro. Mit 2 Karten. 2 Bände. Weimar, 1821. (Neue Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen von Dr. F. I. Bertuch, Weimar).
- LEISTE, Christian. Anmerkungen zu Pedro Cudena Villasanti Beschreibung des portugies. Amerika. Herausgeg. von Lessing, Braunschweig. 1780.
- LEITHOLD, Theodor von. Meine Ausflucht nach Brasilien, oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro & von dort zurück. Berlin, 1820. 8° VI & 232 Seiten. L. W. Krause.
- LENZ, Prof. Dr. Die deutsche Schule in Taquarú do Mundo Novo, Brasilien. Deutsche Kolonial-Zeitung. N. 28. Juli 1901.
- ——— Die deutschen Schulen im Auslande. "Deutsche Erde". Gotha. 1902. Heft 3/4.
- ——— Schlangenkunde. (S. Abh. Brasilian. Giftschlangen).
- LE ROY, Dr. A. Das Unterrichtswesen in Südamerika. O. D. Aus "Encyclopädie des gesammten Erziehungs- & Unterrichtswesen" von Dr. Schmid.
- LERY'S JOHANN, von. Reise in Brasilien. Mit Anmerkungen & Erläuterungen. 1794. Plattdeutsche Buchhdg. Münster (in Westphalen), 1794.
- ——— Reise in Brasilien. Siehe "De Bry's" III. Teil.
- LESSER, Richard & R. Oberländer. "Über's Meer". Taschenbiblioth. f. deutsche Auswanderer. Bd. XI & XII. enth. Rio Grande do Sul. von Dr. H. v. Ihering. Verlag Paul Genschel, Gera, 1885.
- LEUNIS, Ludwig. Synopsis der 3 Natur-Reiche. Bd. 1, 2 & 3. Hannover, 1886. (Bezügl. Botanik & Zoologie Brasil).
- LEYFER, H. Deutsches Kolonisten-Leben im Staate Santa Catharina. Südbrasilien: 1900. Mit einem Vorworte von A. W. Sellin. Berlin, 1900.
- LICHTENSTEIN. Die Werke von Maregrave & Piso über die Naturgeschichte Brasiliens. "Abhdg." d. K. Akad. der Wissenschaften zu Berlin, 1816-17. 1820-21.
- Die Gattung Dendrocolaptes. (Brasil.) "Abh." d. K. Akad. d. Wissensch. Berlin, 1820-21.
- LIENAU, I. F. von. K. Dän. Kapitän a/D., Schleswig, 1826.
Darstellung meines Schicksals in Brasilien & der von mir gemachten Erfahrungen über die Behandlung der durch den Major D. Schäffer dahin

- beförderten europäischen Auswanderer, besonders in militärischer Hinsicht. Schleswig, 1826. 8°.
- LINDAU, M. B. Reisen im Innern Brasiliens. Aus dem Englischen v. Dr. S. Gardner. Dresden, 1848. 2 Bde.
- LINDEMANN. Die Seefischereien. *Pettermann's geogr. Mittlg. Ergänzgsbd. XIII.* Heft 60. Gotha.
- LINDLEY, Th. Reise nach Brasilien & Aufenthalt daselbst in den Jahren 1802 & 1803. Nebst einer Beschreibung der Städte & Provinzen Porto Seguro & S. Salvador (Bahia). Uebersetzt von Ehrmann. Weimar, 1806.—Das englische Original Th. Lindley's erschien 1805 in London.
- LINDMANN, C. A. M. Beiträge zur Gramineenflora Südamerika's. "Konigl. Svenska Vet. Akad. Hand". Band 34, N. 6. 52 Seiten & 15 Abbildg. Stockholm, 1900.
- ——— Einige neue brasilianische Cylanthaceen. Mit 4 Abbildg. "Bihl. till. K. Sv. Akad. Hand". Band 26. Afd III. N. 8. Stockholm, 1900.
- ——— Einige Beiträge zu den Aristolochiaceen. Mit 2 Abb. "Bulletin de l'Herbier Boissier". II. Serie T. I. N. 5. p. 522–528. Genf, 1901.
- LINNAEA. *Journal für Botanik, Abh. Brasil.* Bd. IV, VI, XLI, XLII.
- LOBO DE SILVEIRA. Beiträge zu W. L. Eschwege: *Journal von Brasilien. Vermischte Nachrichten auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt.* 2 Teile. Weimar, 1818–1819. (Bertuch's neue Biblioth. d. w. Reisebeschrbg". Weimar).
- LOEFFLER. Samanez. Reisen auf dem Apurimac, Beni & Tambó. *Pettermann's geogr. Mittlg.* Gotha, 1886. S. 24.
- LOESCHER, Eduard. Die königliche Wasser-Lilie *Victoria Regia*; ihre Geschichte, ihr Wesen & ihre Kultur. Hamburg, 1852. 8° Mit farbigen Tafeln. Verlag von Perthes-Besser & Mauke. 1852. Hamburg.
- LOUIS, Dr. Westindien & der Kontinent von Südamerika. Band 1 & 2. Hamburg, 1818.
- LUCCOCK, John. Bemerkungen über Rio de Janeiro & Brasilien, vom Jahre 1800 bis 1818. A/d. Engl. v. C. F. Leidenfrost. 2 Abt. 2 Karten. N. Bibl. Reisebeschreibungen. Band 28 & 29. 8°. Weimar, 1821.
- LUDEWIG, I. P. von. Gelehrte Anzeigen, u. s. w. Halle, 1743–45. 3 Bände. 4°. Mit Abbildg. (Enthalten interessante Mitteilungen bezüglich Brasilien).
- LUDWIG, Prof. Dr. Biologie der Pflanzen. 1895. "Wulffia Stenoglossa". (Brasil). LÜHE, Prof. M. Abhdlg. "Taenias" (Brasil). *Archiv für Naturgesch.* Berlin, 1895. Band I. Heft 2. Seite 199–212.
- LUTZ, Dr. & Dr. Taubert. Abhandlg. in der "Revista do Museo Paulista", S. Paulo, 1895: "A Civilização prehistorica do Brazil meridional". 130 Seiten.
- MACARTNEY'S Gesandtschafts-Reise. Aus dem Englischen, nach G. Staunton. Frankfurt a/M., 1798. (Enthält Nachrichten von Rio de Janeiro).
- MACEDO, J. M. de. Geographische Beschreibung Brasiliens. F. A. Brockhaus, Leipzig, 1873.
- MAERTENS, P. Südamerika, unter besonderer Berücksichtigung Argentinien's. Berlin, 1899.
- MAHLMANN, H. Karte der Provinz Rio de Janeiro. Berlin, 1848. Qu. F.
- MALME, G. O. H. Die Burmannien der ersten Regnell'schen Expedition. Beitrag zur Kenntnis der amerik. Arten. Mit 1 Abbildg. "Bih. till. K. Svenska Vet. Akad. Handlingar". Band 22. Afd. III. N. 8. 1896.
- Zur Notiz: Die Regnell'sche Expedition (Name des Stifters) wurde anfangs Juli 1892 bis Oktober 1894 durch die Staaten Rio Grande do Sul-Paraguay- & Matto Grosso ausgeführt.

- MALME, G. O. H. Die Flechten der ersten Regnell'schen Expedition. I. Pixine (Fr.) Nyl. "Bihang till K. Sv. Vet. Akad. Handlingar". Band, 23. Afd. III. N. 13. 1897.
- Die Polygalaceen der ersten Regnell'schen Expedition. Pflanzengeograph. & biologische Notizen. "Ofversigt af Kongl. Vetenskaps Akademiens Förhandlingar". N. 4. Stockholm, 1897.
- MALTEN, Dr. H. Beiträge z. "Der deutsche Auswanderer". Mainz, 1847.
- MANDOWSKY, Dr. Die Klima & Gesundheits-Verhältnisse der Hansa-Kolonie. "Rech. Ber. d. Hansa-Ges." 1899. Hamburg, 1899.
- MANGELS, H. Wirtschaftliche, naturgeschichtliche & klimatologische Abhandlungen aus Paraguay. München, 1904.
- MANN, C. von. Zusammenfassender Bericht über die Spix & Martius Expedition in Brasilien. Im "Eos" erschienen. München, 1818.
- MANNSELDT, Julius. Reise nach Brasilien, im Jahre 1826. Magdeburg, 1828.
- MANTEGAZZA, P. Erinnerungen aus Spanien & Südamerika. Aus dem Italienischen, von R. Teuscher. Deutsche Ausgabe. 2^{te} Auflage. Iena, 1894.
- MARCGRAVIUS ET PISO. Historia naturalis Brasiliae, auspiciis et beneficio illustrissimi D. Mauritii, Comitis Nassau. Lugduni Batav. 1648. F.
- MARTENS. Südbrasilianische Süß- & Brackwasser-Crustaceen. (Archiv für Naturgeschichte". Band 35 & Band 38. Berlin.
- MARTIN, Dr. Aertzliche Erfahrungen über die Malaria der Tropenländer.
- K. Bericht über eine Reise in's Gebiet des oberen Surinam. (Guyana). Mit 4 Tafeln. Haag, 1836.
- MARTINI & Chemnitz. Conchylien-Cabinet. I-V; VIII; X & Neues Conchylien-Cabinet XI.
- MARTIUS, Dr. Carl. Friedrich Philipp von. Geboren zu Erlangen, 17. April 1794. † zu München, 13. Dezbr. 1868.
- Reise in Brasilien auf Befehl S. M. König Maximilian Joseph I von Bayern 1817-1820 unternommen. München, 1823-1831. 3 Bände in-4^o. mit Kupfern & Atlas in-folio.
- (Der 3^{te} Band, Seite 969, enthält eine ausserordentlich wertvolle Uebersicht über die ältere Litteratur Brasiliens).
- Die Physionomie des Pflanzen-Reiches in Brasilien. Rede. Ab. 1/d. Akademie der Wissensch. München, 8^o.
- Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern von Brasilien. Mit Karte. München. 1832. 4^o.
- Die Pflanzen & Tiere des tropischen Amerika's. Sonder-Abdruck. München, 1831.
- Vergangenheit & Zukunft der amerikanischen Menschheit. München, 1839. 8^o.
- Beitrag zur Kenntniss der Gattung Erythroxyton. Auszug a/d. "Abh. der K. Bayer. Akad. d. Wissenschaften" III. Abt. I. 4^o mit Tafeln. München, 1840. Systema materiae medicae vegetabilis Brasiliensis. 1843. München.
- Specimen materiae medicae brasiliensis. 1844. München.
- Como se deve escrever a historia do Brasil. Tomo VI. 1844. Rio de Janeiro. "Revista trim. do Instituto Historico Geographico Brasileiro".
- Ueber das Naturell, die Krankheiten, das Arztum & die Heilmittel der Ureinwohner Brasiliens. München, 1844.

- MARTIUS, DR. Carl. Friedrich Philipp von. Ueber die in der Serra de Sincorá befindlichen Diamant Lokalitäten. München. "Münchener Gelehrten-Anzeiger", 1846.
- — — — Versuch eines Kommentars über die Pflanzen i/d. Werken von Marcgrav & Piso. "Abh. d. Bayr. Akademie der Wissenschaften". Band 7. München, 1853.
- — — — Ueber die Pflanzen- & Tier-Namen in der Tupy-Sprache. Separat-Abdruck a./d. "Bulletin d. K. Bayr. Akad. der Wissenschaften. N. 1-6. München, 1858. gr. in-4°. 18 Seiten in Doppel-Colonne. Druck v. I. G. Weiss. Universitätsbuchdr. München.
- — — — Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Erlangen, 1863. 548 Seiten gr. 8°. Druck von Junge & Sohn.
- — — — Glossaria linguarum brasiliensium. Leipzig, 1867. Fr. Fleischer.
- — — — Beiträge zur Ethnographie & Sprachenkunde Amerika's, zumal Brasiliens.
- I. Zur Ethnographie Amerika's, zumal Brasilien.
- II. Zur Sprachenkunde. Glossaria linguarum Brasiliensium.
- Mit einem Kärtchen über die Verbreitung der Tupis & die Sprachen-Gruppen. Leipzig, 1867. Friedr. Fleischer. 2 Bände. gr. in 8°. VIII & 801 Seiten m. 1 geogr. Karte.
- — — — Ueber die Bereitung des Pfeilgiftes Urari. Repertorium für die Pharmacie. XXXVI. München.
- — — — Kritischer Katalog & Uebersicht der botanischen Forschungs-Reisen in Brasilien. München.
- — — — Beitrag zur Kenntnis der natürlichen Familien der Amarantaceen. 4° m/ 2 Karten. Auszug. "Act. Acad. Caes. Leop. Carol. Nat. Cur." XIII. p. 1.
- — — — Icones Plantarum Cryptogamicarum. München.
- — — — Historia naturalis Palmarum. I & II. München.
- — — — Tabulae physiomicae. München.
- — — — Nova Genera et Species plantarum Brasil. I, II, III. München.
- — — — Herbarium Florae Brasiliensis.
- — — — *Flora Brasiliensis* in folgenden Fascikel:
1. *Musci*: C. F. Hornschuch, p. 1-96, tab. 1-4. Excursus phytogeographicus, C. F. P. de Martius, p. 97-100.
Lycopodineae: A. F. Spring, p. 105-134, tab. 5-8. Distributio et usus: De Martius, p. 1-136. Tab. phys. I-V cum explic. (p. I-VIII)—1840.
 2. *Anonaccae*: C. F. P. de Martius, p. 1-64, t. 1-14. Tab. phys. VI-IX et explic. p. IX-XLIV: De Martius—1841.
 - 3- 5. *Cyperaceae*: C. G. Nees ab Esenbeck p. 1-212, tab. 1-30. Index voluminis II, pt. I: p. 213 ad 226.—*Smilacae* et *Dioscoreae*: A. H. R. Grisebach, p. 1-48, tab. 1-6. Tab. phys. X-XVIII et explic. p. XLV-LXXII: De Martius—1842.
 6. *Solanaccae* et *Cestineae*: O. Sendtner p. 1 ad 228, tab. 1-19. Distributio, usus, historia: Martius, p. 185-196, 227-4228. Tab. phys. XIX-XXIV et explic. p. LXXIII-LXXXVI: De Martius—1846.
 - 7- 9. *Acanthaceae*: C. G. Nees ab Esenbeck, p. 1 ad 164, tab. 1-31.—*Hypoxideae* *Burmanniaceae*, *Haemodoraceae*, *Vellosciae*, *Pontederiaceae*, *Hydrocharideae*, *Rapateaceae*, *Liliaceae*, *Amaryllideae*: M. Seubert, p. 49 ad 164, tab. 7-19.

- Utriculariaceae*: L. Benjamin, p. 233-256, tab. 20-22. Tab. phys. XXV-XXXII, explic. p. LXXVII-LXXXIV: De Martius.—1847.
10. *Verbenaceae*: J. C. Schauer, p. 169-308, t. 32-50. Tab. phys. XXXIII-XXXVI: De Martius.—1851.
11. *Chloranthaceae* et *Piperaceae*: F. A. G. Miquel, p. 1-76, tab. 1-24. Tab. phys. XXXVII: De Martius.—1852.
12. *Urticaceae*: F. A. G. Miquel, p. 77-218, tab. 25-70. *Mantissa Piperacearum*: F. A. G. Miquel, p. 219-222.—1853.
- 13-14. *Salicaceae*: F. Leybold, p. 225-228, tab. 71-72. *Podostemaceae*: L. R. Tulasne, p. 229 ad 276, tab. 73-76.—*Polygonaceae*: C. F. Meissner, p. 1-60, tab. 1-27. *Thymelaeaceae*: C. F. Meissner, p. 61-72, tab. 28-30. *Proteaceae*: C. F. Meissner, p. 73-100, tab. 31-36. Tab. phys. XXXVIII-XLI, explic. p. LXXXV-C: De Martius.—1855.
15. *Alstroemeriaceae*: A. Schenk, p. 165-180, tab. 20-21. *Agaveae*: De Martius, p. 181-208. *Xyrideae*, *Mayaceae*, *Commelinaceae*: M. Seubert, p. 209-270, tab. 22-37. Tab. phys. XLII-XLVIII, explic. p. CI-CVIII: De Martius.—1855.
- 16-17. *Primulaceae* et *Myrsineae*: F. A. G. Miquel, p. 257-324, tab. 23-59; distributio et usus: Martius, p. 317-322.—*Ebenaceae*: F. A. G. Miquel, p. 1-10, tab. 1-3. Genera *Ebenaceis* prius adscita: De Martius, p. 11-20, tab. 4-7. *Symplocaceae*: F. A. G. Miquel, p. 21-36, tab. 8-14; distributio et usus *Symplo.* De Martius, p. 35-36. Tab. phys. IXL (IL)-L: De Martius.—1856.
- 18, I. *Myrtaceae* I. *Myrteae*: O. Berg, p. 1-468, tab. 1-35. Accedit mappa itinera Botanicorum in Brasilia et terris adjacentibus illustrans: De Martius.—1857.
- 18, II. *Myrtaceae* II. *Barringtoniaceae*, *Lecythideae*, *Granateae*: O. Berg, p. 469-528, tab. 36-82. Tab. phys. LI-LII: De Martius.—1858.
- 18, III. *Myrtaceae*. Supplementum. Utilium elenchus: O. Berg, p. 529-636 Index voluminis XIV pt. I: p. 637-656.—1859.
- 19-20. *Cordiaceae*, *Heliotropiaceae*, *Borragineae*: G. Fresenius, p. 1-64, tab. 1-13.—*Lacistemaceae*: A. Schnitzlein, p. 277-288, tab. 77-81. *Monimiaceae*: L. R. Tulasne, p. 289-328, tab. 82-86.—1857.
21. *Malpighiaceae*: A. H. R. Grisebach, p. 1-108, tab. 1-22. Distributio et usus: De Martius, p. 109-124. Tab. phys. LXIII-LIV: De Martius. Tabula geographica quinque provincias Florae brasiliensis illustrans: De Martius.—1858.
22. *Labiatae*: J. A. Schmidt, p. 65-206, tab. 14-38. Distributio et usus *Cord.*, *Heliotr. Borrag.*, *Labiatae*: De Martius, p. 207-226.—1858.
23. *Ophioglosseae*, *Marattiaceae*, *Osmundaceae*, *Schizaeaceae*, *Gleicheniaceae*, *Hymenophylleae*: J. G. Sturm, p. 137-302, tab. 9-19. Distributio: De Martius, p. 301-304. Tab. phys. LV: De Martius.—1859.
24. *Leguminosae* I., *Papilionacearum*: tribus I ad VIII: G. Bentham, p. 1-216, tab. 1 ad 56.—1859.
- 25-26. *Santalaceae* et *Myristicaceae*: A. de Candolle, p. 101-122, tab. 37-44. Distributio et usus *Myristic.*: De Martius, p. 123-136.—*Apocynaceae*: J. Müller-Arg., p. 1-180, tab. 1-53.—1860.
- 27-28. *Antidesmeae*: L. R. Tulasne, p. 329-336, tab. 87-90. Distributio et usus: De Martius, 335-336. *Begoniaceae*: A. de Candolle, p. 337-388, tab. 91-101; Genera, typi, distributio et usus *Begon.*: De Martius, p. 389-396.—*Celastraceae*, *Ilici-neae*, *Rhamneae*: S. Reissek, p. 1-116; tab. 1 ad 41. Distributio et usus: De Martius, p. 117 ad 124.—1861.
29. *Leguminosae* I., *Papilionacearum* tribus IX. *Dalbergieae* et tribus X. *Sophoreae*: G. Bentham., p. 217-332, tab. 57-127.—Index vol. XV pt. I: p. 333-350.—1862.

30. *Scrophularinae*: J. A. Schmidt, p. 229-330, tab. 39-57. Distributio et usus: De Martius, p. 331-340.—1862.
- 31-32. *Dilleniaceae*: A. G. Eichler, p. 65-120, tab. 15-27.—*Sapotaeae*: F. A. G. Miquel, p. 37-108, tab. 15-47. Distributio: De Martius, p. 109-110. Usus: De Martius et Eichler, p. 111-118.—1863.
- 33-35. *Eriocaulaceae*: F. Koernicke, 273-508, tab. 38-63. *Gnetaceae*: L. Tulasne, p. 397-408, tab. 102-107. *Cycadeae* et *Coniferae*: A. G. Eichler, p. 409-452, tab. 108-115. Index vol. IV pt. I: p. 453 ad 472.—*Ericaceae*: C. F. Meissner, p. 119-174, tab. 48-66. Distributio et usus *Eric.*: De Martius, p. 175-182.—1863.
- 36-38. *Gesneraceae*: J. Hanstein, p. 341-424, tab. 58-68. Distributio et usus: De Martius, p. 425-428.—*Salsolaceae*: E. Fenzl, p. 137-158, tab. 45-49. Distrib. et usus: De Martius, p. 157-160.—*Magnoliaceae*, *Winteraceae*, *Ranunculaceae*, *Menispermaceae*, *Berberideae*: A. G. Eichler, p. 121-234, tab. 28-52. *Osyris* e famil. *Santalac.* A. G. Eichler, p. 235-236. tab. 53.—1864.
- 39-40. *Capparideae*, *Cruciferae*, *Papaveraceae*, *Fumariaceae*: A. G. Eichler, p. 237-344, tab. 54-68.—Distributio, mantissa, usus *Apocynac.* De Martius, p. 181-196, tab. 54. *Gentianaceae*: A. Progel, p. 197-246, tab. 55-66. Usus *Gent.*: De Martius, p. 247-248.—1865.
- Additam. ad fasc. 40:
- Argumentum fasciculorum I-XL, vel Summa rerum in Florae Brasiliensis fasciculis I-XL contentarum: De Martius, p. 1-32.
41. *Lauraceae* et *Hernandiaceae*: C. F. Meissner, p. 137-302, tab. 45-107. Distributio *Laur.*: De Martius, p. 303-308.—1866.
- 42-43. *Rosaceae*: J. D. Hooker, p. 1-74, tab. 1-22. Distrib. et usus: De Martius, p. 75-76. —*Combretaceae*: A. G. Eichler, p. 77-128, tab. 23-38.—1867.
44. *Loranthaceae*: A. G. Eichler, p. 1-136, p. 1-44. *Mantissa Laurac. nuper exploratarum*: C. F. Meissner, p. 309-310. *Nomina vernacula Laurac. et Hernand. Americae*: De Martius, p. 311-314. *Qualitates et usus Laur.*: De Martius, p. 315-320. Titulus et index vol. V pt. II: p. 321-336.—1868.
- 45-46. *Loganiaceae*: A. Progel, p. 249-290, tab. 67-82. Distrib. et usus: De Martius, p. 291-300.—*Oleaceae* et *Jasminae*: A. G. Eichler, p. 301-322, tab. 83-85. De Brasiliae plantis oleiferis adnotatio: De Martius, p. 323-328.—*Styraceae*: M. Seubert, p. 183-196, tab. 67-71. Distrib. et usus *Styr.*: De Martius, p. 195-198.—1868.
47. *Balanophoreae*: A. G. Eichler, p. 1-74, tab. 1-16. Tab. physiogn. LVI-LIX. De Martius.—1869.
48. *Convolvulaceae*: C. F. Meissner, p. 199-362, tab. 72-124.—1869.
49. *Cyatheaceae* et *Polypodiaceae*: J. G. Baker, p. 305-610, tab. 20-70. Distrib. et usus: Baker et Eichler, p. 611-624.—1870.
50. *Leguminosae II. Swartziae* et *Caesalpineae*: G. Bentham, p. 1-254, tab. 1-66.—1870
51. *Gramineae I., Oryzae* et *Phalarideae*: J. C. Doell, p. 1-32, tab. 1-11.—1871.
52. Distributio et usus *Convolvulacearum*: C. F. Meissner, p. 363-370. *Cuscutaceae*: A. Progel, p. 371-390, tab. 125-128. *Hydroleaceae* et *Pedalineae*: A. G. Bennett, p. 391 ad 406, tab. 129-131. Distrib. et usus *Hydr.* et *Pedal.*: A. G. Eichler, p. 405-406. Titulus et index vol. III: p. 407-424.—1871.
53. *Irideae*: F. G. Klatt, p. 509-548, tab. 64-71. Titulus et index vol. III, pt. 1: p. 459-466.—1871.
54. *Escalloniaceae* et *Cunoniaceae*: A. Engler, p. 129-172, tab. 36-40. *Cannaraceae*

- et *Ampelideae*: J. G. Baker, p. 173-216, tab. 41-52. Distrib. et usus *Conn.* et *Amp.*: Eichler, p. 195-196, 217-218.—1871.
- Additam. ad fasc. 54:
- Titulus vol. II, pt. I. Titulus vol. IV, pt. I. Titulus vol. V, pt. II. Titulus et index vol. VI pt. I: p. 329-340. Titulus et index vol. IX: p. 309-322. Titulus et index vol. X: p. 325-338. Titulus vol. XIV pt. I. Titulus vol. XV pt. I.
55. *Violaceae, Sauvagesiaceae, Bixaceae, Cistaceae, Canellaceae*: A. G. Eichler, p. 345-526, tab. 69-105.—1871.
56. *Tropaeolaceae, Molluginaceae, Alsinaceae, Silenaceae, Portulacaceae, Ficoidaceae, Elatinaceae*: P. Rohrbach, p. 211-324, tab. 53-72.—1872.
57. *Passifloraceae*: M. T. Masters, p. 529-628, tab. 106-128. Titulus et index vol. XIII p. I: p. 629-654.—1872.
58. *Phytolaccaceae* et *Nyctagineae*: J. A. Schmidt, p. 325-374, tab. 73-88. Distributio et usus: Eichler, p. 373-376. *Crassulaceae* et *Droseraceae*: A. G. Eichler, p. 377-389, tab. 89-91. Titulus et index vol. XIV pt. II: p. 401-418.—1877.
59. *Equisetaceae*: J. Milde, p. 629-644, tab. 71-77.—1872.
60. *Olacineae, Icacinaceae, Zygophylleae*: A. Engeler, p. 1-74, tab. 1-13.—1872.
61. *Euphorbiaceae I. Phyllanthaceae* et *Crotonaceae*: J. Müller, Arg., p. 1-292, tab. 1-42.—1873.
62. *Compositae I. Vernoniaceae*: J. G. Baker, p. 1-180, tab. 1-50.—1873.
63. *Polygaleae*: A. G. Bennett, p. 1-82, tab. 1-30.—1874.
64. *Euphorbiaceae II. Acalypheae, Hippormancae, Dalechampieae, Euphorbieae*: J. Müller, Arg. p. 293-721, tab. 43-104. Qualitates et usus Euphorb.: Eichler, p. 721-726. Titulus et index vol. XI pt. II: p. 729-752.
65. *Rutaceae, Simarubaceae, Burseraceae*: A. Engler, p. 77-294, tab. 14-61.—1874.
66. *Aristolochiaceae*: M. T. Masters, p. 77-114, tab. 17-26.—1875.
67. *Callitrichineae*: F. Hegelmaier, p. 1-16, tab. 1. *Vochysiaceae* et *Trigoniaceae*: p. 17-144, t. 2-27. *Onagraceae*: M. Micheli, p. 145 ad 182, tab. 28-38.—1875.
68. *Amarantaceae*: M. Seubert, p. 161-252, tab. 50-75. Titulus et index vol. V pt. I: p. 253-264.—1875.
69. *Compositae II. Eupatoriaceae*: J. G. Baker, p. 181-376, tab. 51-102. Titulus et index vol. VI pt. II, p. 377-398.—1876.
70. *Leguminosae III. Mimoseae*: G. Bentham, p. 257-504, tab. 67-138. Titulus et index, vol. XV pt. II: p. 505-528.—1876.
71. *Ochnaceae, Anacardiaceae, Sabiaceae, Rhizophoraceae*: A. Engler, p. 297-432, tab. 62-91.—1876. (Text in anastasischem Neudruck).
72. *Gramineae II. Paniccae*: J. C. Doell, p. 33-342, tab. 12-49. Titulus et index vol. II, pt. II: p. 343-358.—1877.
73. *Lythraceae*: B. A. Ae. Koehne, p. 185-370, tab. 39-67.—1877.
74. *Humiriaceae* et *Lineae*: J. Urban, p. 433-472, tab. 92-101. *Oxalideae, Geraniaceae, Viminaceae*: A. Progel, p. 473-528, tab. 102-118. Titulus et index vol. XII pt. II: p. 529-548.—1877.
75. *Hippocrateaceae*: J. Peyritsch, p. 125-164, tab. 42-49. *Meliaceae*: C. de Candolle. p. 165-228, tab. 50-65. *Hederaceae*: E. Marchal, p. 229-258, tab. 66-71.—1878.
76. *Lemnaceae*: F. Hegelmaier, p. 1-24, tab. 1. *Araceae*: A. Engler, p. 25-224, tab. 2-52.—1878.
77. *Rafflesiaceae*: H. comes a Solms-Laubach, p. 117-126, tab. 27. *Nymphaeaceae*: R. Caspary, p. 129-184, tab. 28-38.—1878.

78. *Cucurbitaceae*: A. Cogniaux, p. 1-126, tab. 1-38.—1878. (Anastatischer Neudruck).
79. *Gramineae III (II)*. *Stipaceae, Agrostideae, Arundinaceae, Pappophoraceae, Chlorideae, Avenaceae, Festucaceae*: J. C. Doell, p. 1-160, tab. 1-43.—1878.
80. *Lobeliaceae*: A. Kanitz, p. 129-158, tab. 39-45. *Plumbagineae et Plantagineae*: J. A. Schmidt, p. 159-176, tab. 46-47.—1878.
81. *Erythroylceae*: J. Peyritsch, p. 125-180, tab. 23-32. *Hypericaceae*: H. G. Reichardt, p. 181-212, tab. 33-39. *Marcgraviaceae*: L. Wittmack, p. 213-258, tab. 40-51.—1878.
82. *Umbelliferae*: J. Urban, p. 261-354, tab. 72-91. Titulus et index vol. XI pt. I: p. 357-370.—1879.
83. *Gramineae IV (III)*. *Bambusaceae, Hordeaceae*: I. C. Doell, p. 161-242, tab. 44-58.—1880. (Tafeln anastatisch).
84. *Rubiaceae I, Retiniphyllaceae, Guettardeae, Chiococceae, Ixoreae, Coussarecae, Psychotriaceae*: J. Müller-Arg., p. 1-470, tab. 1-67.—1881.
85. *Cyclanthaceae et Palmae I*: O. Drude, p. 225-460, tab. 53-106.—1881.
86. *Palmae II*: O. Drude, p. 461-584, tab. 107-134. Titulus et index vol. III pt. II: p. 585-610.—1882. (Tafeln anastatisch).
87. *Compositae III. Asteroideae et Inuloideae*: J. G. Baker, p. 1-134, tab. 1-44.—1882.
88. *Haloregeae*: A. Kanitz, p. 373-381, tab. 68-69. Index et titulus vol. XIII, pt. II: p. 383-396.—1882.
89. *Melastomaceae I. Microlicieae*: A. Cogniaux, p. 1-204, tab. 1-48.—1883. (Text anastatisch).
90. *Gramineae V (VI)*. *Andropogoneae, Tristegineae*: E. Hackel, p. 245-326, tav. 59 ad 74. Titulus et index vol. II pt. III: p. 327-342.—1883.
91. *Turneraceae*: J. Urban, p. 85-170, tab. 31 ad 48.—1883.
92. *Isoëtaceae, Marsiliaceae, Salviniaceae*: M. Kuhn, p. 645-662, tab. 78-82. Titulus et index vol. I, pt. II: p. 663-712.—1884
93. *Compositae IV, Helianthoideae, Helenioideae, Anthemideae, Senecionideae, Cynaroideae, Ligulatae, Mutisiaceae*: J. G. Baker, p. 137 ad 412, tab. 45-108, Titulus et index vol VI pt. III: p. 413-442.—1884.
94. *Melastomaceae II, Tibouchineae*: A. Cogniaux, p. 205-484, tab. 49-108. Titulus et index vol. XIV pt. III: p. 485-510.—1885.
95. *Campanulaceae*: A. Kanitz, p. 177-188, tab. 48-49. *Asclepiadaceae*: E. Fournier, p. 189 ad 332, tab. 50-98. *Caprifoliaceae, Valerianaceae, Colygeraceae*: C. A. Müller, p. 333-360, tab. 99-104. Titulus et index vol. VI, pt. IV: p. 361-378.—1885. (Anastatischer Neudruck).
96. *Sterculiaceae*: C. Schumann, p. 1-114, tab. 1-24.—1886.
97. *Ternstroemiaceae*: H. Wawra de Fernsee, p. 261-334. Tab. 52-68. *Rhizophoraceae*: L. Wittmack, p. 337-362, tab. 69-74. *Dichapetalaceae*: H. Baillon, p. 365-380, tab. 75-78.—1886. (Text anastatisch).
98. *Tiliaceae, Bombaceae*: C. Schumann, p. 117 ad 250, tab. 25-50.—1886.
99. *Melastomaceae IIa. (Rheziaceae, Merianieae, Bertolonieae, Miconieae)*, A. Cogniaux, p. 1 ad 212, tab. 1-45.—1886.
100. *Melastomaceae, IIb (Miconieae)*: A. Cogniaux, p. 205-398, tab. 46-79.—1887.
101. *Rubiaceae I*. Titulus et index vol. VI pt. V: p. 471-486. *Rubiaceae IIa. Paederieae, Spermacoccae, Stellatae*: C. Schumann, p. 1 ad 124, tab. 68-93.—1888.
102. *Guttiferae et Quinaceae*: A. Engler, p. 381 ad 486, tab. 79-110.—1888.

103. *Melastomaceae IIc (Miconieae, Blakeae, Memecyleae)*: A. Cogniaux, p. 397-626, tab. 80-130. Titulus et index vol. XIV pt. IV: p. 627-656.—1888.
104. *Rubiaceae IIb: Naucleaeae, Henriquezieae, Cinchoneae, Rondletiaeae, Condamineae, Hedyotideae, Mussaendeae, Catesbaeaeae, Hamelieae, Gardenieae*: C. Schumann, p. 125 ad 442, tab. 94-151. Titulus et index vol. VI pt. VI: p. 443-466.—1889.
105. *Moringaceae*: J. Urban, p. 487-492, tab III. *Napoleonaceae*: A. G. Eichler, p. 495-500, tab. 112. Titulus et index vol. XII pt. I: p. 501-502.—1889. (Anastatischer Neudruck).
106. *Caricaceae*: H. comes a Solms-Laubach, p. 173 ad 196, tab. 49-52. *Loasaceae*: J. Urban, p. 197-224, tab. 53-57.—1889. (Anastatischer Neudruck).
107. *Musaceae, Zingiberaceae, Cannaceae, Marantaceae*: O. G. Petersen, p. 1-172, tab. 1 ad 50.—1890.
- Additam. ad fasc. 107:
Index alphabeticus ordinum in Martii Flora Brasiliensi contentorum et tractandorum. 4 p.
108. *Cactaceae*: C. Schumann, p. 185-322, tab. 39-63. Titulus et index vol. IV pt. II: p. 323-334.—1890.
109. *Malvaceae I*: C. Schumann, p. 251-456, tab. 51-80.—1891.
110. *Bromeliaceae I*: C. Mez, p. 173-286, tab. 51-62.—1891.
111. *Malvaceae II*: M. Gürke, p. 437-586, tab. 81-114. Distributio et usus: C. Schumann, p. 587-598. Titulus et index vol. XII pt. III: p. 599-624.—1892.
112. *Bromeliaceae II*: C. Mez, p. 281-430, tab. 63-80.—1892.
113. *Sapindaceae I*: L. Radlkofer, p. 225-346, tab. 58-80.—1892.
114. *Orchidaceae I*: A. Cogniaux, p. 1-160, tab. 1-34.—1893.
115. *Bromeliaceae III*: C. Mez, p. 425-634, tab. 81-114.—1894.
116. *Typhaceae*: M. Kronfeld, p. 635-642, tab. 115. *Triuridaceae, Lilaeaceae, Potamogetonaceae, Zanichelliaceae, Najadaceae, Ceratophyllaceae, Batidaceae, Goodenoughiaceae, Cornaceae*: C. Schumann, p. 643-784, tab. 116-128. Titulus et index vol. III pt. III: p. 785-816.—1894.
117. *Orchidaceae II*: A. Cogniaux, p. 157-322, tab. 35-75.—1895.
118. Titulus et index vol. VIII, pt. I: p. 429-448. *Bignoniaceae I*: E. Bureau et C. Schumann, p. 1-230, tab. 69-96.—1896.
119. *Orchidaceae III*: A. Cogniaux, p. 317-494, tab. 76-99.—1896.
120. *Orchidaceae IV*: A. Cogniaux, p. 493-652, tab. 100-133. Titulus et index vol. III pt. IV: p. 653-672.—1896.
121. *Bignoniaceae II*: E. Bureau et C. Schumann, p. 229-434, tab. 97-121. Titulus et index vol. VIII pt. II: p. 435-452.—1897.
122. *Sapindaceae II*: L. Radlkofer, p. 345-466, tab. 81-99.—1897.
123. *Orchidaceae V*: A. Cogniaux, p. 1-188, tab. 1-49.—1898.
124. *Sapindaceae III*: L. Radlkofer, p. 465-658, tab. 100-123. Titulus et index vol. XIII pt. III: p. 659-680.—1900.
125. *Orchidaceae VI*: A. Cogniaux, p. 181-384, tab. 50-81.—1901.
126. *Orchidaceae VII*: A. Cogniaux, p. 381-642, tab. 82-119. Titulus et index vol. III pt. V: p. 643-664.—1902.
127. *Orchidaceae VIII*: A. Cogniaux, p. 1-202, tab. 1-42.—1904.
128. *Orchidaceae IX*: A. Cogniaux, p. 197-390, tab. 43-79.—1905.
129. *Orchidaceae X*: A. Cogniaux, p. 381-588, tab. 80-120. Titulus et index vol. III pt. VI: p. 589-604.—1906.
130. Tabulae physiogn. XLIII-LIX, explic. p. CIX et CX.

- Vitae itineraque collectorum botanicorum, Notae collaboratorum biographicae, Florae Brasiliensis ratio edendi chronologica, Systema, Index familiarum: J. Urban, p. 1-268.
Titulus vol. I pt. I.—1906.
- MARTIUS, Dr. Carl. Friedrich Philipp von, A. W. Eichler & J. Urban.
Flora Brasiliensis. Fasc. 123-125, fol. München, 1898-1901. R. Oldenbourg.
- MAWE, I. Reise in das Innere von Brasilien. Aus. d. Englischen v. A. W. v. Zimmermann. Bamberg & Leipzig. 1817. 2 T. Verlag C. F. Kunz.
- MAYER, Prof. Dr. Myrmecologische Studien. "Verh. d. K. K. Zoolog.-botan. Ges." Wien. XII.
—— ——— Neue Formiciden. "Verh. d. K. K. Zoolog.-botan. Ges." Wien. XX.
—— ——— Südamerikanische Formiciden. "Verh. d. Zoolog.-botan. Ges." XXXVII. 1887.
- * MAXIMILIAN, Prinz zu Wied-Neuwied. Siehe Wied-Neuwied, Maximilian, Prinz zu. ——— Erzherzog Ferdin. Max. Jos. v. Oesterreich. Aus meinem Leben. Reiseskizzen. etc. Band 6 (Bahia), Band 7 (Matto Virgem). Leipzig, 1867.
- MEROLD, Dr. C. A. Geschichte & Beschreibung von Brasilien. Von Ferdinand Denis. A/d. Französ. Stuttgart, 1838. Mit 92 Kupfern & 1 Karte. Aus der Weltgemälde-Gallerie ("Univers pittoresque") von Didot, frères. Paris.
- MEILL, Dr. phil. h. c. Julius. Geboren: 18. März 1839 in Hinwil. Kanton Zürich. † 26. September 1907 in Zürich. Ehren-Mitglied des Historisch-Geograph. Institutes von Brasilien in Rio de Janeiro.
Collecção numismatica de Julio Meill. As moedas do Imperio do Brasil. 1822 até 1889. Die Münzen des Kaiserreichs Brasilien. 1822-1889. Numismat. Sammlung von Julius Meill. 24 Tafeln. Gr. in-8°. (Winterthur) 1890. Mit deutschen & portugies. Inhaltsverzeichniss der Tafeln.
Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen 1822-1889 der numismatischen Sammlung von Julius Meill. 37 Tafeln in Lichtdruck mit 229 Abbildungen. Mit deutschen & portugies. Text. in-4°. Zürich, 1890.
Portugiesische Münzen. Varietäten & inedirte Stücke der numismatischen Sammlung von Julius Meill. 8 Lichtdrucktafeln mit deutscher & portugies. Erklärung. Gr. in-8°. Zürich, 1890.
Numismatische Sammlung. Die Münzen der Colonie Brasilien 1645 bis 1822. As moedas da Colonia do Brasil. 1645 até 1822. 59 Lichtdrucktafeln mit 361 Münzdarstellungen & 41 Seiten Text in deutscher & portugiesischer Sprache, in-4°. Zürich, 1895.
Das Brasilianische Geldwesen. I. Theil. Die Münzen der Colonie Brasilien 1645 bis 1822. 1897 Druck des Polygraphischen Institutes A. G. — Zürich (vormals Brunner & Hauser). in-4°. XXXVII & 356 Seiten 59 Lichtdrucktafeln & einem Indice das Estampas.
Das Brasilianische Geldwesen. II Theil. Die Münzen des unabhängigen Brasilien. 1822-1900. Druck von Jean Frey, Zürich, 1906.
Das Brasilianische Geldwesen. III. Theil. Das Papiergeld von Brasilien. 1771-1900. Mit 197 Tafeln. Zürich, 1904. Druck von Jean Frey. Diast. 5/7. Zürich.
Die Werke des Medailleur's Hans Frey in Basel. 1894-1906 mit sechs Tafeln Abbildungen. (N. 12 & N. 89 betr. Brasilien). Druck von Jean Frey. Zürich, 1906.

- Westindische Contremarken. (Münzen von Dom José I. 1769). Spink & Son's "Numismatic Circular". London, August 1899.
- Contremarken von Essequibó & Demerára. Spinsk & Son's "Numismatic Circular". London, July 1901.
- Contos para contar. ("Jetons" portugueses) I. Collecção de Julio Melli, com um preambulo por J. Leite de Vasconcellos, Lisbôa. Imprensa Nacional, 1900. Separat-Abdruck. Extrahido do "Archeologo Portuguez". V. N. 2. 1899/1900. 8°. 15 Seiten, 3 Tafeln mit je 20 Münzabbildg.
- Schweizer im Auslande. † Albert Barth aus Rio de Janeiro.
"Neue Zürcher Zeitung". N. 302 vom 31. Oktober 1906. Zürich.
- METEREN, Em. von. Meteranus novus-d. i. warhafft. Beschreibung d. niederländ. Krieges, u. s. w. 4 Bde. mit Kupfert. in-fol. Amsterdam, 1640. 76 Tafeln mit 93 Portr. 12 Tafeln mit Karten, Ansichten & Plänen. (Enthält auch 1 Bild von Nordbrasilien mit Situationsplan von Pernambuco).
- METHESSEL, Alto Paraná & Die Wasserfälle des Rio Iguassú. "Jahresbericht d. Geogr. Ges." Bd 13-14. Bern, 1894/96. mit Tafeln.
- MEYER, Dr. Herm. Die Privatkolonien von Dr. Hermann Meyer in Rio Grande do Sul. Südbrasilien.
——— Reisebericht 1898-99. Leipzig, 1899. K. Meyer's graph. Inst.
——— Reisebericht über die IV. Xingú-Expedition. "Verh. d. Ges. f. Erdk. zu Berlin, Bd 26. N. 5/6. 1899.
——— Bogen & Pfeil in Zentralbrasilien. Ethnograph. Studie. 54 Seiten. 4 Bilder. 1 Karte. Bibliogr. Inst. Leipzig.
——— Muschelhügel (Sambaki) & Urnenfeld bei Laguna. Brasil. "Globus", Bd. 69. S. 388. Braunschweig. Vieweg.
——— Ueber einen verfehlten Koloniat-Versuch in Matto Grosso. "Colon. Zeitschr." N. 7. Leipzig, 1900.
- *—— A. B. Ueber künstlich deformierte Schädel. Hamburg, 1854.
—— & M. Uhle. Seltene Waffen aus Africa, Asien & Amerika (Brasil). 10 Tafeln. "Veröffentlich. d. k. Ethnogr. Museums", Heft V. Dresden, 1855.
- MEYER'S Geographischer Hand-Atlas, mit 113 Karten-Blätter. 9 Textbeilagen mit Register. Neueste Auflage. Verlag des Bibliograph. Institut. Leipzig & Wien.
- MIKAN, Prof. Dr. Wien. Delectus Florae et Faunae Brasiliensis. Wien, 1820.
(Prof. Dr. Mikan, als Begleiter des Naturforschers Johs. von Natterer, ging mit der Fregatte "Austria" im März 1817 nach Brasilien & kehrte 1. Juni 1818 mit der ersten Sammlung nach Europa zurück, während Johs. von Natterer bis 1835 in Brasilien verblieb).
- MILTENBERG, R. I. Die deutsche Kolonie Donna Francisca in der südbrasilian. Provinz Santa Catharina. Berlin, 1852.
- MINUTOLI, I von. Portugal & seine Kolonien im Jahre 1854. 2 Bd. Mit Portr. & Karte. Stuttgart, 1855.
- MITHRYTATES oder allgem. Sprachenkunde mit dem Vaterunser als Sprachprobe in bey nahe fünfhundert Sprachen & Mundarten. Von Ioh. Christ. Adelung. Berlin, 1806-1816. 4 Bd. Vohsische Buchhdlg. (Enthält auch die "Oração dominical em abaañeéga" oder "Nande ruba" in brasil.-indian. Sprache).
- MITTEILUNGEN der Geograph. Gesellschaft Hamburg. 1876-79. 2 Bde. Mit 1 Portr. 4 Karten & 11 Tafeln. Hamburg, 1878/79.

- MITTHEILUNGEN der K. K. Geogr. Gesellsch. Wien. Bd. 1-33, mit vielen Karten & Tafeln. Wien, 1857-1890.
- MÖBIUS, Prof Dr. Die Bewegungen der fliegenden Fische durch die Luft. "Zeitschr. f. Zoologie". XXX. Suppl. 1878.
- MÖLLER, Dr. Alfr. Ueber eine mykologische Forschungsreise nach Blumenau in Brasilien. Vortrag. Senckenberg. naturforsch. Ges. Frankfurt a/M. 25. Janr. 1896. Abgedr. in den "Berichten".
- ——— Vom immergrünen südbrasilian. Urwalde. Vortrag: 14. Dez. 1895. Verlag v. I. Springer, Berlin, 1896.
- ——— Brasilische Pilzblumen. Iena, 1895. G. Fischer.
- ——— Die Pilzgärten einiger südamerikan. Ameisen, Iena, 1839. G. Fischer.
- ——— Ueber Hymenolichenen in Brasilien. "Flora", 1893.
- ——— Aus dem südbrasilianischen Urwald. Berlin. 1891. Verlag v. Parey.
- ——— Untersuchungen aus Brasilien. Protobasidiomyceten. Mit 6 Tafeln. Iena, 1895. G. Fischer.
- "MONATSSCHRIFT" des Deutsch-Brasilischen Vereins in Berlin, 1900. (& Forts).
- MORÉ, I. C. Die Colonisation in der Provinz S. Pedro do Rio Grande do Sul. Aus dem Französ. übersetzt von H. Wertheim. Hamburg, 1863. 8°. 1 Karte.
- MÜLLER, Dr. Fritz. Blumenau. Santa Catharina. (Berühmter deutscher Naturforscher & Verfasser wertvoller naturwissenschaftl. Arbeiten bezüglich Brasilien).
- Abhandlungen über Phrygamideos, u. s. w.
- Die Wohnungen unserer Termiten. "Jenaische Zeitschr. für Medizin". VII.
- I. G. Geschichte der amerikanischen Ur-Religionen. 2^{te}. Aufl. Basel, 1867.
- I. Das sexuelle Leben der Naturvölker. Leipzig. Grieben's Verlag.
- (Argoviensis). (Kenner der brasilian. Gummi-Pflanzen-Welt).
- Monographien über die Familie der Euphorbiaceas; Syphonia elastica; Hevea brasiliensis, Hevea guyanensis, u. s. w., 1865, 1866-1874. Aarau. (Argau).
- Thadd. Pfarrer. Ein'adung zur christlichen Liebessteuer für die nach Brasilien ausgewanderten Schweizer. Predigt. 8°. Luzern. 1822.
- Dr. Wilh. Beobachtungen an Wander-Ameisen (Brasil). Iena, 1886. G. Fischer.
- MÜNCH, Ernst. Geschichte von Brasilien. 2 Bände. Dresden, 1829.
- MÜNCHNER, Gelehrte Anzeigen. Band XVI. Seite 73 & Forts: Abhdlg. über Iohs. von Natterer's: "Brasilianische Säugetiere". München, 1855.
- MÜNZINGER, Dr. L. Zukunftsländer am Rio de la Plata. 1907.
- MURRHARD, Dr. Karl. Hamburg. 1801. Deutsche Wiedergabe des port. Werkes v. I. C. de Azeredo Coutinho. "Ensato econ.º s. o com.º de Portugal e suas colonias. Lisboa, 1794".
- ——— Leipzig, 1808. Ueber Brasilien & Portugal's Handel mit seinen Kolonien. Aus d. Portug. Bei B. G. Hoffmann. Leipzig, gedruckt bei Ioh. Georg. Langhaff. VI. 183 Seiten.
- MURR, Chr. G. von. Reisen einiger Missionarien, u. s. w. I. & II. Des Herrn P. Anselm Eckarts Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder in Brasilien. Nürnberg, 1785.
- ——— Journal zur Kunstgeschichte & zur allgem. Litteratur. V. & VI. Theil mit Kupfern. Nürnberg, 1777-1778. (Enthält auch Nachrichten von den Sprachen der Eingebornen in Brasilien. 16 Seiten).
- NACHRICHTEN, Deutsch-brasilische & deutsch-brasilische Korrespondenz. Herausg.

- F. Giesebrecht. 3. Jahrg. 1900. 12. N. 4^o mit Abbildg. Berlin-Hehsenwinkel. Deutsch-Brasil. Verlag. F. Giesebrecht.
- NACHRICHTEN von den Sprachen in Brasilien. Siehe: "Journal zur Kunstgeschichte". (Murr's Chr. G. von). VI. Theil. Nürnberg, 1778. 8^o.
- für Handel & Industrie. Zusammengestellt im Reichsamt des Innern. Berlin, 1900-1904. (s. Brasil).
- von den kaiserl. oesterr. Naturforschern in Brasilien & den Resultaten ihrer Betriebsamkeit. 2 Bd. Mit 1 Plan & 1 Ansicht v. Rio de Janeiro. Brünn, 1820-22 & zweites Heft. Brünn, 1822. I. G. Truszler.
- NAEHER. Land & Leute der Provinz Bahia. Leipzig, 1887. Verlag v. G. Weigel.
- NANDE-RUBA. Oração dcminical em abaheenga oder das Vater Unser in brasilian-indian. Sprache. Berlin, 1806-1816. Mythritates v. J. C. Adelung. Vohlsische Buchh. 4 Bände in-8^o.
- NAPP, Richard. Die argentinische Republik. Buenos Aïres, 1876.
- NASSAU, Graf Moritz von. Natur-Geschichte. (1654).
- NATHAUSEN, M. L. Brasilien, wie es wirklich ist & was der deutsche Kolonist dort zu erwarten hat. Altona, 1850. M. L. Nathausen. 8^o.
- NATIONALGESÄNGE, alte. Gelegenheitsdruck, ohne Titel, einer 1800/1801 erschienen Sammlung. (Unter 105 aussereurop. Volksliedern, sind: 1 brasilian. Indianer-Lied & 5 brasil. Volkslieder in portug. Sprache.
- NATTERER, Johannes von. Geboren 9. Nov. 1787 in Laxenburg bei Wien. † 17. Juni 1843 in Wien.
- Siehe: *Biographie verfasst v. Dr. E. A. Goeldi, Museums-Director in Pará.* Aus "Boletim do Museo Paraense". N. 3. Vol. I. Juni, 1896, mit 1 Porträt v. Johs. v. Natterer:
- Reisen vom November 1817 bis Nov. 1818: in der Provinz Rio de Janeiro.
- " " October 1818 bis März 1820: in "Ilha Grande & Prov. São Paulo.
- " " July 1820 bis Febr. 1821: in S. Paulo, Curityba, Paraná, Matto Grosso.
- " " Febr. 1821 bis Sept. 1822: in Ypanema, Inneres v. São Paulo.
- " " Oct. 1822 bis Dez. 1824: in Cuyabá, Matto Grosso.
- " " Janr. 1825 bis July 1829: in Villa Bella, Bolivia, Matto Grosso.
- " " July 1829 bis 1830: am Rio Guaporé & Rio Madeira.
- " " 1830 bis 1831: Expedition am Rio Negro. Amazonas.
- " " 1831 bis 1834: Expedition am Rio Branco. Amazonas.
- " " 1834 bis 1835: im Staat Pará & unteren Amazonas & zurück nach Europa.
- ——— Lepidosiren paradoxa. "Annalen d. Wiener Zoolog. Museums". Wien, 1836. Bd. 2. Abt. 1.
- ——— Südamerikan. Alligatoren. "Annalen d. Wiener Zoolog. Museums". Wien, 1836. Bd. 2. Abt. 2-3.
- ——— Monogr. Ueber südamerik. Krokodile (Crocodiles oder jacarés sul-americanos). Wien, 1836.
- ——— *S. Aug. v. Pelzeln*: Catalog der von Johs. v. Natterer, 1817-1835, in Brasilien gesammelten Vögel.
- ——— s. *Jak. Heckel*: Johs. von Natterer's neue Flussfische Brasiliens. I. Labroiden. Wien, 1840.
- ——— Beiträge zur Kenntnis der Säugetiere Amerika's. Wien & München, 1847 & 1848.

- NATTERER, Johannes von. s. Dr. C. M. Diesing: *Systema Helminthum*. Vindabonae, 1850. 2 Bände.
- ——— s. Dr. J. C. D. von Schreber: *Brasilian. Säugetiere in Abbildungen nach der Natur, mit Beschreibung*. Fortges. v. Dr. J. A. Wagner. München, 1855. (Münchner Gelehrte Anzeigen. XVI. Seite 73 & ff.).
- ——— s. Dr. R. Kner: a) *Die Familie der characinen*. Wien 1853.
b) *Die Panzerwelse (Loricarinae-Loricarinae)*. Wien, 1853.
- ——— s. Dr. F. Steindachner:
I. *Ichthyologische Notizen*. IX. Wien, 1864-1870.
II. *Beiträge zur Kenntnis der Flussfische Südamerikas*. I-IV. Wien. 1879. 1882.
- "NATURWISSENSCHAFTLICHE Rundschau." Braunschweig. (XVII. Jahrg. 1902). Verlag v. Fr. Vieweg & Sohn. (v. Prof. Dr. W. Sklarek.)—(Enthält zahlreiche naturwissensch. Abhandlungen bezüglich Brasilien).
- NEHRING, Prof. Dr. A. Ueber den Schädel eines Franqueiro-Ochsen aus Brasilien. *Abdr. a/d. "Sitzgsber."* der Gesellschaft naturforschender Freunde in Berlin. 19. Juni 1893.
- ——— *Abhdlg. über brasilian. Zoolog. "Zoolog. Garten"*. Frankfurt a/M. Bd. 35. Seite 1/6, 39/43, 74/78.
- NEHRKORN, A. *Katalog der Eiersammlung, nebst Beschreibung, u. s. w.* Braunschweig, 1899. 256 S. 4 Bild. farb. (s. *Collect. Amazon.*).
- NEUER *Brasilianischer Zolltarif, nebst Reglement*. Nach amtlichen Publikationen. Hamburg, 1860. 4^o.
- * *NEUES Jahrbuch für Mineralogie*. 1888. Band 2, Seite 172: Prof. C. A. Derby's Bericht an Prof. Waagen. 16. April 1888.
- "NEUE Zürcher Zeitung". Zürich, 8. Oktbr. 1903. Beilage zu N. 279. Feuilleton. *Kleine Chronik: Schweizer im Auslande*. Von Hesse-Wartegg.
- NEUMANN, (Joseph ?). *Die deutschen Kolonien in Südbrasilien*. "Zeitschr. f. allgem. Erdkunde". Berlin, 1859. Bd. VII.
- ——— *Beschreibung der bekanntesten Kupfermünzen. Brasilien*. Band 3 & 6. Prag. 1863-1872.
- NICOLAI, H. F. *Der Kaffee & seine Ersatzmittel*. 8^o. 93 Seiten, mit Kurven. Braunschweig, 1901. Verlag v. Fr. Vieweg & Sohn.
- NIEMEYER, O. L. *Die Colonie Dona Francisca*. *Petermann's Geogr. Mittlg.* VIII. Gotha, 1862.
- NIENHOF, I. *Gedenkweerdige Brasilianische Zee-en Landtreise*. Amsterdam, 1862. (Holländ. & Deutsch.).
- NOBILING, O. *Brasilianische Volksdichtung*. Beilage. d. "Nordd. Allg. Zeitg." 1897. Berlin.
- NOGUEIRA, A. & Schiefler. *Geogr. Beschreibung Brasiliens*. Leipzig, 1873. Deutsche Wiedergabe von de Macedo's Werk.
- * *NORDDEUTSCHER Lloyd*, Bremen. Für Reisende & Auswanderer: Beschreibungen, Fahrtgelegenheiten; Prospekte; Führer betreff. Schiff-Fahrt nach Südamerika. Bremen. 1908.
- NORDSTED, O. *Nonnulae algae aquae dulcis brasiliensis*. Stockholm, 1877, 8^o. m/ Tafeln. Auszug v. "Oerfersigt af K. V. Ak. Förh", 1877.
- NOVARBA-EXPEDITION, Die. Gustav Mayr. 1866. Wien.
- NOWAKOWSKI, Dr. A. von. & H. Flechner. *Brasilien unter D. Pedro II*. Wien, 1877. 8^o. 87 Seiten. Verlag Rud. Lechner.

- NUSSER-ASPORT. Bericht zweier Reisebegleiter Colonel Labrés. Reisen am oberen Aquiry, Madre de Dios, Rio Beni, Rio Orton. "Ausland", 1890. S. 792.
- NYSTRÖM. Bericht von den Anden. *Petermann's Geogr. Mittlg.* Gotha, 1870. Seite 112.
- OBERLÄNDER, R. & Richard Lesser. Berichte über brasilian. Verhältnisse, u. s. w. "Ueber's Meer". Taschen-Bibliothek. (Siehe auch Lesser, Rich.). Verlag von P. Henschel, Gera, 1885.
- OELKER, Theodor. Redaktor der "Deutschen Zeitung" in Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 1906. Berichte über südbrasilianische Verhältnisse für Auswanderer. u. s. w.
- OLFER'S, von. 1828. Beiträge in der "Neuen Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen von Dr. F. I. Bertuch. Weimar, 1818-1819. 8°.
- ——— Wiedergabe in deutscher Sprache der histor. Dokumente des P. V. de Caminha. "Carta de Pedro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel, dando-lhe noticia do descobrimento da terra de Vera-Cruz, pela armada de Pedro Alvares Cabral"; u. s. w.
- OPPEL, Prof. Dr. A. Die Baumwolle nach Geschichte, Anbau, Verarbeitung & Handel, sowie nach ihrer Stellung im Volksleben & in der Staatswirtschaft. Im Auftrag & mit Unterstützung der Bremer Baumwollbörse bearbeitet. 745 Seiten, 236 Karten & Abbildg. Leipzig, 1902. Dunker & Humblot.
- ORBIGNY, Alcides Dessalines d'. Geboren 6. Sept. 1802 in Coneron, Dept. Loire-Inférieure. France. † 30. Juni 1857 in Pierresitte bei St-Denis. France. Deutsche Uebersetzung: Malerische Reise in Süd- & Nord-Amerika. Leipzig, 1835-1839.
- (A. d'Orbigny war Paläontologe & Professor am Jardin des Plantes in Paris. Er bereiste Südamerika in den Jahren 1826 bis 1834).
- ORLANDINO, Nicolaus. Historia, u. s. w. Coloniae Agrippinae, sumptibus Antonii Hierat 1615, 4°. 3 fc., 578 Seiten, 21 fc.
- ORVILLE A. DERBY. Siehe: Derby, Prof. Orville A. Physikalische Geographie & Geologie Brasiliens. "Mittellungen der Geograph. Gesellschaft zu Iena". Bd. V.
- OSWIECIMSKY, Theodor. Rodowicz. Die Colonie Dona Francisca in Südbrasilien Beiträge zur Chronik derselben. Hamburg, 1853. 8°. Mit Abbildg. F. H. Nestler & Melle. Hamburg.
- PAPSTEIN, A. Führer für den Auswanderer nach Brasilien. Deutscher Kolonial-Verlag. Berlin, 1898/99.
- PARÁ, Album von. Mit Photogr. v. Ewald Aders; 3 sprachiger Text: deutsch, italien. portug. Berlin, 1902.
- PARAGUAYSCHER Rundschau. Vierteljahrsschrift. (The Paraguay Review). 3. Jahrg. Asuncion, 1903.
- PARUCKER, C. J. Posturenbuch der Municipalkammer von S. Francisco. Uebersetzt & mit Anmerkng. Joinville, 1864. O. Doerffell. 8°.
- PECKOLT, Dr. Theodor. Der Kaffeebaum Brasiliens; der Theestrauch, "Chá da India"; die Nahrungs & Genussmittel Brasiliens. Separatabdruck. Zeitschr. d. Allg. Oestr. Apotheker Vereins": N. 31, 1882. N. 22, 1883; N. 20, 1884. Wien.
- ——— Anarcadium occidentale Linné. "Zeitschr. d. A. Oest. Apoth. Ver. Wien". N. 19-22. 1893.
- ——— Ueber das Schlangengift v. Lachesis rhombeata. "Zeitschr. d. A. Oest. Apoth. Ver. Wien. N. 2-3. 1897.
- ——— Heil & Nutzpflanzen Brasiliens. "Berliner pharmac. Ges. 1898".

- 8° Seite 427. *Pharmac. Archiv.* vol. I. N. 4.—“*Pharmac. Rev.*” 1896. vol. 14. N. 3.—“*Das Echo*”, Berlin, N. 8. XVIII. Seite 31. Berlin, 1899.
- PECKOLT, Dr. Theodor. *Historia das plantas medicinaes e uteis do Brasil.* Neue Auflage. Rio de Janeiro, 1899.
- — — — — *Historia das plantas alimentares e de goso do Brasil.* Neue Auflage. Rio de Janeiro, 1899.
- PELZELN, August von. *Zur Ornithologie Brasiliens. Resultate von Joh. v. Natterer's Reisen in Brasilien: 1817-1835, dargestellt von Aug. v. Pelzeln.* Wien, 1870. Druck & Verlag v. A. Pichler's W.^o & Sohn. Wien, 1871. 8°. Ab. & K.
- — — — — *Neue & wenig gekannte Arten d. Kaiserl. Ornithol. Sammlung.* Wien. “*Sitzungsbericht*” der K. K. Akadem. d. Wissenschaften. Mathemat. Naturwissenschaftl. Klasse XX.
- — — — — *Brasilianische Säugetiere.* Wien, 1883. (S. 1-2, 125-136).
- — — — — *Uebersicht der Geier & Falken.* “*Verhig. d. K. K. Zoolog.-botan. Ges. Wien*”. Band XII.
- — — — — *Katalog der vom Naturforscher Johs. von Natterer in Brasilien: 1817-1835, gesammelten Vögel.* Wien.
- PESCHEL, Prof. Oscar. *Neuere Schriften über Amerigo Vespucci.* “*Das Ausland*”. 1858.
- — — — — *Der Madeirastrom & seine Wildnisse in Brasilien.* “*Das Ausland*”. N. 5, S. 81; 1874.
- PETERMANN'S GEOGRAPH. MITTEILUNGEN. Aus Perthe's Geogr. Anstalt über wichtige neue Erforschungen auf dem Gebiete der Geographie. Gotha, 1850-1908. (& Forts.) *Ergänzungshefte* 1-141. (& Forts.). Mit vielen Karten. 4°. Jeder Jahrgang enthält sehr zahlreiche, überaus wertvolle Abhandlungen bezügl. Brasilien.
- PETERMANN, Prof. Dr. *Die südamerikanischen Republiken Argentina, Chile, Paraguay & Uruguay.* 1875. Mit 1 geogr. Compendium v. Burmeister. *Ergänzungsheft N. 39 zu den Mitteilungen.* Gotha, Perthe's Verlag.
- PETER'S, Prof. Dr. W. *Herpetologische Notizen.* “*Monatsber.*” d. k. Preuss. Akad. d. Wissensch. Berlin, 1877.
- PETZOLD, M. von. *Deutsche Uebersetzg. von Alex. Ionin's: Durch Südamerika.* Band 1-2. Berlin, 1895/96.
- PFAFF, Dr. in Manáos. *Resultate der Analysen des Wasser des Rio Negro. Amazonas.* 1889-1892.
- PFEIFFER, Mme. Ida, geb. Reyer. *Eine Frauenfahrt um die Welt.* Wien, 1850. Von Chs. de Folleville auch in's Französ. übersetzt: “*Mme. Ida Pfeiffer et ses voyages*”. Ferner auch: “*Voyage d'une femme autour du monde*”, par Mme. Ida Pfeiffer. Traduit de l'all. par W. de Suekan, 2. ed. Paris, 1859. 8°. XII. 612 Seiten. Hachette.
- PFOTENBAUER, P. *Missionen der Jesuiten in Paraguay.* Gütersloh, 1891-1893. 3 Teile. *PHYSIKALISCHE Geographie & Geologie Brasiliens* von Prof. Dr. O. A. Derby. *Mitt. d. Geogr. Gesellsch.*” Iena, 1887. Bd. 5. S. 1 & ff.
- PICKERING, I. *Die indianischen Sprachen Amerikas.* Uebersetzt von Taloj. Leipzig, 1834.
- PILGER, R. *Beitrag zur Flora von Matto Grosso.* Botanischer Bericht über die Expedition v. Dr. Herm. Meyer nach Centralbrasilien, 1899. “*Engler's botan. Jahrbücher*”. Bd. 30. Seite 127-238. 1901.

- PISON, Wilh. *Historia medica Brasiliae*, u. s. w., Vindabonae, typ. congr. Armenorum, 1817. 8°. 157 Seiten.
- PLAGGE, C. Ueber die Guajajára-Indianer in der Provinz Maranhão. *Petermann's geogr. Mittlg.* Gotha, 1857.
- Die brasilianische Provinz Maranhão. (Nach Plagge). *Petermann's geogr. Mittlg.* Gotha, 1858. Band III & IV.
- PLANTE, Francisci. *Mauritiados libri. XII. Lugduni Batavorum*, 1647, F.
- PLATZMANN, Julius. Leipzig. *Amerik. Asiat. Etymologien*, u. s. w. Leipzig, 1871. B. G. Teubner. 112 Seiten & 1 Mappa Mundi.
- Siehe: Eckart. *Specimen linguae brasiliae*.
- Aus der Bai von Paranaguá. Leipzig. 1872. Teubner. Mit 1 Karte der Bai v. Paranaguá. 8°.
- Grammatik der brasilian. Sprache, mit Zugrundelegung des Anchieta. Leipzig, 1874. XIII & 178 Seiten. 8°.
- Tesoro de la Lengua Guarani (Madrid 1639), Leipzig, 1876.
- Arte de la Lengua Guarani (Madrid 1640). Leipzig, 1876.
- Vocabulario de la Lengua Guarani. Leipzig, 1876.
- Catecismo de la lengua Guarani (Madrid 1640), Leipzig, 1876.
- Verzeichnis einer Auswahl amerikan. Grammatiken. Wörterbücher, Katech. etc. Leipzig, 1876.
- Allgemeiner Eindruck des Brasilian. Küstenlandes unter dem 25° südlicher Breite, o. O. & I. 8°. 8 Seiten.
- Weshalb ich Neudrucke der alten amerikanischen Grammatiken, veranlasst habe. Leipzig, 1893. 8°.
- Catecismo da lingua Kariris (Lisboa, 1709), publicado de novo por J. Platzmann. Ed. facs. Leipzig, 1896.
- Der Sprachstoff der Guaranischen Grammatik des Antonio Ruiz. (Madrid 1640), Leipzig, 1898.
- Der Sprachstoff der Brasilianischen Grammatik des Luis Figueira. Nach der Ausgabe von 1687. Leipzig, 1899.
- Das anonyme Wörterbuch Tupi-Deutsch & Deutsch-Tupi. Mit 1 Karte v. Amazonenstrom. Leipzig, 1901.
- POEPPIG, Eduard. *Reise in Chili, Perú & auf dem Amazonenstrome*, 1827-1832. Leipzig, 1831. Fr. Fleischer. 1835-36. I. C. Hinrich. 2 Bd. 4°.
- & Stephan Endlicher. *Nova genera ac Species plantarum*, etc. Leipzig, 1835-36. 3 Bd. Fr. Hofmeister.
- POHL, Joh. Emil. Geb. 23. Febr. 1782, † 22. Mai 1834 — (Reisebegleiter des Naturforschers Johs. v. Natterer, vom März 1817 bis April 1821. J. E. Pohl erforschte besonders die Provinzen Goyaz & Minas Geraes. 1821 kehrte Pohl nach Europa zurück, während Johs. v. Natterer in Brasilien verblieb bis 1835).
- Reise im Innern von Brasilien. Auf Befehl S. M. des Kaisers v. Oesterreich, Franz I, 1817-1821 unternommen. 2 Bände. gr. in-4° mit Tafeln. Wien, 1832-1837. Gedruckt bey A. Strauss sel. Wittve. I. B. Wallishauser.
- Plantarum Brasiliae, etc., Wien, 1827-1831. 2 Bände, gr. in-fol. Wallishauser.
- & Kollar. *Brasilien's vorzüglich lästige Insekten*. Wien, 1831. Wallishauser.
- POLKO, Paul. *Reise zu den Gajirz-Indianern*. Bitterfeld. Verlag von Paul Polko.

- POPPER, Drucker & Suchanek v. Hassenau. Commerzielle Berichte, u. s. w. Brünn, 1884. Winkler. 2^{te} Auflage.
- * PORTEFEUILLE, historiques. zur Kenntnis der gegenwärtigen & vergangenen Zeiten. Von K. R. Hansen & A. F. Lueder. 7 Jahrg. 14 Bd. Wien & Breslau, 1782-88.
- * POST, Franz. Architekt & Maler. Reisebegleiter des Grafen Moritz von Nassau, während dessen Reisen in Brasilien. Post ist Verfasser zahlreicher Kartenwerke & Bilder bezügl. Brasilien. Die im Werke C. Barlaens: "Res Brasiliae", Amsterdam 1647, enthaltenen Karten & Tafeln sollen zum Theil von Franz Post, andere von Johann von Brosterhuizen & auch von Salomon Savry gravirt worden sein.
- PRESTIEN, I. A. Das Ansiedlerleben in der Kolonie Blumenau. Leipzig, 1859. 8°.
- PROTOPOPOFF. Zur Immunität für Tollwuthgift bei Hunden. "Zentralblatt für Bakteriologie & Parasitenkunde". II. Jahrgang. Band IV. 1888.
- RADDI, Prof. Plantarum Brasiliensium Nova Genera I. Filices.
- RADLKOFER, Dr. Ueber Cupania. "Sitzungsber". d. math.—phys. K. d. K. Bayer. Akad. 1879. München.
- Ueber fischvergiftende Pflanzen. "Sitzungsber". d. math.—phys. K. d. K. Bayer. Akad. XVI. Jahrg. 1886. München.
- RAMEL. Geschichte der martervollen Deportations-Reise Barthelemy's, Pichegrus & and. französ. Gesetzgeber nach Cayenne, Guyana; nebst Schilderung ihres Aufenthalts zu Sinamary, Guyana. Aus d. Franz. v. Ramel. Leipzig, 1799.
- RANGO, Fr. L. von. Tagebuch meiner Reise nach Rio de Janeiro & zurück, i/d. Jahren 1819 & 1820, in Briefen I (einziger) Band. Leipzig, 1821. (Fr. Weber). 2^{te} Ausg. 1832. 8° mit Abldg.
- * — v. V. R's Tatenjä, oder die protestant. deutsche Kolonie am Rio São Francisco in Brasil. Historischer Roman. 2. A. 8°. Freiburg.
- RANKE, K. E. Ueber die Hautfarben der südamerikan. Indianer. (Raddi). Zeitschr. f. Ethnologie". 30. Jahrg. Heft 2. Tafel I. Berlin, 1898.
- Dr. Karl. Arosa. Ballistisches über Bogen & Pfeil. "Globus". Band 83. Braunschweig, 1903. Vieweg.
- RATHSCHLÄGE für Auswanderer nach Südbrasilien. Von Dr. Iannasch; Carl v. Koseritz; O. Doerffel; A. W. Sellin; O. Canstatt; C. O. Ullrich & Ernst Zietlow. Allg. Verlagsagentur, Berlin, 1897/98.
- wegen Auswanderung nach Brasilien & Schilderung der Verhältnisse. "Das Echo". Berlin: 17. Dez. 1891. X. Jahrg. N. 485. Seite 839/840. Redact: Hugo Herold. Berlin.
- RATZEL, Prof. Dr. Fr. Beschreibende Erklärungen von Hans von Staden & Ulrich von Schmidel. 1893.
- Skizzierung des Hauptinhaltes der Hans von Staden's Schrift. Allgemeine deutsche Biographie. Leipzig, 1893. von Dunker & Humblot.
- Anthropogeographie. 2 T. Die geogr. Verbreitung d. Menschen. 8°. 781 Seiten, mit Karten & Abbildg. Stuttgart, 1891. Engelhorn.
- RAYNAL, Abbé. Geschichte der Europäer in beiden Indien, mit den neuesten Nachrichten über Brasilien. Deutsche Wiedergabe von M. C. Sprengel. Leipzig, 1782.
- REICHENBACH, Prof. L. Die vollständige Naturgeschichte der Affen! Dresden, 1863.
- Beiträge zu einer Orchideenkunde Centralamerika's. 1864. (Xenia Orchid. I & II).
- H. G. L. Iconografia botanica exotica. Lipziae, apud F. Hofmeister, 1827-1830. 3 Bände.

- REICHENOW, Dr. Vogelbilder aus fernen Zonen. Leipzig, 1888.
- REISE der Novara. Zoologischer Teil. Band I-V. (Bez. Brasilien). Wien, 1866.
- S. M. Corvette "Aurora nach Brasilien & Laplata-Staaten. 1884/85. Wien. 1885. Herold & Sohn.
- REISS, Naturforscher & Reisender. Entdeckung des Putumayo-Iça. "Verhdlg. d. Ges. f. Erdk." Bd. 4. 1877. Seite 128.
- & Stübel. Bericht vom Rio Pastassa. (Ein wilder, reissender Strom, dessen Ufer reich an Kautschuk sind). "Jahresbericht des Vereins für Erdkunde". Dresden, 1875. Seite 1 & Fortsetzg.
- RELATION. Und Eigentliche Beschreibung, u. s. w. Gedr. zu Augspurg bey Langenwaldter. 1625. 4°.
- RENGGER, Joh. Rudolf. Aarau. Reise nach Paraguay: 1818-1826. mit Portr., 1 Karte & 3 Tafeln. Aarau, 1835. (Nachrichten bezügl. Brasilien: siehe Seite 267 & ff.).
- ——— Reise nach Paraguay, herausgeg. von A. Rengger, Aarau, 1839.
- ——— Naturgeschichte der Säugetiere von Paraguay. (Etwas Zoologisches aus Brasilien). Basel, 1836.
- RESTIVO, P. Arte de la lengua Guarani, sec. edit. a. 1724 redimpr. cur. praef. et notis instr. Chr. F. Seybold. Stuttgart, 1892.
- ——— Lexicon Hispano-Guaranicum. "Vocabulario de la lengua Guarani", inscript. secund. vocabolarium. Ant. Ruiz de Montoya 1722 denno ed. redimpr. praef. not intr. C. F. Seybold. 8. Stuttgardiae, 1893.
- ——— Brevis linguae Guarani Grammatica Hispanice secundum libros Antonii Ruiz Montoya anno 1718 et "Breve noticia de la lengua Guarani" inscr. ed. Chr. F. Seybold. Stuttgart, 1892. XII. 81 p.
- RETCLIFFE, I. (W. Schröter). Brasilien, Erlebnisse eines deutschen Auswanderers in den Mucury-Colonien. Leipzig, 1868. I. Häfele.
- RETHWISCH. Die Deutschen im Auslande. Beitr. z. Kolon. & Ausw. Politik. Berlin, 1889. Selbstverlag.
- REYBAUD, Charles. Brasilien. Hamburg, 1857. 8° Nolte & Köhler.
- RICHSHOFER, Ambrosius. Brasilianische & Westindische Reisebeschreibung. Strassburg, 1677. 4°.
- ——— Tagebuch eines Soldaten der Westindischen Compagnie. Aus der Zeit v. 1629 bis 1632.
- RIFFARTH, H. Die Gattung Heliconius latr. (Brasil) I. Berlin, Sept. 1900 (33 Seiten). & II Berlin, Juni 1901 (160 Seiten).
- RIO GRANDENSER Leben und Weben. Alte und neue Gedichte von Wilhelm Süffert-Homo. Druck von C. Reinhardt, Porto Alegre, 1905. Wurde auch in's Portugies. übersetzt von A. de Carvalho in Pernambuco. Recife, 1897.
- RIO DE JANEIRO & seine Umgebung im Jahre 1824. In Briefen eines Rigaers. St. Petersburg, 1828. 8°. 124 Seiten. 2 Pläne.
- RIO NEGRO, Am. Argentinien. Von Moritz Alemann. Verlag von Dietrich Reimer. (Ernst Vohsen) Berlin, 1907.
- RITTER, C. Aufsatz über Brasilien. Band IV. der "Zeitschrift für allgem. Erdkunde". Berlin, 1855.
- ROBERTSON, I. P. D. Francia, Diktador von Paraguay. A/d. Englischen von Le Petit. Quedlinburg, 1839. 2 Bd. mit Portr.
- RODT, Cäcilie von. Central & Süd-Amerika. Bern, 1906. Verlag W. Wälchli. 370 Seiten. 89 Abb., wovon 21 Vollbilder.
- ROESEL. Insektenbelästigung. IV. Berlin, 1894.

- ROSENTHAL, Louis. Diesseits & Jenseits der Cordilleren. Südamerikan. Reisebilder. Berlin, 1874. (I Absch. Bahia & Rio).
- Synopsis plantarum diaphoricarum. I & II.
- ROTERMUND, W. São Leopoldo. Kalender für die Deutschen in Brasilien. 20. Jahrgang. (Ueberblick über die letzten 75 Jahre deutscher Kolonisation in Rio Grande do Sul: 1824-1899. São Leopoldo.
- RÜCKBLICK auf den Krieg gegen Rosas & das Schicksal der deutschen Truppen im Dienste Brasiliens. Von 1 Augenzeugen. Berlin, 1854.
- RUGE, Sophus. Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen. 1881. (Sophus Ruge ist Herausgeber des Neudrucks (1867). Der deutschen Uebersetzg: "De ora antarctica per regem Portugalliae pridem inventa". Argentinae, 1505.
- Die Entwicklung der Kartographie von Amerika bis 1570. *Petermann's Mitt. Ergänzgsbd.* Gotha, 1892.
- RUGENDAS, Moritz (geb. 29 März 1802 † 29. Mai 1858). Malerische Reisen in Brasilien. Mit 100 schönen Lithogr. v. Engelmann & C., Paris, & Mülhausen, 1827-1835. in-fol., in 4 Abt: I. Landschaften. II. Trachten & Porträts. III. Sitten & Gebräuche der Indianer. IV. Leben & Gebräuche der Neger. Paris, 1835. in-fol., mit Text. (Der berühmte Maler & Zeichner Moritz Rugendas reiste 1817 bis 1825 in Brasilien mit Freiherr von Langsdorff).
- "RUNDSCHAU, Südamerikanische". Monatschrift für Politik, Finanzen, Handel, etc., Jahrg. I & II. Berlin, 1893/94-1895. H. Kunz.
- RUSS, Prof. Dr. Die sprechenden Papageien. (Die fremdländischen Stubenvögel III; Papageien)
- SACK, A. von. Beschreibung einer Reise nach Surinam (holländ. Guayana) 1805-1807. 2 T. 4°. 5 Taf. Berlin. 1818.
- — — — — Beschreibung einer Reise nach Surinam: 1805-1807 & 1810-1812, Berlin, 1821. 2 T. in 1 Band, 4° mit 11 Tafeln.
- SAEFTEL, A. Die Sambaquis Brasiliens. (Sambaquis-Muschelhaufen). "Prometheus", XI-9. N. 521, Berlin, 1899.
- SALOMON, Prof. Dr. Handbuch d. höheren Pflanzenkunde & Nomenclatur der Gefäss-Kryptogamen.
- SAMMLUNG der neuesten Schriften, u. s. w. A/d. Ital. 4 Bde. 1 Kolor. Karte von Paraguay. 4°. Frankfurt a/M., 1760-1762.
- von 26 Schifffahrten in verschied. fremde Länder d. Lev. Hulsius, u. s. w., Nürnberg, Frankfurt & Hannover, 1598-1650. 3 Bde.
- SANTA. KATHARINA-KALENDER für das Jahr 1866. Dona Francisca. 1866. O. Doerffel. 8°.
- SANTIN, B. P. Bericht über die Coroados-Indianer im Staate São Paulo, Brasil. "Anthropos" Verlag Zaunritz, 1906/7.
- SCHACHT, Dr. Hjalmar. Redaktor der "Monatsschrift des deutsch. brasil. Vereins". Berlin. (Früher 1897. Deutsch-brasil. Nachrichten). Mit Beiträgen von F. Glasebrecht, M. Lamberg, R. Gernhard, C. Schüler, Dr. Mandowsky, H. Faulhaber, O. Cannstatt, u. a. m. Berlin, 1900.
- SCHÄFER, Professor. Geschichte von Portugal, Gotha, 1836-1854. Hamburg. 5 Bände (s. Histor. Darstellg. Brasiliens).
- Dr. Ritter von. Brasilien als unabhängiges Reich in histor., merkantil. & polit. Beziehung geschildert. Altona, 1824. 8°. Bei J. F. Hemmerich.
- SCHÄR, L. Reise & Abenteuer eines Schweizer Colonisten in Brasilien. 8. Arb., 1892.
- SCHLAUZ, Moritz. Brasil. Reise-Skizzen a/d. Jahre 1887. Leipzig, 1889. Rossberg'sche Buchhdlg. (Auch i. Feuilleton der Rio-Post erschienen).
- — — — — Quer durch Südamerika. 1890. Hamburg, W. Mauke, Soehne, 1891.

- SCHAUZ, Moritz. Das heutige Brasilien. 1893. Hamburg. W. Mauke, Söhne, 1893.
- SCHAUPLATZ der Welt. Oder, merkwürdige Sammlung von See- & Landreisen. Bd. I. 3 T. A/d. Englischen. Stuttgart, 1764-67.
- SHELLE, E. Handbuch der Kakteen- Kultur, mit 200 Abbildungen. Leipzig, 1906.
- SHELLONG, Prof. Dr. Die Malaria-Krankheiten. Leipzig, 1906.
- SCHENK, L. Brasilianische Novellen. 8°. 390 Seiten. Leipzig, 1887. Hirzel.
- ——— Lose Blätter aus Brasilien. 418 Seiten 8°. Hamburg, 1885. Verlagsanst.
- ——— Prof. Beiträge zur Biologie & Anatomie der Lianen. I. II. Iena, 1892. (besonders der in Brasil. einheimischen Arten).
- ——— Brasilian. Pteridophyten. "Hedwigia". Organ für Kryptogamenkunde XXXV. 1896. Seite 151-182.
- SCHERRER, I. Zürich, geboren 21. Septbr. 1864. *Petropolis*. Reiseskizze. "Das Echo". Berlin. 19. Septbr. 1901. N. 994. Jahrg. XX. Seite 2634/2635. Verlag von I. H. Schorer. G. m. b. H. Redakt. Hugo Herold. Berlin.
- ——— *Kaffee-Kultur in Brasilien*. "Schweizer Rundschau". Stans. Heft 5. II Jahrg. 1901/1902. Seite 386/390. Verlag von Hans von Matt & C°, Stans. Schweiz.
- ——— *Die Vereinigten Staaten von Brasilien*. Geogr. Geschichte & Verfassung. Brasil. Heer & Flotte. "Mitteilungen" der Ostschweizer. Geogr. Commerz. Gesellschaft in St. Gallen. II. Heft. 1902. Seite 49 bis 85. St. Gallen. Honegger'sche Buchdruckerei.
- ——— *Historisch-Geograph. Katalog für Brasilien*. 1500-1908. II. Theil. AMERICANISCHE & ENGLISCHE VERÖFFENTLICHUNGEN: *Bibliographia Amazonica*. Zürich, 1908. Selbstverlag.
- SCHICHEL, Dr. Karl. Oberlehrer in Oberehnheim. Unter-Elsass. Der Amazonenstrom. Verlag v. I. H. Ed. Heitz. Strassburg, 1893.
- SCHIFF-FAHRT, Die. Im peruanischen Marañon-Gebiet, "Ausland". N. 9. Seite 165. Jahrg. 1874.
- SCHIGUT, E. Die Usanzen des internation. Kaffeehandels. 8°. 19 Seiten. Alina 99. Wien, 1899. G. Szelinski & C°.
- SCHIMPER, A. F. W., Prof. der Universität Bonn a/Rh. Botanische Mitteilungen aus den Tropen. Die Wechsel-Beziehungen zwischen Pflanzen & Ameisen. Iena, 1888.
- ——— Karl. Friedrich. Die epiphytische Vegetation Amerika's. s. Abh. Brasilien.
- SCHINZ, Prof. Dr. Naturgeschichte & Abbildungen der Reptilien. (s. Brasil. Reptilien).
- SCHLECHTENDAHL & WÜNSCHE. Die Insekten. (Siehe: Abhdlg: Insekten Brasiliens).
- SCHLEGEL, Prof. Abbildung neuer oder unvollständig bekannter Amphibien. Mit Text.
- SCHLICHTCRST, C. Rio de Janeiro, wie es ist. Hannover, 1829. X & 394 Seiten. Halm's Verlag.
- SCHMIDEL, Huldericus. Vera historia admirandae culusdam, navigationis etc., Noribergae, Levini Hulsii, 1599. 4°.
- ——— Ulrich (aus Straubing.) Reise nach Südamerika. Nach d. Münchn. Handschr. von V. Langmantel. Stuttgart, 1889.
- SCHMIDT, Prof. Dr. Emil. Die Bedeutung der Dolichocephalie & der Brachycephalie in der Anthropologie. "Globus", Braunschweig, Band 83. Jahrg. 1903.
- ——— E. Aus der amerikanischen Litteratur. 4° Braunschweig, 1899.
- ——— F. Grundzüge einer geregelten Auswanderung der Deutschen, mit besonderer Rücksicht auf Südbrasilien. Hamburg, 1842. 8°.

- SCHMIDT, F. Die geregelte Auswanderung nach Brasilien, u. s. w. Rudolstadt, 1852.
Auch Auflage 1853. Verlag G. Froebel.
- Fernando. Poetische Fragmente, Leipzig. F. A. Brockhaus. 1860. Mit metri-
scher Uebersetzung d. I. Theils von Mar. de Dirceu; (Pseudonym
Draumore).
- ——— Ueber Handel & Wandel in Brasilien. Journalist. Skizzen. Rio, 1881.
L. Winter. Auch im Verlag von Gebr. Paetel, Berlin, 1881.
- ——— Rückblick auf verunglückte Kolonisations-Versuche in Brasilien.
Rio de Janeiro, 1883.
- Dr. Max. Reiseskizzen aus Zentralbrasilien. I. "Globus", Band 82, N. 2—10 Juli
1902. Seite 29/31.
- ——— Reiseskizzen aus Zentralbrasilien. II. "Globus", Band 82, N. 3—17.
Juli 1902, Seite 44/46.
- ——— Reiseskizzen aus Zentralbrasilien. III. "Globus", Band 82, N. 22—11.
Dezbr. 1902. Seite 347/349.
- SCHMITZ, Otto. Die Finanzen Argentiniens. Leipzig, 1895.
- SCHNAEL, Leopold. Buenos Ayres, Land & Leute am silbernen Strom. Stuttgart, 1886.
- SCHNEIDER, Louis. Aufsatz über den Krieg der Triple-Allianz gegen Paraguay "Un-
sere Zeit" 1870.
- L. Der Krieg der Triple-Allianz (Brasilien, Argentinien & Banda Oriental)
gegen die Rep. Paraguay. 3 Bände. 4.° mit 1 Karte. Berlin, 1872-1875. B.
Bohr'sche Buchhdlg.
- SCHOEPP, Joh. David. Materia medica americana, pot. regni veget. Erlangae, 1787. 8°.
- ——— Naturgeschichte der Schildkröten. Erlangae, 1788.
- SCHOMBURCK, Richard. Reisen in British Guyana. Leipzig, 1848. Band 1, 2 & 3.
- ——— Versuch einer Fauna & Flora von Britisch Guyana. Lex. 8°. Leipzig.
1848.
- SCHOTT, Prof. 1. Synopsis Aroidearum. 2. Genera Aroidearum. 3. Aroideae. (s. Abh.
bez. Brasilien).
- SCHREBER-WAGNER. Die Säugetiere. Supplement-Band 1, 4 & 5. Erlangen, 1775-1847.
(s. Abh. Brasilien).
- SCHÜLER, Heinrich. Brasilien von heute. Mit Portr. v. Präs. Dr. M. F. de Campos
Salles: 1898-1902. Berlin. D. Dreyer & C°. 215 Seiten.
- SCHÜTZ-HOLZHAUSEN, Damian, Freiherr von. Der Amazonas. 1. Auflage. Freiburg,
i/B. 1883. Herder's Verlag.
- ——— Der Amazonas. Wanderbilder aus Perú, Bolivia & Nordbrasilien.
2^{te} Auflage Adam Klassert. Herder's Verlag. Freiburg, i/B. 1895.
- SCHÜTT, Prof. Dr. Natürliche Pflanzenfamilien. (Seite 37-94 bezügl. Brasilien.).
Leipzig.
- SCHULTZ, Woldemar. (Geboren 3. Febr. 1833 in Dresden. † 12. Juli 1866 auf Schloss
Hradek in Böhmen). Notizen über das Küstenland der brasilian.
Provinzen Paraná & S. Paulo. Mit Karten. Berlin, 1860.
"Zeitschr. für allgem. Erdkunde". IX Bd.
- ——— Histor.-geogr.-statist. Skizzen d. Kaiserl. brasil. Provinz Rio Grande
do Sul. "Z. f. allg. Erdk.". Berlin, 1860. IX Band.
- ——— Aufnahme & Erforschung des Stromlaufes des Rio São Francisco.
Mit Karte. "Z. f. allg. Erdk." Berlin, 1861. Band X.
- ——— Die südamerikan. Indianer colonisationsfähig'. "Jahresber. d. Leipzi-
ger Geogr. Ges." II. 1863. Leipzig. (Auch in "Zeitschrift, für allgem.
Erdkunde". N. F. Band XIX. 1865. Berlin).

- SCHULTZ, Woldemar. Studien über agrarische & physikal. Verhältnisse in Südbrasilien. Leipzig, 1865. 1 Karte. E. I. Günther's Verlag.
- ——— Geograph. Material aus den brasilian. Südp. Provinzen. *Petermann's geogr. Mittlg.* Gotha, 1865.
- ——— Die gemässigten Brasiländer d. Kaiserl. Provinzen S. Pedro do Rio Gr. do Sul, Santa Catharina & Paraná, vom 25° bis 30° S. B., mit den deutschen Kolonien. Leipzig, 1865. 3 Bände.
- ——— Natur- & Kulturstudien über Südamerika & seine Bewohner, etc., Dresden, 1866. (Auszug).
- ——— Natur- & Kulturstudien über Südamerika & seine Bewohner, etc., Dresden, 1867. 8° G. Schönfeldt's Verlag.
- ——— Aus meinem brasilian. Tagebuche, mit Zeichnungen. "Globus. VI. Jahrg. Braunschweig.
- SCHULTZE, C. F. E. Der rationelle Estanciabetrieb im unteren Laplata-Gebiet. Hamburg, 1886.
- SCHUMACHER, H. A. Südamerikanische Studien. 1760-1860. 559 Seiten. 8°. Berlin, 1884. Mittler & Sohn.
- P. H. Beschreibung meiner Reise von Hamburg nach Brasilien, im Juni 1824. Braunschweig, 1826.
- SCHUPP, P. Ambrosius. "Careira". Einsiedeln, Benziger, 1888.
- ——— "Besuch am Laplata". Freiburg, i/Br., 1891. Herder's Verlag.
- ——— "Der Engel der Sklaven". Freiburg i/Br. 1906. Herder's Verlag.
- ——— "Die Mucker". Eine Episode aus der Geschichte der deutschen Kolonien von Rio Grande do Sul, Brasilien. Zweite, verbesserte & vermehrte Auflage. Mit Illustrationen. 8° 352. Seiten. Paderborn, 1906. Druck & Verlag der Bonifacius Druckerei.
- SCHWACKE, Prof. Skizze der Flora von Manács in Brasilien. "Jahrb. d. K. Botan. Gartens.". Berlin, III.
- ——— Bereitung des Curare-Pfeilgiftes bei den Tecuna-Indianern. "Jahrb. d. K. Botan. Gartens". Berlin, III.
- SCHWARZ, Dr. Bernh. Zum 75 jährigen Jubiläum der deutschen Besiedelung Südbrasilien. "Leipziger Zeitung", 29. Januar 1901.
- SCHWIEGER, H. Eine Ozeanfahrt nach Brasilien. 8°. 140 Seiten mit 6 Illustr. Hamburg, 1898. Herold.
- SEEBER, Fr. Ueber Staatswirtschaft & Finanzen der argentin. Republik. Buenos Ayres, 1888.
- SEGELHANDBUCH für den Atlantischen Ozean. (Notiz über Wale an der brasil. Küste). 1890.
- SEIDEL, A. Südamerikan. Einwanderung. Aufsatz v. Dr. G. B. Berlin, 1899. Beitr. z. Kolon. Wirtsch. Heft III.
- SEIDLER, Karl. Zehn Jahre in Brasilien während der Regierung Dom Pedro's I. & nach dessen Entthronung. Mit bes. Hinsicht a/d. Schicksal der ausländ. Truppen & der deutschen Kolonisten. Quedlinburg, 1835. 2 Bde.
- ——— Brasilien's Krieg. & Revolutionsgeschichte seit dem Jahre 1825 bis auf unsere Zeit. Leipzig, 1837.
- SEILER, Dr. Albert. Nachruf der Verwandten an ihren Onkel Albert Barth aus Rio de Janeiro, 1840-1906. Zürich, 1906.
- SEITZ, Prof. Dr. Das Fliegen der Fische. Spengel-Giessen: "Zoolog. Jahrbücher". V. Fischer-Iena.

- SELER, Ed. Das Konjugationssystem der Maya-Sprachen. Leipzig. 1887. 51 Seiten.
K. W. Hiersemann. Leipzig.
- SELFRIDGE. Bericht von den Madeira-Fällen. (Brasilien.) *Petermann's Mittlg.* Gotha, 1888. Seite 188.
- SELLIN, A. W. Das Kaiserreich Brasilien. G. Freytag, Leipzig & F. Tempsky, Prag, 1885.
- — — Die deutschen Kolonien i/d. Provinz Rio Gr. do Sul. Berlin, 1881.
- — — Die Notwendigkeit eines Auswanderungs-Gesetzes. "Export". N. 8. Berlin, 1891.
- — — Deutschland & Brasilien. "Deutsche Kolonialzeitung". N. 34. 1892.
- — — "Ratschläge für Auswanderer nach Brasilien".
- — — Die ältesten Berichte über Südbrasilien in deutscher Sprache. Deutsche Erde." Heft 3/4. Gotha, 1902.
- SEMLER, Heinrich. Die tropische Agrikultur. Ein Handbuch für Pflanzen & Kaufleute. II. Auflage.
- SENCKENBERGISCHE naturforschende Gesellschaft in Frankfurt a/M. Wissenschaftl. Veröffentlichungen: 1826-1897. Frankfurt a/M.
1. Boettger, O. Ueber eine neue Eidechse aus Brasilien. 1875/76. Seite 140-143.
 2. Boettger, O. Zweite Liste von Reptilien & Batrachiern a/d. Provinz São Paulo. 1880/81. S. 130-133.
 3. Kinkelin, Fr. Ueber zwei südamerikan. diluviale Rezentiere. 1883/84. S. 156-164.
 4. Boettger, O. Beitrag zur Reptilfauna des oberen (Rio) Beni in Bolivia. 1887/88. S. 191-199.
 5. Engelhardt, H. Ueber neue Tertiärpflanzen Südamerikas. Mit 9 Tafeln. Bd. XIX. 1896. Seite 1-47.
- SEPP, A. & A. Böhm. Neu vermehrte Reiss-Beschreibung, wie selbe aus Hispanien in Paraquariam kommen. Passau, 1697.
- A. Pater S. J. Briefe des Pater Anton Sepp über seine Tätigkeit & Reisen in den Heidenmissionen in Paraquaria Ingolstadt, 1710.
- SEYBOLD, Prof. Dr. Chr. Fr. Breve noticia de la lengua Guarani 1891. XII. 81 Seiten. Stuttgart.
- — — Arte de la lengua Guarani. 1892. XIV & 330 Seiten. 8°. Stuttgart.
- — — Vocabulario de la lengua Guarani. 1893. XI & 545 Seiten. 8°. Stuttgart.
- SIEBENTER Bericht der Direction des Kolonisten-Vereins von 1849 in Hamburg. Sept. 1858. v. Dr. v. Rundt & Wichers. Hamburg.
- SIEMIRADZKI, I. von. Geologische Reisebeobachtungen in Südbrasilien. 17 Seiten mit 11 Fig. & 1 Taf. Wien, 1898. C. Gerold, Sohn.
- SIEVERS, W. Bericht vom Rio Branco. Amazonas. "Zeitschr. d. Ges. f. Erdkunde" zu Berlin, 1887. S. 1 T. 1.
- — — Amerika. Bibliograph. Institut. Leipzig & Wien.
- — — Auszug aus "Memorias do Museo Paraense". Zwischen Ocean & Guamá. v. Dr. K. v. Kraatz-Koschlau & Dr. I. Huber. Pará. 1900. *Petermann's Mittlg.* Gotha, 1902. Litteratur-Bericht. S. 76-77.
- — — Südamerika & die deutschen Interessen. Stuttgart, 1903.
- — — Süd- & Mittel-Amerika. II. Auflage. Wien & Leipzig, 1903. Bibliogr. Institut.
- SILVEIRA, I. Lobo da. Skizze von Brasilien. Stockholm, 1809.
- SKIZZEN aus einem Tagebuch, welche (ohne Verfasser-Angabe) an Bord d. K.

- K. Korvette "Karoline" auf einer Reise nach Brasilien: 1857 & 1858 gemacht wurden. Mit 1 Karte. Laibach (Krain), 1858.
- SOETBEER, Adolf. Ueber Hamburgs Handel. (s. Brasilien). Hamburg, 1840. I.
 ———— Statistik des Hamburgischen Handels v. 1839/41. II. Hamburg, 1842.
 Das Gleiche v. 1842/44. III. Hamburg. 1846.
 ———— Edelmetall-Produktion. *Petermann's Geogr. Mitt.* 57. *Ergänzungsheft.* Gotha.
- SOLIÓZ, Victor, Ingr. Photogr. Aufnahmen während seinen technischen Vermessungsarbeiten: 1898/99 in S. Catharina. Katalog Artur Koppel, Berlin.
- SOYAUX, Hermann. Bericht über seine Reisen in Südbrasilien. "Deutsche Kolonial-Zeitung". 1886/87.
- SOIR-BERGHAUS. Handatlas über alle Teile der Erde. Karl Flemming, Glogau, 1902.
- SOZIALE Verhältnisse & die Kolonisation in Brasilien. "Magazin für Litteratur d. Auslandes". N. 50. 1861.
- SPENGLER, Prof. Dr. I. W. Giessen. (Redact. der "Zoolog. Jahrbücher". Verlag v. Gustav Fischer, Iena, 1883-1908).
 Ueber Schizocardium Brasiliense, grosser Balanoglossus aus der Bai von Rio de Janeiro. 1893. (Monogr. der Enterop.) Berlin, R. Friedländer & Sohn.
- SPIX, Dr. Jch. Bapt. von. Geb. 9. Febr. 1781 in Höchstädt a. d. Aisch. † 15. Mai 1826 in München.
 Brasilien in seiner Entwicklung seit der Entdeckung bis auf unsere Zeit. Eine Rede zur Feier des Maximilian-Tages. München, 1821. bei Michael Lindauer. 4°.
 ———— Die Entwicklung Brasiliens. München, 1822. M. Lindauer.
 ———— Reise in Brasilien. Für die reisende Jugend bearbeitet & mit Wörter-Erklärungen versehen von Dr. Jos. von Hefner. Augsburg. G. Jaquet. 1846. 2 Bände, mit Tafeln.
 ———— 1. Avium species novae. I & II. 2. Animalia nova sive species novae testudium et ranarum.
 ———— 3. Simiarum et vespertilionum brasil. spec. nov. 4. Lacertae. 5. Delectus animal artic. etc.
 ———— & Dr. C. F. Ph. von Martius: Reise in Brasilien, auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Jos. I Königs v. Bayern, in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht & beschrieben. u. s. w. München, 1823-31. M. Lindauer. 3 Bände. 4° Mit 1 Atlas in-fol.
 ———— & Agassiz, Louis. Pisces brasiliensis. Die lateinischen Werke von Dr. I. B. von Spix sind auch im Katalog von A. L. Garraux, Paris, 1898, enthalten.
 ———— Wagner, Prof. Serpentes brasilienses.
- SPRACHE der Chavantes, von der. 70 Worte in (E. Pohl's) I. E. Pohl's "Reise im Innern von Brasilien".
 ———— brasilianische. Platzmann, Julius. Der Sprachstoff der brasilian. Grammatik des Luis Figueira, nach der Ausgabe von 1867. 8°. 247 Seiten. Leipzig, 1899. Verlag von G. B. Teubner.
 ———— brasilianische. Eckart, A. Specimen linguae Brasilicae vulgaris. Cur I. Platzmann. 19 Seiten. Leipzig, 1890. G. B. Teubner.
 ———— "Bacairi", Die. Karl von den Steinen. Die Bakairi-Sprache. Wörter-Verzeichnis. Sätze. Sagen. Grammatik. 403 Seiten. 8. mit 1 Bild. Leipzig, 1892. Köhler's Antiq.

SPRACHEN in Brasilien. Siehe sprachliche Erklärungen & linguistische Werke von:

Dr. Paul *Ehrenreich*, Berlin.

L. W. von *Eschwege*.

Dr. E. A. *Goëldi*, Pará.

Dr. Th. *Koch*. Grünewald, Berlin.

Dr. C. F. Ph. von *Martius*, München.

Dr. Julius *Platzmann*, Leipzig.

Prof. Dr. Chr. Fr. *Seybold*, Tübingen.

Prof. Dr. Karl von den *Steinen*, München.

I. K. H. Prinzessin *Therese* von Bayern.

Maximilian, Prinz zu *Wied-Neuwied*, Wien. u. s. w.

SPRACHPROBEN der Cayapós in der Aldeya S. José Mossamedes. Siehe: I. F. Pohl's "Reise im Innern von Brasilien".

— der Coroatos, Córópós & Púris. Siehe: W. L. von Eschwege "Journal von Brasilien".

— der i/d. Reisebericht erwähnten Urvölker von Brasilien. Siehe: Max. Prinz zu Wied-Neuwied "Reise nach Brasilien".

— aus Paraguay. Von M. Dobrizhoffer. Siehe: C. G. v. Murr's "Journal zur Kunstgeschichte". IX. 1780. 96 S.

* SPRENGEL, M. C. Geschichte der Europäer in beiden Indien, mit den neuesten Nachrichten über Brasilien. Uebersetz. nach Abbé Raynal. Leipzig, 1782.

— — — — Briefe über Portugal nebst einem Anhang über Brasilien Uebersetz. nach Ph. Stephen's. Leipzig, 1782.

STADEN, Hans. von Homburg aus Hessen. "Wahrhaftige Historie und Beschreibung eyner Landtschaft der wilden, nacketen grimigen Menschenfresser Leuthen, in der newen Welt America gelegen, vor und nach Christi Geburt im Lande zu Hessen unbekannt bis auf die newest vergangene Jar, da sie Hans Staden von Homburg aus Hessen durch seine eygene Erfahrung erkannt und ytzo durch den Truck an Tag gibt". Marburg, 1557. in-4°. Auch: Antwerpen, 1563. Und bei "De Bry": America Buch. III.

* — de Homburg. Hanf. Französ. Ausgabe: "Véritable histoire, etc. Marbourg, chez André Kolben, 1557. 8°. 335 pages.

STÄTTEBILDER aus den brasilianischen Tropen. Feuilleton Serie in der "Volksischen Zeitung", 1903. Von Ernst v. Hesse-Wartegg.

STÄHELIN, A. Sommer & Winter in Südamerika. 8°. 235 Seiten. Basel, 1885. Schwabe.

* STATISTISCHER AUSZUG & verschiedene Nachweise in Bezug auf Hamburg; u. s. w. i/d. Jahren 1895, 1897 & 1899. Hamburg.

* STATISTIK: Statist. Jahrbuch für das Deutsche Reich. Herausg. v. Kaiserl. Statist. Amt. Berlin, 24. Jahrg. 1903. 25. Jahrg. 1904.

— des Deutschen Reiches. Auswärtiger Handel des deutschen Zollgebietes nach Herkunfts & Bestimmungsländern im Jahre 1880/1896. Berlin, 1898.

* STATUTEN der Deutsch-Brasilianischen Bank. Rio de Janeiro. Typ. Nac. 1873. 8°.

— des Deutschen Clubs "Germania" in Bahia, gestiftet am 13. April 1873. Bahia, Imprensa Economica, 1879. 8°.

STAUDINGER, Prof. 1. Exotische Schmetterlinge. 2. Staudinger's Atlas. 3. Exotische Tag-Schmetterlinge.

STEGE, Dr. Adolf. Brasilien für deutsche & schweizer-Auswanderer. Lichtensteig, 1857.

STEINDACHNER, Dr. Franz. Die süßwasserfische des südöstlichen Brasilien. Wien.

- Hof- & Staatsdruckerei, 1874-1877. 4 Teile, in-8°. Mit Abbildg. Aus d. "Sitz.-Ber. der K. K. Akademie der Wissenschaften". Wien.
- STEINDACHNER, Dr. Franz. Ichthyologische Beiträge IV. 1875. Wien. Seit 59 & ff.
- ——— Ueber zwei neue Eidechsen aus Südamerika & Borneo. Wien, aus d. K. K. Hof- & Staatsdruck. 1877. in-fol. mit Abbildg.
- ——— Ichthyologische Notizen. IX. 1864-1870. Beiträge zur Kenntnis der Flussfische Südamerikas. Wien, 1-IV. 1879-1882. mit Tafeln.
- ——— Die Gymnotidae d. K. K. Hofnaturalien-Kabinetts zu Wien. "Sitzungsber. d. k. k. Akad. d. Wissensch." LVIII.
- ——— Herpetologische & Ichthyologische Ergebnisse einer Reise nach Südamerika. Mit einer Einleitung von I. K. H. Therese, Prinzessin von Bayern. Mit 5 Tafeln & 2 Textfiguren. Besonders abgedruckt aus dem LXXII. Bande der "Denkschriften der Mathemat.-Naturwissensch. Classe der K. K. Akademie der Wissenschaften". Wien, 1902.
- STEINEN, Prof. Dr. Karl von den. Geboren 7. März 1855 in Mülheim a/d. Ruhr.
- ——— *Durch Zentral-Brasilien*. Leipzig, 1886. Verlag F. A. Brockhaus.
- ——— *Zweite Xingú-Expedition*, 1887-1888. Die Bakairi-Sprache. Leipzig, 1892.
- ——— *Ethnographische Berichte aus Brasilien*. "Globus". Band 67. Seite 248/249. Braunschweig.
- ——— *Bericht vom Rio Kuluéne (Xingú)*, Ronuro, Kuliseu, "Verhdlg. der Gesellsch. für Erdkunde" zu Berlin. Seite 369. Sitzungsbericht d. K. Preuss. Akad. d. Wissenschaften". Berlin, 1888. Seite 10, 37.
- ——— *Unter den Naturvölkern Zentralbrasiliens*. Berlin, 1894. 2^{te} Aufl. 1897. D. Reimer's Verlag.
- ——— *Die Indianer am Urubamba & Envira*. Südamerika. Mit Abbildungen. "Globus". Band 83. Braunschweig, 1903. Fr. Vieweg & Sohn.
- ——— *Anthropomorphe Todten-Urne von Maracá*. "Verhdlg. d. Berlin. Anthropol. Gesellsch." Berlin, 26. Okt. 1901. Seite 387-389. Taf. IX.
- STEINMANN. Beiträge zur Geologie & Paläontologie von Süd-Amerika. Stuttgart, 1892.
- STEPHEN'S, Ph. Briefe über Portugal, nebst Anhang über Brasilien-Deutsch von M. C. Sprengel. Leipzig, 1782.
- STIELER'S Handatlas. Neueste Ausgabe. 100 Karten in Kupferstich. 50 Lfg. Gotha, Justus Perthes. 1906.
- STOKOIS. Über vergleich. Rassen-Pathol. & die Widerstandsfähigkeit des Europäers in den Tropen, Leipzig, 1908.
- STOLL, Prof. Naturlijke Afbeeldingen en Beschrijvingen der Spoken, wandelnde, Bladen, Zabel-Springhanen, etc. (siehe Abh. bez. Brasilien. Auch betr. Cicaden, etc.). Leipzig, 1904.
- STOLZE, Dr. Ad. Gedanken eines Hinterwäldlers Brasiliens. Leer, 1895. C. Mayer's Verlag.
- STRAUCH, I. C. Südbrasilien & seine deutschen Kolonien. 8° mit Karten. Frankfurt a/M., 1858.
- STRICKER, W. Die Deutschen in Spanien & Portugal & den span. & portug. Ländern von Amerika. Leipzig. 1850.
- STREUDER, G. La Plata-Klänge. Humoristisches & Satyrisches aus Südamerika. II. Der Campo. Antwerpen. 1889. 184 Seiten.
- STÜBEL, A. Bericht vom Berg-See Cocha. "Globus". Band 16. Seite 361. Braunschweig. Fr. Vieweg.

- STÜBEL, A. Bericht vom Rio Napo. "Zeitschr. d. gesammten Naturwissenschaften". 1853. Band 8. Seite 491.
- Bericht vom Rio Pastassa. "Zeitschr. d. gesammten Naturwissenschaften". Neue Folge. 8. 1873. Seite 498.
- Bericht vom Tunguragua. "Zeitschr. d. gesammten Naturwissenschaften". Band 8. 1873. Seite 497.
- Bericht vom Serro Hermoso. "Zeitschr. d. Deutsch-geolog. Gesellschaft". Band 27. 1875. Seite 287.
- Bericht vom Patascoy. "Globus". Band 16. Seite 361. Braunschweig, Fr. Vieweg.
- Bericht vom Illimani. *Petermann's geogr. Mittlg.* Gotha, 1887. Seite 44.
- Lepidopteren, gesammelt auf einer Reise durch Columbia, Ecuador, Perú, Bolivia, Brasilien & Argentinien: 1868-1877. Bearbeitet v. Weymer & P. Maassen. Mit 9 color. Tafeln. Berlin, 1890.
- W. Reiss & B. Koppel. Kultur & Industrie südamerikan. Völker. Nach dem im Besitze des Museums für Völkerkunde zu Leipzig befindl. Sammlungen. Text & Beschreibg. d. Tafeln von Max Uhle. 2 Bände mit 55 Tafeln chromolit. Berlin, 1889. In 2 Mappen.
- * STÜCKELECK, E. A. Basel. Literarische Besprechung i/d. "Neuen Zürcher Zeitung". N. 204. Vom 24. Juli 1904: Julius Meili's. Band II. "Das Papiergeld in Brasilien". (Zürich, 1903, bei Jean Frey gedruckt).
- * STURZ, Joh. Jakob. Ideen zu einem Vereine zum Schutz & zur Unterstützung deutscher Einwanderer in Südbrasilien. Als Manusk. gedr. v. I. D. Sturz. 1845.
- I. I. Brasilianische Zustände & Aussichten im Jahre 1861. Berlin, 1862.
- Offener Brief an die in der Prov. Rio Gr. do Sul ansässigen Deutschen. Berlin, 1867. 8°.
- Die deutsche Auswandg. & die Verschleppung deutscher Auswanderer. Berlin, 1868. F. Kortkamp. Verlag.
- Neue Beiträge über Brasilien & die La Plata-Länder. Berlin, 1865. 8°. Siehe auch die Gegenschrift, ohne Autor Angabe: Rudolstadt, 1868. 8°. "Charakteristik der Wirksamkeit des Herrn Sturz i/d. Deutschen Auswanderung!".
- STUTZER, G. Das Itajahy-Thal & das Municipium Blumenau in Südbrasilien. 2^{te} Auflage, 144 S. m. Karte. Goslar, 1891. Koch. (Die erste Auflage erschien in Goslar, 1887).
- STYSINSKI, Bruno. Die Entdeckung & der Entdecker Brasiliens. Jubiläumsschrift. 96 Seiten 8°. São Leopoldo, bei Wilh. Rotermond. 1900. Mit einem Bild von Pedro Alvares Cabral.
- SÜDAMERIKA. Auswanderungs-Bedingungen. Hamburg-Südamerika. D. G. in Verbindung mit der H. A. D. G. Hamburg, 1908.
- "SÜDAMERIKANISCHE Rundschau". Hamburg, 1893-1895. (Siehe "Rundschau, süd-amerik.").
- Ueberlandbahnen. "Norddeutsche Allgemeine Zeitung". Berlin, 1895.
- I. Die pacifische Ueberlandbahn.
- II. Die intercontinentale Eisenbahn.
- III. Die interozeanische Bahn.
- Siehe auch: "Das Echo". Berlin, 5. Dez. 1895. XIV. Jahrg. N. 692, Seite 1743-1745. Verlag v. J. H. Schorer. G. m. b. H. Red. Hugo Herold. Berlin.
- SÜSS, Das Antlitz der Erde. Band I. Seite 660-693 Geolog.-tekton. Kenntniss des Anden-Gebirges.

- SUNDERMANN. Die Produktionsbedingungen für den Ackerbau, speziell in Süd-Brasilien. "Monatsschr. des Deutsch-brasil. Vereins". N. 8. Berlin, 1901.
- SWARTZ, Prof. Olof. *Lichenes americani*, u. s. w. Norimbergae. Sturm. (o. d.) 8°. 25 Seiten, 18 Tafeln.
- ——— Termiten. (s. Brasil.) Hagen's Monographie der Termiten. "Linn. Entomolog." Bd. X. Seite 96.
- TAGBLATT der Stadt Zürich & städtisches Amtsblatt". Zürich, 14. Januar 1907, N. 11: Beschluss d. Schweizer-Bundesrathes, betr. Die *Albert Barth-Stiftung*. (Albert Barth, Rio de Janeiro, 1840-1906).
- "TAGES-ANZEIGER für Stadt & Kanton Zürich: Zur Auswanderungsfrage. (Nach Brasilien). N. 140. Vom 17. VI. 1905. Briefkasten. N. 6563.
- ——— für Stadt & Kanton Zürich": Zur Auswanderungsfrage. (Nach Argentinien). N. 226. Vom 26. Septbr. 1907.
- TANERA, Karl. Aus drei Weltteilen. 1899.
- ——— Der Caboclo. Brasilianische Reiseskizze. "Die Woche". N. 32. Berlin, 1901/1902. Seite 1515-1517.
- ——— Heinz, der Brasilianer. Mit 8 Bildern. 224 Seiten. Leipzig, 1904. Ferd. Hirt & Sohn.
- TANNER, Max. von St. Gallen. † in Amapá (Macapá). Brasil Guyana. Reisebegleiter v. Dr. E. A. Goeldi-Expedition nach Brasil. Guyana. Siehe Tanner's Bild in "Naturforscherfahrt". Zollikofer'sche Buchdr. S. Gallen, 1898/99.
- ——— Mathias. Missionsberichte. Prag, 1675.
- ——— R. P. S. J. *Usque ad sanguinis et vitae profusionem militans, etc.*, Pragae, typis universitatis Carolo Ferdinandae. 1675. Mit Abbildg. Bericht über den Tod der in Brasilien gemärterten fünf Missionare.
- TASCHENFERG, Prof. Dr. E. L. Entomolog. Teil in Brehm's Tierleben (s. Brasilien.) & Praktisches Insektenbuch. I & II.
- TASCHENBIBLIOTHEK der Reise-Zeit- & Lebensbilder. No VI. Brasilien. 3 Lfg. Rudolstadt, 1854-55.
- TAUBERT, Dr. P. Beiträge zur Kenntnis der Flora des Centralbrasilian. Staates Goyaz. Mit 1 pflanzegeogr. Skizze von Dr. E. Ule "Botanische Jahrbücher. von Engler. Berlin. Bd. 21. Seite 402-457. T. 2, 3.
- * ——— & Dr. Lutz. Wissenschaftliche Beiträge in der "Revista do Museo Paulista", S. Paulo, 1895-1896. (Siehe: A civilização prehistorica do Brasil meridional. 130 Seiten).
- * TAUNAY, Visconde de. Verfasser des Werkes "Innocencia". Deutsche Uebersetzung von. . ., Leipzig, 1894.
- TERNAUX-COMPANS Katalog: Bibliothèque américaine ou Catalogue relat. à l'Amérique. Paris, 1837. (Auch deutsche Werke bezügl. Brasilien).
- TESCHLAUER, P. C. a/d. G. I. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Brasilien. Veröffentlichungen im "Anthropos", Verlag Firma Zaurritz i. Salzburg, 1906-1907-1903. Herausg. P. W. Schmidt. S. V. D. in S. Gabriel. Mödling. bei Wien.
1. Mythen & alte Volkssagen aus Brasilien. 2. Unter den Coroados-Indianern. 3. Die im Museum des Collegs São Leopoldo befindlichen prähistorischen Indianerfunde aus Rio Gr. do Sul.
- THEODOR's Briefe & Ego-Heft. Rio de Janeiro, 1832-1834. Hamburg, 1839.
- THERESE, Prinzessin, von Bayern. I. K. H. MÜNCHEN: *Meine Reise in den brasilianischen Tropen*. Mit 2 Tafeln, 4 Tafeln, 18 Vollbildern, 60 Textabbildg. Prachtwerk aus dem Verlage D. Reimer (Ernst Vohsen)

- Berlin, 1897. (Mit Personen & Sach-Register & reichem Verzeichniss deutsch-brasilianischer Litteratur).
- THERESE, Prinzessin, von Bayern. I. K. H. *Bericht über eine Reise nach Südamerika*. 1898. "Jahresbericht der Geographischen Gesellschaft". München, 1898/99. 36 Seiten & 2 Abbildungen.
- *Zehn naturwissenschaftliche Abhandlungen zoolog. & botanisch. Resultate einer zweiten Reise nach Süd-Amerika: speziell Columbien & Ecuador*.
- III. *Lepidopteren*. "Berliner Entomolog. Zeitschr." Band 46. 1901. S. 235-308. S. Brasil. Seite 271-301.
- V. *Dipteren*. "Berliner Entomolog. Zeitschr." Band 47. 1902. S. 243-278. S. Brasil. Seite 251. 267.
- TIETZ, F. Brasilianische Zustände. Nach gesandtschaftl. Berichten bis zum Jahre 1837. Berlin, 1839. 8°.
- * TIMAEUS, I. I. C. Thomas Day. Das Leben eines der edelsten Männer unseres Jahrhunderts. Mit dem Gedicht: "Der sterbende Neger". Aus d. Englischen übersetzt; nebst einem Fragment über den Sklavenhandel nach Amerika. Leipzig, 1798.
- TOEGEL, Major a/D. Das Heerwesen Brasiliens. "Jahrbücher f. d. deutsche Armee & Marine". Bd. 106. Heft 1. 1898.
- TOELSNER, C. A. Die Kolonie Leopoldina in Brasilien, etc. Monographie. Göttingen, 1858. 2^{te}. Auflage, 1860.
- TOEPPEN, H. Hundert Tage in Faraguay. "Mitteilg. der Geogr. Gesellsch." zu Hamburg, 1884.
- TODD, Kapitän z. D. Die Reise des amerikanischen Kanonenbootes "Wilmington" auf dem Amazonenstrom. Autoris. Uebersetzung im III. Jahrg. Beiträge zur Kol. Polit. & Kol. Wirt. Berlin, 1901.
- TRACHSLER, H. Reisen, Schicksale & tragikomische Abenteuer eines Schweizers während seines Aufenthaltes in Rio de Janeiro, Ilha Santa Catharina, Armagão, Montevideo, Buenos Ayres, etc. in den Jahren 1823 bis 1835. Mit 3 Kupfer- taf. Zürich, 1839. 775 Seiten.
- * TRACHTEN & Typen aus Brasilien. 12 Original-Aquarelle. Kl. in-4°. Mit je 1 oder mehreren Figuren. (Nach F. Post?).
- TSCHUDI, Johann. Jakob von. (Aus dem Kanton Glarus, Schweiz, gebürtig).
- Ueber Bananen. "Wiener Medizinische Zeitschrift". Wien, 1852.
- Zur Geschichte der Missionen in Süd-Amerika, "Wiener Kirchenzeitung". Wien, 1852.
- Beschreibung von Minas Geraes. (Brasilien.). *Petermann's Geogr. Mittlg. Gotha. Ergänzungsband I.* (1860) & III. (1862).
- Beobachtungen über Irrlichter. "Sitzungsbericht" der K. K. Akademie der Wissenschaften. Band XXIX. N. 9. Wien. 1858.
- Berichte über die Verhältnisse in einigen brasilianischen Kolonien: 1858. "Allgem. Zeitung." Wien, 1858.
- Kurze Mitteilungen über die zweite Reise nach Südamerika. "Sitzungsbericht" d. K. K. Akademie der Wissenschaften. Wien, 1859.
- Wild & Jagd in Brasilien. "Deutsche Jagd-Zeitung". 1859.
- & G. F. Halfeldt:
Die brasilianische Provinz Minas Geraes. *Petermann's Geogr. Mitteilungen. Ergänzungsheft N. 9.* Mit Original-Karte gezeichnet von Friedrich Wagner. Separatausgabe. 1862.

- TSCHUDI, Johann. Jakob von. Reisen durch Süd-Amerika. I-V. Verlag von F. A. Brockhaus. Leipzig. 1866-1869. 5 Bände. 8°. Mit. Abbildg. & Karten.
- URBER Brasilien. Nebst Beobachtungen der Gelb-Fieber-Epidemie in den Jahren 1849-1852. Hamburg, 1852.
- schweizerische Auswanderung. Bericht der Consular-Agenten in Europa, Nord-Afrika & beiden Amerika. Glarus, I. Vogel. 1845. 8°. (Siehe auch Schweizer. Bundesblatt.
- ULE, Dr. Ernst. (Forschungs-Reisen am Rio Juruá (Amazonas) vom August bis Dezember 1900).
Erster Bericht über den Verlauf der Kautschuk-Expedition bis zum Beginn des Jahres 1901. "Notizblatt des K. botan. Gartens & Museums" zu Berlin. N. 26. Band III. Vom 5. Juli 1901. Seite 111-118.
- — Ameisengärten im Amazonas-Gebiet. Jahrbücher für Systematik, Pflanzen-Geschichte & Pflanzen-Geographie". Von A. Engler. Leipzig; 1901. Band XXX. Seite 44-52.
- — Botanische Abhandlung über "Tillandsia". "Botanische Jahrbücher" von A. Engler. Leipzig, 1901. Band XXX. Beiblatt. N. 68. Seite 45.
- ULLOA, A. Physik. & Histor. Nachrichten von süd & nordöstlich Amerika. Aus dem Spanischen v. I. A. Dietze. Mit Zusätzen. 2 Bände. Leipzig, 1781.
- ULRICH, A. Palaerische Versteinerungen aus Bolivien. 1. Teil von Steinmann's Beiträge zur Geologie & Palaentologie von Südamerika. Stuttgart, 1892. Seite 90-93.
- * ULLRICH, C. O. Siehe: Ratschläge für Auswanderer nach Südbrasilien.
- UNTERSCHIEDLICHE Sprache in Brasilien. Die allgemeine brasilische Sprache. Brasilische Neu-oder Nahm-Wörter. Brasilische Zeit oder Thu-Wörter. Aus dem Werke von AIN. Montanus. Wiedergabe durch Olivier Dapper. 412 Seiten. Amsterdam, 1673.
- URTEIL des Bundesrates der schweizer. Eidgenossenschaft über den franco-brasilian. Grenzstreit. Beilagen: 5 Karten, 3 Tabellen (mit Anhang, enthaltend die Kap. A I & II, D & E & d. T., Sentence du Conseil fédéral)... (Bern.) 1900.
- VALLNSTEIN, Dr. W. Das argentinische Chubut-Territorium. 1907.
- * VARNHAGEN, Franz-Adolf von. (Aus Hessen stammend.) Verfasser der: Historia geral do Brazil, Rio de Janeiro, 1854.
Des "Florilegio", Rio, 1851/53. Der "A Caça no Brazil", Rio, 1860. Ferner von: "Examen de q. p. de l'hist. géogr. du Brésil". Bulletin de la Soc. de Geogr. de Paris. 4 S. T. XV. 1858. Paris.
"L'origine touranienne des americains Tupis", etc. Vienne, Faesy et Frik. 1867. XII. 158 p. 8°.
"Le premier voyage de Amerigo Vespucci", etc. Vienne, impr. Chs. Gerold. 1869. 2 volumes.
- VEIGL, F. X. Nachrichten über Verfassung der Landschaft von Maynas in Südamerika bis 1768 mit Eckarts Zusätzen. Nürnberg, 1798. 614 Seiten, mit Karte & 2 Kupfern.
- * VEREIN zur Unterstützung der in den südlichen Provinzen Brasilien einwandernden Deutschen. Berlin, Verlag v. Unger. o. D.
- * VERHÄLTNISSE, die sozialen. & die Colonisation in Brasilien. "Mag. f. Literatur des Auslandes". 1861. Berlin.
- * VERHANDLUNGEN der Gesellschaft Deutscher Naturforscher & Aerzte". Berlin, 1890. Bd. II. (siehe Abh. Brasilien).

- VERSEN, Max von. Reisen in Amerika u. der südamerikanische Krieg. Breslau, Max Mälzer, 1872. IV. 220 S. 3 Karten:
1. Karte z. Belagerung von Humaytá. Breslau, 1872.
 2. Stellung am Tebicuari, Stellung auf den Lomas am Pikisyry. Breslau, 1872.
 3. Uebersichtskarte des Kriegsschauplatzes. Breslau, 1872.
- VERZEICHNISS von Worten der Nakhnemuk-Botocuden. Siehe: I. I. v. Tschudi's "Reisen durch Südamerika." Bd. II. S. 288. Leipzig. 1866-69. F. A. Brockhaus.
- *— der Erzbischöfe & Bischöfe Brasiliens. Anhangbogen für Brasilien. "Regensburger Marienkalender". 1898. Fr. Pustet.
- *— der Gesandtschaften, General-Konsulate, Konsulate & Vize-Konsulate des Deutschen Reiches. Statistisches Amt. Berlin.
- der Grundbesitzer in der Colonie Dona Francisca. 1857. Nebst Karte der Colonie. Hamburg, 1858.
- VESPUCCI, Amerigo. Von der new gefuonde Region die wol ein welt genennt mag werden, Durch den Christlichen König von Portugall wunderbarlich erfunden. 1505. Gedruckt yn Nuremberg durch Wolfgang Hueber. Kl. in-4°. (Facsimile-Reproduction).
- — — — — "De ora Antarctica per Regem Portugalliae pridem inventa". "Argentinae, 1505". Deutsche Uebersetzung, 1506. in-4°.
- VIERTHE Schiffardt. Warhafftige Historien einer Wunderbaren Schiffart welche Ulrich Schmidel von Straubing von Anno 1534 bis anno 1554 in Americam oder Neuwewelt bey Brasilia und Rio della Plata gethan... Durch Levinum Hulsium. Editio tertia. Frankfurt am Mayn, bey Erasmo Kempffern, In Verlegung Lenini Hulsii Wittibe, 1612. 4" mit T. & K.
- VOGEL, Prof. Dr. Peter. (Prof. d. Astronomie der Militär-Akad. München). Reisen in Matto Grosso, 1887-1888. Zweite Xingü-Expedition; Zeitschrift der Ges. f. Erdkunde zu Berlin, 1893. Bd. XXVIII. Anhang.
- VOGT, P. a. d. G. d. G. W. in Posadas, Territorio Misiones: Argentinien Indianer aus der Steinzeit am Ober-Paraná. "Anthropos". 1906-1908. Salzburg. Verlag Zauritz.
- VOLKS-KALENDER, Santa Catharinaer. vom Jahre 1864.
- *VOLZ, Prof. Dr. Berth. (Breslau) & Dr. H. A. Daniel. (Halle a/d. S.) HANDBUCH DER GEOGRAPHIE. Siehe: ABRISS BRASILIEN 2^{te}. Auflage. Leipzig, 1866.
- WAGLER, Prof. Dr. Monographia Psittacorum (Brasil.) "Abh. d. math. phys. Kl. d. Ak. d. Wissensch.". I. 1832. München. (Siehe auch Wagler's System der Amphibien; System Avium I., Descr. & Icones Amphibiarum) München, 1832-40.
- WAGNER, Dr. Andreas I. Beiträge zur Kenntnis der warmblütigen Wirbeltiere America's. München. 1831.
- — — — — Berichte über die Leistungen in der Naturgeschichte der Säugetiere. München, 1844.
- — — — — Beiträge zur Kenntnis der Säugetiere Brasiliens. Abh. K. Bair. Ak. Wissensch." V. München, 1845.
- — — — — Mesomys e candatus. (Brasil. Abh.) "Archiv f. Naturgesch." Seite 145. München, 1845. Auch in Abbdlg. der K. B. Akad. d. Wissensch. Seite 293. München, 1847.
- — — — — Diagnose neuer Arten brasilian. Säugetiere. Wiegmann: "Archiv. für Naturgesch". VIII. 1. München, 1846.
- — — — — Die Säugetiere (Brasil.) in Abbdlg. nach der Natur, mit Beschreibg.

- von Dr. I. C. D. von Schreber. München: 1775-1855. Fortges. von Dr. I. A. Wagner.
- WAGNER, Dr. Andreas I. Collabor. Mamíferos brasileiros. München, 1847-1848.
- * — Friedrich († 1861 in Ouro Preto). Berühmter Kartograph & Zeichner. Mitarbeiter der General-Karte des Rio São Francisco, in 30 Blätter. Rio, 1860. Original-Karte von Minas Gerães. Gotha, 1862.
- Moritz. Naturwissenschaftl. Reisen im tropischen Amerika. (o. O. D. ?).
- WALLACE, Alfred Russell. Die geographische Verbreitung der Tiere. I. & II. (Siehe: Amazonas, Brasilien.) 1882.
- WAPPÄUS, Dr. I. E. Geboren 17. Mai 1812 in Hamburg. † 16. Dezbr. 1879 in Göttingen. Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer. I. Theil. Göttingen, 1842.
- — — — — Deutsche Auswanderung & Kolonisation. Leipzig, 1846-1848. 2 Teile.
- — — — — Abhandlungen bezügl. brasilian. Verhältnisse. Götting. Gelehrte Anzeigen. 1844-1848.
- — — — — Die Republik Paraguay, geographisch & statistisch dargestellt. Leipzig, 1867.
- — — — — *Handbuch der Geographie & Statistik des Kaiserreichs Brasilien.* Leipzig, 1871. I. C. Hiwuch's Verlag. Druck von Ackermann & Glaser, Leipzig. (Die portugiesische Ausgabe dieses berühmten Werkes erschien 1884 in Rio de Janeiro).
- — — — — & O. Delitsch. *Handbuch der Geographie & Statistik von Brasilien, Westindien & Südpolar-Länder.* 7^{te} Auflage. Leipzig, 1871.
- WARBURG, Prof. Berlin. Die Kautschukpflanzen & ihre Kultur. Abhdlg. über den Gummibaum.
- | | | | | |
|--|-----------------------|------------------|-----------|--------------|
| | "Castillea elastica". | "Tropenpflanze". | II. 1898. | Seite 266-67 |
| | " | " | N. 12. | " 372 |
| | " | " | 1898. | " 337 |
- WARMING, Prof. Dr. Kopenhagen. Flora von Lagôa Santa. Kopenhagen. 1883.
- WARHAFTIGE und liebliche Beschreibung etlicher fürnemmer indianischen Landtschafften und Insulen, u. s. w. D. v. Bry. In Officina Theodori de Bry. 1597, in-fol. mit Gravuren. Frankfurt a/M. (Bildet den VII. Teil America-der grossen Reisen-von De Bry, enth. die Reise v. Ulrich Schmidel).
- WARHAFTIGER kurtzer Bericht aller von mir erfarnen Händel und Sitten der Tupin Imbas, etc. (Titel II^{ter} Teils der 2^{ten} Auflage des Buches Hans Staden, die ebenfalls 1557-wie die 1. Auflage-herausgegeben worden sein soll.) Mit einer Vorrede von D. Joh. Dryandri, genannt Eichmann. Gedruckt in Frankfurt am Mayn durch Weygandt. H. in der Schnurgassen zum Krug. 1557, in-4^o.
- WAS GEOEG seinen Landsleuten (aus Südbrasilien) zu erzählen weis. Mit 25 Holzschn. Leipzig, 1863.
- WASMANN, Erich S. J. Kritisches Verzeichnis der myrmekophilen u. termitophilen Arthropoden. Nebst Angabe der Lebensweise & mit Beschreibung neuer Arten. Berlin, 1894. F. L. Dames.
- — — — — Die psychischen Fähigkeiten der Ameisen. "Zoologica". Stuttgart, 1899. Heft 26. 132 Seiten. 3 Abbildungen.
- — — — — Neue Dorylinengäste aus dem neotropischen & äthiopischen Faunengebiet. "Zoolog. Jahrbücher". Bd. 4. Heft 3. Iena, 1900. 74 Seiten & 2 Abbildg. Enthält auch Collect. d. R. P. Heyer & Schmalz aus Rio Gr. do Sul & von Dr. E. A. Goeldi aus dem Orgel-Gebirge (Serra dos Orgãos) im Staate Rio de Janeiro. Brasilien.

- WEBER, Ernst. Vom Ganges zum Amazonenstrom, Bilder aus einer Weltreise. 1902-1903.
- WEECH, I. Friedr. von. Brasiliens gegenwärtiger Zustand, u. s. w. Hamburg, 1828. VIII. & 240 Seiten. Hoffmann & C.^o.
- Reise über England & Portugal nach Brasilien & d. V. S. des Laplata-Stromes: 1823-1827. München, 1831. 3 Bände.
- WEIL, Adolph. Die Jules Fonrobert'sche Sammlung überseeischer Münzen & Medaillen. Ein Beitrag zur Münzgeschichte aussereurop. Länder. Amerika. III. Abt. Südamerika. Berlin, 1878.
- WEISS, Hermann. Ueber das südliche Ende des Gebirgszuges von Brasilien i/d. Provinz São Pedro do Sul & der Banda Oriental oder dem Staate von Montevideo. Nach d. Sammlg. d. H. Fr. Sellow. Gelesen i/d. Akad. d. Wissenschaften am 9. Aug. 1827 & 5. Juni 1828. 4^o Mit Abb. Berlin, 1828.
- WELTAUSSTELLUNG in Wien: 1873. Stenograph. Protokolle des 1. Internat. Kongr. d. Land- & Forstwirte. Die Ansprache des brasilian. Delegirten Dr. I. S. da Gama: "Wälder-Schutz" (Conservação das florestas), Seite 141-145. Wien, 1874. 8^o Verlag von Fäsy & Frick. 1874.
- WELTAUSSTELLUNGS-KATALOG: 1867 von Paris. Abteilung Brasilien. Rio de Janeiro 1867.
- 1876 von Philadelphia. Abteilung Brasilien. Rio de Janeiro, 1876.
- WERTHEIM, A. K. Die Abdankung Dom Pedro's I. (von Brasilien), ihre Ursache & nächste Wirkung. Berlin, 1833. 8^o.
- H.—Die Kolonisation i/d. Provinz Rio Gr. do Sul. Hamburg, 1863. Mit 1 Karte. 8^o. (Nach dem Französischen des I. C. Moré: "Le Brésil en 1852 et sa colonisation future". Genève et Paris, 1852. in-8^o.)
- WERTHEMANN. Reisen in den Anden. "Mittlg. d. Geograph. Ges." zu Hamburg. 1878 1879.
- Bericht vom Rio Tambo & Urubamba. "Verhdg. d. Ges für Erdk." Berlin, 1878 Bd. V. Seite 58.
- " " Rio Ucayali & Rio Tambo. "Mittlg. d. Geogr. Ges." zu Hamburg. 1878-79. Bd. 1.
- " der Hydrograph. Commission Perús. "Zeitschr. d. Ges. für Erdkunde zu Berlin, 1880. Bd. 15. S. 210.
- WESTERMARK, E. "Ueber die Ehelosigkeit bei den wilden & barbarischen Stämmen". Geschichte der menschlichen Ehe. Iena, Costenoble.
- WESTPHALEN'S Thierleben. Bd. II. Brasil. Vögel; von H. v. Ihering. Seite 26 & ff.
- WETTSTEIN, Dr. Phil. Oberleut. a/D. Brasilien und Blumenau. Leipzig. 1907. Fr. Engelmann's Verlag.
- Prof. Dr. Wien & Dr. v. Kerner. Botanische Expedition nach Brasilien. 1900/1901.
- Erster Bericht an die Akademie der Wissenschaften in Wien. 1901.
- Das Resultat der Sammlungen: Herbarien etwa 10.000 Exemplare.
- | | |
|--|---|
| | 300 photogr. Vegetations-Bilder. |
| | Landschaftl. & botanische Aquarellskizzen. |
| | Detailzeichnungen von Blüten, etc. sowie etwa 5.000 Expl. lebende Pflanzen. |
- (Siehe: "Das Echo", Berlin. 23. Janr. 1902. XXI. Jahrg. N. 1.012. Seite 231).
- WIEDEMANN'S Zoolog. Magazin. Brasilian. Fische. part. I. 3. S. 60. v. Liechtenst.
- Aussereuropäische zweiflügelige Insecten. Band I & II. (Siehe Abh. Brasil).

- WIDEMANN, Prof. Dr. Th. Die deutsche Colonie Petropolis in der Provinz Rio Freysing, 1856.
- * WIEDENFELD, Kurt. Verkehr mit Brasilien. (Siehe: Die nordwesteurop. Welthäfen). Berlin, 1903.
- WIEDEBSHEIM, R. Handbuch der vergleich. Anatomie der Wirbeltiere. Iena, 1886. (Seite 218 Abb. Brasil.).
- WIED-NEUWIED, Maximilian, Prinz zu. Reise nach Brasilien: 1815-1817. Frkf. a/M. H. L. Brönnert. 1820-1821 2 Bände, gr. in-4°. Mit 1 Atlas, Taf. & K. Nachträge, Berichtigungen & Zusätze: 1850. Frankf. a/M.
- ——— Bilder zur Naturgeschichte Brasiliens. Weimar, 1823-1831. Industrie-Comptoir. 15 Lfg.
- ——— Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien. 1825-1832. 4 Teile, 5 Bände. 8°. mit Abbdg. Verlag d. Gr. H. S. priv. Landes-Industrie-Comptoir. Weimar.
- WIEGANG, Dr. H. Bremen. Deutsche Kolonisation in Südamerika. Berlin, 1895. (Vortrag).
- ——— Auszug aus den Reiseberichten. Druck von H. O. Perfiel. Hamburg, 1895.
- WIENER, Chr. Die Sambaquis oder Muschelhaufen in Brasilien. "Das Ausland", 1876. Seite 895.
- WIEVIEL Tabak wird gebaut? (Aus "Germania", S. Paulo). "Das Echo", Berlin, 1897. 22. Juli. N. 777. XVI Jahrg.
- WILDA Joh, Amerika-Wanderungen eines Deutschen. 1907.
- WILLICH, Pastor. Die Kolonie Barão do Triumpho. "Monatsschr. d. Deutsch-Brasil. Vereins. N. 4. Berlin, 1902.
- WIRKUNGEN, Die. des Kaffeegenusses. Gemeinfassl. Darstellung vom deutschen Reichsgesundheits-Amt, Berlin, 1904.
- WÖRTER aus der Sprache der Xigriabás. (L. W. von Eschwege: Brasilien, die neue Welt.). Braunschweig, 1827.
- Verzeichnis der Coroatischen Sprache. (L. W. von Eschwege: Brasilien, die neue Welt.). Braunschweig, 1827.
- WOLF's, Forschungs-Ergebnisse. Anden-Vulkane. "Zeitschr. d. Ges. f. Erdk." Berlin, 1891. Seite 551/555 & 1892. Seite 534.
- "ZEITSCHRIFT für Ethnologie". Organ der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie & Urgeschichte. Berlin, 1869-1908. Mit color. Tafeln. Enthält zahlr. Abh. betr. Ethnolog. Brasiliens).
- * ZIETLOW, Ernst. Siehe: "Ratschläge für Auswanderer nach Südbrasilien".
- ZIMMERMANN's deutsche Wiedergabe d. engl. Veröffentl. I. Mawe's: "Reisen in's Innere von Brasilien". Bamberg & Leipzig, 1817. Kunz.
- * ZIMMERMANN, Dr. Alfred. Ein Vorkämpfer deutscher Uebersee-Politik. Heft XVI. Der "Beiträge zur Kolonial-Polit. & Kolon. Wirtschaft". Berlin, 1899/1900.
- Dr. A. Skizzen aus dem Hochland Brasiliens. (Carreira). Mit 4 Abb. "Zur guten Stunde". Heft 6. Jahrg. XVII. Seite 154-157. Berlin, 1903.
- ZIRKEL, Prof. Dr. Lehrbuch der Petrographie. (Siehe: Abhdg. Mineral. Brasiliens).
- ZITTEL, Prof. Handbuch der Palaeontologie. Bd. 1-4. (Siehe: Abh. Brasil.).
- ZÖLLER, Hugo. Die Deutschen im brasilianischen Urwalde. I. Berlin & Stuttgart, 1885. W. Spemann.
- ZOLLTARIF für Brasilien. Vom 15. Novbr. 1890. 4°. 108 Seiten. Berlin, 1891. Mittler & Sohn.

ZOLLTARIF für Brasilien. Vom 17. Dezebr. 1897. 4°. 118 Seiten. Berlin, 1898. Mittler & Sohn.

—— ——— Vom 19. März 1900. 4°. 119 Seiten. Berlin. 1900. Mittler & Sohn.

“ZOOLOGISCHE Garten”, Der. Frankfurt a/M. Band XVI. 1875. (Siehe: Abb. Brasilien).

—— Jahrbücher”. Von Prof. Dr. I. W. Spengel, Giessen. Verlag von Gustav Fischer, Iena. (Enth. sehr zahlreiche, wissenschaftl. Abh. betr. Zoologie Brasiliens).

ZRODLOWSKI, Ferdinand. Sozial-polit. Erwägungen aus Anlass der Entsetzung Dom Pedro's II. Kaiser von Brasilien: — 15. Nov. 1889. — 8° Z. Verlags-Magazin. (Berlin 1890/1894).

*ZUR Bibliographie Brasiliens: Siehe: I. Scherrer: Histor.: geogr. Katalog für Brasilien. Bd. 1. Zürich, 1910.

SACH-REGISTER

ACHAT-GEWINNUNG

CANNSTATT (Oscar). Die brasilianische Achat-Ausbeute.

ACKERBAU

DAFERT & DRAENERT. Berichte des agronomischen Institutes S. Paulo. (Relatorios do Instituto Agronomico de S. Paulo).

DÖRFFEL (Ottokar). Der südbrasilianische Landwirt.

KOELER (O.). Die deutsche Ackerbau-Kolonie in Santa Katharina.

SUNDERMANN. Die Produktionsbedingungen für den Ackerbau, speziell in Südbrasilien.

ACRE, RIO (Aquiry)

ACRE—Frage, Die.

AFFEN

REICHENBACH (Prof. L.). Die vollständige Naturgeschichte der Affen.

ALAGOAS

THERESE (Prinzessin von Bayern, I. K. H.). Meine Reise in den brasilianischen Tropen.

ALLIGATOREN

FITZINGER (& Johs, von Natterer). Südamerikanische Alligatoren.

AMAPA' (Macapá)

TANNER (Max von St. Gallen). † in Amapá (Macapá). Brasil. Guyana. s. Dr. E. A. Goeldi: "Eine Naturforscherfahrt nach dem südlichen Guyana.

AMAZONEN-STROM

AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Bericht vom Rio Negro & Amazonas.

BRANNER (Prof. I. C.). Bericht über die Poróca oder Piroca des Amazonenstromes.

EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens: II. Ueber einige Völker am Rio Purús. Amazonas. — — Antropolog. Studien über die Ureinwohner Brasiliens vornehmlich d. Staaten Matto Grosso, Goyaz & Amazonas. (Purús-Gebiet).

GRISEBACH (Prof. Dr.). Bericht vom Winde am unteren Amazonas.

HOLTEN (von). Bericht vom Rio Guaporé.

— — — — — Erforschungen der Quellflüsse des Mamoré.

HOTSMANN (Niklaus). Tagebuch auf einer Landfahrt im Amazonenstromgebiet.

IÄGER. Der Amazonas & seine Confluentes.

KATZER (Dr. Friedrich). Beiträge zur Kenntnis des älteren Palaeozoicums im Amazonas-Gebiet.

— — — — — Das Wasser des unteren Amazonas.

KELLER-LEUZINGER (Franz). Vom Amazonas & Madeira.

KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Indianertypen aus dem Amazonasgebiet.

— — — — — Die Indianerstämme am oberen Rio Negro & Yapurá & ihre sprachliche Zugehörigkeit.

LANG (Prof. Arnold, Zürich). Ueber die äussere Morphologie von Haementeria Ghiliani—ein Riesen-Egel a/d. oberen Amazonasgebiet.

NUSSER-ASPORT. Bericht zweier Reisebegleiter Colonel Labre's. Reisen am oberen Aquiry, Madre de Dios, Rio Beni, etc.

PARÁ (Album von). Mit Photogr. von Ewald Aders.

PFAFF (in Manáos). Resultate der Analysen des Wassers des Rio Negro.

- POEPPIG (Eduard). Reise in Chili, Perú & auf dem Amazonenstrom.
- SCHICHTEL (Karl). Der Amazonenstrom.
- SCHIFF-FAHRT, Die. im peruanischen Marañon-Gebiet.
- SCHÜTZ-HOLZHAUSEN (Damian, Freiherr von). Der Amazonas. Freiburg, 1883.
- — Der Amazonas. Freiburg, 1895.
- SIEVERS (W.). Bericht vom Rio Branco. Amazonas.
- STÜBEL (A.). Berichte vom Bergsee Cocha; Rio Napo; Rio Pastassa; Tunguragua.
- — Serro Hermoso; Patascoy; Illimani.
- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasilianischen Tropen.
- — Bericht über eine Reise nach Südamerika.
- TODD (Kapitän z. d.). Die Reise des amerik. Kanonenbootes "Wilmington" auf dem Amazonenstrom.
- TSCHUDI (Joh. Jak. von). Reisen durch Südamerika. 5 Bände.
- ULE (Dr. Ernst). Ameisen-Gärten im Amazonas-Gebiet.
- WARBURG (Prof. Berlin). Die Kautschukpflanzen & ihre Kultur.
- WEBER (Ernst). Vom Ganges zum Amazonenstrom.
- WERTHEMANN. Bericht vom Rio Ucayali.

AMEISEN

- GOELDI (Dr. E. A.). Pheidole Goeldi Forel
Neue Ameise a. d. Orgelgebirge.
- — Neue Saubá-Art-Ameisen a/d. Orgelgebirge.
- — Solenopsis basalis Forel. Neue Ameise a/d. Orgelgebirge.
- HESCHKO (Ingr. Lothar). Abhdlg. über Ameisen Brasiliens.
- IHERING (Dr. Herm. von) Die Ameisen von Rio Grande do Sul.
- ULE (Dr. Ernst). Ameisen-Gärten im Amazonas-Gebiet.
- WASMANN (Erich). Kritisches Verzeichnis der myrmekophilen & termitophilen Arthropoden.
- — Die psychischen Fähigkeiten der Ameisen.
- — Neue Dorylinengäste aus dem neotropischen & äthiopischen Faunengebiet. (Enthält auch Collect. d. R. P. Heyer & Schmalz, aus Rio Gr. do Sul).

AMPHYBIEN

- SCHLEGEL (Prof.). Abbildungen neuer oder unvollständig bekannter Amphybien.

ANDEN-GEBIRGE (Cordillären)

- HETTNER (Prof. A.). Berichte vom Anden-Gebirge.
- NYSTRÖM. Bericht von den Anden.
- ROSENTHAL (Louis). Diesselts & Jenseits der Cordillären.
- STÜBEL (A.). Berichte vom Bergsee Cocha; Rio Napo; Rio Pastassa.
- — Berichte von Tunguragua.
- — " vom Serro Hermoso, Patascoy; Illimani.
- SÜSS. Das Antlitz der Erde: Geolog-tekton. Kenntnis des Anden-Gebirges.
- TSCHUDI (Joh. Jak. von). Reisen durch Südamerika.
- WERTHEMANN. Reisen in den Anden.
- Bericht vom Rio Tambó & Urubamba.
- " " " Ucayali & Tambó.
- " der hydrograph. Com. Perú's.
- WOLF's Forschungs-Ergebnisse. Anden-Vulkane.

ANTHROPOLOGIE

- EHRENREICH (Dr. Paul). Anthropologische Studien über die Ureinwohner Brasiliens, vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz & Amazonas. (Purúsgebiet).
- KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Die Maskentänze der Indianer des oberen Rio Negro & Yapurá.
- RATZEL (Dr. Fr.) Anthropogeographie.
- SCHMIDT (Prof. Dr. Emil). Die Bedeutung der Dolichocephalie, etc.

ARACHNIDEN

- AUSSERER (A.). Beiträge zur Kenntniss der Arachniden.
- BENEDEN (Ed. van). Verzeichniss der in Brasilien 1872-73, gesammelten Arachniden.
- HAHN & KOCH. Die Arachniden.

ARCHAOLOGIE

- MEILI (Dr. Julius). "Contos para contar" (Ietons portug.) I. Collecção de Julio Meili, com um preambulo por J. Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1899/1900.
- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Anthropomorphe Todten-Urne von Maracá.
- VOGT (P. a. d. G. d. G. W.). Indianer aus der Steinzeit am Ober-Paraná.

ARGENTINIEN

- ALEMANN (M.). Am Rio Negro (Argentinien).
- BECKER (Max). Der argentinische Weizen im Weltmarkte.
- BURMEISTER (Dr. H.). Geogr. Komp. zu Petermann: Die südamerikan. Republiken Argentinien, Chili, Paraguay & Uruguay.

- EIN Land der Zukunft, Beitrag zur Kenntnis Argentinien.
 HESSE-WARTEGG (Ernst von). Die Iguazú-Fälle im Paradies von Argentinien. in Reclam's Universum 27 Jahrg. Heft 18. pags. 126/129.
 NAPP (Richard). Die argentinische Republik.
 PETERMANN. Die südamerikanischen Republiken Argentinien, Chile, Paraguay & Uruguay.
 SCHMITZ, (Otto). Die Finanzen-Argentinien.
 SEEBER (Fr.). Ueber Staatswirtschaft & Finanzen der argentinischen Republik.
 VALLENSTEIN (Dr. W.). Das argentinische Chubul-Territorium. 1907.

ASTRONOMIE

- VOGEL (Prof. Dr. Peter. Astronom). Reisen in Matto Grosso: 1887-1888. Zweite Xingú-Expedition.

ATACAMA (Wüste)

- KRALL (Dr. W.) Aus Pernambuco bis in die Wüste Atacama.

AUSSTELLUNGEN

- BRASILIEN, das Kaiserreich. auf der Wiener Weltausstellung von 1873.
 — — — auf der Weltausstellung 1876 in Philadelphia.
 DAS Kaisertum Brasilien auf der Pariser Universal Ausstellung von 1867.
 WELTAUSSTELLUNG in Wien: 1873. ("Wälder Schutz") v. Dr. I. S. da Gama's. "Conservação das florestas".
 WELTAUSSTELLUNGS Katalog: 1867 von Paris.
 — — — 1876 von Philadelphia.

AUSWANDERUNG

- ALLGEMEINE Auswanderungs-Zeitung.
 AUSWANDERER, der Deutsche.
 AUSWANDERUNGEN, über schweizerische.
 AUSWANDERUNGSFRAGE, Die.
 CANNSTATT (Oscar). Die Erwerbssaussichten der nach Brasil. Auswandernden.
 — — — Die brasilianische Auswanderungsfrage.
 — — — Brasilianische Lohnverhältnisse.
 — — — Zu welcher Zeit soll der Auswanderer nach Brasilien reisen.
 — — — Die staatliche Sorge für Auswanderungslustige.
 DEUTSCHE Einwanderung in Brasilien.
 DILTHEY (Landrichter). Die deutschen Ansiedlungen in Südbrasilien.
 DIX (Arthur). Deutschland auf den Hochstrassen d. W. Wirtschafts-Verkehr.
 DÖRFFEL (O.). s. Ratschläge für Auswanderer.
 EINWANDERUNG, Die deutsche., in Brasilien.
 FAULHABER (Pastor, F.). Ratgeber für Auswanderer.

- FAULHABER (Pastor, F.). Für Auswanderungslustige.
 GRUNDZÜGE einer geregelten Auswanderung.
 HETTNER (Prof. A.). Das Deutschtum in Brasilien.
 — — — Die deutsche Kolonie São Lourenço.
 — — — Reiseskizzen.
 HEY (Dr. med.). Der Tropen-Arzt.
 JANSEN (Carlos). Der deutsche Auswanderer.
 IVANOWITSCH (I.). Der brasilianische Major Schäfer.
 KÄRGER (Karl). Brasilianische Wirtschaftsbilder.
 — — — Landwirtschaft & Kolonisation im span. Amerika.
 KLASSERT (Adam). Der Amazonas.
 KOELER (Major I. F.). Beiträge zu "der deutsche Auswanderer".
 KOSERITZ (Karl von). Deutscher Volkskalender für Brasilien.
 — — — Beiträge zu Ratschläge für Auswanderer.
 KOTTE (Karl Fr.). Brasilien & seine Bedeutung für die deutsche Auswdg.
 NORDDEUTSCHER Lloyd. Bremen. Für Reisende & Auswanderer. Beschreibungen. Fahrtgelegenheiten, Prospekte, Führer, etc. betr. Schiff-Fahrt nach Brasilien.
 PAPSTEIN (A.). Führer für den Auswanderer nach Brasilien.
 RATSCHLÄGE für Auswanderer nach Südbrasilien.
 — — — wegen Auswanderung nach Brasilien.
 RETCLIFFE I. (W. Schröter). Brasilien. Erlebnisse eines deutschen Auswanderers.
 RETHWISCH. Die Deutschen im Auslande.
 REYBAND (Charles), Brasilien.
 SCHMIDT (F.). Grundzüge einer geregelten Auswanderung.
 — — — Die geregelte Auswanderung nach Brasilien.
 WAS Georg seinen Landsleuten zu erzählen weiss.

BACAIRI

- SPRACHE Bacairi, Die. Karl v. d. Steinen. Die Bakairisprache. Wörterverzeichnis. Stätze. Sagen. Grammatik.

BAHIA

- BERICHT des Schweizer Konsuls (Hr. Julius Meili) in Bahia.
 NAEHER. Land & Leute der Provinz Bahia.
 STATUTEN des deutschen Clubs "Germania" in Bahia. 13. April 1873.

BANANEN

- TSCHUDI (I. I. von) Ueber Bananen.

BANDA ORIENTAL (Uruguay)

- WEISS (Hermann). Ueber das südliche Ende des

Gebirgszuges von Brasilien i/d. Prov. Rio Gr. do Sul & der Banda Oriental.

BAUMWOLLE

OPPEL (Prof. Dr. A.). Die Baumwolle nach Geschichte, Anbau, Verarbeitung & Handel.

BESCHREIBUNGEN, ALLGEMEINE

- BERTUCH (Dr. F. I.). Neue Bibliothek d. wichtigsten Reisebeschreibungen.
 CANNSTATT (Oscar). Siehe: Seine sämtlichen Zeitungsartikel.
 CUDENA (Pedro C. Villasanti). Beschreibg. d. port. Amerika.
 DIE Vergangenheit & Zukunft der amerikan. Menschheit.
 ESCHWEGE (W. L. von). Brasilien, Die neue Welt, u. s. w.
 GERSTÄCKER (Friedrich). Rio de Janeiro, Buenos Ayres.
 ——— 18 Monate in Südamerika.
 ——— Die Kolonie. Brasilian. Lebensbild.
 ——— Die Deutschen im Auslande.
 GIESEBRECHT (Franz). Das Deutschtum in Brasilien.
 ——— Im Lande der Terra Rocha.
 ——— Die deutsche Schule in Brasilien.
 HÄNSEL (Dr. Emil). Ein Ausflug nach Brasilien & den Laplata-Staaten.
 HERZOG, (C.) Aus Amerika.
 HESSE-WARTEGG (Ernst von). Städtebilder a/d. brasil. Tropen.
 IOEST (W.). Guayana im Jahre 1890.
 IONIN (A.). Durch Südamerika.
 KOSEKITZ (Karl von). Bilder aus Brasilien.
 RATZEL (Dr. Fr.). Beschreibende Erklärungen v. Hans v. Staden & Ulrich v. Schmidel.
 ——— Skizzierung des Hauptinhaltes der Hans von Staden's Schrift.
 SIEVERS (W.). Skizzierung Süd & Mittel-Amerika.

BEVÖLKERUNG

- BEHM (E. & H. Wagner). Die Bevölkerung der Erde.
 BEVÖLKERUNG Brasiliens, Die.
 EHRENREICH (Dr. Paul). Die Einteilung & Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens.

BIBLIOGRAPHIE

- SCHERRER (I.), Zürich, Historische-Geograph. Katalog für Brasilien. 1500-1908. II. Teil. Amerikanische & Englische Veröffentlichungen, oder: "Bibliographia Amazonica" Zürich, 1908.

BIENEN

BIENENPFLEGE, brasilianische.

DUKE (A.). Beobachtungen über Blütenbesuch, Erscheinungszeit, etc. der bei Pará vorkommenden Bienen.

- FRIESE (H.). Monographie der Bienengattung Englossa Latr.
 ——— Bemerkungen zur Bienengattung Englossa Latr.

BIOGRAPHIE

- BURCKHARDT (Prof. Dr. Rudolf). E. A. Goeldi & das Museum in Pará.
 IMHOF (G.). Die naturwissensch. Instit. in Pará.
 MEILI (Dr. Julius). Schweizer im Auslande.
 † Albert Barth aus Rio de Janeiro.
 NATTERER (Johs. von). Biogr. verfasst von Dr. E. A. Goeldi-Pará.

BLUMENAU, KOLONIE

- BLUMENAU (Dr. Herm.). Die deutsche Kolonie Blumenau. 1851. & Ausg. 1856.
 ——— Briefe über Brasilien.
 ——— Deutsch-protestant. Gemeinden in Brasilien.
 CUNHA (Dr. Bonif. da). Zum 50 jährigen Jubiläum d. Kolonie Blumenau.
 FAULHABER (Pastor F.). Denkschrift über Blumenau.
 GENSCH (Dr. Hugo). Jubil. Denkschrift z. 50 jähr. Jubil. d. Kolonie Blumenau.
 ——— Zur Kolonisationsfrage in Santa Catharina.
 ——— Dem Andenken des Dr. Fritz Müller.

BOLIVIA

- BOLIVIEN in Wort & Bild. Von M. I. von Vacano & Hans Mattis.
 THERESE VON BAYERN (I. K. H. Prinzessin). Bericht über eine Reise nach Südamerika.
 ULRICH (A.). Palaerische Versteinerungen aus Bolivien.

BOTANIK

- BONPLAND (Aimé), Siehe: Humboldt, Alex. von & A. Bonpland.
 DENKSCHRIFT der K. Bayerisch. Botanischen Gesellschaft in Regensburg.
 DEEMER (Prof. Dr. W.). Botanische Wanderungen in Brasilien.
 HUBER (Dr. Jacques). Beitrag zur Kenntniss der periodischen Wachstums-Erscheinungen bei Hevea brasiliensis.
 ——— & L. Buscalioni). Eine neue Theorie der Ameisenpflanzen.
 ——— Arboretum Amazonicum. Iconographia.
 ——— Plantae Cearenses.
 IUST's Botanische Jahrbücher.

- MARTIUS (Dr. C. Fr. Ph. von). *Systema materiae medicae vegetabilis Brasiliensis*.
 — — — *Historia naturalis Palmarum*,
 — — — *Herbarium Florae Brasiliensis*.
 PECKOLT (Dr. Theodor). *Der Kaffeebaum Brasiliens; der Theestrauch, etc.*
 — — — *Heil- & Nutzpflanzen Brasiliens*.
 — — — *Historia das Plantas medicinaes*.
 — — — *Historia das plantas alimentares*.
 REICHENBACH (H. G. L.). *Iconografia botanica exotica*.
 SALOMON (Prof. Dr.). *Handbuch der höheren Pflanzenkunde*.
 SCHELLE (E.). *Handbuch der Kaktéen-Kultur*.
 SCHIMPER (A. F. W.). *Botanische Mittheilungen aus den Tropen*.
 — (Karl Friedr.). *Die epiphytische Vegetation Amerika's*.
 ULE (Dr. Ernst). *Botanische Abhandlg. über "Tillandsia"*.

BOTOKUDEN

- EHRENREICH (Dr. Paul). *Ueber die Botocuden der brasil. Provinzen Espirito Santo & Minas Geraes*.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). *Meine Reise nach den brasilianischen Tropen*.
 TSCHUDI (I. I. von). *Reisen durch Südamerika*.
 VERZEICHNIS von Worten der Nakenmuk-Botocuden.

BUENOS AYRES

- ARSÈNE (Isabelle). *Reise nach Buenos Aires*.
 SCHNABL (Leopold). *Land & Leute am Silbernen Strom*.

CAYAPÓS

- KUPFER. *Die Cayapó-Indianer in Matto Grosso*.

CEARA

- HUBER (Dr. Jacques). *Plantae Cearenses*.

CHAVANTES

- SPRACHE der Chavantes, Von der. 70 Worte in Pohl's: *"Reise im Innern Brasiliens"*.

CHILI

- BIBRA (E. von). *Aus Chili, Perú & Brasilien*.
 BOECK (von). *Bericht von Cachabamba*.
 FREZIER (Ern.). *Reise nach der Südsee & d. Küsten von Chili, Perú & Brasilien*.
 PETERMANN. *Die Südamerikanischen Republiken Argentina, Chili, Paraguay & Uruguay*.

CHRONIK

- CAMPANELLA, H.—V. d. span. Monarchy, ausführl. Bedenken, etc. 1623.
 DE ora antarctica per regem Portugalliae pridem inventa. Impr. Argent. per Mathiam Hupfuff. 1504.
 VEIGL (F. X.). *Nachrichten über Verfassung*. u. s. w. Nürnberg, 1798.
 VESPUCCI (Amerigo). *Von der new gefuonde Region die wol ein welt genennt mag werden; etc. Nüremberg, 1505*.
 — — — *De ora antarctica, etc. Argentinae, 1505*.
 VIERDTE Schiffardt. *Wahrhaftige Historien, etc. Frankfurt, 1612*.

CORDILLEREN. s. (Anden-Gebirge)

COROADOS-INDIANER

- FERNANDEZ (I.). *Erbauliche Geschichten derer Chiquitos*.
 SANTIN (B. P.). *Bericht über die Coroados-Indianer*.

COROPÓS

- WÖRTERVERZEICHNIS der Coroatischen Sprache: L. W. von Eschwege. *Brasilien, die neue Welt*.

CRUSTACEEN

- MARTENS. *Südbrasilianische Süß- & Brackwasser-Crustaceen*.

CUYABA

- CLAUSS (Dr.). *Bericht von Cuyabá, (Matto Grosso)*.
 VOGEL (Prof. Dr. Peter). *Reisen in, Matto Grosso*.

DEMERARA

- MEILI (Dr. Julius). *Contremarken von Esse- quibó & Demerára*.

DIAMANTEN

- DIAMANTEN im Sandstein in Brasilien.
 ESCHWEGE (W. L. von). *Geognostisches Gemälde von Brasilien & wahrscheinliches Muttergestein des Diamanten*.
 HELMREICHEN (Virgil von). *Ueber das geognostische Vorkommen der Diamanten & ihre Gewinnungsmethoden auf der Serra do Grão Mogol*.
 MARTIUS (Dr. C. Fr. Ph. von). *Ueber die in der Serra de Sincorá befindlichen Diamant-Lokalitäten*.

DONNA FRANCISCA, KOLONIE

- ALVENSLEBEN (L. von). Die deutsche Kolonie Donna Francisca.
 KOLONIE-ZEITUNG. Anzeiger für D.^a Francisca & Blumenau.
 DÖRFFEL (Ottokar). Briefliche Mitteilungen aus Joinville.
 — — — Gemeinde-Ordnung i/d. Colonie Donna Francisca.
 — — — Die Kolonie Donna Francisca, 1822.
 GERNHARD (Robert). Donna Francisca Hansa & Blumenau.
 HÜHN (W.) Mitteilungen betr. Donna Francisca.
 HUNDT (W. von). Die brasil. Provinz Santa Catharina.
 VERZEICHNISS der Grundbesitzer in der Colonie Donna Francisca.
 VOLKS-KALENDER, Santa Catharinaer, vom Jahre 1864.
 WAPPÄUS (Dr. I. E.). Deutsche Auswanderung & Kolonisation.
 — — — Abhdlg. bezügl. brasilian Verhältnisse.

ECUADOR

- HAUFF (Hermann). Reise in die Aequinoct.-Gegenden des neuen Continents.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Bericht über eine Reise nach Südamerika.

EDELMETALLE

- ESCHWEGE (W. L. von). Physische & bergmännische Nachrichten aus Brasilien.

EIDECHSEN

- SENCKENBERGISCHE naturforsch. Gesellschaft Frkf. a/M.: Boettger, O. Ueber eine neue Eidechse aus Brasilien.
 STEINDACHNER, (Dr. Franz). Ueber zwei neue Eidechsen aus Südamerika & Borneo.

EISENBAHNEN

- BRASILIANISCHE Eisenbahnen.
 EISENBAHNEN Brasiliens, Die.
 KEMMANN K. Reg. Rat. Abhdlg. über südamerik. Eisenbahnen.
 — — — Die argentinischen Eisenbahnen.
 KÖNIGSWALD (Gustav). Mappa geral da Viação Ferrea de Minas, S. Paulo & Rio, mit Text.
 SÜDAMERIKANISCHE Ueberlandbahnen.

ENTDECKUNGS-GESCHICHTE

- AMERICUS VESPUCCI. Leben & nachgelassene Briefe.
 — — — De ora antarctica, etc.

A. B. 35

DREYZEHENDER Theil Americae, u. s. w. Frankfurt, 1628.

GÜNTHER (S.). Das Zeitalter der Entdeckungen
 HUMBOLDT (Alex. von). Geschichte des Seefahrers Martim Behaim.

— — — Copia der neuen Zeitung aus Preussig Landt.

MEILI (Dr. Julius). Die Werke des Medailleurs Hans Frey. Basel. (N. 12 & n. 89 betr. Entdeckg. Brasiliens).

PESCHEL (Prof. Oscar). Neuere Schriften über Amerigo Vespucci.

RUGE (Sophus). Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen.

STYSINSKI (Bruno). Die Entdeckung & der Entdecker Brasiliens.

ENTOMOLOGIE

FABRICIUS (Prof Dr.). Entomologia systematica.

TASCHENBERG (Prof. Dr. E. L.). Entomologischer Teil. (& praktisches Insektenbuch).

ENVIRA

STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Die Indianer am Urubamba & Envira.

ESPIRITO SANTO

EHRENREICH (Dr. Paul). Ueber die Botocuden der brasil. Provinzen Espirito Santo & Minas Geraes.

TSCHUDI (Joh. Jak. von). Reisen durch Südamerika.

ESSEQUIBÓ

MEILI (Dr. Julius). Contremarcken von Essequeibó & Demerára.

ETHNOGRAPHIE

ANDREE (K.). Ethnographische Parallelen.

“ANTHROPOS”, Salzburg. Verlag Zaunritz.

ARCHIV, Allgemeines.

— — — für das Studium d. Kolonial-Sprachen.

BERGHAUS (H.). Grundlinien der Ethnographie.

EHRENREICH (Dr. Paul). Die Einteilung & Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenw. Stande unserer Kenntnisse.

— — — Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.

— — — Land & Leute am Rio Doce.

— — — Der Araguayá & der untere Tocantins.

— — — Ueber einige ältere Bildnisse südamerikan. Indianer.

— — — Ueber die Botocuden der brasilian. Provinz. Espirito Santo & Minas Geraes.

— — — Ueber die Botocuden der brasilian. Provinz. Espirito Santo & Minas Geraes.

ETHNOGRAPHISCHER Verein in Paraná.

50

- HUMBOLDT (Alex. v.). Briefwechsel mit Heinrich Berghaus.
- INTERNATIONALES Archiv für Ethnographie.
- KOCH-GRÜNBERG (Dr. Theodor). Guido Boggiani, ein neues Opfer des Gran Chaco.
- — kreuz & quer durch Nordwest Brasilien.
- LEHMANN (Nitsche, R.). Die Sammlung Boggiani von Indianertypen aus dem Centralen-Südamerika.
- — Abhandlg. über die Steinzeit-Indianer Paraguay's.
- MARTIUS (Dr. C. Fr. Ph. von). Beiträge zur Ethnographie & Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens.
- RANKE (Dr. Karl). Ballistisches über Bogen & Pfeil.
- SPRACHE der Chavantes, Von der. 70 Worte in I. E. Pohl's "Reise im Innern von Brasilien".
- — brasilianische. Platzmann Julius. Der sprachstoff, etc.
- — brasil. Eckarti, A. Specimen lingua brasil. vulgaris.
- — "Bacairi", Die. Karl von den Steinen.
- SPRACHEN in Brasilien: Siehe Werke von:
Dr. Paul Ehrenreich, Berlin.
L. W. von Eschwege.
Dr. E. A. Goeldi, Pará.
Dr. Teodor Koch-Grünwald, Berlin.
I. K. H. Prinzessin Therese von Bayern.
Dr. C. F. Ph. von Martius, München.
Dr. Jul. Platzmann, Leipzig.
Prof. Dr. Chr. Fr. Seybold, Tübingen.
Prof. Dr. Karl von den Steinen.
Maximilian, Prinz zu Wied-Neuwied.
- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Ethnographische Berichte aus Brasilien.
- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasilian. Tropen.
- TSCHUDI (I. I. von). Reisen durch Südamerika.
- WESTERMARK (E.) Ueber die Ehelosigkeit bei den wilden & barbarischen Stämmen.

ETHNOLOGIE

- BASTIAN & HARTMANN. Zeitschrift für Ethnologie.
- KOLLMANN (Dr.). Hohes Alter der Menschenrassen.
- RANKE (K. E.) Ueber die Hautfarben der südamerik. Indianer.
- ZEITSCHRIFT für Ethnologie. (Abh. bez. Brasilien).

EUCALYPTUS (SIEHE: NATURGESCHICHTE)

EUPHORBIAEAE

- HUBER (Dr. Jacques, Pará). Arboretum Amazonicum.
- MÜLLER (I.—Argoviensis). Monogr. über die

Familie der Euphorbiaceae, *Siphonia elastica*, *Hevea brasiliensis*, *Hevea guyanensis*.

EXPEDITIONEN (naturwissenschaftliche)

- BEITRAG zu Instruktionen für die wissenschaftl. Abteilg. d. Weltumseglungs-Expedition d. K. Fregatte "Novara".
- BEMERKUNGEN & Anweisungen für die Naturforscher, welche die Expedition d. K. Fregatte "Novara" begleiten.
- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Zweite Xingú-Expedition: 1887-88.
- — Bericht vom Rio Kulucne (Xingú), Roruro, Kuliseu.
- — Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens.
- — Anthropomorphe Todten-Urne von Maracá.
- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasilianischen Tropen.
- TSCHUDI (Joh. Jak. von). Reisen durch Südamerika.
- VOGEL (Prof. Dr. Peter). Reisen in Matto Grosso. 1887-1888. Zweite Xingú-Expedition.

FAUNA

- BURMEISTER (Dr. Hermann). Erläuterungen zur Fauna Brasiliens's.
- DAHL (Dr. F.). Die Fauna von Pará, 1892. (Portugies. (Ausgabe, 1889).

FINANZWESEN

- CANSTATT (Oscar). Brasilianische Finanzverhältnisse.
- MEILI (Dr. Julius). Das Brasilianische Geldwesen:
I. Band. Die Münzen der Colonie Brasilien.
II. Band. Die Münzen des unabhängigen Brasilien.
III. Band. Das Papiergeld in Brasilien.

FISCHE (Ichthyologie)

- BLOCH. Naturgeschichte der ausländischen Fische.
- DAHL (Dr. F.). Die Bewegungen der fliegenden Fische durch die Luft.
- GOELDI (Dr. E. A.). Die Fischwelt des Amazonenstromes.
- HECKEL (Jacob). Joh. von. Natterer's neue Flussfische Brasiliens.
- SEITZ (Prof. Dr.). Das Fliegen der Fische.
- STEINDACHNER (Dr. Franz). Die Süßwasserfische d. südöstl. Brasilien.
- — Ichthyologische Beiträge.
- — Die Gymnotidae d. K. K. Hofnaturalien-Kabinetts zu Wien.
- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.).

Naturwissenschaftl. Abhdlg. über Fische
Brasiliens.

FLORA

- FLORA BRASILIENSIS. Siehe: Dr. C. F. Ph. von
Martius. München.
LINDMANN (C. A. M.). Beiträge zur Gramineen-
flora Südamerikas.
— — — Einige neue brasilianische Cyl-
n-
thaceen.
— — — Einige Beiträge zu den Aristolo-
chiaceen.
WARMING (Prof. Dr.—Kopenhagen). Flora von
Lagóa Santa.
WETTSTEIN (Prof. Dr. Wien & Dr. von Kerner).
Botanische Expedition nach Brasilien:
1900/1901. Erster Bericht an die Akade-
mie der Wissenschaften. Wien.

FLÜSSE (Siehe: Rios)

EHRENREICH (Dr. Paul). Südamerikan. Strom-
fahrten.

FORSCHUNGSREISEN, WISSENSCHAFTL.

- ADALBERT (Prinz von Preussen). Aus meinem
Tagebuche: 1842-43.
EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völker-
kunde Brasiliens.
KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Indianertypen
aus dem Amazonas-Gebiet.
— — — Bericht über seine Reise am oberen
Rio Negro & Japurá.
STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zen-
tral-Brasilien.
— — — Zweite Xingú-Expedition.
— — — Ethnographische Berichte aus Bra-
silien.
— — — Bericht vom Rio Kuluene (Xingú),
Ronuro, Kuliseu.
— — — Unter den Naturvölkern. Zentral-
brasiliens.
THERESE (Prinzessin v. Bayern.). Meine Reise
i/d. brasil. Tropen.

FRÜCHTE BRASILIENS

AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Die Früchte Bra-
silien's.

GEBIRGE (Siehe: Serras)

- ESCHWEGE (W. L. von). Ueber eine merkwür-
dige brasilianische Gebirgsform.
— — — Beiträge zur Gebirgskunde Bra-
silien's.
HEUSSER (Dr. I. Chr.). Beiträge zur Kenntniß
des brasilian. Küstengebirges.
WEISS (Hermann). Ueber das südliche Ende des
Gebirgszuges von Brasilien in der Prov.
Rio Gr. do Sul & Der Banda Oriental.

GEIER & FALKEN

- GÖLDI (Dr. E. A.). Der schwarze Urubú-Geier
Cathartes.
— — — Rot. & Gelbköpfige Aasgeier Süd-
amerika's.
PELZELN (Aug. von). Uebersicht der Geier &
Falken.

GELBES FIEBER

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Das Gelbe Fieber.
CANNSTATT (Oscar). Das gelbe Fieber & seine
Bekämpfung.
DAS Gelbe Fieber & seine Behandlung. Das Echo,
15. VI. 1899. Berlin.
DUNDAS (M. D. Rob.). Ueber Brasilien. Beob-
achtungen der Gelb-Fieber-Epidemie i/d.
Jahren 1849-1852.
UEBER Brasilien Nebst Beobachtungen der Gelb-
Fieber-Epidemie in den Jahren 1849-1852.

GELDWESEN

- MEILI (Dr. Julius). Das Brasilianische Geld-
wesen.
I. Theil. Die Münzen der Colonie Bra-
silien. 1645-1822.
II. Theil. Die Münzen des unabhängigen
Brasilien. 1822-1900.
III. Theil. Das Papiergeld in Brasilien
1771-1900.
Druck von Jean Frey, Dianastr. 5/7. Zü-
rich.

GEOGRAPHIE

- AMERIKA. von W. Sievers., Süd. & Mittel-Ame-
rika.
AMPHITHEATRUM, neueröffnetes, worinnen a/d.
ganzten Amerika, etc.
— — — neueröffnetes, worinnen die Nationen, etc.
ARCHIV, amerikan. von I. A. Remer.
BECHER (Joh. Jóachim). Gründlicher Bericht
des in Amerika zwischen dem Rio Ori-
noco, etc.
BESCHREIBUNG des portugies. Amerika von
Cudena.
BISSELI (Joh.). Argonaut americ. Waesberge,
1698.
CANNSTATT (Oscar). Brasilien. Land & Leute.
CAPANEMA (Schuch de). Wissenschaftl. Abhdlg.
betr. Brasilien.
CASTELNAU. Bericht vom Rio Parapiti.
CHAMISSO (Adalbert von). Bericht als Teil-
nehmer der Krusenstern'schen Expedition.
1815-1818.
COUTO DE MAGALHÃES (Dr.). Reise in den Pa-
raguayá (Araguayá) 1865.
CREDNER. Abhdlg. über die Deltas von Südame-
rika.
DANIEL. Dr. H. A. & Prof. Dr. Berth. Volz.
Handbuch der Geographie. Abschnitt Bra-
silien.

- (DAPPER) (Dr. O. D.). Die unbekannte Neue Welt.
- DE BRY. America, das ist Erfindung & Offenbarung d. N. Welt.
- DAS Ueberseeische Deutschland.
- ECKARTS Zusätze zu Pedro Cudena Villasantis span. Beschreibg.
- Zusätze zu F. K. Veigl's Nachrichten über die Verfassung d. Landschaft Maynas (Minas).
- FELDNER (W. Chr. G.). Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens.
- FONSECA. Bericht über die Xarayes-Sümpfe des Paraguay.
- FRITSCH. Reisebilder von den Canarischen Inseln.
- GEOGRAPHIEN-KALENDER. V. Dr. Herm. Haak. 1906/7. Gotha. Iustus Perthes.
- "GLOBUS", Illustr. Zeitschr. f. Länder & Völkerkunde. Braunschweig. Vieweg.
- GOELDI (Dr. E. A.). Eine Naturforscherfahrt nach dem Litoral d. südlichen Guyana, zwischen Oyapoc & Amazonenstrom. 1895.
- GRÜNDLICHER Bericht des in Amerika zwischen dem Rio Orinoco & Rio de las Amazonas, etc., Frankfurt, 1669.
- HAHN (Chr. L.). Brasilien, wie es ist.
- HETTNER (Prof. A.). Das südlichste Brasilien.
- HEUBEL (Prof.). D. Uebers. d. Berichte von Magalhães betr. d. Rio Araguayá.
- HUBER, Dr. Jacques & Dr. K. von Kraatz-Koschlau. Zwischen Ocean & Guamá, Pará 1900.
- HUGO (Prof. G. W.). Jahrbücher der Geschichte von Amerika.
- HUMBOLDT (Alex. von). Reise in den Aequinoct. Gegenden des neuen Continents: 1799-1804. Stuttgart, 1815-1832.
- IBBECKEN. Bericht über den südlichen Teil von Rio Gr. do Sul.
- IDELER. Kritische Untersuchungen über die histor. Entwicklung.
- IHERING (Dr. Hermann von). Zur Kenntniss der südbrasilian. subtropischen Region.
- JUNKER VON LANGE (F. A.). El-Dorado. Geschichte der Entdeckungsreisen.
- KOSCHE C. S. & Hammersdörfer. Amerika, ein geograph. Lehrbuch. (Süd-Amerika).
- KRAATZ-KOSCHLAU (Dr. K. von). & Dr. I. Huber in Pará. Zwischen Ocean & Guamá. Beitrag zur Kenntniss des Staates Pará.
- KRALL (Dr. W.). Aus Pernambuco bis in die Wüste Atacama.
- KRAUEL (Dr. R.). Deutsche Interessen in Brasilien.
- KRÖFF (M.). Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul.
- KÜHL (I. I. Schleswig). Welche Hoffnungen erwarten die Deutschen in Brasilien?
- KULTUR & Industrie südamerikanischer Völker.
- KUNDT (Dr. Walter). Brasilien & seine Bedeutung für Deutschland's Handel & Industrie.
- KUNITZ (I. D.). Surinam, (Holländ. Guyana) & seine Bewohner.
- LAICUS (Philipp.). Christoph Columbus. Verlag Benziger. Einsideln.
- LAMBERG (Moritz). Brasilien, Land & Leute. — — Der Madeirastrom.
- LAND der Zukunft, Ein. (Argentinien). Von General Arent.
- LANG (K.). Die Haushaltung der Menschen unter allen Himmelsstrichen.
- LANGE (Dr. Henry). Klima der Ostküsten von Südamerika. — — Südbrasilien. — — Beiträge zur Kenntniss der brasilian. Provinz S. Pedro do Rio Grande do Sul. — — Karte von Südbrasilien.
- LANGSDORFF (Dr. G. H. von). Bemerkungen auf 1 Reise um die Welt. — — Beiträge in Dr. F. I. Bertuch's Neuer Bibliothek der wichtigsten Reisebeschrbg. — — Bemerkungen über Brasilien.
- LANGHAUS (P.). Die Binnenschiff-Fahrt in Rio Grande do Sul. — — Statistisches aus den italienischen Kolonien in Rio Grande do Sul.
- LEIDENFROSCHE (Dr. C. F.). Deutsche Wiedergabe von Luccock's Notes on Rio.
- LEISTE (Christian). Anmerkg. zu Pedro Cudena Villasantis Beschrbg. des portugies. Amerika.
- LEITHOLD (Theodor von). Meine Ausflucht nach Brasilien.
- LENZ (Prof. Dr.) Die deutsche Schule in Taquará do Mundo Novo. — — Die deutschen Schulen im Auslande
- LE ROY (Dr. A.). Das Unterrichtswesen in Südamerika.
- LERY'S (Joh. von). Reise in Brasil, III Teil De Bry's. — — Reise in Brasilien. Münster, 1794.
- LESSER (Richard) & R. Oberlaender. Reise "Uebers Meer".
- LEYFER (H.). Deutsches Kolonistenleben im Staate Santa Catharina.
- LIENAU (I. F. von). Darstellung meines Schicksals in Brasilien.
- LINDAU (M. B.). Reisen im Innern Brasiliens.
- LINDLEY (Th.). Reise nach Brasilien & Aufenthalt daselbst.
- LOUIS (Dr.) Westindien & der Continent von Südamerika.
- LUCCOCK (John). Bemerkungen über Rio de Janeiro & Brasilien.
- MACARTNEY'S Gesandtschafts-Reise.
- MACEDO (J. M. de). Geographische Beschreibung Brasiliens.
- MAERTENS (P.) Südamerika, unter bes. Berücks. Argentinien's.
- MAHLMANN (H.). Karte der Provinz Rio de Janeiro.

- MALTEN (Dr. H.). Beiträge zum: "Der deutsche Auswanderer".
- MANDOWSKY (Dr.). Die Klima & Gesundheits-Verhältnisse der Hansa-Kolonie.
- MANNSFELDT (Julius). Reise nach Brasilien.
- MANTEGAZZA (P.). Erinnerungen aus Spanien & Südamerika.
- MARTIN (Dr.). Aertzliche Erfahrungen über die Malaria der Tropen-Länder.
- MARTIUS (Dr. C. Fr. Ph. von). Reise in Brasil. auf Befehl S. M. König Max. Jos. I von Bayern.
- METEREM (Em. von). Meteranus novus d. i. wahrhaft. Beschreibg. des niederländ. Krieges, u. s. w.
- METHFESSEL. Alto Paraná & die Wasserfälle des Rio Iguassú.
- MEYER (Dr. Herm.). Die Privatkolonien von Dr. H. Meyer in Rio Gr. do Sul.
- — Reisebericht. 1898-99.
- — Reisebericht über die IV Xingú-Expedition.
- — Bogen & Pfeil in Zentralbrasilien.
- — Muschelhügel (Sambaquis) & Urnenfeld bei Laguna.
- — Ueber einen verfehlten Kolonisations-Versuch.
- (A. B.). Ueber künstl. deform. Schädel.
- & M. Uhle. Seltene Waffen aus Afrika, etc.
- MEYER'S geograph. Hand-Atlas. Leipzig. Bibliogr. Institut.
- MILTENBERG (R. I.). Die deutsche Kolonie Donna Francisca.
- MINUTOLI (I. von). Portugal & seine Kolonien.
- MYTHRITATE, oder allgemeine Sprachenkunde.
- MITTEILUNGEN der Geograph. Gesellschaft. Hamburg.
- der K. K. Geograph. Gesellschaft. Wien.
- MORÉ (I. C.). Die Kolonisation in der Provinz São Pedro do Rio Grande do Sul.
- MÜLLER (I. G.). Geschichte der amerikanischen Ur-Religionen.
- (Thadd.). Pfarrer. Einladg. zur christl. Liebessteuer, für die nach Brasilien ausgew. Schweizer.
- MUNZINGER (Dr. L.). Zukunftslander am Rio de la Plata.
- MURREHARD (Dr. Karl). Ueber Brasilien & Portugals Handel mit seinen Kolonien.
- MURR (Chr. G. von) Reisen einiger Missionar.
- — Journal zur Kunstgeschichte, etc.
- NACHRICHTEN, Deutsch-brasil. & deutsch-brasil. Korrespondenz. Herausg. F. Giesebrecht, Berlin.
- von den Sprachen in Brasilien.
- für Handel & Industrie.
- NATHAUSEN (M. L.). Brasilien, wie es wirklich ist.
- NATIONALGESÄNGE, alte. — (1, brasilian. Indianer- & 6 brasilian. Volkslieder in portugies. Sprache).
- NEUE Zürcher Zeitung. (Städtebilder von Hesse von Wartegg). Schweizer im Auslande.
- NEUMANN. Die deutschen Kolonien in Südbrasilien.
- NIEMEYER (O. L.). Die Colonie Donna Francisca.
- NIENHOF (I.). Gedenkweerdige brasilianische Zee-en Landtreise.
- NOBILING (O.). Brasilianische Volksdichtung.
- NOGUEIRA (A.) & Schiefler. Geograph. Beschreibung Brasiliens.
- NOWAKOWSKI (Dr. A. von). & A. Flechner. Brasilien unter D. Pedro II.
- OBERLÄNDER (R.) & Richard Lesser. Berichte über brasilian. Verhältnisse.
- OELKER (Theodor). Red. d. "Deutschen Zeitung" in Porto Alegre. Berichte über südbrasilianische Verhältnisse.
- OLFERS (von). 1828. Beiträge, etc.
- — Wiedergabe in deutscher Sprache der histor. Dokumente von Pedro Vaz Caminha.
- ORBIGNY (Alcides Dessalines d'). Deutsche Uebersetzung: Malerische Reise in Süd. & Nordamerika.
- OSWIECIMSKY (Theodor Rodowicz). Die Colonie Donna Francisca.
- PHYSIKALISCHE Geographie & Geologie Brasiliens von Prof. Dr. Orville A. Derby in S. Paulo.
- POLKO (Paul). Reise zu den Goajira-Indianern.
- SCHÄFFER (Dr. Ritter von). Brasilien als unabhängiges Reich.
- SCHERRER (I.), Zürich. Die Vereinigten Staaten von Brasilien.
- SCHÜLER (Heinrich). Brasilien von heute.
- SCHULTZ (Woldemar). Die südamerikanischen Indianer kolonisationsfähig!
- — Studien über agrarische & physikal. Verhältnisse in Südbrasilien.
- — Geograph. Material aus den brasil. Südprovinzen.
- — Die gemässigten Brasiländer d. Kaiserl. Prov. Rio Gr. do Sul. Santa Catharina & Paraná.
- — Natur- & Kulturstudien über Südamerika.
- — Aus meinem brasilian. Tagebuche.
- SCHULTZ (C. F. E.). Der rationelle Estancia-betrieb im unteren Laplata-Gebiet.
- SCHUMACHER (H. A.). Südamerikanische Studien.
- SCHWARZ (Dr. Bernh.). Zum 75 jährigen Jubiläum der deutschen Besiedelung Südbrasilien.
- STIEVERS (W.). Südamerika & die deutschen Interessen.
- SILVEIRA (I. Lobo da). Skizze von Brasilien.
- SKIZZEN aus einem Tagebuch, u. s. w.
- STÄHELIN (A.). Sommer & Winter in Südamerika.
- STEGER (Dr. Adolf). Brasilien für deutsche & schweizer. Auswanderer.

- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zentral-Brasilien.
 STIELER's Hand-Atlas. Gotha. Iustus Perthes.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.).
 Meine Reise in den brasilianischen Tropen.
 TSCHUDI (I. I. von). Reisen durch Südamerika.

GEOLOGIE

- AGASSIZ (Louis). S. Angabe englisch. & franz. Werke bez. Geolog. Brasil.
 ESCHWEGE (W. L. von). Journal von Brasilien.
 — — — Brasilien, die neue Welt, u. s. w.
 — — — Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens.
 — — — Pluto Brasiliensis.
 FÖTTERLE (Franz). Die geologische Uebersichtskarte des mittleren Teiles von Südamerika.
 — — — Die Geologie von Südamerika.
 GOELDI (Dr. E. A.). Phacops Goeldi Katzer. Devon-Trilobit a/d. Maccurú-Formation Amazoniens.
 HEUSSER (Dr. I. Chr.) & G. Claraz. Physikal & geolog. Forschungen im Innern Brasiliens.
 — — — Die geologisch. Verhält. des Itacolomi.
 ORVILLE (A. Derby. Prof. i. S. Paulo). Physikalische Geographie & Geologie Brasiliens.
 SIEMIRADZKI (I. von). Geologische Reisebeobachtungen in Südbrasilien.
 TSCHUDI (Joh. Jak. von). Reisen durch Südamerika.

GESCHICHTE

- BARLAEUS (Caspar). *Brasilianische Geschichte*. Cleve, 1652 & 1659.
 BERICHT warhaffter., welcher massen die Stadt Olinda in Brasilia, etc.
 BESCHREIBUNG von Eroberung der Stadt S. Salvador in Brasilia, etc.
 CANNSTATT (Oscar). Das republikanische Brasilien in Vergangenheit & Gegenwart.
 — — — Zum Gedächtnis der brasilian. Staatsumwälzung 15. Novbr. 1889.
 — — — Eine 50 jährige Gedenkfeier.
 CARVALHO (A. de.), i/Pernambuco. Portug. Wiedergabe a/d. d. Werke v. A. Richshofer. Tagebuch eines Soldaten d. W.-Ind. Compagnie 1629-32.
 COLUMBUS. Amerikanische Miscellen.
 COPIA der Newen Zeytung aus Pressillg Landt.
 CROME (Aug. Fr. Wilh.). Brasilien, eine neu aufblühende Monarchie.
 DAVATZ (Thomas). Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo in Brasilien & deren Erhebung gegen ihre Bedrucker.
 DIE Deutsche Legion im kaiserl. brasilian. Dienst, 1851.

- ESCH. Pfarrer in Trier. (T. H. Fulano). Der Sturz des Kaiserthrones in Brasilien.
 FAULHABER (Pastor F.). Leitfaden für den brasilian. Geschichtsunterricht.
 FEDERMANN (Niklaus), S. Karl Klüppel). Nik. Federmann's & Hans Staden's Reisen in Südamerika: 1529-1555.
 FLECHNER (H.) & Nowakowski. Brasilien & Dom Pedro II.
 GELCICH (E.). Karte mit Text von Teixeira's Fahrt, 1637, den Amazonas hinauf nach dem Rio Napo & nach Quito.
 — — — Zwei Briefe über die Magellan. Weltumseglung.
 GENERAL-CHRONICEN, d. i. wahrhaftige, eigentliche & kurtze Beschreibung.
 GHILLANY & Alex. v. Humboldt. Geschichte des Seefahrers Martin Behaim.
 GOELDI (Dr. E. A.). Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana.
 — — — & EHRENREICH (Dr. Paul), Berlin. Neue Funde praehistorischer Keramik aus Nord-Brasilien.
 GOTHEIM (Eberhard). Der Jesuitenstaat Paraguay's.
 GRIMM (Th.). Heimatkunde des Staates Rio Grande do Sul.
 GROSSE (Ed.). Dom Pedro, oder Geschichte der neuesten Revolution von Brasilien & Portugal. 1836.
 HALLE (Dr. Ernst). America. Seite 619-643. Brasilien. V. Dr. K. Ballod.
 HANDELMANN (Prof. Dr. Heinrich). *Geschichte von Brasilien*. Berlin, 1860.
 — — — *Brasilien*. In Bluntschli's d. Staatswörterbuch.
 HISTORIE, allgem. der Reisen zu Wasser & Land. 1757-1759.
 HISTORIEN der Königreiche Hispanien. Portugal & Afrika. 1589.
 KALENDER, histor.-genealog. auf das Jahr 1818. Berlin, 1818.
 KOCH (Dr. Theodor), Berlin. Anfänge der Kunst im Urwald.
 LEBRECHT (Ed.). Geschichte von Brasilien. Gotha, 1827.
 MARTIUS (Dr. C. F. Ph. von). *Como se deve escrever a historia*. 1844.
 MEBOLD (Dr. C. A.). Geschichte & Beschreibung von Brasilien. Von Ferd. Denis. Stuttgart, 1838.
 MEILI (Dr. Julius). *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen: 1822-1889*.
 MÜNCH (Ernst). Geschichte von Brasilien. Dresden, 1829.
 WAPPÄUS (Dr. I. E.). Handbuch der Geographie & Statistik d. Kaiserreichs Brasilien. 1871.

GESETZE

- F. M. B. A. Kurze Darstellung des brasilian. Staatsrechtes.

MARTIUS (Dr. C. F. Ph. von). Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern von Brasilien.

GOLDMINEN

ESCHWEGE (W. L. von). Pluto Brasiliensis. Eine Reihe von Abhandlg. über Brasiliens Gold-Diamanten- & anderem mineralischen Reichtum.

GARDNER (Dr. Gg.). Reisen im Innern Brasiliens besonders durch die nördlichen Provinzen & die Gold- & Diamanten-Distrikte.

SOETBER (Adolf). Edelmetall-Produktion.

GOLD-WESPEN

DUKE (A.). Ueber Goldwespen von Pará.

— — — Neue Goldwespen von Pará.

GOYAZ

EHRENREICH (Dr. Paul). Die Einteilung & Verbreitung d. Völkerstämme Brasiliens.

— — — Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.

VOGEL (Prof. Dr. Peter). Reisen in Matto Grosso. 1887-1888. Zweite Xingú-Expedition.

GUAJAJARA

PLAGGE (C.). Ueber die Guajajára-Indianer in der Provinz Maranhão.

GUARANI (Siehe auch Sprachenkunde & Tupy)

PLATZMANN (Julius), Leipzig. Tesoro de la lengua Guarani.

— — — Arte de la lengua Guarani.

— — — Vocabulario de la lengua Guarani.

— — — Catecismo de la lengua Guarani.

— — — Sprachstoff der Guaranischen Grammatik des Antonio Ruiz.

— — — Amerik. Asiat. Etymologien.

— — — Weshalb ich Neudrucke der alten amerikanischen Grammatiken veranlasst habe.

RESTIVO (P.). Arte de la lengua Guarani.

— — — Lexicon Hispano-Guaranicum.

— — — Brevis linguae Guarani Grammatica.

SEYBOID (Prof. Dr. Chr. Fr.). Breve noticia de la lengua Guarani.

— — — Arte de la lengua Guarani.

— — — Vocabulario de la lengua Guarani.

UNTERSCHIEDLICHE Sprachen in Brasilien. Die allgem. brasilische Sprache.

GUATEMALA

BELGISCHEN Kolonien, Die, in Guatemala & Brasilien.

GUMMI-PFLANZEN

(Siehe auch: *Siphonia elastica*)

(Siehe auch: *Hevea brasil.* | siehe auch: Kautschuk.)

HUBER (Dr. Jacques). Arboretum Amazonicum.

MÜLLER (I.). Argoviensis. Monogr. über die Familien der Euphorbiaceae, *Siphonias elastica*, *Hevea guyanensis*, *Hevea brasiliensis*.

ULE (Dr. Ernst). Erster Bericht über den Verlauf der Kautschuk-Expedition bis zum Beginn des Jahres 1901.

WARBURG (Prof.) Berlin. Die Kautschukpflanzen und ihre Kultur: (*Castilloa elastica*).

GUYANA

ARAWAKISCH. Nachrichten von (Guyana) Suriname.

BANCROFT (E.). Naturgeschichte von Guyana, in Südamerika.

ERNST. Bericht vom Rio Uraricoera-Guyana-Brasil.

HUFNAGEL (M.). Tagebuch meiner Reise.

KATZER (Dr. Friedr.). Der strittige Gold-Distrikt von brasilian Guyana.

RAMEL. Geschichte der martervollen Deportations-Reisen Barthelemy's Pichegru's & anderer französ. Gesetzgeber nach Cayenne-Guyana.

SACK (A. von). Beschreibung einer Reise nach Surinam (holländ. G.).

SCHOMBURGK (Richard). Reisen in British Guyana.

— — — Versuch einer Fauna & Flora von British Guyana.

URTEIL des Bundesrates der schweizer. Eidgenossenschaft über den franco-brasilian. Grenzstreit. (Sentence du Conseil fédéral, Bern, 1900.

HANDEL

BAASCH. Handelsbeziehungen zwischen Hamburg & Amerika.

BALLOD (Dr. Karl). Brasilien, seine Bedeutung für die Weltwirtschaft.

BERICHT der Handelskammer in Bremen. — über Handel & Industrie.

BORCHARDT (S.) & STOLP (H.). Das brasilianische Handelsrecht.

BORGJUS (Dr.). Der deutsche Kaufmann in Brasilien.

HAMBURG's Handel & Schifffahrt, 1900-1902.

HANSA-KOLONIE

CANNSTATT (Oscar). Das Unternehmen der Hansaat. Koloniat. Gesellschaft.

GIESEBRECHT (Franz). Die deutsche Kolonie Hansa in Südbrasilien.

HANSA-KOLONIE, Prospect der.

— — — Klima & Gesundheitsverhältnisse.

HEERWESEN (& Flotte)

- SCHERRER (I.), Zürich. Die Vereinigten Staaten von Brasilien.
TOEGEL (Major, a/D.). Das Heerwesen Brasiliens.

HEVEA BRASILIENSIS (s. *Siphonia elastica*)
(Siehe auch: Gummipflanzen; siehe auch: Kautschuk)

- HUBER (Dr. Jacques). Arboretum Amazonicum.
MÜLLER (I.). Monogr. über Hevea brasiliensis.
ULE (Dr. Ernst). Erster Bericht über den Verlauf der Kautschuk-Expedition bis zum Beginn des Jahres 1901.
WARBURG (Prof.). Die Kautschukpflanzen & ihre Kultur. (*Castilloa elastica*).

Herba-Maté oder Paraguay-Thee. (Siehe: Naturgeschichte).

HÖHLEN-FUNDE

- CANNSTATT (Oscar). Höhlenfunde in Brasilien.
GOELDI (Dr. E. A.). Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana.
STEINEN (Dr. Karl von den). Anthropomorphe Totden-Urne von Maracá.

HUMAYTA

- VERSEN (Max von). Reisen in Amerika & der südamerikan. Krieg.
1. Karte zur Belagerung von Humaytá.
2. Stellung am Tebicuari; Stellung auf den Lomas am Pikisry.
3. Uebersichts-Karte des Kriegsschauplatzes.

HYDROGRAPHIE

- HASSENSTEIN. Bericht über die bis 1879 bekannt gewordenen Ergebnisse der hydrograph. Commission Perús.
SCHICHEL (Dr. Karl). Der Amazonenstrom. (Hydrog. Studie).

ICHTHYOLOGIE (Siehe: Fische)

- BLOCH & SCHNEIDER. Systema ichtyologicae.
NATTERER (Johs. von). s. Aug. v. Pelzeln. Catalog.
—— s. Iak Heckel. Joh. v. Natterer's neue Flussfische Brasiliens.
—— s. Dr. F. Steindachner. I. Ichthyologische Notizen.
—— s. Dr. F. Steindachner. II. Beiträge zur Kenntniss Der Flussfische Südamerikas.
SPIX (Dr. I. B.) & Agassiz (Louis). Pisces brasiliensis.
STEINDACHNER (Dr. Franz). Ichthyologische Notizen, IX. 1864-1870. Beiträge zur

Kenntnis der Flussfische Süd-Amerika's.

- STEINDACHNER (Dr. Franz). Herpetologische & Ichthyologische Ergebnisse einer Reise nach Südamerika.
THERESE (Prinzessin von Bayern). Naturwissenschaftl. Abhdlg. betr. Ichthyologie Brasil.

INSEKTEN

- GEER (De). Geschichte der Insekten.
ROESEL. Insektenbelustigung.
SCHLECHTENDAHL & Wünsche. Die Insekten.
THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasilianischen Tropen.

IPURINA

- EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens: II. Ueber einige Völker am Rio Purús.

ITACOLUMI

- HEUSSER (Dr. I. Chr.). Die geologischen Verhältnisse des Itacolumi.

ITAJAHY

- STUTZER (G.). Das Itajahy-Thal & das Municipium Blumenau.

JAGD

- CANNSTATT (Oscar). Eine Jagdszene in Südbrasilien.
TSCHUDI (I. I. von). Wild & Jagd in Brasilien.

INDIANER

- CANNSTATT (Oscar). Aussterben einer Indianerhorde am Amazonas.
—— Indianerniederlassungen am Uruguay.
EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.
—— Ueber die Botocuden, etc.
KOCH-GRÜNBERG (Dr. Theodor). Indianertypen aus dem Amazonas-Gebiet.
—— Die Indianerstämme am oberen Rio Negro & Yapurá.
SELER (Ed). Das Konjugationssystem der Maya-Sprachen.
SPRACHPROBEN i/d. Reisebericht erwähnten Urvölker von Brasilien: von Max., Prinz zu Wied-Neuwied.
STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Die Indianer am Urubamba & Envira.
THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine-Reise in den brasilian. Tropen.

INNERES VON BRASILIEN

(Siehe auch: Sertão)

- CANNSTATT (Oscar). Eine deutsche Expedition in's Innere von Brasilien.
- EHRENREICH (Dr. Paul). Der Araguayá & der untere Tocantins.
- ESCHWEGE (W. L. von). Journal von Brasilien.
- KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Kreuz & quer durch Nordwest-Brasilien.
- — Bericht über seine Reise am oberen Rio Negro & Yapurá.
- NACHRICHTEN von den kaiserl. oestr. Naturforschern in Brasilien & den Resultaten ihrer Betriebsamkeit.
- NATTEKER (Johs. von). s. Biogr. verfasst von Dr. E. A. Goeldi—Pará. Reisen vom November 1817 bis 1835 in den brasilianischen Provinzen.
- POHL (Joh. Emil.). Reise im Innern von Brasilien. 1817-21.
- RELATION. Und eigentliche Beschreibung u. s. w. Augspurg, 1625.
- RUGENDAS (Moritz). Malerische Reisen in Brasilien.
- RITTER (C.). Aufsatz über Brasilien.
- SPIX (Dr. I. B. v.) & Dr. C. F. Ph. von Martius. Reise in Brasilien auf Befehl S. M. Max. Jos. I. König von Bayern: 1817-1820.
- — Reise in Brasilien. Für die reifere Jugend bearbeitet von Dr. Jos. v. Hefner.
- SPRACHPROBEN der Cayapós, in der Aldeia São José Mossamedes. (Pohl).
- — der Coroátos, Córópós & Puris. (W. L. v. Eschwege).
- (Siehe auch unter Ethnographie: Guarani; Sprachenkunde; Tupi).
- STÄDTBILDER aus den brasilian. Tropen. Von E. v. Hesse-Wartegg.
- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Zweite Xingú-Expedition. 1887-88.
- — Unter den Naturvölkern Zentral-Brasilien's.
- STOLZE (Dr. Ad.) Gedanken eines Hinterwäldlers Brasilien's.
- TANERA (Karl). Der Caboclo. Brasilian. Reise-skizze.
- — Heinz, der Brasilianer. Erzählung.
- THEODOR'S Briefe & Ego-Heft. Rio de Janeiro.
- TIETZ (F.). Brasilianische Zustände.
- TSCHUDI (I. I. von). Beschreibung von Minas Geraes.
- — Berichte über die Verhältnisse in einigen brasilianischen Kolonien.
- — Kurze Mitteilung über die zweite Reise nach Südamerika.
- WAHRHAFTIGE und liebliche Beschreibung etlicher fürnehmmer indianischer Landschaften, etc.
- WAHRHAFTIGER kurtzer Bericht aller von mir

erfahrenen Händel & Sitten der Tupin-Imbas, etc.

ZIMMERMANN'S deutsche Wiedergabe v. I. Mavés "Reisen ins Innere von Brasilien".

KÄFER

- GOELDI (Dr. E. A.). Ecitopora Goeldi Wasmann. Neuer Käfer d. Staphyl. aus dem Orgelgebirge.
- — Myrmecochara Goeldi Wasmann. Neuer Käfer, etc., Ameisen & Termitengäste von Brasilien.
- HAROLD-GEMMINGER. Katalog der Käfer-Arten.
- HERBST (Prof. Dr.). Natursystem der Käfer.

KAFFEE

- BRONGIER. Der Kaffee, dessen Kultur & Handel.
- BUSSY (I. H. de). Ueber die gegenwärtige Lage des Kaffeebaus in Brasilien.
- DAFERT (Dr. F. W.). Der Kaffeebau in Brasilien, 1898.
- — Ueber die gegenwärtige Lage des Kaffeebaus in Brasilien.
- — Erfahrungen über nationalen Kaffeebau. 1899.
- & DRAENERT. Berichte des agronomischen Institutes São Paulo. (Relatorio do Instituto agronomico de S. Paulo).
- ERNST (G.). Eine Schweizer-Plantage in Brasilien.
- GOELDI (Dr. E. A.). Ramularia Goeldi Saccardo. Epiphytischer Pilz a/d. Kaffeestrauch.
- — Biolog. Mix. VII. Der Kaffee Nematode Brasilien's.
- — Neue Gattung & Species der Anguilluliden, Wurzelschädling des Kaffeestrauches in Rio.
- GOELPEN (A. von). Graph. Darstellung der Preise von Good Average Santos Caffee.
- NICOLAI (H. F.). Der Kaffee & seine Ersatzmittel.
- SCHERRER (L.). Zürich. Kaffee-Kultur i. Brasilien.
- SCHIGUT (E.). Die Usunzen des internationalen Kaffeehandels.

KAISERREICH BRASILIEN

- AKERMANN (F. X.). Das Kaiserreich Brasilien. Brasilien, das Kaisertum., im Jahre 1873.
- DAS Kaisertum Brasilien auf der Pariser Weltausstellung von 1867.
- — Brasilien & die Wiener Weltausstellung von 1873.
- — Kaiserreich Brasilien auf der Weltausstellung v. 1876 in Philadelphia.
- FULANG (T. H.). Der Sturz des Kaiserthrones in Brasilien.
- GUTS-MUTS (I. Ch. F.). Das Kaiserthum Brasilien.

- MEILI (Dr. Julius). Die Münzen des Kaiserreichs Brasiliens 1822/1889.
 — — — Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen. 1822-1889.
 SELLIN (Q. W.). Das Kaiserreich Brasilien.

KANGITI

- EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. II Ueber einige Völker am Rio Purús.

KARIRI

- PLATZMANN (Julius), Leipzig. Catecismo de la lengua Kariris.

KARTOGRAPHIE

- BARBOSA RODRIGUES. Reduzirte Karte v. untern Rio Trombetas, Rio Yamundá, Rio Uatuma, Rio Urubú.
 FRITZ (Samuel P.). Karte vom Amazonas-Gebiet: 1690-1707.
 KÖNIGSWALD (Gustav). Mappa geral da America do Sul.
 RUGE (Sophus) Die Entwicklung der Kartographie von Amerika bis 1570.
 SOHR-BERGHaus. Handatlas über alle Teile der Erde.
 TSCHUDI (I. I. von) & G. F. Halfeld. Die brasil. Provinz Minas Geraes.

KATALOGE

- HIERSEMANN (K. W.). Leipzig. Katalog N. 157. Liter. Verz. bez. Brasilien.
 — — — Katalog n. 321. Biblioth. Latino-Americana.
 — — — Katalog n. 327. Amerika.
 KATALOG der Hamburger Kommerz. Bibliothek. Hamburg.
 — — — der Bibliothek der Gesellsch. "Germania" in Rio.
 — — — Nachtrag zum. Der Biblioth. der Ges. "Germania" in Rio.
 TERNAUX-COMPANS. Katalog: Bibliothèque americaine, etc. Paris, 1837.

KAUTSCHUK

(Siehe auch: Gummipflanzen; siehe auch: Hevea brasil)

- HUBER (Dr. Jacques). Arboretum Amazonicum
 ULE (Dr. Ernst). Erster Bericht über den Verlauf der Kautschuk-Expedition bis zum Beginn des Jahres 1901.
 WARBURG (Prof.). Die Kautschukpflanzen & ihre Kultur. (Castilloa elastica).

KERAMIK

- EHRENREICH (Dr. Paul). Neue Funde praehistor. Keramik aus Nord-Brasilien.

- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Anthropomorphe Todten-Urne von Maracá.

KIRIRI

- GABELENTZ (H. C. von). Grammatik der Kariri-Sprache.

KLIMA

- GOELDI (Dr. E. A.). Zum Klima von Pará.
 — — — Meteorolog. Beobachtungen am Museum in Pará.
 HANSA-KOLONIE. Klima & Gesundheits-Verhältnisse.
 SCHELLONG (Prof. Dr.). Die Malaria-Krankheiten.
 STOKVIS, Ueber vergleich. Rassen-Pathol. & die Widerstandsfähigkeit der Europäer in den Tropen.
 TSCHUDI (I. I. von). Reisen durch Südamerika.

KOHLEN-FELDER

- BRASILIANISCHE Braunsteinlager.

KOLONIEN

- BERICHT, getreuer über die Kolonie-Verhältnisse in Brasilien.
 CANNSTATT (Oscar). Südbrasilianische Kolonien DEUTSCHER Colonie-Kalender für Südbrasilien.
 GADE (Dr. Georg.) Bericht über die deutschen Kolonien.
 HEEREN (W.). Im fremden Lande.
 — — — Deutsch-evangelisches Leben in Brasilien.
 HEUSSER (Dr. I. Chr.). Die Schweizer a/d. Kolonien in S. Paulo.
 KÖNIGSWALD (Gustav). Rio Grande do Sul. Deutsche Ausgabe.
 PRESTIEN (I. A.). Das Ansiedlerleben in der Kolonie Blumenau.
 SEIDLER (Karl). Zehn Jahre in Brasilien.
 SELLIN (A. W.). Die Notwendigkeit eines Auswanderungsgesetzes.
 — — — Ratschläge für Auswanderer nach Brasilien.
 — — — Deutschland & Brasilien.
 STRAUCH (I. C.). Südbrasilien & seine deutschen Südbrasilien.
 STRAUCH (I. C.). Südbrasilien & seine deutschen Kolonien.
 TOELSNER (C. A.). Die Kolonie Leopoldo in Brasilien.
 WILLICH (Pastor). Die Kolonie. Barão do Triunpho.

KOLONISATION

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Die deutsche Kolonisation.
 BETRACHTUNG über das Länderei-Verteilungsgesetz.

CANNSTATT (Oscar). Brasilian. Kolonisationsbemühungen.
 — — — Erfahrungen bei mehrjähriger Kolonisationsarbeit.
 — — — Der deutsche Kolonist in Südbrasilien.
 DUNKER (Dr. Karl). Kolonie & Kolonisation.
 GAEBLER (Dr.). Deutsche Auswanderung & Kolonisation.
 HAMBURG. Bericht der Direction des Kolonisations-Vereins von 1849.
 KALKMANN (L. F.). Reisebriefe aus Brasilien.
 — — — Beiträge zum "Der deutsche Auswanderer".
 KAPFF (E.), Wertheim. Ein deutscher Jesuiten-Pater als Kolonisateur.
 "KOLONIAL-ZEITUNG, Deutsche". Berlin.
 KOLONIEN, Die deutschen., Der Provinz Rio Grande do Sul.
 POPPER, Drucker & Suchanek v. Hassenau. Commerzielle Berichte.
 SCHMIDT (Fernando). Rückblick verunglückte Kolonisations Versuche in Brasilien.
 SELLIN (A. W.). Die ältesten Berichte über Südbrasilien.
 SIEBENTER Bericht der Direktion d. Kolonisten Vereins von 1849.
 SOZIALE Verhältnisse & die Kolonisation in Brasilien.
 STRICKER (W.). Die Deutschen in Spanien & Portugal & den span.: & portugies. Ländern von Amerika.
 STURZ (I. I.). Brasilian. Zustände & Aussichten im Jahre 1861.
 — — — Offener Brief an die i/d. Prov. Rio Gr. do Sul ansässigen Deutschen.
 — — — Die deutsche Einwanderung & die Verschleppung deutscher Auswanderer.
 — — — Neue Beiträge über Brasilien.
 SÜDAMERIKA, Auswanderungs-Bedingungen. H. S. D. G. in Verbindung mit der H. A. D. G. Hamburg.
 TAGES-ANZEIGER für Stadt & Kanton Zürich. Zur Auswanderungsfrage. (Nach Brasilien & Argentinien).
 TRACHSLER (H.). Reisen, Schicksale & tragikomische Abenteuer.
 UEBER schweizerische Auswanderung. Bericht der Consular-Agenten.
 WEECH (I. Fried, von). Brasiliens gegenwärtiger Zustand.
 — — — Reise über England & Portugal nach Brasilien.
 WERTHEIM (A. K.). Die Abdankung D. Pedro I ihre Ursache & nächste Wirkung.
 — (H.). Die Kolonisation i/d. Provinz Rio Grande do Sul.
 WETTSTEIN (Dr. Phil. Oberleut a/D.). Brasilien & Blumenau.
 WIEGAND (Dr. Heinrich). Deutsche Kolonisation in Südamerika.

KRIEG

ALDENBURGK (Joh. Georg.). Schilderung des Kriegszuges gegen S. Salvador.
 BARTH (Ernst). Der südamerikan. Krieg. i. d. Jahren 1864-1870.
 BEITRÄGE zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien & Buenos Aires.
 HECKE (I. V.). Uebersicht d. Ereignisse a/d. Kriegsschauplatz in Südamerika.
 KOTTENCAMP (F.). Der Unabhängigkeits-Kampf der span.-amerik. Colonien.
 KRIEG von 1825. Beiträge zur Geschichte des Kriegs zwischen Brasilien & Buenos Ayres.
 SEIDLER (Karl). Brasiliens Krieg. & Revolutionsgeschichte.

KROKODILE

BOETTGER (Prof. Oscar). Katalog der Reptilien-Sammlung I. Schildkröten & Krokodile.
 GOELDI (Dr. E. A.). Hufförmige Verbreitungen an den Krallen von Krokodil-Embryonen.

KUNST IM URWALDE

KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor), Berlin. Der Paradiesgarten als Schnitzmotive der Payagua-Indianer.
 — — — Anfänge der Kunst im Urwalde.
 STÜBEL (A. W. Reiss), & B. Koppel. Kultur & Industrie südamerik. Völker.

LA PLATA

ALVES NOGUEIRA (Dr. M. T.). Bemerkungen über die letzten Ereignisse in den La Plata-Staaten.
 CANNSTATT (Dr. R.). Südbrasilien & die Laplata-Staaten.
 FRIEDRICH (Karl). Die La Plata-Länder.
 KERST (S. Gottfried). Die Länder im Stromgebiet des Laplata.
 SCHUPP (P. Ambrosius). Besuch am La Plata.

LEPIDOPTEREN

STÜBEL (A.). Lepidopteren, gesammelt auf einer Reise durch Columbia, Ecuador, Perú, Bolivia, Brasilien & Argentinien.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Naturwiss. Abhdlg. zoolog. & botan. Resultate einer zweiten Reise nach Südamerika. III. Lepidopteren.

LEPIDOSIREN

EHLERS (Prof.). Ueber Lepidosiren paradoxa.
 FITZINGER (Prof. Dr.). Lepidosiren, neue Gattung, tc.

LICHENES

KREMPELHUBER. Lichenes Brasiliensis.

SWARTZ (Prof. Olof). Lichenes americani.

LITERATUR

- BARRETO (Tobias B. de Menezes). Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht.
 BERG (Dr. A.). Die wichtigste geographische Literatur.
 CANNSTATT (Oscar). Kritisches Repertorium der deutsch-brasilien. Literatur.
 SCHMIDT (E.). Aus der amerikanischen Literatur.
 — (Fernando). Poetische Fragmente. 2/Mar. de Dirceu. 3/Ueber Handel & Wandel in Brasilien.
 STRUDER (G.). La Plata-Klänge.

MADEIRA, RIO

- KELLER-LEUZINGER (Franz). Vom Amazonas & Madeira.
 LAMBERG (Moritz). Der Madeira-Strom.
 PESCHEL (Prof. Oscar). Der Madeira-Strom & seine Wildnisse.
 SELFRIDGE. Bericht von den Madeira-Fällen.

MANAOS

- COELHO, Berichte von Manáos.
 SCHWACKE (Prof.) Skizze der Flora von Manáos.

MARAJÓ

- GOELDI (Dr. E. A.). Natur-Wunder auf der Insel Marajó.
 KATZER (Dr. Friedrich). Eine Forschungs-Reise nach der Insel Marajó. Brasilien.

MARANHÃO

- PLAGGE (C.). Die brasilianische Provinz Maranhão.
 — — — Ueber die Guajajará-Indianer i/d. Provinz Maranhão.

MATTO GROSSO

- IHERING (Dr. Hermann von). Deutsche Wiedergabe: Allgem. Verhältnisse von Matto Grosso.
 KOSERITZ (Karl von). Zur Hydrographie der brasilian. Provinz Matto Grosso.
 STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zentral-Brasilien.
 — — — Zweite Xingú-Expedition.
 — — — Bericht vom Rio Kuluene (Xingú). Ronuro, Kuliseu.
 — — — Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens.
 VOGEL (Prof. Dr. Peter). Reisen in Matto Grosso.

METEOROLOGIE

- COELHO. Berichte (meteorolog.) von Manáos.

DRÄNERT (Dr. M. F.). Bericht (meteorolog.) von Pará.

ENGELBERG. Bericht von Pará. (Meteorolog.).
 FRIAR (Germano). Bericht von Uberaba. Minas-Geraes.

HANN (Julius). Zur Meteorologie des Aequators.

MINAS GERAES

- BURMEISTER (Dr. Herm.). Reise durch die Provinzen Rio de Janeiro & Minas Geraes.
 DRÄNERT (Dr. M. F.). Das Höhenklima des Staates Minas Geraes.
 EHRENREICH (Dr. Paul). Ueber die Botocuden d. brasil. Provinzen Espírito Santo & Minas Geraes.
 HALFELD (Ingr.). & I. I. von Tschudi. Minas Ger'es.
 TSCHUDI (I. I. von). Beschreibung von Minas Geraes.

MINEN (Gold. Dimanten)

- ESCHWEGE (W. L. von). Journal von Brasilien.
 — — — Physische & bergmänn. Nachrichten aus Brasilien.
 — — — Pluto Brasiliensis.
 WAGNER (Friedr.). Original-Karte von Minas Geraes. Gotha, 1862.

MINERALOGIE

- BRAUNS (Dr. R.). Mineralogie. (Sammlung Göschens, Leipzig).
 ESCHWEGE (W. L. von). Vorkommen des elastischen Sandsteins in Brasilien.
 — — — Geognostisches Gemälde von Brasilien.
 GROTH (Prof.). Tabellarische Uebersicht der Mineralien.
 KOBELL (Prof. Dr.). Mineralogie.

MISSIONEN

- BOEMUS (I.). Mores, leges et ritus, etc. Genevae, 1620.
 BURCKHARDT (G. E.). & R. Grundemnan. Die evangel. Missionen.
 JAHRESBERICHT an den General der Jesuiten. Augsburg, 1620.
 TANNER (Mathias). Missionsberichte. Prag, 1675.
 — — — Usque ad sanguinis et vitae prof. militans.
 TSCHUDI (I. I. von). Zur Geschichte der Missionen in Südamerika.

MITTEL-BRASILIEN

(Siehe: Central-Brasilien)

- HASSLER (Prof.). Centralsüdamerikanische Forschungen.

MONTEVIDÉO.

- BARTH (Ernst). Der südamerikanische Krieg in den Jahren 1864-1870.
 BEITRÄGE zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien & Buenos Aires.

MUCURY

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Am Mucury.
 — — Bericht betr. die Mucury-Kolonie.

MUNZEN

- CANNSTATT (Oscar). Brasilianisches Münzwesen.
 HESS (Adolph). Portugiesische Münzen.
 MEILI (Dr. Julius). Die Münzen des Kaiserreichs Brasilien. 1822-1889.
 — — Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen. 1822-1889.
 — — Portugiesische Münzen. Zürich, 1890.
 — — Die Münzen der Colonie Brasilien. 1645/1822.
 — — Die Münzen des unabhängigen Brasilien. 1822-1900.
 NEUMANN (Joseph). Beschreibung der bekanntesten Kupfermünzen-Brasilien.
 WEIL (Adolf). Die Jules Fourobert'sche Sammlg. überseeischer Münzen.

MUSCHELHAUFEN (Sambaquis)

- BRISCHOF. Ueber Sambaquis in Rio Grande do Sul.
 CANNSTATT (Oscar). Die Muschelberge a/d. süd-brasilianischen Küste.
 KÖNIGSWALD (Gustav). Os Sambaquis de São Paulo.
 SAEFTEL (A.). Die Sambaquis Brasiliens.
 WIENER (Chr.). Die Sambaquis oder Muschelhaufen in Brasilien.

MYTHEN & VOLKS-SAGEN

- TESCHAUER (P. C a. d. G. I.), Porto Alegre.
 Mythen & Volkssagen aus Brasilien.

NAHRUNGS & GENUSSMITTEL

- PECKOLT (Dr. Theodor). Die Nahrungs- & Genusssmittel Brasiliens. (Plantas alimentares e de gozo).
 WIRKUNGEN, Die. des "Kaffeegetranks". Deutsches Reichsgesundheitsamt. Berlin. 1904.

NASSAU, Graf Moritz von

- CANNSTATT (Oscar). Graf Moritz von Nassau-Siegen.
 DRIESSEN (Ludwig). Leben des Fürsten Joh. Moritz von Nassau-Siegen.

NATUR-GESCHICHTE

- ANGSTRÖM (Joh.) Primae lineae muscorum.
 ANNALEN des Wiener Museums der Naturgeschichte.
 BOETGER (Prof. Oscar). Katalog der Batrachier-Sammlung.
 — — Auszug a. Dr. I. Hagmann's "Der zoologische Garten des Museums Goeldi in Pará.
 BRAUER. Beschreibung neuer exotischer Libellen.
 — — Neue exotische Odonaten.
 BREHM (A. E.). Tierleben (s. Abhdlg. bezügl. Naturgesch. Brasiliens).
 BRONN's Klassen & Ord. Des Tierreichs.
 BRUNNER v. Wattenwyl. Verh. d. Zoolog.-botan. Ges. Wien.
 BURMEISTER (Dr. Herm.). Systemat. Uebersicht der Tiere Brasiliens.
 CLARAZ & Dr. Heusser. Das Tierleben i. d. brasil. Provinz Rio de Janeiro.
 DIEFFENBACH's Wiedergabe "Naturwissenschaftliche Reisen".
 DIESING (Dr. C. M.). Systema Helminthum.
 DUKE (A.). Zur Kenntniss einiger Sphegiden von Pará.
 — — Neue südamerikan. Chrysididen.
 — — Eine südamerikan. Cleptes-Art.
 — — Ein neues Subgenus von Halictus Laetr.
 — — Ein wenig bekanntes Chrysididen-genus, Amisega Com.
 ENDLICHER (Prof. Dr.). Genera plantarum & Synopsis coniferarum.
 ENGLER's botanische Jahrbücher, Berlin.
 ENGLER & PRANTL. Die natürlichen Pflanzenfamilien.
 ERMANN (G. A.). Reise um die Erde. Naturhistorischer Atlas.
 — — Verzeichniss der Tiere & Pflanzen.
 ESCHHOLTZ (Prof. Dr.). Zoologischer Atlas (& System der Akalephen).
 EUKALYPTUS (Mielke G.). Anatomische & physiol. Beobachtungen an den Blättern einiger Eucalyptus-Arten.
 FELDER (Prof. Dr.). Verzeichnis der Makroleptopteren.
 — — Lepidopterologische Fragmente.
 — — Specimen faunae lepidopterologicae riparum fluminis Negro.
 FERREIRA (Dr. Alex. Rodr.). Bericht betr. Atlas & phil. Reisen. (Naturwissensch.).
 FINSCH (Prof.). Die Papageien.
 FISCHER (Chr. A.). Neuestes Gemälde von Brasilien. (Naturwissensch.).
 — — TREUENFELD (R. von). Paraguay-Thee. Neger-Vanino. (Herva-Maté).
 FLORA BRASILIENSIS: siehe: Dr. C. F. Ph. von Martius. München.
 FOREL (Prof. Dr. A.). Bericht über brasilian. Ameisen. (A fauna das formigas).
 FRANCISCHI (Erasmus). Guineischer & Amerik. Blumen-Pusch. Nürnberg, 1669.

- FREDRIKSON (A. Th.). Die Oxaliden der ersten Regnell'schen Expedition.
- FRITSCH (Prof.). *Conspectus generis Licaniae*.
- GERMAR (Prof. Dr.). Beitrag zu 1 Monogr. d. Gattung *Pyrophorus*.
- GERSTÄCKER (Friedr.). *Carcinologische Beiträge*.
- GESSNER (Conrad), Zürich. *Historia Natural.* 1658.
- GIEBEL (Prof. Dr.). *Thesaurus Ornitholog.*
- GOELDI (Dr. E. A.), Pará. Beiträge zur kleinen & kleinsten Glieder-Tier-Welt Brasiliens.
- — — *Alurnus marginatus*.
- — — Die amerikan. Ohr-Eule.
- — — Studien über neue & wenig bekannte Podophthalmen Brasil.
- — — Ein erstes authentisches Exemplar eines echten Wiesels aus Brasilien.
- — — Titus Paraensis Kraepelin. Neuer Skorpion aus Pará.
- — — Eine Naturforscher-Fahrt nach dem Litoral des südlichen Guyana, zwischen Oyapoc & Amazonas.
- — — Genuina Doninha Brasil.
- — — Die Fortpflanzungsweise von 13 brasil. Reptilien.
- — — Ueber die Entwicklung von *Siphonops annulatus*.
- — — Verzeichniss der bisher wissenschaftl. beschriebenen neuen Tier- & Pflanzenformen, welche während den Jahren 1884-1899 in Brasilien, Staaten, Rio, Minas, S. Paulo, Espirito Santo, Bahia & Para gesammelt & entdeckt worden sind.
- — — Die Eier von *Tropidurus Torquatus*.
- — — *Nov. genus et species Tincidarum*.
- — — Fressen die *Phyllostoma*-Arten (Vampyre) Früchte?
- — — Biologische Miscellen.
- — — Der Lehmhans.
- — — Die Vogelwelt des Amazonenstromes.
- — — LANG (Prof. Dr. Arnold), Zürich. Ueber die äussere Morphologie von *Haementeria Ghiliani*.
- — — SPENGLER (Prof. I. W.), Giesen. Ueber *Schizocardium brasil*.
- — — GRAFF (Prof. Dr. L. von). 5 neue Landplanarien.
- — — HAGMANN (Dr. G.), Pará. Der Zoologische Garten des Museo Goeldi in Pará.
- — — SIEHE AUCH SEINE ZAHLREICHEN NATURWISSENSCHAFTL. ARBEITEN IN PORTUG. SPRACHE.
- GÜRICH. *Ditrochosaurus Capensis*.
- HAECKEL (E.). Ueber die Grambessiden.
- — — Plankton-Studien.
- HAGEN (Prof. Dr.). Notizen beim Studium von Brauer's Novara-Neuropteren.
- HAGMANN (Dr. G.). Kritische Bemerkungen zur Systematik d. Amazon. Füchse.
- HANSEN (Prof. Dr.). Einige Ergebnisse der Plankton-Expedition.
- HEHL. Von den vegetabilischen Schätzen Brasiliens.
- HELLER (Prof. Dr.). Beiträge zur nähren Kenntniss der Macrouren.
- HENNINGS (G.). *Fungi paraensis*.
- HENSEL (Dr. R. F.). Beiträge zur Kenntnis der Wirbeltiere Brasiliens.
- HENSEN (Victor). Ergebnisse der Plankton-Expedition.
- — — Naturwissenschaftliche Studien vom Meere an der brasilian. Küste.
- HEUSSER (Dr. I. Chr.). Tierleben in der brasilian. Provinz Rio de Janeiro.
- HOFFMANN (Prof. Dr.). *Wulffia stenoglossa*.
- HUBER (Dr. Jacques). *Arboretum amazonicum*. Iconographia.
- — — *Plantae Cearenses*.
- — — Zur Entstehungsgeschichte des brasilian. Campos.
- HÜBNER (Prof. Dr.). Lepidoptera.
- IANDA (Iri). Beiträge zur Systematik d. Gordiiden.
- IHERING (Dr. Hermann von). Vergleichende Anatomie des Nervensystems. & Phylogenie der Mollusken.
- — — Vergleichende Anatomie, etc., der Wirbeltiere.
- — — Ueber die Beziehungen der chilenischen & südbrasilian. Süswasser-Fauna.
- ILLIGER. Monographie der Elateren.
- — — Tabellarische Uebersicht der Verteilung d. Vögel.
- IUST'S botanische Jahrbücher.
- JOURNAL für Ornithologie. (Von Cabanis). Abh. *Nictybius grandis*.
- KARSTEN (Prof.). Beitrag zur Kenntniss der *Rhynchopron pen*.
- KERNER VON MARILAUN. Pflanzenleben.
- KNER (Prof. Dr. Rud.), Wien. 1. Die Panzerwelse.
- — — 2. Characinen.
- — — 3. Ichthyolog. Beiträge.
- KOCH (C. L.). Die Myriapoden.
- — — (Prof.). Uebersicht d. Arachniden-Systeme.
- KOHL (Prof.). Die Hymenopteren-Gruppe der Sphecinen.
- KREMPELHUBER. Lichenes Brasiliensis.
- (Siehe auch: Botanik & Zoologie)
- KRONFELD (Dr. Moritz). Bilder-Atlas zur Pflanzengeographie.
- KRÜMMEL (L.). Reisebeschreibung der Plankton-Expedition.
- KUHL (Prof Dr.). *Conspectus Psittacorum*.
- KUNTH. *Enumeratis plantarum*.
- KUPFER. Der brasilianische Urwald & seine Bewohner.
- LASCH (Dr. R.). Ueber Vermehrungstendenz bei den Naturvölkern.

- LENZ (Prof.). Schlangenkunde.
- LEUNIS (Ludwig). Synopsis der 3 Naturreiche.
- LICHTENSTEIN. Die Werke von Marcgrav & Piso über die Naturgeschichte Brasiliens.
- Die Gattung Dendrocolaptes.
- LINDEMANN. Die Seefischereien.
- LINDMANN (C. A. M.). Beiträge zur Gramineenflora Brasiliens.
- Einige neue brasilian. Cylanthaceen.
- Einige Beiträge zu den Aristolochiaceen.
- LINNAEA. Journal für Botanik.
- LOBO DE SILVEIRA. Beiträge zu W. L. von Eschwege Journal v. Brasilien.
- LUDEWIG (I. P. von). Gelehrte Anzeigen. Halle.
- LUDWIG (Prof. Dr.). Biologie der Pflanzen.
- LÜHE (Prof. M.). Abh. "Taenias" (Brasil).
- LUTZ (Dr.). & Dr. Taubert. A civilisação pre-historica do Brazil meridional.
- MALME (G. O. H.). Die Burmannen der ersten Regnell'schen Expedition.
- Die Flechten der ersten Regnell'schen Expedition.
- Die Polygalaceen der ersten Regnell'schen Expedition.
- MANGELS (H.). Wirtschaftliche, naturgeschichtliche & klimatogische Abhandlungen aus Paraguay.
- MANN (C. von). Zusammenfassender Bericht über die Spix & Martius Expedition in Brasilien.
- MARCGRAVIUS ET PISO. Historia Naturalis Brasiliae.
- MARTENS. Südbrasilianische Süß- & Brackwasser Crustaceen.
- MARTIN (K.). Bericht über eine Reise in's Gebiet des oberen Suriname. Guyana.
- MARTINI & CHEMNITZ. Conchylien-Cabinet.
- MARTIUS (Dr. C. F. Philipp von). Reise in Brasilien auf Befehl S. M. König. Max. Joseph I. von Bayern: 1817-1820 unternommen.
- Die Physionomie des Pflanzen-Reiches in Brasilien.
- Die Pflanzen & Tiere des tropischen Amerika.
- Vergangenheit & Zukunft der amerikanischen Menschheit.
- Beitrag zur Kenntniss der Gattung Erythroxyton.
- Specimen materiae medicae brasiliensis.
- Ueber das Naturell, die Krankheiten, das Arztum & die Heilmittel der Ureinwohner Brasiliens.
- Versuch eines Commentar's über die Pflanzen i/d. Werken v. Marcgrav & Piso.
- Ueber die Pflanzen & Tier-Namen in der Tupi-Sprache.
- Kritischer Katalog & Uebersicht der botanischen Forschungs-Reisen in Brasilien.
- MARTIUS (Dr. C. F. Philipp von). Beitrag zur Kenntnis der natürlichen Familien der Amarantaceen.
- Icones Plantarum Cryptogamic.
- Historia naturalis Palmarum.
- Tabulae physiologicae.
- Nova genera et species plantarum Brasiliae.
- Herbarium Flora Brasiliensis.
- Flora Brasiliensis. Enumeratio Plantarum in Brasilia hactenus detectarum quas suis aliorumque Botanicarum studiis descriptas et methodo naturalis digestas partim icone illustratas. Ediderunt C. F. Ph. de Martius et A. G. Eichler iisque defunctis successor Ignatius Urban. München & Leipzig: 1840-1906, 15 vol. 130 Fasciculi summa indicibus exclusis 20.733 pag. 3.811 Tab. Folio.
- MAYER (Prof. Dr.). Südamerikan. Formiciden.
- Neue Formiciden.
- Myrmecologische Studien.
- MIKAN (Prof. Dr.). Wien. Delectus Flora et Faunae Brasiliensis.
- MÖBIUS (Prof. Dr.). Die Bewegungen der fliegenden Fische durch die Luft.
- MÖLLER (Dr. Alfred). Ueber eine mykologische Forschungs-Reise nach Blumenau.
- Vom immergrünen südbrasilian. Urwalde.
- Brasilische Pilzblumen.
- Die Pilzgärten einiger südamerik. Ameisen.
- Ueber Hymenolichenen in Brasilien.
- Aus dem südbrasilianischen Urwald.
- Untersuchungen aus Brasilien.
- MÜLLER (Dr. Fritz). Blumenau. Abh. über Phrygamideos.
- Die Wohnungen unserer Termiten.
- (I). Das sexuelle Leben der Naturvölker.
- Monogr. über die Familie der Euphorbiaceas, Syphonia elastica, Hevea guyanensis, Hevea brasiliensis.
- (Dr. W.). Beobachtungen an Wanderameisen.
- MÜNCHNER Gelehrte Anzeigen. München.
- NACHRICHTEN von den kaiserl. oesterr. Naturforschern in Brasilien.
- NASSAU (Graf Moritz von). Natur-Geschichte, 1654.
- NATTERER (Johs. von). Lepidosiren paradoxa.
- Südamerikan Alligatoren.
- Monogr. über südamerik. Krokodile.
- Siehe *Aug. von Pelzeln*: Catalog der von Johs. v. Natterer, 1817-1835 in Brasilien gesammelten Vögel.
- s. *Iak. Heckel*: Johs. v. Natterer's neue Flussfische Brasiliens. I Labroiden.
- Beiträge zur Kenntnis d. Säugetiere Amerika's.

- NATTERER (Johs. von). Siehe *Dr. C. M. Diesing*:
Systema Helminthum.
- — Siehe *Dr. I. C. D. v. Schreber*:
Brasilian. Säugetiere.
- — Siehe *Dr. R. Kner*:
a.) Die Familie d. Characinen.
b.) Die Panzerwelze.
- — Siehe *Dr. F. Steindachner*: Wien.
1864-1870:
I. Ichthyologische Notizen.
II. Beiträge zur Kenntnis d. Fluss-
fische Südamerika's. Wien
— 1872-1882.
- NATURWISSENSCHAFTLICHE RUNDSCHAU. Brau-
schweig.
- NEHRING (Prof. Dr. A.). Ueber den Schädel
eines Franqueiro-Ochsen aus Bra-
silien.
—— — Abhdlg. über brasil. Zoologie.
- NEHRKORN (A.). Katalog der Eiersammlung.
- NORDSTEDT (O.). *Nonnullae algae aquae dulcis
brasiliensis*.
- NOVARRA-EXPEDITION, Die. Wien, 1866.
- OPPEL (Prof. Dr. A.). Die Baumwolle nach Ge-
schichte, etc.
- ORLANDINO (Nicolaus). *Historia, u. s. w. Col.
Agr. 1615*.
- PECKOLT (Dr. Theodor). *Anarcadium occiden-
tale Linné*.
- PETERS (Prof. Dr. W.). Herpetologische Noti-
zen.
- PILGER (R.). Beitrag zur Flora von Matto
Grosso.
- PISON (Wilh.). *Historia medica Brasiliae*.
- PLANTE (Francisci). *Mauritiados libri XII. Lug-
duni Batavorum. 1647*.
- POEPPIG (Eduardo). & Stephan Endlicher. *Nova
genera ac spec. plant.*
- POHL (Joh. Emil). *Plantarum Brasiliae*. Wien,
1827-31.
—— — *Brasilien's vorzüglich lästige In-
sekten*.
- PROTOPOPOFF. Zur Immunität für Tollwuthgift
bei Hunden.
- RADDI (Prof.). *Plantarum Brasiliensis Nova Ge-
nera I Filices*.
- RADLKOFER (Dr.). Ueber Cupania.
—— — Ueber Fischvergiftende Pflanzen.
- RIFFARTH (H.). Die Gattung *Heliconius latr.*
Brasil.
- ROSENTHAL. *Sinopsis plantarum diaphoricarum*.
- SCHENK (Prof.). Beiträge zur Biologie & Ana-
tomie der Lianen.
—— — *Brasilian. Pteridophyten*.
- SCHIMPER (Karl Friedrich). Die epiphytische
Vegetation Amerika's.
- SCHLEGEL (Prof.). Abbildg. neuer od. unvollst.
bekan. Amphybien.
- SCHOEFF (Joh. David). *Materia medica ame-
ricana. 1787*.
- SCHOTT (Prof.). I. *Synopsis Arvidearum. 2. Ge-
nera Arvid. 3. Arvideae*.
- SCHÜTT (Prof. Dr.). *Natürliche Pflanzenfami-
lien*.
- SEMLER (Heinrich). Die tropische Agrikultur.
- SENCKENBERGISCHE naturforsch. Gesellschaft. in
Frankfurt: 5 Abhdlg.
- SPIX (Dr. Joh. Bapt. von). 1. *Avium. 2. Ani-
malia. 3. Simiarum*.
- STEINDACHNER (Dr. Franz.). *Herpetol. & ich-
thyol. Ergebnisse*.
- SWARTZ (Olof). *Lichenes americani*.
—— — *Termiten*.
- TAUBERT (Dr. P.). Beiträge zur Kenntniss der
Flora d. Centralbrasilian. Staates Goyaz.
- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.).
Meine Reise i/d. brasilian. Tropen.
—— — Bericht über eine Reise nach Süd-
amerika.
—— — Zehn naturwissenschaftl. Abhdlg.
zoolog. & botan. Resultate. III. Le-
pidopteren. V. Dipteren.
- TSCHUDI (Joh. Jakob von). Beobachtungen über
Irrlichter.
- WIED-NEUWIED (Max., Prinz zu). *Bilder zur
Naturgeschichte Brasilien's. 1825-1832*.

NORD-BRASILIE

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Reise durch Nord-
brasilien.
- KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). *Indianertypen
aus dem Amazonasgebiet*.
—— — Anfänge der Kunst im Urwald.
—— — Kreuz & quer durch Nordwest-Bra-
silien.
—— — Die Indianerstämme am oberen Rio
Negro & Yapurá.
—— — Die Maskentänze der Indianer des
oberen Rio Negro & Yapurá.
- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.).
Meine Reise in den brasilian. Tropen.

NUMISMATIK

- MEILI (Dr. Julius). Die Münzen des Kaiser-
reichs Brasilien. 1822-1889.
—— — Die auf das Kaiserreich Brasilien
bezüglichen Medaillen. 1822/1889.
—— — Portugiesische Münzen.
—— — Die Münzen der Kolonie Bra-
silien. 1645-1822.
—— — Die Münzen des unabhängigen Bra-
silien. 1822-1900.
—— — Das Papiergeld in Brasilien. 1771-
1900.
—— — Westindische Contremarken.
—— — Contremarken von Essequibó & De-
merara.

NUTZPFLANZEN

- CANNSTATT (Oscar). *Nutzpflanzen der brasilian.
Wälder*.
- PETZOLD (Dr. Theodor). *Heil. & Nutzpflanzen
Brasilien's*.

ORCHIDEEN

- REICHENBACH (Prof. L.). Beiträge zu einer Orchideen-Kunde Centralamerika's.
 Siehe auch: FLORA BRASILIENSIS von Dr. C. F. Ph. von Martius.
- | | | | |
|------------|-----------|------------|-----------|
| Fasc. 114. | Orchid. I | Fasc. 123. | Orchid. V |
| " 117. | " II | " 125. | " VI |
| " 119. | " III | " 126. | " VII |
| " 120. | " IV | " 127. | " VIII |
| | | " 128. | " IX |
| | | " 129. | " X |

ORINOCO, RIO

- ERBACH (E., Graf zu). Wandertage eines deutschen Touristen im Strom, & Küsten-Gebiet des Orinoko.

ORNITHOLOGIE

- CABANIS (Jean). Museum Ornithologicum Heineanum.
 — — Journal für Ornithologie.
 HAGMANN (Dr. G.). Ein ornithologischer Streifzug durch den Campo der Insel Mexiana.
 HALM (Prof. Dr.). Ornithologischer Atlas.
 IHERING (Dr. Herm. von). Die Vögel der Lagóa dos Patos.
 — — & Hans von Berlepsch). Die Vogelwelt von Mundo Novo.
 KÖNIGSWALD (Gustav). Ornithologia Paulista.
 NATTERER (Johs. von). s. *Aug. von Pezeln*. Catalog der von Johs. von Natterer, 1817-1835 in Brasilien gesammelten Vögel.
 PELZELN (Aug. von). Zur Ornithologie Brasiliens.
 — — Neue & wenig gekannte Arten d. K. Ornithol. Sammlg.
 REICHNOW (Dr.). Vogelbilder aus fernen Zonen.
 RUSS (Prof. Dr.). Die sprechenden Papageien.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasilianischen Tropen.

PALÄONTOLOGIE

- STEINMANN. Beiträge zur Geologie & Paläontologie von Südamerika.
 ZITTEL (Prof.). Handbuch der Palaentologie. Bd. 1-4. (Abh. Brasilien).

PALMEN

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Die Benützung der Palmen am Amazonenstrom.
 HUBER (Dr. Jacq.). Arboretum Amazonicum. Siehe auch "*Flora Brasiliensis*" v. Dr. C. F. Ph. von Martius, bezüglich *Cactaceae*: fasc. 108. C. Schumann.

PARÁ

- ALBUM VON PARÁ. Photogr. v. Ewald Aders.

- BURCKHARDT (Dr. R.). E. A. Goeldi & das Museum in Pará.
 DAHL (Dr. F.). A Fauna do Pará. 1889. Die Fauna von Pará, 1892.
 SIEVERS (W.). Auszug aus Dr. I. Huber's & Dr. K. Kraatz-Koschlau's: "Zwischen Ozean & Guamá".

PARANA

- PLATZMANN (Julius). Leipzig. Aus der Bai von Paranaguá.
 — — Allgem. Eindruck des brasilian. Küstenlandes unter dem 25° südl. Breite.
 SCHULTZ (Woldemar). Notizen über das Küstenland d. brasil. Prov. Paraná.

PARAGUAY

- CHARLEVOIX (F. de). Geschichte von Paraguay.
 FISCHER-TREUENFEID (R. von). & L. Rehwinkel. Paraguay in Wort & Bild.
 IBAGNEZ (P.). Das Reich der Jesuiten in Paraguay.
 PARAGUAYISCHE Rundschau. Asuncion.
 PFOTENBAUER (P.). Missionen der Jesuiten in Paraguay.
 RENGGER (Joh. Rudolf) Arau. Reise nach Paraguay. 1818-1826.
 — — Naturgeschichte der Säugetiere von Paraguay.
 ROBERTSON (I. P. D. Francia). Diktador von Paraguay.
 RÜCKBLICK auf den Krieg gegen Rosas.
 SAMMLUNG der neuesten Schriften. (Mit Karte v. Paraguay).
 SCHNEIDER (Louis). Aufsatz über den Krieg der Triple-Allianz gegen Paraguay.
 — — Der Krieg der Triple-Allianz gegen die Republ. Paraguay.
 SEPP (A. P. S. J.). Briefe des Patcr Anton Sepp über seine Tätigkeit & Reisen in den Heidenmissionen in Paraquaria.
 SPRACHPROBEN aus Paraguay von M. Dobrizhoffer.
 TOEPPEN (H.). Hundert Tagen in Paraguay.
 WAPPÄUS (Dr. I. E.). Die Republik Paraguay.

PAULO AFFONSO, WASSERFÄLLE VON

- DER Sertão der Provinz Alagóas & die Fälle des Paulo Affonso in Brasilien.
 HALFELD (H. G. F.). Grosse Karte des Rio São Francisco.

PAUMARY

- EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens: II Ueber einige (Stämme) Völker am Rio Purús.

PAYAGUAS

KOCH-GRÖNEBERG (Dr. Theodor). Der Paradiesgarten als Schnitz-motive der Payaguá-Indianer.

PERNAMBUCO

FALKEISEN (Oscar). Consul in Pernambuco. Schweizer-Consularberichte.

HEYCK (Prof. Dr. Ed.). Eine Vortragsreise durch Brasilien. I. Von Pernambuco bis Petropolis.

KRALL (Dr. W.). Aus Pernambuco bis in die Wüste Atacama.

PRADO (Bahia)

KOSTBARES Meeressand aus Prado im Staate Bahia.

PERÚ

BECK. Bericht vom Huaina-Potosí.

GÜSSFELD & STÜBEL. Bericht vom Illimani.

STÜBEL (A.). Berichte vom Bergsee Cocha; Rio Napo; Rio Pastassa; Tunguragua.

— — — Berichte vom Cerro Hermoso; Patascoy; Illimani.

— — — W. Reiss & B. Koppel. Kultur & Industrie südamerikan. Völker.

TSCHUDI (I. I. von). Reisen durch Südamerika.

PETROGRAPHIE

BRUHNS (Dr. W.). Petrographie. (Sammlung Göschen, Leipzig).

ZIRKEL (Prof. Dr.). Lehrbuch Petrographie. (Min. Brasil.).

PETROPOLIS

FRANZISKANERKLOSTER, Das. in Petropolis.

SCHERRER (I.), Zürich. Petropolis. Reiseskizze.

WIEDEMANN (Prof. Dr. Th.). Die deutsche Colonie Petropolis.

PFEILGIFTE

CANNSTATT (Oscar). Die Pfeilgifte der Wilden.

MARTIUS (Dr. C. Fr. Ph. von). Ueber die Bereitung des Pfeilgiftes Urari.

SCHWACKE (Prof.). Bereitung des Curare-Pfeilgiftes bei den Tecuna-Indianern.

PHYSIK

BERGHAUS (H.). Physikalischer Atlas.

DERBY (Prof. O. A.). Physikalische Geographie & Geologie Brasiliens.

ESCHWEGE (W. L. von). Physische & bergmännische Nachrichten aus Brasilien.

ULLOA (A.). Physik & Nachrichten von süd- & nordöstl. Amerika.

PILZE

MÖLLER (Dr. Alfred). Brasilische Pilzblumen.

— — — Die Pilzgärten einiger südamerikan. Ameisen.

— — — Aus dem südbrasilianischen Urwald.

— — — Untersuchungen aus Brasilien.

PLANKTON-EXPEDITION

DAHL (Dr. F.). Ergebnisse der Plankton-Expedition. 1889.

— — — Die Fauna von Pará 1892. (A Fauna do Pará, 1889.

PORTO ALEGRE

BREITENBACH (Dr. W.). Das deutsche Element in Porto Alegre.

PORTO SEGURO (Bahia)

WAPPÄUS (Dr. I. E.). Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer.

PORTUGAL

AZEVEDO COUTINHO (I. I. C.). Handel Portugals mit seinen Kolonien.

BIRAGO (I. B.). Die grosse Veränderung im Königreich Portugall.

BRIEFE über Portugal, nebst Anhang über Brasilien.

ESCHWEGE (W. L. von). Nachrichten aus Portugal & dessen Kolonien.

MEILI (Dr. Julius). Portugiesische Münzen. Varietäten & inedirte Stücke.

— — — Westindische Contremarken. (Münzen von Dom José I. 1769).

— — — "Contos para contar" (Jetons portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional. 1900.

SCHÄFER (Prof.). Geschichte von Portugal.

SPRENGEL (M. C.). Briefe über Portugal, nebst einem Anhang über Brasilien.

STEPHEN'S Briefe über Portugal, nebst Anhang über Brasilien.

PRAEHISTORISCHES

EHRENREICH (Dr. Paul). Neue Funde praehistorischer Keramik aus Nordbrasilien.

STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Anthropomorphe Todten-Urne von Maracá.

TESCHAUER (P. C.), a/d. G. I. Porto Alegre). Die im Museum des Collegs São Leopoldo befindlichen praehistorischen Indianerfunde aus Rio Grande do Sul.

VOGT (P. a. d. G. d. G. W. in Posadas. Misiones. Argentinien). Indianer aus der Steinzeit am Ober-Paraná.

PRESSE

- ALLGEMEINE deutsche Zeitung für Brasilien.
 BARRETO (Tobias B. de Menezes). Ein offener
 Brief an die deutsche Presse.
 BRASILIEN & Deutschland. Ein offener Brief a.
 d. Redakt. der deutschen Tages-Presse.

REGNELL'SCHE EXPEDITION

- MALME (G. O. H.). Die Burmannien der ersten
 Regnell'schen Expedition.
 — — Die Flechten der ersten Regnell's-
 schen Expedition.
 — — Die Polygalaceen der ersten Re-
 gnell'schen Expedition.

REISEBERICHTE

- ASCHENFELDT (F.). Memoiren aus meinem Tage-
 buch.
 AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Erinnerungen aus
 Brasilien.
 EBELING (A.). Bruchstücke aus der Beschrei-
 bung m. Reise nach Brasilien.
 FRANCK VON WÖRTH (Sebastian). Erst, theil die-
 ses Weltbuches von neuen erfundenen
 Landschaften. Frankfurt, 1567.
 GRUBER (H. A.). Bericht über die südbrasil. Ko-
 lonien.
 HEMMERSAM (M.). West-indianische Reisebe-
 schreibung. 1639-1645.
 JOURNAL der neuesten Land & Seereisen.
 PETZOLD (M. von). Deutsche Uebersetzg. v. A.
 Ionins "Durch Südamerika".
 RANGO (Fr. L. von). Tagebuch meiner Reise
 nach Rio de Janeiro.
 SCHÄR (L.). Reise & Abenteuer eines Schwei-
 zerkolonisten i/ Brasil.
 SCHAUZ (Moritz). Brasilian. Reiseskizzen.
 — — Quer durch Südamerika.
 — — Das heutige Brasilien.
 SCHENK (L.). Brasilianische Novellen.
 — — Lose Blätter aus Brasilien.
 SCHUMACHER (P. H.). Beschreibung meiner
 Reise von Hamburg nach Brasilien.
 SCHWIEGER (H.). Eine Ozeanfahrt nach Brasi-
 lien.
 SEPP (A.) & A. Böhm. Neu vermehrte Reiss-
 Beschreibung.

REISEN

- BOESCHE (E. F.). Wechselbilder von Land &
 Seereisen.
 BURMEISTER (Dr. Herm.). Reise nach Brasilien.
 — — Landschaftliche Bilder Brasiliens.
 DES HERRN Joh. v. Lery Reise in Brasilien.
 DUMONT D'URVILLE (I.). Reise nach dem Süd-
 pol. & nach Ozeanien: 1837-40.
 EHRMANN (T. F.). Wiedergabe d. d. engl. Wer-
 kes Th. Lindley's Reise nach Brasilien.

FRÜHBECK (F. I.). Skizzen meiner Reise nach
 Brasilien.

- GOEGG (A.). Ueberseeische Reisen.
 KAYSER (Dr. B. von). Unter südlichem Kreuz.
 KLETKE (Prof. H.). Reise S. K. H. des Prinzen
 Adalbert v. Preussen, nach Brasilien:
 1842-1843.
 KLÜPFEL (Dr. Karl). Nicolaus Federmann's &
 Hans Staden's Reisen in Südamerika:
 1529-1555.
 KLUNZINGER (Karl). Anteil der Deutschen an
 der Entdeckung Südamerikas.
 KOSTER (Heinrich). Deutsche Uebersetzg. v. H.
 Koster's Reise in Brasilien.
 MAWE (I.). Reise in das Innere von Brasilien.
 MAXIMILIAN (Erzh. Ferd.). Aus meinem Leben
 Reiseskizzen.
 PFEIFFER (Mme. Ida), geb. Reyer. Eine Frauen-
 fahrt um die Welt.
 RICHSHOFFER (Ambrosius). Brasilian. & Westind.
 Reisebeschreibg.
 — — Tagebuch eines Soldaten der Wes-
 tindischen Compagnie. 1629-1632.
 SCHAUPLATZ der Welt. Oder merkwürdige Sam-
 lung von See-Land-Reisen.
 SCHMIDEL (Huldericus). Vera historia admiran-
 dac.
 — — (Ulrich), aus Straubing. Reise nach Süd-
 amerika.
 STADEN (Hans) von Hamburg aus Hessen—
 Wahrhaftige Historie & Beschreibung,
 etc.
 WILDA (Joh.). Amerika Wanderungen eines
 Deutschen.

REPTILIEN

- BOETTGER (Prof. Oscar). Katalog der Reptilien-
 Sammlung. I. Schildkröten & Kro-
 kodile.
 — — Katalog der Reptilien-Sammlung.
 II. Schlangen.
 SCHINZ (Prof. Dr.). Naturgeschichte & Abbil-
 dungen der Reptilien.
 SENCKENBERGISCHE naturforsch. Gesellschaft,
 Frankfurt a/M.
 2. Boettger, O. — Zweite Liste von Repti-
 lien & Batrachiern aus
 der Provinz São Paulo.
 3. Kinkelin, Fr. — Ueber zwei südameri-
 kanische diluviale Rie-
 sentiere.
 4. Boettger, O. — Beitrag zur Reptilien-
 fauna des oberen Rio
 Beni (Bolivia).

RIO ACRE

ACRE-Frage, Die.

RIO APURIMAC

LOEFFLER (Samanez). Reise auf dem Apurimac,
 Beni & Tambó.

RIO ARAGUAYA

- EHRENREICH (Dr. Paul). Der Araguayá & der untere Tocantins.
 — — — Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. I. Die Karayastämme am Rio Araguaya. Goyaz.

RIO BENI

- ARMENTIA (P.). Bericht vom Rio Beni.
 LOEFFLER (Samanez). Reisen auf dem Apurimac, Beni & Tambó.

RIO DOCE

- EHRENREICH (Dr. Paul). Land & Leute am Rio Doce.
 TSCHUDI (I. I. von). Reisen durch Südamerika.

RIO GRANDE DO NORTE

- THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reisen in den brasilianischen Tropen.

RIO GRANDE DO SUL

- BESCHÖREN (Max). Zur Geographie der Provinz Rio Grande do Sul.
 — — — Das Waldgebiet des oberen Rio Uruguay.
 — — — Beiträge zur Kenntniss der brasilian. Provinz Rio Grande do Sul.
 BREITENBACH (Dr. W.). Rio Grandenser Schulverhältnisse.
 — — — Die Provinz Rio Grande do Sul.
 CANNSTATT (Oscar). Aus der brasilian. Provinz Rio Grande do Sul.
 FUNKE (Alfred). Die Coroádos-Indianer.
 — — — Zahl & Stellung der Deutschen in Rio Grande do Sul.
 HENSEL (Dr. R. F.). Beiträge zur nähren Kenntniss der brasil. Provinz Rio Grande do Sul.
 HÖRMEYER (Joseph). Beschreibung der Prov. Rio Grande do Sul.
 — — — Zur Charakteristik d. deutschen Legion.
 — — — Aktenstücke v. brasil. Seite.
 — — — Südbrasilien.
 HOLMES. Tagebuch einer Reise.
 HOPPE (L., Pastor). Aus dem Tagebuch eines brasil. Urwald-Pfarrers.
 IHERING (Dr. Hermann von). Rio Grande do Sul.
 — — — Die deutsche Auswanderung & ihre Ziele.
 — — — Am Guahyba.
 — — — Aus der Kolonie-Praxis in Südbrasilien.
 — — — Das südliche Kolonien-Gebiet am Rio Grande do Sul.

- IHERING (Dr. Herman von). Die Lagôa dos Patos.
 KERST (S. Gottfried). Die Kolonien der brasil. Provinz Rio Grande do Sul.

— — — Ueber brasil. Zustände der Gegenwart.

- KLENDGEN (Peter). Die deutsche Kolonie Santa Cruz.

KÖNIGSWALD (Gustav). Rio Grande do Sul. Mit 50 Abbildg.

PARUCKER (C. I.). Posturenbuch der Municipal-kammer v. S. Francisco.

SCHULTZ (Woldemar). Histor-geogr-statist. Skizzen d. Kais. bras. Provinz Rio Grande do Sul.

SCHUPP (P. Ambrosius). Carreira Benziger, Einsiedeln.

— — — Die Mucker. Eine Episode aus der Geschichte der deutschen Kolonien von Rio Grande do Sul.

ZIMMERMANN (Dr. A.). Skizzen aus dem Hochlande Brasiliens.

— (Dr. Alfr.). Ein Vorkämpfer, etc.

ZÖLLER (Hugo). Die Deutschen im brasilian. Urwalde.

ZRÓDŁOWSKI (F.). Sozial-politische Erwägungen.

RIO JACUHY

CANNSTATT (Oscar). Das Tierreich am oberen Jacuhy.

— — — Das Pflanzenreich am oberen Jacuhy.

RIO IGUASSÚ

METHFESSEL. Alto Paraná & Die Wasserfälle des Rio Iguassú.

RIO DE IANEIRO

EBEL (Ernst). Rio de Janeiro & seine Umgebung im Jahre 1824.

RIO DE JANEIRO & seine Umgebung.

SCHLICHTHORST (C.). Rio de Janeiro, wie es ist.

RIO JURUA

EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.

RIO MADEIRA

KELLER-LEUZINGER (Franz). Vom Amazonas & Madeira.

LAMBERG (Moritz). Der Madeirastrom.

PESCHEL (Prof. Oscar). Der Madeirastrom. & seine Wildnisse.

SELFRIDGE. Bericht von den Madeira-Fällen.

RIO MADRE DE DIOS

ARMENTIA (P.). Bericht vom Rio Madre de Dios.

RIO NEGRO (Amazonas)

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Bericht vom Rio Negro & Amazonas.
 KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Kreuz & quer durch Nordwest-Brasilien.
 — — Die Indianerstämme am oberen Rio Negro & Yapurá.
 — — Die Maskentänze der Indianer des oberen Rio Negro & Yapurá.
 — — Bericht über seine Reise am oberen Rio Negro & Yapurá.
 THERESE (Prinzessin von Bayern, I. K. H.). Meine Reise in den brasilian Tropen.

RIO PASTASSA

- REISS. Entdeckung des Putumayo-Iça.
 — & STÜBEL. Bericht vom Rio Pastassa.

RIO PRETO

- KÖNIGSWALD (Gustav). "São Paulo". Grosse portug. Ausgabe.

RIO POZÚZU

- ABENDROTH. Bericht vom Rio Pozúzu.

RIO PURÚS

- EHRENREICH (Dr. Paul). Bericht vom Rio Purús.
 — — Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. II Ueber einige Völker am Rio Purús. Amazonas. (Paumari-Yamamadi-Ipurina-Kangiti).

RIO SÃO FRANCISCO

- AUFNAHME & Erforschung des Stromlaufes des Rio São Francisco.
 HALFELDT (H. G. F.). Grosse Karte (30 Blätter) des Rio S. Francisco, mit Sondirungs- & Vermessungs-Resultaten.
 SCHULTZ (Woldemar). Aufnahme & Erforschung des Stromlaufes des Rio São Francisco.
 WAGNER (Friedr.). General Karte des Rio São Francisco (30 Blätter).

RIO TAMBÓ

- LOEFFLER (Samanez). Reisen auf dem Apurimac, Beni & Tambó.
 WERTHEMANN. Bericht vom Rio Tambó & Urubamba.

RIO TOCANTINS

- EHRENREICH (Dr. Paul). Bericht von den Itaboca-Katarakten am untern Tocantins.
 — — Der Araguaya & der untere Tocantins.

RIO UCAYALI

- ABENDROTH. Bericht vom Rio Ucayali.
 WERTHEMANN. Bericht vom Rio Ucayali & Rio Tambó.

RIO URUBAMBA

- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Die Indianer am Urubamba & Envira.
 WERTHEMANN. Bericht vom Rio Urubamba.

RIO URUGUAY

- SCHULTZ (Woldemar). Geogr. Material aus den brasilian. Südprovinzen.

RIO XINGÚ (Siehe: Xingú-Expedition)

- CLAUSS (Dr.). Profil des Xingú-Laufes.
 EHRENREICH (Dr. Paul). Südamerikanische Stromfahrten.
 STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zentral-Brasilien.
 — — Zweite Xingú-Expedition: 1887-1888.
 — — Ethnographische Berichte aus Brasilien.
 — — Bericht vom Rio Kuluene (Xingú), Ronuro, Kuliseu.
 — — Unter den Naturvölkern Zentralbrasiliens.
 — — Die Indianer am Urubamba & Envira.

RIO YAPURA

- KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Die Indianerstämme am oberen Rio Negro & Yapurá.
 — — Bericht über seine Reise am oberen Rio Negro & Yapurá.

SAUGETIERE

- BEITRÄGE zur Kenntnis der Säugetiere Amerika's.
 BRASILIANISCHE Säugetiere. Resultate von Joh. Natterer's Reisen.
 PELZELN (Aug. von). Brasilianische Säugetiere
 SCHREBER-WAGNER Die Säugetiere.
 WAGNER (Dr. Andreas, I). Berichte über die Leistungen in der Naturgesch. der Säugetiere.
 — — Beiträge zur Kenntnis der Säugetiere Brasiliens.
 — — Diagnose neuer Arten brasilian. Säugetiere.
 — — Mesomys ecaudatus.
 — — Die Säugetiere in Abbildg. nach der Natur.
 — — Beitrag zur Kenntnis der warmblütigen Wirbeltiere.

WAGNER (Moritz). Naturwiss. Reisen im tropischen Amerika.

WALLACE (Alfred Russel). Die geograph. Verbreitung der Tiere.

SALZ

CANNSTATT (Oscar). Brasilianische Salzgewinnung.

SAMBAQUIS (siehe: *Muschelhaufen*)

SANTA CATHARINA

BALLOD (Dr. Karl). Santa Catharina. HANDELSBERICHTE aus Santa Catharina.

SANTA CRUZ

CANNSTATT (Oscar). Geologische Beschaffenheit d. Kolon. Gebietes um Santa Cruz.
 ———— Entstehung & Entwicklg d. d. Kolon. S. Cruz & Mont'Alverne.
 ———— Kulturpflanzen d. d. Kolon. S. Cruz & M. Alverne.

SÃO LEOPOLDO

CANNSTATT (Oscar). Die deutsche Kolonie São Leopoldo.

EINE Partie nach São Leopoldo.

IAHN (A.). Die Kolonie von São Leopoldo.

SÃO PAULO

HEYCK (Prof. Dr. Ed.). Eine Vortragsreise in Brasilien. II. Im Staate São Paulo & in Bahia.

KÖNIGSWALD (Gustav). São Paulo. Grosse portug. Ausgabe.

THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasilianischen Tropen.

SÃO SALVADOR (Bahia)

BARLAENS (Caspar). Brasilianische Geschichte. Cleve, 1652 & 1659.

BESCHREIBUNG von Eroberung der Stadt S. Salvador in Brasilia.

SCHIFF-FAHRT

BROSSE (de). Vollständige Geschichte der Schiff-fahrten.

DIE ein und zwanzigste Schiffahrt, oder gründliche Beschreibung.

——— siebenzehende Schiffahrt. Das ist Eigentliche & wahrhaftige Beschreibung.

KURTZE & warhaftige Beschreibung der wunderbaren Schiffahrt Olivarii von Nort, etc.

——— Beschreibung der Schiffahrt so Thomas Candish, etc.

SAMMLUNG von 26 Schiff-Fahrten in versch. fremde Länder.

SCHILDKRÖTEN

BOETTGER (Prof. Oscar). Katalog der Reptilien-Sammlung: I. Schildkröten & Krokodile.

GOELDI (Dr. E. A.). Ueber eine vermutlich neue Schildkröte.

——— Bedeutung, Fang & Verwertung der Schildkröten am Amazonas.

SCHOEPP (Joh. David). Naturgeschichte der Schildkröten. 1788.

SCHLANGEN

BOETTGER (Prof. Oscar). Katalog der Reptilien-Sammlung: II. Schlangen.

PETZOLD (Dr. Theodor). Ueber das Schlangengift v. Lachesis rhombeata.

SPIX (Dr. Joh. Baptista von). & WAGNER (Prof.) Serpentes brasiliensis.

SCHMETTERLINGE

HERRICH-SCHÄFER. Sammlung aussereurop. Schmetterlinge.

STAUDINGER (Prof.). I. Exotische Schmetterlinge.

——— 2. Staudinger's Atlas.

——— 3. Exotische Tag-Schmetterlinge.

THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Naturwiss. Abhandlungen.

SERRA DO GRAO MOGOL (oder Grão Mogor)

HELMREICHEN (Virgil von). Ueber das geognostische Vorkommen der Diamanten & ihre Gewinnungsmethoden auf der Serra do Gão Mogol.

SERRA DE SINCORA

MARTIUS (Dr. C. F. Ph. von). Ueber die in der Serra de Sincorá befindlichen Diamant-Lokalitäten.

SERTAO

DER Sertão der Provinz Alagoas & die Fälle des Paulo Affonso in Brasilien.

SIPHONIA ELASTICA

(Siehe: Gummi (Hevea brasil.) od. Kautschuk)

KUNTH. Deutscher Botaniker Beschreibung der Siphonia brasiliensis.

SKIZZEN

BILLROTH (A.). Ein Evangelist in Brasilien.

BINZER (I. v.). Leid & Freud einer Erzieherin in Brasilien.

SKLAVEREI

- ABECKEN (H.). Amerikan. Negersklaverei.
 BRIEFE über Brasilien. Sklavenhandel.
 CANNSTATT (Oscar). Das Ende der brasilian.
 Sklaverei.
 SCHUPP (P. Ambrosius). Der Engel der Ska-
 ven.

SCORPIONE

- GOELDI (Dr. E. A.). Titus Paraensis Kraepelin.
 Neuer Scorpion aus Pará.
 KRAEPELIN (Prof. K.). Neue oder wenig be-
 kannte Scorpionen.

SPINNEN

- GOELDI (Dr. E. A.). Epeira Goeldi Karsch. Neue
 Kreuz-Spinne aus Rio.
 — — — Goeldia obscura Keyserling. Neue
 Spinnengattung.
 — — — Ero Goeldi Keyserling. Neue Spin-
 ne aus dem Parahyba-Gebiet.
 — — — Zur Orientirung in der Spinnen-
 Fauna Brasiliens.
 — — — Merkwürd. Mimetismus einer brasil.
 Kreuz-Spinne.
 — — — Epeirides bahiensis Keyserling.
 Eine Dämmerungs-Kreuzspinne Bra-
 siliens.
 KEYSERLING (Graf Eugen von). Die Spinnen
 Amerikas.

SPRACHENKUNDE (Siehe: Guarany & Tupi)

- ECKART (A.) s. PLATZMANN (Julius). Specimen
 linguae Brasilicae vulgaris.
 GOETTLING (Dir.). Abhdlg. über die Sprache der
 Botocuden.
 HANDEL (Prof. Abaíéeme). Guia pract. para
 aprender el idioma Guarani. (Spanisch,
 deutsch & engilisch).
 MARTIUS (Dr. C. Fr. Ph. von). Wörtersammlung
 brasilianischer Sprachen.
 — — — Glossaria linguarum brasil.
 — — — Beiträge zur Ethnographie & Spra-
 chenkunde Amerika's, zumal Bra-
 siliens.
 NANDE RUBA. Oraçáo dominical em abaíéenga,
 oder das Vaterunser in brasilian.-indian-
 ischer Sprache.
 PICKERING (I.). Die indianischen Sprachen Ame-
 rika's.
 PLATZMANN (Julius), Leipzig. Grammatik der
 brasil. Sprache.
 — — — Verzeichnis einer Auswahl amerik.
 Grammatiken.
 — — — Der Sprachstoff der brasil. Gram-
 matik.
 RESTIVO (P.). 1. Arte de la lengua Guarani.
 — — — 2. Lexicon Hispano-Guaranicum.
 — — — 3. Brevis linguae Guarani Gramma-
 tica.

STATISTIK

- GRANT (Andrew). Beschreibung von Brasilien.
 SOETBEER (Adolf). Ueber Hamburgs Handel.
 — — — Statistik des Hamburgischen Han-
 dels.
 SPIX (Dr. I. B. von). Brasilien in seiner Ent-
 wicklung. München 1821/22.
 STATISTIK d. deutschen Reiches, Auswärtiger
 Handel.
 WAPPÄUS (Dr. I. E.). & O. Delitsch. Handbuch
 der Geogr. & Statistik. von Brasilien.

STIFTUNG

- BARTH. (Albert) † aus Rio de Janeiro, 1840-1906.
 Zur Erinnerung an.
 DIETHELM (Robert). Albert Barth † aus Rio de
 Janeiro.
 FURRER (Dekan Dr. K.). † Albert Barth aus
 Rio de Janeiro 1840-1906.
 MEILI (Dr. Julius). Schweizer im Auslande.
 † Albert Barth aus Rio de Janeiro.
 SEILER (Dr. Albert). Nachruf der Verwandten
 an ihren Onkel † Albert Barth aus Rio de
 Janeiro: 1840-1906.
 TAGBLATT der Stadt Zürich: Beschluss des
 Schweizer Bundesrathes betr. die Albert
 Barth Stiftung.

SÜD-BRASILIEN

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Reise in Südbrasi-
 lien.
 BLUMENAU (Dr. Herm.). Südbrasilien in seinen
 Beziehungen zur deutschen Auswande-
 rung.
 BREITENBACH (Dr. W.). Ueber das Deutschthum
 in Südbrasilien.
 — — — Südbrasilien.
 CALDCLENGH (Alex.). Reisen in Südamerika.
 CANNSTATT (Oscar). Südbrasilianische Kolonien.
 ENGELL-GÜNTHER (I.). Das jetzige Brasilien.
 — — — Im Süden Brasiliens.
 EPP (F.). Rio Grande do Sul oder Neudeutsch-
 land.
 ESCHÉ. Aus dem Wunderlande der Palmen.
 EYE (A. von). Die Deutschen in Brasilien.
 — — — Der Auswanderer.
 FABRI (C.). Einwanderung in Brasilien.
 FAULHABER (Pastor F.). Jubiläumskalender. Der
 Urwaldsbote.
 — — — Deutschthum in Südbrasilien.
 FÖRSTER (Bernhard). Deutsche Kolonien in dem
 oberen Laplata-Gebiete.
 FRANÇA (Dr. E. Ferreira). Brasilien & Deutsch-
 land.
 FREYREISS (Georg Wilhelm). Beiträge zur nähe-
 ren Kenntniss des Kaisert. Brasilien.
 FÜHRER von Hamburg nach Südamerika.
 FUNKE (Alfred). Deutsche Siedlung über See.
 — — — Aus Deutsch-Brasilien.
 IANNASCII (R.). Ratschläge für Auswanderer
 nach Südbrasilien.

- IANNASCH (R.). Karte von Südbrasilien.
 — — Bericht über brasilian. Verhältnisse.
 SEIDEL (A.). Südamerikanische Einwanderung.
 SELLIN (A. W.). Die deutschen Kolonien i. d. Prov. Rio Grande do Sul.
 — — Die ältesten Berichte über Südbrasilien.

SURINAME (Holländ. Guyana)

- SACK (A. von). Beschreibung einer Reise nach Surinam.
 SCHOMBURGK (Richard). Reisen in British Guyana.

TABAK

- HALLE (I. S.). Die Tabaksmanufaktur.
 WIEVIEL Tabak wird gebaut? ("Germania", S. Paulo, 1897).

TABATINGA

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Tabatinga am Amazonenstrom.

TÄNZE DER INDIANER

- KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Die Maskentänze der Indianer am oberen Rio Negro & Yapurá.
 STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Die Indianer am Urubamba & Envira.

TERMITEN

- HAGEN (Prof. Dr.). Monographie der Termiten.
 SWARTZ (Prof. Olof). Termiten.
 WASMANN (Erich S. J.). Neue Dorylinengäste aus dem neothropischen & äthiopischen Faunengebiet.

THEESTRAUCH (Chá da India)

- PECKOLT (Dr. Theodor). Der Theestrauch (Chá da India) in Brasilien.

TOCANTINS, RIO

- EHRENREICH (Dr. Paul). Bericht v. d. Itaboca-Katarakten am unteren Tocantins.
 — — Der Araguayá & der untere Tocantins.

TROPISCHES

- AVÉ-LALLEMANT (Dr. R.). Wanderungen durch die Pflanzenwelt der Tropen.
 ENGEL (Dr. Frz.). Studien unter den Tropen Amerika's.
 — — Natur & Volksleben des tropischen Amerika.
 — — In den Urwäldern Brasiliens.

TUPI

- PLATZMANN (Julius), Leipzig. Das anonyme Wörterbuch Tupi-Deutsch & Deutsch-Tupi. Leipzig, 1901.
 SPRACHE BRASIL. Platzmann (Jul.). Der Sprachstoff der bras. Grammatik.
 — — Eckarti (A.). Specimen linguae brasil. vulgaris.
 SPRACHEN in Brasilien: Siehe Werke von: Dr. Paul Ehrenreich, L. W. von Eschwege, Dr. E. A. Goeldi, Dr. Theodor Koch-Grüneberg, Dr. C. F. Ph. von Martius, Dr. Julius Platzmann, Prof. Dr. Chr. Fr. Seybold, Dr. Karl von den Steinen, I. K. H. Prinzessin Therese von Bayern, Maximilian, Prinz zu Wied-Neuwied.

URUGUAY (Staat)

- BAER (H.). Brasilien & Uruguay.
 GUARCH. Die Republik Uruguay a/d. Ausstellg. in Amsterdam.
 PETERMANN. Die südamerikanischen Republiken Argentina, Chile, Paraguay & Uruguay.

URVÖLKER

- EHRENREICH (Dr. Paul). Die Einteilung & die Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens.
 — — Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.
 — — Land & Leute am Rio Doce.
 — — Ueber einige ältere Bildnisse südamerikan. Indianer.
 — — Ueber die Botocuden d. bras. Provinzen Espirito Santo & Minas Geraes.
 — — Anthropologische Studien über die Ureinwohner Brasiliens, vornehmlich d. Staaten Matto Grosso, Goyaz & Amazonas, (Purús-Gebiet).
 KOCH-GRÜNEBERG (Dr. Theodor). Indianertypen a/d. Amazonasgebiet.
 — — Die Indianerstämme am oberen Rio Negro & Yapurá.
 STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zentral-Brasilien.
 — — Zweite Xingú-Expedition.
 — — Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Meine Reise in den brasil. Tropen.

VENEZUELA

- APPUN (C. F.). Unter den Tropen.
 ERNST. Ergebnisse der Venezuelan-Brasilian. Grenz-Commission.
 GOERING (A.). Vom tropischen Tiefland zum ewigen Schnee.

VICTORIA REGIA

LOESCHER (Eduard). Die königliche, Wasserlilie Victoria Regia; ihre Geschichte, ihr Wesen & ihre Kultur.

VOGELWELT

BERLEPSCH (Hans von) & H. v. Ihering. Die Vogelwelt von Mundo-Novo.

GOELDI (Dr. E. A.). Der Lehmhans.

— — Die Vogelwelt des Amazonenstromes.

WÄLDER BRASILIENS

BEISSNER. Handbuch der Nadelholzkunde.

SENCKENBERGISCHE naturforsch. Gesellschaft. Frankfurt a/M. 5. Engelhardt, H. Ueber neue Tertiärpflanzen Südamerika's.

WELTHANDEL

ANDREE (K.). Geographie des Welthandels.

BEER (A.). Geschichte des Welthandels im 19. Jahrhundert.

WESPEN

GOELDI (Dr. E. A.). Critogaster Goeldiana Fritz Müller. Neue Feigen-Wespe a/d. Staate Rio de Janeiro.

WEST-INDIEN

ALDENBURG (I. G.). Westindianische Reise.

MEILI (Dr. Julius). Westindische Contremarken (Münzen von Dom José I. 1769).

XINGÚ-EXPEDITION (Siehe: Rio Xingú)

CLAUSS (Dr.). Bericht der topogr. & hydrogr. Ergebnisse der 1. Xingú-Expedition. 1884.

— — Bericht über die Xingú-Expedition im Jahre 1884.

EHRENREICH (Dr. Paul). Südamerikanische Stromfahrten.

STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zentral-Brasilien.

— — Zweite Xingú-Expedition.

— — Ethnographische Berichte aus Brasilien.

— — Bericht vom Rio Kuluene (Xingú), Ronuro, Kuliseu.

— — Unter den Naturvölkern Zentral-Brasilien.

— — Die Indianer am Urubamba & Envira.

VOGEL (Prof. Dr. Peter). Reisen in Matto Grosso, 1887-1888. Zweite Xingú-Expedition.

XIGRIABAS

WÖRTER aus der Sprache der Xigriabás: L. W. von Eschwege. Brasilien, die neue Welt.

YAMAMADI

EHRENREICH (Dr. Paul). Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.

II Ueber einige Völker am Rio Purús. Amazonas. (Paumari-Yamamadi-Ipurina-Kangiti).

ZEITSCHRIFTEN (Broschüren, etc.)

"DAS ECHO", Berlin.

"DER DEUTSCHE BEOBSACHTER", Rio.

"DEUTSCHE KOLONIALZEITUNG", S. Leopoldo.

— — Post", S. Leopoldo.

— — ZEITUNG", Porto Alegre.

"EXPORT", Der. Berlin.

FREY (Jean). "Schweizerische Wochenzeitung".

N. 26 vom 25. Juni 1904, Seite 15, betr.

"Das brasilian. Geldwesen" von Jul. Meili. Band III.

GERMANIA. Deutsche Zeitung "Germania" in São Paulo.

GIESEBRECHT (Franz). Deutsch-brasilische Nachrichten. Berlin.

GLOBUS. Illustr. Zeitschrift für Länder & Völkerkunde. Braunschweig. Fr. Vieweg & Sohn. siehe Band 50 bis Band 88 & Fortsetz.

"LA PLATA-MONATSSCHRIFT", Buenos Aires.

"LA PLATA-RUNDSCHAU", Halbmonatsschrift.

"MONATSSCHRIFT" des deutsch-brasilischen Vereins in Berlin.

PETERMANN'S GEOGRAPHISCHE MITTEILUNGEN.

Aus Perthe's geograph. Anstalt über wichtige neue Forschungen auf dem Gebiete der Geographie. Gotha, 1850-1908 (& Fortsetz.). Ergänzungshefte 1-141 (& Forts.).

ROTERMUND (W.), São Leopoldo. Kalender für die Deutschen in Brasilien.

RUNDSCHAU. Südamerikanische. (Berlin). Hamburg.

SANTA CATHARINAER-KALENDER für das Jahr, 1866.

SCHACHT (Dr. Hjalmar). Red. der "Monatsschrift" des deutsch-brasilischen Vereins. Berlin.

"SÜDAMERIKANISCHE RUNDSCHAU". Hamburg.

TASCHENBIBLIOTHEK der Reise-Zeit- & Lebensbilder. VI. Brasilien.

ZENTRAL-BRASILIEN

RODT (Cecile von). Central- & Süd-Amerika.

SCHMIDT (Dr. Max). Reiseskizzen aus Zentral-Brasilien, I.

— — Reiseskizzen aus Zentral-Brasilien. II.

— — " " " " III.

STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Durch Zentral-Brasilien.

- STEINEN (Prof. Dr. Karl von den). Zweite Xingú-Expedition.
 — — — Ethnographische Berichte aus Brasilien.
 — — — Bericht vom Rio Kuluene (Xingú).
 — — — Unter den Naturvölkern Zentral-Brasilians.
 — — — Die Indianer am Urubáma & Envira.
 THERESE VON BAYERN (I. K. H. Prinzessin). Meine Reise in den brasilian. Tropen.

ZOLLWESEN

- KONSULAR-FAKTOREN für die Waaren-Einfuhr in Brasilien.
 NEUER Brasilianischer Zolltarif, nebst Reglement.
 WIENFELD (Kurt). Verkehr mit Brasilien.
 ZOLLTARIF für Brasilien, Vom 15. Novbr. 1890.
 — für Brasilien. Vom 17. Dezbr. 1897.
 — für Brasilien. Vom 19. März 1900.

ZOOLOGIE

- GEMMINGER & HAROLD. Catalogus Coleopterorum.
 HAGMANN (Dr. G.). Acanthicus hystrix.
 — — — Weiterer Beitrag zu Acanthicus hystrix.
 HAHN (Prof. Dr.). Die wanzenartigen Insekten.
 — — — Monographie der Spinnen.
 HENSEL (Dr. R. F.). Beiträge zur Kenntnis der Säugetiere Südbrasilians.
 — — — Beitrag zur Kenntnis der Wirbeltiere.
 HEUSSER (Dr. I. Chr.). Tierleben i/d. brasil. Provinz Rio.
- HIRTLE (Dr. I.). Lepidósiren paradoxa.
 REISE der Novara. Zoologischer Teil. Band 1-5.
 — — — S. M. Corvette "Aurora" nach Brasilien. (Zoolog.).
 STOLL (Prof.). Naturlijke Afbeeldingen en Beschrijvingen der Spoken, wandelnde Bladen, Zabel-Springhanen, etc.
 THERESE (Prinzessin von Bayern. I. K. H.). Zehn naturwissenschaftl. Abhandlungen zoolog. & botan. Resultate einer zweiten Reise nach Südamerika: speziell Columbien & Ecuador. III Lepidopteren. V Dipteren.
 TSCHUDI (I. I. von). Reisen durch Südamerika.
 WAGLER (Prof. Dr.). Monographie Psittacorum. München, 1832 (siehe auch: Wagler's System. der Amphibien). (System Avium. Descr. Icones Amphib.).
 WESTPHALENS Tierleben. Band II. Brasil. Vögel.
 WIEDEMANN'S zoolog. Magazin: Brasil. Fische.
 — — — Aussereurop. 2 flügelige Insekten.
 WIEDERSHEIM (R.). Handbuch der vergleich. Anatomie der Wirbeltiere.
 WIED-NEUWIED (Maximilian, Prinz zu). Reise nach Brasilien: 1815-1817.
 — — — Bilder zur Naturgeschichte Brasilians.
 — — — Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien. Weimar. 1825-1832.
 ZOOLOGISCHE GARTEN (Der). Frankfurt a/M. (s. Abhdlg. betr. Brasilien).
 — — — JAHRBÜCHER. Von Prof. Dr. I. W. Spengel, Giessen. Verlag von Gustav Fischer, Iena. (Siehe Abhdlg. betr. Brasilien).

A BIBLIOTHECA NACIONAL EM 1912

RELATORIO

QUE AO

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

apresentou em 15 de Abril de 1913

O DIRECTOR GERAL

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1913.

Sr. Ministro

DANDO cumprimento ao preceito regulamentar, tenho a honra de vos apresentar o relatório dos trabalhos que na Bibliotheca Nacional se effectuaram em 1912 e do movimento que nella occorreu durante o mesmo anno.

Pessoal

Esteve sempre desfalcado o pessoal, cujo quadro foi fixado em 1911 nos limites do indispensavel ao funcionamento dos diversos serviços a cargo deste estabelecimento.

Para tratamento de saude foram concedidas por esse Ministerio e por esta Directoria 34 licenças que variaram entre 15 dias e seis mezes, a maioria das quaes por tres mezes ou mais. Por outro lado as faltas de comparecimento, si bem que notadas devidamente, foram numerosas, tornando-se portanto sensiveis em prejuizo da regularidade dos trabalhos. Até ulterior deliberação continuou em commissão no Ministerio das Relações Exteriores o bibliothecario director da 1.^a secção. Em commissão na bibliotheca da Palacio do Cattete esteve o official Mario Cardoso de

Oliveira e na da Imprensa Nacional o amanuense Arnaldo Pinto Monteiro, aquelle desde Abril e este a começar de Dezembro.

Falleceram o auxiliar Joaquim Saldanha da Silveira a 1 de Janeiro, o guarda Tiburcio Francisco Luiz de Moraes a 24 de Abril, o official e thesoureiro Julio Cesar de Moraes a 13 de Julho e o porteiro José Bernardes a 18 de Setembro.

Para servir de thesoureiro designei o amanuense Antonio Martins Barreto. Por portaria de 4 de Outubro foi nomeado para o cargo de porteiro o guarda João Gomes Brasil.

A vaga de auxiliar foi preenchida por meio de concurso de documentos, aberta a inscripção em Janeiro, tendo-se inscripto nove candidatos. Para ser ouvido a respeito, reuniu-se pela primeira vez o conselho consultivo que opinou no sentido de serem classificados em 1.º lugar Arbaldo Cabral Botelho Benjamin e em 2.º lugar Oscar Luna Freire e Thomaz Pereira Caldas, podendo os seis restantes ser considerados como classificados em 3.º lugar. Em consequencia foi nomeado Thomaz Pereira Caldas, por Portaria de 4 de Março.

Foi igualmente ouvido o parecer do conselho consultivo a respeito do merecimento dos amanuenses, para a promoção ao cargo de official, opinando dous dos directores de secção em favor de Mario Behring e dous em favor de Eugenio Teixeira de Macedo. Foi promovido o ultimo por Portaria de 2 de Agosto e na mesma data foi o auxiliar Theopompo Quintella promovido a amanuense. Para o preenchimento do lugar deixado por este foi, em Agosto, aberto concurso, no qual se inscreveram 26 candidatos, cujos documentos o conselho consultivo examinou em tres reuniões successivas e a respeito dos quaes emittiu parecer classificando em 1.º lugar Oscar Luna Freire, em 2.º o bacharel Antonio Augusto de Mattos Mendes, em 3.º Raul de Freitas Melro e collocando os demais na ordem da importancia attribuida aos titulos apresentados. A nomeação, por Portaria de 17 de Outubro, recahiu no candidato classificado em 1.º lugar.

Serviram como auxiliares interinos Thomaz Pereira Caldas, até 3 de Março, Oscar Luna Freire, até 30 de Setembro, Carlos Freire Seidl, desde 3 de Agosto, Frederico de Barros Barreto, de 5 de Agosto a 5 de Outubro, Julio Cesar de Mello Sousa, de 19 de Outubro a 26 de Novembro, Manoel Nogueira da Silva, desde 18 de Novembro e Carlos Benjamin Garcia de

Sousa; a partir de 4 de Dezembro. Renovei para o anno de 1912 a designação do bibliothecario Dr. Aurelio Lopes de Sousa para me substituir nos casos de impedimento.

Para o gozo de férias foi o pessoal do quadro dividido em quatro turmas, a começar de 6 de Novembro.

1.^a Secção

A aquisição effectuada em 1912 para a secção de impressos é representada pelos seguintes numeros:

Por compra	805 obras em	1038 volumes		
" doação	7517 " "	8476 "		
" contribuição legal .	656 " "	675 "	; 7 musicas	
" permuta por publicações da Bibliotheca	15 " "	15 "		
Pelo serviço de permutações internacionaes	223 " "	300 "		
	<hr/>	<hr/>		
	9211 " "	10504 "	7 "	

No total das doações estão comprehendidas 5.055 obras em 5.681 volumes pertencentes á Collecção Benedicto Ottoni, que só em 1912 puderam ser lançadas no livro de entrada e que com aquellas que o foram no anno antecedente constituem a parte da collecção recolhida á secção de impressos. Estão igualmente incluídas naquelle numero 986 obras em 1.112 volumes, que formam a Collecção Azevedo Castro, doada em 1912 pela Exma. Viuva do Conselheiro José Antonio de Azevedo Castro e composta de obras que a este haviam pertencido, valioso conjuncto no genero da collecção que o mesmo offertara e á qual déra o nome do Visconde de Taunay.

Da Collecção Ferreira da Costa apenas puderam ser lançadas no livro de registro de entrada 180 obras em 265 volumes, que fazem parte do computo acima.

Quanto a publicações periodicas, receberam-se 1.398 das quaes 1.123 nacionaes (uma por doação e as demais por contribuição legal) e 275 estrangeiras (138 por compra, 73 por doação e 64 pelo serviço de permutações internacionaes).

Os periodicos recebidos por contribuição legal assim se discriminam, conforme o logar da publicação:

Acre.	6
Alagoas	21
Amazonas	12
Bahia	52
Ceará	30
Districto Federal	235
Espirito Santo.	14
Goyaz	10
Maranhão	10
Matto Grosso	15
Minas Geracs	129
Pará	24
Parahyba	17
Paraná	35
Pernambuco.	40
Piauhy	17
Rio Grande do Norte.	9
Rio Grande do Sul	100
Rio de Janeiro	93
Santa Catharina	93
S. Paulo.	210
Sergipe	10
	<hr/>
	1122

Algumas das aquisições:

Por compra:

- La Comedia del divino Dante Alighieri da Firenze con la esposizione di Giuseppe Lando Passerini da Cortona. In Firenze, appresso Leo Olshki, Editore. MDCCCXII.
Edição de 306 exemplares numerados.
- J. H. Fabre. Souvenirs entomologiques. Paris. S. d. 10 v.
- Alexandra Kraushara. Dzieje Krzysztofa z Arciszewa Arciszewskiego... Petersburg. 1892-93. 2 v.
- Bernardo Windscheid. Diritto delle Pandette. Prima traduzione italiana... dagli avv. prof. Carlo Fadda... e prof. Paolo Emilio Bensa. Torino. 1902-04. 5 v.

Por doação:

Do Dr. Adelino Nunes Pereira:

- Collecção de 31 volumes do jornal *A Provincia do Espirito Santo*, que passou a denominar-se *Estado do Espirito Santo*. 1882-96.

Do notavel polygrapho francez Raoul de la Grasserie recebeu a Bibliotheca a preciosa offerta de 146 de suas obras, em 147 volumes, sobre direito, litteratura, linguistica, etc.

Da Exma. Familia do fallecido José de Espinheiro foram recebidas 250 obras em 301 volumes, que a este haviam pertencido e por elle tinham sido destinadas á Bibliotheca Nacional.

O Dr. Tobias Monteiro alem de outras obras offereceu:

- Ernest Renan. Prière sur l'Acropole. Compositions par Eugène Froment. Paris. Edouard Pelletan. Éditeur. MDCCCXCIX.
Exemplar n. 257, encadernado a 3/4 de pergaminho.

Os Srs. Augusto Dias Carneiro, Capitão-Tenente Evandro dos Santos, F. Ptaschnik, Dr. João Baptista da Motta, Dr. Miguel Abilio Borges, Miguel Lemos e Paulo Copertino do Amaral contribuíram para o enriquecimento da secção, offerecendo-lhe diversas obras.

Por contribuição legal:

De Francisco Alves & C.^ª:

- Afranio Peixoto. A esfinge. Rio. 1911.

Da Imprensa Nacional:

- Epitacio Pessoa. Projecto de código de direito internacional publico. Rio. 1911.

De Jacintho Ribeiro dos Santos:

- Paulo de Lacerda. A cambial no direito brasileiro. Rio. S. d.
- A. O. Viveiros de Castro. Tratado de sciencia da administração e direito administrativo. 2.^a ed. Rio. 1912.

Da Typ. Leuzinger:

- Esmeraldino Bandeira. Estudos de politica criminal. Rio. 1912.
- Dunshee de Abranches. O Brasil e o arbitramento. Rio. 1911.

Extrahiram-se para o catalogo geral 11.270 fichas correspondentes a 5.408 obras encadernadas em 5.191 volumes.

Remetteram-se á Officina de Encadernação 3.296 volumes e della se receberam encadernados 2.491, inclusive 1.546 volumes de jornaes e revistas.

O serviço da consulta fez-se regularmente durante o anno de 1912, tendo-se aberto as salas publicas da secção durante 342 dias das 10 horas da manhã ás 10 da noute, á excepção dos domingos, nos quaes só estiveram abertas de 11 horas da manhã ás 3 da tarde.

Foram 63.842 os leitores que procuraram a secção e consultaram 71.438 obras em 82.688 volumes, alem de 26.563 avulsos, resultado que ainda não havia sido alcançado. A media diaria dos leitores foi de 186,6 e a de consultas de 286,5.

Distinguindo por trimestre o movimento da consulta, temos:

<i>Trimestres</i>	<i>Leitores</i>	<i>Obras em volumes</i>		<i>Avulsos</i>
1.º	14.306	14.176	17.549	6.488
2.º	15.461	17.538	20.706	6.416
3.º	16.801	19.078	21.774	6.600
4.º	17.274	20.646	22.659	7.059
	62.842	71.438	82.688	26.563

Discriminando por classes e por linguas, temos:

CLASSES	NA BIBLIOTHECA			EM DOMICILIO	
	OBRAS	VOLS.	AVULSOS	OBRAS	VOLS.
Annuarios e revistas	9341	9341	9928		
Artes e Industrias.	917	1057		1	1
Bellas Artes.	457	572			
Bibliographia	83	124		3	4
Chorographia do Brasil	729	818		5	6
Direito, Legislação e Jurisprudencia	5567	7319		15	15
Economia Politica	327	407		3	4
Encyclopedia e Polygraphia	1617	1041			
Geographia	935	1091		3	3
Historia	3267	4394		2	2
Historia do Brasil	1505	1926		5	7
Instrucção e Educação.	359	417			
Jornaes	6746	6746	16635		
Litteratura	12685	14939		84	118
Litteratura Brasileira	6834	7359			
Philologia e Linguistica	2349	2639		1	1
Philosophia	1485	1769		4	4
Politica e Administração	458	666		2	2
Religião	590	808		1	1
Sciencias mathematicas	4196	4910		2	2
Sciencias medicas	6787	8067		5	9
Sciencias naturaes	4066	5196		2	3
	71300	82506	26363	138	182
LINGUAS					
Allema	354	425	360		
Arabica	2	2	2		
Chineza	1	1			
Esperanto.	227	229	5		
Franceza	15085	19134	2924	21	26
Grega	30	34			
Hebraica	11	12			
Hespanhola	683	763	704	8	8
Hollandeza	6	17			
Ingleza.	812	903	839	2	2
Italiana	984	1175	561	2	3
Japoneza	5	6			
Latina	286	441			
Polaca	6	24			
Portugueza	52790	59322	21168	105	143
Russa	3	3			
Sueca	1	1			
Tupy-guarany	14	14			
	71300	82506	26563	138	182

2.^a Secção

A secção de manuscriptos adquiriu 385 documentos, dos quaes 130 por compra, 236 por doação, tres por contribuição legal (cópias photographicas) e 16 que foram remettidos da Directoria. São avulsos 369 e constituem os demais 18 volumes. Estão ahí comprehendidos 33 documentos da Collecção Benedicto Ottoni, dos quaes 23 são avulsos e 10 formam 11 volumes.

No livro de aquisição de obras impressas necessarias á secção foi registrada a entrada de 32 obras em 41 volumes, sendo por compra 28 em 37 volumes, por doação duas e pelo serviço de permutações duas, estas e as precedentes em igual numero de volumes.

D'entre as aquisições por compra mencionarei:

- Volume 4.^o do Inventario de documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. Organizado para esta Bibliotheca pelo Dr. Eduardo de Castro e Almeida.
- Historich-geographischer Katalog für Brasilien. 1500-1908. Von J. Scherrer. 95 ff. Original.
- Zur Bibliographie Brasiliens. Katalog amerikanischer und englischer Veröffentlichungen bezüglich Brasilien. Von 1592 bis 1911. Zusammen gestellt von Joseph Scherrer. Zürich. 76 ff. Original.
- Cópias extrahidas no Archivo de Haya pelo Dr. Pedro Souto Maior de documentos referentes ao dominio hollandez no Brasil. 82 documentos.
- "Codices graeci et latini photographice depicti", Collecção de reproducções em fac-simile de manuscriptos classicos gregos e latinos escolhidos nas grandes bibliothecas da Europa, edição de A. W. Sijthoff's Uitg. Mij, de Leyde. 24 obras em 28 volumes.
- "Breviarium Grimani". Reprodução em fac-simile de um dos mais notaveis manuscriptos da escola flamenga, pertencente á Bibliotheca Nacional de S. Marcos, em Veneza. Estão reproduzidas todas as 1.568 paginas do Breviario, das quaes 300 a cores. 3 volumes ricamente encadernados.
- 30 cartas dirigidas a Manoel de Araujo Porto Alegre por Antonio Feliciano de Castilho, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo, Varnhagen, Domingos de Magalhães, Barão do Bom Retiro e J. B. Debret. Originaes.

Das doações apontarei:

- "Memorias Politicas, Militares e Biographicas". Do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos. 1 vol. com 84 ff. Original. Faz parte da Collecção Benedicto Ottoni.
- Reflexões Economico-Políticas sobre a Constituição das Colonias do Estado do Brazil. O. Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Aguiar... o Dez.^{to} Manoel de Matos Pinto de Carvalho e Albuquerque. 1814. Parte 1.^a com 229 pags. Parte 2.^a com 165 — XXIII pags. Original (?). Pertence á Collecção Benedicto Ottoni.

- Provas typographicas da Constituição Federal revistas pelo Cops.º Ruy Barbosa. Com annotações do mesmo. Offerta do Dr. Tobias Monteiro.
- 31 Cartas do General Francisco da Silva Tavares, Martinho Campos, L. Cruls, Paulino de Sousa, Carlos de Carvalho, Francisco Octaviano e outros. Originaes. Offerta do Dr. Tobias Monteiro.
- Acta da inauguração da Bibliotheca Publica do Estado de Matto Grosso. Com 74 assignaturas autographas. Remettida pela mesma bibliotheca.

Das copias enviadas pelo Dr. Rodolpho R. Schuller, que em commissão da Bibliotheca fez pesquisas em archivos e bibliothecas da Europa, foram em 1912 registradas 63, entre as quaes estão:

- El Paraiso en el Nuevo Mundo. Cometario apologetico, historia natural y peregrina de las Yndias Occidentales, Yslas y Tyerra Firme del Mar Oceano: Por el licenciado D. Antonio de Leon Pinelo, del Consejo de S. M. y su Oydor de la Casa de la Contratacion a las Yndias... Año de M. DC. LVI. Tom. I—II.
- Do precioso documento existe na Bibliotheca do Rei da Hespanha uma copia feita em 1779, da qual o Dr. Schuller extrahiu aquella a que me refiro, e consta de 151 ff.
- Vocabulario de la lengua de los Yndios que poblan los rios de Putumayo y Caquetá hecho a sollicitudines del Colegio de Misiones de San Diego de Quito.
- Copiado pelo Dr. Schuller no Archivo das Indias em Sevilha e por elle confrontado em parte com o original existente na Academia Real da Historia, em Madrid. 113 ff.

Pertencentes á secção, foram encadernados 10 volumes de obras impressas, bem como 109 volumes de manuscriptos.

Extrahiram-se 1.030 fichas de catalogo, correspondentes a 446 documentos, dos quaes 37 avulsos e 409 em 196 volumes.

Foram em numero de 119 os consultantes, 15.503 os documentos submettidos á consulta, dos quaes 7.215 avulsos e 8.288 comprehendidos em 88 volumes. A secção esteve aberta ao publico em 293 dias uteis.

Distribuem-se pelas seguintes classes os documentos consultados:

Bellas letras.	438	documentos
Biographia.	89	"
Botanica	1	"
Brasil em geral.	9421	"
Chorographia do Brasil.	12	"
Conjuração mineira.	1	"
Documentos biographicos	915	"
Ethnographia.	51	"
Guerra hollandeza	304	"
Guerra do Paraguay.	137	"
A transportar.	11369	"

Transporte.	11369	documentos
Historia ecclesiastica	529	"
Historia dos Estados.	3401	"
Historia parlamentar	21	"
Limites.	1	"
Linguistica americana	181	"
Potamographia.	1	"
	15503	"

Taes documentos são escriptos nos seguintes idiomas:

Francez.	54	documentos
Hespanhol	3	"
Portuguez	15446	"
	15503	"

Não houve emprestimo, nem restituções. Permittiu-se que fosse extrahida copia de 367 documentos.

3.^a Secção

A secção de estampas e cartas geographicas adquiriu 16.670 estampas, das quaes 406 são avulsas e 16.264 formam 327 collecções, sendo 2.847 por compra, 12.950 por doação, 270 por contribuição legal, sete em permuta por publicações da Bibliotheca, cinco pelo serviço de permutações internacionaes e 591 por transferencia de secção. Dessas estampas 664 são brasileiras ou dizem respeito ao nosso paiz e 16.006 são estrangeiras.

Estão comprehendidas em taes numeros 11 peças avulsas e 150 que formam tres collecções pertencentes á Coll. Benedicto Ottoni, assim como 24 avulsas e 12.590 que constituem 250 collecções pertencentes á Coll. Ferreira da Costa.

O acervo passou a ser de 139.852 estampas.

Conforme os processos empregados na factura das peças agora adquiridas, distinguem-se estas do seguinte modo:

Xylographia	897	
Gravura a buril	4967	
" " agua-forte	3581	
" " agua-tinta	151	
" " pontilhado	16	
Lithographia	3389	
	13001	
A transportar.		13001

Transporte.	13001
Hellogravura	1363
Photogravura	547
Phototypia.	970
Zincographia	3
Photographia	768
Aquarella	8
Desenho.	10

16670

Entre as aquisições por compra estão:

- Le Brésil contemporain. De la Collection. "Nos contemporains". Galerie internationale des personnalités contemporaines dans les arts, sciences, lettres, politique, agriculture et commerce. Dr. P. Rovelly. Tome I. Berlin-Charlottenburg. S. d.
- Argentina Contemporanea. Galeria de contemporaneos en el terreno de artes y ciencias, politica, agricultura y comercio. Director e jefe-redactor Dr. Pietro Rovelly. Berlin-Charlottenburg. S. d. 4 v.
- São collecções de retratos em phototypia, acompanhados de biographias.
- Caricatura a proposito da tomada de São Salvador pelos hollandezes em 1624. (N. 5463 catalogo de 1912 de Fred. Muller & C.) Texto em hollandez. Agua-forte.
- E' talvez a mais antiga caricatura referente ao Brasil.
- Encyclopédie du meuble du XV siècle jusqu'à nos jours, publiée sous la direction de Ed. Bayot. Paris. S. d. 4 v. com 600 estampas em hellogravura.
- Hans Memlinc. La chässe de Sainte Ursule. La sibylle persane. Le diptyque de Marten van Nieuwenhove. Reproduits dans les couleurs des originaux. Notices explicatives par le prof. Pol de Mont... et par le prof. Dr. S. G. De Vries... Leyde. A. W. Sythoff's Uitg Mij. S. d.

Entre as doações:

- Departure of His R. H. the Prince Regent of Portugal for the Brazils the 27th Nov. 1807. Engraved by F. Bartolozzi. Peça bastante rara, offerta do Dr. J. C. Rodrigues.

Com 5.946 "illustrações" foram adquiridas 11 obras em 15 volumes, das quaes tres por compra, sete por doação e uma por contribuição legal. Dessas obras são nacionaes duas e comprehendem 2.765 illustrações.

Quanto a "rotulos", recebeu a secção 17, todos por contribuição legal e portanto nacionaes.

Relativamente ás cartas geographicas, consistiu a aquisição em 59 peças avulsas, das quaes seis manuscriptas, e 29 atlas com 1.081 cartas, das quaes nove são manuscriptas e constituem um atlas.

Das cartas avulsas foram obtidas duas por compra, 25 por doação, 23 por contribuição legal, uma por permuta por publicações da Bibliotheca e oito por transferencia de secção.

Dos atlas vieram 17 por doação, cinco por contribuição legal e sete por transferencia de secção, sendo 13 relativos ao Brasil. Pertencem á Coll. Benedicto Ottoni 18 cartas avulsas e 318 que formam cinco atlas e á Coll. Ferreira da Costa 191 cartas em tres atlas.

Merece menção especial a seguinte carta geographica obtida por compra:

— Perfecte caerte der gelegentheyt van Olinda de Pharnambuco, Mauritsstadt ende t'Reciffo... gecarteert door Cornelis Goliath caertmaker van... I. Maurits van Nassou... uyt gegeven door Claes Jansz. Visscher. Anno 1648. (N. 5.437 do cat. de 1912 de Fred. Muller & C.).

Quanto a obras de consulta necessarias á secção, adquiriu esta 89 obras em 352 volumes, sendo por compra nove em 10 volumes, por doação 75 em 117 e por transferencia de secção cinco em 225.

Pertencem á Coll. Ferreira da Costa 74 dessas obras em 115 volumes.

Encadernaram-se para a secção 37 volumes e entelaram-se 122 cartas geographicas.

Para o catalogo de obras de consulta foram extrahidas 134 fichas correspondentes a 80 obras. Entraram para o catalogo 598 cartas geographicas avulsas e 115 atlas, tendo-se extrahido para estes 182 fichas e para aquelles 1.745.

A secção foi procurada por 593 consultantes, tendo sido fornecidas a consulta 356 estampas avulsas e 219 colleções com 24.813 estampas, 273 cartas geographicas avulsas e 245 atlas com 16.387 cartas, assim como 20 obras especiaes em 30 volumes.

4.^a Secção

Adquiriu a secção de moedas e medalhas 493 peças, sendo:

Moedas	34
Ensaio	1
Vale metallico.	1
Jétons	12
Cedulas	62
Vale papel.	1
Apolice	1
Titulo bancario	1
Medalhas	376
Condecorações.	2
Distinctivos.	2

Dessas peças 14 são de ouro, 73 de prata, tres de prata dourada, uma de prata e bronze, 328 de outros metaes (bronze, cobre, latão, aluminio, nickel, chumbo, estanho), seis de madeira e 67 de papel. São nacionaes ou referentes ao Brasil 222 de taes peças e estrangeiras 271. Foram adquiridas por compra 336, por doação 78, por contribuição legal cinco e por permuta 74.

Deduzindo do acervo 34 peças em duplicata cedidas em permuta e accrescentadas as que foram obtidas em 1912, ficou aquelle elevado a 29.168 peças.

Entre as principaes aquisições por compra estão:

- Dobra de 16 escudos de D. João V, 1731, cunhada em Lisboa, sem marca monetaria. Ouro. Peça da maior raridade. Só se conhecem tres ou quatro exemplares.
- Medalha do almirantado da Frisia Occidental, offerecida aos capitães de navios que voltavam das Indias e do Brasil e outros pontos da America. P. P. P. (1598). Prata.
- Medalha commemorativa da tomada de Cayenna aos Francezes em 1809. Com a effigie de D. João, Principe Regente. Bronze.
- Medalha da inauguração do novo edificio da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Ouro.

Entre as doações mencionarei:

- Medalha da inauguração da estatua de D. Pedro II em Petropolis em 1911. Um exemplar de prata e outro de bronze offertados pelo Sr. Conde de Affonso Celso.
- Medalha do Jubileu dos Telegraphos do Brasil. XI—V—MDCCCLII. XI—V—MCMII. Com a effigie do Barão de Capanema. Prata. Offerta do Dr. Tobias Monteiro.

A bibliotheca da 4.^a secção foi enriquecida com 38 obras em 65 volumes, sendo 28 por compra, sete por doação e tres por transferencia de secção.

Foram encadernados 36 volumes pertencentes á secção.

Os consultantes foram em numero de 305, tendo-lhes sido facultadas 11.582 moedas e 11.866 medalhas, alem de 30 obras em 69 volumes.

Direitos Auctoraes

Registraram-se para garantia dos direitos de auctor 531 obras publicadas em 1911 e em 1912, registros que foram numerados de 1.278 a 1.808, tendo sido requeridos 54 pelos auctores e 477 pelos cessionarios ou editores.

Avultaram as composições musicas ainda em manuscrito, das

quaes foram registradas 357. As composições musicas impressas que se submeteram a registro foram 47, os discos phonographicos 79, as obras scientificas, litterarias e didacticas 38, as cartas geographicas duas, as peças de theatro ainda em manuscripto cinco, tendo-se registrado uma dessas peças já impressa, bem como um indicador e um desenho.

Podendo suscitar duvidas na sua interpretação a lei n. 2.577 de 17 de Janeiro de 1912, que dispensa da formalidade do registro as obras editadas em paizes estrangeiros que tiverem adherido ás convenções internacionaes sobre o assumpto ou assignado tratados com o Brasil, nos quaes se tenha assegurado a reciprocidade de tratamento, tive occasião de consultar a esse Ministerio em officio de 30 de Julho si a citada lei se refere somente a convenção a que o Brasil venha a adherir e a tratados a serem assignados ou si tambem está comprehendida a convenção effectuada com Portugal a 9 de Setembro de 1889, actualmente ainda em vigor, caso em que não poderão ser acceitas a registro as obras de auctores portuguezes, que de tal formalidade não mais precisarão.

Do despacho desta Directoria, que negou registro á traducção de Accacio Antunes da peça *Amor de Principes*, recorreu Celestino da Silva para esse Ministerio, que ao seu recurso deu provimento em Aviso que transcrevo:

“ Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. — Directoria do Interior. — N. 1.236. — 2.ª secção. — Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1912.

Restituindo-vos as petições e documentos de Celestino da Silva e Luiz Antonio Pereira, a que se referem os vossos officios ns. 169 e 218, de 9 de Julho e 5 de Setembro do corrente anno, declaro-vos, para os fins convenientes, que no recurso interposto pelo primeiro do despacho pelo qual essa Directoria indeferiu o requerimento em que o mesmo peticionario solicitou o registro da opereta *Amor de Principes*, proferi, em 30 do mez proximo findo, o seguinte despacho:

“ O art. 13 da Lei n. 496, de 1 de Agosto de 1898 prescreve que é formalidade indispensavel para entrar no gozo dos direitos de autor o registro dentro do prazo maximo de dois annos a terminar no dia 31 de Dezembro do seguinte áquelle em que deve começar a contagem do prazo de que trata o art. 3.º. O art. 3.º diante da difficuldade de fixar a data exacta da publicação de uma obra qualquer, adoptou o alvitre de fazer a contagem de 1 de Janeiro do anno em que se fizer a publicação, exceptuando, porem, o caso de representações ou execuções, para cuja hypothese manda contar o prazo da primeira representação ou execução que se tiver effectuado com autorisação do autor. O disposto no art. 13 não pode ser interpretado senão de accordo com o art. 3.º, prevalecendo, na sua interpretação, a excepção estabelecida na ultima parte deste, para as representações e execuções.

Ora, estando provado destes autos que a primeira representação da peça *Amor de Principes* teve logar a 10 de Novembro de 1910, o prazo

para o seu registro, harmonizados os dispositivos dos arts. 3.º e 13, terminará a 10 de Novembro de 1912.

E, como Luiz Antonio Pereira não juntou á sua petição documento algum, provando o seu direito á traducção de Accacio Antunes, o que, entretanto, fez Celestino da Silva, não é caso do alvitre lembrado pelo Sr. Director da Bibliotheca Nacional; e, por isso, tendo em attenção o exposto, dou provimento ao recurso de Celestino da Silva para o fim de ser registrada a peça *Amores de Principe*, de accordo com o seu pedido. Saude e fraternidade. — *Rivadavia da Cunha Corrêa.*”

Essa Directoria havia prestado a respeito as informações que constam do seguinte officio:

“Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1912. N. 169.

Sr. Ministro — O despacho desta Directoria, ao qual se refere Celestino da Silva na petição de recurso que vos dirigiu e que vos restituo, encontra fundamento no art. 13 da lei n. 496 de 1 de Agosto de 1898. Não havendo na mesma lei outro modo de contar o prazo do registro senão o que consta do art. 13, adoptou-o o Aviso n. 792 de 19 de Agosto de 1901 declarando que o registro de obra dramatica em manuscrito publicada em “recita” se deve fazer nos termos do mesmo artigo.

Cumprindo-me observar a lei, tal qual é, e as resoluções desse Ministerio, não me foi possível accetar a registro a traducção de Accacio Antunes da peça *Amor de Principes* representada pela primeira vez em Lisboa em 1910, porque o prazo para o respectivo registro havia terminado a 31 de Dezembro de 1911. Não importa que a primeira representação se tenha effectuado em Portugal ou no Brasil, do mesmo modo que é indifferente que a publicação de um livro se tenha feito num ou noutro desses paizes, uma vez que a Convenção de 9 de Setembro de 1889 estabeleceu “que os auctores de obras litterarias escriptas em portuguez e das artisticas de cada um dos dous paizes gosem no outro do mesmo direito de propriedade que as leis ahí vigentes ou as que forem promulgadas concedem ou concederem aos autores nacionaes.”

Conforme o art. 13 da lei citada, o prazo para o registro termina sempre a 31 de Dezembro do anno seguinte áquelle anno em que começar a contagem do prazo de garantia de que trata o art. 3.º. As palavras “dentro do prazo maximo de dous annos” têm sido entendidas como significando que o prazo varia segundo a epoca da publicação e será de dous annos no maximo.

A difficuldade de determinar o dia exacto da publicação, pois na maioria dos casos não consta das obras impressas senão o anno em que estas se imprimiram, levou o legislador a estabelecer uma regra geral, tomando sempre como ponto de partida o primeiro dia do anno da impressão e fazendo sempre terminar o prazo no ultimo dia do anno seguinte. As obras dramaticas e musicas que, achando-se impressas, estão sujeitas ao mesmo prazo, não poderiam quando em manuscrito ficar collocadas em melhor situação. Assim entendeu esse Ministerio mandando no citado Aviso n. 792 que fossem registradas nas mesmas condições.

O requerente não se referiu a principio á representação que teve lugar em Lisboa e procurou fazer a prova da primeira representação

effectuada no Rio de Janeiro no Theatro Apollo, a 15 de Março de 1911, pela Companhia Galhardo. Juntou então uma noticia do *Jornal do Commercio* na qual a traducção é attribuida a Luiz Galhardo. Não sendo aceita essa prova por se tratar de traductor differente, o requerente juntou a noticia que do mesmo espectáculo deu o *Correio da Manhã* de 16 de Março daquelle anno, na qual não ha referencia ao nome do traductor, assim como o annuncio de que seria representada em Junho no Theatro Recreio pela Companhia Taveira a traducção de Accacio Antunes da peça *Amores de Principe*.

Conservava porem em seu poder o requerente um documento que explicava a substituição do nome do traductor, mas delle só se utilisou por não ter conseguido de outro modo fazer a prova da representação daquelle traducção que lhe foi cedida. E' porém desse documento, só ultimamente exhibido, que consta ter-se effectuado em Lisboa a primeira representação em 1910.

Accresce porem a circumstancia de que ao mesmo tempo requereu Luiz Antonio Pereira o registro da traducção de Accacio Antunes da peça *Amores de Principe*, representada em Lisboa em 1910, compromettendo-se a dentro de trinta dias apresentar o documento de cessão.

Não estivesse esgotado o prazo para os requerentes, seria o caso do art. 8.º das Instrucções de 11 de Junho de 1901 e o registro não se faria sem que se houvesse decidido, por accordo das partes ou perante o juizo competente, a quem devia caber o direito auctoral.

Remetter-vos-hei as duas petições, uma de Celestino da Silva e outra de Luiz Antonio Pereira, acompanhadas das peças e documentos, si assim julgardes necessario."

Mediante requisição do Director Geral da Directoria do Interior, enviei-lhe com officio de 6 de Setembro as petições e os documentos a que se refere o officio supra, bem como a publica-fórma do documento de cessão feita por Accacio Antunes em favor de Luiz Antonio Pereira.

Deposito, Distribuição e Venda de Publicações

Deram entrada 36 publicações, cujos exemplares montaram a 6.947, sendo 12 (2.202 volumes) por compra, 12 (224 volumes) por doação e 13 (4.521 volumes) enviados de estabelecimentos officiaes sem indicação de destinatario. Forneceram estas o Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, o da Marinha, a Repartição Geral dos Telegraphos, a Imprensa Nacional, a Superintendencia dos Portos e Costas e a propria Bibliotheca. No numero das publicações obtidas por compra estão as seguintes:

- Geographia-atlas do Brazil e das cinco partes do mundo, conforme o "Atlas do Brazil" do Barão Homem de Mello e Dr. F. Homem de Mello Rio. 1912.
- Theodoro Sampaio. Atlas dos Estados Unidos do Brazil. Bahia, 1911.

- Oliveira Lima. Aspectos da litteratura colonial brasileira. Leipzig. 1896.
- Joaquim Leitão. Do civismo e da arte no Brasil. Lisboa. 1900.
- Graça Aranha. Chanaan. Traduit du portugais par Clément Gazet. Paris. 1900.

A diversas bibliothecas do paiz foram enviadas 300 publicações diferentes, cujos exemplares sommados dão o total de 2.097 volumes que seguiram acondicionados em uma caixa e em 1.435 pacotes. Nesses numeros estão incluídos 1.224 exemplares do 2.º vol. do “Diccionario Chorographico, Historico e Estatístico de Pernambuco, já distribuídos.

A’ relação de bibliothecas brasileiras, ás quaes se remetem as publicações a distribuir, foram acrescentadas às cinco seguintes, ficando elevado a 126 o respectivo numero:

- Bibliotheca do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, São Paulo.
- ” Publica do Estado de Matto Grosso. Cuyabá.
- ” Santa Cruz. Tombos de Carangola. Minas Geraes.
- Gabinete de Lettura Affonso Penna. Uberaba. Minas Geraes.
- Bibliotheca do Club Naval. Rio de Janeiro.

Importaram em 160\$000 as publicações vendidas durante o anno de 1912.

Serviço de Permutações Internacionaes

Foram incluídos no numero dos estabelecimentos estrangeiros com os quaes o nosso Serviço de Permutações entretém relações os seguintes, elevando-se assim aquelle numero a 254:

- Bibliotheca Popular de La Paz. Entre Rios. Argentina.
- The Southwest Society. Archeological Institute of America. Los Angeles. California.
- Princeton University. Princeton. New Jersey.
- Bibliotheca Argentina. Rosario.
- Oeffentliche Bibliothek Altes Rathaus. Bielefeld. Prussia.
- Real Academia de la Historia. Madrid.
- Rijks Archief. Haya.
- Real Sociedade Geografica. Madrid.
- Bibliotheca Municipal. Elvas. Portugal.
- Bibliotheca Particular del Rey de España. Madrid.

Fizeram-se tres remessas a estabelecimentos estrangeiros e constaram de 20 publicações, das quaes se enviaram 4.816 volumes acondicionados em 60 caixas e 1.673 pacotes, tendo seguido estes por via postal.

As caixas foram enviadas aos seguintes estabelecimentos para as encaminharem ao seu destino:

- 9 á *Smithsonian Institution*. Washington.
 4 á Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos. Lisboa.
 2 á *Oficina de Canje Internacional de Publicaciones*. Montevideo.
 3 á *Comision Protectora de Bibliothecas Populares*. Buenos Ayres.
 8 ao Consulado Geral do Brasil em Liverpool.
 4 a *Karl W. Hiersemann*. Leipzig.
 4 á *Biblioteca Nacional de Santiago do Chile*.
 6 ao *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts*. Pariz.
 2 á *Commission Royale Belge des Échanges Internationaux*. Bruxellas.
 2 á *Bibliothèque Fédérale*. Berna.
 2 á *Oficina General de Canjes y Inñormaciones*. Assumpção.
 2 ao Consulado Geral do Brasil em Lisboa para por seu intermedio serem remetidas ao *Servicio de Cambio Internacional de Publicaciones* em Madrid.
 3 á *K. K. Statistische Central Commission*. Vienna.
 1 ao *Department of Foreign Affairs*. Tokyo.
 2 á *K. Svenska Vetenskaps Akademien*. Stockholmo.
 3 á *Commission Russe des Échanges Internationaux*. S. Petersburgo.
 2 ao *Bureau Scientifique Central Néerlandais*. Leyde.
 2 á *Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele*. Roma.
 1 ao Consulado Geral do Perú no Rio de Janeiro.

Estão incluídos nas remessas a que me referi 148 pacotes com destino indicado procedentes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Foram tambem recebidos 490 pacotes do Museu Nacional que não puderam ser encaminhados em 1912 e aguardaram a primeira remessa de 1913.

De estabelecimentos estrangeiros recebeu o Serviço de Permutações 58 caixas e 16 pacotes com publicações a entregar, sendo: da *Smithsonian Institution*, 33 caixas; da *Commission Royale Belge des Échanges Internationaux*, 18 caixas e 14 pacotes; do *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts*, 3 caixas; da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos, 3 caixas; do *Bureau Scientifique Néerlandais*, 1 caixa; da *Sociedad Científica "Antonio Alzate"*, do Mexico, 2 pacotes.

O total de pacotes a entregar comprehendidos nos volumes acima foi de 1.876.

Fez-se com a possivel regularidade a entrega dos volumes em transito, tendo-se enviado ao Museu Goeldi, do Pará, accomodados em uma caixa 211 pacotes, que lhe eram destinados, procedentes do estrangeiro.

Serviço de Bibliographia e Documentação

Do Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas foram recebidas cerca de 100.000 fichas do repertorio bibliographico universal, que reunidas ás que se receberam em 1911 estão sendo distribuidas nos moveis a esse fim destinados.

A' falta de pessoal não foi possível dar início ao repertório brasileiro como contribuição ao repertório universal, de que vai sendo adquirida uma coleção, nem por em execução outras providências a que se refere o art. 137 do Regulamento da Bibliotheca.

Curso de Bibliothconomia

A salutar criação do Regulamento não pôde em 1912 ser posta em prática por haverem desistido da inscrição os funcionários que a haviam obtido.

E' certo que o director da secção de manuscritos, tendo sido transferido, por ocasião da reforma, da 1.^a para a 2.^a secção, se não julgou devidamente preparado para a inauguração immediata do curso, encargo que só poderia tomar a si no anno seguinte, e o director da secção de impressos, por occupar o cargo interinamente, declarou que não fizera os estudos necessarios para assumir as responsabilidades da aula de bibliographia.

Taes obstaculos porem poderiam ter sido vencidos, dando-se substitutos aos dous professores, si não tivesse ficado de nenhum effeito a inscrição a requerimento dos interessados.

Officinas Graphicas e de Encadernação

Alem dos impressos necessarios ao serviço da Bibliotheca, as officinas prepararam grande parte dos volumes XXXI e XXXII dos "Annaes" e da tiragem em separado dos volumes 1.^o e 2.^o do Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar.

Para dar maior impulso a impressão foi adquirida e installada uma machina typographica "Optima", da fabrica "Augusta" de Turim, typo C. R. IV, capaz de admittir o papel do formato AA.

Precisam agora as officinas graphicas de uma segunda machina de compor.

Fez-se tambem aquisição de um apparelho photographico "Madox", para o formato 18×24, acompanhado de uma objectiva Dagor, de Goerz.

A officina de encadernação alem dos trabalhos complementares reclamados pelas officinas graphicas, encadernou 2.683 volumes, dos quaes 174 foram restaurados, e entelou 122 cartas geographicas.

Conferencias

Realisou-se a 12 de Setembro a abertura das conferencias, á qual vos dignastes de comparecer, tendo-a tambem honrado com a sua presença o Exmo. Sr. Presidente da Republica.

Coube-me occupar a tribuna e fazer uma exposição acerca “da remodelação por que passou a Bibliotheca e vantagens d’ahi resultantes”.

Seguiram-se, de accordo com o programma estabelecido para a primeira serie, as conferencias do Prof. José Verissimo sobre “a nossa evolução litteraria”; do Dr. Roberto Gomes sobre “arte e gosto artistico no Brasil”, do Dr. Juliano Moreira sobre “o progresso das sciencias no Brasil”, do Dr. João Pandiá Calogeras sobre “o Brasil e o seu desenvolvimento economico”, do Conde de Affonso Celso sobre “o meio social brasileiro” e do Dr. Helio Lobo sobre “o Brasil no concerto das nações”, conferencias que se realisaram a 26 de Setembro, 10 e 24 de Outubro, 7 e 21 de Novembro e 12 de Dezembro.

Taes foram as seis conferencias que promovidas por esta Directoria se effectuaram em 1912.

O modo pelo qual foi posta em execução no anno preterito a innovação do Regulamento correspondeu aos intuitos que a determinaram e satisfez a espectativa publica.

Ao maestro Abreu de Sousa foi permittido fazer uso da sala de conferencias, tendo dissertado a 19 de Dezembro sobre “a physiologia da voz”.

Fez-se aquisição de um aparelho Gaumont para projecções fixas e animadas, que se fazia necessario á sala de conferencias.

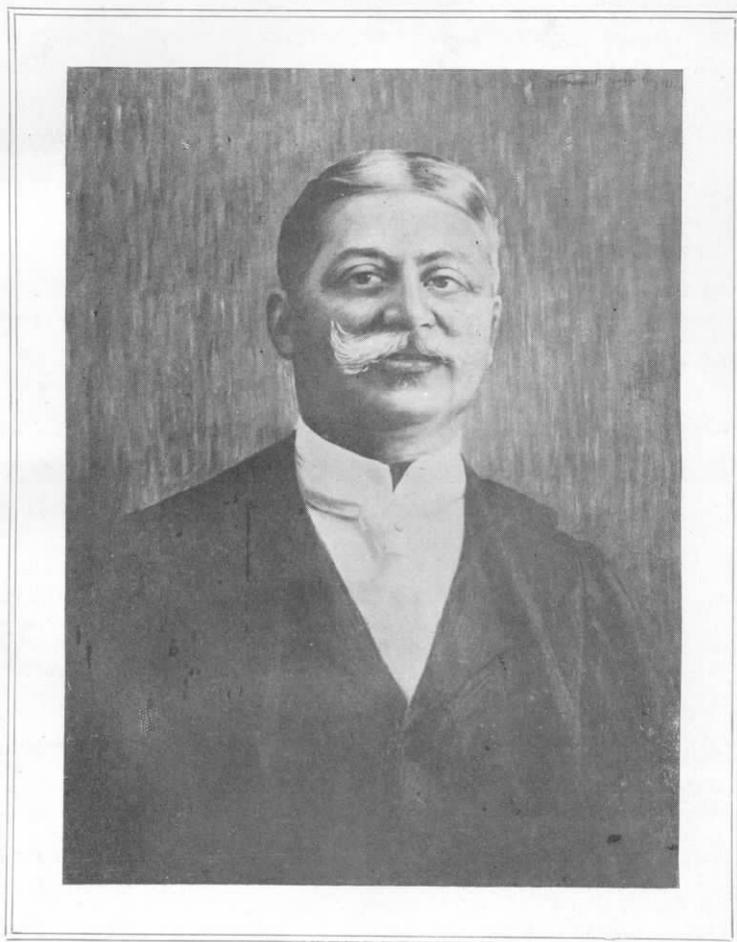
Investigações em Bibliothecas e Archivos

Continuou o Dr. Rodolpho R. Schuller até 30 de Junho no desempenho da commissão que lhe havia sido confiada e a que me referi no relatorio anterior.

Grande numero de copias de documentos interessantes extrahiu e remetteu em 1912.

Tendo designado o sub-bibliothecario João Gomes do Rego, director da secção de moedas e medalhas, para durante seis mezes proceder a estudos concernentes ao objecto da mesma secção no Museu Britannico, de Londres, na Bibliotheca Nacional de Pariz, na de Lisboa, na Bibliotheca Real de Bruxellas e nos gabinetes especiaes de moedas e medalhas e cursos de numismatica que achasse conveniente visitar, de modo a poder prestar informações a respeito da organização e funcionamento dos serviços, systemas de classificação e methodos de ensino, solicitei, de conformidade com o art. 9.º n. 15 do Regulamento, a vossa approvação, que vos dignastes de conceder em Aviso de 14 de Maio. Auctorisei em seguida o referido sub-bibliothecario a desempenhar a sua commissão, tendo elle partido para a Europa a 19 de Maio.

GALERIA DOS BEMFEITORES



Dr. José Augusto Ferreira da Costa

Mais tarde propuz e auctorisastes a prorrogação do prazo até 31 de Dezembro.

XVIII Congresso dos Americanistas

A Bibliotheca adheriu ao Congresso dos Americanistas que se reuniu em Londres em Maio de 1912 e foi representada por um distincto americanista, o Dr. Rodolpho R. Schuller, que então se achava em commissão na Europa.

Thesouraria

Foi recolhida ao Thesouro Nacional com destino ao patrimonio da Bibliotheca a somma de 480\$747, sendo 160\$000 da venda de publicações, 70\$747 de 50 % sobre o sello das certidões de teor e 250\$000 de um donativo do deputado federal Dr. João Pandiá Calogeras.

Para garantia do emprestimo de obras recebeu o thesoureiro a quantia de 435\$000 que correspondeu a 35 depositos e foi restituída.

Ao thesoureiro, para despesas de prompto pagamento, foram feitos tres adiantamentos, dos quaes prestou contas, sendo o 1.º de 17:000\$000; o 2.º de 16:800\$000 e o 3.º de 19:200\$000.

Mobiliário

Novas peças do mobiliário metallico foi necessario mandar vir dos Estados Unidos.

Para as diversas secções e para a secretaria vieram dez armarios fechados, semelhantes aos que já existiam, sendo cinco duplos e cinco simples, fabricados pela "Von Dorn Iron Works Company".

Para a secção de estampas e cartas geographicas vieram, fornecidos pela "Art Metal Construction Company", dous armarios com gavetas e quatro estantes de duas faces.

Galerias de Retratos

Foram inaugurados a 12 de Setembro após a abertura das conferencias os retratos a oleo do Exmo. Sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, e o vosso, que entraram para a galeria dos Presidentes da Republica e Ministros da Justiça, aos quaes a Bibliotheca Nacional deve o edificio em que se acha e a nova organização que se seguiu á inauguração do edificio. Carlos de Servi é o auctor do primeiro retrato e Presciliano Silva o do segundo.

Para a galeria de retratos dos bemfeitores entrou o do Dr. José Augusto Ferreira da Costa, trabalho de Gutman-Bicho.

Herma de Teixeira de Mello

Na solennidade da inauguração na cidade de Campos, a 14 de Abril, da herma do Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, meu antecessor immediato na direcção da Bibliotheca Nacional, fez-se esta representar pelo Sr. Mucio da Paixão, conhecido homem de lettras, prestando assim homenagem á memoria daquelle seu intelligente e esforçado servidor.

Collecção Sousa Lobo

Tendo-se proposto Augusto de Sousa Lobo vender ao Estado suas collecções numismaticas brasileira e portugueza, resolvestes nomear uma commissão que as avaliasse e me auctorisastes a indicar as pessoas que a deveriam compor. Indicados os nomes do Dr. Aurelio Lopes de Sousa, director da 3.^a secção, de João Gomes do Rego, director da 4.^a secção, e do archivista do Archivo Nacional Alexandre Maximiliano Kitzinger, não poude o segundo fazer parte por ter de seguir para a Europa a serviço da Bibliotheca, ficando a commissão composta dos outros dous e de quem vos presta estas informações.

A avaliação baseada, como tem sido, em preços de catalogos é um trabalho moroso, que ainda não poude ser terminado, tendo-lhe dedicado o director da 3.^a secção uma grande parte do seu tempo.

Visitantes

Entre muitos visitantes illustres que honraram a Bibliotheca em 1912 devo notar o Dr. Julio Fernandez, Ministro da Republica Argentina, Paul Adam, Conde de Affonso Celso, Victor E. Sanjinés, Ministro da Bolivia e Adhemar Delcoigne, Ministro da Belgica.

Taes são as informações relativas ao movimento occorrido em 1912.

Saude e fraternidade

Ao Sr. Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

O DIRECTOR GERAL,

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.